COMPÊNDIO

DE

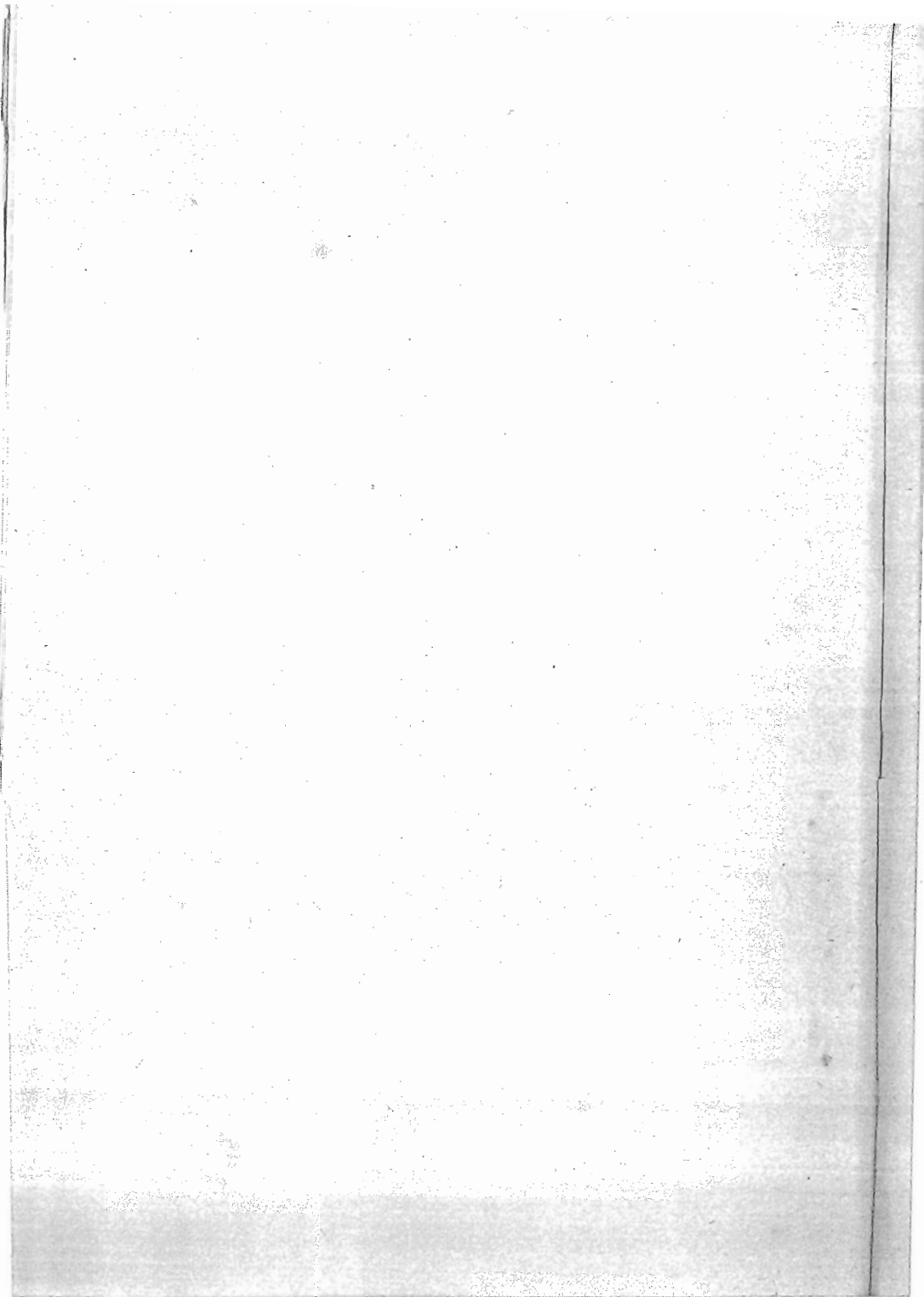
GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA

DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES

COMPÊNDIO
DE
GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA

(FONÉTICA E MORFOLOGIA)

5.ª EDIÇÃO

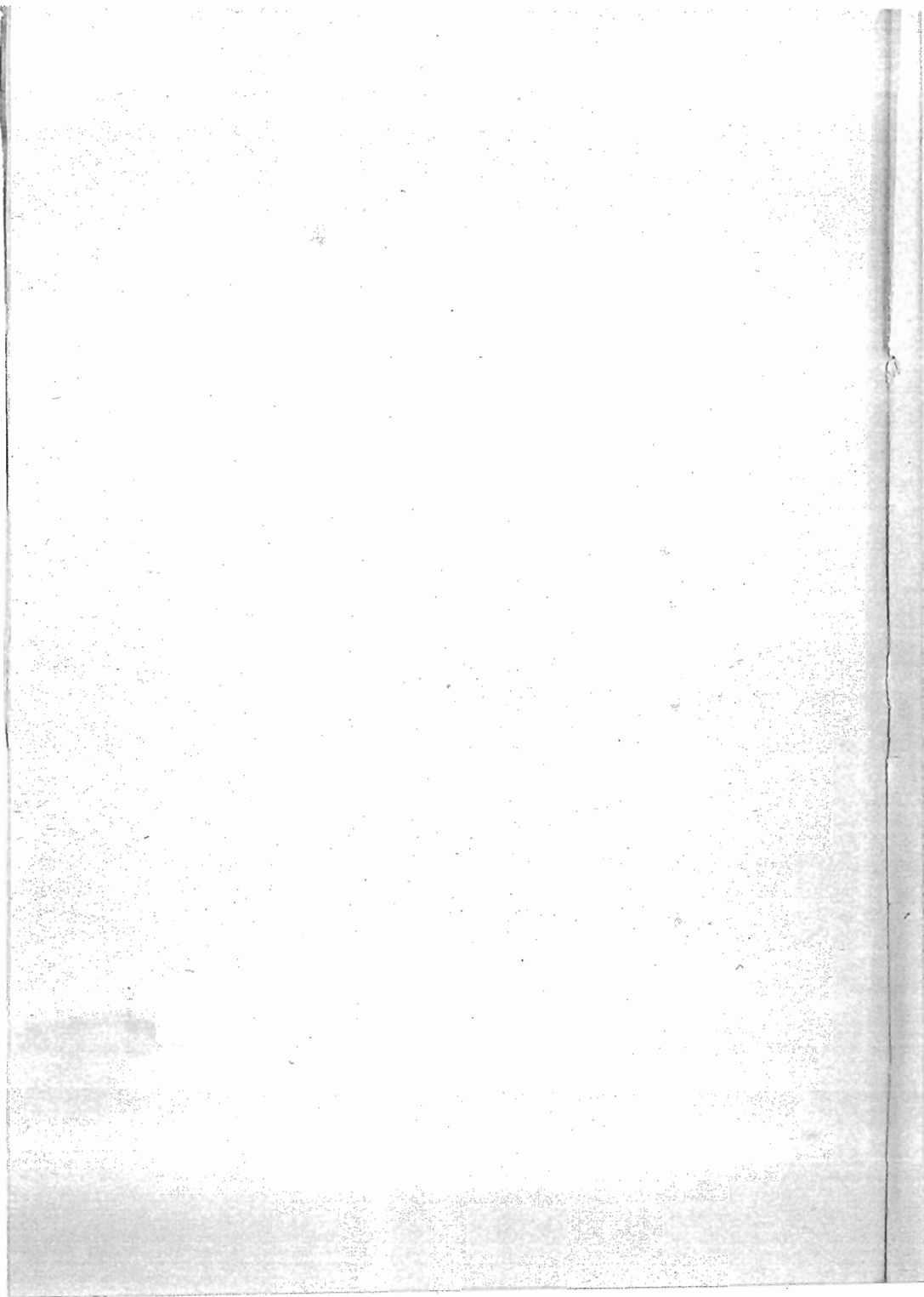
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
A. M. Teixeira & C.ª (Filhos)
17, Praça dos Restauradores, 17-LISBOA

À MEMÓRIA

DO

DR. FRANCISCO ADOLFO COELHO

a quem cabe a glória de ter sido
o primeiro que entre nós aplicou
ao estudo da língua portuguesa
os modernos processos científicos

dedica este trabalho

O AUTOR.

Prólogo da 1.ª edição

Quando em 1906 publiquei, em introdução à minha Crestomatia Arcaica, *um breve resumo de gramática histórica da nossa língua, era minha intenção ampliá-lo e desenvolvê-lo no mais curto espaço de tempo, outras ocupações e especialmente a absorção do ensino oficial fizeram que só agora pudesse levar a cabo o meu plano, ainda assim incompleto, pois que lhe falta a* Sintaxe; *verdade seja que, sabendo que o, há pouco falecido, professor Epifânio Dias preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira ideia, mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requere; ficará portanto para mais tarde, se a vida me não faltar.*

No presente estudo, em harmonia com a ordem adoptada, trato em primeiro lugar dos sons e sua evolução através dos tempos, e, porque o nosso vocabulário, logo no começo da sua constituição, alguma coisa foi buscar ao germânico e árabe, dou em apêndice, uma explicação resumida das transformações sofridas, igualmente pelos nomes dessa proveniência, explicação que, me parece, é agora tentada pela primeira vez com algum desenvolvimento em obras da natureza desta, as quais só se referem em geral aos de origem latina; a seguir, trato dos mesmos sons, quando reunidos para

exprimirem ideias, isto é, das palavras, sua variedade e formação. Naturalmente, quer numa, quer noutra parte, não raro me foi necessário, para exemplificar as sucessivas transformações dos fonemas e vocábulos, recorrer a formas arcaicas, das quais umas evolucionaram, outras desapareceram; tais formas foram por mim colhidas na leitura de bastantes textos antigos, e das suas respectivas fontes dou muitas vezes indicação, não o fazendo sempre pelo receio de alardear erudição e sobretudo aumentar o volume.

Com este meu modesto trabalho, no qual procurei condensar o que de melhor se acha escrito em autores nacionais e estrangeiros, tive a mira em poupar aos estudantes das nossas Faculdades de Letras e a todos quantos se empenham em conhecer a história do nosso idioma investigações e diligências que lhes absorveriam muito tempo e por vezes mesmo, dada a deficiência das nossas bibliotecas, sobretudo as provinciais, se lhes tornariam impossíveis de realizar; se o consegui ou não, di-lo-á a crítica justa e imparcial, em cujas mãos o deponho, de antemão grato a todas as observações sensatas que houver por bem fazer-me.

Dou em seguida a resenha das principais obras teóricas de que me socorri neste estudo e explicação, para os menos versados, dos sinais usados em trabalhos de igual natureza.

J. J. NUNES.

Prólogo da 2.ª edição

Tendo-se esgotado, há já bastante tempo, a 1.ª edição desta obra, a instâncias dos seus editores e de outras pessoas, em especial alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, só agora, porque outros trabalhos me têm prendido a atenção e absorvido o tempo, venho dar a lume a 2.ª.

Para corresponder à benevolência com que o livro foi recebido de nacionais e estrangeiros, introduzi nele alguns melhoramentos e correcções, uns, que a prática e o estudo me aconselharam, outros, que me foram sugeridos pela crítica, em extremo amável, do sábio filólofo francês, Mr. A. Meillet, única de que tenho conhecimento.

Contràriamente aos meus desejos, pelas razões expostas, ainda desta vez me não ocupo da Sintaxe, *como prometera, não desisto, porém, da minha primeira intenção, que procurarei pôr em prática, se Deus me der vida e saúde.*

Assim corrigida e aumentada, ouso esperar que a presente edição continuará a merecer da parte de quantos se interessam pelo estudo da nossa língua o mesmo apreço com que distinguiram a que a precedeu.

Lisboa, Campolide, Agosto de 1930.

J. J. Nunes.

Prólogo da 3.ª edição

Por se ter esgotado a 2.ª edição desta obra resolveram os editores fazer nova publicação.

Num exemplar da anterior edição fez o autor correcções que são introduzidas na presente publicação, como era seu intento.

Assim corrigida é de esperar que a nova edição continue a merecer do público o mesmo apreço dado à que a precedeu.

Lisboa, Outubro de 1945.

Os Editores.

Lista das principais obras consultadas

ADOLFO COELHO, *Teoria da Conjugação em latim e português*, Lisboa, 1870; *Questões da língua portuguesa*, Porto, 1874; *A Língua Portuguesa*, Porto (sem data).

LEITE DE VASCONCELOS, *Estudos de Filologia Mirandesa*, Lisboa, 1900 e 1901; *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, 1911.

JÚLIO MOREIRA, *Estudos de língua portuguesa*, Lisboa, 1907 e 1913.

EPIFÂNIO DIAS, *Gramática Portuguesa elementar*, Lisboa, 1884.

A. A. CORTESÃO, *Nova gramática portuguesa*, Coimbra, 1907.

Revista Lusitana, os volumes publicados.

J. CORNU, *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Strassburgo, 1906.

ARSÈNE DARMESTETER, *Cours de grammaire historique de la langue française*, Paris, 1891-1897.

R. MENENDEZ PIDAL, *Manual Elemental de Gramática histórica española*, Madrid, 1905.

V. GARCIA DE DIEGO, *Elementos de gramática histórica gallega*, Burgos (sem data); *Elementos de gramática histórica castellaña*, Burgos, 1914.

O. SCHULTZ-GORA, *Altprovenzalisches Elementarbuch*, Heidelberg, 1906.

W. MEYER-LUBCKE, *Grammaire des langues romanes*, trad. par E. Rabiet et A. Doutrepont, Paris, 1890-1900; *Introduccion à la Linguistica Romànica*, versão de Américo Castro, Madrid, 1927.

E. BOURCIEZ, *Eléments de Linguistique Romane*, Paris, 1910.

G. H. GRANDGENT, *Introduccion al Latin vulgar*, tradução de F. de B. Moll, Madrid, 1928.

M. NIEDERMANN, *Phonétique Historique du Latin*, Paris, 1906.

A. ERNOUT, *Morphologie Historique du Latin*, Paris, 1914.

A. MEILLET e J. VENDRYES, *Traité de Grammaire Comparée des langues classiques*, Paris, 1924.

A. MEILLET, *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, Paris, 1928.

Os sinais empregados indicam:

˛ e . sotopostos a uma vogal, que ela se pronuncia respectivamente aberta ou fechada.

' sobreposto a uma consoante, a sua palatização, isto é, passagem da classe de *oclusiva* à de *constritiva*.

* que a palavra a cujo lado se encontra é hipotética, isto é, não existente nos textos, mas deduzida das várias línguas românicas.

- ˘ sobre vogais de palavras latinas que elas são respectivamente *longas* e *breves*.

Índice das matérias

Secção II. — *A flexão no nome.*

CAPÍTULO II.

Pronomes.

CAPÍTULO III.

Verbo.

Secção I. — *Presente.*

I

FONÉTICA

OU

ESTUDO DOS SONS

Introdução

Origem e evolução do português; elementos de que se compõe

1. *O latim entre as línguas indo-europeias.* — É hoje ponto definitivamente assente e incontroverso, que a língua portuguesa não passa de transformação, lenta e sucessiva, realizada através dos séculos, de uma que tomara o seu nome da região onde se desenvolvera, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história e cujo assento ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar. Deste povo, conhecido pelo nome de *ária* ou *ariano* (1), saíram diferentes tribos, as quais, disseminando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram consigo, a par das crenças e civilização da mãe comum, a língua que tinham aprendido no berço. Foi esta, a que se convencionou dar o nome de *indo-europeu* e cujo aparecimento se perde na noite dos tempos, que, continuando talvez as modificações já operadas no primeiro território, deu origem às várias línguas donde provêm quase todas as actualmente em uso na Europa e muitas na Ásia (2).

---

(1) Em rigor esta denominação só pertence aos povos que falaram o *indo-irânico*.

(2) O indo-europeu fraccionou-se nos seguintes dialectos: *germânico*, *itálico* (*latim* e *osco-úmbrico*), *báltico*, *eslavo*, *celta*, *albanês*, *grego*, *indo-irânico* e *arménio*, afora o *tocariano*, recentemente descoberto na Ásia central. Dos sete primeiros, tornados línguas independentes, provêm todas as línguas

Entre aquelas uma sobressai pela sua sorte e destino verdadeiramente notáveis — a latina. Falada a princípio por um povo diminuto e de costumes bárbaros, teve ela o raro condão de, transpondo o pequeno território onde era usada, suplantar as línguas não só da Itália, mas também de grande parte do Sul e Centro da Europa e ainda do Norte da África, seguindo sempre de vitória em vitória, como o povo que a falava, até se tornar a única dominante numa extensão enorme de terreno.

A sorte próspera que a acompanhou em vida do povo romano não se extinguiu com o desaparecimento do domínio deste, mas, ao contrário, seguindo-a sempre, fez que ela, transpondo os mares, fosse implantar-se ainda nas restantes partes do mundo, sendo hoje a que abrange mais vasto território.

2. *Latim vulgar e literário.* — Nesta língua, de destino tão brilhante, temos de distinguir duas feições principais: a *popular* ou falada e a *literária* ou escrita. Aquela era a usada pela plebe, isto é, pelas pessoas incultas e analfabetas, esta a que nós conhecemos pelos esplêndidos monumentos que constituem a literatura latina. Ainda entre uma e outra deve-se enumerar a que as pessoas instruídas empregavam em família, na conversação entre parentes, amigos e conhecidos, como sucede ainda hoje, que se distingue a fala das pessoas inteiramente desprovidas de cultura das que o não são, as quais usam de vocabulário mais extenso e escolhido e de frase mais limada e correcta, ainda que não tanto cuidada e polida como quando escrevem, especialmente com intenção literária.

A existência das diferentes feições que o latim tomava, quando falado pela gente rude ou pelas pessoas ilustradas entre si, é-nos

---

actualmente faladas na Europa, com excepção do turco, do grupo uralo-finês e do basco. Para mais alguns esclarecimentos veja-se o livrinho de vulgarização *Indo-germanische Sprachwissenschaft* de Meringer (colecção Göschen), para maior desenvolvimento da matéria consulte-se A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes;* aí se encontrará uma extensa bibliografia do que há de melhor publicado acerca do assunto.

atestada pelos escritores, que dão à primeira o nome de *sermo vulgaris* e à segunda o de *consuetudo* ou *sermo cotidianus*; infelizmente nenhum meio nos transmitiu a tradição, quer oral, quer escrita, por onde hoje possamos surpreender a maneira como se diferençavam na pronúncia aquelas duas classes de pessoas; apenas pelos escritos sem pretensões literárias, como são os diplomas ou inscrições, e pelas correcções encontradas nas obras dos gramáticos somos informados de que tal palavra tomava na boca do povo forma diferente da usada pela língua literária. É claro que nos primitivos tempos, quando a sociedade romana era constituída apenas por indivíduos sem cultura intelectual, aquelas divergências não existiam, todos empregavam a mesma fala — é a fase arcaica. Decorreram, porém, os anos e Roma foi estendendo o seu domínio, conquistando povos, tomando cidades e pondo-se ao mesmo tempo em contacto com civilizações mais adiantadas, as quais foram a pouco e pouco modificando o seu carácter, rude e grosseiro. A mesma transformação realizou-se na língua, que foi gradualmente perdendo a antiga rusticidade e adquirindo maneiras cada vez mais corteses, e de dura e áspera tornou-se suave e harmoniosa, mercê das diligências empregadas neste sentido por Lívio Andronico, Pacúvio, Névio e principalmente Enio, a quem cabe justamente o título de criador da língua literária. Os esforços destes poetas, combinados com os dos que se lhes seguiram, fizeram que, pelos meados do século I, antes de Cristo, fosse um diamante facetado, polido e brilhante o que tinha sido um seixo bruto, cheio de arestas e escabrosidades. Aquela língua, revolta e movimentada, como a plebe que a falava, sem dique que obstasse às suas quase diárias transformações (1), viu-se de repente detida na sua evolução; à antiga mobilidade sucedeu tal ou qual fixidez; o que até aí fora instável tornou-se definitivo; o vocabulário enriqueceu-se; a expressão seguiu regras certas; numa palavra, a fala, rústica e imprópria para traduzir o que passasse da esfera animal, a antiga grossaria adquiriu dentro em pouco sonoridade, elegância e nobreza tais que para ela o

---

(1) Tais e tantas tinham sido as alterações por que havia passado a língua latina que já Cícero e Horácio confessavam depois não entenderem a em que tinham sido escritos os antigos documentos.

produzir concepções sublimes, as mais elevadas imagens poéticas, era fácil tarefa.

É claro que a Grécia, que, no dizer de Horácio, de avassalada se tornou avassaladora [1], contribuiu mais que nenhuma outra das nações com que os Romanos se tinham posto em contacto para esta tamanha revolução; a leitura dos seus poetas inspirou naturalmente o desejo da imitação e o conhecimento, cada vez mais difundido, do grego, foi um auxiliar valioso para o aperfeiçoamento da língua; de tal maneira aquele influiu nesta, que por fim o seu léxico, a sua versificação e sintaxe eram em grande parte gregos.

Mas, enquanto assim se aperfeiçoava a antiga língua, que, comparada com a moderna, poderia parecer diferente desta, o povo continuava a usar a fala arcaica, alterando-a de contínuo, embora não tão radicalmente agora como dantes, em vista do seu contacto com *sermo cotidianus,* que, sendo empregado pelas mesmas pessoas que se serviam da língua literária, lhe impunha tal ou qual barreira. Extinto, porém, o *sermo cotidianus,* a quando da irrupção dos bárbaros, com o desaparecimento da classe que o falava e com ela da cultura intelectual, aquela barreira desapareceu e as tendências modificadoras, até aí mais ou menos represadas por aquele no *sermo vulgaris,* agora completamente livres e desembaraçadas, ostentaram-se em toda a sua pujança, e, como os que falavam a nova língua eram quase todos os que faziam parte do vasto império, foi ela que por fim triunfou.

Era natural que as modificações que, desde longa data, se vinham operando no latim vulgar tivessem por objecto especialmente a fonética, porquanto são os sons que na língua mais sujeitos estão a ser alterados. Muitas dessas modificações tinham-se dado já, quando os primeiros poetas trataram de criar a língua literária. Assim haviam permutado com outras e até desaparecido muitas vogais que já de sua natureza soavam fracamente, isto é, em cuja

---

(1) *Graecia capta cepit ferum victorem,* Epist. II, 1,156.

pronúncia a voz se detinha a metade do tempo que noutras, porquanto, sendo o acento a princípio, segundo parece, de intensidade, o esforço maior com que era proferida a sílaba inicial de qualquer vocábulo devia naturalmente fazer que as seguintes fossem pronunciadas com força muito menor, por assim dizer, quase de raspão, de modo que as suas vogais chegavam ao ouvido muito atenuadas, quase inaudíveis, sobretudo quando as precediam fonemas que podiam encostar-se aos que vinham logo atrás deles ou elas próprias impediam a formação de grupos consonânticos (lau(i)tus, cau(i)tus, ul(u)lus, dex(i)ter, inf(e)ra, sup(e)ra, etc.). As reduções a vogais, que tinham sofrido os ditongos *ai*, *ei*, *oi*, *eu*, *ou*, ajuntavam-se ainda as dos *ae* e *oe* em *e* e também de *au* em *o* em muitos casos (cf. coda, lotus, Clodius, etc. ao lado de cauda, lautus, Claudius, etc.); das consoantes, sem falar no *d* final, que caíra em seguida a vogal longa, algumas foram também modificadas; assim o *b* e o *v*, que dantes se distinguiam na pronúncia, vieram a confundir-se; o *s* e o *m* finais tinham tomado um som tão surdo que por fim deixaram de ouvir-se, resultando de aí o desaparecimento do género neutro, pela confusão entre ele e o masculino; o *s* impuro, isto é, inicial de palavra e seguido de consoante, tomou um *e* de apoio; o *m* e o *n*, quando postos antes de labiais do mesmo grau ou de dentais, ou deixaram de ser proferidos ou pelo menos tornaram-se bastante fracos. A flexão verbal sofreu também grandes transformações, porquanto certos tempos desapareceram e em lugar deles surgiram outros; nalguns alterou-se a maneira da sua formação e até muitos verbos mudaram de conjugação. O desaparecimento da distinção entre o masculino e o neutro fez que o plural destes se confundisse com os nomes de tema em *-a*; outros mudaram de declinação; até esta, em consequência do mencionado enfraquecimento do *s* e *m* finais, ficou bastante reduzida no número dos seus casos; as diferenças que existiam nas desinências casuais de certas palavras, como em multus, alius, alter, etc., desapareceram. A tendência para a uniformidade, que é uma das feições mais características do latim vulgar, mostra-se na ampliação que ele fez do sufixo *-ter* aos advérbios derivados de adjectivos de temas em *-a* ou *-o*, ressuscitando assim um processo antigo. A vitalidade dessa nova língua, em contraposição com a rigi-

dez e severidade da oficial, revela-se na preferência que dá aos sufixos -monia, -monium, -mentum, -ela, na criação de muitos adjectivos em -ilis, -bilis, -aster, -idus e na derivação de verbos, tirados de adjectivos em -ficus (pacificare, mortificare) e -idus (frigidare, candidare). Tendo sempre em vista a clareza, a língua vulgar evita os modos de dizer complicados que possam tornar obscuro o pensamento. Por isso, enquanto a língua literária se serve muitas vezes de orações infinitivas, principalmente com os verbos que significam *sentir* e *declarar*, a popular prefere, como mais clara, a conjuncional (integrante); pelo mesmo motivo faz pessoais certos verbos impessoais, como *poenitet* e outros. Continuando um velho processo, omite o substantivo, quando este fàcilmente se subentende, dizendo *sinistra, tertiana, persicum*, etc., em vez de manus sinistra, febris tertiana, malum persicum, etc. Na adopção de palavras estrangeiras, que o contacto com outros povos o força a admitir, o latim popular adapta-as à sua fonética, sem se preocupar com as formas que de aí resultarão e, como ainda hoje faz o povo, se conhece alguns sons que com esses se pareçam, trata de os assimilar pelo processo conhecido pelo nome de *etimologia popular*. Foi assim que na boca do povo, por exemplo, o nome antigo da Escócia, Celeddon, isto é, país coberto de espessas florestas, se transformou em Calédónia, como quem dissesse *terra cálida*. Sentindo especial predilecção pelas palavras cheias e sonoras, alonga por meio de sufixos os antigos termos, dizendo, por exemplo, *calcaneare, *ilicinus, *coratio, sperantia, *talparia, articulus em vez de calcaneum, ilex, cor, spes, talpa, artus; chega a lançar mão de modos de dizer perifrásticos, como matutino tempore, hac hora em lugar de mane e nunc. Pela mesma razão, aos verbos simples prefere os compostos, com frequência tal que se chega a perder a ideia acessória que distingue estes daqueles, como sucede especialmente com os incoativos e frequentativos; o sufixo adverbial *-ter* é substituído pelo substantivo *mente*; chega até a adicionar a adjectivos já no grau comparativo o sufixo que lhe é próprio, embora a sua tendência mais pronunciada neste ponto seja a formação perifrástica; nem

mesmo hesita em justapor duas ou mais preposições. Na sintaxe amplia cada vez mais o emprego da preposição a substituir os casos, substituição que por fim a confusão e de aí a perda das desinências casuais tornam cada vez mais necessária. O emprego das metáforas, de uso tão frequente na boca do povo, toma maior incremento, dando à linguagem uma feição mais viva e original [1].

Tal era a língua falada pela plebe romana. E, como os comerciantes, soldados e todos quantos Roma enviava a colonizar o seu cada vez mais vasto império, na sua grande maioria, saíam das camadas populares, foi também essa a língua que se impôs aos povos vencidos, não de uma maneira brutal e despótica, mas suave e lentamente. Com efeito, Roma por meio duma política extremamente hábil atraía a si os povos conquistados, já deixando-lhes as suas franquias, já, com a organização dos municípios, dando-lhes ainda liberdade maior do que antes gozavam, e por fim, igualando-os em direitos e regalias a todos os cidadãos romanos, cumulava-os de honras e dignidades. Demais as línguas que esses povos falavam — na sua maioria variedades do celta — estavam aparentadas com o latim e deste modo mais fácil se tornava a sua implantação. As modificações, porém, que, como vimos, se tinham operado no sermo vulgaris não cessavam de progredir; embora menores desde que ele se achara em contacto com o sermo cotidianus, lá iam contudo prosseguindo a pouco e pouco a sua marcha demolidora. Era natural que essa marcha fosse mais acelerada fora da metrópole, onde o convívio com romanos cultos devia ser muitíssimo menor; quase que exclusivamente entregue a si, a fala popular continuava a alterar-se de dia para dia. Acrescente-se a isto o contacto diário com pessoas que, tendo embora abraçado a língua dos vencedores, conservavam fatalmente a antiga pronúncia, dando aos novos

---

[1] Sobre este assunto cf. o excelente livrinho de O. Weise *Carakteristik der lateinischen Sprache* (também traduzido em francês por Antoine, sob o título *Les Caractères de la Langue Latine*, Paris, 1896 Klincksieck) de que principalmente me servi.

sons a mesma entonação com que costumavam proferir os seus, e ainda a influência do meio e outras causas e chegar-se-á a compreender como foi que uma língua que, não divergindo a princípio na sua essência desde o Mar Negro ao Atlântico e do Reno ao Atlas, se achava, pelos séculos VII ou VIII, fraccionada em tantas, já a esse tempo perfeitamente distintas, quantos eram os Estados então constituídos. Mas, a par dessas línguas, como as divergências se davam quase de cidade para cidade, eram em grande número os seus dialectos. Numas partes, um vocábulo alcançara maior voga do que noutras; aqui era uma expressão que caía para dar lugar a outra, formada pelo processo de derivação; enquanto além se usava um modo de dizer desconhecido noutras regiões, mais para lá, porque as transformações fonéticas tornavam uns vocábulos semelhantes a outros e isso era motivo de obscuridade, recorria-se à sinonímia, indo ressuscitar outros já mortos ou com os seus elementos fazendo novas criações. Eis, pois, o que deu a cada língua a sua feição especial, tornando-as completamente diferentes umas das outras, e como da língua única, falada no vasto império romano, ou do romanço saíram as latinas, que são a principiar no Oriente e a vir terminar no Ocidente, para só enumerar as mais importantes dentre elas: o *romeno* ou *valáquio*, de que se servem os povos que habitam a bacia inferior do Danúbio, o *italiano*, em uso na península do mesmo nome, o *ladino*, que se ouve na Suíça oriental (cantão dos Grisões), o *provençal* e *francês*, falados pelos habitantes da antiga Gália, e finalmente o *português* e *espanhol*, em que se exprimem os povos que demoram na península ibérica.

3. *Baixo latim e latim bárbaro.* — Com o desaparecimento da nobreza romana pela irrupção dos bárbaros e, como consequência, das escolas e cultura intelectual, recebeu o latim literário um golpe, que podemos chamar mortal; quase agonizante, acolheu-se aos mosteiros onde foi recebido e tratado com carinho. Embora não com a perfeição de um Cícero, continuou a ser escrito; os preceitos da sua gramática não deixaram de observar-se; ao que não se podia eximir, era a sofrer a influência das ideias novas para as quais precisava de criar termos, que necessàriamente ia pedir às línguas faladas. Mas, ao lado deste

latim, que se dá o nome de *baixo* e que, em toda a Idade Média e ainda depois foi a língua oficial da ciência, empregavam os tabeliães, nos documentos que redigiam, outro inteiramente diferente, que desconhecia quase por completo as regras gramaticais, não passando de fórmulas latinas estropiadas, de mistura com vocábulos que eles iam procurar às línguas de que se serviam nas suas relações quotidianas, empregando-os quer na sua forma viva, quer dando-lhes aspecto latino. É este *latim bárbaro*, de que os cartórios nos ministram bastante testemunho nos contratos, testamentos, doações e outros documentos, de grande importância pelo conhecimento que nos subministra da existência da língua vulgar, como adiante se verá.

4. *O português entre as línguas românicas.* — Como sucedeu à mor parte dos povos conquistados pelos Romanos, também os Hispanos trocaram as suas antigas línguas pela dos conquistadores, com os quais se acharam em contacto logo nos começos da segunda guerra púnica, isto é, no terceiro século antes de Cristo. Roma, a quem Aníbal declarara guerra, tomando Sagunto contra as convenções assentes entre ela e Cartago, apressou-se a enviar tropas à península, as quais, ora vencidas, ora vencedoras, conseguiram por fim expulsar dela os Cartagineses e implantar aí o seu domínio. Superiores em civilização aos Hispanos, não tardaram os Romanos em atraí-los a si, fazendo-lhes abraçar os seus usos e costumes e por último a sua língua, por forma tal que, passado tempo, a romanização da Hispânia era tão completa que até a língua literária encontrava em muitos dos seus filhos excelentes cultores. As inúmeras inscrições achadas em toda a península, a enorme abundância de restos de antigas construções romanas, das quais muitas rivalizam em luxo com as descobertas na Itália, são prova irrefragável desta completa romanização, que aliás nos é atestada por Estrabão, geógrafo grego que viveu no primeiro século da era cristã, o qual, falando dos Turdetanos e outros povos das margens do Bétis (Guadalquivir), diz que eles adoptaram de todo os costumes romanos, chegando até a esquecer a própria língua [1]. É natural que a influência romana se tivesse feito sentir

---

[1] Geografia, III, II, 15.

primeiro nos centros mais povoados; das cidades estender-se-ia depois às aldeias e de aqui iria a pouco e pouco penetrando nos campos e montanhas, que por fim se deixariam também submeter.

a) Segundo o testemunho de autores gregos e romanos e indicações subministradas pelo onomástico, várias línguas se falavam na península, mas delas as mais importantes eram certamente o *basco*, que a alguns se afigura como a língua dos mais antigos habitadores, e o *celta*, nalguns dos seus numerosos dialectos, línguas estas sem laço algum de parentesco que as prenda.

b) Foi certamente devido à afinidade que dissemos existir entre o latim e o celta que os homens que o falavam não tiveram dificuldade de maior em adoptar a língua dos conquistadores; já não sucedeu o mesmo ao basco, que continuou a resistir e ainda domina em parte, embora diminuta, da Espanha e França. Quanto ao latim, trazido para a Hispânia pelos Romanos, nenhuma diferença essencial existia entre ele e o falado nas demais regiões, quando muito apresentava leves alterações na sua fonética, como parece deduzir-se da comparação de algumas formas acusadas hoje pelas duas principais línguas da península — o castelhano e o português — com as que lhe correspondem noutros idiomas e no latim clássico, e possuía certos vocábulos, desconhecidos dos outros povos, sujeitos à dominação romana, o que aliás mais ou menos acontecia nos restantes países. Alguns destes vocábulos, que poderemos classificar de dialectais, encontramo-los já nos escritores clássicos, que os citam como peculiares à Hispânia, outros são-nos subministrados por inscrições dos séculos quinto e sexto, encontradas em território situado quer dentro dos limites da Lusitânia, quer fora; outros ainda coligiu Santo Isidoro, bispo da Sevilha, que viveu pouco depois, nas suas Origines (Etymologiae), grande enciclopédia na qual reuniu diferentes notícias a respeito de coisas divinas e humanas, ciências exactas, etc.; são, entre outros, por exemplo: aera, astrosus, barca, bostar, caballus, cama, capanna, lancea, lausiae, lorandrum, mantum, paramus, sarna, serralia, os quais, com leve alteração, viveram e ainda vivem nos dois citados idiomas. Destes vocábulos e doutros que não perduraram a maioria era comum a toda ou

quase toda a Romênia, segundo se deduz da sua representação na mor parte das línguas de origem latina, mas alguns há também que se devem ter por exclusivamente hispano-lusitanos, visto que só na península subsistem; decerto existiam já, como restos talvez dos seus mais antigos habitantes, quando ela foi submetida pelos Romanos, que os adoptaram, conforme tinham procedido com muitos de outras regiões.

c) Mas, se a língua, trazida pelos vencedores e por estes feita hàbilmente adoptar pelos vencidos, sem imposições, nem constrangimentos, era na sua essência a mesma que se falava no vasto território por eles conquistado, na fonética sobretudo divergia de região para região, até mesmo de cidade para cidade; de aí os numerosos dialectos em que o hispano-romano se cindiu. Destes tem para nós particular interesse um que se usava nas margens do rio Minho e ao qual podemos dar o nome de *galécio-português*, pois foi dele que, mercê das diferenças que mais tarde vieram alterar a sua homogeneidade, primitivamente quase completa, se originaram depois as duas línguas faladas em toda a faixa ocidental da península — o galego e o português. No resto dessa faixa devia ter-se desenvolvido outro dialecto, provàvelmente muito semelhante àquele, dada a sua proveniência comum — o latim vulgar — e a pequena distância a que ambos se achavam um do outro, mas no qual, é de crer, existiriam diferenças de que não podemos fazer juízo, à falta de testemunhos certos e positivos. O convívio com os árabes, que nalguns, os mozárabes ou moçárabes, era tão íntimo que chegavam a adoptar os costumes daqueles, deve naturalmente ter exercido alguma influência na sua linguagem, mas que grau essa influência atingiu é impossível hoje calcular; quando muito podemos suspeitá-la através dos nomes subministrados pela toponímia e alguns termos que se nos deparam em certas falas das províncias da Estremadura, Alentejo e Algarve. Mais tarde, pela reconquista do Sul, feita por homens do Norte, o romanço que estes falavam, que era o galego-português, absorveu ou identificou-se com o ali em uso, resultando dessa fusão para todo o território, conhecido pelo nome de Portugal, no reinado de Afonso III, uma *língua única*, na qual não obstante continuariam a existir as pequenas divergências que ainda hoje se observam e dão ori-

gem aos vários dialectos em que actualmente se divide a língua portuguesa [1].

É impossível fixar a data do aparecimento do idioma de que hoje nos servimos e tem sido instrumento de uma brilhante literatura; tão-pouco se pode determinar a época precisa em que os sons do latim popular se transformaram nos portugueses que lhes correspondem; essa transformação não surgiu de repente, mas foi-se operando lentamente; como qualquer ser vivo que, antes de atingir a forma que o distingue dos outros, passa por fases diversas, que lhe vão alterando as feições, as línguas, antes de se fixarem, sofrem sucessivas e constantes modificações. Assim, por exemplo, entre os vocábulos latinos factu- e falce- e os actuais *feito* e *fouce* devem admitir-se os intermédios **faito* e **fauce*. Igualmente *pessoa*, v. g. não surgiu de um jacto de persona-; esta palavra na boca da plebe romana soava **pessona-*, daqui, pela ressonância especial comunicada à vogal pela nasal seguinte, passou a *pessõa* e desta forma à actual, donde três estádios para o mesmo vocábulo, sem que se possa determinar quando um desapareceu, para dar lugar ao outro. Mas que a nossa língua já existia no século IX, provam-no os documentos que dessa data afastada nos restam. Escritos embora em latim bárbaro e com muitas fórmulas comuns a outras nações, como não podia deixar de suceder, tratando-se de usos idênticos, aparecem neles já, além de vocábulos que o notário evidentemente latinizou, como dublador, pumara, etc., muitos com feição e cunho portugueses. Só do século XII em diante é que começam a aparecer documentos escritos por completo ou quase por completo em português, sem que todavia se pusesse totalmente de parte o latim bár-

---

[1] Porque uns existem no continente e outros vivem nas ilhas e possessões portuguesas, classificam-se estes dialectos em *continentais*, *insulares* e *ultramarinos*: pertencem aos primeiros os seguintes: *interamnense*, *transmontano*, *beirão* e *meridional*, nos quais se compreendem, como os seus nomes indicam, os falares do Minho e Douro, Trás-os-Montes, Beiras e mais províncias de Portugal; fazem parte dos segundos estes: *açoriano* e *madeirense*; e entram no número dos terceiros os que estão em uso no Brasil, Índia Portuguesa, Ceilão, Macau, etc. Para mais esclarecimentos, veja-se Leite de Vasconcelos, *Dialectologie Portugaise*, págs. 28 a 31 e 155 a 202.

baro, que ainda persistiu por muito tempo. Quase pela mesma época, a poesia sobretudo apodera-se da língua falada pelo povo e eleva-a à dignidade de literária. Como já sucedera em Roma com o latim, segundo vimos atrás, o português desde então cinde-se e toma duas feições, que cada vez se vão afastando mais, a *popular* e a *literária* ou *culta*, as quais têm chegado até nós. Fixando-o pela escrita, a literatura veio não só em parte pôr um dique às transformações fonéticas, que necessàriamente continuariam a operar-se com a mesma força que antes, mas sobretudo dar-lhe carácter mais alatinado, porquanto, além de proscrever muitos vocábulos de antiga formação popular, que substituiu por outros de formação nova e inteiramente artificial, introduziu também bastantes cultos. Aqui, como lá fora, a leitura dos livros latinos, especialmente os de carácter religioso, nunca cessou; dessa leitura havia de forçosamente ressentir-se a língua. Com efeito, precisando de traduzir para vulgar ou *romance* (1), como então se dizia, algumas dessas obras, os respectivos tradutores, ou porque a fala popular lhes não oferecia equivalente ao termo latino, ou por prurido de erudição, trasladavam-no para português, dando-lhe feição nacional, que todavia não passava de artificial. E que essas traduções estavam muito em voga na Idade Média, dá-nos disso testemunho el-rei D. Duarte, que no seu *Leal Conselheiro* chega a formular as regras para bem traduzir. É a estes vocábulos, que as versões do latim por meio da leitura introduziram na língua principalmente nos séculos XIV e XV, que se dá o nome de *cultos*. A par destes outros há os *semi-cultos*, que, postos a correr pelos literatos em época mais antiga, foram recebidos pelo povo lhes fez sofrer modificações que os aproximam dos que constituem a base da língua, os *populares*, que são aqueles que, recebidos directamente dos roma-

(1) Em sentido idêntico usava-se também *romanço;* parece-me, porém, que esta forma precedeu a indicada acima, a ajuizar da sua ocorrência na conclusão de uma *Regra de S. Bento*, inserta no códice alcobacense n.º 73 (antigo 326), fols. 78 R e escrita no século XV, enquanto numa cópia da mesma, mas feita sem dúvida no século imediato (Códice 223, antigo 331, fols. 47 V) lê-se *romance:* sobre este vocábulo cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 14, nota 2.

nos, foram evolucionando espontânea e gradualmente. Assim, comparando, por exemplo, *noite, pessoa, chaga, peanha*, etc., com *nocturno, personificar, praga, pedestal*, etc., reconhecemos logo à primeira vista que foi diferente a maneira do seu tratamento e que na sua evolução seguiram caminho diverso, donde lhes resultou a diferença que neles se nota, por vezes tal que nem sempre é visível logo à primeira inspecção o laço que os prende, como sucede, v. g. a *quelha* e *tanchar*, que aparentemente não mostram relação alguma com *canal* e *plantar*. A semelhança com os populares que muitos dos semi-cultos apresentam no seu tratamento provém de haverem sido transformados pela mesma entidade, o povo, mas em épocas diversas em que portanto os hábitos e processos fonéticos nem sempre eram idênticos, aliás não se teriam dado neles as diferenças que acusam, por exemplo, *artelho, malha, velho*, comparados com *artigo, mágoa, cabido*. Em razão da sua proveniência vária, povo ou literatos, é que muitos vocábulos apresentam duas, alguns mesmo três formas diferentes, dando assim origem aos chamados *divergentes* ou *alótropos* (1). Estão neste caso *vezo, viço*, e *vício, relha, regra* e *régua*, além de outros muitos, os quais correspondem a uma única forma latina, que para os citados é *vitiu-* e *regula*.

d) Os fenómenos que resumidamente acabamos de mencionar dão à língua duas fases que, embora se não distingam essencialmente uma da outra, apresentam contudo caracteres suficientes para se estabelecer separação entre elas; são: a *arcaica*, que se estende do século XII aos meados do século XVI, e a *moderna* que, principiando então, continua nos nossos dias. Mas, porque a língua, antes de ser fixada pela escrita, já existia, segundo vimos, poderemos admitir outras duas fases anteriores àquelas, a saber: a *pré-histórica*, que abrange todo o período da formação da língua no qual esta se nos não revela,

---

(1) De ἄλλς, diferente e τρόπος, direcção, maneira, etc.; a estes chamam os franceses em geral *doublets* e os alemães *scheideformen*; opõem-se-lhe os *convergentes*, que são os que sob uma única forma abrangem dois ou mais vocábulos, tais são: *fiar* de * *fidare* e *filare*, *dom* de *donum* e *dominum*, etc.: de ambos tratei com algum desenvolvimento no *Boletim da Segunda Classe*, vol. X, da Academia de Ciências de Lisboa.

e a *proto-histórica*, que vai desde o século IX até ao XII, espaço de tempo este no qual só a conhecemos pelos escritos em latim bárbaro [1].

5. *Outros elementos componentes do português.* — Se consultarmos um dicionário da língua e percorrermos um a um os vocábulos, que o compõem, reconheceremos que, embora os de proveniência latina, quer de introdução popular, quer de culta, ou herdados por simples evolução ou formados posteriormente pelos processos da composição e derivação, sejam em número muito maior e constituam, por assim dizer, o núcleo da nossa linguagem, como que a sua substância, outros há de proveniências estranhas, que as relações com outros povos nos forçaram a admitir, dando-lhes foros de domésticos, desde os tempos mais remotos. A par dos vocábulos latinos, que o estudo desta língua nunca de todo posto de parte, e a influência dos eclesiásticos, que eram os que com ele mais familiarizados estavam, introduziam na língua por meio da vista, com os livros, para o diminuto número dos que sabiam ler, ou do ouvido, com as prédicas e rezas nos templos, e isto desde a formação do idioma até hoje com maior ou menor pujança, o contacto com povos de procedências diversas, como os germanos e árabes na Idade Média, sem falar de outros que, como franceses, espanhóis, etc., falavam línguas irmãs, e mais tarde, por ocasião, do período áureo da nossa colonização, com indígenas de África, América e Ásia, levou-nos a adoptar muitos dos seus vocábulos. Era natural que todos estes, quando recebidos pelo ouvido, ficassem sujeitos às mesmas transformações porque tinham passado os elementos latinos, quando transmitidos por corrente popular, através um número maior ou menor de gerações, descontando todavia as épocas da sua introdução, e de feito assim aconteceu, porquanto os elementos estranhos que mais cedo entraram a fazer parte da nossa linguagem acusam igual tratamento.

---

[1] Seguimos aqui a divisão proposta por Leite de Vasconcelos (cf. *Lições da Filologia Portuguesa*, págs. 16 e 131-133), por nos parecer inteiramente aceitável, com a condição, porém, de considerarmos, como ele diz, «inteiramente fortuita e transitória a expressão *proto-histórico* e *pré-histórico*».

Mas, como atrás dissemos, é o latim na sua forma vulgar que constitui, por assim dizer, o *substratum* do nosso idioma; foi ele que, passando por contínuas transformações, produziu a fala de que hoje nos servimos, a qual na sua essência é a mesma que há vinte séculos se ouvia na boca da plebe de Roma. São essas transformações que vamos estudar, tomando como ponto de partida os sons latinos e acompanhando-os nas suas evoluções sucessivas, mas lentas, até comunicarem feição e cunho especiais ao que a princípio não passava de um dos muitos dialectos em que, como já havia sucedido ao velho indo-europeu, veio com o decorrer do tempo a fraccionar-se o latim, dando-lhe todas as características de língua independente e bem distinta das restantes de proveniência idêntica, embora lhe deixassem ficar certos traços fisionómicos, reveladores da comunidade de origem.

Fonética ou Estudo dos sons

6. *Divisão da Fonética.*— Temos até aqui falado da origem e evolução do nosso idioma; vimos como ele aumentou o património herdado dos Romanos, enriquecendo-o umas vezes por esforço próprio com elementos novos que tirava dos existentes, outras com o que ia buscar ou lhe traziam línguas aparentadas ou não com a sua; por outras palavras, o que até aqui estudámos foi a história externa do português, vamos agora penetrar no íntimo do seu organismo e analisá-lo em todas as suas partes; como o anatómico que leva o seu estudo até à célula e, partindo daí, pretende desvendar o segredo do seu desenvolvimento, forcejaremos por chegar até o seu âmago, que examinaremos na sua composição, para depois podermos compreender como daí resultou, de evolução em evolução, a forma actual.

Ora é geralmente sabido que são as palavras que no seu conjunto constituem o organismo chamado idioma, que, como qualquer ser vivo, se compõe de partes várias em tamanho e funções. Mas do mesmo modo que na natureza os elementos de um corpo se alteram por transformações sucessivas e inconscientes, também no domínio das línguas os sons de que constam as palavras não permanecem sempre os mesmos; estes, como aqueles, estão sujeitos a modificações que se operam duma maneira fatal e imperiosa, sem que de tal tenhamos consciência, e atingem todos os que se encontram em igualdade de circunstâncias, manifestando-se com precisão matemática tal que de antemão podemos estabelecer as leis que as regulam, sendo as excepções, que por vezes se nos afiguram como tais, apenas aparentes e devidas a uma causa psicológica, a *analogia,* a qual, tendendo a fazer desaparecer tudo quanto se afasta do regular, chega a estabe-

lecer uniformidade em muitos casos onde ela não existia, interpondo-se deste modo à evolução natural. Ora, como os sons articulados, constitutivos dos vocábulos ou fonemas, podem ser estudados sob dois aspectos — o modo como se produzem e as transformações a que estão sujeitos, assim a ciência que deles se ocupa, a *Fonologia,* divide-se em *fisiológica* e *histórica.* Advirta-se, porém, que esta última ocupa-se exclusivamente daqueles vocábulos que nos foram transmitidos pela corrente popular, os únicos que oferecem transformações naturais e portanto espontâneas; os cultos estão fora desse estudo, visto serem insignificantes e sobretudo artificiais as modificações que apresentam.

SECÇÃO I

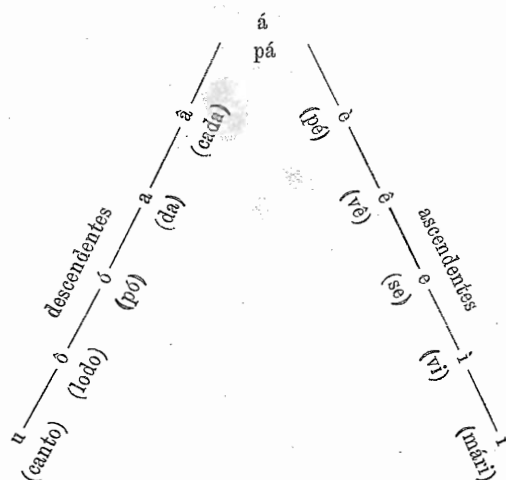
Fonética fisiológica

7. *Produção dos sons; sua divisão.* — Os fonemas ou sons e ruídos que entram na composição dos vocábulos duma língua são o produto da acção de uma série de órgãos a que se dá o nome de *aparelho fonador,* embora não seja essa a sua função exclusiva. Esses órgãos são: a *laringe,* que é uma continuação da traqueia; a *faringe,* que, por seu turno, continua aquela na sua parte superior, e finalmente a *boca* e *fossas nasais,* que constituem as duas saídas para o exterior do tubo de cartilagens (a tiroideia, a aritenoideia, a cricoideia) e músculos, um órgão de importância capital na produção dos fonemas — é a *glote,* que consiste numa estreita abertura em forma de triângulo de vértice anterior, limitada adiante por duas membranas, a que se dá o nome de cordas vocálicas, as quais se estendem de diante para trás e são assim chamadas por contribuírem na principal parte para a emissão dos sons, representando o mesmo papel que as lâminas ou palhetas dos instrumentos de sopro. Na sua saída o ar que vem do pulmão e atravessa a traqueia, ao chegar à laringe, pode encontrar a glote fechada ou aberta; no primeiro caso, o esforço que ele faz para escapar-se determina uma série de abalos que põem

em vibração as cordas vocálicas; no segundo, passa livremente, sem ocasionar abalo algum nem portanto vibrações; os fonemas produzidos chamam-se *sonoros* os primeiros e *surdos* os segundos. Prosseguindo o seu caminho, chega o ar à faringe e aqui ou sai pela cavidade bucal ou pela nasal ou pelas duas simultâneamente, conforme a úvula com o palato mole se levanta para trás, se abaixa ou se coloca numa posição intermédia por meio dos músculos constritores. Na sua passagem pela boca, umas vezes o som formado na laringe sai sem encontrar obstáculo, outras escapa-se, depois de modificado pelos órgãos que se interpõem no seu caminho: os fonemas assim formados denominam-se *vogais* e *consoantes*. Não se imagine, porém, que há diferença essencial entre as duas espécies de fonemas, ao contrário a transição de uns para os outros é fácil, um simples alargamento ou estreitamento do canal bucal basta para que certas consoantes se convertam em vogais e vice-versa.

Mas na produção dos fonemas entram ainda outros factores de grande importância; são, como para outro qualquer som, a *intensidade*, a *altura* ou entonação, a *duração* e o *timbre*. Depende a *intensidade* da amplitude das vibrações das cordas vocálicas, aumentando ou diminuindo com ela; caracteriza a *altura* o maior ou menor número de vibrações durante certa unidade de tempo, isto é, num segundo; chama-se *duração* o tempo mais ou menos longo em que as vibrações se operam; o *timbre* finalmente consiste em certos sons acessórios que acompanham o fundamental e aos quais se dá o epíteto de *harmónicos*.

8. *Vogais*. — Da definição que demos das vogais como sendo fonemas produzidos pela corrente de ar que, expelida do pulmão com mais ou menos força, põe em vibração as cordas vocálicas e chega ao exterior sem encontrar obstáculo no seu caminho, apenas diversamente modificada pelas diversas posições da boca, deduz-se que as vogais são apenas modificações de um fonema fundamental, as quais têm a sua razão de ser no timbre. Ora, como este depende da configuração do canal bucal e esta varia de indivíduo para indivíduo, segue-se que o número das vogais é infinito. Aquele fonema fundamental é o *a*, que pode ser modificado por forma ilimitada; todavia essas modificações nas línguas indo-europeias reduzem-se a duas séries

principais, uma *ascendente*, formada pelo *e* e *i*, outra *descendente*, constituída pelo *o* e *u*. Partindo do som fundamental *a*, que se pronuncia com a boca aberta e a língua estendida na posição de indiferença, chega-se, por modificações graduais e insensíveis, às restantes vogais; na série ascendente a parte interior da língua eleva-se, aproximando-se mais ou menos do palato duro, enquanto na descendente é a parte posterior da mesma que se eleva e aproxima do palato mole, formando-se em ambos os casos um tubo que, constituído pela língua e palato, vai estreitando cada vez mais. Por esta razão dá-se às vogais da primeira série também o nome de *anteriores* e o de *posteriores* às da segunda, e, tendo em vista a distância entre a língua e o palato, são umas baixas ou *abertas*, outras altas ou *fechadas* e ainda reduzidas ou *surdas*. E, porque entre as vogais há uma série de gradações, podendo cada uma delas aproximar-se da que fica atrás ou participar da altura da imediata, estendem-se aquelas cinco vogais a onze, que tantas são as de que consta normalmente a língua portuguesa. Com relação aos órgãos que mais se salientam na produção do som, denominam-se as vogais: *guturais*, *palatais* e *labiais*, o que tudo consta dos seguintes quadros e exemplos:

GUTURAIS	PALATAIS	LABIAIS	Segundo a distância entre a língua e o palato
		u { comer pude	fechada
		o (fruto) ô (foste) ó (pote)	surda fechada aberta
	i { rico cear		fechada
e (ponte)	ê (veja) é (fé)		surda fechada aberta
a (porta) â (madeiro) á (pato)			surda fechada aberta

Cada uma destas onze vogais pode ser proferida numa quantidade de tempo ou inapreciável ou bastante longa, como sucede,

quando falamos ràpidamente ou chamamos por alguém que está longe, demorando na sílaba final, dizendo, por exemplo, *ó Joséééééé,* mas em geral dividem-se as vogais, sob este ponto de vista, em *breves* e *longas*.

Na sua passagem pela faringe a corrente de ar expiratória pode escoar-se toda pela boca ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais; no primeiro caso temos as vogais *orais,* que são as onze mencionadas, no segundo as *nasais,* que são *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ,* e se pronunciam geralmente fechadas (1), como se vê dos seguintes exemplos: *rã, andar, pente, empenho, ingrato, impossível, anda, ombro, unto, umbigo.*

Observação. Na escrita a nasalidade da vogal pode ser indicada quer pelo til, mas só no *a* e *o,* quer pelas consoantes: *m,* se se lhe segue labial ou em fim de vocábulo, e *n* com as demais.

9. *Ditongos.* — Por vezes juntam-se duas vogais de timbre e intensidade diferentes, que se pronunciam numa só emissão de voz, articulando-se o mais depressa possível a menos intensa (2); é o que se chama *ditongo.* À vogal mais intensa ou tónica dá-se o nome de *base,* denominando-se a átona *subjuntiva,* quando posposta àquela (*i* em *ai*) e *prepositiva,* se a antecede (*u* em *uá*); uma e outra só podem ser as mais fechadas da escala, quer das anteriores, quer das posteriores, e portanto ou *i* ou *u.* A vogal tónica é ou oral ou nasal e precede ou segue-se à átona; por esta razão se dividem os ditongos, como as vogais, em *orais* e *nasais* e uns e outros em *decrescentes* e *crescentes.* São orais: a) *decrescentes: ai (pai, dai), éi (réis), êi (reis, deveis), ói (sóis, róis), ôi (bois, sois), ui (azuis, fui); au (pau), éu (réu, céu), êu (meu, deu), ôu (pouco)* e *iu (partiu);* b) *crescentes: iá (piada), ié (quieto), ió (piós), iô (miolo), iu (piúga, miúdo); ua (quarenta), uá (quatro, trovoada), uè (moeda) uê (roer), uê (poejo), ui (pruído).* São nasais: a) *decrescentes: ãi (mãe, capi-*

---

(1) Apenas o *ã* pode ser aberto, quando resulta, da fusão com outro *a,* como neste exemplo: *achei a andorinha.*

(2) Rigorosamente falando, o *ditongo* é um som em cujos timbres se notam diferenças mais sensíveis que na vogal longa, na qual já os mesmos divergem entre si, não obstante soarem aos nossos ouvidos como um som único.

tães), ẽi (vintém, bens), õi (põe, corações), ũi (muito), ãu (pão, digam, fizeram, tam); b) *crescentes: iã (fiandeira), uã (quando)*. Se é de três o número de vogais agrupadas, uma tónica e duas átonas, toma essa combinação o nome de *tritongo*; tais são: *iai (leais), iéi (fiéis), iêi (pieira, fieis), iau (miau), uêi (poeira), iõe (liões)* e *uão (quam)*.

Observação I. Como se vê destes exemplos, na escrita, em vez das subjuntivas *i* ou *u*, usa-se por vezes empregar *e* ou *o* [1]; em *bem, vintém, tam, amam, quam* omitiram-se até as subjuntivas *i* e *u*. Note-se que as vogais orais, quando em hiato, por vezes tornam-se ditongos pela adjunção da semivogal *i*, que, no sul do país, é proferida muito mais atenuada do que nos ditongos orais formados com essa subjuntiva (*ái agua* = *á água*, no Norte e Centro; *éĭ ela,* = *é ela* no Sul). Tanto as vogais como os ditongos nasais persistem ainda, quando seguidos de palavra que comece por vogal sem pausa intermédia, como se ouve em *lã alvadia, bom abril, em andando, venham aqui*, etc.

Observação II. Os ditongos crescentes tendem a reduzir-se a vogais pela absorção da semivogal pela mais intensa.

10. *Consoantes.* — São assim chamados, segundo já se disse, os fonemas produzidos pela corrente expiratória que, fazendo vibrar ou não as cordas vocálicas, é, ao atravessar a boca interceptada no todo ou em parte, circunstância esta que divide as consoantes em duas grandes classes: *oclusivas* e *constritivas*. O ar é interceptado por completo nas primeiras, que também se chamam *mudas* ou *momentâneas* [2], mas só parcialmente, podendo persistir, durante um espaço de tempo mais ou menos longo, nas segundas, as quais

---

(1) A ortografia oficial fez desaparecer, neste e noutros pontos, muitas divergências que não tinham razão de peso para existirem, assim os ditongos orais de subjuntiva *i* ou *u* conservam sempre na escrita estas letras e não *e*, nem *o*, grafando-se portanto *sai, rois, pauis, chapéu, liceu*, etc., e não *sae, roes, paues, chapeo, liceo*, como era uso antes.

(2) A denominação de *mudas* era já conhecida dos gramáticos romanos e vinha-lhes de que não podiam ser proferidas sem o auxílio de uma vogal «quod per se sine adminiculo vocalium non possunt enuntiari» (Diómedes, I, pág. 424, 24 k). O nome de *explosivas*, que também têm, provém da maneira brusca como o ar sai em seguida à sua oclusão.

são por esta razão denominadas também *contínuas*. E, segundo a diversa maneira porque ele se escoa na articulação das constritivas, dividem-se estas em *fricativas*, *vibrantes*, *laterais*, e *nasais*. Nas fricativas ou sibilantes a corrente de ar sai por uma forma interrupta, roçando através das paredes de uma fenda estreita, donde o síbilo que se ouve na sua emissão. As vibrantes tiram o seu nome do movimento vibratório rápido de um órgão elástico, que se desloca em virtude do sopro expiratório, para logo voltar à posição anterior. Nas laterais o ar, interceptado pela língua, que se apoia pela sua extremidade ou pelo dorso num ponto qualquer da linha média do palato desde os dentes até ao véu palatinal, escoa-se pelos dois lados [1]. As nasais são assim chamadas da ressonância especial que lhes comunica a sua passagem pelas fossas nasais, para onde a corrente expiratória se dirige, ao achar interceptada a sua saída pela boca e facultado aquele caminho pelo abaixamento do véu palatal. Note-se ainda que na primeira das duas grandes classes em que se dividem as consoantes a pressão exercida pela língua sobre o palato ou pelos lábios para deterem o ar na sua passagem é intensa nuns fonemas e leve noutros, donde o chamarem-se aqueles *fortes* ou *ténues*, tais são o *c*, *p*, *t*, e *brandos* ou *médios* estes, isto é, na ordem respectivamente correspondente, *g*, *b*, *d* [2].

Outra classificação se pode fazer das consoantes em harmonia com a região da boca onde se origina o obstáculo que comunica a cada uma o seu ruído característico. De aqui a divisão em *labiais*, nas quais o lábio inferior entra em contacto com o superior ou com a extremidade dos dentes superiores, formando as *bilabiais* e as *dentolabiais*; *dentais* ou melhor *linguodentais*, que se proferem, tocando a extremidade da língua nos dentes superiores, e *palatais*, que exigem para a sua produção a acção combinada da língua e palato, por isso também chamadas *linguopalatais*, nas quais a língua toca com a sua parte posterior, média ou anterior diversas regiões do palato, desde a mole, perto do véu palatinal, até à dura, junto

---

(1) Dá-se-lhes também o nome de *líquidas* (em português uma de cada classe).

(2) Cf. Meillet, *opus laudatum*, pág. 61.

dos alvéolos dentários. Mas entre os variados fonemas uns há que constam de um som único, embora mais ou menos variado, e que, devido a essa circunstância, são representados por um só sinal gráfico, outros existem que são o resultado da combinação de dois sons diferentes e como tais carecem de ser figurados por dois sinais também diversos; no primeiro caso as consoantes têm naturalmente o nome de *simples*, cabendo o de *compostas* às que se encontram no segundo. No quadro que apresentamos em seguida ([1]), figuram, subdivididas nas várias espécies acabadas de indicar, as duas classificações com todas as consoantes da língua portuguesa, embora não com toda a variedade de sons que elas comportam.

Modo da articulação		Lugar da articulação	Labiais		Dentais ou linguodentais	Palatais ou linguopalatais		
			Bilabiais	Dentolabiais		Póstero-palatais (Guturais)	Médio-palatais	Ântero-palatais
oclusivas		sonoras	b		d	g		
		surdas	p		t	c (k, q)		
Constritivas	fricativas	sonoras	u	v	s, z		i	g, j
		surdas		f	s, ç			ch, x
	vibrantes	sonoras			r			
	laterais	sonoras			l			lh
	nasais	sonoras	m		n			nh

([1]) Este quadro é extraído do excelente livrinho *Précis de Phonétique historique du latin*, de Max Niedermann, com algumas modificações que me pareceu conveniente fazer para maior clareza.

Se às consoantes indicadas neste quadro ajuntarmos o *h*, que hoje é apenas um sinal gráfico, teremos todas as que figuram no alfabeto português, mas, assim como cada uma das vogais é susceptível de valores diferentes, também consoantes há nas mesmas condições: assim *b*, *g*, *d*, além de oclusivas, são também fricativas, quando intervocálicas *(aba*, *fogo*, *lodo)*; o *l* em fim de sílaba é gutural, como o *n* antes de *c* e *g*: o *r* igualmente em determinadas circunstâncias (inicial, dobrado [1] ou depois de vogal nasal ou *l*, *s*, *z)* é palatal. Isso não obstante, como acontece com as vogais, não representam esses sinais todos os sons que se encontram na língua portuguesa, embora, por vezes, o mesmo som seja representado por mais de um; para alguns há necessidade de recorrer a dois idênticos ou diferentes; para outros nem sinal existe, tendo de criar-se símbolos convencionais, e ainda acontece ser um som duplo indicado por um sinal simples [2].

11. *Sílaba e acento.* — Passando agora da análise dos sons isolados à dos conjuntos, sabemos que estes constituem sílabas, as quais, por sua vez reunidas, dão as palavras, que podem conter uma ou mais, dividindo-se portanto em *monossilábicas* ou *monossílabos* e *polissilábicas* ou *polissílabos*. Entre as sílabas de que se compõem as palavras uma há que na pronúncia a voz fere mais do que as restantes — é a chamada *tónica*, em comparação com a qual as outras são *átonas*; igual denominação se dá às vogais que nelas entram. O *acento tónico*, que assim se denomina aquela maior intensidade com que se profere a sílaba que na palavra tem esse nome, pode recair na última, penúltima ou antepenúltima; dessa circunstância resulta a divisão das palavras em *agudas*, *inteiras* ou *graves*, e *esdrúxulas* ou *dactílicas*; dá-se-lhes também respectivamente os nomes de *oxítonos*, *paroxítonos* e *proparoxítonos*.

Todas as palavras têm acento tónico, algumas há porém que,

---

(1) Entenda-se na escrita, isto é, quando, ao proferi-lo, as vibrações se prolongam.

(2) Para mais desenvolvimento veja-se a *Exposição da pronúncia normal portuguesa* de Gonçalves Viana, onde o autor estuda com a sua reconhecida competência os vários sons da língua portuguesa.

por se pronunciarem encostadas à que as segue ou precede, podem perdê-lo, tais são as *proclíticas* e *enclíticas,* como se vê em *já lhe dei* e *dá-lhe,* frases estas nas quais o *lhe* é proclítico no primeiro caso e enclítico no segundo. A este fenómeno dá-se portanto respectivamente o nome de *ênclise* e *próclise.* Em geral estas duas espécies de palavras costumam escrever-se separadas daquela com que formam corpo, apenas as enclíticas, quando pronomes, se lhe ligam por um pequeno traço, mas também não é totalmente desconhecido entre nós o costume dos espanhóis e italianos, que unem as enclíticas à palavra que as precede, como mostra a actual grafia *pelo* (preposição *per* mais *lo)* e as caídas em desuso, *fazello, amallo,* etc. A subordinação das proclíticas e enclíticas é tal que por vezes chegou a perder-se a consciência da existência das duas palavras, fundindo-se ambas em uma única, como a seu tempo veremos [1].

Conquanto o acento em geral não recue para trás da antepenúltima, palavras há, contudo, que, formando uma só pronúncia com as que se lhes seguem, se pronunciam subordinadas ao seu acento; isso sucede, quando às formas verbais, já esdrúxulas, se ajuntam, como enclíticos, até dois pronomes pessoais na sua forma átona, não podendo exceder a quatro o número das sílabas além da tónica, tais são estas: *disséram-no-lo, recomendávamo-vo-lo;* a estas palavras pode dar-se a denominação de *ultra* ou *bisesdrúxulas.*

Além da sílaba tónica, polissílabos ocorrem nos quais outra é realçada pela voz, muitas vezes com intensidade não inferior à daquela; a esse acento dá-se o nome de *secundário;* observa-se isso, entre outros, nestes vocábulos: *váidáde, sóltêiro, fàcilmênte, cègáda, pátetíce, pègáda, pàzáda,* etc. [2].

---

[1] Veja-se na: *Morfologia a composição de palavras.*

[2] O acento secundário recai especialmente nas sílabas em que há, uma vogal resultante da contracção de duas e ainda naquelas de vocábulos derivados que nos primitivos eram as tónicas; este último caso, porém, não se dá em todo o país, pois, enquanto umas falas dizem, por exemplo, *còpinho, pèrtinho,* etc., outras só acentuam o sufixo.

SECÇÃO II

Fonética histórica

CAPÍTULO I

12. *Acentos, vogais e ditongos no latim. Importância do tónico.* — Mas todos estes sons de que consta a nossa língua, vogais, semivogais e consoantes, donde os recebemos? Do latim nos veio a nossa maior riqueza vocal; com as palavras recebemos as sílabas e as suas componentes, vogais e consoantes. É evidente todavia que esta transmissão, feita através de bastantes gerações, não podia por forma alguma chegar intacta até nós, mas ao contrário tinha de sofrer a acção do tempo; como verdadeiros organismos vivos, também os sons estão sujeitos à sua influência modificadora, gastando-se a pouco e pouco, lutando pela sua existência, luta de que por vezes saem triunfantes, quando não sucumbem. A arma mais forte que os auxiliou nesse batalhar incessante foi o acento tónico; resistindo aos rudes golpes do seu terrível inimigo, o tempo, conseguiu salvar uma grande parte do corpo de que ele era a alma [1], deixando embora no campo de batalha muitos dos seus membros perdidos e desconjuntados. É o que passamos a ver.

13. *O acento tónico; sua persistência em português.* — Havia em toda a palavra latina, formada por duas ou mais sílabas, uma que era proferida com elevação de voz maior do que a restante ou restantes, na qual por consequência se feria uma nota mais alta ou aguda; era a *tónica*, em relação à qual as demais tinham o nome de *átonas*, e o acento era chamado de *altura* ou *tom*, para se distinguir do de *intensidade* ou acento pròpriamente dito, que era um esforço maior empregado na emissão da sílaba inicial de cada

---

[1] *Est accentus velut anima vocis* — diz o gramático latino Diómedes, cf. Keil, *Gram. lat.*, I, 430, 31.

palavra [1], o qual, tendo existido, segundo parece, no latim pré-literário, veio a cair no princípio do período literário, subsistindo apenas o primeiro, que impediu que a vogal sobre que incidia fosse arrastada pela corrente de transformações que alteraram as outras a ponto tal que por vezes as fizeram desaparecer. É o que mostram as palavras *chama, fresta, paz, vide, dona, olho, ombro, senda*, etc., as quais continuam a ser acentuadas nas mesmas sílabas que as latinas correspondentes flamma-, fenestra-, pace-, vite-, domina-, oculo-, umeru-, semita-, etc. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o moderno *você*, actual representante da antiga fórmula de tratamento *vossa mercê*, que por seu lado é a frase latina vostra mercede-, na qual as vogais tónicas eram, como ainda hoje, *o* e *e*.

O lugar deste acento nos polissílabos dependia da quantidade da sílaba (não da vogal) penúltima [2]; se esta era longa como em salūte- e palŭmbu-, o acento recaía sobre ela, mas, se era breve, retrogradava para a antepenúltima, quer esta fosse longa, quer breve, como em lĭmĭte- e dŏmĭna-.

Embora o acento tónico seja conservado pelo português, como por todo o romanço, com uma tenacidade verdadeiramente pasmosa, casos há em que essa fixidez sofreu alteração, que todavia ascende ao próprio latim vulgar. Reduzem-se a três esses casos e têm por origem *causas fonéticas*, *morfológicas* e a *analogia*.

a) *Causas fonéticas.* — 1.º Nas palavras em que um *e* ou um *i* tónico se achava em hiato, quer dizer, seguido de outra vogal, o

---

(1) Assim pensa Niedermann (págs. 12 e 13 da sua obra citada), o qual atribui à intensidade inicial a profunda alteração sofrida pelas vogais internas em proveito da primeira que aquela reforçava, porém Meillet e Vendryes (§ 162 do seu *Traité de Grammaire Comparée des langues classiques)* têm-na como resultante do ritmo da língua, constituído pela alternativa de sílabas longas e breves, e da acção dos fonemas vizinhos, parecem contudo não excluir a intensidade inicial, quando, depois de dizerem que nas variações das vogais internas não influi o lugar do tom, acrescentam (§ 190) que este nada tem de comum com o valor especial da sílaba inicial.

(2) Meillet e Vendryes, § 193 da obra acabada de citar.

latim vulgar, pela tendência natural a acentuar a mais sonora ou aberta de duas vogais contíguas [1], transpunha o acento para a segunda delas, que absorvia a primeira, quando esta não o era pela consoante precedente, e passava de breve a longa, mantendo, porém, a primitiva quantidade, se se dava a absorção pela consoante [2]. Deste modo, ao passo que o clássico acentuava *muliĕre-, lintéŏlu-, pariĕte*, dizia o vulgar *muliére-, linteólu-, pariéte-*, donde *mulher, lençol, parede*. 2.° Sempre que nos polissílabos a vogal que estava na que os gramáticos chamavam «*positio debilis*», isto é, seguida de um grupo formado por oclusiva e líquida, podia em latim clássico receber ou não o acento tónico, o vulgar, porém, acentuou-a, mas continuando a manter-lhe a antiga quantidade. Assim foi que, *alăcre, intĕgru-, cólŭbra-, cátĕdra-, ténĕbras* passaram a acentuar-se *alécre, intégru-, colúbra-* (ou melhor *colóbra-* [3] por assimilação), *catédra-, tenébras*, que produziram *alegre* [4], *enteiro, cobra, cadeira, trevas*.

Observação I. A deslocação do acento, mencionada no n.° 1, é atestada por este preceito de um desconhecido gramático: *mulierem in antepenultimo nemo debet acuere sed in penultimo potius* e também por medidas como: *insuper et Salomon eadem muliēre creatus:* ocorrentes em poetas cristãos dos III e IV séculos [5]; a do

---

(1) Cf. Grandgent, *Latin vulgar* e Meyer-Lübke, *Introduccion à la linguistica romana*, respectivamente págs. 106 e 209 das traduções espanholas.

(2) Da absorção ou não pela consoante precedente resultou o tratamento diferente que se observa no *e* de *mulher* e de *parede*, isto é, aberto naquele vocábulo, fechado neste. No mesmo caso estão os nomes em *-iolum, -eolum* nos quais a semivogal se fundiu com a consoante anterior: cf. A. Castro na tradução da *Introduccion* de Meyer-Lübke, pág. 210 n. e Millardet, *Linguistique et Dialectologie Romanes*, pág. 327-8.

(3) No *Append. Probi* 199 2 k lê-se: *coluber* non *colober*. Igual forma encontra-se em inscrições e manuscritos, cf. Lindsay, *Opus laudatum*, pág. 37 e Grandgent (a tradução espanhola citada), pág. 292: Colober ou antes colobru deu *coovro*, que ocorre nos P. M. H. Scrip., pág. 259: *dizem óje em dia... que este he o* COOURO *de Biscaya*.

(4) Como mostra a conservação do *l* intervocálico, este adjectivo deve ter sido importado provàvelmente do provençal onde tem forma idêntica.

(5) Cf. Lindsay, *The Latin Language*, pág. 164.

n.º 2 relaciona-se talvez com a prática dos poetas latinos de quando lhes era conveniente, tratarem como longa a vogal breve colocada antes de muda e *r* (1). Sérvio, que viveu no quarto século, parece dar a entender que, na pronúncia correcta, o acento não era atraído para a penúltima, porquanto observa, a propósito de peragro: *per habet accentum... muta enim et liquida, quotiens ponuntur, metrum juvant non accentum* (2).

Observação II. Já Virgílio, por exigência da medida, faz trissílabo o quadrissílabo *ăbĭĕtĕ*, isto é, consonantiza o *i*. Quando seguidos de *e* tónico, longo de origem ou tornado tal (na Hispânia), o *i* e *u* foram por ele absorvidos, como se vê em quiētus, battuĕre, consuĕre, coquĕre, etc., tornados *quiētus, *battére, *consére, *cocére, etc., donde *quedo, bater, coser, cozer*, etc.

b) Causas morfológicas. — Quando numa palavra composta se perdeu a consciência dessa composição, o acento tónico conserva o seu antigo lugar, mas, todas as vezes que essa consciência persiste — e não raro mostra-se ela tão nítida que chega a recompor a palavra, como se deduz da comparação, entre outros, dos vocábulos portugueses *eixido* (arc.), *refazer* e *desprazer* com os latinos exĭtus, refĭcere e displĭcere (3) — é o segundo elemento considerado como o mais importante, por nele se encontrar o radical, que recebe o acento, embora assim nem sempre sucedesse na língua clássica. Por esta razão cómĕdo, práĕdico e récĭto, ainda que compostos de com-, prae- e re-, continuam, nos seus respectivos representantes portugueses, *como, prego* e *rezo*, a manter o acento na mesma sílaba em que o tinham em latim, enquanto em oblĭgo, retĭnet, etc.,

(1) Cf. Lindsay, *The Latin Language*, pág. 164.

(2) É possível que a língua popular não tenha feito mais do que manter uma pronúncia arcaica, alterada depois pelo corte das sílabas, que passou a considerar juntos os grupos, constituídos por muda e líquida, outrora separados, isto é, *-b*|*r*, etc., antes *-b-r*, etc.: cf. Meillet e Vendryes, *Traité de grammaire comparée*, etc. Obs. II e I aos §§ 193 e 202.

(3) As formas acusadas por outras línguas e que são respectivamente *escita* ou *uscita* (ital.), *issida* (prov.), *issue* (fr.), *refaire* (fr.), *deplaire* (fr.), *dispiacere* (ital.), mostram claramente que o povo tinha por compostos os seus correspondentes latinos.

por ter persistido a consciência da sua composição com os prefixos *ob-* e *re-*, dá-se a transposição dele da antepenúltima para a penúltima, segundo atestam as formas portuguesas *obrigo, retém*, etc.

Observação. A consciência da composição tem força tal que chega a impedir que as consoantes sigam a sua evolução natural, como se vê em *arrepiar*, *reter*, *receber*, de horripilare, retinere, recipere.

c) Analogia. A influência que umas formas exercem noutras faz que por vezes haja divergência entre a acentuação latina e a portuguesa. Assim como hoje a linguagem popular, na primeira pessoa do plural do presente do conjuntivo dos verbos *ser* e *haver*, frequentemente retrai para a sílaba em que ele se encontra em idêntica pessoa do singular o acento que a culta coloca na imediata (1), igual retracção se deu em português na mesma pessoa e na segunda do plural do imperfeito do indicativo e mais que perfeitos deste modo e do conjuntivo, como se vê da comparação do latim erámus -tis, amabámus -tis, fuerámus -tis, amarámus -tis, fuissémus -tis, etc., com o português *éramos, amávamos*, *fôramos*, *amáramos*, *fôssemos*, etc.

Observação I. Ao passo que o espanhol operou nos tempos e pessoas indicados a mesma deslocação que o português, continua o galego a manter em todas as conjugações o acento latino na primeira e segunda pessoas do plural do imperfeito e mais que perfeito (2) do indicativo; nalgumas falas do Norte de Portugal nota-se idêntico fenómeno, mas só nos verbos da primeira conjugação (3).

Observação II. Sem contar algumas palavras pertencentes à língua literária, nas quais a acentuação errada resulta em geral de

---

(1) Segundo Garcia de Diego (*Elementos de gram. historica gallega*, pág. 76), igual retracção faz o galego nas 1.ª e 2.ª pessoas do presente do conjuntivo dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações dizendo *bátamos, bátades; pídamos, pídades*.

(2) Cf. Garcia de Diego, obra e pág. citadas.

(3) Segundo Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 134, o facto parece dar-se só ao Norte de Trás-os-Montes (Vinhais) e nalguns lugares da fronteira do Minho.

supostas analogias ou influência do francês, como *amido*, *invólucro* (porém *embrulho* na língua popular), *álcali*, *álcool*, *bimâno*, *míope*, *zenite*, *púdico*, *hipodrómo*, etc., vocábulos há de proveniência visìvelmente oposta, nos quais se deu ainda a retracção do acento, motivada umas vezes por analogia também, como em *juiz*, *variz* e *codesso* (1), que assentam não em júdĭce, várĭce e cytĭssu, mas em *judíce, *varíce e *cytíssu, sob influência provável de radīce e cyparīssu ou nomes de terminação parecida, outras resultante, a meu ver, da queda de vogal protónica naqueles donde trazem origem; assim explico *cargo* e *carga*, a par de *carrêgo*, *carrega*, isto é, de *carricare (cf. fr. *charger* e o nosso pop. *considrar* ao lado de *considerar*). Quanto ao *r* resultante de *rr*, cf. *corgo* de *córrego*. No caso oposto está *cárredo*, comparado com *cardo*.

Uma palavra há ainda que, não obstante a sua aparência literária, tenho na conta de popular, é *soror*, que geralmente se acentua à latina, quando ela é aguda, como nos atesta a pronúncia do povo do Norte do país, que Morais acertadamente aceitou. A mesma retracção operou-se, mas já no período moderno da língua, em *quinta*, *venta*, *nível* e *bênção*, vocábulos estes que dantes soavam, *quintãa*, *ventãa*, *campãa*, *nivel* ou *livel* (2) e *benção*, isto é, com acento na mesma sílaba em que o tinham em latim; a explicação do facto, quanto aos três primeiros, está, segundo Leite de Vasconcelos (3), em ser contra o génio da língua o *ã* tónico final; no quarto devem ter influído os nomes do sufixo *-vel*; quanto a *bênção*, é possível que na deslocação

---

(1) A pronúncia do Norte mostra que é errónea a grafia com *ç*, usada pelo comum dos dicionaristas; na *Prosódia* de Bento Pereira lá aparece a verdadeira, que é a que emprego acima.

(2) É já antiga na língua, ao lado da genuìnamente portuguesa, *lível*, a forma *nível*, importada do francês arcaico, como já reconhecera Duarte Nunes de Leão (cf. G. Viana, *Ortografia Nacional*, 163), porquanto dela se serve Gil Vicente em vários dos seus autos, o que se pode ver no *Glossário* que acompanha a edição das obras do poeta do Dr. Mendes dos Remédios.

(3) *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª edição, pág. 300. As antigas formas *quintã* e *ventã*, subsistem ainda na linguagem popular, tendo, além disso, a primeira grande representação no onomástico onde aliás também figuram *Campa* e os seus derivados *Campainha* e *Campanário*.

do acento haja actuado o sinónimo *bênçoa* ou *abênçoa* da linguagem popular, regressiva de *abençoar*, formado à semelhança de *míngoa*.

14. *Acento secundário.* — Além do acento tónico que, como vimos, o romanço continua a guardar com tenacidade admirável, outro havia em latim que caía sempre na primeira sílaba da palavra e se fundia com aquele, se esta se compunha de duas sílabas apenas, era o *secundário*. Assim em măgnĭtūdo e gĕnīsta, além das sílabas tónicas -tu- e -nis-, eram também acentuadas as iniciais ma- e ge-; mas em lŭpus os dois acentos confundiam-se. Segundo já tivemos ocasião de notar, o português acusa também a existência desse acento em palavras de mais de duas sílabas. Na língua latina havia igualmente palavras curtas e especiais que, por se encostarem, na pronúncia, às que vinham adiante ou as precediam, perdiam o acento; eram as *proclíticas* e *enclíticas*.

15. *Vogais latinas.* — Possuía o latim cinco vogais, a saber: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, as quais podiam ser *longas* ou *breves*, segundo o maior ou menor tempo gasto na sua emissão — era o que se chamava a *quantidade*, que ele, com outras línguas, herdara do indo-europeu. A distinção de breves e longas podia resultar ou da *natureza* das vogais, isto é, de umas serem proferidas na metade do tempo das outras, ou da *posição*, isto é, em referência à letra ou letras que se lhes seguiam, o que afinal não passava de um convencionalismo, porquanto a vogal que a posição fazia breve ou longa nem sempre era tal por natureza [1]. Senão, vejamos. Preceituava a métrica latina que toda a vogal seguida de duas consoantes tornava-se longa, mas breve, se era outra vogal a letra que se lhe seguia; este preceito, porém, que se referia quase que exclusivamente ao verso, e ainda assim não

---

[1] Sigo aqui a linguagem escolar (cf. por exemplo, Quicherat, *Nouvelle Prosodie latine*, págs. 19 e 22), mas, rigorosamente falando, o que a posição faz longo ou breve não é a vogal e sim a sílaba em que ela se encontra, pois aquela conserva sempre a quantidade originária; por esta razão, embora em circunstâncias idênticas, a mesma vogal pode estar diferentemente representada, como o *u* em *luz* e *noz*, não obstante os nominativos dos seus representantes latinos serem lux e nux.

ao de todos os tempos (1), é contraditado não só pela etimologia, mas também pela fonética das línguas românicas, como mostram, por exemplo, as palavras capillu- e cepulla-, nas quais as sílabas -pi- e -pu- e portanto as respectivas vogais eram consideradas longas por posição, não obstante serem breves por natureza, segundo se infere da sua comparação com capŭt (2) e cepă (3) e da maneira por que o romanço as tratou, igual à que usou com as que tinham tal quantidade. Encontra-se também em latim pīa (4), dīus, audīit, lenīit (5), etc., ou seja vogal longa, apesar de se lhe seguir outra.

Vimos atrás que o latim a par do *acento de intensidade*, possuía também o *acento de altura*, mais vulgarmente conhecido, pelo nome de *tónico;* notámos igualmente o papel importantíssimo que este último desempenhou na palavra, impedindo o desaparecimento da vogal ou sílaba sobre que incidia. Mas este acento era susceptível de várias gradações na sua altura, podendo ser agudo ou grave, ou sucessivamente agudo e grave, ora elevando-se a voz, ora abaixando-se na emissão dos sons a ele sujeitos, o que comunicava à frase uma tal ou qual melodia e fazia do latim, como do grego, que também o possuía, uma língua bastante harmoniosa. Mas aí pelo II ou III século, por motivos e razões que se ignoram, aquele acento de altura fundiu-se com o de intensidade e de essencialmente melodioso tornou-se quase que especial protector e defensor do som, isto

---

(1) Na métrica arcaica, a de Plauto, por exemplo, não se observava tal preceito.

(2) É geralmente admitida a proveniência de caput da palavra capillus. Walde todavia no seu *Lateinisches Etym. Wörterbuch* s. v. tem-na como oriunda de caprōnae, embora influenciada pelo primeiro étimo.

(3) De aqui, com o sufixo diminutivo -ŭla, cepŭla, que ocorre com cepulla.

(4) Com *i* longo figura este adjectivo nuns versos de Énnio citados por Cícero na sua *Republica*, cap. 41 do livro I (cf. Lindsay: *The Latin Language*, pág. 131), note-se porém, que a respectiva lição é duvidosa, pois há quem, em lugar de *pia*, interprete *dura* (cf. a edição de E. Charles, Hachette) e *diu* (cf. Ernout, *Textes latins archaiques*, pág. 152).

(5) A medida *audiit*, *lenĭit* é tida por Sérvio como liberdade poética: cf. Ernout, *Morphologie historique du latin*, pág. 299.

é, continuou a ferir as mesmas sílabas que antes, mas agora com esforço especial, para não deixar perder o som vocálico. Desta época em diante desapareceu a distinção entre vogais breves e longas e a duração foi substituída pelo timbre; por outras palavras, a quantidade cedeu o lugar à qualidade. Mas foi ainda aquela que influiu sobre esta, porquanto de ter a vogal sido *breve* ou *longa* é que dependeu tornar-se *aberta* ou *fechada*. Portanto as cinco vogais do latim clássico ou melhor as dez, porque cada uma delas exigia na sua emissão o dobro do tempo da outra, por ter a duração passado a timbre e também porque o *a* longo se fundiu com o breve e os *i* e *u* breves coincidiram no som com os *e* e *o* longos, ficaram reduzidas a sete.

Afora as vogais, usava o latim também o sinal *y*, mas só em palavras tiradas do grego, e, porque nesta língua ele tinha um som intermédio entre o *i* e o *u*, pouco mais ou menos como o actual *u* francês, de aí resultou achar-se representado no romanço por *u* ou *i* ou por *o* (1) ou *e*, consoante a sua quantidade. Como ditongos conhecia o latim *ae*, *oe* e *au*, mas os dois primeiros, seguindo a tendência já existente na língua literária, reduziram-se na popular a *e* aberto o primeiro e a *e* fechado o segundo; quanto ao ditongo *au*, se nalguns casos mostrou também tendência a reduzir-se a vogal, manteve-se geralmente como tal em português. Em resumo, pois as dez vogais e os ditongos *ae* e *oe* da língua literária, reduziram-se na popular (2) a sete, como já dissemos, isto é:

ă e *ā* reduziram-se a *a*, como em făba, *fava*, prātu, *prado*, etc.

---

(1) Embora mais geralmente representado por *u*, o epsilon grego aparece no velho latim figurado também por *i* e *o*, como se vê das formas destes vocábulos nas duas línguas: Burrus (Πὺρρος), stupa (στύπη), fucus (φῶκος), stipes (στύπος), nox (νύξ), etc. Cf. *Manuel d'Orthographie latine* de Antoine (Klincksieck, Paris), pág. 6 e *The Latin Language* de Lindsay, pág. 36.

(2) As alterações acima apontadas encontram-se já em inscrições do III século da era cristã as concernentes às vogais, as respeitantes aos ditongos são ainda mais antigas, pois ascendem aos últimos tempos da República e I séc. de Cristo. Cf. Bourciez, *Elements de Linguistique romane*, págs. 42 e 43.

ĕ e *ae*	reduziram-se	a *é*	(aberto), como em dĕce-, *dez*, caecu-, *cego*, etc.
ē, *oe*, e ĭ	»	» *ê*	(fechado), como em acētu-, *azedo*, coena-, *ceia*, ĭlle, *ele*, etc.
ī	reduziu-se	» *i*,	como em fīlu-, *fio*, rīvu-, *rio*, etc.
ŏ	»	» *ó*	(aberto), como em rŏta-, *roda*, lŏcu-, *logo*, etc.
ō e *ŭ*	reduziram-se	» *ô*	(fechado), como em sudōre-, *suor*, lŭtu-, *lodo*, etc. (1).
ū	reduziu-se	» *u*,	como em acūme-, *gume*, fūmu-, *fumo*, etc.

Esta redução, porém, foi ainda mais longe, quando as vogais não eram tónicas, pois no interior da palavra os *e* e *o*, quer abertos, quer fechados, passaram a mudos e no fim os *i* e *u* longos tiveram a mesma sorte, isto é, as sete vogais do latim vulgar reduziram-se a cinco, quando átonas-internas, e a três, quando átonas-finais.

16. *Influência do acento tónico.* — Em latim, como em português, o acento tónico, ferindo com mais intensidade a vogal sobre que incide e portanto a sílaba em que se encontra, a qual por esta razão também se chama tónica, cabendo por isso às outras o nome de átonas, estabelece como que uma divisória na palavra — a parte que lhe fica para diante e a que a precede — as quais costumam denominar-se respectivamente *metatónica* e *pretónica*. Às sílabas que entram nestas duas partes podemos chamar: *postónica* à que se segue imediatamente à tónica e *protónica* à que vem logo antes dela, dando o nome de *inicial* e *final* às que principiam e terminam a palavra. Assim, em cubicularia- ou melhor cubiclaria- (vide § 28, 1), -cla- é a sílaba tónica, em relação à qual as restantes são átonas, sendo -bi- a protónica da parte pretónica da palavra e -ri- a postónica da metatónica. Esta distinção nas vogais átonas é de grande importância, porquanto do lugar que elas ocupavam rela-

---

(1) É costume também indicar os sons abertos e fechados das vogais *e* e *o*, correspondentes aos breves e longos da língua clássica pelos sinais ˬ e . sotopostos respectivamente àquelas vogais; assim *é* e *ó*, *ê* e *ô*, como acima, ou *e̮* e *o̮*, *ẹ* e *ọ*.

tivamente às tónicas dependeu a diversa maneira por que foram tratadas.

17. *Persistência das tónicas.* — O que especialmente caracteriza estas vogais e as distingue das átonas é a sua tenacidade e resistência; podem por vezes sofrer a influência de sons vizinhos e sob ela mudarem de timbre, mas, embora alteradas, lá continuam a subsistir na palavra com a sílaba de que fazem parte integrante.

OBSERVAÇÃO. Sobre algumas modificações que excepcionalmente atingem estas vogais, veja-se o § 49, n.^os 1, 2, 4, 5.

CAPÍTULO II

Vogais tónicas

Á

(isto é: *ā* e *ă* do latim clássico)

18. 1] *A* tónico do latim vulgar mantém-se em português: ex.: ăquila-, *águia*, căpulu-, *cabo*, făba-, *fava*, ăcie-, *az* (arc.), bonitāte-, *bondade*, solitāte-, *soidade* (arc. e pop.), *amăricu-, *amargo*, mātre-, *madre*, grātia-, *graça*, prātu-, *prado*, păce-, *paz*, etc.

OBSERVAÇÃO. Casos há em que o *a* tónico se acha excepcionalmente representado por alguma das duas vogais *e* ou *o*, tal facto deve atribuir-se talvez ou a dissimilação vocálica, como no pop. *abantesma* ou *avantesma*, que corresponde ao greco-latino phantasma (1), ou a suposta relação com outra palavra, por exemplo

---

(1) Poderia supor-se que *avantesma* proviria de *fántasma*, que da língua dos cultos teria penetrado na popular onde, em virtude do *a* protésico, o *f* passaria a intervocálico, sonorizando-se depois regularmente (cf. § 40, C. 1.º), a existência porém, da forma *pantasma* em galego mostra que a palavra existia já na fala da plebe romana, quando o φ grego soava como *p* sem aspiração; foi só depois do séc. IV que este fonema entrou a pronunciar-se como *f*. Troca igual à que se dá em *avantesma*, isto é, do *a* tónico em *e*, observa-se noutros vocábulos, citados por Leite de Vasconcelos na sua *Dialectologie*, pág. 88.

erva, em *érvodo* (1), representante do lat. arbŭtu, ou ainda a influência estranha, como a arábica, nos dois nomes próprios *Beja* e *Tejo*, que decerto continuam os primitivos Pace- (Iulia) e Tagu- (2). Igual permuta do *a* por *e* encontra-se em *alegre* e no arc. *greu*, tais vocábulos, porém, foram importados do provençal e nesta língua assentam sobre formas que já no latim popular devem ter sofrido essa alteração (3). A troca do *a* por *o*, realizada pelo português moderno no antigo *fame*, que persistiu assim, idêntica à originária, até o século XVI e continua a viver em galego e mirandês, é geralmente atribuída a acção das labiais vizinhas (4).

2] *A* tónico, seguido imediatamente ou separado apenas por uma só consoante (que ou cai ou persiste, conforme a sua natureza) das semivogais *i* e *u*, quer originárias, quer provenientes de consoante (5), atrai estas e ou passa respectivamente para *e* e *o* ou conserva-se inalterado, formando assim os ditongos *ei* ou *ai* e *ou* ou *au*: 1 *a)* *amai, *amei*, aditu-, *eido*, fratre-, *fraire* e *freire*,

---

(1) Assim parece dar a entender a grafia *hérbedo*, que Valladares Nunez usa no seu *Dicionário gal. castelhano*. Note-se que em latim, a par de arbutum, havia também arbitum, esta última forma lê-se em Lucrécio, *De Rerum Natura*, livro V, verso 938.

(2) Vide David Lopes, *Trois faits de phonétique historique*, págs. 3 e 4 e *Toponímia árabe de Portugal*, pág. 9 e seguintes, e Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 36.

(3) Vide Schultz-Gora, *Altprovenzalisches Elementarbuch*, pág. 17.

(4) Assim pensam J. Cornu, *Die Portg. Sprache*, § 3 e H. Schuchardt, *Uber die Lautgesetze*, pág. 20; todavia Leite de Vasconcelos, *Phil. Mirandesa*, I, pág. 216, nota, inclina-se antes a que a palavra *fome*, fosse influenciada pelo verbo *esfomear* no qual teria sido mais fácil a passagem do antigo *a* para *e* em razão da sua qualidade de átona. A propósito notarei que nos *Canc. da Vaticana*, 923, 8, e *Colocci-Brancuti*, 413, 11, lê-se *fame*, mas em rima com *ome* e *come*, decerto por hábito gráfico que não acompanhou a evolução da palavra. Também na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* do séc. XV ocorre *fome*, II, págs. 165 e 210, a par do corrente *fame*.

(5) Tanto a esta como à primeira daquelas dá-se em fonética também o nome de *iod*, isto é, o da letra *J* do alfabeto alemão, o qual pode ser *latino* ou *românico*, conforme se aplica ao *e* ou *i* átonos originários, postos em hiato antes de *a* ou *o*, ou se refere ao *i*, resultante da vocalização, que por vezes se dá, das palatais C e G.

area-, *eira*, magicu-, *meigo*, altarius-, *outeiro*, furnariu-, *forneiro*, riparia-, *ribeira* (mais nomes em *eiro*, *eira)*, caseu-, *queijo*, basiu-, *beijo*, variu-, *veiro* (arc.), lacte-, *leite*, pacta-, *peita*, factu-, *feito*, mataxa-, *madeixa*, saxu-, *seixo*, fraxinu-, *freixo*, etc.; *b)* maiu-, *maio*, fagea-, *faia*, rabia-, *raiva*, adversariu-, *aversairo* (arc.), *cursariu-, *cossairo*, contrariu-, *contrairo*, etc.; 2 *a)* *amaut, *amou*, *capui, *coube*, sapui, *soube*, habui, *houve*, falce-, *fouce*, calce-, *couce*, saltu-, *souto*, alte(e)ru-, *outro*, altu-, *outo* (em *Montouto)* [1] etc.; *b)* aqua-, *auga* (arc. e pop.), tractu-, *trauto*, pactu-, *pauto*, etc.

Observação I. Da regra dada deve exceptuar-se o caso de a semivogal *i* estar precedida de *l*, *n*, *t* ou *c*, porque então a sua acção exerce-se principalmente nestas consoantes (cf. § 47), o que de resto sucede com as restantes vogais em circunstâncias idênticas. Aqueles vocábulos, como *bacharel*, *vergel*, que com ela se não conformam são de importação estranha. Note-se ainda que o grego-latino *laïcu-* era trissílabo; só assim podia dar o português *leigo* [2].

Observação II. A passagem do *a* para *e* ou *o*, conforme se lhe seguia *i* ou *u*, deve ser uma assimilação incompleta, porquanto de gutural tornou-se, como a seguinte, palatal ou labial. A razão da

(1) A forma *outo*, que apenas subsiste em compostos ou derivados, como *Montouto*, *Valouta* (na Galiza), etc., foi suplantada pela culta *alto*.

(2) Se neste vocábulo tivesse havido ditongo e a sua importação fosse antiga, a forma que apresentaria seria laecus; cf. *laevus*, *scaevus*, *aedes*, etc., e os gregos correspondentes λαι[F]ος, σκαι[F]ος, αιθ, etc. Do mesmo modo, isto é, sem ditongo na sua origem, se devem, segundo Leite de Vasconcelos *(Lições de Filologia*, pág. 325), explicar *Vouga* e *Vouzela*, a não ser que se admita que o Ουακουα de Estrabão, ao tempo de Plínio, soava *Vagua* (porventura o *Vagia*, que, a par de *Vacca*, se encontra nalguns manuscritos), que depois passaria a *Vauga*, que se lê em documentos datados de 883 e 1063 (ou talvez antes *Vouga*, se assim corrigirmos o *Voaga* de 897, citado por Cortesão no seu *Onomástico Medieval* (donde se teria feito o diminutivo *Vaugella* (cf. *plaga* e *plagella)*, que pela troca do *g* em *z*, cf. adiante § 40 D daria *Vouzela*, não obstante *Vaucella* de 1083 que com *Vauca* de 1019 e *Vauga* (livro II das Inq. de Afonso II) devem ser latinizações das formas portuguesas, decerto já então existentes. No mesmo caso de laïcu- está a palavra ibérica vaika, donde *veiga;* cf. Pidal, *Origenes del español*, pág. 83 e seguintes.

diferença de tratamento do *a* tónico seguido das semivogais *i* ou *u* ou consoante vocalizável, dando umas vezes *ei*, outras *ai*, ora *ou* ora *au*, está na maior ou menor antiguidade da entrada na língua dos respectivos vocábulos, devendo ter-se por genuìnamente populares as evoluções em *ei* ou *ou* e por semieruditas e até eruditas as em *ai* e *au*. Assim estão no primeiro caso *eito*, *cousa*, etc., no segundo *aito* ou *auto*, *causa* (1), respectivamente representantes de *acto*, *causa*, *aipo*, *saiba* (antes *sábia*, conj. de *saber)*, *trauto*, *pauto*, etc. Às vezes até, como em *aido*, popular, a par de *eido*, parece ter havido uma espécie de reacção da primitiva forma sobre a que lhe sucedeu imediatamente. A atracção da semivogal pelo *a* tónico persiste ainda no povo, que diz, por exemplo: *fadairo*, *palaiço*, etc.; cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, § 43, a. A manutenção do *a* em *auga* provém talvez de que a princípio o *u* valia por consoante, só muito mais tarde passando a vogal (2).

É

(isto é, ĕ e *ae* do latim clássico)

19. 1] *É* tónico do latim vulgar persiste em geral no português: ex. fĕlle-, *fel*, dĕce-, *dez*, pĕde-, *pé*, hĕrba-, *erva*, nĕbula-, *névoa*, pĕtra-, *pedra*, lĕpore-, *lebor* (arc.), *lebre*, *neptu-, *neto*, ferru-, *ferro*, cultĕllu-, *cuitelo* (arc.), *cutelo*, dominicĕlla-, *donzela*, caellu-, *céu*, caecu-, *cego*, sphaera-, *espera* (arc.), quaero, *quero*, etc.

Observação. Sobre a alteração do *é* nalguns vocábulos cf. § 49 n.os 1 e 2.

2] *É* tónico, seguido mediata ou imediatamente das semivogais *i* ou *u* ou consoante vocalizável, passa para *ê* e atrai-as, formando com elas os ditongos *êi* e *êu*, se a consoante com que

(1) Ainda no *Canc. da Vaticana*, 234, 21, em vez da actual expressão *por causa*, diz-se *por cousa* com sentido idêntico, isto é, equivalente a *porque*.

(2) O povo diz *ougado*, creio, porém, que esta evolução do *au* em *ou* deve ser moderna.

estão em contacto não é alguma das sobre que elas principalmente actuam: ex.: 1 *a)* matĕria-, *madeira*, lĕctu, *leito*, tĕctu, *teito* ou *teuto* (arc.) (1), pĕctu, *peito*, grĕge, *grei*, etc.; *b)* prĕtiu-, *preço*, sĕdea-, *seja*, etc.; 2.º *a)* mĕu-, *meu*, Dĕus, *Deus*, *ĕo (por ego), *eu*; *b)* ĕqua-, *euga* (pop.), *égua*.

Observação. Embora em condições idênticas, apresentam diferente tratamento *espelho* e *velho*; o mesmo sucede em provençal, espanhol e mirandês, que dizem respectivamente: *espêlh*, *vielh*, *espejo*, *viejo* e *espeilho* e *bielho*; explica-se geralmente o *e* fechado do primeiro destes vocábulos por analogia com os terminados em *-êlho*, proveniente de -ĭculum (2).

É

(isto é: *ē*, *ĭ* e *oe* do lat. cláss.)

20. 1] *Ê* tónico continua a subsistir em português, como mostram os seguintes exemplos: mercēde-, *mercee* (arc.), *mercê*, catēna-, *cadea*, *cadeia*, plēnu-, *cheo*, *cheio*, venut, *vẽo*, (arc. e pop.), *veiu*, credo, *creo*, *creio*, tēla-, *tea*, *teia*, (3), acētu, *azedo*, candēla, *candea*, *candeia*, arborētu-, *arvoredo*, mēnse-, *mês*, trēs, *três*, prēnsu, *preso*, vĭde, *vee* (arc.), *vê*, vĭce-, *vez*, stĭrpe-, *esterpe* ou *estrepe*, sĭte-, *sede*, sĭnu-, *seo*, *seio*, sĭccu-, *seco*, capĭstru-, *cabresto*, vĭr(i)de-, *verde*, spīssu-, *espesso*, foedu-, *feo*, *feio*, coena-, *cea*, *ceia*, stoeba, *estava*, vēna, *vea*, *veia*.

Observação I. Como se vê dos exemplos precedentes, o português hodierno intercalou um *i* entre o *ê* tónico e o *a* ou *o*, quando finais e postos imediatamente àquele, isto é, em hiato, todavia a

(1) Vivem ainda em galego estas formas; veja-se o *Dic. Gal. Castelhano* de V. Nunez.

(2) É esta a explicação que dá Shultz-Gora, no seu *Altprovenzalisches Elementarbuch*, pág. 19.

(3) De teda provieram formas idênticas às citadas acima, as quais todas se chamam por isso convergentes.

pronúncia antiga, que se manteve durante muito tempo (1), conserva-se ainda nalgumas falas populares. Casos há, porém, em que se não deu a ditongação, mas apenas a troca do *ê* por *i*; é o que se nota, entre outros, nestes vocábulos; *mia* (arc. hoje *minha*), *via*, desinência *-ia* dos imperfeitos, no nome ibérico *Garcia* (2) e porventura também nos seguintes: *cio*, *dia*, *Iria*, *Leiria* (antes *Eiria*, *Leirẽa*, *Leiria*), etc., representantes de mea, vĭa, -e(b)a, Garsea, *celu (por zelu), dĭa (por dies), *Irena e Leirena, etc.

Nestes nomes não se deu o ditongamento que outros apresentam, porque ao tempo da sua introdução entre nós (fins do séc. XVI) já neles o *e* tinha evolucionado em *i*, devido a encontrar-se em hiato.

Observação II. Encontra-se por vezes *ê* representado por *é*, como em *veu*, *neve*, *chapeu*, *esta*, *ela*, *essa*, *elo*, *aquelo*, *esso*, *esto* (pertencem à língua arcaica estes quatro pronomes últimos), etc.; para tal mudança de som deve ter contribuído umas vezes a metafonia, outras a analogia com palavras afins, tais são *neve* e *névoa* (3), ou de sons muito parecidos, como *céu* e *léu*, advirta-se porém, que nem sempre assim foi, pois ainda no século XVI mantinha-se o *ê* originário em grande parte desses vocábulos; dava-se isso em: *esto*, *esta*, *esso*, *essa*, *aquelo*, *aquela*, *elo*, *ela*, *moeda*, etc. Algumas falas provincianas (a de Vila Real, por exemplo) continuam a guardar a antiga pronúncia. O *é* de *cruel*, *fiel* é devido certamente a influência dos nomes terminados em *-el*, proveniente do sufixo *-ĕllu*, (cf. § 30, 1 *b*); em *fé*, porém, deve ele provir da crase, pois a antiga língua escrevia *fee*, que provàvelmente se pronunciaria **fêe*, em harmonia com a acentuação que tinha no latim vulgar, onde soava fĭde; em *vê*, que está em circunstância idêntica, pois representa o latim vĭde, deu-se analogia com as demais pessoas. Outros vocábulos há, como *giesta*, *enveja*, *regra*, *veras (de)*, *veu*, etc., em que *ê* se acha repre-

(1) Nos escritos do século XVI o *e* nas circunstâncias ditas aparece umas vezes ditongado, outras não; é o que, afora outros, se observa nos *Lusíadas*: cf. a edição de Epifânio Dias, *in fine*.

(2) Cf. Pidal, *Gram.*, pág. 40.

(3) Também o castelhano diz *nieve* do mesmo modo que *niebla*, ditongando o ĭ do primeiro como o ĕ do segundo em que a ditongação é regular.

sentado por *é*, note-se, porém, que nalgumas partes o povo mantém ainda a primitiva pronúncia.

Observação III. O *ê* acha-se representado também por *i* em *país* e *vido* ou *bido*, de pagēnse- e bētulo-, mas o primeiro destes vocábulos deve-nos ter vindo do francês e o segundo, que está por *bidoo*, ainda existente em galego e donde procede *vidoeiro*, foi provàvelmente influenciado por *vide* (1).

2] Quando seguido mediata ou imediatamente das semivogais *ị* ou *u* ou consoante vocalizável, *ê* tónico mantém-se, atraindo-as e formando com elas os ditongos *ei* ou *eu:* ex. 1.º martyriu-, *marteiro* (arc.), corrĭgia-, *correia*, ecclēsia-, *eigleija*, *eigreja* (arc.), *igreja*, rēge-, *rei*, fēria-, *feira*, strĭctu-, *estreito*, implĭc(i)ta, *empreita*, vindĭcta, *vendeita*, (arc.), filĭctu, *feeito* (arc.); *feto*, etc.; 2.º *debēut (por *debeuit), *deveu*, etc.

Observação I. Casos há em que o *ê* tónico nestas condições se não combina com a semivogal ou *i* final, mas passa para *i* (metafonia); dá-se isso em *tainha*, *tinha*, *círio*, *siba*, *vindima*, *navio*, *sirgo*, *cidra*, *alvidro*, *vidro*, representantes dos latinos: tagēnia-, tinea-, cēreu-, sēpia-, vindēmia-, navĭgiu-, sēricu-, cĭtrea-, arbĭtriu-, vĭtreu-, e em muitos nomes de sufixos em: ĭciu-, ĭcia- ou ĭtiu-, ĭtia-, ĭtie-, ĭc(u)lu-, ĭc(u)la-, -ilia-, ĭliu-, etc., como: *ouriço*, *peliça*, *viço*, *justiça*, *cobiça*, *lediça* e *ledice*, *novilho*, *sortilha*, *maravilha*, *ervilha*, *milho*, representantes respectivamente de erĭciu-, pellicea-, vĭtiu-, justĭtia-, cupidĭtia-, laetĭtia-, ou laetĭtie-, *novic(u)lu-, sortĭc(u)la-, mirabĭlia-, ervĭlia-, milĭu-, etc. Muitos destes vocábulos, porém, devem ter vindo da literatura ou sofrido influência literária, comprova-o a existência de formas regulares em *ê*, ao lado das em *i:* cf. por exemplo: *vezo* (que persiste em *avezar)*, *justeza*, *artelho*, *sortelha*, a par de *viço*, *justiça*, *artigo* e *sortilha;* noutros o ĭ, terá passado para ī, por analogia com formas afins (2).

---

(1) Outra explicação dá Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lusitana*, vol. XIX, pág. 272, nota.

(2) Em *dito* de dictu deve ter influído o pretérito; cf. o arcaico *Beeito* de Benedictu; a mesma diferença se observa no fr. *dit* e *Benoit*.

Observação II. As formas *vinte* e *zimbro* de vīgĭntī e jīnĭp(e)ru ([1]), que apresentam evolução excepcional, terão de explicar-se por retracção do acento ([2]) e absorção posterior pelo primeiro do segundo *ĭ*, tornado átono. Em rĭgidu-, domĭnĭcu- e perfĭdia-, donde *rijo*, *domingo* ([3]) e *perfia* (arc. hoje *porfia)* a passagem do ĭ a ī deve ser devida a analogia. Quanto a *pergaminho* ([4]), da concordância das línguas românicas (cf. Körting s. v.) deduz-se que ascende já ao latim popular a troca em ī do ē clássico pergamenu.

Observação III. A forma actual *rins* provém da arcaica *rẽes* em que o *-es* soava *-is* (cf. *dizees*, *fazees* ou *dizeis*, *fazeis)*; o *e* da sílaba *re-* assimilou-se ao *i* seguinte, depois os dois *ii* fundiram-se num só.

Observação IV. O *ê* tónico passou também para *i* em *isto* (e no composto *aquisto)*, *isso* e *aquilo*, que coexistiram com os regulares *esto* (e *aquesto)*, *esso* e *aquelo*, e ainda em *siso*, cuja forma arcaica foi *seso* ([5]), em harmonia com o latim sensu, como é em castelhano ([6]).

Observação V. Em vĭdŭa (pron. vĭdŭua, cf. italiano *vedova)* afigura-se-me ter-se produzido, depois da queda regular do *-d-*, a princípio o ditongo *êu* (cf. prov. *veuva*, a par de *veuza)*,

---

([1]) Em Probo *iuniperus non iiniperus.*

([2]) Da deslocação do acento em viginti informa-nos um gramático do século v, o qual entre os barbarismos *quae in usu cotidie loquentium animaduertere possumus* cita trígintа: cf. Lindsay, *The latin Language*, pág. 165 e num epitáfio em hexâmetros do mesmo século lê-se: *Et menses septem diebus cum vinti duobus.* Dauzat *(Hist. lang. prov.)* § 62 explica *vint* por metafonia.

([3]) Mas *Mengo* (e *Menga)*, em que, decerto por próclise, caiu a sílaba inicial; a actual forma *Domingos* (e *Domingas)* deve ser semi-culta.

([4]) Em doc. de 1326 (cf. *Rev. Lus.*, xxi, 266), ocorre a forma *pulgaminho*, resultante ou da troca frequente do *r* por *l* e influência do *p* sobre o *e* ou de etimologia popular.

([5]) Assim, no *Canc. da Ajuda*, verso 5952 (mas também *siso)*. De aqui *sesudo* (hoje *sisudo)*. D. Carolina Michaëlis vê na passagem do *e* a *i* influência do sinónimo *juízo:* cf. *Gloss. do Canc. da Ajuda*, sob. v. v. *seso* e *siso.*

([6]) Provém não de *completu-*, mas do verbo arcaico *comprir* (hoje *cumprir)*, de que era particípio, o adjectivo *comprido.*

que depois se desfaria, passando o acento para o *u* e o *e* a *í*, por se achar seguido de vogal (1).

OBSERVAÇÃO VI. É escusado advertir que o ĭ continua a persistir em vozes cultas ou, quando populares, influenciadas pela língua dos cultos, tais são por exemplo: *dino* (a par de *desdenho)*, *missa*, *língua* (2), *livro*, *bispo*, etc.

OBSERVAÇÃO VII. Acerca do *i* nos pronomes pessoais e imperfeitos e perfeitos de alguns verbos, veja-se a *Morfologia* nas secções respectivas.

I

(isto é: ī no latim clássico)

21. 1] *I* tónico do latim vulgar mantém-se em português; ex.: fīlu-, *-fio*, rīvu, *rio*, rīpa-, *riba*, nīdu-, *nīo* (arc.) *ninho*, spīna-, *espinha*, spīca-, *espiga*, fīliu-, *filho*, vīnea-, *vinha*, fīcu-, *figo*, vīte-, *vide*, līte-, *lide*, vacīvu-, *vazio*, formīca-, *formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO. Para *pêga* tem de admitir-se que o clássico pīca, pelo menos no latim popular hispânico, se tornara em pĭca, talvez sob influência de pĭce, como explica Körting (s. v.) ou de *pegar*, em virtude do hábito que a ave tem de lançar mão dos objectos. Igualmente assenta sobre *stēva ou stĭva, e não no *stīva* da língua literária, o nosso *estêva* (relha do arado): cf. também o velho francês *estoive* (3).

2] Quando se lhe segue mediata ou imediatamente a semivogal *i*, quer esta seja originária, quer tenha resultado de consoante vocalizável, *i* tónico atrai-a e funde-se com ela; ex.: fastīdiu-, *fastio*, frīctu-, *frito*, homicīdiu-, *omezio*, etc.

---

(1) Cf. Niedermann, *Phonétique*, pág. 86.

(2) Em antigo português (cf. *Rev. Lusitana*, XXVII, pág. 47), *lengua*, como em castelhano. Outra forma do mesmo vocábulo, com feição inteiramente popular, vejo eu em *lenga*, que os dicionários registam com redobro.

(3) Não confundir com a planta que vem de *stoeba por stoebe.

Observação. *Frio* parece provir não de frīgidu, mas de fridu, resultante de fricdu [1], forma citada do *Apendix Probi.*

Ó

(isto é: ŏ em lat. clássico)

21. 1] *Ó* tónico da língua vulgar persiste em português: ex.: rŏta-, *roda,* rŏsa-, *rosa,* nŏve-, *nove,* *cŏlŏbra-, *coovra,* (arc.), *cobra,* sŏrte-, *sorte,* lŏcu-, *logo* (arc.), cŏr, *cor* (arc.) [2], *avŏla- (por *aviŏla-: cf. § 13, *a), avó* [3], ŏp(e)ra, *obra,* nŏtula-, *nódoa,* sŏcra-, *sogra,* etc.

Observação I. A ditongação que o *ĕ* e *ŏ* apresentam na maioria das línguas românicas não é desconhecida também de algumas das nossas falas populares, como se pode ver em Leite de Vasconcelos, *Dialectologie,* §§ 44, b, c e 45, b.

Observação II. *Ó* passa frequentemente a *ô,* afora o caso mencionado no § 49, 2, quando precede a sílaba final e esta termina em *o* (metafonia); assim fŏcu-, *fogo,* grŏssu-, *grosso,* jŏcu-, *jogo,* cŏrbu-, *corvo,* mŏrtu- (por mortuu), *morto,* ŏssu-, *osso,* tŏrtu-, *torto,* etc., nomes estes que em espanhol ainda mantêm o ditongo *ue.* Também o nosso antigo *conorto* (hoje *conforto)* soava *conuerto* em castelhano, todavia no *Cancioneiro galego-castelhano*

---

(1) Numa inscrição de Pompeios, lê-se: *frédam pusillum,* isto é, dá um pouco de água fria.

(2) Hoje só na frase *de cor.*

(3) As primeiras formas foram: para o masc. *avoo* (isto é, *avôo,* cf. *Rev. Lus.,* XXI, 257-8), para o fem. *avoa* (isto é, *avòa),* constante do *Canc. da Vaticana* e viva ainda no galego *abòa* a par de *abò* (cf. *Dic.* de Valadares Nuñez), mas já *avoo* (isto é, *avó)* no século XIV (cf. *Rev. Lus.,* id. 255), Assim também *soo* (isto é, *sôo), sóa* e *só, Paçô, Mosteirô, * Grijòa, Grijó, *Vinhòa, Vinhó,* respectivamente representantes de sōlu-, sōla-, palatiolu-, monasteriolu-, ecclesiola- e vineola-. No adjectivo apenas a feminina *só* está hoje em uso, tendo suplantado a masculina e a antiga feminina (isto é, *sòa),* que contudo ainda existe em galego.

de Lang, verso 2047, o mesmo aparece, sob a forma *conorte*, em rima com *corte*. D. Dinis fá-lo rimar com *morte* (1). Quanto ao vocábulo *frente*, que coexiste com *fronte*, a troca do *o* por *e*, que apresenta, deu-se no castelhano, donde o importamos em época em que o regular *ue* já tinha evolucionado em *e*: cf. Menendez Pidal, *Gramática Histórica Española*, § 13, 2.

2] *O* tónico, seguido mediata ou imediatamente da semivogal *i* ou de consoante vocalizável, passa para *ô* e atrai-as formando assim o ditongo *ôi*, se a consoante com a qual se acham em contacto não é alguma das sobre que elas actuam em especial: ex.: 1.º mŏdiu-, *moio*, *mŏrio, *moiro* ou *mouro* (arc.), cŏriu-, *coiro*, cŏmedo, *coimo* (arc.), ŏcto, *oito*, nŏcte-, *noite-*, cŏctu-, *côito*, etc., 2.º fŏlia-, *fôlha*, ŏclu-, *ôlho*, *scŏclu- (por scŏpulu-), *escolho*, *fŏveu- (por fŏvea-), *fojo*, hŏdie, *hoje*, fŏrtia-, *força*, sŏmniu-, *sonho*, Saxŏnia, *Sansonha* (arc.), etc.

Observação. Como se vê, deu-se aqui tratamento idêntico ao do *é* em igualdade de circunstâncias: cf. § 19, 2.

Ô

(isto é: ō e ŭ do lat. clássico)

23. 1. *Ô* do latim vulgar continua a subsistir na língua portuguesa: ex.: flōre-, *flor*, amōre-, *amor*, vōtu-, *vodo*, tōtu-, *todo*, prōra-, *proa*, colōre-, *coor* (arc.), *cor*, cōrte- (por cohorte-) *corte*, nōna-, *noa*, ōvu-, *ovo*, serōtinu-, *serôdio*, lŭtu-, *lodo*, lŭpu-, *lobo*, scŭpa-, *escova*, bŭcca-, *boca*, ŭtre-, *odre*, pŭtre-, *podre*, rŭptu-, *roto*, tŭrre, *torre*, lŭcru-, *logro*, cŭrsu-, *cosso*, ŭnde-, *onde*, cŭb(i)tu-, (2), *coto*, pŭteu-, *poço*, gŭtta-, *gota*, Cŭda-, *Coa*, etc.

Observação I. Em certos vocábulos aparece ou *ó*, quando era de esperar *ô*, ou ainda *u*, contràriamente à regra dada; expli-

(1) Em 147, 28 C. V. o mesmo rei trovador rima *conorto* com *torto*.

(2) A par de cŭbitu, donde *côvedo* ou *côvado*.

ca-se o facto já pela influência de outros sons, como em *foz, voz, noz,* em que houve analogia com nomes em -ŏce- (cf. espanhol *nuez,* que supõe *nŏce),* ou em *maior, menor* (arc. *mẽor), melhor, pior, arredor, hora,* nos quais predominou o *o* regularmente aberto de formas de terminação idêntica, *mor, ora,* por exemplo, em que *ó* está por *oo* de *ao;* já por influência literária, que se revela perfeitamente em *usso,* (que hoje soa *urso,* mas que primitivamente deve ter sido **osso)* (1), *cruz, mundo, segundo, curto* (a par de *corto), fundo* (mas na língua arcaica *fondo), nunca, chumbo* (a par de *promo* (arc.), *junco, junto* (mas *ponto), suma* ao lado *soma* (2), etc. Note-se, porém, que na língua antiga muitos destes nomes, terminados em *-or,* como *maior, menor, pior, melhor, arredor, derredor, agora,* etc., conservaram o *ô* originário, como se reconhece na poesia de então (3), e continuam a mantê-lo nalgumas falas populares (4). Para *nora* tem de admitir-se não o popular nŭra, mencionado pelo gramático Probo no seu *Apêndix,* mas nŏra, tendo talvez influído na passagem de ŭ para ŏ os vocábulos sŏcra ou sŏror, como pretende Meyer-Lübke, *Ital. Gram.,* § 58.º, pág. 41.

Observação II. Na maioria dos nomes em que o *o* final se acha precedido de *ô* tónico, este passa, no plural e no feminino em ambos os números, para *ó,* parece, porém, que esta passagem é moderna, pois alguns dialectos, o algarvio por exemplo, mantêm no plural masculino o som fechado do singular, dizendo *espôsos, carôços,* etc. (5). Duarte Nunes do Leão, na sua *Ortografia,* regista igual pronúncia no seu tempo.

2] *Ô* tónico em contacto mediato ou imediato com as semivogais *i* e *u* ou consoante vocalizável mantém-se, atraindo geralmente as vogais e formando com elas os ditongos *oi* e *ou*: ex. *a)*

---

(1) Cf. na toponímia *Ossa, Ossos, Ossais* e *Chantaduços.*

(2) Gil Vicente usa frequentemente *soma* com o valor da actual expressão *em suma.*

(3) Camões, no canto VI, estância 40, ainda faz rimar *milhores* com *amores.*

(4) No Algarve o *o* de *suor* conserva ainda o som fechado, que decerto antes tinha em toda a nação e lhe provinha da sua qualidade de longo em latim.

(5) Mas, contràriamente à fala corrente, diz *grósso, pórco.*

dormitōriu-, *dormidoiro,* adjutōriu-, *ajudoiro* (arc.), gŭvia-, *goiva,* tonsōria-, *tesoira,* versōria-, *vassoira,* *agŭriu-, *agoiro,* marrŭbiu-, *marroio,* Dōriu-, *Doiro* (arc.), etc.; *b)* *grŭu (por grue-: cf. francês *grue* de *grua), *grou,* dŭus (por duos, assimilação), *dous* (arc. e pop.).

Observação I. Este ditongo *ôi* em grande número de vocábulos passou a *ui,* sob influência de *i* ou *u* seguintes, quer originários, quer resultantes da vocalização de consoante; quando, porém, antes ou depois da semivogal *i,* latina ou românica, há algumas das consoantes *l* ou *n,* a acção daquela limita-se, como já dissemos, a palatizar estas, influindo depois as respectivas palatais *lh* ou *nh* no *ô,* que sofre tratamento idêntico, como se vê destes exemplos: 1) rŭbeu-, *ruivo,* plŭvia-, *chuiva* (arc. e pop.), tŭrbidu-, *turvio* (arc.), *turvo,* lŭctu-, *luito* (id.), lŭcta-, *luita* (id.), exsŭctu-, *enxuito* (id.), condŭctu-, *conduito* (id.), frŭctu-, *fruito* (id.), trŭcta-, *truita* (id.), vŭlture-, *avuitor, abuitre* (id.), cŭltellu-, *cuitellu* (id.), *ascŭlto, *escuito* (id.), etc., 2) *gurgŭlio- (por curculio), *gorgulho,* testimōniu-, *testemunho* (1), *querimōnia-, *caramunha,* *acŭcla-, *agulha,* *fenŭnclu-, *funcho* (2), ŭngla-, *unha,* pŭgnu-, *punho,* etc. Que a forma daquele ditongo foi primitivamente *oi,* prova-o o galego actual, que ainda conserva a antiga pronúncia, ao passo que o português avançou para *ui* e já em época antiga, como se vê dos escritos do tempo, sendo até essa uma das diferenças que começam a distinguir as duas línguas.

---

(1) A antiga língua, porém, mantinha o -*o*-, pois dizia *testemõio.*

(2) Nesta forma o -*n*-, contra a sua tendência geral, nasalou a vogal imediata (cf. § 40 F, 2, Obs. III, etc.), em vez da precedente, que o galego manteve pois diz *fiuncho,* e no português foi absorvida por aquela.

Outra forma do mesmo vocábulo e a mais usual, a julgar da sua representação em todas as línguas românicas, mas na qual a influência do *n* atingiu apenas o *e* e essa mesmo veio a desaparecer posteriormente, segundo a regra (cf. § 40 F, 2), era *fenuclu- (em lat. clássico feniculum), que em português (e galego) deu *fiolho,* hoje vivo entre nós apenas nos seus derivados toponímicos, *Fiolhal* (e plural) e *Fiolhoso.*

Sobre as duas formas *fenuclu- e *fenunclu cf. macla e mancla, donde *malha* e *mancha.*

OBSERVAÇÃO II. Sobre a passagem de *oi* para *ou* e redução de *ui* a *u* na língua moderna, vejam-se adiante §§ 33, 1, Obs. I, e 35.

U

(isto é: ū do latim clássico)

24. *U* tónico continua a subsistir em português: ex.: acūtŭ-, *agudo,* lūna-, *lua,* nūdu-, *nu,* verrūca-, *verruga,* salūte-, *saúde,* pūlica-, *pulga-,* scūtu, *escudo,* lactūca-, *leituga,* cūpa-, *cuba,* rūga-, *rua,* mūlu-, *mu* (arc.), lūce-, *luz,* ūva, *uva,* *padūle-, (por palude-), *paul,* jūsu-, *juso* (arc. donde *jusante),* sūsu-, *suso,* (arc.), etc.

CAPÍTULO III

Vogais átonas

25. Em consequência de sobre elas incidir o acento predominante ou tónico, as vogais que por este facto tem tal nome conservam-se invariàvelmente, como vimos, enquanto as restantes da palavra estão sujeitas a vários acidentes, que vão desde o seu enfraquecimento até à sua elisão; aquelas não só persistem sempre, mas, devido ao esforço com que são proferidas, chegam a atrair a que se lhes segue na sílaba imediata. As vogais átonas partilham da sorte das sílabas do mesmo nome; como estas, alteram-se e por vezes até desaparecem, mas quando persistem, tomam um som fraco e por vezes tão sumido que mal se faz sentir (1). Desta circunstância resulta, segundo já observamos, que tanto o *é* como o *ó* se confundem com *ê* e *ô,* não se fazendo distinção entre essas vogais, senão quando a palavra é proferida com ênfase; daqui nasce serem as vogais átonas

(1) Entenda-se geralmente, pois casos há em que as átonas soam bem distintamente; dá-se isso, quando se acham seguidas de consoante nasal, que, como às tónicas, lhes comunica som fechado, ou de *l* gutural, caso em que se ouvem com nitidez igual à daquelas.

apenas cinco; *a, e, i, o, u,* número que se reduz a três: *a, e, o,* quando finais, pois neste caso o *e* e *i*, como o *o* e *u*, confundem-se, dando em geral um som único, e na escrita *i* e *u* não se usam, sendo substituídos por *e* e *o*. Das vogais átonas é o *a* a mais resistente.

A sorte das vogais átonas depende do lugar que ocupam na palavra e da sua posição relativamente ao acento tónico, sendo as iniciais e as finais as que mais resistência possuem; as médias atenuam-se por forma tal que desaparecem frequentemente. É o que passamos a estudar, começando pelas

A) Iniciais

26. 1] A vogal átona inicial da palavra pode achar-se só ou precedida de consoante; em qualquer dos casos conserva-se geralmente, mas no entanto apresenta tendência a cair no primeiro, especialmente se é *e* ou *i*, e no segundo cai, quando se acha entre consoantes que podem formar grupo: assim: 1.º persistem: o *a*, proveniente de ā ou ă do latim clássico: ex: ăprile-, *abril*, *ăciariu-, *aceiro* (arc.), *aço* (1), *ăguriu-, *agoiro*, *ăgustu-, *agosto*, ăgnu-, *anho*, *ămaricu-, *amargo*, ărena-, *areia*, *ăviolu-, *avô*, *lăcartu-, *lagarto*, *lăcusta-, *lagosta* (2) (arc.), nārice-, *nariz*, căpistru-, *cabresto*, căpitia, *cabeça*, mātiana-, *maçã*, păric(u)la-, *parelha*, rādice-, *raiz*, săbucu-, *sabugo*, tărdivu-, *tardio*, vāgina-, *bainha*, etc., o *e*, resultante de ĕ, *ae*, ē, ĭ e *oe* da língua literária: ex.: ceresia-, *cereija* (3), fĕroce-, *feroz*, mĕliore-, *melhor*, *pĕtire (por pĕtere), *pedir*, rĕsonare-, *resoar*, sĕniore-, *senhor*, aestivu-, *estio*, laetitia-, *lediça*, (arc.), cēpulla-, *cebola*, dēbere, *dever*, pēnsare, *pesar*, sēcuru-, *seguro*, sēcretu-, *segredo*, *vēranu-,

---

(1) Sobre a forma actual e a arcaica cf. Morfologia, na secção *Formação de palavras (Derivação)*, § 60.

(2) A forma hipotética *lacusta deve ter resultado de influência de lacu, é portanto um caso de etimologia popular (Vide adiante § 50, n.º 3).

(3) Assim se encontra por exemplo na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*; daqui resultou a actual redução do ditongo a vogal.

verão, cĭconea-, *cegonha*, dĭspensa-, *despesa*, lĭnteolu-, *lençol*, mĭsellu, *meselo*, pĭcare, *pegar*, sĭlentiu-, *seenço*, (arc.), sĭnistru-, *seestro* (arc.), *vĭncic(u)lu-, *vencelho*, foetore-, *fedor*, etc.; *i*, representante de *ī* do latim clássico, ex.: dīcere, *dizer*, fīducia-, *fiuza*, fīnire, *fīir* (arc.), mīliariu-, *milheiro*, prīmariu-, *primeiro*, rīparia-, *ribeira*, tītione-, *tição*, etc.; *o*, correspondente a ŏ, ō e ŭ latinos, ex.: *cŏcina (por cŏquina), *cozinha*, cŏllacteu-, *colaço*, dŏlere, *doer*, fŏrmica-, *formiga*, jŏcare, *jogar*, mŏlinu-, *moinho*, mŏneta-, *moeda*, sŏlanu-, *soão*, cōlare-, *coar*, rōdere-, *roer*, sŭpinu-, *sobinho* (arc.), *cŭpiditia, *cobiça*, *cŭcumeru- (por cucumere-), *cogombro*, sŭperare, *sobrar*, etc., e finalmente *u*, equivalente ao *ū* da língua clássica, ex.: mūralia-, *muralha*, *acūtiare, *aguçar*, mūtare, *mudar*, rūgitu-, *ruido*, sūdore-, *suor*, crūdele-, *cruel*, dūritia-, *dureza*, etc.; 2.º *a)* caem: o *ă* em: *bibe*, *batarda*, *gomil*, *vendiço*, *vogar*, *vogado*, *cajão*, *bondar*, *mavioso* (a par de *abibe*, *abatarda*, *agomil*, *avendiço*, *avogar*, *avogado*, *acajon* (arc.), *avondar*, *amavioso)*, *tonto*, *gume*, *bodega*, representantes respectivamente de *avibe (=aveibe-), *avitarda- (por ave tarda-), *aquimiline- (por aquimaline-), adventiciu-, advocare, advocatu-, *accasione- (pelo clássico occasione-, cf. ital. *accagione)*, abundare, attonitu-, acume-, apotheca-, e ainda no nome próprio *Vizela*, cuja forma primitiva foi Aviccella; o *e* em *namorar*, *nemiga* (arc.), *(sol) cris*, *rigonha* (arc.), *radio* (pop.), *leitoairo*, *prego*, *merger*, *patigo* (1), (pop.), *pistola* (arc.), *bispo*, *riço* (2), etc., de *inamorare, inimica-, eclipse-, *iracunnia-, errativu-, electuariu-, epigru-, emergere, hepaticu-, epistula-, episcopu-, ericiu-, etc., e no nome próprio *Grijó* (arc. *Eigrejoo)*, proveniente de *ecclesiola, etc.; *b)* taratru-, *trado*, quiritare, *cridar* (arc.), turibulu-, *tribulo*, etc.

Observação I. Tanto à língua repugnam o *e* e *i* iniciais isolados que, quando os conserva, muitas vezes os nasaliza, como se

---

(1) Acrescentem-se *pitalâmio*, que ocorre em Sá de Miranda, *petafe*, na pronúncia popular, etc.: cf. *Rev. Lusitana*, XIII, pág. 358.

(2) Segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em *Rev. Lusitana*, XIII, pág. 299.

vê em: *enxempro* ou *enxemplo* (arc.), *enxaguar, enxercito* (pop.), *inverno, enzinha* (ao lado de *azinha), enxame, enleger* (arc. e pop.), *inliçom* (arc.), *enjeitar, enxalçar* (a par do arcaico *eixalçar),* etc., de exemplu, *exaquare, exercitu, hibernu-, *ilicineu (por ilīgneu- ou iliīgnu-), examine-, eligere, electione, exjectare ou ejectare, *exaltiare, etc., ou ainda troca-o por vogal mais resistente, como em *avangelho,* ao lado de *evangelho.* Esta tendência do *e* inicial, quando não protegido por consoante, também não é desconhecida do francês, que, ao lado do *église* e *églantiear,* oferece *englise* e *englantier,* e na língua arcaica *ingal,* a par de *igal, égal* (1).

Observação II. A queda pode atingir até o *i* inicial, quando seguido de nasal, isto é, a vogal *ẽ*, como *ventor, baralhar* (a par de *embrulhar), nenho* (ao lado de *inhenho)* e *trameter* ou *tremeter,* de inventore, *invorudare por *involucrare, ingenuu- e intermittere. (Veja-se também na *Morfologia* o artigo).

Observação III. Se por um lado a língua omite por vezes a vogal inicial da palavra, quando não acompanhada de consoante que a ampare, outras acrescenta *a* ou *o* a palavras que originàriamente os não possuíam; aquela supressão e esta adição podem ser consideradas como facto meramente fisiológico ou provir de se ter tomado como artigo a vogal inicial da palavra e terem portanto origem numa causa psicológica (2). É evidente que nos verbos, tais como *ajuntar, alevantar, alimpar, alumiar, alindar, afear, acontecer* (3), *arripiar, acaentar* (arc.), *asselar* (id.), *asserenar, assossegar, achegar, alembrar, aqueixar, arromper, aventar, anegar, avogar* (arc.), *arrepender, amostrar, acalcar, atravessar, apaziguar, adormecer, assoviar,* etc., e nos substantivos *alagar* (pop.), *arrebol, atambor, atum, abuitre* (arc., a par de *buitre), anão, axufre* (arc.) (4), *abru-*

---

(1) Cf. Meyer-Lübke, *Introduccion,* etc., pág. 368.

(2) Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil. Portuguesa,* pág. 62.

(3) Em escritos antigos *contecer, gradecer, presentar,* etc., a par das actuais formas.

(4) Deduzo a existência desta forma no antigo português das suas similares, galega, *axofre* (como se vê do derivado *axofrar),* hoje *xofre,* e castelhana

nho, alardo (arc.), etc., o *a* inicial representa um fenómeno fonético *(próstese)*; é-o igualmente a supressão *(aférese)* da mesma vogal nos substantivos, *gomil, gume,* o que se conhece fàcilmente pelo seu género; já assim não sucede, porém, quando este é feminino, pois em tal caso o *a* pode representar não só a partícula, com valor de prefixo *a-*, mas também o artigo, e tratar-se tanto de próstese, ou aférese, como de aglutinação ou deglutinação do artigo; é o que se vê, por exemplo, em *alanterna* (pop.), *abespra, lameda, batarda, bibe, losma,* etc. (cf. § 49, n.º 7). Quanto a *Lisboa*, supõe Cornu (1) que a forma actual teve origem em *Alisbona, em que a troca do *u* ou *o* primitivos seria devida a influência do *l*.

2] As mesmas vogais permutam por vezes com outras, quer sob influência das consoantes com que estão em contacto, quer por assimilação ou dissimilação das que se lhes seguem: assim *e* pode passar para *a* ou para *i*, quando junto de vibrante ou lateral e das guturais ou palatais; para *o* com as labiais; e o *o* para *u*, se está em contacto com palatais, como se vê dos seguintes exemplos: 1.º *a)* verrere, *varrer*, regina-, *rainha* (mas na língua arcaica *reĩa*, ao lado de *raĩa)*, mirabilia-, *maravilha*, ceresia ou cerasia, *çareija* (2), *serrare (por serare, sob influência de serra), *çarrar* (arc.), *serrar*, resecare, *rasgar* (mas pop. *resgar* (dissimilação), errare, *arrar*, vervactu-, *barbeito*, verr(es)ascu-, *varrasco*, querimonia-, *caramunha*, *aeramine-, *arame*, *trepaliu-, *trabalho*, serviente-, *sarjento* (na língua arc. *serjente)*, per, *par* (que ocorre no português

---

azufre; dela proviria, sob influência doutra palavra, **anxofre*, donde a actual: cf. adiante n.º 3. É possível que esta se ache já representada na arcaica *exufre*, à qual poderia ter-se omitido o til indicador do som nasal.

(1) *Die portugiesische Sprache*, § 104, mas R. Kleinpaul *(Die Ortsnamen im Deutschen*, pág. 116), opina que em Olisippona, tornado *Olischbona* na boca dos Árabes, o seu ol- foi por eles confundido com o artigo, resultando de aí *Alischbona*, aliás *Alixbona:* cf. *Rev. Lus.*, 11, 333. Em documento de 1165 aparece ainda *Olixbona:* cf. Cortesão, *Onmedieval*, s. v.

(2) Assim no *Foral de Beja*, pág. 489 dos *Inéditos*. Qualquer dos dois étimos podia ter dado a forma portuguesa; embora Meyer-Lübke *(Intr.*, pág. 232) diga que esta procede do primeiro, eu com Pidal *(Origines*, pág. 78) dou preferência à segunda, que também explica o castelhano.

antigo ao lado de *por)*, * Ericetu (por Elicetum), *Arazēde*, etc. (1); illic, *ali*, illac, *alá* (arc.), *lá*, * ilicinu-, *azinho*, licere, *lazer*, locusta-, *lagosta*, etc.; *b)* eccuiste, *aqueste*, eccu- illud, *aquelo*, eccu- hic, *aqui*, eccuinde, *aquende*, *aquém*, eccuhac, *acá* (arc.), *cá*, conjugare, *cangar*, jejunare, *jajuar*, occupare, *ocupar* (arc. e pop. (2), etc.; *c)* meliore-, *milhor*, * tegulatu-, *tilhado* (pop.), seniore-, *sinhor* (id.), etc.; *d)* imagine-, *omagem* (arc. e pop.), sibilare, *assoviar*, * septimana, *somana* (a par de *semana)* (3), * depanare, *dobar*, per (4), *por*, vipera, *víbora*, etc.; 2.° cŏgnatu-, *cunhado*, rŭgitu-, *ruído*, mŭliere-, *mulher*, pŭgnare, *punhar* (arc.), etc. Deu-se a assimilação, entre outros, nos seguintes vocábulos: mentire, *mintir*, * petire, *pidir*, vestire, *vistir*, necare, *anagar* (a par de *anegar)*, ferire, *firir*, litania-, *ladainha*, bilancia-, *balança*, avitarda-, *batarda*, evangeliu-, *avangelho*, nova-c(u)la-, *navalha*, Sebastianu-, *Savaschão* (arc.), tenace-, *tanaz* (pop.), * consuetumine-, *custume*, possidere, *possuir*, etc. É devida a *dissimilação* a troca de vogais que apresentam: rubore-, *arrebol*, secretu-, *sagredo* (pop.), rotundu- (5), *redondo*, rotatore-, *redor* (a par de *rodor)*, * tonnelariu, *tanoeiro* (arc. *tonoeiro)* (6), potionea-, *peçonha*, tonsoria-, *tesoira*, seminare, *samear* (pop.),

---

(1) É frequente na linguagem popular a troca de *e* por *a* sob influência de *r*; aos exemplos acima acrescentem-se mais estes: *sarão* (de *serão)*, *farramenta*, *trabutario*, *çarrar*, *çarração*, *tarramoto*, *rassio* (arc. *ressio)*, *tramoços*, *bargantino*, *rastolho*, *rabocar* (pop.) e ainda em sílaba não inicial *saçardote*, *sacrafício*, *létara*, *sorrateiro* (de * subreptariu- por sobrepticiu-), *caçaragem*, *vésparas*, *arrafem*, *arraial* (por *arreal)*, *ásparo* (e *aspareza)*, etc.; cf. também pop. *labita* (por *levita*, isto é, sobrecasaca ou veste própria de um padre), *alifante*, etc.

(2) Sofreram a mesma alteração e por igual motivo *tijolo*, que nos deve ter vindo do castelhano, e o pop. *jijum*.

(3) Também os cultos *sopultura*, e *sopulcro* (em que se pode igualmente explicar por assimilação a passagem de *e* a *o* (= *u*), o contrário em *sapulcro*, etc.

(4) Note-se que nesta preposição a vogal foi tratada como átona, por ela se empregar na maioria dos casos subordinada à palavra imediata, isto é, devido à sua qualidade de proclítica.

(5) Já *retundus* em latim vulgar.

(6) Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos em *Rev. Lus.*, III, pág. 413.

farragine, *farrão* ou *farragem*, formosu-, *fermoso* ou *fremoso* (arc.), *maniana-, *menhã* (a par de *manhã*), divinu-, *adevinho*, divisione-, *devisão*, devotione-, *devaçon* (arc.), *devoção*, sexaginta, *sasseenta* (arc.), panaria-, *peneira*, caementu-, *cimento*, genesta-, *giesta*, tutore-, *titor* (pop.) (1), etc.

OBSERVAÇÃO I. É de crer que algumas destas permutas de vogais provenham já do latim popular; da influência que o *r* exerce num *e* vizinho, fazendo-o passar para *a*, dá-nos Probo os exemplos seguintes: passar, ansar, que, como parantalia, butumen, monomentum, optomo, cubuc(u)larius, peposci, memordi (2), fornecidos pelas inscrições e pelo latim arcaico, podem também explicar-se por assimilação e dissimilação. O terem muitos vocábulos formas idênticas em várias línguas românicas faz-nos supor que essas alterações se deram já na língua popular dos romanos; estão, por exemplo, nesse caso *arame*, *lagosta*, *salvaje*, *pássaro*, etc., a que devem corresponder *aramine-, *lacusta-, *salvaticu-, passaru, em vez de aeramen, locusta, silvaticus, passer da língua clássica. É possível que ascenda já ao latim vulgar a tendência, muito visível na linguagem do povo, para trocar por *a* qualquer vogal, especialmente *e*, que se encontre em sílaba inicial átona. Se casos há nos quais essa troca pode

---

(1) Pelo mesmo motivo: *manino* (usado também no composto *tamanino*), *rezão*, *saluço* (e *saluçar*), *pespontar*, *dezia*, *vevia*, etc., etc., e cultos *deficuldade*, *desimular*, etc.; em sílaba não inicial, entre outros vocábulos, *valeroso*, *temeroso*, *fantesia*, etc. Em *giesta* o *i* pode ter resultado de dissimilação ou de que o *e* átono antes de outra vogal soa como *i*, que ora assim se escreve (cf. *criar*), ora sob a forma de *e*, mas com aquele valor (cf. *leão*, *cear*), etc.; está no mesmo caso o *o* (cf. *coentro*, *coelho*, *poejo*, etc. = *cuentro*, etc.). Quanto a *titor*, deve admitir-se a forma intermédia *tetor*, que ocorre no *Cartulário* de D. João de Portel e outros lugares, todavia Gonçalves Viana *(Ort. Nacional*, pág. 104) é de parecer que a troca do *e* por *i*, que se observa neste vocábulo e também em *didal* e *jijum*, resultou da intenção de não encurtar estes vocábulos.

(2) Estas duas formas verbais são consideradas por Gélio como as mais antigas. Com efeito a vogal nos redobros do pretérito era *e*, devendo atribuir-se a influência do presente o *o* que depois o substituiu naqueles e outros verbos; cf. Meillet e Vendryes, *Gram. Comp.*, pág. 252.

atribuir-se a assimilação ou dissimilação, outros ocorrem que não admitem tal explicação.

Observação II. Em *prisão* (arc. *prijon*) e *mister* (cuja forma regular devia ser **meesteiro*, donde *mesteiral* e *mesteiroso*) (1), de *prensione- (por prehensione-), e ministeriu-, a passagem do *e* para *i* deve ser atribuída a metafonia (2), ao passo que no pop. *mimoria*, arc. *mizcrar* ou *miscrar* (cf. porém o regressivo *mezcra* no *Can. Aj.*, 36, 8, 14) e *minguar* (a par de *menguar*, donde *mingua* e *mengua*) de memoria, *misc(u)lare e *minificare (3) deve ter resultado de influência da labial.

Observação III. É já muito antiga na língua a troca do *i* átono por *e*, principalmente em sílaba inicial da palavra seguida de outra em que haja também *i* (dissimilação); esta troca está tanto nos nossos hábitos que pessoas cultas mesmo, quando falam descuidadamente, a praticam, sendo tida por afectada e por quase toda a gente, ainda a mais lida, rejeitada a pronunciação do *i* em vocábulos, como *vizinho*, *dividir*, *ministro*, *dizia*, etc. Em qualquer período da língua encontram-se grafias como estas: *dessimular*, *deferença*, *defamar*, *vertude*, *vertuoso*, *deficuldade*, *descreto*, *defusão*, *vezinho*, *trebuto*, etc., e, em sílaba não inicial, *restetúir*, *ponteficado*, *marterizar*, *openião*, *lágrema*, *ordenário*, etc. Note-se todavia que o *e*, quando inicial, soa *i*, pronúncia que a grafia reproduz por vezes como em *idade*, *igual* (4), *irmão*, etc., o que mostra ser ela já antiga.

(1) A condensação do -ei- em -e- leva-me a atribuir a este vocábulo procedência castelhana; cf. o que digo na *Rev. Lus.*, XIV, 64.

(2) Igual explicação deve ter o -*i*- protónico de *confissão*, *procissão*, *profissão*, representantes de confessione-, procissione-, professione; note-se todavia que tais vocábulos pertencem à língua culta.

(3) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Rev. Lusitana*, XXIII, pág. 54.

(4) Em galego, há *eidade*, a par de *edade*, e *idade*, como em espanhol antigo *edad* e *idade*; é possível que aquela primeira forma tenha resultado do cruzamento entre as duas outras. A grafia *igual* é comum também ao espanhol. Este enfraquecimento do *e* em *i*, como lhe chama Garcia de Diego na sua *Gram. Hist. Gallega*, pág. 18, aventa ele que poderá ter resultado da influência do acento secundário; cf. igualmente Cornu, *Die. ptg. Sprache*, 567. Outra explicação do *ei* de *idade* e *igual* dá Leite de Vasconcelos no vol. XIII da *Rev. Lus.*, págs. 433 e 434.

Observação IV. É devida a analogia com os nomes que principiam por *es-* a troca que se deu em *espargo*, *escutar*, *esconder*, *escuso*, *escuro*, de asparagu-, ascultare (por auscultare), absconsu- e obscuru- (1).

Observação V. Advirta-se que a influência exercida nas vogais pelas consoantes vizinhas é uma assimilação incompleta.

3] *An-* e *en-* tendem a permutar entre si, como se vê dos seguintes exemplos: *a)* antenatu-, *enteado* ou *anteado*, anguila-, *enguia* ou *anguia*, ampulla-, *empola* ou *ampola*, antenna-, *antena* ou *entena*, ant(e)parare, *amparar* ou *emparar*, anticu-, *antigo* ou *entigo*, (pop.), ant(e)oc(u)lu-, *antolho* ou *entolho* *hamiciolu- (de hamus), *anzol* e *enzol*, anthrace-, *antraz* e *entraz*, lanterna-, *lanterna*, *lenterna* ou *alenterna*, lambere, *lamber* ou *lember* (pop.), phantasma, *abantesma* ou *abentesma* (2), etc.; *b)* imperatore-, *emperador* ou *amperador* e ainda *emparador*, ringere, *renger* ou *ranger*, inter (3) *entre* ou *antre* (arc. a par de *ontre)*, jentare, *jantar* ou *jentar* (pop.), gen(e)ru, *genro*, *janro* (pop.), introitu-, *entruido* (arc.), *entrudo* e *antrudo* (pop.), *ilicina-, *enzinha* e *anzinha*, *in-tum ou *in-tunc, *então* ou *antão* (pop.), *hindurinea- (por hirundinea-), *andorinha* ou *endorinha* (pop.), etc. (4).

Observação I. Em português antigo dizia-se também *Anrique* (5), ao lado da actual pronúncia *Enrique*, nesta palavra, porém, a troca do *en-* por *an-* pode ter sido importada do estrangeiro juntamente com o vocábulo. Note-se que a permuta mencionada se estende mesmo ao interior da palavra, como se vê em *quejando*, ao lado de *quejendo*.

---

(1) Na língua arc. (cf. *Rev. Lus.*, XVII, pág. 13) ocorrem também *asperar* e *asperança*, isto é, *as-* por *es-*, troca que Leite de Vasconcelos (cf. *Fil. Mir.*, II, pág. 163) faz ascender ao latim popular sob influência provável de aspectare.

(2) Há em Ferragudo (Algarve) uma praia a que chamam da *Engrinha*, isto é, diminutivo de *angra*.

(3) Note-se que, devido à sua qualidade de proclítica, o *in-* desta preposição foi tratado como átono.

(4) Cf. ainda *anfermedade* (nas *Cantigas de Santa Maria)*, *antremês*, *ventagem*, etc.

(5) Assim se ouve ainda ao povo.

Observação II. Em algumas falas populares do país, com excepção das duas províncias ao sul do Tejo, e já desde o século xvi pelo menos, soa *ĩ-* a vogal nasal *ẽ-*, quer resultante de *ã-*, quer originária, sem dúvida pela mesma razão porque a oral *e* vale de *i* nas mesmas falas; assim ouvem-se frequentemente ao povo dessas regiões pronúncias como *imbição, sindeu, quingosta, alinterna,* etc. É talvez devido a isso que os vocábulos latinos *pendicare, vindicare, singellu-, etc., deram *pingar, vingar, singel* ou *singelo,* quando a sua transformação regular seria *pengar, vengar* (cf. o espanhol *vengar* e fr. *venger),* como diz o povo do sul, e *sengel,* que se lê num documento do *Livro dos Bens de D. João de Portel,* pág. 181. Pelo mesmo motivo, ou antes por influência literária, diz-se e escreve-se hoje *inteiro, inveja, injúria, infinda, ingratidão,* em vez de *enteiro, enveja, enjúria, enfinda, engratidão,* como regularmente diziam e escreviam os nossos antigos.

Observação III. Encontra-se também representado por *en-* o *un-* latino, como se vê dos seguintes vocábulos, pertencentes à linguagem popular: *enguento, embigo* (em Gil Vicente, i, 172, 329, 389) e *arrencar* (ao lado de *arrancar* e *arrincar),* que correspondem a unguentu-, umbilicu e runcare, mas a sua evolução natural é *on-;* atestam-no a língua antiga e ainda a popular, que diz ainda hoje, pelo menos, nas províncias do Alentejo e Algarve, *comprir, avondar, ongido* (na língua arc. *onjudo), fondar, ajontar,* etc. A passagem, que na língua culta se deu, de *on-* para *un-,* deve ter sido motivada pela «propagação da atonia do *o*, quer em sílaba oral, quer em sílaba nasal» (1).

4] Como os tónicos, também os *a* e *e* átonos iniciais, quando seguidos das semivogais *i* ou *u* e ainda consoante vocalizável, atraem estas e com elas formam respectivamente os ditongos *ei* ou *ou,* ex.: 1) basiare, *beijar,* mansione, *meijon,* (arc. ao lado de *maison),* lactuca, *leituga,* laxare, *leixar* (arc.), factura, *feitura,* Agnes, *Eines,* (arc.), *Inês,* lesione, *aleijão,* etc.; 2) altariu-, *outeiro,* habuerunt, *houveram,* capuistis, *coubestes,* sapuisse-, *soubesse,* etc.

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Fil. Mirandesa,* vol. i, pág. 243.

OBSERVAÇÃO. Sobre a troca, que também se deu no átono, do ditongo *ou* por *oi* em alguns vocábulos, vide adiante §§ 33 e 35.

5] A átona inicial, que, pela queda ou alteração da consoante intermédia, fica em contacto com a imediata, tónica ou não, quando diferente, assimila-se a ela, produzindo-se depois a fusão dos dois sons (crase), e de aí a pronúncia bastante aberta da vogal que os representa, facto que se observa sobretudo na linguagem popular, ex.: calente-, *caente, quente,* canale, *caal, cal,* palatiu-, *paaço, paço,* vagativu-, *vaadio, vadio,* sanare, *saar, sar,* (arc.), sanativu, *sadio,* calenda-, *caenda, quenda* (pop. arc.), balista-, *beesta, besta,* balistariu-, *beesteiro, besteiro,* palumbu-, *poombo, pombo,* *panatariu, *padeiro,* adoculare-, *olhar,* adorata, *orada* ([1]), *colobra-, *coobra, cobra,* magistru-, *meestre, mestre,* sagitta-, *saeta* (Cf. espanhol), *seta,* legere, *leer, ler,* sedere, *seer, ser,* tenere, *teer, ter,* videre, *veer, ver,* *cadescere, *acaecer, aqueecer, aquecer* (arc.) ([2]), radere, *raer* ou *rer* ([3]), manifestare, *mẽefestar, menfestar* (arc.), trinitate, *triindade, trindade,* etc.

OBSERVAÇÃO I. Na antiga língua ainda se faziam ouvir distintamente as duas vogais assimiladas, como se conhece pela métrica desse tempo, mas não tardou muito que se começasse a operar a fusão dos dois sons num único, a qual parece estar já realizada nos fins do século XV ou princípios do XVI; de aí resultou tomar a vogal que os representa um som bem aberto. Em todos os nomes, pois, quer comuns, quer próprios, nos quais a vogal de uma sílaba, que não é tónica, se pronuncia, com tanta ou maior força que esta, devemos supor existência primitiva de duas vogais.

OBSERVAÇÃO II. Encontra-se frequentemente nos escritores a vogal tónica, representada em duplicado, em contrário da etimologia;

([1]) Nas *Cantigas de Santa Maria* há o verbo *aorar.*

([2]) Forma igual, mas proveniente de calescere, suplantou a sua convergente, que hoje já se não usa.

([3]) Sobre o actual *vèdor,* em que o *è* está por duas vogais, como nos exemplos acima, veja-se D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e que o considera representante de dois vocábulos, venatore e *videtore *(Rev. Lusitana,* XIII, 415 e seguintes), e Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil. Port.,* pág. 150 e seguintes.

assim *poobre*, *aaz*, *jaa*, *estaa*, *daas*, *faraa*, *travees*, *estaas*, etc., em vez de *pobre*, *az*, *já*, *está*, *dás*, *fará*, *través*, *estás*, etc.; resultou isto da errada suposição de que os antigos, dobrando a vogal, queriam deste modo indicar que se devia proferir aberta.

B) mediais

27. Como as vogais que se encontram no meio da palavra podem preceder ou seguir-se à tónica por isso em relação a esta têm denominação igual à das sílabas de que fazem parte, isto é, de *protónicas* e *postónicas*. Começarei pelas

a) protónicas

28. 1] As vogais protónicas conservam-se em geral, excepto se estão precedidas de consoante a que possam encostar-se, formando com ela grupo, o que na maioria dos casos só sucede, quando a vogal é *i* e a consoante alguma destas: *m*, *n*, *l*, *r*, *s* ou *z*, proveniente de *-ci*, ou obstam a que formem grupo as consoantes entre as quais se acham, ex.: 1.º ornamentu-, *ornamento*, juramentu-, *juramento*, mirabilia-, *maravilha*, *monisteriu- (1) (por monasteriu-), *moesteiro* (arc.), *mosteiro*, *circinare, *cercear*, nominare, *nomear*, preconariu-, *pregoeiro*, *precuntare, *preguntar*, devotione-, *devoção*, peculiare, *pegulhal* ou *pegulhar* (arc.), etc.; 2.º *a)*, bonitate-, *bondade*, limitare, *lindar*, poenitentia-, *pendença* (arc.), *repaenitere, *arrepender*, senicu, *sengo*, *penicellu- (por penicillu-), *pincel* (2), *salicariu-, *salgueiro*, *belitate,

---

(1) Esta forma, exigida pelo português e outras línguas, deve ser devida a apofonia (cf. outros casos em Niedermann, *Phonétique historique du latin* pág. 14 e seguintes; mas, a par de *moesteiro*, encontra-se na língua antiga também *moasteiro* que, a meu ver, tanto pode provir daquele como do primitivo monasteriu-), a actual resultou do ensurdecimento do *-e-*, como no futuro e condicional do arc. *poer*.

(2) Neste e noutros vocábulos nos quais a protónica está precedida de nasal pode explicar-se também o seu desaparecimento pela sua absorção pela que a precede, quando igual a ela, assim *lĩidar*, *lindar*, etc. Na *Virtuosa Bemfeitoria*, pág. 136, ocorre *definçom* por *definição*.

beldade, *solidata-, *soldada*, delicatu-, *delgado*, *rolutare (por *rotulare), *roldar* (arc.), *rondar*, *mol(u)dare (por modulari), *moldar*, caballicare, *cavalgar*, *merimellu-, *marmelo* (1), amaricare, *amargar*, veritate-, *verdade*, *paretinariu-, *pardieiro*, hereditare, *erdar*, experimentare, *espermentar* (pop., ocorre em Sá de Miranda), *auctoricare, *outorgar*, *consuetumine-, *costume*, *requaesitare, *requestar*, *verecunnia- (por verecundia-), *vergonha*, etc., *b)* litteratura, *letradura* (arc.), *latericulu- (por laterculu-), *ladrilho*, *reiterare, *redrar*, *comperare (por comparare), *comprar*, etc.

Observação I. O *a* que se observa em *caramunha* não provém a meu ver, do *i* protónico de querimonia-, mas desenvolveu-se posteriormente, como noutros casos idênticos (vide § 49,7), de *carmunha*, que também se usa (2).

Observação II. A mesma propagação da atonia do *o*, que já se notou nas iniciais, observa-se também nas protónicas, como se vê em *confundir*, *escomungar*, etc., vocábulos a que correspondem na língua arcaica *cofonder* e na popular *escamongar*.

Observação III. A queda ou persistência da vogal protónica pode servir-nos de critério para avaliarmos da época da entrada das respectivas palavras no léxico português, devendo ter-se por mais antigas e pertencentes ao fundo da língua as que a perderam e mais modernas, talvez de introdução literária, as que a mantêm; estão neste caso *sesmo*, *vesgo*, *mossegar* e *sossegar* (antes *sessegar*), respectivamente representantes de *seximu, *versicu, morsicare e *sessicare (3). Palavras há até, como *sendeiro* e *semedeiro*, *coudel* e *cabedel*, que apresentam as duas fases; (cf. § 45, A) 1, 2, B, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º).

---

(1) A verdadeira forma greco-latina é melimelum, a dada acima resulta da dissimilação e o *l* dobrado deve ser analógico com os nomes em *ellus* (cf. espanhol *membrillo)*, pois, se fosse simples, não se manteria.

(2) Cf. o jornal *A Época*, de 31-3-925 (artigo do Dr. Miunças).

(3) São dados por D. Carolina Michaëlis os étimos *versicu- e *sessicare: cf. Körting, *Rom. Worterbuch*, s. v. e Leite de Vasconcelos, *Lições*, pág. 362.

2] Como as iniciais também as protónicas, quando desiguais, são assimiladas às tónicas, dando-se depois a fusão numa única bem aberta das duas vogais, primitivamente iguais ou tornadas tais depois, ex.: *caeda* (part. do arc. *caer), queeda, queda,* *excadescere, *escaecer* (arc.), *esquecer,* regalengu-, *regaengo, regueengo, reguengo,* legitimu-, *leidimo, lidimo,* medicina-, *meezinha, mezinha,* cupiditia-, *cobiiça, cobiça* (1), palatianu-, *paação, pação* (arc.), * falacariu-, *faagueiro, fagueiro,* etc.

b) postónicas

29. 1] Devido à tendência da língua a evitar os proparoxítonos, a postónica cai, sempre que está precedida ou seguida de consoante que possa formar grupo com a vogal que a precede ou segue, ex.: virĭde-, *verde,* asĭnu-, *asno,* pulĭca-, *pulga,* medĭca-, *melga,* opera-, *obra,* teneru-, *tenro,* lepŏre-, *lebre,* manĭca-, *manga,* oc(u)lo-, *olho,* domĭna-, *dona,* domitu-, *dondo* (arc.), limĭte-, *linde,* comĭte-, *conde,* semĭta-, *senda,* umĕru-, *ombro,* serĭcu-, *sirgo,* pilŭla-, *perla,* vetĕru-, *vedro* (arc.), copŭla-, *cobra* (arc.), regŭla-, *relha* ou *regra,* *jiniperu-, *zimbro,* gallicu-, *galgo,* erĕmu-, *ermo,* cumĕru-, *combro,* amĭtes, *andes* (arc.), *andas,* littĕra, *letra,* etc. (2).

Observação I. Absorvendo a vogal postónica, o latim vulgar continuou apenas um processo já conhecido da língua clássica, que escrevia e de certo pronunciava: saeclum, hercle, caldus, surgo, calmus, ermus, virdis, postus, domnus, em vez de saeculum, hercule, calidus, surrigo, calamus, eremus, etc. (3). Note-se,

---

(1) É escusado advertir que a antiga língua conserva por vezes as vogais primitivas, que posteriormente foram assimiladas; assim, por exemplo, num documento dos fins do século XIII (*Livro dos Bens de D. João de Portel,* págs. LXXIX e LXXXIV) lê-se ainda *escaecimento, acaecer* como também na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (séc. XV) ocorre *escaentar,* I, 186, etc.

(2) Cf. *Mafara, Mafera* e *Mafora* no referido *Livro dos Bens,* etc., hoje Mafra.

(3) Sobre a síncope da vogal em latim consulte-se Niedermann, *Phonétique,* pág. 32 e Sommer, *Handbuch der lat. Laut-und Formenlehere,* § 86.

porém, que em muitos casos a queda da vogal deu-se em época já adiantada da língua vulgar, depois do abrandamento da consoante que a seguia, como se vê por exemplo em *galgo, cavalgar, manga, melga, salgueiro, delgado*, etc., aliás aquela consoante teria permanecido inalterada.

Observação II. Não obstante a antipatia da língua pelos proparoxítonos, ainda ela conserva grande número deles, se não de proveniência, pelo menos de transmissão popular, tais são, por exemplo, estes: *érvodo, víbora, lídimo, dízima, dívida, hóspede, pêssego, lágrima, côvado* (pop. *côvedo), Evora*, etc., de arbŭtu-, vipĕra-, legitĭmu-, decima-, debĭta-, hospĭte-, persĭcu-, lacrĭma-, cubĭtu-, Ebŏra-, etc.; creio, porém, que muitos devem a sua conservação a emprego restrito ou a influência literária, pois os mais usados de proparoxítonos que eram tornaram-se paroxítonos, como *pego, bago, parvo, perigo, povo*, dantes *pegoo, bagoo, parvoo*, etc. Levado por essa antipatia, o povo, sempre que o vocábulo o permite, passa-o de proparoxítono a paroxítono e assim diz *bibra, neva, noda, tava*, em vez de *víbora, névoa, nódoa, tábua*, etc.

Observação III. Como nas protónicas, a manutenção ou não da vogal postónica pode servir-nos de critério sobre a maior ou menor antiguidade das palavras: cf. por exemplo, *malha* e *mágoa, artelho* e *artigo* (antes *artigoo)*, etc.

2] Também como as iniciais e protónicas, a vogal postónica, posta em contacto com a tónica, em virtude da queda de consoante intermédia, assimila-se a ela, se lhe não é igual, e as duas contraem-se numa única: assim o arcaico *mogo*, cujas formas anteriores devem ter sido *moogo* e **moago* (1), como representantes de monacu-. Vejam-se mais exemplos nas

c) Finais

30. Como se viu atrás, as quatro vogais latinas $\breve{e}$, $\bar{e}$, $\breve{\imath}$, $\bar{\imath}$, que, quando tónicas, deram três sons diferentes e dois, quando átonas,

(1) Cf. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusitana*, III, pág. 174.

agora em fim de palavras, reduziram-se a um único, *e*, ex.: unde, *onde*, hodiē, *hoje*, quindecĭ(m), *quinze*, dixī, *disse*, etc. O mesmo acontece a ŏ, ō, *ŭ*, ū, que, quando finais, fundiram-se numa só, *o*, que soa *u*, ex.: citŏ, *cedo*, quomodō, *como*, lignŭ-, *lenho*, fructū, *fruto*, etc.

1] Geralmente falando, as vogais finais ou que se tornaram tais pela queda de consoante final persistem em português, excepto o *e* e por vezes também o *o* (no latim *e, i, o*), quando precedidos de alguma das consoantes mencionadas no § 28, 1, como podendo encostar-se à vogal precedente, ex.: 1) domna-, *dona*, aquila-, *águia*, sepe-, *sebe*, vite-, *vide*, laetitie-, *ledice*, confido, *confio*, vacivu-, *vazio*, etc.; 2) *a)* queda do *-e:* capitale, *cabedal*, sale-, *sal*, canale-, *cal*, sali(t), *sal* (arc.), crudele-, *cruel*, fidele-, *fiel*, debere, *dever*, *partire, *partir*, mare, *mar*, dolore-, *dor*, amore, *amor*, *amarit, *amar*, secure, *segur* (1) e mais nomes terminados em -le ou -re; mense-, *mês*, (posi(t), *pôs*, quaesi, *quis*, pense(t), *pês* (arc.), e nomes em *ês-* de -ense; cruce-, *cruz*, vorace-, *voraz*, aurifice-, *ourivez*, foce (por fauce), *foz*, *narice-, *nariz*, pane-, *pam*, cane-, *cam*, poni(t), *pom* (arc.) e nomes que na antiga língua terminavam em *-om* de -one-, etc., *b)* queda do *-o:* capitellu-, *coudel* (a par de *cabedel* e *cabedelo)*, *singellu- (por singulus), *sengel* (arc.), annellu-, *anel*, *tunnellu-, *tonel*, *vascellu-, *baixel* (também *vaxelo*, arc.), *pincellu, *pincel*, pĭce-, *pez*, *serpullu-, *serpol*, *hamiciolu-, *anzol*, linteolu-, *lençol*, *lusciniolu-, *rouxinol*, *cochleolu- (2), *caracol*, ministeriu, *mister*, *amaro (por amavero), *amar*, *debero, *dever*, *partiro, *partir*, ad duru-, *adur* e *aduro* (arc.), *avestrutiu- (por avis struthio), *abestruz* (3) * torquatiu- (por torquatu-), *torcaz*, solatiu-, *solaz*, etc.

---

(1) Também *segure* e *segura*, decerto por causa do género feminino da palavra.

(2) Vide Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.*, II, pág. 364.

(3) Mas o simples struthio também se usava, mostra-o o galego arc. *estruz* (cf. *Cantigas de Santa Maria*, n.º CXXXVI), afora o provençal *estrus* ou *estrutz*, italiano *struzzo*, etc.

Observação. A queda do *o* final depois do *r* e *l* dobrado, deve, a meu ver, no primeiro caso, ter resultado umas vezes de próclise (como no arc. *for,* que se usava na frase *a for de,* a par de *em foro de),* outras de analogia (assim a 1.ª pes. do futuro do conjuntivo tornou-se semelhante à 3.ª), no segundo, atribuir-se a influência francesa ([1]), língua em que é normal aquela queda, nas circunstâncias referidas, tendo depois *-el* evolucionado em *-eau.* Assim tenho por genuìnamente nacionais aqueles vocábulos, quer comuns, quer próprios, em que o *-o* se mantém, afora algum caso raro de próclise, como *bel* e *Castel* em *belprazer* e *Castelbranco,* grafia antiga e ainda hoje apelido, e como estranhos os que o perderam; são exemplos de ambos, entre outros, os seguintes: 1) *castelo, cutelo, farelo, martelo, cabedelo, escabelo, murzelo, novelo,* etc.; 2) afora os citados, *batel, cinzel, cordel, donzel,* etc.

Note-se que, entre os nomes em *-el* alguns há, como *corsel, vergel, lusbel,* etc., que só aparentemente fazem parte do grupo, sendo o *l* resultante de um primitivo *r* (dissimilação). Por vezes até ocorrem as duas formas, como se vê em *chapeu* (antes **chapel;* cf. os respectivos derivados em *-eiro, -aria* e *-ada),* e nos próprios *Alportel* e *Portel, Mourel* e *Souzel,* a par de *capelo* ([2]), *Portelo, Mourelo* e *Souzelo.*

Devem igualmente ser de importação estranha ou de formação posterior *anzol, rouxinol, caracol, lençol,* etc., nos quais contra a regra (cf. § 4.°, E, 2) o *-l-* se mantém, o que se não dá, por exemplo, em *avô, avó, Paçô, Grijó, Vinhó,* etc., onde entram igualmente os sufixos *-olus* e *-ola.*

([1]) Pidal é de opinião que a apócope do *-o* seja devida a influência árabe sobre a fala dos mozárabes, opinião que confirma com abundantes exemplos tomados da «toponímia da que foi Espanha muçulmana até o século x»: cf. *Origines del Español,* pág. 198.

([2]) O antigo castelhano, segundo Valdez, a par de *chapeo,* possuiu também *chapelo* e o seu diminutivo *chapelete,* não desconhecido igualmente da nossa língua, que lhe prefere *chapeleta.* Ao lado destas formas, de proveniência francesa, o espanhol, como nós, tem *capelo* e a mais *capelete,* que deixou de usar-se. A todas estas designações, porém, creio ter antigamente sido preferida por portugueses e espanhóis a de *sombreiro.*

2] As vogais finais que, pela queda de consoante intermédia, ficaram em contacto com a tónica ou postónica ou estão separadas delas apenas por uma ressonância nasal, fundem-se com estas na língua moderna (1), ex.: periculu-, *perigo,* articulu-, *artigo,* baculu-, *bago,* *aviolu-, *avô,* matiana, *maçã,* *maniana, *manhã,* tene(t), *tem,* veni(t), *vem,* donu-, *dom,* bonu-, *bom,* unu-, *um,* al(i)qu'unu-, *algum,* etc., antes: *perigoo, artigoo, bagoo, avoo, maçãa,* etc.

Observação I. Da antiga métrica reconhece-se que a princípio as duas vogais faziam-se ouvir na pronúncia, não tardou, porém, muito a sua absorção, que já se fazia, embora se continuasse a dobrá-las na escrita. Conquanto tal não conste dos documentos, afigura-se-me que a preposição *sem* e os nomes próprios em *-im,* como *Chamoim, Aboim,* ou *Avoim,* etc., estão por **sẽe,* **Chamoĩi, Aboĩi,* etc. Também na antiga terminação *-õe* resultante de udĭne-, o *-e* representa, a meu ver, o *ĭ,* que antecede o *-n-* e tinha absorvido o *-e.*

Observação II. Sobre a manutenção do *-e* e *-i* em certas formas verbais da antiga língua veja-se a *Morfologia.*

3] Se *-e* e *-o,* finais de origem ou tornados tais posteriormente, vêm a pôr-se em contacto com a tónica, em consequência da queda de consoante intermédia, formam com ela os ditongos decrescentes: *-ai, -ei, -oi, -au* e *-eu,* ex.: amate, *amai,* patre-, *pai,* sede, *sey* (arc.), lege-, *lei* (2), bo(ve)-, *boi,* dole(t), *doi,* rodi(t), *roi,* palu-, *pau,* malu-, *mau,* vadu-, *vau,* ego, *eu,* caelu, *ceu,* etc.

(1) A fusão numa única (ou crase) de duas vogais, idênticas ou tornadas tais, quer finais, quer protónicas, era já feita pelo latim vulgar que dizia, por exemplo: anticus, cardus, cocus, ecus, innocus, mortus, cortem, coperire, prendere, aretem, etc., em vez de antiquus, carduus, coquus, equus, innoquus, mortuus, etc., seguindo deste modo a tendência, que, parece, já existia na língua arcaica, a evitar o hiato; do próprio latim clássico não era desconhecido tal processo, a ajuizar das grafias *anticus, equs, sequntur,* etc. Cf. Niedermann, *Phonetique Historique du Latin,* pág. 56 e Sommer, *Lat. Laut-und Formenlehre,* § 94, 3.

(2) Neste vocábulo tanto pode ter-se dado a queda da consoante intervocálica como a sua vocalização: cf. § 40; depois o *i,* dela resultante, teria atraído o *-e;* em favor da primeira hipótese está a grafia *lee* (= *lei*), que ocorre no *Foral de Beja,* Inéditos, pág. 450.

Observação I. Nalgumas falas populares mudam-se por vezes em *-i* não só o *-e* originário, mas também o paragógico, dizendo-se, por exemplo, *fomi, arvi* (1), *arrati, soli, pei* (2) (donde o plural *peis*, cf. o latim pedes e o arc. *pees)*, por *fome, árvore, arrate, sol, pé;* igualmente, quando nasal, o *-e* perde por vezes a respectiva ressonância, assim *virge, baje* ou *baja, verte* em lugar de *virgem, vagem, vertem* (3).

Observação II. Na grafia do século xiv ocorre ainda *-i* em *viinti, eiri* e até em vocábulos em que originàriamente não existia, como *longi, sangui*, etc.

Observação III. O português moderno apresenta por vezes *-e*, em lugar de *-o* do antigo: assim *firme, contente, rude, covarde, apetite, donaire, bosque, mote, deleite, combate, baile*, etc., antes: *fermo, contento, rudo, covardo, apetito, donairo, bosco, moto, deleito, combato, bailo* (4), etc., mais em harmonia com as formas de origem; semelhante troca deve ter resultado da influência de outras em *-e*. Ainda hoje ocorrem ambas, porquanto, a par de *arranque, deslustre, desvaire, encaixe, encalhe, estanque, realce, traje*, etc., existem *arranco, deslustro, desvairo, encaixo, encalho, estanco, realço, trajo*, etc. Quanto ao *-e* que, em vez de *-o*, apresentam os vocábulos: *segre* (arc.), *mestre, temple* ou *tempre* (arc.), *colbe* (arc. hoje *golpe)*, etc., resulta ele de os nomes em que se encontra terem sido importados do francês ou provençal, línguas em que tal facto é regular, mas nos dos quatro últimos meses do ano deve ter predominado a analogia com os restantes, excepto *abril;* o galego todavia conserva o *-e* primitivo.

---

(1) As várias fases donde resultou esta forma são *árvore, arvre* e *arve* (dissimilação).

(2) Cf. também *dey, estey*, que ocorrem no *Canc. Geral*, ou *dei*, em Fr. Luís do Monte Carmelo, *Ortografia*, correspondente a *dem, stem.*

(3) Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 101.

(4) O povo, assim como preferiu *balhar* a *bailar*, também diz *balho* e não *baile*. Mas, ao lado daquela forma, existe também *balha*, na locução *trazer à balha*, sobre a qual pode consultar-se Leite de Vasconcelos, *Lições de Linguagem*, pág. 18 e seguintes e *Gralho depenado*, pág. 23.

Observação IV. A terminação *-am* dos verbos correspondente à latina -ant, passou de simples vogal nasal a ditongo, também nasal, na língua moderna. Igual evolução sofreu o antigo *-om*, quer pertencente à terceira pessoa do plural dos pretéritos, ainda conservado nalgumas falas populares, quer desinência de substantivos. Note-se, porém, que embora, segundo parece, já no século xv, a terminação *-am* se tivesse ditongado, conservava-se ainda no imediato a antiga pronúncia, quando o verbo se achava seguido de palavra enclítica; é o que se deduz das grafias: *chaman-te, han-de,* etc., ao lado de *mostrão, mareião,* etc., que, entre outras, se observam em Camões.

Observação V. Devido a próclise, caiu a sílaba ou vogal finais nos seguintes imperativos: *guar-te, far-te, che-te, tir-te, cal-te,* os quais estão por *guarda-te, farta-te, chega-te, tira-te, cala-te.* Igual queda e pelo mesmo motivo deu-se em muitos vocábulos e até em alguns nomes próprios, como os seguintes, em que houve supressão já da sílaba final: *fidalgo, frei, sor, cem, são, gram, recem, segum, en* (arc.), *porém, mui, quam, aquém, além, Bernal, Fernão, Martim, Mem, Fonseca, Monforte, Mombeja, Monreal* (arc. hoje *Monte Real), Pai* (arc.), *Reimão,* etc., já da simples vogal final: *cas* (na antiga locução *a* ou em *cas* (1), *val* (cf. *Valverde, Valbom,* etc.), e nos toponímicos, *Caslopo, Cas Lourédo,* etc., *dom, for, mal, fim, bel, Castel,* os quais todos são formas encurtadas de: *filho d'algo, freire, sorôr, cento, santo, grande, recente, segundo, ende* (arc.), *porende, muito, quanto, aquende, alende* (arc.), *Bernaldo* (dissimilação de *Bernardo), Fernando, Martinho, Mendo, Fonte Seca, Monte Forte, Monte Beja, Monte Real, Paio, Reimondo* (arc. hoje *Raimundo), casa, vale, dono, foro, malo, fino, belo, Castelo.*

Hiato

31. É assim chamada, como se sabe, a junção de duas vogais, semelhantes ou diferentes. Ora, porque essa junção pode provir já do

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Fil. Mirandesa,* I, 444.

latim ou ter-se dado dentro da língua pela queda de consoante intermédia, por isso divide-se o hiato em *latino* e *românico*. Tanto num como noutro a tendência é para o seu desaparecimento.

a) Hiato latino. Como este é constituído pelas semivogais *i* ou *u*, os vários modos por que ele se desfez estão intimamente ligados à maneira como ambas foram tratadas: vejam-se, pois, os §§ 47 e 48.

b) Hiato românico. Desapareceu este por alguns dos seguintes modos: 1.º fundindo-se numa só as duas vogais, a átona na tónica, se são originàriamente iguais, como em *ter, ler, ver, ser,* etc., dantes *teer, leer, veer, seer,* etc., ou se tornaram tais pela assimilação, como em *esquecer, pomba, mestre,* etc., de *escaecer, *paomba, maestre,* etc., 2.º caindo uma das vogais, absorvida por consoante precedente da mesma natureza, como em *anjo, rijo,* antes *angeo, *rigeo,* etc., 3.º ditongando-se a vogal tónica pela adjunção de um *-i-* antes da átona final, como em *teia, ceia, feio,* etc., de *tea, cea, feo,* etc.: cf. §§ 26-5, 28-2, 29-2, 30-2, 20-1. Obs. I.

Observação. A linguagem popular continua ainda a desfazer ambos os hiatos pelos mesmos processos de que antes se serviu, como se vê em *paito, contrairo, histoira, glóira, premo, fema,* etc., por *pátio, contrário, história, glória, prémio, fêmea,* etc. Cf. também § 29-1. Obs. II.

32. Embora a tendência da língua seja para fazer desaparecer o hiato, ainda o português hodierno o mantém em grande número de vocábulos, como os seguintes: *pia, dia, fio, rio, rédea, fêmea, negócio, nua, atribuo, pior, real, prear,* etc.

Observação I. Não obstante essa tendência, o povo cria hiatos por vezes, ajuntando, talvez por analogia com outros vocábulos, a vogal *i* a *-a* ou *-o* finais; assim diz: *alfácia, escádia, asílio, clúbio,* etc. Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na *Rev. Lusitana,* III, 167 (nota 2): cf. ainda § 35, ditongos *au, eu,* etc. Obs. I.

Observação II. É bem sabido que o dialecto beirão, com o fim de evitar o hiato, costuma intercalar um *-i-* entre dois *aa* seguidos, um final, outro inicial de palavra, dizendo *à i aula* por *à aula;* a mesma vogal, porém muito mais atenuada, interpõe o algarvio nas

mesmas condições: *cá i há, é i ele, é i a Maria, é i o homem* (1). A vogal *u* é também em certas regiões intercalada, no intuito igualmente de desfazer o hiato existente na terminação *-oa,* dizendo-se, por exemplo, *boüa* em vez de *boa,* que é a pronúncia mais usual, mas a par disso noutras partes interpõe-se um *i* nos verbos de igual terminação: assim *perdoia,* em vez de *perdoa:* cf. sobre o assunto Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une Dialectologie,* pág. 96.

Ditongos

33. Os ditongos podem, como o hiato, ser *latinos* ou *românicos,* conforme provêm já do latim ou se formaram dentro do romance. Dos *latinos* os principais são: ae, oe, au, eu; destes, os dois primeiros reduziram-se, ainda na língua clássica, às vogais *é* e *ê,* segundo vimos e nos atestam as grafias celebs, sepes, seta, etc., ao lado de caelebs, saepe e saeta, etc., resta-nos, pois, falar dos dois últimos.

1] au. Este ditongo, quer tónico, quer átono, acha-se geralmente representado por *ou,* 1) aut, *ou,* auru-, *ouro,* tauru-, *touro,* mauru-, *mouro,* causa-, *cousa,* raucu-, *rouco,* cautu-, *couto,* paucu-, *pouco,* lauru-, *louro,* thesauru, *tesouro,* audio, *ouço,* etc., 2) *ausare (por audere), *ousar,* autumnu-, *outono,* audire, *ouvir,* clausura, *chousura* (arc.), laurariu, *loureiro,* pausare, *pousar,* lauretu-, *Louredo,* etc.

Observação I. É escusado advertir que o ditongo latino au se mantém em palavras da língua culta; sobre o tratamento que ele sofre na boca do povo veja-se o § 35.

Observação II. O ditongo *ou,* quer latino, quer românico, alterna na língua moderna com *oi,* dizendo-se hoje indiferentemente *ouro, touro, cousa, couro, tesoura, agouro,* etc., ou *oiro, toiro, coisa, coiro, tesoira, agoiro,* etc.; não sucedia, porém, assim na antiga, que mantinha a distinção, imposta pela diversa proveniência dos dois

(1) Cf. pág. 25 e também a frase popular *or'i essa,* que está por *ora essa* e se ouve frequentemente ainda fora daquela região.

ditongos, dizendo *ou*, se representava o latino au, mas *oi*, se tal não era a sua origem, isto é, quando românico; parece que a pronúncia *oi* era no século XVI peculiar aos judeus, porquanto Gil Vicente, que distingue *ou* de *oi*, isso não obstante, põe *oi* na boca dos que apresenta nalgumas das suas farsas. Na passagem para *ou* de ditongo au, passagem que parece ter-se realizado depois do século X, deu-se o mesmo fenómeno que entre *ai* e *ei*, isto é, o *a* aproximou-se do *u*.

OBSERVAÇÃO III. Em algumas palavras o ditongo au assim tónico, como átono, reduziu-se a *o* no latim vulgar, redução esta já conhecida do clássico, como o demonstram as formas Clodius, Plotius, alosa, clostrum, coda, plostrum, ao lado de Claudius, Plautius, alausa, claustrum, cauda, plaustrum, e testificam os vocábulos portugueses *orelha*, *coa*, *pobre*, *foz*, *chostra*, *lorbaga*, *Croyo* (arc.), *Lordelo*, *Orelhão*, etc., que supõem os latinos oric(u)la-, coda-, *popere-, foce-, clostra-, *loribaca, Clodiu-, *loritellu-, Orelianu, etc. (1). Também os verbos arcaicos *choir*, *goir*, *loar*, *oir* e o substantivo *couve*, devem provir não de claudere, *gaudire, laudare, audire e caule, mas de clodere *godire, *lodare, *odire e *cole, pois só assim se explica a queda do *-d-* e *-l-* § 40, B, 2, E, 2; nestas formas desenvolveu-se cedo entre o *-o-* e a vogal imediata outra da natureza daquela, isto é, *u*, resultando daí o ditongo *-ou-*, cujo último elemento por sua vez produziu outro *u* que não tardou a consonantizar-se (2). O mesmo ditongo, quando átono e em princípio de palavra, perdia o segundo elemento, se na sílaba tónica havia vogal idêntica (dissimilação), como mos-

---

(1) Cf. Niedermann, *Fhon.*, pág. 41 e Sommer, *Lat. Laut-und Formenlehre*, § 66.

(2) O desenvolvimento de um *u* depois doutro originário, quando seguido de vogal, e mais tarde a sua consonantização eram fenómenos já conhecidos do latim, que escrevia *duo*, *pluo*, mas pronunciava *du-v-o*, *plu-v-o*, etc.: Niedermann, *Phonétique hist. du latin*, pág. 86 e Sommer, *Latein. Laut-und Formenlehre*, § 95. O mesmo em francês, como se vê em *jouir*, *louer*, *ouir*, dantes *joir*, *loer*, *oir*, e com *-v-* consoante *bouvard* e *pouvoir*, evolucionados de *bouard* e *pouoir*. Note-se que o galego possui ainda as nossas formas intermédias *louar* e *ouir*: cf. Nunez, *Dic. Gallego-castelhano*, s. v. O mesmo cita como ainda existentes as formas

tram os vocábulos *agoiro*, *agosto* e arc. *ascuitar*, que assentam sobre *aguriu, agustu e ascultare (1).

OBSERVAÇÃO IV. A palavra *gozo* (donde *gozar*), em que o *-au-* originário de gaudiu está representado por *-ô-*, deve provir do castelhano, que, a par daquela forma mais usual, possui também a mais regular, *goço*. Cf. Pidal, *Gram. Esp.*, § 53, 3, e adiante *au, eu, iu, ou*, Obs. III (no fim).

2] eu-. Deste ditongo, que já em latim ocorria em mui restrito número de palavras (2), raros vestígios existem na língua portuguesa, esses mesmos a pouco mais se reduzirão do que aos nomes próprios *Olalha* (também *Ovaia* (3), *Vaia* e *Valha*) *Osebio* ou *Osevio* (4) e comum *légua*, nos quais o ditongo, por ser átono e inicial, reduziu-se a simples vogal nos três primeiros (5) e manteve-se no

---

choer e *choir*. Um composto deste, *enchoir*, emprega Afonso X numa das suas *Cantigas de Santa Maria* (n.º 359 do *Can. Col. Br.*), dizendo assim:

Salve-te, que enchoisti
Deus, gran, sen mesura,
En ti e d'ele fezisti
Hom'e criatura.

Mas, segundo parece, se não pelo mesmo tempo, pouco depois já se usava *chouvir* e *gouvir* (cf. Morais, s. v.), verbos que por fim desapareceram, restando do último apenas o regressivo *goivo*, mas hoje no sentido de flor.

(1) Encontram-se em escritos ou inscrições as duas últimas formas; a primeira deduz-se dos seus representantes românicos: cf. Grandgent, *Latin Vulgar*, § 228 e Sommer, *opus laudatum*, § 77, 5.

(2) Só nas interjeições, como *eu, heu*, é que ele existia, a sua entrada na língua deu-se no tempo de Augusto, sob influência grega; cf. *Captivi*, edição de M. Niemeyer, pág. 64 (nota ao verso 586).

(3) Esta forma e as duas imediatas devem provir de *Olália; depois da queda do *-l-* (cf. § 39 E, 2), por se achar o *-o-* nas mesmas condições que os verbos citados atrás, produziu-se fenómeno idêntico. Opúsculos III, 413.

(4) Têm carácter semi-literário estas duas formas do mesmo vocábulo, a genuìnamente popular deve ter sido *Zevo*, que figura como nome de homem no *Onomástico medieval*, de Cortesão, e vem talvez de *Osevo;* cf. no mesmo *Oseviz*, que se me afigura patronímico daquele.

(5) Cf. também os pop. *Ofema, Ofraisa*, em que o ditongo *eu-* está igualmente representado por simples *o-*, que no Sul soa fechado, note-se, porém, que

último por motivo contrário, tendo-se contudo a figurativa transposto para além da consoante, transposição que deve ser bastante antiga, como se infere do abrandamento da consoante intervocálica [1].

34. São *românicos*, isto é, provieram da combinação de duas vogais, das quais a segunda ou fora tal originàriamente, mas pertencera à sílaba imediata nuns casos, noutros estivera separada da primeira pela interposição de consoante, que depois caiu, ou resultara de vocalização de consoante, os ditongos seguintes: *ai*, *ei*, *oi*, *ui*; *au*, *eu*, *iu*, *ou*.

Observação. Sobre a sua formação, vejam-se os §§ 18, 2, 19, 2, 20, 1 obs. I e 2, 22, 2, 40, B, 2, 3, D, 1, E, 2, 43, A, 1, 44, 1, 45, B, 3, 47, A, b e B.

35. Sua condensação ou resolução em vogais. Como sucedeu aos latinos, também os românicos, devido ao maior esforço com que um dos seus elementos é proferido, têm tendência a reduzirem-se a simples vogais, ainda mesmo quando tónicos, e assim efectivamente aconteceu por vezes a alguns, em épocas mais tardias nuns do que noutros. Operou-se essa redução nos seguintes:

êi perdeu o primeiro elemento, quando átono e fazendo parte da sílaba inicial da palavra, quer estando só, quer precedido de consoante; deixou cair o segundo, quando tónico e seguido de consoante, ex.: 1.º *a) eigreija* (arc.), *igreja*, *eiró* (arc.), *iró*, *ẽimigo*, *eimigo*, *imigo* (arc.), *eisento* (id.), *isento*, *eixido* (arc.), *ixido*, *aixada*, *eixada* (arc.), **ixada* (id.), *enxada*, **eixó*, *ixó* (arc.), *enxó*, *eixugar*, **ixugar* (arc.), *enxugar*, **eixoito*, **ixoito*, *enxoito* ou *enxuito* (arc.), *enxuto* [2], *Einés* (arc.), *Inés*, *Eidãia* (arc.), *Idanha*, *Eiria* (arc.), *Iria*; *b) peior* (arc.), *pior*, *peió* (arc.), *pió*, *peixote*, *pixote*, *reial* (arc.),

---

tanto este nome próprio *Eufêmea*, como os citados acima, provenientes de Eulália e Eusébio, pertencem ao grego; no mesmo caso está leũca, que foi pelo latim tomado ao gaulês.

[1] Igual transposição observa-se nalgumas formas populares; cf. adiante § 35; ditongos *au*, *eu*, *iu*, *ou*, Obs. v, é, porém, mais provável que o latim recebesse aquele vocábulo com a transposição já realizada na língua originária.

[2] O galego conserva ainda o ditongo em vocábulos que persistem no português, mas com aquele reduzido a simples *i*, tais são: *eigreja*, *eiroa*, *eidade*, *eigido*, *eijada*, *eijola* (note-se que ao nosso *x* corresponde o seu *j*). A antiga

rial, leitiril, litaril (arc.), *a-leijão, lijom* (arc.), *a-leijar, lijar* (arc.); 2.° *feeito* (arc.), *feito* (arc.), *feto, cereija* (arc.), *cereja, cerveija* (arc.), *cerveja, igreija* (arc.), *igreja, Tareija, Tareja* (arc.) (1).

Observação I. Sobre a nasalização do *i-*, proveniente de *ei-*, em *enxada, enxó*, etc., cf. § 26, 1 Obs. I e 3 Obs. II.

Observação II. A redução do ditongo *ei* a *ê* continua a operar-se nas falas populares de parte da província de Trás-os-Montes, quase toda a Beira e regiões do Sul, com excepção de Lisboa, onde soa *ai:* cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie portugaise*, pág. 109. O actual *rixa* afigura-se-me não proveniente do antigo *reixa*, mas vocábulo literário.

ai, oi ou *ui*, quando seguidos de consoante, quer tónicos, quer átonos, perderam o segundo elemento, quando de vogal e átonos, o primeiro nos seguintes ex.: 1.° *a) baixo, baxo* (pop.), *graixa, graxa, faixa, faxa, caixa, caxa* (pop.), **poitro* (arc.), *potro, coixa, coxa, coixo, coxo, roixo, roxo, froixo, froxo, *doice* (arc.), *doce, abuitre* (arc.), *abutre, buinho* (2) (arc.), *bunho, chuiva* (arc. e pop.), *chuva, escuitar* (pop.), *escutar, fruito* (arc. e pop.), *fruto, cuido* ou *coido, cudo* (arc. e pop.) (3), *loito* ou *luito* (arc. e pop.), *luto, loita* ou *luita, luitar* (arc. e pop.), *luta, lutar, entroido* ou *entruido* (arc. e pop.), *entrudo, enxuito* (arc.), *enxuto, truita* (ainda pop.), *truta, ventuira, ventura, *cuime* (arc.), *cume* (4), *muito, mũto* (pop.);

---

forma *aixada* (e seu derivado *aixadoos*, por *aixadões?)* ocorre num documento do século XIV, publicado por P. de Azevedo in *Rev. Lusit.*, XIII, 14. Sobre *eiró* e *piô* (hoje *piós)*, cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *ibidem*, III, págs. 114 e 180.

(1) Nestes quatro últimos exemplos o *i* foi decerto absorvido pela consoante seguinte de natureza igual. Da evolução do ditongo *ei* em *i* ocupou-se Leite de Vasconcelos nos volumes XII, págs. 143-4 e XIII, págs. 433 e 434 da mesma publicação, explicando no primeiro dos volumes citados a razão da sua vocalização em *lição*, que, segundo ele, diverge da dos outros vocábulos.

(2) Escrito *boynho*, no *Livro da Montaria*, a págs. 98 a 100.

(3) Também *cudado, cudar, descudar-se*, e *cudoso*, em Sá de Miranda.

(4) Alguns dos vocábulos mencionados conservam ainda em galego o primitivo ditongo *oi*, tais são, por exemplo, *coitelo, enjoito, froito, loito, antroido* ou *entroido, loita*, mas também lá ocorrem *butre, pujar, doce*, etc.; o espanhol ainda mantém *buitre*. A forma *cudo* ocorre já na antiga língua: *Rev. Lusit.*, VIII, 262; o povo diz também *cudar* por *cuidar*.

b) paixão e *paxão* (pop. e arc.), *compaixão, compaxão* (idem), *caijão* (a par de *aqueijom*, arc.), *cajão* [1], *faisão* [2], *fajão* (pop.), *cuitelo* (arc.), *cutelo*, *muigir (arç.), *mugir* ou *mungir*, **puisar* (arc.), *puxar;* 2.° *adaião* (arc.), *dião, baioneta, bioneta* (pop.), *poial, pial* (pop.).

OBSERVAÇÃO I. Nos vocábulos em que a seguir ao *i* se encontra *x* a queda daquela vogal parece dever-se atribuir à sua absorção por esta consoante.

OBSERVAÇÃO II. O segundo elemento do ditongo *ai* caiu também em *maor*, vivo no povo, donde *moor*, por assimilação vocálica e por fim *mor*.

au, eu, iu, ou deixam cair o segundo elemento, quando átonos, ou tornados tais, por fazerem corpo com as que se lhes seguem (próclise ou ênclise) as palavras em que entram, mantendo as vogais deles resultantes o som que tinham antes ou passando a surdas, ex.: 1.° *a) autor, átor* (pop.), *autoridade, átoridade* (id.), *aumento, amento* (id.), **mauzão, mázão* (id.); *b) paulito, palito, apousento, aposento, apousentar, aposentar, apouquentar, apoquentar;* 2.° *a) mau, má (homem*, pop.), *teu, tê (pai*, id.), etc., *b) apareceu, aparecê-(lhe), partiu, parti-(se), feriu, feri-(se), mostrou, mostrô-(lhe)*, etc.

OBSERVAÇÃO I. A redução que o povo principalmente faz nestes ditongos é já antiga, sobretudo nos casos de próclise e ênclise [3],

---

(1) Desta forma e outras, representantes do latim occasione, que se encontram em textos portugueses, trata D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos na *Rev. Lusit.*, III, 130.

(2) É semi-literária esta forma, a verdadeiramente popular *feijão*, ocorre nos Roteiros, cf. Morais e adiante 38, 6, Obs. II.

(3) Cf. por exemplo *má (livro* II, 110, *doairo, fadairo, trintairo*, 248, etc.) em Gil Vicente; *somete-se, parti-se, acho-os*, etc., na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 31, 16, 42. Em *D. João de Portel*, pág. LXXVII, lê-se *egas* por *eugas* ou *éguas*. Veja-se Cornu, *Gram. der port. Sprache*, § 322. A redução de *au* a *a*, ainda quando tónico, parece ascender já ao latim vulgar, a ajuizar das grafias Cladius e Glacus, encontradas em inscrições: cf. Sommer, *opus laudatum*, § 66.

a que, porém, acusam *bôbo* e *escopro* (1) deve ter-se realizado dentro do castelhano, que a pratica regularmente (cf. *otro, oro, soto,* etc.) e donde importamos estes vocábulos.

Observação II. Em palavras da língua culta o povo transfere às vezes para imediatamente depois da consoante que se lhe segue o segundo elemento do ditongo *au*, quando tónico, dizendo, *álua, cásua* (2), *flátua, pásua, pátua, Lárua,* etc., por *aula, causa,* etc.

Observação III. O ditongo românico *au* foi tratado como o latino, isto é, deu *ou* em: *coudel, boutizar* (arc.), *ousia* e pop. *ougar* (3), a par de *caudel, bautizar* (arc. e pop.), **ausia* e *augar.*

Observação IV. O ditongo *ou* reduz-se a *ô* na língua popular das mesmas regiões em que *ei* se pronuncia *ê*, e assim se encontra por vezes escrito (4), todavia não é raro, também na escrita, o fenómeno oposto, isto é, a representação por *ou* de um simples *o*, como em: *hou, oulá, oulhar, ouceano, oucioso, oufano, ouliveira, oupinião, ouriginal, ouvo, ouveiro. Oudivelas, Ouvidio,* etc., que hoje soam: *ó, olá, olhar, oceano, ocioso,* etc.; é possível que os autores de tais grafias tivessem em vista representar desse modo o som que em alguns dialectos, o algarvio, por exemplo, tem o *o* naquelas condições, isto é, inicial átono (5). Quanto a outros vocábulos em que

---

(1) A forma genuìnamente portuguesa deve ter sido *escoupro*, que ainda vive em galego; deduz-se isso de *escoupero*, citado por Viterbo, em que o suarabácti deve ter resultado da influência de palavra assim terminada; o *escoparo*, porém, de Gil Vicente (II, 135) supõe um **escopero*, tirado do *escopro*, por processo idêntico.

(2) Esta forma ocorre já na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 372. Em *cuàtela* em vez de *cautela*, deu-se apenas a inversão das componentes do ditongo, devido sem dúvida à sua atonicidade.

(3) Sobre este verbo e seu composto *desougar* leia-se o que a citada romanista diz no seu excelente trabalho sobre *Mestre Giraldo e os seus Tratados de Alveitaria* e *Cetraria*, inserto no volume XIII, da referida *Revista Lusitana.*

(4) Por exemplo, na tradução do *Martirológio Romano*, de 1679, lê-se *troxerão*, a pág. 161.

(5) Cf. a citada senhora na obra acabada de mencionar s. v. *ouveiro*. Note-se contudo que em mirandês é normal a ditongação do *o-* nas condições ditas, isto é, quando átono — inicial, e que não a desconhece igualmente o galego, como se pode ver em Leite de Vasconcelos, *Filologia Mirandesa*, I, págs. 240 e 241.

se dá o mesmo fenómeno, poderá este explicar-se por analogia; é o que talvez aconteceu a *ouriente*, com o seu antónomo *ouciente*, que, evolucionado de **oiciente*, se encontra em antigos escritos e *ourina* com *ouro*, devido à semelhança de cor entre o líquido e o metal. Na língua arcaica encontra-se também *prouximo*, mas esta forma deve ter sido precedida por estoutra **proiximo:* cf. § 33, 1, Obs. II.

Observação V. Sobre as modificações sofridas pelos ditongos ascendentes ou crescentes *ua, ue, uo* cf. § 47, B e Obs. III.

Observação VI. O ditongo nasal *ão*, quando átono ou em próclise, perde na boca do povo o segundo elemento, mas o primeiro, se é final: assim: 1.º *mãcheia* (também *macheia)*, *sãzinho*, *nã*, *(seja)*, etc.; 2.º *orfo*, *orgo*, *orego*, *Estevo* (1), etc.

CAPÍTULO IV

Consoantes

Tratamos já das consoantes portuguesas, que estudamos debaixo dos dois aspectos: o tempo mais ou menos longo gasto na sua emissão e os órgãos que nela representam papel mais saliente. Ora, como as nossas consoantes são representantes das latinas, antes da história de cada uma em especial, convém que delas nos ocupemos em geral.

36. Possuía a língua latina, afora os grupos *ch*, *ph* e *th* de origem grega, que se reduziram respectivamente a *c*, *p* e *t*, as consoantes que constam do seguinte quadro:

(1) Cf. ainda *nãja* ou *nanja* e *Faro* (cidade), antes *Fárão*.

Modo de articulação		Lugar da articulação	Labiais	Dentais	Guturais
Oclusivas		sonoras	b	d	g
		surdas	p	t	c (k, q)
Constritivas	fricativas	sonoras			
		surdas	f	s	
	vibrantes	sonoras		r	
		surdas			
	laterais	sonoras		l	
		surdas			
	nasais	sonoras	m	n	n
		surdas			

Observação I. A respeito das consoantes latinas é conveniente ter em vista o seguinte: 1.° o lugar da articulação das guturais varia, como atrás se disse, com o timbre da vogal que se lhes segue: se esta é *e* ou *i*, a articulação dá-se na parte anterior do palato, quando *a*, a língua toca-o na sua parte média, e finalmente com *o* ou *u* essa articulação realiza-se na parte posterior do mesmo órgão, pelo que aquelas consoantes podem ser ao mesmo tempo *prepalatais*, *mediopalatais* e *postpalatais* ou *velares*. Parece que a língua latina arcaica diferençava na ortografia estas três posições diferentes, representando a prepalatal por *c*, a mediopalatal por *k* e a postpalatal por *q*, esta diferença, porém, se realmente existiu [1], cedo desapare-

[1] O Sr. Dr. Oliveira Guimarães (*Manual de Filologia Latina*, pág. 12, n.) põe em dúvida a distinção gráfica de que acima se fala, outros porém admitem-na, assim Juret (*Manuel de Phonétique Latine*, pág. 33, n.) afirma que a princípio se

ceu, vindo o *c* a representar o som da gutural nas três posições, restringindo-se o emprego do *k* apenas a algumas raras siglas e passando o sinal *q* a ser usado apenas na combinação *qu*, representante da gutural surda labializada, em palavras como q u i, q u i n q u e, q u o d, etc.; 2.º O latim possuía também duas espécies de *l*, um *palatal*, outro *velar* [1]; conforme o lugar da sua articulação residia ou nos incisivos superiores ou no véu palatinal. Dava-se o primeiro no princípio de palavra ou, quando dentro dela, se estava seguido de *i* ou de outro *l;* o segundo verificava-se no fim de palavra e, dentro desta, antes de *e*, *a*, *o*, *u* ou consoante que não fosse outro *l;* 3.º O *f*, que entre nós é dentilabial, isto é, articula-se, aplicando os incisivos superiores sobre o lábio inferior, fora originàriamente bilabial ou proferido, aplicando o lábio superior sobre o inferior; 4.º A nasal *n* era gutural, isto é, tinha, segundo Nigídio (apud Gell. XIX, 14, 7), um som entre *n* e *g*, quando estava seguido desta última letra ou de *qu*, conforme o testemunho do gramático Mário Vitorino. Por esta razão, em vez da grafia a n g u l u s, a n c e p s, etc., o poeta Ácio pretendera que se escrevesse à grega a g g u l u s, a g c e p s. Igual som, que no quadro atrás está representado por *n*, tinha a mesma nasal, quando se achava precedida pela gutural, como em d i g n u s.

OBSERVAÇÃO II. No quadro precedente não figuram: 1.º *h*, que, tendo sido antes uma fricativa gutural surda, veio depois a converter-se num simples som laríngeo, produzido pela fricção do ar através as cordas vocálicas, donde o nome de *nota aspirationis* que os gramáticos latinos lhe dão: este mesmo sopro, que no princípio da palavra era muito fraco e no meio quase imperceptível, veio cedo

---

empregava de preferência *c* antes de *e*, *i*, *k* antes de *a*, mas não tardou — acrescenta — que *c* vencesse *k*. Niedermann na sua *Phonétique Historique du Latin*, pág. 9, dá-a como certa e positiva.

[1] Rigorosamente falando, os gramáticos romanos falam em três espécies de *l*, a saber, o *exilis*, o *plenus* e o *pinguis*, termos hoje para nós obscuros, parece, porém, que sob as duas primeiras denominações entendiam o que chamamos *velar;* cf. sobre o assunto E. H. Sturtevant, *The pronunciation of greck and latin*, págs. 79 e 80, Lindsay, *The Latin Language*, págs. 86 e seguintes e Grandgent, pág. 186 ou § 288.

a desaparecer em ambas as posições (1); 2.º *j* e *v*, que são os sinais gráficos modernos, representativos dos sons consonânticos que em certos casos tomavam as vogais *i* e *u* e eram muito parecidos com os que se ouvem em *pio* e *quatro*, por exemplo; 3.º *z*, que é uma fricativa dental sonora e era entre os latinos usada apena nos nomes estranhos, nos quais valia por um som composto, *ds* (com *s* brando); 4.º *x*, que era igualmente um sinal ortográfico representativo de um som composto, *cs* ou *gs*.

Observação III. No latim vulgar algumas das consoantes sofreram modificações. Assim: o *b*, como se infere das inscrições, passou, já na primeira metade do primeiro século, à classe das fricativas, a princípio quando intervocálico, depois no princípio de palavra, embora nesta última posição só em parte do império romano; o *c* e *g*, se estavam seguidos das vogais prepalatais *e* ou *i*, aproximaram-se delas, tornando-se igualmente prepalatais, transformação esta que, tendo começado muito cedo, no dialecto ômbrio, com o *c*, parece estava já realizada por toda a parte, com excepção de um pequeno território, a Sardenha (2), aí pelos séculos VII (3) ou VIII; das semi-vogais, o *i* tomou o som semelhante ao *g*, nas condições acabadas de indicar, e o *u*, mudando de ponto de articulação, passou à fricativa *v*, vindo assim a preencher a falta que havia, para o quadro ficar completo (4), de uma sonora correspondente ao *f*. As guturais prepalatais costumam indicar-se pelos sinais *c'* e *g'*.

Observação IV. Se compararmos o quadro precedente com o que vem atrás a pág. 27, notaremos que, além da fricativa *v* e das palatais *c'* e *g'*, cuja origem acabamos de indicar, este possui a mais os seguintes sons: *ch* e *z* (que se ouvem, por exemplo em *chave*, *xarope*, *casa*, *juízo*, etc.), isto é, duas fricativas também, uma surda

---

(1) É o que se deduz da sua queda e nula influência em vocábulos tais como: nemo, debeo, praeda, diribeo, etc., cf. Niedermann, pág. 78.

(2) Aqui o *c* e *g* mantêm ainda os primitivos sons, herdados decerto dos que ocuparam a ilha no ano 250 antes de Cristo; cf. Lindsay, pág. 88.

(3) Já neste ocorrem grafias, como paze por pace; cf. o mesmo a pág. 85.

(4) Havia já correspondência nas oclusivas *p-b*, *t-d*, *k-g* e nas semi-oclusivas č-ǧ (tipo de ital. *ci*, *ragio)*; cf. Meillet, *Hist. lang. latine*, 292.

ch ou *x*, outra sonora *z* e ainda o *n* e *l* molhados, na escrita *nh* e *lh*, ambas palatais, nasal uma, lateral outra, perfazendo assim ao todo os dezoito sons principais da língua literária.

37. Destas consoantes latinas, pois, sem ou com alterações mais ou menos sensíveis, provêm as portuguesas, devemos, porém, notar que em algumas destas a pronúncia actual diverge da antiga, como veremos adiante. Dessas alterações as mais importantes consistiriam: ou na passagem, dentro da mesma família, de forte ou surda a branda ou sonora, ou na permuta, entre famílias diferentes, com outra de igual natureza, isto é, de branda com branda, ou na redução a vogal, ou finalmente no seu completo desaparecimento, para o que contribuiu sobretudo o lugar por elas ocupado na palavra.

Com efeito, enquanto nas vogais o seu destino depende principalmente de serem ou não acentuadas, nas consoantes as várias modificações por elas sofridas são, na maioria dos casos, devidas à sua posição na palavra, e acharem-se sós ou em grupos e ao lugar da articulação.

Observação. Os grupos são ou *latinos* ou *românicos:* os primeiros já assim vieram do latim, os segundos resultaram da supressão duma vogal, como se vê em clavis, flamma e sup(e)rare, ovic(u)la.

A posição, que é ora *inicial*, ora *interna*, ora *final*, pode classificar-se de *forte*, quando a consoante inicia a palavra ou, se dentro dela, quando se acha precedida de outra ou de ditongo, e *fraca*, sempre que se dá entre vogais. Esta circunstância é muito importante, porquanto dela depende em grande parte a sorte das consoantes, sendo que estas mantêm-se em geral na posição forte, apenas reduzindo-se a simples quando geminadas, com excepção do *r* e *s* (cf. §§ 38, 39, 41, 42), e alteram-se na fraca, alteração que pode ir desde o abrandamento, como acontece às oclusivas e constritivas, até o desaparecimento, que atinge sobretudo o *-d-*, o *-l-* e o *-n-* (cf. §§ 40, B, 2, E, 2, F, 2, 42).

Persistem portanto as iniciais, quer simples, quer agrupadas, e as que, sendo internas, por se acharem precedidas de consoante pertencente à sílaba anterior, se encontram em circunstâncias idênticas às daquelas, isto é, em princípio de sílaba, exceptuando das primeiras aqueles grupos nos quais a segunda consoante é *-l-*, caso em que

tendem a palatizar-se, e intercalando por vezes as segundas uma consoante de natureza igual à primeira do grupo (cf. §§ 39, *a* 2, 42, 2, 45, B, 4); permutam com outras ou ainda caem as internas simples, e das finais ou tornadas tais pela queda de vogal subsequente só se mantêm as que, como *l*, *r*, *s* e *n*, são susceptíveis de encostarem-se à vogal que as antecede. Vejamos pois, a sorte das consoantes em harmonia com a sua posição na palavra e segundo estavam sós ou acompanhadas de outras diferentes ou iguais.

CONSOANTES INICIAIS

1.º Simples:

38. As consoantes iniciais simples continuam a persistir em português geralmente sem alteração, como mostram os exemplos seguintes:

A) Oclusivas:

1.º — *P:* pacare, *pagar*, pace-, *paz*, patre-, *padre*, *pai*, pausare, *pousar*, paucu-, *pouco*, pectu-, *peito*, pede-, *pé*, poenitensia-, *pendença* (arc.), perdice-, *perdiz*, piru-, *pero*, posticu-, *postigo*, potione-, *poção*, pulica-, *pulga*, putare, *podar*, etc.

Observação. A transformação excepcional do *p-* em *b-*, que se nota em *bostela*, *abrunho* e *abantesma*, de *pustella- (por pustula-, mudança de sufixo), pruneu- (scil. malum) e phantasma é, a meu ver, devida a um caso de fonética sintáctica, isto é, a adjunção do artigo ou *a* protésico àqueles nomes, adjunção que fez passar o *p* de inicial a interno, posição esta em que aquela transformação é regular (vide § 40, A 1); troca igual certamente pelo mesmo motivo, faz o povo do sul nos vocábulos *postigo* e *pescoço* da língua culta, os quais altera em *bestigo* e *bescoço*.

2.º — *B:* baca-, *baga*, boca-, *boga*, baculu-, *bago*, badiu-, *baio*, basiu-, *beijo*, *battere (por battuere), *bater*, bene, *bem*, benedicere, *benzer*, bibere, *beber*, bonu-, *bom*, bove-, *boi*, bucca-, *boca*, etc.

Observação. Embora menos frequente do que no intervocálico, não é sem exemplo a troca do *b* por *v* também no inicial, como se vê em *vidoeiro* e no arc. *vozĩa* ou *vozinha*, representantes dos latinos *betulariu- e bucīna- (por bucĭna-, influência do sufixo

-ĭnus), é todavia possível que, como disse atrás, no primeiro destes vocábulos tenha influído *vide* e no segundo *voz;* no entanto esta troca, que foi já notada por Duarte Nunes de Leão, que pertence ao século XVI, e outros gramáticos, persiste ainda nalgumas regiões do país, especialmente do Mondego para o Norte, havendo contudo mais tendência para se empregar o *b* por *v* do que este por aquele.

3.º — *T:* tabanu-, *tavão*, tabula-, *tábua*, thalamu-, *tamo* (arc.), tauru-, *touro*, teg(u)la-, *telha*, tempu-, *tempo*, tepidu-, *tíbio*, timore-, *temor*, titione-, *tição*, *torcere (por torquere), *torcer*, turdu-, *tordo*, turpe-, *torpe*, etc.

4.º — *D:* damnare, *danar*, dare, *dar*, debere, *dever*, dece(m), *dez*, defensa-, *devesa* e *defesa*, delicatu-, *delgado*, diabolu-, *diabo*, diaconu-, *diago* (arc. conservado em *arcediago)*, dicere, *dizer*, donare, *doar*, dulce, *doce*, duplu-, *dobro*, duracĭnu-, *durázio*, etc.

5.º — *C:* caballu-, *cavalo*, cadere, *caer* (arc.), *cair*, calce-, *couce*, campana-, *campãa* (arc.), *campa*, canas, *cãs*, cane-, *cam* (arc.), *cão*, capillu-, *cabelo*, *colobra- (por colubra-), *cobra*, complere-, *comprir* (arc.), *cumprir*, corvu-, *corvo*, corpu-, *corpo*, cunic(u)lu-, *coelho*, cupiditia-, *cobiça*, cupa-, *cuba*, etc.

Observação. A existência noutras línguas românicas de *gato*, *gamela*, *gaiola*, *gorgulho*, de cattu-, camella-, *caveola- e *curculiu- (por curculio), leva-me a crer que a transformação do *c* inicial em *g* nestas palavras ascende já ao latim vulgar, note-se, porém, que *gaiola* não tem cunho popular, foi talvez importada do antigo francês, que dizia *gaole*. Igual permuta acusa também o substantivo *gola*, que deve certamente provir de colla, plural de collum. Quanto ao actual *golpe*, do latim colaphu-, a troca do *c* inicial por *g* parece ter-se dado já dentro da língua, pois o antigo português, que decerto foi buscar o termo ao francês, onde então soava *colp*, dizia *colpe*, a par de *colbe*. É possível que o mesmo tenha acontecido em *gorpelha* ou *golpelha*, que evidentemente é um representante de corbicula e deve ter sido precedido por *corbelha*, formado aqui ou tomado também do francês. Foram igualmente importados desta língua os vocábulos em que, como *chapéu*, *charrua*, *chefe*, *chantre*, etc., o *c* inicial acha-se representado por *ch*.

6.° — *G:* gallicu- (scil. canis), *galgo,* gutta-, *gota,* gothu, *godo,* gubernare, *governar,* gubia-, *goiva,* gurdu-, *gordo,* gustu-, *gosto,* etc.

B) Constritivas:

a) *Fricativas:*

1.° — *F:* faba-, *fava,* facere, *fazer,* facie-, *faz* (arc.), *face,* facticiu-, *feitiço,* *fibella- (por fibula)-, *fivela,* fastidiu-, *fastio,* feminina-, *fêmea,* feroce-, *feroz,* fide-, *fé,* filiu-, *filho,* filare, *fiar,* folia-, *folha,* fusu-, *fuso,* etc.

Observação I. *Hediondo* de *foetibundu- deve provir do espanhol, língua em que ao *f* inicial corresponde modernamente *h:* cf. *hacer*, *hijo,* etc., de antes *facer, fijo,* etc.

A troca do *f* por *b* em *buraco,* proveniente, segundo parece, de foramen, com substituição do sufixo *-men* por -accu- (em vez de -acu-) poderá ter talvez explicação idêntica à de *bostela,* etc. (cf. § 38, A, 1.° e c, 1.°), admitindo-se a forma intermédia **voraco,* note-se contudo que igual troca fez, além do galego, também o castelhano, que substituiu o antigo *h,* representante do *f,* pelo actual *b,* embora mantenha *furacar,* de que nós também usamos e a mais o seu composto com o prefixo *es-*, a par de *esburacar,* que é o mais frequente (1).

Observação II. A letra grega φ acha-se representada nos textos latinos arcaicos por *p,* o que quer dizer que os Romanos a pronunciavam sem aspiração (2), seguindo portanto a evolução desta consoante, como se vê em *pargo, rabão,* etc., que supõem pagrus, rapanus, etc.; ao contrário palavras como *feijão* (3),

---

(1) Com a mesma significação que *furaco* empregava a antiga língua *furado,* a meu ver, um particípio tornado substantivo, como tantos outros cf. *Morfologia,* § 55, A.); correspondia-lhe *horado* em castelhano arcaico.

(2) Foi só no Império que em Roma se introduziu o uso de aspirar tanto, esta como o Θ e o X, uso, porém, que não penetrou no povo; sobre o caso cf. Lindsay, págs. 54, 59 e Niedermann, 64.

(3) Representa esta forma tanto *phaseolanus ou *faseolanus o legume, como phasianus, a ave hoje conhecida pelo nome de *faisão,* de aspecto semi-culto; é portanto um *convergente.*

freima, etc., só muito mais tarde se introduziram na língua, segundo mostra o *f* inicial.

2.º — *V:* vacca-, *vaca,* vacare, *vagar,* vacivu-, *vazio,* vadu-, *vau,* vagativu-, *vadio,* valeo, *valho,* vanu-, *vão,* variu-, *veiro* (arc.), *vario,* velu-, *veu,* vena-, *veia,* venire, *vir,* *ventana-, *ventãa* (arc.), *venta,* *veranu-, *verão,* verecundia-, *vergonça* (arc.), verruca-, *verruga,* vita-, *vida,* vite-, *vide,* voce-, *voz,* etc.

Observação I. Encontra-se por vezes *v-* representado por *b-;* a razão disso está principalmente na confusão que se estabelece entre as duas consoantes ainda no latim vulgar, confusão que continua a persistir, como ficou dito (§ 38-A, 2, Ob.); são exemplos desta troca, entre outros, os seguintes: *bodo, boda, bodivo* (arc.), a par de *vodo, voda, vodivo* (arc.), *baixel, barbeito,* pop. *barrer* e *bassoira, bexiga, abanar, bainha, buitre* ou *abuitre* (1) de votu-, vota-, votivu-, *vascellu- (diminutivo de vasculum, que já o é de vas), vervactu-, verrere, versoria-, *vessica (por vesica), *vannare (em vez do clássico vannere: cf. *fidare e *confidare, etc., por fidere, confidere), vagina, vulture. Em *bibora* de vipera, que se lê em Sá de Miranda e vive no povo sob a forma *bibra,* deve o *b-* ter resultado de assimilação. Quanto ao arc. *femença,* em que o *v-* (vehementia) está representado por *f-,* é difícil a explicação do facto, no entanto Cornu *(Die port. Sprache,* § 167) atribuí-a a contracção.

Observação II. A maneira como os germanos pronunciavam o seu *w* inicial, isto é, como *g* (2) *(= gue),* parece ter influído, e em época já bastante antiga (3), na transformação que se operou no *v-* das palavras: *goráz* (arc.), *golpelha* e *gastar,* de vorace-, vulpec(u)la- e vastare. Igual transformação realiza o nosso povo

---

(1) Todavia a forma mais antiga parece ter sido *avuitor,* pelo menos assim se lê em C. V. n.º 321.

(2) Testemunho indirecto desta pronúncia dá-nos Paulo Diácono, quando diz em I, 9: «Wodan sane, quem, adjecta littera, Guodan dixerunt», etc. Cf. Dauzat, *Histoire de la langue française,* pág. 168.

(3) Pelo menos assim leva a crer a troca de *v* por *g* que a maioria das línguas românicas faz nos representantes de vulpe- ou seu dim. vulpecula e vastare.

com o galego e castelhano nos cultos *vomitar* e *vômito,* que ele diz *gometar* e *gómeto,* aqui, porém, o caso afigura-se-me esporádico, portanto independente da pronúncia germânica.

3.º — *S:* sagu-, *saio,* salute-, *saúde,* sapere, *saber,* sardina-, *sardinha,* saxu, *seixo,* secare, *segar,* seta-, *sêda,* site-, *sede,* seminare, *semear,* sentire, *sentir,* solere, *soer,* sonare, *soar,* sucare, *sugar,* sup(e)rare, *sobrar,* etc.

Observação I. Excepcionalmente encontra-se *c* por *s* em *cerrar* de *serrare (por serare), talvez resultante de confusão com igual forma, mas de sentido diferente; a esta troca atribui M. Pidal a influência andaluza (1), todavia ela não era estranha ao galego e provençal antigos, como se depreende de grafias do tempo (2).

Observação II. A palatização do *s*-, de que nos oferece não poucos exemplos o galego hodierno e era também já conhecida do espanhol antigo, que a representava por *x*-, raros vestígios deixou em português; são dela exemplos apenas os arcaicos *xe* e *xufre,* de sibi e *sulf(u)re, tendo-a motivado o *i* vizinho, da pronúncia mourisca (3), pois nos populares *chacho* e *Xancho* é devida a assimilação. A par de *soar* existe *zoar,* mas aqui o *z*- deve ser onomatopaico.

4.º — *C:* caecu-, *cego,* caelu-, *ceu,* cena, *ceia,* centu(m), *cento,* cervu-, *cervo,* cibare, *cevar,* circa, *cêrca,* cista-, *cesta,* cito, *cedo,* *citrea-, *cidra,* civitate-, *cividade* (arc.), *cidade,* etc.

Observação. Não é clara a transformação do *c'* em *ch* que se nota em *chícharo* e *chisme,* de *ciceru- (por cicero-) e cimice-, todavia o facto não é exclusivo do português, observa-se igualmente no francês e castelhano: cf. *chiche chinche* (comum também à nossa língua).

5.º — *G'* e *J:* gelare, *gear,* geminu-, *gêmeo,* gemere,

---

(1) *Gram. Hist. Española,* § 37, 2 b.

(2) Cf. Cornu, *Gram. der ptg. Sprache,* § 174 c. V. Crescini, *Manuale... agli Studi provenzali,* pág. 24.

(3) Cf. G. Viana, *Fonologia histórica portuguesa,* na *Rev. Lus.,* II, pág. 322 e seguintes.

gemer, gen(e)ru-, *genro*, genesta-, *giesta*, gen(i)tivu-, *gentio*, genuc(u)lu-, *geolho* (arc.), *joelho*, gibbu, *gebo*, etc.; 2.º jacere, *jazer*, jactare, *jeitar*, ou *geitar*, (arc.), januariu-, *janeiro*, ja(m), *já*, jantare, *jantar*, jejunare, *jejuar*, jocu-, *jogo*, judiciu-, *juízo*, juliu-, *julho*, Julianu-, *Gião* (arc.) (1), etc.

Observação I. Sobre a queda excepcional de *g-* em *irmão*, no latim germanu, veja-se § 40.

Observação II. Em *zimbro*, a par de *jimbro*, de jiniperu-, deu-se a troca de *j* por *z*, troca da qual a língua popular de hoje oferece alguns exemplos, tais são, entre outros, estes: *zenebra*, *zingarilho*, a par de *genebra*, *gingarilho*. Troca inversa faz o povo, quando diz *jambujeiro*, por *zambujeiro*; essa troca, porém, é aqui talvez devida a assimilação.

b) Vibrante e *Lateral* ou *Líquidas:*

1.º — *R:* radiu-, *raio*, radice-, *raiz*, ratione-, *razão*, recipere, *receber*, rege-, *rei*, ripa-, *riba*, rivu-, *rio*, rota-, *roda*, ruptu-, *rôto*, etc.

2.º — *L:* laborare, *lavrar*, lacte-, *leite*, lancea-, *lança*, latu-, *lado*, lectione-, *lição*, legere-, *ler*, litt(e)ra-, *letra*, libru-, *livro*, lupu-, *lôbo*, luce-, *luz*, etc.

Observação. A grafia antiga *ruço* mostra que este adjectivo não pode provir de russu-, mas antes de luteu-; é possível contudo que aquele tenha influído na troca por *r-* que se deu neste.

c) Nasais:

1.º — *M:* mac(u)la-, *malha*, magistru-, *mestre*, malu-, *mau*, man(i)ca-, *manga*, matre-, *madre*, *mãe*, medicina-, *mezinha*, mediu-, *meio*, meliore-, *melhor*, mensa-, *mesa*, mentire, *mentir*, minutia-, *miúça*, milia-, *milha*, molere, *moer*, moneta-, *moeda*, mora-, *amora*, mordere, *morder*, musca-, *mosca*, monachu-, *mogo* (arc., substituído pelo provençal *monge)*, mula-, *mua* (arc.), *mula*, muru-, *muro*, mutu-, *mudo*, etc.

---

(1) A par desta forma ou *Jião*, há *Juião* e *Ilham*; esta última é a que, precedida de *dom*, predomina (apenas uma vez *dom Jullyam)* num texto que publiquei no volume XXII da *Rev. Lus.*, págs. 141 a 169; sobre a 1.ª e a 3.ª cf. págs. 81 e 82. A par desta há ainda *Ulhão* no composto *Santulhão*.

OBSERVAÇÃO. Ascende talvez já ao latim vulgar a troca do *m* por *n* em *nêspera,* que o clássico dizia mespilum; pelo menos assim faz crer a existência em quase todas as línguas românicas de formas com *n* e não com *m.* Vide Körting *s. v.*

2.° — *N:* nanu-, *anão,* *narice-, *nariz,* natica-, *nádega,* navigiu-, *navio,* nebula-, *névoa,* nitidu-, *nédio,* nive-, *neve,* nidu-, *ninho,* nob(i)le-, *nobre,* nocte-, *noite,* nodu-, *nó,* notula-, *nódoa,* etc.

OBSERVAÇÃO. Em *mastruço* encontra-se o *n* originário representado por *m,* como, porém, essa troca seja comum igualmente ao sardo e espanhol, afigura-se-me que ela se teria operado já no latim vulgar.

2.° **Agrupadas:**

39. Os grupos de consoantes podem dividir-se em *próprios* ou *impróprios:* os primeiros são constituídos pela combinação das exclusivas ou da fricativa labial surda com qualquer das líquidas, os segundos os que não estão neste caso.

a) grupos próprios:

1.° — *pr-, br-, tr-, dr-, cr-, gr-, fr-,* passam inalterados para português, ex.: *pr-),* pratu, *prado,* praecone-, *pregão,* preceptu-, *preceito,* praeda-, *prea,* prehensu-, *preso,* primariu-, *primeiro,* profectu-, *proveito,* prora-, *proa,* etc.; *br-),* bracas-, *bragas,* brachiu-, *braço,* breve-, *breve,* bruchu-, *brugo,* bruttu-, *bruto,* etc.; *tr-),* trabe-, *trave,* tradere-, *traer* (arc.), *trair,* trag(u)la-, *tralha,* trans-, *trás,* tributu-, *trevudo* (arc.), tructa-, *truta,* *trulea-, *trolha,* etc.; *dr-),* dracone-, *dragão,* etc.; *cr-),* credere, *crer,* crinic(u)la-, *crencha,* cruce-, *cruz,* crudele-, *cruel,* crudu-, *cru,* etc.; *gr),* grac(u)lu-, *gralho,* granatu-, *grado,* glute-, *grude,* granu-, *grão,* graecu-, *grego,* grege-, *grei,* *gruu (por gruis), *grou,* etc.; *fr-),* fratre-, *frade,* fraxinu-, *fraisseo* e *freixeo* (arc.), *freixo,* frenu-, *freio,* fronte-, *fronte,* *frontaria-, *fronteira,* fructu-, *fruto,* etc.

OBSERVAÇÃO. O *c-* do grupo *cr-* abrandou excepcionalmente em *g-* em *grade, graixa, greda, gritar* e *gruta,* de crate-, *crassea- (de crassus), creta-, quiritare e *crupta- (por crypta-), como,

porém, esse abrandamento não é exclusivo da nossa língua, pode ser que provenha já do latim vulgar; note-se no entanto que o último dos cinco vocábulos citados não tem o cunho de genuìnamente popular, senão *ŭ* teria dado *o:* cf. ital. *grotta*. A persistência do *c* em francês, provençal e antigo castelhano, que ao lado de *cridar*, também tinha *gridar* (1), leva-me a pensar que a sua permuta com *g-*, acusada igualmente pelo italiano, seja de data posterior. Note-se ainda que, ao contrário das demais línguas, a nossa suprimiu o *i* protónico, pois só assim o *t* poderia continuar a subsistir, e trocou depois o *-ir-* por *-ri-*, para a formação do grupo.

2.º — *pl-*, *bl-*, *cl-*, *gl-*, *fl-*. Nestes grupos deu-se ou a transformação em *ch*, naqueles cuja primeira consoante é surda, isto é, *pl-*, *cl-*, *fl-*, ou a simples troca do *l* por *r* nestes e nos restantes, podendo também o *gl-* perder o primeiro elemento, ex.: A *pl-)*, plaga-, *chaga*, planca-, *chanca*, planctu-, *chanto* (arc.), plangere, *changer* (arc.), plantare, *chantar* (arc.) (2), plenu-, *cheio*, plorare, *chorar*, plovere (3), *chover*, plus, *chus* (arc.), etc. *cl-)*, clamare, *chamar* (4), clave-, *chave*, clavic(u)la-, *chavelha*, *clodere, *chouvir* (arc.), clausa-, *chousa* (arc.), clausura-, *chousura* (arc.), *clusma (5), *chusma*, clocca-, *choca* (donde *chocalho*), clupea-, *choupa*, etc., *fl-)*, flagrare, *cheirar*, flamma-, *chama*, florescere, *chorecer* (arc.),

(1) É possível que o actual *gritar* do espanhol seja importação nossa.

(2) Sou informado que se usa ainda em Viseu.

(3) Embora se escrevesse plŭere, a pronúncia era plŭuere, isto é, pluvere (Niedermann, § 47). Em Petrónio, 44, ocorre mesmo a grafia plovebat (Meyer-Lübke, § 170); cf. ainda a actual pronúncia italiana, *Génova, Mântova e Pádova* das cidades que nos textos latinos aparecem escritas *Genua, Mantua.* É provável que a antiga *Patavium* mudasse depois para *Pádua,* como nós dizemos. No mesmo caso está *védova* do lat. vĭdua.

(4) Em Viterbo há *jamar* (a par de *gamar)*, forma que deve ser puramente gráfica, isto é, em que o *ch* está por *j*, note-se, porém, que no antigo leonês se encontra o grupo cl- representado por *x* e ainda hoje em Toro existe o vocábulo *josa*, proveniente de clausa; cf. Pidal, *Orígines del español*, pág. 245.

(5) Representa esta forma hipotética do latim popular o grego κέλευσμα, que pròpriamente significava *canto dos remadores* para se instigarem ao trabalho; em português há ainda *churma*, que decerto é importação do italiano por meio do francês.

fluxu-, *chocho* (assimilação de sílabas), Flamula-, *Chamoa*, (nome de mulher antigo), Flaviis (scil. aquis), *chaves*, etc.; B *pl-)*, placere, *prazer*, placitu-, *prazo*, plac(i)tu- (1), *preito*, planeta-, *praneta*, etc.; *bl-)*, blandu-, *brando*, *blas(i)mare (por blasfemare, donde *blasfemar* e pop. *brasfamar)*, *brasmar*, (arc.) (2), etc.; *cl-)*, claru, *craro* (arc.), clavic(u)la-, *cravelha*, claustra-, *crasta*, etc.; *gl-)* 1.° glute-, *grude*, gloria-, *grória* ou *grólia* (arc.); 2.° glande-, *lande*, glandula-, *lândoa*, glarea-, *leira*, glattire, *latir*, *glebea- (por gleba-), *leiva*, *glirone- (de glis), *lirão*, etc.; *fl-)*, flume-, *frume* (3), flagellu-, *fragelo*, flegma-, *freima*, floccu-, *froco*, etc.

Observação. A transformação dos grupos *pl-*, *cl-*, *fl-* em *ch* é a mais antiga e portanto a genuìnamente popular; mais tarde por via culta entraram na língua os mesmos grupos, com a mudança apenas do *-l-* em *-r-*; por essa época muitos vocábulos começaram a aparecer que suplantaram os antigos, mas não por completo, pois que alguns continuaram e continuam a subsistir. Assim se explica a existência das mesmas palavras latinas sob duas formas diferentes; como estas: *pregar*, *pram* (arc.), *prato*, *prea* (em *preamar)*, *pruma*, *cramar*, *froxo*, ao lado de *chegar*, *chão*, *chato*, *cheia*, *chumaço*, *chamar*, *chocho*. À classe das que desapareceram pertencem, entre outras, *chantar*, *chanto* e *chor*, que foram substituídas por *prantar* (ainda vivo no povo, mas que por sua vez teve de ceder ao culto *plantar)*, *pranto* e *flor*. A existência na antiga língua da última das três formas citadas é atestada não só pelo provérbio referido à plantação da oliveira,

no tempo da chôr
é cortar e pôr (4)

mas ainda pelo seu derivado *chorão*.

---

(1) Pidal na sua *Gram. cast.*, pág. 103, admite *plagitu por placitu. Assim explica também Crescini *(Studi provenzali*, pág. 34) o *plait* provençal.

(2) O italiano *biasmare* e *biasimare*, prov. e cast. *blasmar*, fr. *blamer* fazem supor a existência da forma hipotética dada.

(3) Ocorre este vocábulo em C. V. 1066,4.

(4) Vide *Rev. Lus.*, III, pág. 327. É escusado advertir que são cultos, todos aqueles vocábulos em que se conservam os grupos indicados, tais como *plano*, *blasfemar*, *clave*, *gleba*, *glande* e *fluxo*; *lhano* veio-nos do espanhol.

b) Grupos impróprios:

1.º — *S* mais consoante ou *s impuro*. Neste grupo, em que o primeiro elemento se fazia sem dúvida ouvir bem distinto do segundo, como se só por si constituísse uma sílaba, o latim vulgar, à laia de encosto, quando não o precedia uma vogal, antepôs-lhe a princípio que sempre *i*, depois muitas vezes *e* (1), ex.: scalata- (por scala-), *escada*, *scarabic(u)lu (por scara- baeus), *escaravelho* ou *escravelho*, scriptu, *escrito*, scutella-, *escudela*, *smaralda- (por smaragdus), *esmeralda*, spatha-, *espada*, spatiu-, *espaço*, spec(u)lu-, *espelho*, spica-, *espiga*, spissu-, *espêsso*, sponsu-, *espôso*, stanneu-, *estanho*, *strella- (por stella-), *estrela*, strictu-, *estreito*, etc.

Observação I. Sobre a influência deste *is-* ou *es-* noutros nomes começados por vogal mais *s*; cf. § 26, 2.º, Obs. IV.

Observação II. A existência na antiga língua de *asperar*, *asperança* e *desasperar* pressupõe não o latim vulgar *isperare, mas *asperare, formado talvez por analogia com aspectare.

Observação III. Devem ter sido tomados do espanhol, em que o *s* se fundiu com o *c'*, provàvelmente por soarem ambos do mesmo modo, aqueles nomes, como *cisma*, *centelha*, etc., nos quais o grupo *sc-* se acha representado por *c'*, note-se todavia que a mesma fusão praticamos nós na pronúncia dos pertencentes à língua culta, como *sciência*, *sciente*, etc., nos quais a grafia manteve até há pouco o *s-*. Quanto ao spasmus greco-latino, acha-se ele representado em português regularmente por *espasmo*, forma que no entanto se me afigura culta, a popular respectiva deve ser *pasmo* em que caiu o *s* inicial por dissimilação *(s... s = s... o)*.

---

(1) Em inscrições do século IV ocorrem grafias como estas: *iscelesta*, *ispose*, *espiritum*, etc., e os gramáticos latinos censuram as pronúncias: *iscena*, *iscandalum*, *iscapha*, *istimulus*, etc. O exemplo mais antigo de semelhante grafia que se usava quando o *s* não estava precedido de vogal parece ser *iscolasticus*, escrito em Barcelona no século II; cf. Grandgent, pág. 155. Dizia-se pois *illa statua* mas *per istatuam*. Restos da duplicidade da antiga pronúncia são respectivamente em provençal arcaico e actual italiano; *aital escala*, mas *ferma scala*, *la scuola* e *in iscuola*; cf. Schultzgora, *Altprovenzalisches Elementarbuch*, pág. 35 e A. C. Juret, *Manuel de Phonétique Latine*, pág. 164.

Observação IV. Na língua arcaica e ainda na imediata ocorre por vezes o grupo *es-*, representado na escrita apenas por *s-* (*scolheita*, *scolhença*, *scondudo*, *scarnho*, etc.), o que parece indicar que não se pronunciava o *e*, como por vezes ainda hoje faz o povo. No verbo *estar* este chega mesmo a suprimir o *es-*, sobretudo quando em posição proclítica.

2.º — *qu-*. Neste grupo, que é constituído pela gutural *c* e a semivogal *u*, esta desaparece geralmente, absorvida pela vogal seguinte (§ 47, B), embora costume escrever-se antes de *-e-* ou *-i-*, ex.: quadragesima-, *coresma* (arc. e pop.), *quadrella, *coirela* ou *courela* (1), quale-, *cal* (arc. e pop.), quam, *ca* (id.), quando, *cando*, quantitate-, *cantidade*, quantu-, *canto*, quasi, *caje* e *casi* (id.), *quassicare (de quassus), *cascar*, *quaternu- (por quaternio), *caderno*, *quattordeci(m) por quattuordecim), *catorze*, querimonia, *caramunha*, quammagnu-, *camanho* (arc.), *quottidio (por quotidio), *cotio*, quomodo, *como*, *quetu- (por quietu-), *quedo*, *quinione, *quinhão*, *quintana-, *quintã* (arc.), *quinta*, quid, *que*, quem, *quem*, etc.

Observação I. Que o povo costumava na pronúncia omitir o *u* depois do *q* vê-se das correcções que faz Probo no seu Appendix, entre elas, estas: coquens non cocens equs (=equus) non ecus. Sobre a queda do *u*, precedido de consoante e seguido de *u* ou *o* átonos, cf. Grandgent, *Latín vulgar*, § 226.

Observação II. Na antiga língua (2) e até aos quinhentistas era tão corrente a perda do *u* neste grupo que ainda em dicções eruditas o omitiam, assim Camões nos *Lusíadas*, faz rimar *inico* com *rico* (viii, 74; ix, 43; x, 25, 41, 109) e *bico* (ix, 59); depois, sob influência literária, a semivogal foi reaparecendo a pouco e pouco em muitos daqueles vocábulos, como *quando*, *quanto*, *quase*, *qual*, etc., sem contudo fazer desaparecer por completo o uso antigo, porquanto

---

(1) Também *quoirela* em *Rev. Lus.*, 279, mas *coyrela* em 262.

(2) Embora por vezes se encontre a grafia *qu-* nos documentos antigos, como *quoirela*, *quage*, *quomo*, isso não significa que a pronúncia não fosse a indicada, pois também *g* era por vezes representado por *gu*; assim *augua*, *laguo*, *chagua*, etc.

o povo e até pessoas cultas na linguagem desafectada dizem *coresma*, *catorze*, *cota*, etc.

OBSERVAÇÃO III. Na linguagem popular o *-a*, oral ou nasal, que se segue à semivogal, assimila-se a esta, reduzindo-se depois as duas a uma só, que ora tem o som fechado, como em *côrtel*, *côrtinho*, *côldade* (também *coldade)*, *contia*, ora surdo, como em *coresma*, *gorir*, *Gudiana*.

OBSERVAÇÃO IV. Sobre quiritare, quinque, quinquaginta, quercus e *quercetta (por querquedula), vide §§ 39, a) 1.º Obs. 48.

OBSERVAÇÃO V. A respeito do tratamento dos grupos diu- e duo-, em que entram as semivogais *i* e *u*, cf. § 47 A e B.

CONSOANTES INTERNAS

1.º Simples:

40. Das consoantes internas simples, isto é, postas entre vogais:

A) As oclusivas surdas passam a sonoras, ex.:

1.º — *P:* ripa-, *riba*, cupa-, *cuba*, apic(u)la-, *abelha*, rapace-, *rabaz* (arc.), supinu-, *sobinho* (arc.), capitulu, *cabido*, sapore-, *sabor*, napu-, *nabo*, cepulla-, *cebola*, superbia-, *soberba*, cupiditia-, *cobiça*, lupu-, *lobo*, rapacia-, *rabaça*, praesepe, *preseve* (arc.), etc.

OBSERVAÇÃO I. Em *escova*, *néveda*, *povo* e no arc. *provinco*, de scopa-, nepeta-, populu- e propinquu-, deu-se primeiro o abrandamento normal, depois o *b* mudou para *v*, segundo a regra *(B.* 1). Pelo mesmo motivo *avantesma* concorre com *abantesma*.

OBSERVAÇÃO II. A contradição que parece existir entre *aipo* e *caibo*, *caiba*, *saiba*, *soube* e *coube* é apenas aparente; se nas cinco últimas formas se deu o abrandamento apesar do ditongo, resulta isso de ter ele sido anterior à atracção pela vogal tónica das semivogais *i* e *u*, ao contrário do primeiro vocábulo, que, por isso e também pela conservação de *ai*, deve de ser de introdução posterior na língua.

2.º — *T:* acetu-, *azêdo*, introitu-, *entrudo*, mutu-, *mudo*, poenitentia-, *pendença* (arc.), solitate-, *soidade* (arc. e pop.), *saúdade*, laetitia-, *lediça* (arc.), legitimu-, *lídimo*, anate-, *adem*,

cogitare, *cuidar*, *reimitare, *arremedar*, pratu-, *prado*, metu-, *medo*, vita-, *vida*, rota-, *roda*, moneta-, *moeda*, *cutina-, *côdea*, *retina-, *rédea*, cito-, *cedo*, strata-, *estrada*, etc.

Observação I. O *t*, depois de ter abrandado, caiu na terminação aticu-, em época relativamente recente, por se ter sincopado a vogal postónica, o que tornou impossível o grupo *dg*, como em vineaticu-, *vinhago* (coexistente com *vinhadego)*. Vitaticu-, Vidago (1). Queda igual deu-se na maioria das segundas pessoas do plural dos verbos (veja-se a *Morfologia)* e no pronome *mesmo* (2).

Observação II. Em *mentira*, cuja forma anterior deve ter sido *mentida*, de mentita (cf. o arc. *mentideiro)*, influiu certamente na troca do *-d-* por *-r-* o infinitivo *mentir*.

3.º — *C:* pacare, *pagar*, plicare, *chegar*, bracas, *bragas*, lorica-, *loriga*, apotheca-, *bodega*, ciconia-, *cegonha*, hoc anno, *ogano* (arc.), hac hora, *agora*, dico, *digo*, diaconu-, *diago* (arc.), lacu-, *lago*, jocu-, *jôgo*, necare, *anegar* (arc.), *acuc(u)la-, *agulha*, monachu-, *mogo* (arc.), *acutia-, *aguça* (arc.), focu-, *fogo*, baculu-, *bago*, oraculu-, *orago*, secare, *segar*, cuculla-, *cogula*, *cucum(e)ru-, *cogombro* (arc.), acume-, *gume*, securu-, *seguro*, *vessica, *bexiga*, amicu-, *amigo*, baca-, *baga*, *lacusta- (por locusta-), *lagosta*, magicu-, *meigo*, periculu-, *perigo*, etc. Sobre *C'* veja-se o § 41.

Observação I. Este abrandamento ascende já ao latim vulgar, que dizia pagare, etc., como consta das inscrições, e é tanto do génio da língua que até ocorre nas palavras cultas *almátigas*, *religas*, etc., que hoje soam *dalmáticas*, *relíquias*, etc.

---

(1) Esta forma pode também ser devida a haplologia: cf. § 49, *b*. O actual nome deve ter sido originàriamente um adjectivo tirado do substantivo vitis.

(2) A síncope anormal do *-d-*, proveniente de *-t-*, que se deu nas segundas pessoas do plural e acusam além do português, também o mirandês e castelhano, ainda até hoje não foi explicada suficientemente: quanto ao pronome, Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pág. 59 e Pidal, *Gram. Hist.*, pág. 115, são de parecer que o abrandamento do *-t-* ascende já ao latim popular. Pelo que respeita a *aziúme* (donde *aziumar)*, afigura-se-me que este vocábulo provém não de *azedume* mas de *azia*, que supõe, a meu ver acēdia, talvez com pronúncia grega, isto é, acentuada no *i*; cf. no entanto § 20, 2, Obs. I.

Observação II. A vocalização do *-c-* que se nota em *dião*, também *adaião* na antiga língua, do latim decanu, mostra bem claramente que tal palavra foi importada do francês onde é regular semelhante tratamento do *-c-*; cf. *baie, mie, amie, pie, vessie*, etc.

Observação III. Obstou ao abrandamento do *c* no arc. *recabedar*, hoje *arrecadar*, a consciência de que era composto do prefixo *re-* mais o simples *capitare, tirado de *capitum, supino regular de capio, e ainda existente no pop. *acabedar*; cf. *deter*, *requestar*, *reter*, etc., em que se deu o mesmo facto.

B) Das oclusivas sonoras.

1.º — *B* permuta com a fricativa, também sonora, *v*; ex.: trabe-, *trave*, ab(h)orrescere, *avorrecer*, abundare, *avondar* (arc. e pop.), abundantia-, *avondança* (arc.), habere, *haver*, sabana-, *savaa* (arc.), rebelle-, *revel*, rebellare, *revelar* (arc.), tabula-, *távoa* (arc.), *tábua*, faba-, *fava*, mirabilia-, *maravilha*, *rabia- (por rabies), *raiva*, roborare, *revorar* (arc.), rubeu-, *ruivo*, gubia-, *goiva*, caballu-, *cavalo*, parabula-, *parávoa* (arc.) (1), cubitu, *côvedo* (pop.), *côvado*, etc.

Observação I. É devido a influência erudita e em especial à confusão, que já no próprio latim clássico se produzia entre as duas consoantes, o *-b-* de *tábua, tabão, sebo, assobiar*, etc. (2), ao lado de *távua, tavão, sevo, assoviar*, etc. O mesmo pode-se dizer de *diabo*, *escabelo, sabugo, arrebol* e outros nomes nos quais o *-b-* continua a persistir.

Observação II. Depois de ter mudado em *-v-*, caiu o *-b-* em *marroio*, no advérbio arcaico *u* (também escrito *hu*) e ainda, talvez sob influência de *prior*, em *prioste* (3), que coexiste com *preboste*, importado do francês, de proveniência idêntica ao nosso *preposto*,

---

(1) A forma actual *palavra*, resultou, por dissimilação, de outra mais antiga, *paravra*, que, por queda da vogal postónica e troca do *-bl-* em *-vr-* provém da greco-latina. Deste vocábulo ocupei-me na *Rev. Lus.*, volume XIV, pág. 74.

(2) Está no mesmo caso *roble* e os seus representantes na toponímia portuguesa dos quais trato no *Boletim da Classe de Letras* da Academia das Ciências de Lisboa, volume XIII, fascículo n.º 1.

(3) Há em Vila Franca um lugar assim chamado.

isto é, do latim praepositu-. Sobre a queda da mesma consoante no presente do indicativo do verbo *haver* e imperfeitos do mesmo modo em todas as conjugações veja-se a *Morfologia*.

Observação III. A troca de *-b-* por *-v-* em palavras nas quais a primeira destas letras se repete, como *bever, bava, bavado, bavoso, bivo, embevecido, bolver* e *embolver, sobervia, brevajem*, a par de *beberagem*, que ocorrem frequentemente nos escritores antigos, é devida a dissimilação, no conceito de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Vide *Sá de Miranda*, 897.

2.º — *D* cai; ex.: videre, *ver*, tradere, *traer* (arc.), *trair*, sedentare, *sentar* ou *assentar*, *excadescere, *esquecer*, expedire, *espir* (arc.), *despir*, teda-, *teia*, pede-, *pé*, incredulu-, *encreo* ou *increo*, foedu-, *feio*, sedere, *ser*, *cadescere, *aqueecer* (arc.), *podiale-, *poial*, quomodo, *como*, coda- (por cauda-), *coa*, mediu, *meio*, fiducia-, *fiúza* (arc.), medicina-, *mèzinha*, cadere, *caer* (arc.), *cair*, rodere, *roer*, nudu-, *nu*, fide-, *fé*, tepidu-, *tíbio*, *medullu- (por medulla-), *meolo*, nidu-, *nĩo* ou *ninho* (§ 40, F. 2), judiciu-, *juízo*, frigidu-, *frio*, praedicare-, *prègar*, (h)ebdomada-, *doma* (arc.), *peduc(u)lu-, *piolho*, lampada-, *lampa*, paradisu-, *paraíso*, aditu-, *eido*, nitidu-, *nédio*, nodu-, *nó*, credere, *crer*, considerare, *consirar* (arc.), radicare, *arreigar*, redimere, *reemir* (arc.), *remir*, etc.

Observação I. Na língua arcaica ocorre, a par da forma regular *sa* ou *siia* (imperfeito do indicativo do verbo *seer*), também *sedia*, que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos considera galego-castelhana. E ainda talvez castelhana ou devida a influência desta língua, na qual a queda do *-d-* não é tão regular como em português (cf. Pidal, *Gram. Hist. española*, § 41-2), a persistência do *-d-* em *Odiana*, hoje *Guadiana*.

Observação II. A forma *julgar* é de introdução posterior, pois a normal é *juigar*, e resulta da queda da vogal protónica que ocasionou o grupo *-d'g-*, difícil de pronunciar-se, sendo a intermédia entre a antiga e a moderna *judgar*, que se lê no *Cancioneiro da Ajuda*. Sobre este grupo veja-se § 43.

3.º — *G*: ora persiste, ora converte-se em *i*, que ou se funde com a vogal antecedente ou se ajunta a ela, formando ditongo, que se

condensa em *i*, se aquela é *e*, ora cai, sem deixar vestígio, ex.: *a)* plāga-, *chaga*, paganu-, *pagão*, negare, *negar*, *agustu-, *agôsto*, *aguriu-, *agoiro*, pelagu-, *pego*, *legumine- (1) (por legumen), *legume*, castigare, *castigar*; *b)* 1.º strīga-, *estria*, (2); 2.º plăga-, *praia*, sagu-, *saio*; 3.º legale, **leial*, *lial*, regale, **reial*, *rial*, litĭgare, **lideiar*, *lidiar* (arc.), *lidar*, lĭgare-, **leiar*, *liar* (a par de *ligar)*, *lĭgac(u)lum, **leialho*, *lialho* (arc.), lĭgantia, **leiança*, *liança*, (arc.); *c)* *vagativu-, *vadio*, ruga-, *rua*, ego, *eu*, (3), etc. A respeito de *G'* veja-se adiante D, 2.

Observação. A dissolução do *-g'-* em *-i-* parece confirmada por antigas grafias castelhanas, como estas: *leyal*, *reyal*, *sayetas*, etc., todavia Pidal, *Cid*, I, 165, é de opinião que o *y* foi ali introduzido com o fim de desfazer o hiato: cf. também em fr. arc. *leial*, *reial*. Verdade seja que na escrita antiga é corrente *leal* e *real*, isso, porém, pode ser devido a reacção culta: cf. D, 2, Obs. I.

Das constritivas

C) As fricativas surdas tornam-se sonoras. E assim:

1.º — *F* passa a *v*, ex.: aurifice-, *ourivez*, defensa-, *devesa*, profectu-, *proveito*, fructificare-, *afruitevegar*, testificare, *testivigar*, sanctificare, *santivigar*, aedificare, *eivigar* (verbos arcaicos e o arc. e pop. *mortevegar)*, *scarifare, *escarvar* (4), *acífolu- (por aquifolium) *azevo*, *trífolu- (por trifolium) (5), *trevo*, Christofanu-, *Cristóvão*, Stefanu, *Estêvão*, etc.

Observação I. De *amortiguar*, *apaziguar*, *averiguar* e *santiguar* (6) parece deduzir-se que o *v*, proveniente de *-f-*, soava como

---

(1) Cf. espanhol *legumbre*.

(2) Em Sá de Miranda, pág. 478, e na *Eufrosina*, pág. 248, ainda na primitiva acepção de *bruxa*.

(3) Ascende já ao latim vulgar a queda do *-g-* neste pronome; cf. Crescini, *Studi Provenzali*, pág. 30.

(4) Outra forma deve ser *esgarvar ou *esgaravar (§ 49, 7: cf. *Esgaravunha*, alcunha dum trovador), donde o actual *esgaravatar* ou *esgravatar*.

(5) Talvez sob a influência do grego τρίφυλλον.

(6) Em Morais e Valdez encontra-se também *santigar*, em que o *u* caiu, à semelhança de outros casos, como *gardar*, popular, etc.

u e se transpôs ao *g*, depois de perder o *i*. É escusado advertir que são literárias as formas *mortificar*, *pacificar*, *verificar* e *santificar*, que deram origem a estes quatro verbos, mas ainda aqui, antes pela troca frequente do *v* em *b* do que por assimilação, o povo diz também *breba*. Igual troca deu-se em *Lusbel* (por **Luzbel*) de Lucifer.

Observação II. A forma *bebera*, que decerto foi precedida por **bevera*, segundo se depreende de *breva*, resultante da deslocação do *r* (metátese) e queda da vogal postónica, para formação do grupo *vr*, é devida a assimilação e assenta sobre a latina bifera.

Observação III. A conservação do *-f-* em *defesa*, ao lado de *devesa*, resulta de influência culta ou talvez estranha [1].

2.º — *S* toma o som de *z*, isto é, passa de forte a brando, embora na escrita continue sob a mesma forma, ex.: causa- (leia-se caussa-), *cousa*, t(h)esauru-, *tesouro*, rosa-, *rosa*, pausare, *pousar*, *mesa- (por mensa; vide § 43), *mesa*, *sposu-, *esposo*, *mesura-, *mesura*, casa, *casa*, *jusu-, *juso*, (arc. ainda conservado no derivado *jusante*), *susu-, *suso* (arc.), fusu-, *fuso*, praesepe-, *pesebre*, etc.

Observação. Às vezes o *-s-*, depois de abrandar (e portanto também o *z-*), palatizou-se, como em *caje* ou *caji* (também escrito *quage* e *quagi* na antiga língua), *heregia*, *lijonja*, *homigiar* [2], etc., fenómeno que ainda se observa no povo: cf. também na Morfologia o *verbo*.

3.º — *C'* converte-se em *z*, caindo o *e* que se lhe segue, quando final ou tornado tal pela queda de consoante, ex.: 1.º: aducere, *aduzer* (arc.), *aduzir*, dicere, *dizer*, facere, *fazer*, licere, *lezer*, nocere, *nozer* e *nuzir* (arc.), recente, *rezente* (arc.), *bucĭnu-, *búzio*, vēcinu- [3], *vezinho*, homicidiu-, *omezio* (arc.), vacivu-; *vazio*, *hamiciolu-, *anzol*, simplicitate-, *semprizidade* (arc.), etc.;

---

[1] Segundo Leite de Vasconcelos (*Rev. Lus.*, XI, pág. 354), a palavra deve ter vindo do romanço mozarábico-meridional.

[2] Cf. ainda *várzea*, *várgea*, (pop. *varja*) ou *vargem*.

[3] O *e* de vecinus, atestado por Sérvio, explica-se geralmente por dissimilação (cf. Grandgent, *Latin vulgar*, pág. 153), mas Ernout, em *Les Elements dialectaux du vocabulaire latin*, págs. 57-8, tem esta forma por um derivado normal de vecus, que ocorre em inscrições.

2.º: vice-, *vez*, cruce-, *cruz*, voce-, *voz*, radice-, *raiz*, *narice-, *nariz*, pumĭce-, *pomez*, aurifice-, *ourivez* (1), luce-, *luz*, pace-, *paz*, faci(t), *faz*, etc.

Observação I. Sobre o grupo *-zd-* resultante da queda posterior de um *-e-* intermédio veja-se § 45 B, 4.º.

Observação II. Acerca da queda do *-z-* nalguns futuros e condicionais veja-se na Morfologia o *verbo*.

Observação III. Sobre a manutenção do *-c'-* em *receber*, arc. *deceber* e *decer* (2), veja-se atrás A, 3.º Obs. III.

D) As fricativas sonoras vacilam entre a conservação e a queda, assim:

1.º — *V* persiste, excepto na terminação -ivus (iva), ex.: *a)* lavare, *lavar*, vivere, *viver*, avena-, *aveia*, stēva- (por stiva), *esteva*, *aviolu-, *avô*, *cavitare (de *cavitum por cautum), *cavidar* ou *cabidar* (arc.), saliva-, *seiva* (arc.), pavone-, *pavão*, pavore-, *pavor*, pluvia-, *chuva*, nove(m), *nove*, novu-, *novo*, etc.; *b)* vacivu-, *vazio*, gen(i)tivu-, *gentio*, errativu-, *erradio*, tardivu-, *tardio*, armentivu-, *armentio*, aestivu-, *estio*, sanativu-, *sadio*, *vagativu-, *vadio*, *roscivu-, *rocio*, *quantiva-, *quantia*, etc.

Observação I. Devem ter sido importados do provençal os vocábulos: *pação* ou *paon* (arc.), *vianda*, *leu*, *greu* (3), *nau* e *Proença*, de pavone-, *vivanda- (por vivenda-), leve-, *greve- (por grave-), nave- e Provincia-; quanto a *boi*, que, ao contrário de *nove*, perdeu o *-v-*, afigura-se-me que deve provir não de bove- mas de *boe-, formado por analogia com o nominativo bos, que, pelo tratamento irregular do ditongo *-ou-* (pois o normal seria *bus: cf. lucus, nutrix de loucos, noutrix), deve ser forma dialectal, oriunda das falas rústicas de Itália, ou refeita sobre um antigo acusa-

---

(1) Assim se escrevia antes, mas a ortografia oficial transigiu com as grafias posteriores, *pômes* e *ourives*.

(2) No caso de vir de decidere como alguns pretendem; cf. adiante neste capítulo, § 44, 2.º.

(3) Destes dois vocábulos deixou de subsistir *greu*, mas *leu* vive ainda na frase *andar, pôr-se ao leu*.

tivo *bom (cf. grego dor. βῶν) (1). Acerca da queda do *-v-* no pretérito e tempos dele derivados veja-se na Morfologia o *verbo.*

Observação II. A queda do *-v-*, principalmente quando seguido de *i* ou *u*, ocorre já no latim vulgar, segundo nos atestam formas como paimentum, noum, aunculus, aestius, vius, Primitius, encontradas em inscrições, ou flaus, rius, aus, paor e failla, censuradas pelo gramático Probo no seu Appendix, e não é sem exemplo no clássico, que dizia deus de divus (do arc. deivos) e Gnaeus por Gnaevus. É escusado advertir que as palavras da língua culta conservam o *-v-* na terminação -ivus, tais são os arc. *vodivo, nadivo* (2), *cautivo* e os modernos *fugitivo* (a par de *fugidio), tempestivo*, etc.; em *vivo*, porém, que certamente faz parte da língua popular, a consciência da sua correlação com *viver* obstou ao desaparecimento do *-v-*.

Observação III. A mesma troca do *v* inicial por *b*, que já notamos, encontra-se também e por igual razão no intervocálico, embora talvez com menos frequência; dá-se ela em *abetarda* e *abestruz* de *avetarda- e *avestrutiu- (por ave tarda- e ave strutio), que coexistem com *avetarda* e *avestruz*, formas estas que, como se vê, conservam o *-v-* originário; em *abibe* de *avibe- (por ave ibe) influiu decerto a assimilação na permuta.

2.º — *G'* e *J* ora persistem, ora cai o primeiro e o segundo continua a conservar o som de *i*, que originàriamente tinha, ex.: *a)* 1.º vigilare, *vigiar*, (3), *fugire (por fugere), *fugir*, corrigere, *correger* (arc.), *tragere (por trahere), *trager* (arc.), mugire, *mugir*, *farraginale, *ferragial* ou *ferregial* (mas *ferrãe* ou *ferrã*), *agina, *aginha* (arc.) e nos sufixos — *agem* — *igem* — *ugem*, como

---

(1) Cf. Ernout, *Morphologie hist. du latin*, pág. 90. A queda do *-v-* ocorre já em latim em derivados de bos, tais como: *boarius, boatim, boaulia* e *boare*: cf. também grego βοΐ dadivo de βοῦς. A redução regular de *-ou-* a *-u-* apresenta o vocábulo būcina.

(2) O representante popular desta palavra deve ter sido *nadio* e que ele existiu na antiga língua deduz-se do nome de lugar *Anadia*. Cf. Joaquim da Silveira na *Rev. Lus.*, XVII, 114.

(3) Ao lado desta forma, que têm aparência de semi-literária, existe *velar*, que resultou talvez de vig(i)lare ou seja da síncope da vogal protónica e assimilação do *-g-* ao *-l-*.

em *chantagem*, *impigem* e *ferrugem*, de plantagine-, impetigine-, ferrugine-, etc.; 2.º jejunare, *jejuar*, jejunu-, *jejum*, *cajatu- (caia em S. Isidoro), *cajado*, cuju-, *cujo*, puleju-, *poejo*, etc.; *b)* 1.º: regina-, *reĩa* ou *raĩa* (arc.), *rainha*, legere, *ler*, legenda-, *lenda*, tagenia-, *tainha*, vagina-, *bainha*, sigillu-, *selo*, digitu-, *dedo*, magis, *mais*, corrigia-, *correia*, sagitta-, *seta*, navigiu-, *navio*, legitimu-, *lídimo* (1), rugitu-, *ruído*, cogitare-, *cuidar*, magistru-, *mestre*, *contigescere (por *contingescere), *acontecer*, refrigescere-, *arrefecer*, frīgidu-, *frio*, fagea-, *faia*, sartagine-, *sartãe* ou *sartã*, lege-, *lei*, rege-, *rei*, Pelagiu-, *Paio*, Egitania-, *Idanha*, etc.; 2.º maiu-, *maio*, majore-, *maior*, pejore-, *pior*, dejectare-, *deitar* (sanctu-) Jacob *(sant')Iago*, etc.

Observação I. Como se vê dos exemplos, a tendência do *g'* é principalmente para a queda ou, rigorosamente falando, para a sua conversão em *i*, vogal que depois ou se funde com o *e* ou *i*, geralmente tónicos, que a antecedem ou seguem, ou se ajunta ao *a* ou *e* precedentes, formando com eles os ditongos *ai*, *ei* e absorvendo o *i* ou *e* seguintes (cf. § 40, *b*, 3). Abonam este meu modo de ver as formas arcaicas: português *reyal* (2), espanhol *mayestro*, francês *maiistre*, *lei*, *rei*, etc. Aquelas palavras em que o *-g'-* se conserva foram introduzidas na língua em época provàvelmente muito posterior, na sua maioria decerto por via erudita; é o que se vê em *rugido*, por exemplo, que coexiste com *ruído*, *vagido*, *mugido*, etc.

Observação II. Em *trazer* (3) e *azinha* o *-g'-* passou depois a *-z-*, evolução que não é estranha à linguagem popular, como mos-

---

(1) Antes *liidimo*, cf. *Rev. Lus.*, XXI, 253.

(2) *Serviço reyal* lê-se no volume X do *Arquivo histórico*, a pág. 215. Em galego ainda se diz *camiño reial*, cf. *Nosa Terra*, de 15 de Nadal de 1919.

(3) Leite de Vasconcelos (cf. *Rev. Lus.*, II, pág. 269) é de parecer que o actual *trazer* provém não de tragere, mas de **tracere*, infinito que se tiraria do pretérito traxi, à semelhança de outros verbos, tais como *coquere*, *dicere*, donde como estes, faria no indicativo **traco*, todavia Grandgent, § 417 da sua citada obra, atexta a existência da primeira daquelas formas. Acresce ainda que tragula é o correspondente rústico de traha, devendo portanto tragere provir de trahere através da língua rústica; na opinião de Ernout em *Les éléments*, etc., pág. 239.

tram estes exemplos, entre outros: *alzebeira, rezisto* e *enzestã* por *algibeira, registo* ou *registro* e *indigestão:* cf. também § 40, C, 2.º Obs. e *franzir, esparzir, arzila* e *sinzela* (pop.), a par de *frangir, espargir, argila* e *singela*, embora aqui o -*g'*- não seja intervocálico.

Observação III. O nosso *Tiago* resultou, como se viu, da falsa compreensão de *Santiago*, em que se julgou estarem reunidos os vocábulos *san* (abreviatura de *santo*, usada antes de consoante) e *Tiago*, quando os que o compõem são: *sant* (forma que perdeu o *o* final, por se empregar antes de vogal) e *Iago*.

E) Das líquidas:

1.º — *R* continua a subsistir, ex.: cera-, *cera*, corona-, *coroa*, arena-, *areia*, *eramine- (1) (por aeramen), *arame*, dolore-, *dor*, amore-, *amor*, pavore-, *pavor*, mare-, *mar*, dicere, *dizer*, sanare, *sãar, saar* (arc.), *sarar*, facere-, *fazer*, etc. Sobre a queda ou troca do -*r*-, em virtude de dissimilação e ainda sua deslocação, vid. § 49.

2.º — *L* cai, ex.: simila-, *sêmea*, salire-, *sair*, solanu-, *soão*, pelagu-, *pego*, palatiu-, *paço*, angelu-, *anjo*, insula-, *insoa*, calente-, *quente*, calescere-, *aquecer*, candela-, *candeia*, filictu-, *fêto*, voluntate-, *vontade*, *puluu- (por pulvis), *pó*, dolore-, *dor*, nebula-, *névoa*, nebulosu-, *nevooso* (arc.), populu-, *povo*, baculu-, *bago*, tela-, *tea* (arc.), *teia*, thalamu-, *táamo, támo* (arc.) (2), colobra-, *cobra*, colore-, *coor*, (arc.), *côr*, periculu-, *perigo*, palumbu-, *pombo*, diabolu-, *diabo*, capitulu-, *cabido*, incredulu-, *encreo* (arc.), aquila-, *águia*, filu-, *fio*, dolescere, *adoecer*, zelu-, *zeo* (arc.), os plurais dos nomes que no singular terminam em -*l*-, etc.

---

(1) Lindsay prefere *aramen, que explica por assimilação; cf. pág. 201 da sua *The Latin Language*.

(2) Além destas, há ainda as formas *tambo* e *tãibo*, que poderão talvez explicar-se por metátese do *m* e queda da vogal postónica, isto é, de *tam'lo: sobre o grupo *m'l*, cf. § 45, B. 5.

OBSERVAÇÃO I. Deu-se esta queda do *-l-* que, parece, foi precedida e resultante da sua guturalização (1), no decorrer do século XII na opinião de Cornu (vide a sua *Die port. Sprache*, § 130); aqueles vocábulos, portanto, que, contràriamente à lei, conservam o *-l-*, ou foram introduzidos na língua em época em que a sua queda já deixara de operar-se ou refeitos segundo o modelo latino; uns e outros pertencem ao número dos chamados literários ou cultos; são exemplos dos primeiros: *salário* ou *salairo* (arc.), *cálice*, *calix* ou *calez*, *calor*, *deleito* (arc.), *guloso*, *melão*, *alimento*, *camelo*, *talento* ou *talante*, *volume*, *violento*, etc., fazem parte dos segundos: *saliva*, *silêncio*, *vela*, *malícia*, *calendas*, *mula*, *tálamo*, *paladar*, *doloroso*, *zêlo*, *alas*, *gelar*, *palaciano*, *males*, etc., que a antiga língua dizia: *saíva* ou *seiva*, *seenço*, *vea* (2) *maíça* ou *meiça*, *caendas* ou *quendas*, *mua*, *tamo*, *paadar*, *dooroso*, *zeo*, *aas*, *gear*, *paação*, *maes* (3), etc., outros há ainda nas mesmas circunstâncias, que são de proveniência estranha, como: *alegre*, *solaz*, *calabre* (4), o nome próprio *Aguilar* (que o português diz *Aguiar)* e outros. Quanto ao *-l-* de *valer* teria obstado à sua queda a sua conservação no pretérito, em que não é intervocálico, pois acha-se seguido da semivogal *u*, resultando

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, págs. 294 e seguintes. Segundo ele, a guturalização teria resultado de se pronunciar o *l* unido à vogal que o precedia, ficando assim em fim de sílaba, de aí a sua queda, que julga ter-se operado um século antes. Vestígios dessa guturalização persistem ainda nalguns vocábulos em que o *l* era velar: veja-se adiante § 44, 1.º.

(2) Mas no singular, isto é, em *véu* não ressurgia o *l* primitivo; a razão da diversidade de tratamento está talvez no intento de evitar a troca com o homónimo *vea* de *vena*.

(3) Cf. ainda *feliz, pilar, amolar, olaia,* ao lado dos arcs. *fiz* (em *Sanfins), pia, mó* (antes *moa*, que ainda existe em galego) e *Vaia* ou *Valha* (Santa) na toponímia. Veja-se Leite de Vasconcelos, *Lições*, etc., 295-7.

(4) Assim em provençal, por **cadabre*, como representante do baixo grego *καταβολή*. Mas o português do século XIV dizia *caavre* (cf. *Arqueólogo*, VII, 66), como o francês arcaico *caable*. Parece ter-se dado confusão entre este vocábulo, de idêntica proveniência, que significava certa máquina de guerra e o provençal *cable*, que vem do baixo latim c a p l u m por c a p u l u m: cf. *Dictionnaire General*, etc., sub. verbo *cable*.

desta circunstância fazer na antiga língua *valvi*. A manutenção do mesmo *-l-* do adjectivo *mal*, que no português antigo existia, a par de *mau*, é devida a vir este sempre junto a um substantivo, com o qual formava uma só palavra *(mal pecado, mal dia)*, isto é, a estar em próclise, o que ocasionou a apócope (¹).

Observação II. A língua popular, especialmente no Norte do país, troca não raro o *l* por *r*, como mostram estes exemplos: *azur* (pl. *azures)*, *corchão* (cf. *corcha*, na *Crón. Infante D. Fernando)*, *oulives* ou *ulives*, *sordado*, *sermim* (por *salamim*: cf. em antigo galego *ceramiis)*. Afora essa, é frequente a resultante de dissimilação, sobre a qual veja-se § 49.

F) Das nasais:

1.° — *M* continua a persistir, ex.: amicu-, *amigo*, lacrima-, *lágrima*, nominare-, *nomear*, clamare-, *chamar*, comedere-, *comer*, *lumine- (por lumen), *lume*, homine-, *homem*, *eramine-, *arame*, *vimine- (²) (por vimen), *vime*, acume-, *gume*, etc.

2.° — *N* nasaliza a vogal com que está em contacto, nasalização, porém, que a língua actual retém apenas nos casos seguintes: 1.° quando a tónica é a penúltima vogal da palavra e idêntica à última com a qual se funde; 2.° quando a tónica penúltima é *a* e a última *o*, caso em que as duas persistem, guardando a primeira a ressonância nasal; 3.° quando a última é *e* e a tónica outra vogal diferente, caso em que aquela cai, mas só no singular dos nomes, e esta mantém-se geralmente nasalada; 4.° quando a tónica é *i*, achando-se então a nasalização representada por *nh* (³), ex.: A)

(¹) Acerca da conservação do *-l-* noutros vocábulos ainda cf. o autor citado na penúltima nota *loco laudato*.

(²) Cf. antigo espanhol *vimbre*, hoje *bimbre* ou *mimbre*.

(³) O Dr. Meyer-Lübke, referindo-se a estas regras num seu artigo, intitulado *Beiträge zur romanischen Laut-und Formenlehere*, que inseriu na *Zeitschrift*, classifica-as de justas, mas propõe outra fórmula, que se lhe afigura mais simples, e é: a nasalização deu-se a seguir à queda do *e*, mantendo-se depois da tónica:

funariu-, *fueiro*, *panata- (de *panis)*, *paada* (arc.), *pada*, canalic(u)la-, *quelha*, genesta-, *giesta*, minutu-, *miúdo*, genuc(u)lu-, *geolho* (arc.), *joelho*, ponere, *poer* (arc.), *pôr*, retina-, *rédea*, monachu-, *mogo* (arc.), diaconu-, *diago* (arc.), tenēbras, *trevas*, fenestra-', *fresta*, ruminare, *rumiar*, seminare, *semear*, canonicu-, *cooigo* (arc.), *cónego*, venaria-, *vieira*, tenere, *ter*, *monistariu- (por monasteriu-), *mosteiro*, femina, *fêmea*, manere, *maer* (arc.), cunic(u)lu-, *coelho*, continentia-, *conteença* (arc.), corona-, *coroa*, arena-, *areia*, cena-, *ceia*, luna-, *lua*, minus, *meos* (arc.), minas, *ameias*, vena-, *veia*, persona-, *pessoa*, sabana-, *savaa* (arc.), alienu, *alheio*, etc.; B) 1.º matiana, *maçã*, *maniana- (de *mane)*, *manhã*, cana-, *cã* (hoje usado só no plural), lana-, *lã*, germana-, *irmã*, tenes, *tens* (por *tẽes)*, renes, *rẽes* (arc. hoje *rins)*, venis, *vens*, bene, *bem*, tene, *tem*, veni, *vem*, sine, *sem*, fīnī- (assim em latim arc. cf. finīre), *fim*, donu-, *dom*, sonu-, *som*, bonu-, *bom*, unu-, *um*, jejunu-, *jejum*, *caprunu-, *cabrum*, thunu-, *atum*, etc.; 2.º *certanu-, *certão* (arc.), veranu-, *verão*, *seranu-, *serão*, romanu-, *romão*, levianu-, *livão* (arc.), canu-, *cão* (adj. arc.), granu-, *grão*, planu-, *chão*, Julianu-, *Jião* (arc.), manu-, *mão*, etc.; 3.º cane-, *cam* (arc.), pane-, *pam* (arc.), pone, *pom* (arc.), devotione-, *devoçom* ou *devaçom* (arc.), mansione-, *meijom* (arc.), occasione, *aqueijon* (arc.), *prensione- (por prehensione-), *prijon* (arc.), latrone-, *ladrom*, etc., mas *cães*, *pães*, *devoções*, *ocasiões*, *prisões*, *ladrões*, etc.; 4.º vinu-, *vinho*, regina-, *rainha*, sardina-, *sardinha*, caminu-, *caminho*, vagina-, *bainha*, molinu-, *moinho*, salina-, *sainha* (arc.), *cocina- (por coquina-), *cozinha*, frontinu-, *frontinho* (arc.), *frontino*, caninu-,

---

1.º em sílaba final, daí *bem*, *fim*, arc. *ladrom*, 2.º em *a*: *lã*, *grão* e quando a final se fundiu com a tónica: *bom*, ao lado de *boa*, *um* ao lado de *ũa*. O último caso é importante, pois mostra que ao tempo da desnalização *u* e *o* eram já idênticos. Acrescenta ele que, se a tónica vem a seguir à nasal, é ela também nasalada, comunicando-se-lhe a nasalização, que se mantém antes da dental seguinte: *vinda*, *pondes*, *tendes*, *vindes*, *bento*, de benedictus, *cinzas*, etc. Mas aqui, a mèu ver, deu-se apenas a fusão das duas vogais, tónica e átona, comunicando-se a nasalização desta àquela.

cainho, festinu-, *festinho* (arc.), manninu-, *maninho*, supinu-, *sobinho* (arc.), *cerquinu- (por quercinu-), *cerquinho*, latinu-, *ladinho* (também *ladino)*, sobrinu-, *sobrinho*, vicinu-, *vezinho*, gallina-, *galinha*, pinu-, *pinho*, linu-, *linho*, nos diminutivos em *inho*, etc.

Observação I. Das indicações dos gramáticos romanos, ortografia das inscrições, métrica e testemunho das línguas românicas parece deduzir-se que a ressonância nasal, sobretudo a resultante do *m* final, já existe no latim (1). Na produzida entre nós pelo *n* intervocálico o fenómeno deve ter-se dado deste modo; a princípio esta nasal, unindo-se à vogal precedente, comunicou-lhe a respectiva ressonância, sem todavia deixar de subsistir; depois ela própria tomou esse som fundindo-se então os dois num só; assim dir-se-ia a princípio **lãn-a*, *bõn-o*, etc., depois *lã-a*, *bõ-o* e por fim *lã*, *bom* (ou *bõ)*. Da primitiva pronúncia dá ideia o francês em frases como *bon enfant*, *mon ame*, etc., que soam *bõn enfant*, *mõn ame* (2), etc. Mas a ressonância nasal, que a princípio se manteve, foi-se perdendo em muitos vocábulos, persistindo apenas nos casos mencionados. Essa perda deve ter começado pelas vogais átonas (postónicas ou protónicas), a julgar de palavras como: *côdea*, *fémea*, *ástea*, *lêndea*, *rédea*, *serôdio*, *têrmo* (arc. *termio)* (3), *freixo*, *imigo*, *gado*, *pada*, *sadio*, *quelha*, *maceira*, *rela*, *vaidade*, *molho*, *geral*, *gerar*, *fresta*, *trevas*, *veado*, *giesta*, *vieira*, *ameaça*, *mosteiro*, *moimento*, etc., passando depois às tónicas, mas já em época avançada da língua, porquanto a sua fase arcaica acusa a ressonância (4), que o povo nalgumas ainda mantém; é o que, entre outros, mostram estes exemplos:

---

(1) Cf. Niedermann, *Phonétique*, págs. 83 e seguintes, Sturtevant, *The Pronunciation*, etc., págs. 82 a 90, Lindsay, *The Latin Language*, 60 a 71, Darmesteter, *Cours de Grammaire*, etc., pág. 127 do 1.º volume e Garcia de Diego, *Gram. Galega*, pág. 40.

(2) Cf. Dauzat, *Histoire de la langue française*, pág. 114.

(3) Escrito *termho* por ex. na *Rev. Lus.*, v, 126.

(4) Enquanto nos documentos do tempo falta muitas vezes o til, indicador da nasal, nas *Cantigas de Santa Maria* só por excepção é que ele aí se não encontra.

boa, *lua* (1), *freo*, *cea*, *avea*, *alheo*, *cheo*, *veo*, *coroa*, *pessoa*, *meor*, *meos*. É escusado advertir que este fenómeno não se deu sucessivamente, porquanto, ao mesmo tempo que muitas tónicas já tinham perdido a ressonância, algumas átonas continuavam a conservá-la (2) e conservam-na ainda hoje, como *rabão*, *órfão*, *orégão*, note-se todavia que o povo simpatiza com a ressonância nasal postónica final, dizendo *mujo*, *orgo*, *ferruje*, *ervage*, *frango*, *sóto*, *orégo*, *nuve*, *ome* (já assim também na língua arcaica), *vaje*, *Cristovo*, *Estevo*, em lugar de *mujem*, *órgão*, *ferrujem*, *ervagem*, *frângão*, *sótão*, *orégão*, *nuvem*, *vagem*, *homem*, *Cristóvão*, *Estêvão*. Por esta razão se diz hoje *verme*, *sangue*, *costume*, etc., ao contrário das antigas formas, que foram ou devem ter sido *vermẽ*, **sanguẽ*, **costumẽ* (3). As palavras em que, contràriamente à regra dada, o *-n-* se conserva ou foram refeitas, como *pena*, *feno*, *ordenar*, *menos*, *menor*, etc., ou sofreram influência literária, como *cónego* (4), *tenaz*, etc., ou são puramente cultas, como: *fortuna*, *ruína*, *arruinar* (a que corresponde o pop. *arrunhar*), *ameno*, *sereno*, etc., ou de proveniência estranha, como *enojar* (também *anojar* e *nojar*). A conservação do *-n-* em *janeiro*, *vinagre*, *maneira* é devida ao ditongo que o protegeu; nesta última palavra talvez também tivesse influído *mão*, como realmente influiu em *manear* e *manejar*; quanto a *semana*, em que o *-n-* igualmente persiste, tal vocábulo veio-nos de fora; em vez dele diziam os antigos *doma*.

Observação II. Devido a ter no século xvi a vogal nasal *-ã* ou *-am* evolucionado em *-ão*, é que hoje dizemos *pão*, *cão*, como *devoção*, *coração*, etc.; também a vogal nasal *õ* e o

---

(1) Ainda nalgumas partes o povo diz *bõa*, *lũa*, *lũar*, etc. No *Martyrologio Romano* (edição de 1679) lê-se *lũa* e *lua*.

(2) No *Inventário do século xiv (Arqueólogo Português xvii)* lê-se *savaas* e *savãas* e *raçõeiro*...

(3) Em espanhol *sangre* (antes *sangne*) e *costumbre*.

(4) Em galego arc. *cooigo*, depois *congo* e hoje *coengo*. No mesmo caso parece estar *trõo* (por *trono*), que na *Cantiga de Santa Maria*, clxxxv, rima com *sõo*, *empada* e *empanada*, etc.

antigo ditongo nasal *õe* passaram, por aquela época, a uma única forma, *-ão*.

OBSERVAÇÃO III. A nasalização comunicada pelo *n* à vogal precedente, que constitui uma característica do português e galego, parece ter a princípio sido a mesma, fosse esta qual fosse, mais tarde, porém, com o *i* ela passou a *nh*, isto é, o *n*, que é dental, assimilou-se à semivogal, evolucionando em palatal. É o que se depreende de grafias como *nĩo*, *vĩo*, *dĩeiro*, etc. Acresce todavia que em lugar do til se encontra também *n* e que a mesma palavra se acha escrita ora assim, ora com *nh* (cf. *pyno* e *pinho* n.os 171 e 173 do *Canc. da Vaticana)*, o que nos faz suspeitar que já se tinha operado a evolução de que acabamos de falar e é confirmada, afora as grafias mencionadas, pela actual forma pronominal *minha*, que supõe outra **mĩa*, entre ela e a arcaica *mia*, em uso ao tempo da elaboração das canções trovadorescas. Note-se que o nosso *nh*, como em *penha, antanho* (arc.), pode representar o *n* duplo; nesse caso tais nomes foram importados do espanhol, em que é regular esse tratamento.

Fenómeno idêntico à evolução da ressonância nasal depois do *i* deu-se, quando a vogal era *u;* porque esta é labial, o *n* teve de passar a *m* por assimilação quanto à natureza dos fonemas; assim, em vez dos arcaicos *ũa*, *algũa*, *nenhũa*, diz-se hoje *uma*, *alguma*, *nenhuma* e nalguns sítios também *luma* por *lũa*.

OBSERVAÇÃO IV. Por vezes a ressonância nasal comunicou-se à vogal seguinte, como em *ladainha* (antes *ledãia)*, *funcho*, *painço*, *cainça*, *bento*, *adem*, *ontem*, *repeender* (arc.), hoje *arrepender)*, *miunças*, *maunça*, *Castendo*, etc., representantes dos vocábulos latinos litania-, *fenunc(u)lu-, paniciu-, canicia-, benedictu-, anate-, anocte (por ad nocte-), *repoenïtere, minucia-, manucea, castanetu (1), etc.

(1) Cf. *Sanfins*, *homem*, *adem* (a par de *ade)*.

2.º **Agrupadas:**

41. As consoantes internas agrupadas podem ser, como ficou dito, iguais ou diferentes e portanto no primeiro caso temos:

A) Consoantes internas duplas.

Na sua passagem para português estas consoantes reduzem-se a simples, com excepção dos grupos formados por *r* ou *s*, que continuam a persistir, mas só na escrita, pois que na fala constituem um som igualmente simples, ex.: *a*, 1.º oclusivas, ex.: *puppa- (por *puppis, talvez sob influência do seu antónimo prora), *pôpa*, stuppa-, *estôpa*, cappa-, *capa*, abbate-, *abade*, sabbatu-, *sábado*, sagitta-, *seta*, littera-, *letra*, gutta-, *gota*, mittere, *meter*, cattu-, *gato*, in-addere-, *ẽader* (arc.), bucca-, *bôca*, amiddula-, *amêndoa*, *rocca-, *roca* (donde o adj. *roqueiro*: do francês veio-nos *rocha)* [1], vacca-, *vaca*, *succutire (por succutere), *sacudir*, siccu-, *sêco*, peccatu-, *pecado*, etc.; 2.º constritivas, ex.: *sufferere, *sofrer*, offerio (por offero), *ofeiro* (arc.), castellu, *castelo*, caballu-, *cavalo* [2], ballena- (e não balena-), *baleia*, capillu-, *cabelo*, caepulla-, *cebola*, flamma-, *chama*, summa-, *soma*, *capanna-, *cabana*, annellu-, *anel*, etc. [3] *b)* 1.º terra-, *terra*, currere, *correr*, verrere, *varrer*, serra-, *serra*, etc. 2.º ossu-, *osso*, missa-, *missa*, massa-, *massa*, possidere, *possoir*, *sessicare, *sossegar*, *dissalare, *dessar*, e mais compostos do prefixo *des-*, junto a vocábulos que comecem por *s-* *(dessecar, dessoldar*, etc.).

Observação I. Nos Cancioneiros trovadorescos ocorre por vezes, *nulho*, que Nobiling *(Cantigas de D. Juan Garcia de Guilhade,*

---

(1) A não ser que se tivesse formado o diminutivo *rocc(u)la.

(2) Os derivados *castelhano* e *cavalheiro* vieram-nos de Espanha, como mostra em ambos o *-lh*, pronúncia, na respectiva língua, do *l* dobrado e a mais, no primeiro, a conservação do *-n-* intervocálico; os seus representantes portugueses são *castelão* (assim diziam os antigos) *cavaleiro*.

(3) Do castelhano provém decerto *grunhir*, o representante do lat. grunnire deve de ser o pop. *gornir*: cf. antigo francês *gronir*. Igual procedência tem o arc. *antanho* de ant'annu.

pág. 28) considera forma castelhana; pode contudo ter sucedido que o copista escrevesse por lapso *lh* em vez de *ll*, pois no *Inventário do século XIV*, por exemplo, lê-se a pág. 9 *coitelho*, em vez de *coitello*, que vem na pág. imediata, note-se, porém, que o provençal usava também *nulh* com a mesma significação que o *nulho* dos trovadores: cf. *Altprovenzalisches Elementarbuch* de Schultz-Gora, § 182.

Observação II. O grupo formado por *s* dobrado, quando em contacto com *i*, tende a degenerar em *x*, o que é uma assimilação incompleta, visto como o *i*, sendo palatal, torna também palatal o som proveniente daquele grupo; por esta razão aos latinos vessica-, rŭsseu e ossifragu- correspondem os portugueses *bexiga*, *roixo* ou *rôxo* e *xofrango* e ao lado das formas *missilhão*, *roussinol*, *pintassilgo*, *disse*, *sanguessuga*, *pêssego*, *Messias*, estão estoutras: *mexilhão*, *rouxinol*, *pintaxilgo*, *dixe*, *sanguexuga*, *pêxego*, *Mexias*. Sobre igual evolução ainda do *-s-* simples em circunstâncias idênticas, isto é, seguido ou mesmo em contacto com *i* cf. os §§ 38, *B*, e 44, 1, Obs. I.

B) Grupos próprios de duas consoantes.

42. As consoantes internas agrupadas podem, como as iniciais, formar grupos próprios e impróprios, sendo aqueles os indicados no § 39 e a mais *-gn-*, isto é, formado pela combinação duma oclusiva com uma nasal. Uns e outros são chamados *latinos*, se já assim nos vieram da língua latina, e *românicos*, se se constituíram dentro do romanço pela queda de vogal intermédia.

Observação. Nos exemplos aqui apresentados a vogal que nos últimos caiu figura entre parêntese.

A) Nos grupos próprios, quer latinos, quer românicos:

1.º — *-pr-*, *-br-*, *-tr-*, *-dr*, *-cr*, *-gr-* e *-fr-* a consoante inicial, quando precedida de outra, é tratada como tal em princípio de palavra (cf. § 38 *A*, 1, 2, 3, 4, 5, 6: *B*, 1, 2), quando de vogal, como intervocálica (cf. § 40 A, 1, 2, 3, B, 1, 3, C, 1, D, 1), excepto o *-d-*, que se vocaliza em *-i-*; em qualquer dos casos, a segunda consoante persiste, caindo só, quando na palavra há outra igual (haplologia), ex.: A; *-pr-)*, *comp(e)rare (por comparare), *comprar*, scalpru-, *escôpro*, approbare, *aprovar*, *dispretiare, *desprezar*, *appren-

dere (por apprehendere), *aprender*, apprimere, *apremer*, etc.; *-br-)*, su(b il)la umbra-, *soombra* (arc.) (¹), *sombra*, membru-, *membro*, septembre-, *setembro*, novembre-, *novembro*, etc.; *-tr-)*, monstrare, *mostrar*, ostrea-, *ostra*, litt(e)ra-, *letra*, *quattro (por quatuor), *quatro*, *nuntra (²), *lontra*, etc.; *-cr-*, scrutiniare, *escrudinhar* (arc.) (³), *scribere, *escrever*, etc.; *-gr-)*, congru-, *congro*, etc.; *-fr.)*, *suff(e)rere (por sufferre), *sofrer*, exfricare-, *esfregar*, sulf(u)re, *enxôfre*, etc.; B: *-pr-)*, pop(e)re- (por paupere-), *pobre*, aprile-, *abril*, lep(o)re-, *lebre*, capra-, *cabra*, sup(e)rare-, *sobrar*, op(e)ra-, *obra*, etc.; *-br-)*, lab(o)rare, *lavrar*, colobra-, *coovra* (arc.), tenebras, *teevras* (arc.), lib(e)rare, *livrar*, libra-, *livra*, (arc. é pop.), libru-, *livro*, febrariu-, *fevreiro*, (pop., estas três formas ocorrem na *Crónica dos Frades Menores*; cf. o respectivo *Glossário)*, febre-, *fevre* (arc. e pop.), fabrica-, **fávrega*, *frávega* (arc.) (⁴), fibra-, *fevra*, *sub(e)rariu-, *sovreiro*, etc.: *-tr-)*, latrone-, *ladrão*, patre-, *padre*, matre, *madre*, arbritriu-, *alvidro*, ou *arvido*, (arc.), *anetru (por *anet(u)lu- de anethu-), *endro*, vitreu-, *vidro*, citrea-, *cidra*, vet(e)ru, *vedro* (arc.), putre-, *podre*, *putrire, *podrir* (arc.), atriu-, *adro*, ut(e)re-, *odre*, *pulletru-, *poldro* (⁵), etc.; *cr-)*, lacrima-, *lágrima*, lucru-, *lôgro*, decretu-, *degredo*, macru-, *magro*, socru-, *sogro*, *vinuacre-,

---

(¹) Em antigo espanhol *solombra*.

(²) A palavra *lontra*, comum ao português, galego e italiano, só se pode explicar, a meu ver, admitindo no latim popular, a par de lutra, a existência de uma forma *nuntra, resultante da nasalização provocada pelo *n-* (cf. § 49) e depois da dissimilação *n... n* > *l... n*, só assim se explicará também a manutenção do *-tr-*.

(³) Também *escudrinhar*, *escodrunhar* e *escoldrinhar*. De étimo poderia servir igualmente **scrutinare* (sobre *nh*, cf. § 40, F 2), donde o culto *escrutinar*.

(⁴) Segundo P. de Azevedo, no já citado *Inventário do século XIV*, pág. 5 (nota), por este nome no plural se designava um sítio da povoação de Alcanede, a palavra contudo evolucionou em *frágua* que ainda subsiste e pressupõe a pronúncia intermédia *frau(e)ga, cf. populares *álua*, *Lárua*, etc., por *aula*, *Laura*, etc., *forja* da mesma origem veio-nos do francês.

(⁵) Evidentemente a síncope da vogal postónica foi posterior ao abrandamento da consoante.

vinagre, sacratu-, *sagrado*, etc.; *-gr-)*, 1.º nigru-, *negro*, pigritia-, *pegriça* (arc.), *perguiça*, etc.; 2.º integrare, *enteirar*, integru-, *enteiro*, *flagrare (por fragare, dissimilação), *cheirar*, agru-, *airo*, (em *Castrodairo* (arc.) (1) = *Castro-Daire)*, etc.; *-fr-)*, africu-, *ávrego* ou *ábrego* (arc.), bif(e)ra-, **bevra*, *breva* ou *bebra* assimilação), saxifraga-, *seixebrega* (arc.), etc.; mas lorandru-, *loendro*, coriandru-, *coendro* (pop.), *adretrare, *arredar*, *versatre (por versat(i)le), *vessadre* ou *vessada* (arc.) (2), cribu- *crivo*, fratre-, *frade*, aratru-, *arado*, t(a)ratru-, *trado*, rostru-, *rostro* (arc.), *rosto*, rastru-, *rastro* ou *rasto*, rutru-, *rodo*, *matrastra-, *madrasta*, etc.; C: *-dr-)*, catedra-, *cadeira*, *quadrella-, *quairela* (arc.), *quoirela*, *coirela* ou *courela*, *quadra (por quarta), *quaira* ou *caira* (arc.), etc.

Observação I. Em virtude da tendência que *v* e *b* têm de permutar entre si, sucede que em alguns vocábulos o antigo *v* passou a *b;* foi o que se deu nestes, por exemplo: *cobra, febra, febre, febreiro* (pop.), *sobreiro* (3), etc. Igual troca deu-se ao actual *embrulhar*, antes *envorulhar* (também *envorilhar* (4), por dissimilação), como representante de *invoruclare (por *involucrare, metátese), no qual caiu portanto, para formar grupo, o *-o-* que separava o *v* do *r*. Parece contudo que o grupo *vr* não era muito do gosto da língua, a julgar da intercalação de uma vogal anaptíxica ou deslocação de um dos seus elementos (metátese), a desfazê-lo como se observa em *fevereiro*,

(1) Ainda assim no ano de 1572 (cf. *Rev. Lus.*, XVI, pág. 126) mas *ero* num doc. em latim bárbaro, citado por Viterbo, e nas *Cantigas de Santa Maria*, CLXXVIII.

(2) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, XIII, páginas respectivamente 392 e 425.

(3) Daqui deve provir *sobro* (que entra em *sobral, sobredo*) e não do suber latino, que daria *sover* ou *sovre* (cf. *abutre*, antes *avuitor)*, a não ser que na língua vulgar tivesse sido assimilado aos nomes em *-er* da segunda declinação. Antes de *sobro* deve ter existido a forma * *sovro*, donde *sóvero* ou *sovaro*, citados por Morais no seu Dicionário.

(4) Na *Virtuosa Bemfeitoria* do infante D. Pedro, pág. 287 da edição da Câmara do Porto lê-se: «ligeyramente cayrá em error o que em taaes casos se muyto *envorilhar*». A forma *envorulhar* ou *envurulhar* ocorre nas *Cantigas de Santa Maria*.

fêvera, sovereiro, soveral [1], *trevas* (arc.), *frávega*, etc. À primitiva troca de *b* em *v* fazem excepção *outubro* e o adjectivo arcaico *febre*, com o sentido de *fraco, débil*, proveniente de *febre por flebile (haplologia e metátese), esta excepção poderá talvez explicar-se no primeiro caso, por vir o vocábulo de octūber, forma dialectal, peculiar da Espanha, porventura de origem osca, em que ao ō latino corresponde *u* [2], na qual, se o *b*- seguisse a evolução normal, poderia ser absorvida pela semivogal; no 2.º, para evitar a confusão com o substantivo de grafia idêntica a princípio.

Observação II. A conservação do *g* no grupo intervocálico -*gr*- deve ser de data posterior à sua vocalização, como se evidencia em *airo* e *agro*, *nero* e *negro* [3].

Observação III. A comparação com as outras línguas românicas leva-me a supor que a queda do *d* no grupo -*dr*- em *quarenta* e *quaresma* ascende já ao latim vulgar, que diria *quaragenta e quaragesima ou antes *quarenta *quaresima, em vez de quadraginta e quadragesima; quanto, porém, à sua redução a *i*, afigura-se-me que vieram do provençal os vocábulos nos quais assim aparece tratado, porque nesta língua é essa a sua evolução, como igualmente no grupo -*tr*- intervocálico, cujo *t* pelo abrandamento normal fica igual àquela consoante: cf. Schultz-Gora. *Altprovenzaliches Elementarbuch*, §§ 77, b e 75, b [4]. Por esta razão é que,

---

(1) É já antiga nestes dois vocábulos a inserção da vogal anaptíxica, como se vê de documentos do séc. XIII, onde se lê *Sovereiro, Sovereira, Soveroso, Soverido, Soveral* e *Soberado*, a par de *Sobratello* ou *Sobradelo*. Em um documento de 1258 aparece *Sobordelos* e na actual toponímia encontram-se *Soborido, Saborida, Saboroso* e *Saborosa* (a par de *Sabroso* e *Sabrosa)* em que persiste o *e*, mas trocado em *o* por influência a meu ver, da consoante que o precede.

(2) Cf. Pidal, *Gram.*, págs. 5 e 6 da 2.ª edição de que me sirvo. Efectivamente numa inscrição de Espanha lê-se octubris, cf. Ernout, *Éléments*, pág. 67.

(3) Estão no mesmo caso os antigos adj. e adv. e *entregue* e *entregamente* ou *entreguemente*, a par de *enteiro* e *enteiramente*, aos quais correspondem os cultos *íntegro* e *integramente*.

(4) Devo observar que a redução a -*ir* do grupo latino -*tr* não é exclusiva do provençal, observa-se também na linguagem popular de San Martinho de Trevejo (Cáceres, Espanha) onde se diz *pairi, mairi, peira*, respectivamente represen-

a par da forma genuìnamente popular, *frade* (1), há *fraire*, também importado da Provença; donde se fez *freire*, que, como se viu no § 30-3, Obs. IV, perde a sílaba final, quando proclítico. *Madre* e *padre* reduziram-se a *mai* (que ainda existe em galego e ocorre em Sá de Miranda, rimando com *pai*, donde, sob acção da nasal, resultou o actual *mãe)* e *pai*, talvez por influência de linguagem infantil, na opinião de Leite de Vasconcelos (2), note-se contudo que destas duas formas, a segunda é mais antiga do que a primeira, pois ocorre já no século XIII (3), enquanto só no XV ou XVI é que aparecem *mai* e *mãe;* todavia, como se sabe, os primitivos *madre* e *padre* continuam a viver, mas com significação especial. Sobre a redução a *-ss-* do grupo *-tr-* em *nosso* e *vosso*, redução proveniente sem dúvida da qualidade de proclíticos destes pronomes, derivada do seu uso muito frequente cf. o citado filólogo na *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 275. Ao mesmo motivo se deve atribuir igualmente a queda do *-d-*, que se deu nos arcaicos *Pero* e *pera*, que coexistiram ao lado de *Pedro* e *pedra* (4).

OBSERVAÇÃO IV. Nalgumas partes (em Lagos pelo menos), o povo, além de deslocar para o princípio da palavra o *s* da prep. *trans* ou *tras*, quando em composição (cf. *estramontar*, *estrantornar*, *estrantorno*, *estrapor)*, troca ainda o *t* por *c*, dizendo *escramontar*,

---

tantes de patre-, matre- e petra-, cf. Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.*, XXV, 251. Num romance colhido no Chile, intitulado *Luis Ortiz*, interessante pela linguagem que se me afigura algo parecida com a do povo andaluz, encontro também *paire*: cf. M. Pidal, *El Romancero*, pág. 208.

(1) O antigo castelhano dizia *fradre*, a par de *frade;* hoje a forma em uso é *fraile*, correspondente por dissimilação à nossa antiga *fraire*, hoje *freire* e porventura de igual procedência.

(2) *Evolução da linguagem*, pág. 74. Ao povo ouve-se frequentemente *pa* em vez e a par de *pra*, de *para*, quando proclítica.

(3) Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, s. v. e *C. V.* n.º 1.043 (João de Laia).

(4) Nos casos em que estes dois vocábulos são seguidos da prep. *de*, poderá explicar-se também por haplologia a queda do *d*. Acerca deles pode ver-se o que escreveu Leite de Vasconcelos no vol. XVI, pág. 170 da *Rev. Lus.* Dos mesmos tratei no vol. XIII, do *Boletim da 2.ª Classe da Academia das Ciências*, pág. 1.271 em artigo intitulado *Nomes de pessoas na toponímia*.

escramalhar, em vez de *transmontar*, *trasmalhar* (1). Esta troca, embora raríssima, não é contudo sem exemplo, como se vê no galego *burato* e em *touta*, de *toutinegra*, se realmente representa cap(i)ta por caput. Já em Plauto se encontra exanclare correspondendo ao grego ἐξαντλεῖν e Probo informa que o povo dizia *cl* por *tl*; a mesma troca deve ter-se operado aos grupos *fl* e *pl*.

2.º —*pl*, *cl(tl)*, *fl* e *gl*: ou os três primeiros reduzem-se a *ch*, quando precedidos de consoante, que cai, se é *s* ou *r*, e muda em *n*, por assimilação, se *m*, e a *lh*, quando entre vogais, o quarto a *lh* em ambos os casos, ou nos mesmos grupos e mais *-bl-* a sua consoante inicial é tratada como tal em princípio de palavra no primeiro caso, como intervocálica no segundo (cf. §§ citados em *A*-1.º); em qualquer dos casos a segunda componente *l* permuta com *r*, ex.: A, 1.º *-pl-)*, implere, *encher*, amplu-, *ancho*, etc.; *-cl-)* fenunc(u)lu- (por feniculum), *funcho*, *manc(u)la- (ao lado de macula, vide § 49, 1), *mancha*, crinic(u)la-, *crencha*, trunc(u)lu-, *troncho*, gubernaclu-, *governalho* (arc.), includire (por includere), *enchoir* (arc.), conch(u)la-, *concha*, *carunc(u)lu- por carbunculus), *caruncho*, furunc(u)lu-, *fruncho*, sarc(u)lu-, *sacho*, *marc(u)latu- (por marculu-), *machado*, *torc(u)la- (de torquere), *tocha*, *murc(u)lu-, *môcho* (2) masc(u)lu-, *macho*, *asc(u)la- (por astula), *acha*, *fascla (por facla), *facha*, hoje geralmente *facho*, etc.; *-fl-)*, afflare, *achar*, inflare, *inchar*, etc.; 2.º *-pl-)*, scop(u)lu-, *escolho*, *manup(u)lu- (por manipulus), *molho*, etc.; *-cl-)*, *oric(u)la- (por auricula-), *orelha*, grac(u)lu-, *gralho*, spec(u)lu-, *espelho*, *acuc(u)la-, *agulha*, apic(u)la-, *abelha*, mac(u)la-, *malha*, vulpec(u)la-, *golpelha*, (arc.), *genuc(u)lu- (por geniculum), *geo-*

---

(1) *Rev. Lus.*, VII, págs. 122 e 123. Em tempo houve aí um grupo filarmónico, conhecido pelos *Escramalhas*. Também lá se diz *descontorno* ou melhor *escontorno*, por *transtorno* em que se dá a mesma troca de *t* por *c*; aqui, porém, podia ela ser influenciada pela prep. *escontra*, que também soa *descontra*, pela troca frequente de *es-* por *des-* ou vice-versa.

(2) No sentido de mutilus ou falho de membro, segundo P. Barbier: cf. *Bulletin de Dialectologie romane*, IV, pág. 16. Talvez se possa explicar também por *musclu, isto é, mult(i)lus, com troca do *mu-* em *mus-* sob influência de musculus.

lho (arc.), *joelho,* oc(u)lu-, *olho,* *butticla, *botelha,* (1) *ansic(u)la-, *aselha,* cubic(u)laria-, *covilheira,* annic(u)lu-, *anelho,* artic(u)lu-, *artelho,* peduc(u)lu-, *piolho,* vet(u)lu-, *velho,* sit(u)la-, *selha,* rot(u)lu-, *rolho,* serrat(u)la-, *serralha* (2), coc(h)leare-, *colhar,* (arc.), *colher,* *broccla, *brocha,* novac(u)la, *navalha,* vermic(u)lu-, *vermelho,* etc.: *-gl-),* sing(u)lariu, *senlheiro* (arc.), sing(u)los, *senlhos* (arc.), cing(u)la, *cinlha* (arc.), *cilha,* *spongula-, *esponlha* ou *espunlha* (arc.) (3), teg(u)la-, *tetha,* reg(u)la-, *relha,* coag(u)lu-, *coalho,* trag(u)la-, *tralha,* etc.; B: 1.º *-pl-),* *templariu-, *tempreiro* (arc.), exemplu-, *eixempro* ou *exempro* (id.), simplice-, *simprez* (arc.), *complire (por complere), *comprir* (arc.), *implicta, *empreita,* *implire (por implere), *emprir,* implicare, *empregar,* etc.; *-cl-),* concludere, *concruir* (arc.), affligere, *afrigir* (arc.), afflictione, *afriçom* (arc.), *anglense, *engrês,* ou *ingrês* (arc.), etc.; 2.º *-pl-),* cop(u)lamine-, *cabramo,* (por **cabrame),* duplare, *dobrar,* pop(u)lare, *pobrar* (arc. ao lado de *poborar),* etc.; *-cl-),* ecclesia-, *igreja,* sec(u)lu- (por saeculum), *sigro* ou *segre* (arc.), sec(u)lare, *segral* ou *sagral* (arc.), joc(u)lare, *jogral,* etc.; *-gl-),* reg(u)la-, *regra,* lig(u)la-, *legra,* etc.; *-bl-),* nob(i)le, *nobre,* obligare, *obrigar,* *oblitare, *obridar* (arc.), *sableu- (por sabulosu-), *saibro,* amb(u)lare, *ambrar* (arc.), diabolu-, *diabro* (4), oblatione-, *obraçom* (arc.), oblata-, *obrada* (arc.), stab(u)lu-, *estabro,* *estravo* ou *estrabo* (arc.), parab(u)la, *paravra* (arc.), *palavra,* etc.

OBSERVAÇÃO I. A razão da diversa maneira por que estes grupos foram tratados está em que as palavras de que eles fazem parte não entraram ao mesmo tempo no vocabulário da língua, sendo as mais antigas em data as que apresentam a transformação dos grupos em *ch* ou *lh;* as outras vieram depois por via literária, dando-se até às vezes o caso estranho da antiga suplantar a moderna, como aconteceu com *encher,* que levou de vencida *emprir.* De data

---

(1) Do espanhol veio-nos *botija.*

(2) Também pode representar *sarralia,* que ocorre em S. Isidoro, XVII-X,-II.

(3) Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in *Rev. Lus.,* XIII, pág. 310.

(4) Ocorre este vocábulo na *Crónica da Ordem dos Frades Menores,* II, 67, e vive nos derivados *diabril* (Gil Vicente), *diabrura, diabrete* e *endiabrado.*

mais recente são decerto aquelas nas quais, como em *parávoa* (arc.), *bagoo*, *bago*, *testigo* (arc.), *artigoo*, *diaboo* (id. hoje *artigo*, *diabo)*, *távoa*, *névoa*, *perigo*, *vinco*, etc., a vogal postónica se manteve, obstando à formação dos grupos. Outras há ainda que conservam inalterada a forma latina, tais são *mácula*, *amplo*, etc.; estas são chamadas *cultas*, como já ficou dito, em oposição às que acusam o segundo tratamento, as quais por isso se denominam *semi-cultas*, cabendo só às da primeira espécie o nome de genuìnamente *populares*.

Observação II. A redução do grupo *-gl-* a *-lh-* em ambos os casos é devida, a meu ver, a ter-se o *g* reduzido a *i*, segundo a sua tendência, antes da sua transformação em ântero-palatal.

Observação III. Em razão da diferença de tratamento do grupo *-bl-* devem ser de evolução posterior os vocábulos *falar* e *taleira*, representantes respectivamente de fab(u)lare (por fabulari) e tab(u)laria-, nos quais, como se vê, o *b* assimilou-se ao *l*, que não sofreu alteração alguma.

Observação IV. A par de *senlhos* e *senlheiro*, conhecia a língua arcaica as formas *senhos* e *senheiro*, nas quais, como em *unha*, de ung(u)la (1), deu-se assimilação do *-lh-* à nasal antecedente, que depois foi absorvida pelo *-nh-*; ao contrário, em *sendos*, que coexistiu com *senhos* e é comum também ao espanhol, predominou decerto a dissimilação: cf. pop. *denhum* e provençal *degun* por *nenhum* e *negum*. Do arcaico *cinlha* provém talvez, pela absorção da ressonância nasal pela palatal, o actual *cilha*, Leite de Vasconcelos, porém, conjectura (vide *Revista Lusitana*, vol. VII, pág. 68) que, ao lado de cingula-, conhecia o latim vulgar também *cigula, donde, na sua opinião, viria a forma hoje em uso.

3.º — *gn*. Neste grupo o *g*, seguindo a sua tendência, reduz-se a *i* e este ou se funde com a nasal, molhando-a *(nh)*, ou mantém-se, sem nela actuar, ex.: *a)* pugnare, *punhar* (arc.), *praegne-, *prenhe*, *disdignare, *desdenhar*, pugnu-, *punho*, lignu-, *lenho*, signa-, *senha*, cognatu-, *cunhado*, cognoscere-, *conhocer* (arc.), *conhecer*, agnu-, *anho*, tam ou quam magnu-, *tamanho* ou *camanho*,

---

(1) Afonso X nas suas *C. S. M.* usa a forma *unlha*, que deve ter sido a primitiva.

*stagnu- (por stannu-) *estanho*, ignorare, *inhorar* (arc.), etc.; *b)* regnu-, *reino*, regnare-, *reinar* (¹), Agnes, *Einês* (arc.), *Inês*, etc.

Observação I. O *i*, resultante do *g*, mantém-se por vezes ainda depois de actuar na nasal, como se vê no arc. *puinhemos*, a par de *punhemos*.

Observação II. A segunda transformação indicada do grupo *-gn-* deve ter sido muito posterior à primeira, que só tem o cunho de genuìnamente popular. Mais tarde (²), o *-g-* ou se vocalizou, sem alteração da vogal, precedente ou simplesmente caiu; é o que atestam as formas *sina*, *siinadamente* (no *Leal Conselheiro)*, *dino*, *benino*, *malino*, *sino*, *assinar*, etc., que ocorrem nos nossos escritores; note-se, porém, que tais vocábulos e portanto a última transformação pertencem à literatura.

c) grupos impróprios de duas consoantes:

a) Latinos

43. Nestes grupos tem de atender-se à primeira das consoantes que o compõem, pois o seu tratamento diverge, conforme ela é oclusiva ou constritiva: assim:

A) Se a consoante inicial do grupo é alguma das oclusivas, esta altera-se geralmente, enquanto a que se segue continua a persistir. As alterações porque aquela pode passar são de três espécies:

1.º — Vocalização, que se dá principalmente, quando ela é gutural, e por vezes com as labiais *p* e *b*, precedidas de vogal, ex.: *a)* actu-, *eito*, *octubre-, *oitubro* (³) ou *outubro*, delictu, *deleito* (arc.), tectu-, *teito* ou *teuto* (arc.), luctu-, *luito* (arc.), lucta-, *luita* (arc.), luctare, *luitar* (arc.), luctuosa-, *luitosa* (arc.), *exlectu- (por electu-), *esleito* (arc.), erectu-, *ereito* (arc.), conductu-, *conduito* (arc.), implicta-, *empreita*, pacta-, *peita*,

(¹) Encontra-se por vezes *regnar* por *reinar*, e até *reignar*, por confusão com as duas formas; cf. *Crón. dos Frades Menores*, Glossário.

(²) Também já ouvi *signa* por *sina*, *regnado* e *reinado*.

(³) *Oitubro* é a forma primitiva, ainda viva no povo; no *Martyrologio Romano*, edição de 1682, lê-se sempre *oytubro*.

jactare, *jeitar* (arc.), frutu-, *froito* ou *fruito* (arc.), ecclesia-, *eigreja* (arc.), correctione-, *correição*, directione-, *direiçon* (arc.), exsuctu-, *eixuito*, *enxuito* (arc.), lectu-, *leito*, lacte-, *leite*, profectu-, *proveito*, directu-, *dereito* (arc.), secta-, *seita*, assectare, *asseitar* (arc.), pectu-, *peito*, octo, *oito*, filictu-, *feeito* (arc.) (1), maledictas, *maleita*, suspecta-, *suspeita*, facticiu-, *feitiço*, aspectu-, *aspeito* (arc.), coctu-, *coito* (em *biscoito)*, nocte-, *noite*, doctore-, *doitor* (pop.) (2), Benedictu-, *Beeito* (arc. a par de *Bento)*, (3), taxu- (leia-se tacsu-), *teixo*, saxu-, *seixo*, luxu-, *luixo* (arc.), laxare, *leixar* (arc.) exemplu-, *eixempro* (arc.), mataxa-, *madeixa*, exp(e)rimentare, *eisprimentar*, textu-, *teisto*, sextu-, *seisto* (arc.), sex, *seis*, exceptione-, *eixeiçom* (arc.), *excepte, *eixete* (arc.), exemptu-, *eisento* (arc.), flegma-, *freima* ou *freuma* (arc.), pigmenta-, *pimenta*, etc.; *b)* preceptu, *preceito*, acceptu-, *aceito*, acceptabile, *aceitavil* (arc.), *aceitável*, conceptione-, *conceição*, aptu-, *auto*, baptizare, *bautizar* ou *boutizar* (arc.), captivu-, *cautivo* (arc.), adoptare, *adoutar*, adoptione-, *adouçom* (arc.), adoptivu-, *adoutivo* (arc.), *cap(i)-tellu-, *coudel*, cap(i)tale, *caudal* (ao lado de *cabedelo* e *cabedal)*, absida-, *ousia* (arc.), absentia-, *ausência*, absente-, *ausente*, abstinente-, *austinente* (arc.), obstinatu-, *austinado* (pop.), absolutu-, *ausolutu* (arc.). Absalone-, *Ausalom* (arc.), etc. (4).

Observação I. É tanto da índole da língua a vocalização

---

(1) Na língua culta *feto*, mas o povo continua a dizer *feito* ou *afeito*: cf. no onomástico *Feiteira*, etc.

(2) Usa Gil Vicente, II-381.

(3) Ainda vive esta forma no galego *Bieito*.

(4) A maioria, senão todos estes vocábulos em que entram os grupos *-pt-* e *-bt-* são de origem literária, no galego dão-se as mesmas evoluções e com maior extensão, pois que diz também *ouséquio*, *ousequiar*, etc., *ouservar*, etc., *oustinar*, etc., cf. Valadares Nunes, *Dicionário gal. castelhano*. Aos exemplos acima da vocalização do *p* no grupo *-pt-* pode juntar-se *adega* de apotheca (donde *bodega)*, depois da síncope da vogal protónica, posterior ao abrandamento do *-p-* e *-t-* e assimilação do *b* ao *d*, como se infere da forma arc. *abdega*, ou então resolução do *b* a *v* e depois *u* e do ditongo *au-* a *à* (cf. pop. *àmento)*; note-se, porém, que o verdadeiro tratamento popular dos grupos *-pt-* e *-bs-* deve ter sido o indicado adiante no n.º 3.

do *c* no grupo *-ct-*, e ainda do *g*, seguido doutra consoante, quando precedidos de vogal, que se nota ainda em palavras de proveniência culta, a única diferença está em que nestas, em vez de *i*, apareceu *u*, tais são: as arcaicas *auto, autivo, auçom, carautelas, pauto, trauto, trautar, Maudalena* ou *Moudalena* hoje *Madalena* ou *Madanela* (pop.), de actu-, activu-, actione-, caracteres, pactu-, tractu-, tractare-, Magdalena. Em *douto* e *doutor* pode ter havido troca de ditongo: cf. § 33-1, Obs. II.

Observação II. Acerca da redução a vogal, na língua moderna, de alguns dos ditongos da antiga, provenientes dos grupos mencionados, vide § 35.

Observação III. Em *fito* (cf. *Perafita), pito* (pop.), *frito* e *pimenta*, o *i*, resultante do *c* e *g*, foi naturalmente absorvido pelo que o precedia, o qual se manteve, devido à sua qualidade de longo. Também no moderno *pente* contribuiu decerto para a sua absorção pelo *e* o ter-se comunicado a este a ressonância nasal da sílaba imediata, devendo terem sido as seguintes as evoluções sofridas pelo vocábulo: **peiten, pẽiten, pentem* (forma ainda viva na Beira e empregada, entre outros, por Camões nos *Lusíadas* (vi-17), Gil Vicente (ii-219, 326, 382), Cordeiro *(História Insulana,* i, 263, etc.) e finalmente a actual por dissimilação: cf. também § 40, F. 2.° Obs. I. Quanto a *colcha, aducho* (em Viterbo), *barbecho* (a par de *barbeito)* e *trecho,* de culc(i)ta-, adductu-, verbactu- e tractu-, o tratamento do grupo *-ct-* mostra-nos evidentemente que tais palavras foram importadas do castelhano, em que essa transformação é normal: cf. *noche, pecho, leche, hecho,* etc.

Observação IV. No grupo *-cs-* ou *-x-*, quando intervocálico, o *c* por vezes assimilou-se ao *s* e este evolucionou mais tarde em *x* sob influência de um *i* precedente; ambas as fases acham-se representadas pelas duas formas do pretérito do verbo *dizer*, isto é, *disse* e *dixe*. No mesmo caso estão *enxugar, enxuto,* que devem ter sido precedidos por **eissugar* **eissoito:* cf. o provençal *eissugar, eissug* (1). O *i* resultante do *c* perdeu-se em *sessenta, estrever* (arc.

(1) O *-x-* pode provir ainda de um *s* simples nas condições ditas, como mostra o arc. *reixa* (§ 35, Obs. II).

ainda em galego) ou *astrever* (pop.), *esmerar*, *destra*, *misto*, provàvelmente porque os vocábulos latinos a que correspondem, sexaginta, *extribuere, *exmerare, dextra-, mixtu- tinham na língua vulgar, substituído o *x* por *ss* ou *s*, à semelhança de escelsum, destera, sestu, encontrados em inscrições (1); a sua existência, porém, no arc. *seisto* deve atribuir-se a influência de *seis*.

Observação V. A vocalização do *p* no grupo românico *-p't-* deve ter sido posterior ao seu abrandamento normal em *b* e resultado da mudança deste em *v*, em seguida à queda da vogal protónica, que decerto se deu depois; no caso da segunda consoante ser *s* e a primeira ter dado *i*, aquela, segundo a regra em tais casos (cf. §§ 41, Obs. III e § 43 A, 1 e a Obs. anterior), passa a *-x-*, como em *caxa* ou *caixa* e *queixo* de capsa e capsu-.

2.º — Assimilação à consoante imediata, que se dá com a labial *p*, sempre que está seguida das dentais *t* e *s*, seguindo depois as geminadas a regra dada no § 41, *A)*; ex.: *a)* septe, *sete*, exemptu, *isento*, septembre, *setembro*, ruptu-, *rôto*, scriptu-, *escrito*, captare, *catar*, aptare, *atar*, *nepta- (por neptis), *neta*, reptare, *retar*, diptychos, *ditagos* (arc.), inceptare, *encetar*, etc.; ipse, *êsse*, metipse (2), *medês* (arc.), *metipsimu- (da partícula met mais *ipsimus (3), *meesmo* (4), *mesmo*, gypsu, *gêsso*.

Observação. Ascende ao latim vulgar a assimilação do *p* ao *t*, como se depreende das grafias settembres, scritus, otimo, encontradas em inscrições do 1.º ao século vii. A da mesma consoante ao *-s-* seguinte parece ser mais antiga e ter-se operado já na própria língua clássica, prova-o a existência de isse, cujo feminino era o nome de

---

(1) Em Plauto aparece a forma *sescenta*.

(2) Cf. a locução ego metipse da língua clássica.

(3) Esta forma resultou por haplologia (cf. § 49) de ipsissimus, que ocorre em Plauto, feito talvez sob o modelo grego αὐτότατος de Aristófanes: cf. também o nosso *mesmíssimo*. Note-se que no latim havia, além de *ipse*, igualmente *ipsus*, donde o superlativo, como se fosse um verdadeiro adjectivo. Veja-se Lindsay, *The lat. language*, 441.

(4) Também *meesme* em francês arcaico, antes *medesme*; cf. italiano *medésimo* ou *medesmo*.

uma cadela, celebrada por Marcial num dos seus epigramas, o n.º 109 do livro I ([1]).

3.º — Queda, que atinge as consoantes *b* e *d*, principalmente quando terminam um prefixo, sendo por isso tratadas como finais (§ 48, 1), ex.: 1.º *b)* abscondere, *asconder* (arc.), *esconder*, absolvere, *assolver*, absolutione-, *assoluçom*, abstinentia-, *asteença* ou *esteença*, *subsequere (por subsequi), *sosseguir* (arc.), substare, *sustar*, *subsuperare, *soçobrar*, substantia-, *sustância* (arc. e pop.), subtile, *sotil* (idem), subtu-, *soto* (donde *sótão)*, subterraneu, *soterranho* (arc.), *subterrare, *soterrar* (arc.), *subreptariu- (por subrepticiu-, mudança de sufixo), *sorrateiro*, subjugare, *sojugar* ([2]), subvertere, *soverter* (arc.), submittere, *someter* (idem), etc., 2.º *d)* adversariu-, *aversairo*, *adveniticiu-, *avendiço*, adventu-, *avento*, advocatu-, *avogado* ou *vogado* (arc.), etc.

Observação. A queda do *b* e *d* nas preposições *sub* e *ad* era já conhecida no lat. clássico; cf. su-spicio, a-scribo, etc., e foi certamente precedida da assimilação progressiva. O português moderno restituiu à maioria das palavras, nos casos apontados, o *b* e *d* que tinham perdido. Note-se que o *s* e *r* dobrados de *assalto*, *sorrateiro*, etc., são apenas sinais ortográficos, indicadores dos sons que tais vocábulos têm e não provêm de assimilação.

B) Nos grupos em que a primeira consoante é constritiva, esta, contràriamente ao que sucede, quando oclusiva, mantém-se em geral inalterada, como final, persistindo também a que se lhe segue, como inicial, excepto o *b* que, depois de vibrante ou lateral, passa para *v*, ex.: *a)* 1.º, *fricativa s mais qualquer das oclusivas surdas:* vispa-, *vespa*, suspiriu-, *suspiro*, despectu-, *despeito*, crispu-, *crespo*, asperu-, *áspero*, angustu-, *angosto* (arc.), gustu-, *gosto*,

---

([1]) Cf. Lindsay, pág. 79, *Latin Vulgar*, § 313 e Sommer, *Handbuch*, etc., págs. 240 e 248. Segundo Ernout, *Élements*, etc., pág. 85, a assimilação do *p* ao *s* no grupo *ps* era próprio do osco. Em *coussela* (arc.), no grupo *ps* está o *p* vocalizado, tal excepção talvez se deva atribuir a troca do *p* por *b*, isto é, *cabsella por *capsella, em vez de capsula.

([2]) Na *Eufrosina* é frequente a forma *sogigar*, devida decerto a dissimilação.

hoste-, *oste*, masticare, *mastigar*, mustu-, *mosto*, sustinere, *soster*, dehonestare, *deostar* (arc.), *doestar*, reposta-, *reposta* (arc. e pop.), reste-, *reste*, crusta-, *crosta* ou *crusta*, arista-, *aresta*, fastidiu-, *fastio*, iste, *este*, aestuariu-, *esteiro*, castru-, *castro* ou *crasto* (arc. e pop.), peste-, *peste*, musca-, *mosca*, noscu-, voscu-, *nosco*, *vosco*, nasca (por nascar), *nasca* (arc.), cresco, *cresco* (arc.), *piscare (por piscari), *pescar*, *cinisculu-, *cisco*, etc.; 2.°, *vibrante mais as oclusivas p, t, d, c, g e as constritivas c', g', v, m, n, ou lateral mais as oclusivas p, t, d e as constritivas v, m:* turpe, *torpe*, corpu-, *corpo*, serpente-, *serpente*, virtute-, *virtude*, porta-, *porta*, sortic(u)la-, *sortelha*, artic(u)lu-, *artelho*, artemisia-, *artemija* (arc.), curtare, *cortar*, morte-, *morte*, *mortalia- (por mortualia-), *mortalha*, cardu-, *cardo*, gurdu-, *gordo*, surdu-, *surdo*, ordine-, *ordem*, perdice-, *perdiz*, chorda-, *corda*, perdere, *perder*, mercede-, *mercê*, *mercare (por mercari), *mercar*, archiepiscopu-, *arcebispo*, furca-, *forca*, *torceale (por *torqueale), *torçal*, *torquatiu- (por torquatu-), *torcaz*, *torcere (por *torquere), *torcer*, circinare, *cercear*, circa-, *cerca*, virgine-, *virgem*, margine-, *margem*, mergere, *amerger* (arc.); pargu- (por pagru-), *pargo*, spargere, *esparger* (arc.), organu-, *órgão*, corvu-, *corvo*, cervisia-, *cerveja*, cervu-, *cervo*, parvulu-, *parvo*, serviciu-, *serviço*, formica-, *formiga*, formare, *formar*, arma-, *arma*, *murmuriu (por murmur), *mormoiro* (arc.), carne-, *carne*, tornu-, *torno*, tornare, *tornar*, sarna-, *sarna*, perna-, *perna*, furnu-, *forno*, fornac(u)la-, *fornalha*, vulpec(u)la-, *golpelha* (arc.) (1), pulpa-, *polpa*, palpare, *palpar* ou *apalpar*, altu-, *alto*, *altitia-, *alteza*, *altiare, *alçar*, caldu-, *caldo*, excaldare, *escaldar*, caldaria-, *caldeira*, *ismaralda (por *smaragda), *esmeralda*, absolvere, *assolver* (arc.), calvu-, *calvo*, silva-, *selva*, pulmone-, *pulmão*, palma-, *palma*, palmaria-, *palmeira*, ulmu-, *olmo*, etc. (2); 3.°, *nasal mais qual-*

---

(1) Em galego ainda o simples vulpe-, isto é, *golpe*.

(2) A maioria dos vocábulos, dados para exemplo do grupo *l* mais outra consoante, devem ser de proveniência literária; entre eles figuram certamente estes: *alto*, *alteza*, *esmeralda*, o primeiro dos quais teve a forma indicada mais

quer das oclusivas ou as constritivas c', g', v: plumbu-, *chumbo,* ambos, *ambos,* palumbu-, *pombo,* lumbu-, *lombo,* Columba-, *Comba,* ampulla-, *empola,* rumpere, *romper,* *compania-, *companha,* componere, *compoer* (arc.), *compor,* campana-, *campãa* (arc.), *campa,* tempu-, *tempo,* temporanu-, *temporão,* lampada-, *lampa,* fontana-, *fontãa* (arc.), fonte-, *fonte,* fronte-, *fronte,* quintana-, *quintãa* (arc.), *qũinta,* ventana-, *ventãa* (arc.), *venta,* ponte-, *ponte,* *mentire (por mentiri-), *mentir,* plantare, *chantar* (arc.), *prantar* (pop. e arc.), vendere-, *vender,* grande, *grande,* unde, *onde,* pendere, *pender,* mundare, *mondar,* findere, *fender,* ascendere, *acender* (arc.), confundere, *cofonder* ou *confonder* (arc.), *confundir,* rancidu-, *ranço,* rancore-, *rancor,* rhonchare, *roncar,* mancu-, *manco,* trunc(u)lu-, *troncho,* juncu-, *junco,* *muncu- (por muccu-), *monco,* *manc(u)la (por macula), *mancha,* *cinque (por quinque), *cinque* (arc.), *cinco,* nunqua-, *nunca,* cingere, *cinger* (arc.), *cingir,* tĭngere, *tinger* (arc. e pop.), *tingir,* angelu-, *anjo,* longe, *longe,* frangere, *frangir* (a par de *franzir),* tangere, *tanger,* plangere, *changer* (arc.), *constrangere, *constranger* (arc.), *constrangir,* jungere, *jungir,* sanguine-, *sangue,* singellu-, *sengel* (arc.), *singelo;* convenire, *convir,* invidia-, *enveja,* involvere, *envolver,* *invitus (por invite), *anvidos* (arc.), *convitare (por invitare), *convidar; b)* arbore-, *árvore,* arbutu-, *érvodo,* arboretu-, *arvoredo,* sorbere, *sorver,* sorba-, *sorva,* turbare, *turvar,* turbidu-, *túrvio* (arc.), *turvo,* carbone, *carvão,* *morbidatu-, *amorviado* (arc.), barba-, *barva* (arc.), barbulu-, *barvoo* (arc.), *barbo,* barbaru-, *bravo* (¹), verbu-, *vervo* (arc.), albu-, *alvo,* albore-, *alvor,* *silbu- (por sibilus, metátese), *silvo,* *pulbicu- (por publicu-, id.), *pulvego* (a par de *pruvico,* ambos arcaicos), etc.

---

adiante no § 44. A existência de formas com *l* ao lado de outras com esta consoante vocalizada, resulta da pressão da língua culta sobre a popular, e, como exemplo, Pidal *(Origenes del español,* pág. 120) dá *calça,* que designava uma peça de vestuário próprio dos senhores, e *couce,* pertencente à fala dos armeiros.

(¹) Pidal, a pág. 331 do seu livro, já aqui citado, *Origenes del español,* mostra que a barbarus, dado como origem de *bravo,* se deve preferir pravus.

OBSERVAÇÃO I. Ao lado de *ambos* e *chumbo*, encontram-se na antiga língua *amos* e *promo*, formas que tanto podem ser castelhanas como portuguesas, pois, se a assimilação do *b* ao *m* é normal naquela língua no grupo *-mb-*, não a desconhece igualmente o nosso povo, que diz *tamem* e *imora* por *também* e *embora*.

OBSERVAÇÃO II. Em *quinhentos* e *inhenho* (1), que representam os vocábulos latinos quingentos e ingenuu-, deu-se vocalização do *g*, excepcional neste caso. O mesmo em *tanher* (arc.), e *renhir*, de tangere e ringere, mas estas palavras vieram-nos talvez do espanhol ou do provençal.

OBSERVAÇÃO III. Alguns casos de troca do *b* por *v* no grupo *-rb-* podem explicar-se também por dissimilação ou assimilação, são *barva* (e derivado *barvoso*, usado no feminino em apelido de pessoas), *bravo* e *vervo*. Nalguns destes vocábulos a língua moderna restaurou o primitivo *b*.

OBSERVAÇÃO IV. Sobre *r* mais *cl* veja-se § 44, 3.

44. A constritiva inicial pode, por excepção, sofrer as mesmas alterações que a oclusiva em igualdade de circunstâncias, isto é, quando final de sílaba, a saber:

1.º — Vocalização, que por vezes afecta o *l*, o qual se reduz a *u*, quando a vogal que o precede é *a*, e a *i*, se aquela é *u*, ex.: *a)* altu-, **outo* (arc.) (2), altariu-, *outeiro*, alt(e)ru-, *outro*, saltu- (3), *souto*, calce-, *couce*, falce-, *fouce*, palpare, *poupar*, talparia- (por talpa-, que se acha representado em português dialectal e no galego por *toupa)*, *toupeira*, scalpru-, *escoupro* (arc.), etc.; *b)* multu-, *muito*, vulture-, *abuitre*, cultellu-, *cuitelo*, ascultare, *escuitar* (arc.), culmine- (por culmen), *cuime* (pop.), etc.

---

(1) O segundo *nh* deve atribuir-se a assimilação ao primeiro.

(2) Deduzo a existência desta forma no antigo português não só de se encontrar viva ainda no galego, mas do nome *Montouto*, comum a várias povoações de Portugal e Galiza, e de *Valouta*, lugar no concelho de Santa Marta de Penaguião.

(3) O seu diminutivo, ocorre no toponímico *Soutelo*, a par de *Soutinho*.

Observação I. É já bastante antiga a vocalização do *l* velar, a julgar de grafias como cauculus e *Aubia*, que aparecem nos manuscritos, e καυκουλάτορι do *Edit. de Diocleciano;* cf. Sturtevant, obra citada, pág. 70, Sommer, *Handbuch*, etc., pág. 167 e Grandgent, *Latin vulgar*, § 228. Ao povo ouve-se por vezes *alma coisa*, *àuma coisa* e *àma coisa* por *alguma coisa* (cf. o jornal *A Época* de 17-5-1923); em *àuma* dá-se fenómeno idêntico. Das línguas românicas é na francesa que ela se verifica mais extensamente e com maior regularidade.

Observação II. Como noutros casos (cf. § 43 *A* 1 e Obs. IV), o *i*, proveniente do *l*, palatizou o *s* que se lhe segue imediatamente em pulsare, dando origem a *puxar:* cf. também § 38 B 3, Obs.

Observação III. Sobre a queda do *i*, resultante do *l*, em *enxôfre, cume, mugir, potro*, etc., sem dúvida representantes de sulf(u)re, *culmine, mulgere, *pull(e)tru-, veja-se § 35.

2.° — Assimilação à consoante seguinte, o que se dá nos grupos *-rs, -mn-* e *sc'-*, ex.: *-rs-)*, adversu-, *avêsso*, versu-, *vesso* (arc.), inversare, *envessar*, reversare, *revessar*, dorsu-, *dosso* (arc.), persicu-, *pêssego*, ursu-, *usso* (arc.), persona-, *pessoa*, perscrutare, *pescudar* (arc.), cursu-, *cosso*, cursariu-, *cossairo* (arc. e pop.), cursoriu-, *cossoiro*, *ersa- (particípio de erigere), *essa*, morsa-, *mossa*, morsicare, *mossegar*, Thirsu-, *Tisso* (arc.), etc. (¹); *-mn-)*, somnu-, *sono*, somniu-, *sonho*, somniare, *sonhar*, autumnu-, *outono*, autumnale, *outonal*, damnare, *danar* (arc. = causar dano), condemnare, *condenar*, domnu-, *dono*, domna-, *dona*, columna-, *coona* (arc.), scamnu-, *escano* (²), etc.; *-sc-)* *patescere (por pati), *padecer*, *gratescere, *gradecer* (arc.), *agradecer*, discedere (talvez sob influência de discen-

---

(¹) Persiste ainda no povo a assimilação do *r* ao *s*, como se vê destes exemplos: *convessar* ou *combessar*, *apossasse*, *amasse*, *ospedasse*, *vesso* ou *besso*, *usso*, etc., por *conversar*, *apossar-se*, etc. Eis uma frase, apanhada em flagrante: *el'a risse* por *ela a rir-se*. Também em antigos documentos encontra-se *pesseverar*.

(²) A par desta forma, existe também *escanho*, que pelo tratamento do grupo *-mn-* se revela de proveniência castelhana; cf. *daño, dueño, sueño*.

dere (1), *decer* (arc. e pop.), *descer*, cognoscere, *conhecer*, *nascere (por nasci), *nacer* (arc. e pop.), *excadescere, *escaecer* ou *escaescer* (arc.), *esquecer*, merescere, *merecer* e mais verbos incoativos.

Observação I. A assimilação do *r* ao *s* no grupo *-rs-* ascende já ao próprio latim clássico, segundo nos testificam as grafias prosa, susum, assa, Sassina em vez de *prorsa, sursum, arsa, Sarsina; Probo no *App.* censura a pronúncia pessica em lugar de persica.

Observação II. É tanto da índole da língua esta assimilação que os trovadores a usavam ainda em casos em que as duas consoantes pertencem a palavras diferentes, mas unidas por próclise ou ênclise, é o que se observa em *posseu, ergesse, departisse,* em vez de *por seu, erger-se, departir-se;* por igual motivo o povo diz *quês* por *queres* ou antes *quer's,* forma que ocorre já em Gil Vicente, A. Prestes, etc. É devida a influência culta a restauração do *r* em alguns dos exemplos citados, tais como *dorso, corso, urso, verso, persoa,* etc.

Observação III. O grupo *-mn-* resultante da queda do *i* entre as duas consoantes, era também já conhecido da língua clássica, a julgar das grafias domnus e lamna; advirta-se, porém, que na nossa língua ele se não formou em *vime* ou *vimen* (arc.), *ome* (arc. e pop.) ou *homem, costume, semear,* etc. Há vocábulos nos quais o grupo *m'n* está representado por *mbre,* como *deslumbrar, vislumbre,* etc.; tais vocábulos foram importados do espanhol, onde impera essa evolução. É escusado advertir que as consoantes geminadas, resultante da assimilação, simplificaram-se depois em harmonia com a regra (cf. § 41).

Observação IV. Encontra-se por vezes igual assimilação no grupo *nd* como se vê em verecunnia (a par de verecundia), *iracunnia e grunnio, respectivamente representados por *vergo-*

---

(1) Garcia de Diego em *Homenaje a Menéndez Pidal,* vol. II, pág. 10, prefere *discidere em vez de decidere. Não será o *-s-* acrescento posterior, devido à influência de descendere? Neste caso o decidere latino explicaria bem o *decer* arc. e pop.: cf. pág. 109.

nha (ao lado do arc. *vergonça), rigonha* (arc.) e *grunhir;* em latim vulgar há grafias como agennae, verecunnus. Ao povo ouve-se frequentemente *inagora* por *indagora.*

Observação V. A evolução sofrida pelo *c* contribuiu talvez para a assimilação do *s*, cujo som se aproximava do que aquele tomou. É em obediência à etimologia ou antes por influência culta que se escreve *nascer, crescer, descer*, etc., pois a forma e pronúncia antigas eram *nacer, crecer, deceer*, etc., e essa pronúncia persiste ainda no povo, especialmente do norte do país.

Observação VI. O grupo *-s'c-* acha-se excepcionalmente representado por *-x-* em *vaxelo* (arc.), hoje *baixel, faxa* ou *faixa, feixe, peixe* (também *pexe* na língua do século xv e ainda nos falares do Sul), *enxada, enxó, mexer* (também *meixer*, pop.) representantes de *vascellu-, fascia-, fasce-, pisce-, *asciata-, *asciola-, miscere, tal excepção, porém, é apenas aparente, se se admitir a opinião de Gonçalves Viana (cf. *Rev. Lusitana,* xi, pág. 240 e *Ortografia Nacional*, pág. 70) de que houve troca nos seus dois componentes, passando a *-cs-* (1) e seguindo portanto a evolução deste (cf. § 43 A, 1); é todavia possível que alguns dos vocábulos citados tenham sido importados de língua estranha, talvez do provençal, onde os dois primeiros têm as formas *vaissel* e *faissa.*

3.º — Queda, que atinge o *n*, sempre antes de *s* e por vezes antes de *f*, e também o *r* e o *s*, quando seguidos imediatamente de *cl*, ex.: 1.º *-ns-)* mensa, *mesa,* mense-, *mês*, mensura, *mesura* (arc., no sentido de *medida),* constrangere, *costranger* (arc.), sponsu-, *esposo,* tensu-, *teso*, *prensu- (por prehensu-), *preso*, *prensores (por prehensores), *presores* (arc.), pensare, *pesar*, pinsare, *pisar,* demonstrare, *demostrar* (arc.), monstrare, *mostrar,* *sensutu-, *sisudo,* instrumentu-, *estormento* ou *estromento* (arc.), ansa-, *asa,* consuere, *coser*, defensa-, *devesa* ou *defesa,* inspirare, *espirar* (arc.), Constantia-, *Costança*, Constantinu-, *Costantino* (arc. e pop.), etc.; *-f-),* infante-, *ifante*, infernu-, *iferno*,

---

(1) Semelhante troca mostram os vocábulos latinos ascia e viscus comparados com os gregos ἀξίνη e ἰξός. Troca inversa parece ter-se dado em *teccere, donde *tecer*, talvez por assimilação aos verbos incoativos.

confusione-, *cofujom*, confundere, *cofonder*, confortare, *cofortar* e de aqui o derivado *coforto* (ao lado de *conorto*, importado do provençal com o verbo *conortar)*, etc.; 2.º vejam-se exemplos no § 42, A, 2 (grupo *-cl-)*.

Observação. A queda do *n* antes de *s* e, embora com menos frequência, antes de *f* existia já no latim, como nos atestam as grafias cesor, cosol, iferos, encontradas até em inscrições arcaicas, e continuou a praticar-se na língua vulgar com regularidade tal, quanto ao primeiro caso, que a sua persistência apenas se dá em vocábulos pertencentes à língua culta ou por ela influenciados, como o arc. *consirar, conselho, insoa*, etc. Já o mesmo não sucede relativamente ao segundo, pois que a língua arcaica, se por vezes o rejeitava, conservava-o noutras, e a moderna mantém-no em tais condições, restaurando-o em todos os exemplos dados.

b) Românicos

45. A queda da vogal protónica ou postónica que, decerto motivada em muitos casos pela formação de grupos próprios consonânticos, se operava já na língua clássica, como se infere, entre outras, destas formas: ardere, disciplina, infra, supra, valde, caldus, soldus, raucus, etc., comparadas com estoutras: aridus, discipulus, inferus, superus, valide, calidus, solidus, ravis, etc., continuou a operar-se na vulgar, sucedeu, porém, que nuns vocábulos foi mais tardia do que noutros, do que resultou tratamento diferente nos grupos dela provenientes, pois, enquanto nestes as consoantes intervocálicas se não alteraram, naqueles já elas tinham sido tratadas como tais. Acresce ainda que aquela síncope pôs em contacto consoantes que até então não formavam grupos, donde resultaram no romanço alguns, que eram desconhecidos do latim. Em geral a sua evolução é idêntica aos deste e, do mesmo modo que a segunda consoante, como inicial de sílaba, mantêm-se inalterada nos mais antigos, também se mantém nos posteriores, depois de ter evolucionado, como intervocálica; a primeira persiste igualmente, como final, excepto se da sua junção com a imediata resultaram grupos estranhos à índole da língua, pois nesse caso, é

modificada, assimilando-se umas vezes completa, outras incompletamente à que se lhe segue, ora permutando com outra de natureza igual, ora vocalizando-se ou caindo por completo, e ainda intercalando uma consoante parasita, de qualidade idêntica à dela. E assim:

A) 1.º — Nos grupos de formação mais antiga as duas consoantes suas componentes mantém-se inalteradas, apenas reduzindo-se a simples, segundo a regra, quando geminadas as finais (1), se as há, ex.: *sol(u)tare (2), *soltar* *sol(u)tariu-, *solteiro* (3), sol(i)dare, *soldar*, sol(i)du-, *sôldo*, ol(i)varia-, *olveira* (arc. e pop.), ol(i)vare, *olvar* (arc.), (4), *or(u)la (dem. de *ora), orla*, cal(i)du-, *caldo*, cal(i)daria-, *caldeira*, *col(a)pu-, *golpe*, pos(i)tu-, *pôsto*, lar(i)du-, *lardo*, vir(i)de, *verde*, quir(i)tare-, *gritar*, *quass(i)care (de quassus), *cascar*, gen(i)ta-, *genta* (arc.), etc.

2.º — Nos de formação mais tardia, a segunda sonoriza-se, quando surda (cf. § 40), e a primeira continua inalterada, com as

---

(1) Entenda-se: quando o grupo termina por duas consoantes, embora estando dentro da palavra.

(2) Este verbo foi tirado de *soltus, particípio resultante de *solvĭtus, que substituiu na língua popular, por analogia com outros, o literário solutus. No mesmo caso está *voltus que deu o verbo *voltar:* cf. Grandgent, *Latin vulgar*, § 438.

(3) Poderá também vir de solitarius.

(4) Estas duas formas encontram-se num dos documentos mais antigos, escritos em português, um auto de partilhas de 1192; hoje soam *oliveira* e *olival*, por epêntese de um *i*, que se meteu entre o *l* e o *v*, a desfazer o grupo, como em *Selivestre* e *Selivana*, que se ouvem ao povo. Mas estas mesmas formas não devem ter sido as mais antigas, segundo se depreende de *oiveira*, que aparece nos *Forália* (P. M. H.) a designar um dos pontos de confrontação do antigo termo de Covelinhas (Peso da Régua) e de *oivas*, que entra na formação do actual topónimo *Mòdivas* e se acha escrito *Moodolivas*, *Moa d'oivas*, *Moodoyvas* ou nô latim bárbaro da época *Mola de olibas* ou no verdadeiro *Mola Olivaram*, em documentos do século VIII, isto é, um *moinho de azeitonas* ou, como hoje se diz um *lagar de azeite*. Daqui se vê que ao tempo o árabe *azeitonas* ainda não se usava ou não tinha suplantado o latino *olivas*. Regulares, como eram, o que mostra a queda do *l* intervocálico, estas duas formas foram substituídas, pelas acima mencionadas. Acerca de *Modivas* e sua proveniência, cf. o erudito artigo do Dr. Joaquim da Silveira, intitulado *Toponímia Portuguesa*, onde se ocupa de outros topónimos, com a mesma erudição com que o faz naquele, publicado na *Rev. Lus.*, XVII, 115.

excepções indicadas a seguir, simplificando-se também as geminadas, ex.: *a)* res(i)care, *rasgar*, *remuss(i)care, (de re + mussitare, sobre $t = c$, cf. § 42, *A* 1.º Obs. IV), *remusgar* (donde *resmugar* e *resmungar*, §§ 48 e 49), *vers(i)cu- (de versus), *vesgo*, caball(i)care, *cavalgar*, pulica-, *pulga*, coll(o)care, *colgar*, del(i)catu-, *delgado*, foll(i)care, *folgar*, gall(i)cu-, *galgo*, *impoll(i)care (de pollex), *empolgar*, *salicariu-, *salgueiro*, sen(i)cu [1], *sengo* (arc.), moll(i)care, *amolgar*, basil(i)ca-, *baselga* ou *Beselga* (apelido) [2], *ver(e)cundia-, *vergonça* (arc.), ser(i)cu-, *sirgo*, cler(i)cu-, *crelgo* (arc. e pop.), *autor(i)care, *outorgar*, man(i)ca-, *manga*, domin(i)cu-, *domingo*, extron(i)tu- (de *tronitus por tonitrus), *estrondo*, bon(i)tate-, *bondade*, pol(y)pu-, *polvo* [3], scar(i)fare-, *escarvar*, mur(i)cellu-, *murzelo*, Luc(i)fer, *Lusbel*, *sal(i)ceta-, *Salzeda* (arc. hoje *Salzedas*), etc.: *b)* vejam-se os exemplos dados em *B*.

OBSERVAÇÃO I. A queda da vogal protónica ou postónica em grupos constituídos por lateral ou vibrante e outra consoante ascende à própria língua clássica, como se vê destas formas, usadas pela literatura ou censuradas pelos gramáticos: calfacere, olfacere, caldus, soldus, ferme, virdis, etc., por calefacere, olefacere, etc.: tais grupos devem, pois, em rigor ser classificados de latinos: cf. atrás § 43, *B*.

OBSERVAÇÃO II. Da queda ou persistência da vogal podemos inferir não só a antiguidade, mas ainda a origem de certos vocábulos, sendo os primeiros os mais velhos e genuìnamente populares; é o que se verifica por exemplo, em *malha*, *artelho*, *mágoa* e *artigo*: cf. § 42, *A*, 2.

B) A segunda consoante do grupo mantém-se ou sonoriza-se, em harmonia com o que ficou dito, e a primeira sofre as seguintes modificações:

---

(1) Saraiva, no seu *Dicionário Lat. Port.* explica *senicior*, comp. do desus. *senicus* = *senex* e cita as *Notae Tironianae*.

(2) *Pocilga*, se provém realmente de porcil(i)ca, poderá explicar-se por troca do *r* em *l*, o que não é raro, e depois queda deste por haplologia.

(3) Keller na sua *Volks etymologie*, pág. 57, traz *pulpus*.

1.º — Assimilação à imediata, que pode ser completa, quando é alguma destas: *b* ou *p* e *l*, reduzindo-se, segundo o costume, a simples as geminadas de aí resultantes, e incompleta, se é *m* e dental a seguinte, caso em que aquela de labial torna-se da mesma natureza desta, isto é, *n*, perdendo em seguida a sua pronúncia própria, para só nasalar a vogal que a precede, ex.: *a)* sub(i)taneu-, *sotanho* (arc.), cub(i)tu- (1), *coto;* rep(u)tare, *retar* (a par de *reptar); * mol(i)nariu-, *moleiro,* *esmol(i)na (por eleemosina-), *esmola* (2), etc.; *b)* sem(i)ta-, *senda,* sem(i)tariu-, *sendeiro,* com(i)te-, *conde,* dom(i)tu, *dondo* (arc.) (3), lim(i)te-, *linde,* lim(i)tare, *lindar,* am(i)tes, *andas* (4), etc.

2.º — Permuta com outra de natureza idêntica, porém mais acomodada à que lhe vem logo a seguir, o que se dá com o *l* e *d*, originário ou resultante de *t*, os quais antes de *d* e *z* o primeiro, e de *g* e *m* o segundo, passam respectivamente a *r* e *l* ou *s*, ex.: pall(i)du-, *pardo,* cor(i)tu-, *coldre,* ul(i)ce-, *urze; judgar* (forma arcaica, proveniente de jud(i)care, que coexistiu com outra, igualmente arcaica, *juigar* (5), cf. § 39 *B), julgar,* med(i)ca-, *melga,* *portadgo (de portat(i)cu), *portalgo* (arc.), *nadga (de *nádega,* que continua a viver também, de *natica), *nalga,* *epidma (de *epidema, de epithema), *abisma,* *maridma (de *maridema, de marítima), *marisma,* etc.

3.º — Vocalização, que pode atingir o *b* ou *p*, *l* e *c* (cf.

---

(1) Vejam-se mais exemplos no § 42, A, 2, Obs. III.

(2) As formas anteriores a estas, *molneiro* e *esmolna* (donde *esmolnar,* hoje *esmolar)* ocorrem na língua antiga. Sobre a deslocação do *s* e *l*, vide § 49. A mol(i)nariu prefere G. Viana *(Rev. Lus.,* II, 180), *mon(i)lariu-, estribado em *monleiro,* citado por Viterbo; quer-me parecer, porém, que este provém já de *moleiro,* em virtude da ressonância nasal, comunicada à vogal pela consoante inicial (vide § 48).

(3) Vive ainda no Minho (Gondim) este vocábulo, com o sentido de *mole,* aplicado ao *pão* (informação do Dr. J. M. Rodrigues).

(4) Rigorosamente falando, *andas* deve ter sido precedido por *andes,* que o é do arc. *ámedes:* cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in *Rev. Lus.,* XI, pág. 40 e seguintes.

(5) Nos Cancioneiros trovadorescos.

§§ 43 *A*, 1, 44, 1), ex.: Equáb(o)na, *Coina* (1), cap(i)tale, *caudal* (ao lado de *cabedal* cap(i)tellu-, *coudel* (2) (a par de *cabedel)*, sal(i)ce-, *sauz* (3), *val(i)cu (por varicus), *vaugo* (arc.) (4), plac(i)tu-, *preito*, etc.

4.º — Queda, que se verifica com o *d*, primitivo ou proveniente de *t*, quando seguido de *z* e *g*, representantes de *-c'-* ou *-c-* latinos, ex.: *und(e)ci(m), *onze*, *dod(e)ci(m) (por duodecim: cf. § 47, *B)*, *doze*, tred(e)ci(m), *treze*, quattord(e)ci(m), *catorze*, *quindeci(m), *quinze* (5), *rezdar (de *rezedar, de recitare), *rezar*, *prazdo (de *prazedo, de placitu-), *prazo*, *amizdade (de *amezedade* (6), de *amicitate-, pop. em vez do culto amicitia), *amizade*, *tridgo (de *tridigo*, de triticu-), *trigo* (7), etc.

5.º — Intercalação de uma consoante da natureza da primeira do grupo, para mais fácil pronúncia deste, o que se dá com o *m*, que, quando seguido de lateral ou vibrante, exige a presença de um *b*,

---

(1) Segundo Leite de Vasconcelos in *Arqueólogo*, III, pág. 7 (nota).

(2) Há também *caudilho* (donde *acaudilhar)*, mas este vocábulo veio-nos do espanhol.

(3) Esta forma, que o Dicionário de Morais regista, acentuando-a, porém, erradamente *saúz*, tanto pode ser nacional, como importada do castelhano; anterior a ela foi na nossa língua, *saice*, donde **seice*, que deve ter existido no antigo português, a julgar dos toponímicos *Seiceira* e *Asseiceira*, que decerto dela se tiraram. Sobre os vários representantes do salix latino em português cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos in *Rev. Lus.*, III, pág. 185, Leite de Vasconcelos, *ibidem*, I, pág. 49 e o meu artigo sobre *A Vegetação na toponímia portuguesa*, pág. 165, publicado no *Boletim da classe de Letras* da Academia das Ciências, vol. XIII, fascículo 1.

(4) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos in *Rev. Lus.*, XIII, pág. 418 e Sommer, obra citada, § 98.

(5) Estas formas devem ter sido precedidas por estoutras: *ondze*, *dodze*, *tredze*, etc.: as duas últimas existiram no antigo castelhano: cf. Pidal, pág. 160.

(6) Existe ainda no povo esta forma, pois ouvia-a (em Agosto de 1917) a uma mulher das proximidades de Penacova.

(7) Na grafia *triigo*, que se lê, por exemplo, na *Rev. Lus.*, XXI, 264, a duplicação da vogal poderá indicar a tónica, como antes era uso, e não representar queda no *-d-*, resultante de *-t-*, que embora anormal, não é contudo sem exemplo.

ex.: sim(u)lante-, *sembrante* ou *semblante*, tum(u)lu-, *tombro* (arc. cf. pop. *tumblo)*, insim(u)la (por in + simul), *ensembra* (arc.), um(e)ru-, *ombro*, mem(o)rare-, *lembrar*, cam(e)ra-, *cambra* (pop.), num(e)ru-, *nombro* (arc. cf. pop. *numbro)*, *cucum(e)ru- (por cucumere), *cogombro*, cum(u)lu-, *combro*, etc.

Observação I. A formação de alguns destes grupos deve ser relativamente moderna e ter-se, portanto, operado já dentro da língua, pelo menos para o grupo *-d'g-* é isso certo, segundo se depreende da existência de formas como *portádigo*, *trídigo* e *nádega*, nas quais a vogal postónica se conservou em contrário da tendência da língua.

Observação II. A inserção da labial *b* entre *m* e lateral ou vibrante encontra-se já no grego (cf. γαμβρος, μέμβλωκα e μεσημβρια por γαμός, μέμλωκα, μεσημρια), o latim intercalava igualmente um *p* entre a mesma labial e *s* ou *t* (cf. dempsi, sumpsi, comptus, emptus, etc.). O ser aquela inserção praticada por várias línguas românicas induz a crer que provém já da língua vulgar.

Observação III. Palavras há como *acendrar, engendrar* e *ondrar* (arc.), de cin(e)rare, ingen(e)rare e hon(o)rare, nas quais se intercalou também um fonema parasita, *d* (cf. no grego ανδρός, σινδρος por αν(έ)ρος, σινρός), da mesma natureza que o *n* que o precede, afigura-se-me, porém, que tal grupo se não formou na nossa língua, provindo, portanto, do castelhano ou francês aqueles vocábulos (cf. ptg. *cenrada,* cast. *cendrada* e fr. *cendrée* de *cin(e)rata) (1).

GRUPOS DE TRÊS CONSOANTES

46. 1.º — Latinos. Nestes grupos persistem todas as consoantes, quando próprios (cf. § 42) os constituídos pelas duas últimas,

---

(1) De pignorare e pignora ou antes de pi(g)norare e pi(g)nora, tornados depois *penrare e *penra, precedem os castelhanos arcaicos *pendrar* e *pendra,* depois, por metátese do *r, prendar* e *prenda* e portanto os nossos, cf. Pidal, *Gram.*, § 61,4 e 77,2. O pignorare produziu o nosso *penhorar,* donde se tirou *penhor,* que é portanto um regressivo.

excepto se destas resultou um som palatal, pois neste caso a primeira das três muda para *n,* que nasaliza a vogal que a precede, quando é *m,* e cai, quando *r* ou *s;* nos impróprios, porém, cai em geral a consoante intermédia, ex.: *a)* incontrare, *encontrar,* capistru-, *cabresto* (cf. § 48), etc.; vejam-se mais exemplos no § 42, A, 1, 2; *b),* 1.º amplu-, *ancho,* implere, *encher,* etc.; 2.º vejam-se os exemplos no § 42, A, 2 (grupo *-cl-),* etc.; *c)* cinctu-, *cinto,* punctu-, *ponto,* sanctu-, *santo,* planctu-, *chanto* (arc.), *pranto,* tincta-, *tinta,* *pinctare (por pictare em vez e sob influência de pingere), *pintar,* *pinctu (por pictu-, que deu o pop. dialectal *pito),* *pinto,* anxia (leia-se ancsia), *ânsia,* anxiosu-, *ansioso,* etc.

Observação. A queda da consoante intermédia em grupos impróprios de três consoantes dera-se já na língua clássica, como demonstram, entre outros, os vocábulos seguintes: ultus, tortus, mulsi, tormentum, etc., os quais estão por *ulctus, torctus, mulcsi, *torqmentum, etc., e foi continuada pelo vulgar, segundo se infere das grafias santus e cuntis, que ocorrem em inscrições encontradas em Espanha e provenientes dos séculos IV e VI.

2.º — Românicos. Nestes grupos, também a segunda das consoantes só nos próprios se mantém, nos outros ou assimila-se à imediata, reduzindo-se depois as geminadas a simples, e essa, sendo dental, converte o *m* antecedente em *n,* que nasaliza a vogal que a precede, ou cai, o que acontece em especial ao *d* ou *t* antes de *-c'-* ou *-c-* e *m;* ex.: *a)* *pull(e)tru-, *poldro* (1), vejam-se mais exemplos § 41, *A,* 1; *b):* 1.º *episc(o)pu-, *bispo* (2), promptu-, *pronto,* comp(u)tu-, *conto,* comp(u)tare, *contar,* campsare, *cansar,* etc.; 2.º und(e)ci(m), *onze,* cf. § 45, 63,4) vind(i)care, *vingar,* pend(i)-

---

(1) A par da forma citada acima existe também *potro,* a qual pode ter resultado da vocalização do *l* (cf. § 44, 1.º) simples, proveniente da geminação; nesse caso o ditongo *oi,* reduzido depois a *ô* (cf. § 35), teria impedido o abrandamento do *t.*

(2) Schultz-Gora no seu *Altprovenzalisches Elementarbuch,* págs. 26 e 50, tem por não popular o *bispe* do provençal; efectivamente a manutenção do *i* denuncia-o, pelo menos, como influenciado talvez pela língua da Igreja; o mesmo se pode dizer do vocábulo português.

care, *pingar*, est(i)mare, *esmar*, *asmar* ou *osmar* (arc.), mast(i)-care, *mascar*, etc. (1).

CONSOANTES SEGUIDAS DAS SEMIVOGAIS

47. Aos grupos consonânticos estudados ajuntarei os constituídos por consoante e qualquer das semivogais *i* ou *u*, dos quais me ocupo em separado, visto terem sofrido evolução especial. Note-se que, no latim vulgar, o *e*, quando seguido de vogal, quer no interior, quer no fim de palavra, valia por *i*, e por esse motivo o tratamento dos grupos de que ele fazia parte foi idêntico ao daqueles em que entrava *i*.

A) Consoantes seguidas da semivogal *i*. Nestes grupos a consoante ora se palatiza, ou assibila, fundindo-se os dois elementos do grupo num som único, ora a consoante não se altera e a semivogal apenas muda de lugar. Dá-se o primeiro caso nos grupos:

a) 1.º — *-li-* e *-ni-*, que se transformam respectivamente em *-lh-* e *-nh-*; ex.: *a)* filiu-, *filho*, muliere-, *mulher*, alienu-, *alheio*, palea-, *palha*, peculiu-, *pegulho*, peculiare-, *pegulhar* ou *pegulhal*, *tolleo (por tollo), *tolho* (donde *tolher)*, excolligere, *escolher* (2), virilia-, *virilha*, solea-, *sôlha*, tilia-, *tilha*, alliu-, *alho*, malleu-, *malho*, *iliar(i)ca-, *ilharga*, consiliu-, *conselho*, milia-, *milha*, cochleare-, *colhar* (arc.), *colher*, valea-, *valha*, ervilia-, *ervilha*, Seliu- (rio), *Selho*, Eulalia-, *Olalha* e *Valha*, *Sant'Iulianu-, *Santulhão*, *Orelianu- (por Aurelianu-), *Orelhão*, etc.; *b)* aranea-, *aranha*, baneu- (por balneum (3), *banho*, subterraneu-, *soterranho* (arc.), maneo, *manho* (arc.), teneo, *tenho*, *men-

---

(1) No semi-literário *pernóstico*, resultante de *prognóstico*, por metátese do *r*, frequente neste caso (cf. § 49, 6), deu-se também a queda da medial das três consoantes.

(2) É escusado advertir que nestas palavras o *g* vocalizou-se, ou caiu, segundo a regra (§ 40, *B*, 3), resultando de aí a forma *excolliere, donde a actual *escolher*.

(3) O latim não tinha *-ln-* em palavras suas, diz Meillet, a pág. 93 da sua *Hist. de la langue latine*.

tionea-, *mençonha* (arc.), *poneo, *ponho*, linea-, *linha*, pinea-, *pinha*, seniore-, *senhor*, montanea-, *montanha*, *verecunnia (por verecundia), *vergonha*, somniu-, *sonho*, ciconia-, *cegonha*, pedanea-, *peanha*, *potionea-, *poçonha*, vinea-, *vinha*, extraneu-, *estranho*, testimoniu-, *testemunho*, ingeniu-, *engenho*, juniu-, *junho*, etc.

Observação. Só por excepção o *l* e *n*, seguidos da semivogal *i*, deixaram de tornar-se palatais e foram tratados como simples consoantes intervocálicas (§ 40 *E* 2.º, *F*, 2.º) (1); foi o que se deu nos vocábulos: *doyo* (arc.), *saio*, *Juião* ou *Gião*, *Olaia*, *Ovaia* ou *Vaia* e *testemoio* (arc.), que correspondem respectivamente a doleo, salio, Julianu-, Eulalia- e testimoniu-. Em Viterbo ocorre também *moyer*, que deve ser forma dialectal, talvez leonesa. Note-se que o povo ainda hoje molha os *l* e *n*, quando seguidos de semivogal, dizendo *movilha*, *Antonho*, etc., por *mobília*, *Antônio*, etc. Nas ordenações de Afonso II lá vem *sofreganho*, por *sufragâneo*.

2.º — *-ci-* ou *-ti-* (2), que dão ora *-z-*, ora *-ç-* e *-sch-*, quando o *ti* está precedido de *s*, que cai depois, ex.: 1, *a)* judiciu-, *juízo*, *cinicia, *cĩiza* (arc.), *cinza*, fiducia-, *fiúza*, ratione-, *razão*, satione-, *sazão*, vitiu-, *vezo*, vitiare, *vezar* ou *avezar*, *pretiare, *prezar*, pretiu-, *prez* (arc.), *avistrutio (por avis struthio), *avestruz* ou *abestruz*, ad satie-, *assaz*, *hamiciolu-, *anzolo* (arc.), *anzol*, facie-, *faz* (arc.), e os nomes em ĭtia-, como tristitia-, *tristeza*, malicia-, *maeza* (arc.), etc.; *b)* facie-, *face*, brachiu-, *braço*, *laceu- (por laqueu-), *laço*, *aciariu- (de acies), *aceiro* (arc.), minacia-, *ameaça*, lancea-, *lança*, lanceola-, *lançó* (arc.), puteu-, *poço*, minutias, *miúças*, palatiu-, *paço*, cupiditia-, *cobiça*, *offertione-, *oferçom* ou *ofreçom* (arc.), renuntiare, *renun-*

---

(1) Rigorosamente falando, o *-l-* não caiu, mas vocalizou-se nos casos em que, como *doyo*, *saio*, *Olaia*, ou *Vaia*, se acha precedido de *o* ou *a* tónicos; mostram-no a pronúncia de tais nomes, que faz claramente ouvir *i* e a grafia antiga do *y*.

(2) Que *-ti-* seguido de vogal se pronunciava da mesma maneira que *-ci-* em circunstâncias idênticas, mostra-nos a confusão que na sua escrita se nota em inscrições já do III século, nas quais ocorrem estas grafias; *terminaciones*, *definiciones*, *concupiscencia*.

çar (arc.), captiare, *caçar*, linteolu-, *lençol*, linteu-, *lenço*, laetitia-, *lediça*, *acutia-, *aguça* (arc.), gratia-, *graça*, matiana-, *maçã*, platea-, *praça*, fortia-, *fôrça*, mateu-, *maço*, servitiu-, *serviço*, *capitia-, *cabeça*, coriacea-, *couraça*, acutiare, *aguçar*, silentiu-, *seenço* (arc.) (1), etc.; 2) bestia-, *becha* (arc.), *bicha*, mustione-, *mochão*, comestione-, *comichão*, cristianu-, *crechão* (no arc. *sancrechão*, hoje *sacristão)*, Sebastianu-, *Sàvachão* (arc.) (2), etc.

Observação. A existência das duas formas diversas por que na língua se acham representados os vocábulos latinos vitiu-, pretiu, ratione- e facie, isto é, *vezô* e *viço*, *prez* e *preço*, *razão* e *ração*, *faz* e *face*, mostra claramente que as transformações por eles sofridas não foram simultâneas, antes se realizaram em épocas diferentes, sendo talvez a mais antiga aquela em que *-ti-* e *-ci-* evolucionaram em *-z-*, visto como as palavras dessa fase acusam tratamento mais regular, o que se vê no *i* de vitiu-, que, sendo breve, passou para *ê* (vide § 20, 1), ao passo que em *viço* foi tratado como se fora longo. Acresce ainda que foi em *z* e não em *c*, que se transformou o *c'* intervocálico (vide § 40, *C*, 3.º). Em virtude do exposto, afigura-se-me que as palavras, nas quais o *-ti-* e *-ci-* latinos estão representados por *-c-*, devem ter-se por semi-cultas, sendo genuìnamente populares aquelas em que a esses grupos corresponde *z* (3).

3.º — *-di-*, que ora evoluciona em *-j-*, quando precedido de vogal (4), e em *-c'-*, quando de consoante ou ditongo, ora o primeiro

---

(1) Cf. ainda os verbos *mentir*, *sentir*, *pedir* e *feder*.

(2) As formas anteriores foram *bescha*, *Savaschão*, *creschão*, donde *creschandade*, a par de *crischaindade* nas *C. S. M.*, etc. A excepção que apresenta a 1.ª pessoa do ind. (e daí todo o pres. do conj.) do verbo *vestir*, é devida a analogia com as restantes.

(3) Esta dupla representação dos grupos *-ti-* e *-ci-* por *-z-* e *-ç-* é comum também ao castelhano; Pidal, na sua *Gram. Hist.*, pág. 94 (nota), cita os filólogos que se têm ocupado do assunto, procurando explicar a diferença do tratamento; o encontrado, porém, das suas opiniões, mostra não ser fácil tal explicação.

(4) «Em latim vulgar, diz Sturtevant, obra citada, pág. 110, *di* e *de*, antes de vogais, vieram a ter o mesmo som que o consonantal *i* e confundiam-se

elemento é tratado como intervocálico (vide § 40, *B*, 2.º), persistindo a semivogal, ex.: 1, *a)* insidia-, *enseja*, adiutare, *ajudar*, insidiare-, *ensejar*, invidia-, *enveja*, hodie-, *hoje* (1), *disidiu (por desiderium-), *desejo*, *desidiare (por dissidiare), *dessejar* e *desejar*, in + taediare-, *entejar* (arc.), diaria-, *jeira*, *podiare, *pojar* (arc.) (2), etc.; *b)* v(e)recundia-, *vergonça* (arc.), frondea-, *frança*, vir(i)dia-, *verça* ou *berça*, etc.; vejam-se mais exemplos na *Morfologia*, *verbo;* 2.º mediu-, *meo* ou *meio*, radiu-, *raio*, badiu-, *baio*, modiu-, *moio*, fastidiu-, *fastio*, homcidiu- *omezio* (arc.), perfidia-, *perfia* ou *porfia*, Clodiu-, *Croio* (arc.), etc.

Observação I. Afigura-se-me ser a mais antiga a primeira destas evoluções, a segunda resultaria talvez em parte de influência da escrita, que não distinguia *j* de *i*.

Observação II. A forma *gôzo*, proveniente de gaudiu-, na qual o *-di-* está excepcionalmente representado por *-z-*, provém do castelhano, onde coexiste e é mais usada do que a regular *goço*, como do francês veio o arc. *orge* ou *orjo* (escrito *orgo* em Viterbo) que foi suplantado por *cevada*.

4.º — *-gi-*, em que a semivogal se funde com a consoante num som único que é: *j*, quando esta persiste e *i*, que é absorvido pela tónica, quando desaparece: ex.: *a)* fugio, *fujo*, *corrigeo (por corrigo), *correjo* (arc.), *corrijo*, pulegiu-, *poejo*, *spongia-, *esponja*, etc.; *b)* corrigia-, *correa* ou *correia*, navigiu-, *navio*, exagiu-, *ensaio*, etc.

---

com o último na escrita; assim em *aiutor*, *aiutrici*, *codiugi* e *Madias*. Daqui o chegar o *di* ao mesmo resultado que o *i* consonantal no italiano *giorno*, francês *jour*, de *diurnus*, sardenho *rayu*, italiano *raggio*, espanhol *rayo*, de *radius*. Depois de *r* e *n*, contudo, esta mudança não se dava e nunca foi o padrão da pronúncia do latim». Nos casos em que se dá apenas a queda do *-d-*, o *i* é consoante e não vogal, daí o ser transcrito também por *j*. Num manuscrito proveniente, ao que me parece, do séc. XIV ocorre esta frase: *queimaria o rago do sol a alma*, onde o *g*, que aparece igualmente em *ango* (cf. *Rev. Lus.*, XXVII, págs. 10 e 65), decerto se pronunciava como hoje. Persiste ainda a antiga pronúncia nos seus derivados *rajada*, *rajar* e *rajado* ou *arrajado (feijão)*, cf. Morais s. v. *rajado*.

(1) A forma *oi* (em *oimais)*, usada pelos trovadores, deve ser espanhola.

(2) Vivo ainda no composto *sobrepojar*. No *C. A.* lê-se *poiar* que julgo por *pojar*. Outra forma do mesmo verbo é o actual *apoiar*.

5.º — *-si-* ou *ssi-*, no qual a semivogal se une à tónica, formando com ela ditongo, e o *-s-*, quando simples, converte-se em *j*, quando dobrado em *x*; ex.: *a)* basiu-, *beijo*, caseu-, *queijo*, *laesione-, *aleijão*, ecclesia-, *igreija* (arc.), mansione-, *meijon* (arc.), occasione-, *oqueijon* e *aqueijon* (arc.), *prensione (por prehensione-), *prijon* (arc. por **preijon)*, phasianu-, *feijão* (arc.), hoje *faisão*, visione-, *vijon* (arc.), Therasia-, *Tareija* (arc.), *Teresa*, etc.; *b)* passione-, *paixão*, *crasseu, *graixo*, *basseu-, *baxo* ou *baixo*, russeu-, *rocho* ou *roixo* [1]; etc.

Realiza-se o segundo caso, isto é, a consoante não se altera, apenas a semivogal se deixa atrair, pela tónica com a qual forma ditongo, excepto se é idêntica a ela, porque então as duas, a tónica e a semivogal, que neste caso conserva o seu primitivo som vocálico, fundem-se num som único, *i*, nos grupos seguintes:

b) -pi-, *-bi-*, *-vi-*, *-ri-*, *-mi-*, ex.: *a)* 1.º apiu-, *aipo*, mancipiu-, *mancebo*, clupea-, *choupa* (sobre *ou = oi*, cf. § 33, 1 Obs. II), etc.; 2.º rabia-, *raiva*, rubeu-, *ruivo*, *nubiu-, *noivo*, etc.; 3.º pluvia-, *chuiva* [2] (arc. e pop.), etc.; 4.º coriu-, *coiro*, vicariu-, *vigairo* (arc. e pop.), contrariu-, *contrairo* (id.), murmuriu-, *mormoiro* (arc.), dormitoriu-, *dormidoiro* (arc.), materia-, *madeira*, monasteriu-, *moasteiro* ou *moesteiro* [3] (arc.), *mosteiro*, martyriu-, *marteiro* (arc.), *salteriu- (por psalteriu), *salteiro* (arc.), *aestariu (por aestuariu-), *esteiro*, aguriu-, *agoiro*, etc.; 5.º *calummia (por calumnia-), *coomia* [4], *cooima* (arc.), *coima*, etc.; *b)* *vindimia (por vindemia: cf. 20, 1 Obs. 1), *vindima*, *sipia (por sepia: id.), *siba*, etc.: Vejam-se mais exemplos na *Morfologia*, *verbo*.

---

(1) Pertencem à língua culta *confissão*, *profissão*, *possessão* (arc. *possisson)*, etc., em que o grupo latino *-ss-* permanece inalterado.

(2) Também *chuvia* nas *C. S. M.*

(3) Em rigor esta forma deve provir de *monistariu, que resultou da greco-latina monasterium, por apofonia: cf. Niedermann, *Précis de Phonétique historique du latin*, § 10 c. Nas *Inquirições (P. M. H.)*, ano 897, lê-se *monesterios*.

(4) Escrito, segundo o antigo uso, *coomha*: cf. *Rev. Lus.*, XVI, 272.

Observação I. Nos grupos *-bi-* e *-vi-*, a consoante cai em alguns casos e a semivogal toma o seu costumado som consonântico; é o que se nota em: *ligeiro*, *alijar* (arc.), *sergente* e *fojo*, provenientes de leviariu-, alleviare, serviente- e *foveu- (por fovea); todavia é possível que tais vocábulos tenham sido importados do francês: cf., no entanto, o verbo *haver* no presente do conjuntivo. Igual queda, mas sem a consonantização da semivogal, deu-se em *gaiola*, de *cavéolla.

Observação II. A língua moderna reduziu a simples os *ii* resultantes da absorção da semivogal pela tónica, se é que tal absorção se deu, ou fez cair a semivogal, reduzindo à última vogal os grupos *-ia-*, *-io-*, como atestam os vocábulos *Sesimbra*, *Coimbra*, *Sintra*, *Lima*, *Cibrão*, *cidra*, *vidro*, *adro*, *soberba*, *farro*, que dantes soavam *Sesímbria*, *Coímbria*, *Síntria*, *Límia*, *Cibriã*, *cídria*, *vídrio*, *ádrio* (ainda pop. *aidro)*, *sobérbia*, *fárreo*. Mas que tal redução começara a operar-se na antiga língua, mostra-nos a existência já nela de formas como *Cibrão*, *livão* e *pobro*, representantes de Cyprianu-, levianu- e propriu-, o que aliás não é de estranhar, visto como já no latim vulgar se manifesta a tendência para a absorção da semivogal pela vogal imediata, especialmente quando tónica, como se vê destes exemplos: *quetu-, *parete-, *avolu-, etc., por quietu-, pariete-, *aviolu-, etc.: cf. § 31 (1).

B) Consoantes seguidas da semivogal *u*. Nestes grupos a semivogal ora é atraída pela tónica e com ela forma ditongo, ora cai, absorvida pela vogal seguinte, especialmente se é tónica, conservando-se, porém, às vezes, na escrita, antes de *e* ou *i*, para indicar que as consoantes *g* e *q*, às quais se segue, continuam a manter o som gutural; ex.: *a)* aqua-, *auga* (arc. e pop.), *água*, equa-, *euga* (pop.), *égua*, aequale-, *iugal* (arc.), *igual*, aequare, *iugar* (arc. a par de *iguar)*, etc.: vejam-se mais exemplos nos §§ 18,2, 19,2, 20,2 e 23,2; *b)* aquilone-, *aguião* (arc.), aquila-, *águia*, reliquia-, *religa* (arc.), al(i)quod, *algo*, al(i)quem, *alguém*, nequa, *nega* (arc.), nunqua(m), *nunca*, *torquatiu- (por torquatu-), *torcaz*, cons-

(1) Sommer, obra citada, pág. 33 n., traz queti, como proveniente de uma inscrição.

puere, *escupir* (arc.), *cuspir*, consuere, *coser*, battuere, *bater*, manuaria-, *maneira*, januariu-, *janeiro*, *januella-, *janela*, mortualia-, *mortalha*, duodeci(m)-, *doze*, quattuordeci(m), *catorze*, etc.

Observação I. A palavra *língua* faz parte, sem dúvida, do vocabulário culto; a forma que no popular lhe corresponde é *lengua* ou *lenga* [1].

Observação II. A queda da semivogal, em muitos casos, deu-se já no latim vulgar, pela tendência que ele tinha a fazer desaparecer o hiato; foi o que sucedeu em battuere, consuere, conspuere, februarius, etc.; em torquere, *torqueale-, coquere, coquina-, laqueu-, essa queda, porém, deve ascender à própria língua clássica, como se depreende das grafias cocula, coculum, cocus, torcula, em vez de *coquula, *coquulum, coquus, *torquula, e fez que o *-q-*, fosse igualado na pronúncia, e portanto no tratamento, ao *-c'-*.

CONSOANTES FINAIS

48. As consoantes finais podem ser tais originàriamente, ou devido a queda de vogal ou consoante final; quer umas, quer outras, na língua portuguesa, só se encontram desacompanhadas de outra ou simples. A língua latina admitia como finais quaisquer consoantes, com excepção de *f*, *g*, *h*, *p* e *q*, e todas elas se faziam ouvir na pronúncia; note-se, porém, que o *m*, ou antes, a nasalização indicada por este sinal gráfico [2] proferia-se tão dèbilmente que mal se distinguia na fala, acabando por fim por desaparecer, e em época já antiga [3].

1] Na língua portuguesa, as consoantes que já eram finais em latim, desaparecem, com excepção das: *nasais*, que se mantêm apenas nos monossílabos, mas só como ressonância nasal, na escrita

(1) A primeira grafia encontrei-a num texto que reputo do séc. XIV ou XV, a segunda aparece no *Flos Sanctorum* de 1513, pág. final.

(2) Cf. A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, pág. 119.

(3) Cf. o que ficou dito atrás.

representada hoje por *m;* do *-s*, que persiste nos poucos advérbios herdados do latim, no plural dos nomes, desinências verbais e ainda nos raros nominativos do singular de nomes próprios que, decerto por influência eclesiástica, passaram para a língua vulgar; e finalmente do *-r*, que se desloca para diante da consoante que o precede, para com ela formar grupo; ex.: *a) labiais:* sub, *so* (arc.), Iacob, *Iago* (em *Santiago),* fructum, *fruito*, dicam, *diga*, etc.; *dentais:* ad, *a*, alid [1], *al*, et, *e*, debet, *deve*, caput, *cabo*, aut, *ou*, etc.; *palatais:* sic, *si* (arc.), illac, *alá*, illic, *ali*, hic, *i*, per hoc, *peró*, nec, *ne* (arc.), *nem*, dic, *di* (arc.), eccu hic, *aqui*, etc.; *b)* quem, *quem* (e, sob influência deste pronome, também *alguém*, *ninguém*, de al(i)quem, necquem), cum, *com*, sum, *som* (arc.), tam, *tam*, rem, *rem* (arc.), non, *nom* (arc.), *não*, in, *em*, etc.; magis, *mais*, minus, *menos*, coronas, *coroas*, dolores, *dores*, *narices, *narizes*, ambos, *ambos*, debes, *deves*, amatis, *amades*, *amais*, Deus, *Deus*, Mathias, *Macias*, Dominicus, *Domingos*, Marcus, *Marcos*, etc.; inter, *entre*, semper, *sempre*, super, *sobre*, per, *por*, *quattor (por quattuor), *quatro*, etc.

OBSERVAÇÃO I. A língua actual restituiu o *-b* à preposição *sub* que, como se viu, o perdera na antiga, conservando-o apenas quando se lhe seguia o artigo, caso em que, por assimilação progressiva, se tornara em *l:* cf. na *Morfologia* o *artigo*.

OBSERVAÇÃO II. A queda do *-t* era quase geral no latim vulgar, já no IV século, como nos atestam muitas inscrições dessa época, mas depois de ter abrandado em *-d*. Sobre a sua conservação no verbo *ser* da língua arcaica, veja-se, na *Morfologia*, o *verbo*. Encontra-se também em documentos antigos *et*, em vez de *e;* tal grafia, porém, deve ser culta.

OBSERVAÇÃO III. Para a conservação do *m*, sob a forma de ressonância nasal, nos monossílabos, deve ter contribuído o serem tais vocábulos empregados geralmente unidos a outros, isto é, em próclise, o que fazia passar o *m*, de final, a interno, impedindo portanto o desaparecimento da nasalidade por ele comunicada à vogal que o

---

[1] Pode ver-se esta forma em Lucrécio, I, 263.

precedia. Sobre a preposição *com* junta a pronomes pessoais, vejam-se estes na *Morfologia*.

OBSERVAÇÃO IV. Devido à frequente deslocação do *-r-*, quando junto a vogal, especialmente *e* (cf. *fermoso* e *fremoso*, *atormentar* e *atromentar*, etc.), a preposição *sobre* teve também a forma *sober*; acerca da sua junção com o artigo, veja-se este, na *Morfologia*.

2] Tornaram-se finais, em virtude da queda de vogal ou consoante final, as consoantes *l*, *r*, *n*, e *s*, as quais persistem em português; o *n*, porém, só como simples ressonância nasal (¹); ex.: fidele-, *fiel*, crudele-, *cruel*, sole-, *sol*, aprile-, *abril*, dolet, *dol* (arc.), dolore-, *dor*, amore-, *amor*, pavore-, *pavor*, dicere, *dizer*, mare, *mar*, etc.; latrone-, *ladrom* (arc.), *ladrão*, cane-, *cam* (arc.), *cão*, plane, *cham* ou *pram* (arc.), etc. (vide § 40, F. 2); sunt, *som* (arc.), *são*, dant, *dão*, fuerunt, *forom* (arc. e pop.), *foram*, debent, *devem*, etc.; mense-, *mes*, reverse, *revês*, penset, *pês* (arc.), etc.

OBSERVAÇÃO. Nalguns casos o *l* final vocalizou-se, em harmonia com a sua tendência; aconteceu isso em *ereu*, *alvaneu*, *vergeu*, *manteu*, *lebreu*, *chapéu*, *Andreu*, a par de *erel* (²), *alvanel*, *vergel*, *mantel*, *lebrel*, *chapel* e *Andrel*. O *-l* de *chapel* mantém-se ainda nos derivados *chapeleiro*, *chapelada*, etc. Embora estes vocábulos, com excepção de *alvaneu* e *Andrel*, representem os latinos *heredellu (?), mantellu, leporariu (em português *Laboreiro*) e capellu, devem contudo ser de importação estranha: catalão *ereu*, franceses *verdier*, *mantel* (arc.), *levrier* e *chapel* (arc.).

CAPÍTULO V

Alterações a que estão sujeitas as vogais e consoantes

49. No estudo que até aqui fizemos das vogais e consoantes, consideramos umas e outras em si, isto é, independentemente das rela-

(¹) Na ortografia antiga era esta ressonância indicada por *n*, *m* e também por til; ainda hoje perduram os dois últimos modos.

(²) Ou *herel*, cf. *Rev. Lus.*, v, 126.

ções em que estão uns com os outros os diferentes sons de que se compõem as palavras, mas, assim como estas não vivem isoladas, antes se auxiliam e modificam mùtuamente na formação da linguagem, também aqueles se alteram sob influência dos que lhe estão vizinhos ou que com eles têm semelhança mais ou menos próxima. No primeiro caso, a modificação operada nos sons é apenas *fisiológica*, porquanto nela entram em jogo apenas os órgãos vocais, que, para maior facilidade da pronúncia, imprimem aos fonemas alterações mais ou menos sensíveis, mas sempre dentro dos limites impostos pela sua natureza; no segundo caso, é o espírito que, julgando achar semelhança de sons em vocábulos diferentes, os altera e modifica, sem que nessa modificação, que poderá alcunhar-se de *psicológica*, atenda à sua qualidade, procedendo, ao contrário, um tanto ou quanto arbitràriamente.

Entre as modificações da primeira espécie, ou fisiológicas, figuram:

1.° — Nasalização, que consiste na passagem a nasais das vogais orais e sua transformação em fechadas, quando originàriamente abertas, se as precede ou segue qualquer das consoantes *m* ou *n*, que a elas se encoste; assim: căne-, *cão*, pāne-, *pão*, cănna-, *cana*, ănte, *ante*, răncidu-, *ranço*, glăndula-, *lândoa*, ămplu-, *ancho*, ăngelu-, *anjo*, gĕn(e)ru, *genro*, bĕne, *bem*, rĕm, *rem* (arc.), accĕndo, *acendo*, dĕnte, *dente*, mĕmbru-, *membro*, pĕnna-, *pena*, sĕmper, *sempre*, sĭne, *sem*, fīne, *fim*, *cinicia-, *cinza*, com(i)te-, *conde*, bŏnu-, *bom*, sŏnu-, *som*, somnu-, *sono*, cŏnch(u)la, *concha*, ŭnde, *onde*, *fenŭnc(u)lu-, *funcho*, nŭnquam, *nunca*, etc. A nasalização, que se dá sobretudo com o *n*, quando intervocálico, como vimos no § 40, *F*, *2*, pode dar-se igualmente com o *m*, quando inicial de palavra: assim os latinos mulgere e *remussicare estão representados por *monger* (arc.), *mungir* e *resmungar* [1]; enquanto a antiga língua dizia *messagem*, *messegeiro*, *mi*, *mia* e *mai* [2], dizemos hoje *mensagem*, *mensageiro*, *mim*, *minha* e *mãe*.

---

[1] Cf. a pronúncia *mĩ reis* que, em vez de *mil reis*, se ouve a algumas pessoas.

[2] Em Gondim (Valença) perdura ainda esta forma (informação do Dr. J. M. Rodrigues).

Observação I. Esta influência das consoantes nasais sobre as vogais orais com que se acham em contacto, bem manifesta principalmente na linguagem popular, que diz, por exemplo, *mẽsa*, *mãjor*, *mũto*, *mãzela*, *amẽtolia*, *cãma*, *cĩma*, *nõte*, *nõjo*, *nũca*, *tĩnha*, *vẽnho*, *cãna*, *sĩna*, *sõnho*, *sõno*, etc., parece ascender ao próprio latim vulgar, como nos levam a crer não só a grafia muntu, que ocorre numa inscrição de Pompeios (cf. Sommer, *Handbuch der lateinischen Laut-und Formenlehre*, pág. 182) [1], mas ainda as formas *mancha* e *monco*, a par de *malha* ou *mágoa* e *muco*, as quais assentam, não sobre macla- ou macula- e muccu-, donde as segundas evolucionaram, mas sobre *mancla- e *muncu-. Se a nasalização operada nestes dois vocábulos provém já do próprio latim, a que apresentam os exemplos dados acima realizou-se dentro da língua; assim é que *monger* ou *mungir* e *resmungar* devem ter sido precedidos imediatamente por *mugir, remusgar; mai*, que se lê em escritos do século XV ou XVI [2], só aparece nasalado nesse século; quanto a *mim* e *minha*, ocorrem já nos primeiros monumentos literários da língua.

Observação II. Embora *mui* e *muito* sejam as formas clássicas, nas cantigas 38 e 453 do *Cancioneiro da Ajuda*, aparecem já nasaladas, como mostram as grafias *muyn* e *muinto* [3] donde se conclui não ser moderna na língua a nasalização; a própria forma *mẽsa* ou *mensa*, usada pelo povo, encontra-se também nasalada no século XVI. O fenómeno inverso, ou desnasalização, acusa o arcaico *mançãa*, que tendo primeiro sofrido a influência do *m* inicial, depois perdeu-a, provàvelmente por dissimilação da sílaba imediata [4].

---

[1] A pág. 168 este autor inclina-se antes para a assimilação: *m... l...* > *m... n.*, mas Ernout, *Éléments*, pág. 147, chama a esta troca, «fenómeno de preparação».

[2] Por exemplo *A vingança de Agamemnon*, tragédia de A. Aires Vitória, de 1555, agora publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, edição de 1557, etc.

[3] Também em espanhol antigo é vulgar *muncho*, a par de *mucho*; cf. Pidal, *Floresta*, II, 209, 211 e 214, *El Romancero*, 98, etc.

[4] No mesmo caso devem estar os pop. *còquinha*, que se usa a par de *conquilha* (troca de sufixo) e *mangedoira*.

2.° — Metafonia ou alteração da vogal tónica provocada pelas semivogais *i* e *u*, quando átonas em sílaba imediata ou final: assim se explica a passagem, respectivamente, para *i* ou *ê* e *ô* ou *u*, de *é* e *ó*, que acusam os vocábulos *tíbio* (arc. *tibo)*, *dízima* (arc. *dézima)*, *prítiga*, *medo*, *soberbo*, *testo*, *novelo*; *corvo*, *porco*, *horto*, *jogo*, *fogo*, *foro*, *povo*, *escuso*, etc., representantes de tĕpidu-, dĕcima-, pĕrtica-, mĕtu-, supĕrbu-, tĕstu-, *globĕllu-, cŏrvu-, pŏrcu-, hŏrtu-, jŏcu-, fŏcu-, fŏru-, pŏpulu-, absconsu-, etc. Em *dono*, proveniente de dŏminu-, deve ter influído também a nasal; por sua vez a pronúncia com *ô* influiu no respectivo feminino, que dantes teve *o* aberto, a julgar pela grafia *doona* e pelo diminutivo *dòninha*. A metafonia deve atribuir-se também a passagem a *ui* do ditongo *oi* em *entruido* (arc.), *cuido*, *muimento*, etc.: cf. § 23, Obs. I. A influência exercida pelo *o* final sobre um *é* antecedente torna-se bem manifesta, quando comparamos as formas terminadas naquela vogal com as que acabam em *a*, em que tal influência é nula; vê-se isso em *cadelo*, *canelo*, *ourelo*, *novelo*, *soberbo*, *testo*, *Pedro*, a par de *cadela*, *canela*, *ourela*, *novela*, *soberba*, *testa*, *pedra*: cf. também, na *Morfologia*, o *verbo*.

3.° — Palatização ou passagem a palatais de certas consoantes de espécie originàriamente diversa, em virtude de influência sobre elas exercida pela semivogal *i*, como se viu nos exemplos dados no § 47.

4.° — Assimilação, que faz que dois fonemas diferentes se tornem inteiramente semelhantes ou, quando menos, se aproximem pela passagem de um à família do outro; no primeiro caso, a assimilação é *completa*, no segundo *incompleta*. Tanto uma como outra operam-se, já em vogais, já em consoantes.

a) Assimilação de vogais. Devido em geral a influência das tónicas é que as átonas se alteram por vezes, tornando-se *inteiramente* iguais àquelas, como se viu nos exemplos dados no § 26, 2. Os efeitos desta assimilação *completa* encontram-se não raro encobertos pela *crase*, que fundiu numa só duas vogais idênticas, mas que primitivamente o não eram: cf. o n.° 5 do mesmo § e n.° 2 do § 26. Consoantes há, também, que influem nas vogais, fazendo-as passar da classe a que pertencem para aquela de que elas fazem parte, o que é

também uma assimilação, mas *incompleta:* cf. o citado § 26 n.º 2 e § 18-2, Obs. I. Pode considerar-se ainda a *Metafonia*, de que acabamos de falar, como efeito da assimilação vocálica.

b) Assimilação de consoantes. Como nas vogais, umas vezes a consoante assimila-se por completo à que lhe está vizinha, outras aproxima-se dela apenas, trocando com outra da sua família; exemplos de ambas as espécies, podem ver-se nos §§ 43, A, 2, 44, 2, 45, B, 1 (1).

5.º — Dissimilação. Enquanto pela assimilação se procura tornar idênticos os fonemas, pela dissimilação, que pode igualmente incidir quer sobre vogais, quer sobre consoantes, tem-se em vista evitar o seguimento de sons semelhantes.

a) Dissimilação de vogais. É tão natural o evitar o encontro de vogais idênticas que, quando falamos sem afectação, se na palavra há dois *ii*, substituímos o primeiro por *e*, dizendo, por exemplo, *menistro, adevinhar, dezia*, etc., e não, *ministro, adivinhar, dizia,* etc. Por esta razão, a antiga língua pronunciava e escrevia *dezia, vezinho* (2) e a popular de hoje prefere *temeroso* e *valeroso* a *temoroso* e *valoroso*, embora tais vocábulos provenham de *temor* e *valor*: cf. § 26, 2.

b) Dissimilação de consoantes. Por meio deste processo fonético, a língua, além de trocar um fonema por outro, chega a suprimir um deles e até a fundir numa só duas sílabas iguais, o que mais pròpriamente tem o nome de haplologia (3). A troca dá-se especialmente entre vibrante e lateral, mas também há exemplos do facto noutras consoantes. Assim, afora *cristel, crelgo* (pop.) (4), *mar-*

---

(1) Aos exemplos citados podem ainda ajuntar-se estes, todos pertencentes à língua popular: *Chacho, Chancho, Odexêxe, tamem, imora*, por *sacho, Sancho, Odesseixe, também, embora*. Mais frequente do que *menancia* é, entre o povo, a forma *blancia*, resultante de dissimilação *(uma melancia, uma blancia)* ou de troca do grupo desusado *m'l* por *b'l*. Também tenho ouvido *menancia*.

(2) Já o latim pop. oferece a forma vecinus, que parece ter levado de vencida a literária vicinus.

(3) De ἁπλοῦς, simples e λόγος, discurso.

(4) Estas formas não procedem directamente de clyster e clericus, mas das intermédias **crister* e **crergo:* cf. em Viterbo *crerizia*.

melo, *rouxinol*, *priol* (pop.), *ralo*, *celorgia* (arc.), *martel*, *alvidro*, *arrebol*, *pregalhas* (arc. a par de *pregarias*) [1], *roble*, *Jorze* (pop.), por *Jorge*, etc., em que se procurou evitar a repetição da mesma letra na palavra, lançando mão de outra, o português oferece estes exemplos: *cinco*, *cincoenta*, *cerquinho*, *Cercal*, nos quais o *c*-, resultante de *qu*-, passou de gutural a fricativa, e ainda *nível* (arc. *olivél*), *negalho*, *lembrar* [2], *alma*, *alemal* (pop.), *almalho* (arc.), *astrolomia* (arc.), *lomear* (arc. e pop. *alomear*), *linho* (arc. e pop.), etc., em que a primeira das duas consoantes idênticas (*l*... *l* e *m*... *m*) ou pertencentes à mesma classe (*n*... *m* ou *nh*) permutou com outra, *n* e *l* [3]. Opera-se a supressão, que recai principalmente no *r*, em geral o que se acha na sílaba átona, nos vocábulos seguintes: *rosto* (arc. *rostro*), *trado*, *rasto* (a par de *rastro*, donde arc. *arrastrar*, hoje *arrastar*), *arado*, *crivo*, *pobro* (arc.: cf. também o semi-culto e pop. *própio*), *madrasta*, *padrasto*, *registo*, *proído*, *postrar* (ao lado de *registro*, *prurido* e *prostrar*), *pescudar* (arc., substituído pelo culto *perscrutar*), *proa*, *rodo*, *cócedra* [4] (arc., suplantado pelo castelhano *colcha*, donde *colchão* (pop.), *corchão*, etc.), mas que ela pode recair também noutras consoantes, embora mais raramente, mostram estes exemplos: *acontecer*, *malvaisco* e pop. *engiva*, nos quais de duas consoantes idênticas, *n*, *v* e *g*, sincopou-se uma [5]. Observa-se finalmente a eli-

---

(1) Afora *pregalhas* (que é como se deve ler o *pregallas* de Viterbo), cita este autor também *preregalhas*, que, a meu ver, se deve explicar por metátese do primeiro -*r*- e suarabacti.

(2) A dissimilação operada neste verbo e derivados, afectou, não o latim mem(o)rare, mas o arc. *nembrar*, etc., que, como *nembro*, também arcaico, tinham sofrido outra, na qual, como se vê, o *m*-, por ser seguido doutro, trocou em *n*: cf. *alma*, etc. Em *mugir*, de *mungir*, o *n* caiu, devido à existência de outra nasal na palavra.

(3) Cf. populares *borna* e *denhum* por *morna* (água) e *nenhum*.

(4) Entre esta forma e a latina cŭlcitra tem, a meu ver, de admitir-se **corcedra*, dela proveniente por assimilação. Note-se que no castelhano persistiram as duas formas latinas registadas nos dicionários, a saber, a mencionada, que se acha representada por *colcedra* e *cozedra* (arc.), e *culc(i)ta*, donde a citada acima.

(5) Em *acontecer* deve a dissimilação ter-se dado já no latim pop., que diria *contigescere, por contingescere, vindo assim, sem disso ter cons-

minação de uma de duas sílabas iguais em: *perda*, *venda*, *redor*, etc., que estão por *perdeda* (1), **vendeda*, **rodador*, pois provêm de perdita-, vendita- e rotatore-. Estão no mesmo caso os adjectivos *caridoso*, *bondoso*, *saudoso*, *idoso*, *humildoso*, *maldoso*, *piedoso*, *cuidoso* (ao lado de *cuidadoso*) e o verbo *apiedar-se* (2).

Observação I. Não obstante a tendência para a dissimilação, que se nota na língua arcaica principalmente, casos houve em que ela deixou de praticá-la; da conservação do *r* em sílabas diferentes são exemplo estas formas: *craro*, *cramor*, *fror* (a par de *cramol* e *frol*), *crerezia*, *miragre*, *fraire*, etc.

Observação II. A queda do *-r-* em *terreste*, que ocorre em Camões (vii, 6), deve ter sido influenciada pelo antónimo *celeste*, como por seu lado este e os derivados *celestrial* e *Celestrino* (pop.) o foram por *terrestre*.

6.° — Metátese. Consiste este processo glotológico em deslocar quer uma vogal para junto da tónica, com a qual forma ditongo, quer uma consoante só ou duas, que se substituem mùtuamente; no primeiro caso a metátese chamar-se-á *simples* e *recíproca* no segundo. A simples transposição, quando vocálica, pode dar-se com qualquer das vogais, quando consonântica incide em especial sobre o *r*, que, como consoante muito móbil, é na maioria dos casos atraída por

---

ciência, a pôr de parte o infixo *-n-*, que se introduzira no simples *tango* (cf. *tac-tum*), como aliás noutros verbos. Aos exemplos acima dados da dissimilação das consoantes: *l*, *r*, *m*, *n*, pode ainda juntar-se o de *j* em *Jorze*, que, por *Jorge*, se ouve frequentemente ao povo e lê-se no *Boletim da Soc. de Geog.*, n.º 7, de 1907.

(1) *Perdeda*, ocorre nas *C. S. M.*

(2) Acrescente-se ainda *todi (hoje)*, por *todo o dia*, que ocorre na *Eufrosina*, cf. *todo hoy* em *El Burlador de Sevilla*, acto ii, cena v. É escusado advertir que os dois processos, assimilatório e dissimilatório, eram conhecidos igualmente da língua clássica, que os praticava pouco mais ou menos do mesmo modo que o fazem as línguas românicas, entre elas a nossa. Acerca da assimilação e dissimilação no latim podem ver-se Lindsay, *The Latin Language*, págs. 201, 311 e 312, Fr. Stolz, *Hist. Gram. der Lat. Sprache* (índice do vol. i), Ernout, *Morphologie latine*, 270, Sommer, *Handbuch der lat. Laut-und Formenlehre*, págs. 125 e 274, etc., e Niedermann, *Phonétique Historique du latin*, págs. 102 e seguintes; com respeito ao português veja-se Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, págs. 213 e seguintes.

outra para com ela formar grupo; assim: *a) esfaimar*, e pop. *histoira, duiza, paito, saclairo*, etc., por **esfamear, história, dúzia, pátio, sacrário*, etc.: cf. mais exemplos nos §§ 18,2, 19,2, 20,2, 22,2, 23,2, 47, *b)*; b) *fresta, trevas, bràdar, breba, estrondo, prego, prúvico* (arc.), *estravo* (arc.), *estrepe, quebrar*, (ainda *crebar* em galego), *perseve* (arc.), *menstrato, pormeter* (arc. e pop.), *prove* ou *probe, probeza* (arc. e pop.), *pruga* (pop.), *celoiras* (por *ceroulas*, id.), *cristel* (por *clister*, id.), *estreco* (id.), *druma* (por *durma*, id.), *abroba* (por *abóbora*, id.), *breço* (id.), *largato* (por *lagarto*, id.), *mesgalhar* (id. por *esmigalhar*), *enjoar, joelho* (de *enojar, giolho*, arc.), *estrapor, pedriz* (pop.), *saclairo* (id. por *sacrairo*), *madurgar*, etc., *crosto, crestar* e também *silvar, fremoso* (arc.), *resmungar, escupir* (arc. e ainda pop. donde *escupo*), *estrapor* (pop.), *escramalhar* (id. por *tresmalhar*), *estoquiar* (id. por *tosquiar*), etc.; realiza-se a transposição recíproca em: *paul, alento* (¹), no arc. *Cádavo*, em *tanchar* e nos pop. *fédito, vádago, fulineiro, atazanar, gnócio* ou *guenócio*, ou *guenóiço, champrão, Ádega* por *Águeda*, etc.

Observação I. Ao lado das formas resultantes de metátese, a língua arcaica conhece outras, porventura mais antigas, nas quais ela se não operara, como são, por exemplo, estas: *feestra, teebras, estabro, preseve* (com o seu derivado *preserval* ou *presevel*).

7.º — Acrescentamento e supressão de sons. Sucede também por vezes que novos fonemas, quer vocálicos, quer consonânticos, se ajuntam ou tiram aos já existentes, no princípio, no interior e no fim da palavra. Assim, enquanto é o *a* principalmente que se antepõe a muitos vocábulos *(prótese)*, suprimem-se, além desta vogal, também *e* e *o* no começo da palavra *(aférese)*, como nos seguintes exemplos: 1) *atambor, atal, atanto, atamanho, acredor, alagar,*

(¹) Tanto das formas portuguesas, como das outras línguas românicas, deduz-se que a metátese nestes dois vocábulos ascende já ao latim popular, o qual trocou por *padule e *alenitus os clássicos palude e anhelitus: cf. Körting, s. v. Mas pode também ter acontecido que, a par de regular, existisse também a forma proveniente de metátese, resultando de aí dois vocábulos diferentes; é o que se me afigura sucedeu a quiritare, que deste modo deu o arc. *cridar* (cf. Körting, s. v.), ao passo que, depois de transformado em *quir(i)tare, daria primeiro *guirtar, donde o actual *gritar*.

achumaço, arreceio, arreceoso (pop.), etc.: cf. mais exemplos no § 26,1 Obs. III; 2) *bonda* (pop.), *batarda, namorar, maginar, maginação, Mezio* (1), etc.: cf. o mesmo § e Obs. III.

Dentro da palavra acrescentam-se já vogais (suarabacti ou anaptixe) (2), em geral idênticas à que imediatamente as precede ou segue, com o fim de desfazer grupos consonânticos, já consoantes (epêntese) (3), que produzem resultado inverso, e desaparecem ou caem (síncope) tanto vogais como consoantes, ex.: 1.º *a) caranguejo* (4), *barata* (5), pop. *carapenteiro, cambarista, maramelo, marafim, marafado, caravão, cangarena, caracunda,* arc. *peregalhas, escarafunchar* (pop.), *fevereiro* (6), *corónica* (arc. ao lado de *carónica,* cf. § 26,2 1.º *a), escarapelar, carapichoso* (pop. por *caprichoso), côngoro* (pop.), *Selivana* (de *Silivana), Siliverio* (7), etc.; *b) mastro* (mais frequente que *masto,* pop.), *alcofra, garfanhoto, grolo* (por *goro), listra, chefre, chilra, lastro, estralar* (a par de *estalar), landre* ou *lendre* (cf. § 26, 3.º), *penedro, moledro, bonecro* (arc.), *trom* (pop.), *gẽlro, tẽlro,* etc. (cf. § 45, *B,* 5); 2.º vejam-se, quanto a vogais, os exemplos citados nos §§ 28,1, 29,1; quanto às consoantes os §§ 40, *B,* 2.º, *D,* 1.º, 2.º, *E,* 2.º, *F,* 2, 44, 3.º, 45, *B,* 4.º, 46, 2.º e 49, 4.º, *b.*

Observação I. Foi por suarabacti que o latim clássico calvaria se tornou *calavaria, forma que suplantou aquela, que parece

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.,* I, 53.

(2) O primeiro destes vocábulos pertence à terminologia dos gramáticos sânscritos, o segundo corresponde ao grego ἀνάπτυξις e quer dizer desenvolvimento.

(3) Em grego ἐπένθεσις ou intercalação.

(4) A forma usada pelos nossos escritores antigos era *cangrejo,* ainda viva no povo, a qual é um derivado do latim cancer; a actual provém daquela por metátese de *-r-*.

(5) A forma anterior a esta deve ter sido **brata,* que se deduz do lat. *blatta.*

(6) No *Foral de Beja, Inéditos,* ocorre *comparar,* ao lado de *comprar,* em que o *-a-* talvez seja anaptíxico.

(7) Podem ver-se mais exemplos em Cornu, *Die Portugiesische Sprache,* § 247 e §§ 245, 246, 248 e seguintes acerca dos outros fenómenos fonéticos acima apontados.

subsistir apenas em *caiveira*, ainda viva na linguagem popular do Sul, dando o actual *càveira*, que pela acentuação do *-a-* se reconhece ter sido precedida por **caaveira* (cf. 28, 2 e 40, *E*, 2.º e 18, 2) (¹).

Observação II. A dissemelhança de vogal, que se nota nestes vocábulos: arc. *escouparo* e nos populares *côngaro*, *almíscaro*, *mítara* (que se encontra em Gil Vicente, I, 282), *númbaro*, é devida decerto a influência dos nomes assim terminados, tais como *pássaro*, *cântaro*, *púcaro*, *áspero* (arc.), *sáfaro*, etc.

No fim da palavra são o *e* ou *i* e o *s* os fonemas que de ordinário se acrescentam *(paragoge)*, sendo também a mesma vogal a que se suprime *(apócope)*; assim: 1.º *martele* (pop., por *mártir)*, *mare* ou *mari*, *sole* ou *soli*, *pei*, *marei*, *alguidari*; *sòmentes*, *Matildes*, *Farias*, *Gamas*, etc.: cf. Morfologia, *advérbio*; 2.º *cárcer*, *quer*, *pês*, etc. (²).

Observação. Acerca da queda da sílaba final devida a próclise, cf. § 30, 3, Obs. V.

50. Mas não são só as partes componentes das palavras que influem entre si, também estas, por sua vez, são umas influenciadas por outras. Com efeito, embora a cada ideia corresponda um sinal peculiar, o vocábulo, que é, por assim dizer, o seu vestuário e, como tal, propriedade sua exclusiva, casos há em que o nosso espírito se deixa arrastar pelo som e, levado por este, põe de parte a significação da palavra, que altera na sua forma por maneira que a aproxima de outra, que muitas vezes não tem com ela parentesco algum. É ainda a analogia a exercer, como tantas vezes já temos notado e havemos de notar, a sua acção niveladora; a qual se manifesta principalmente pelos três modos seguintes:

1.º — Analogia pròpriamente dita, a qual faz que a palavra se modifique na sua forma, sob influência de outra que com ela

---

(¹) A mesma forma com vogal parasita ou suarabáctica deu o castelhano *calavera*.

(²) O acrescentamento e supressão de vogais consoantes, como é sabido, era já praticado pelas línguas clássicas; com respeito ao grego podem consultar-se afora as respectivas gramáticas, Hirt, *Griechische Laut-und Formenlehre*, relativamente ao latim os autores já citados, Stolz, Sommer, Lindsay e Niedermann.

tem alguma afinidade e à qual se assimila mais ou menos: assim como se dizia no latim vulgar sŏcra [1], passou no mesmo a dizer-se também nŏra, em vez de nŭrus do clássico, tanto mais que se tratava de pessoas do sexo feminino, cuja terminação mais frequente era *-a* e não *-us*. Por motivo idêntico, os numerais *doze* e *treze* mantiveram o *-e* final, contràriamente à regra (cf. § 30,1), pois o mantinham também *onze, quatorze* e *quinze*. Porque se dizia *vinte,* o latim *trigĭnta* foi tratado de modo diferente por que o foram as dezenas imediatamente a seguir, nas quais a mesma terminação -ĭnta deu *enta,* consoante a regra normal (cf. 20,2 Obs. II). É por influência de *quatro* que *quarenta* e *quadrado* conservam a semivogal *-u-*, que aliás caiu em *catorze, caderno* e *courela.*

Observação. Sobre mais casos de analogia podem ver-se os §§ 13, *c,* 20,1, Obs. II, 2, Obs. I, etc. e, na Morfologia, o *Verbo.*

2.º — Cruzamento, que se opera entre palavras que têm significação e som muito parecidos, tomando umas elementos que pertencem a outras ou ainda formando uma única por meio da fusão de duas. Por este processo a palavra stella tomou de astru- o *-r-* com que aparece em português, scutella mudou o seu *u* breve em longo à semelhança de scūtum e, porque o grego dizia τρίφυλλον, a língua popular transformou o clássico trĭfŏlĭu- em *trĭfŏlu-, donde *trevo* (cf. § 40, *C,* 1.º e *E,* 2.º), que na antiga língua devia soar *trevoo.* Ao substantivo calce foi decerto o povo buscar os verbos *incalceare e *accalceare, os quais evolucionaram respectivamente nos arcaicos *encalçar* e *acalçar;* este depois, por analogia com aquele, nasalou a vogal inicial, aqui prefixo, tornando-se **ancalçar*, donde por metátese resultou o actual *alcançar,* que suplantou *encalçar* por modo tal que desapareceu do uso, subsistindo dele apenas o regressivo *encalce.*

---

(1) Como é sabido, o latim clássico dizia socer no masculino e socrus no feminino, mas tendo aquele que foi precedido por socerus, a par de socrus, perdido a vogal postónica, as duas palavras ficaram idênticas no acusativo, donde a necessidade de as diferençar, fortalecida ainda pela terminação *-us* da última forma, contrária ao uso geral que fazia, na maioria dos casos, acabar em *-a* os nomes do género feminino; as formas socera e socra aparecem já em inscrições.

3.º — Etimologia popular, outro processo em todos os tempos e línguas muito da predilecção do povo, tanto que tem dado origem a vários mitos e lendas [1], pelo qual a palavra, quando para aquele que a pronuncia possui elementos estranhos, é alterada nestes, que são tornados iguais ou parecidos com os de outras, já seus conhecidos; assim, por exemplo, *sacristão* é pelo povo de hoje alterado em *sancrestão*, como já o havia sido pelos seus antepassados em *sancrechão*, isto é, a sílaba inicial *sa-*, que para ele tinha sentido desconhecido, mudou para *san-*, de que se serve muitas vezes, a par de *santo*. Por igual razão, à planta denominada *legacão* chama ele *alegrecão*. O latim veruclu-, devia ter dado **verolho*, mas, porque o instrumento ao qual tal nome andava ligado era feito de *ferro*, de aí a sua alteração no actual *ferrolho*. Foi devido decerto a influência de *flor* e à sua existência em grande abundância no local assim designado que a língua moderna alterou em *floresta* o que a antiga, como outras línguas irmãs, dizia *foresta* [2]. Ao literário *vagabundo*, considerado como formando duas palavras, porque a última tinha aspecto estranho, mudou-se-lhe o *-b-* em *-m-*, o que o tornou compreensível a todos. De *revindita* fez-se *àrrebendita*, que se emprega na frase *fazer* (uma coisa) *por —*, como em lugar do arc. *escudrinhar*, etc., diz-se hoje *esquadrinhar*. À doença conhecida pelo nome de *morfeia* chama o povo *mal feio*, decerto pelo mau aspecto que comunica a quem a tem e ele julgou aquela palavra querer significar [3].

---

(1) Cf. Bréal, *Mélanges de mythologie et de linguistique*, 16, 17, Júlio Moreira, in *Rev. Lus.*, I, 53. Podem ver-se exemplos de etimologia popular na língua latina no excelente livrinho de F. O. Weise, *Charakteristik der lateinischen Sprache*, traduzido em francês por F. Antoine, a pág. 257, e em Keller, *Lateinische Volkesetymologie*.

(2) Explica-se este substantivo como proveniente de um adjectivo tirado de foris, isto é, *forestus ou forestis, que a princípio andaria junto a *selva*, passando depois só por si, na forma feminina, a assumir a significação dos dois vocábulos, a exemplo de outros.

(3) São inúmeros os exemplos da etimologia popular. Aos acima referidos podem ainda ajuntar-se estes: *escorrente* (por *escorreito* na frase *são e —*), *vacas encoiradas* (por *arcas —*), *Agua de Lupe*, (mês de) *Santiágua*, por *Guadalupe*

51. A estas influências analógicas acresce ainda o *sentimento do ritmo*, que impede a evolução natural dos sons, que aliás se produz noutros vocábulos afins; deste modo se explica a conservação do *-c-* intervocálico em *cuco*, contràriamente à sua evolução normal (cf. § 40, *A*, 3.º).

52. Pelos processos descritos são os vocábulos alterados por um modo inconsciente, mas podem sê-lo também propositadamente, quando, por motivos religiosos ou morais, se trocam por outros, ou nos seus sufixos ou ainda por completo, aqueles que não queremos ou receamos empregar na sua forma usual; é o que se chama *eufemismo* (1) ou seja uma *palavra* que pela mudança sofrida se julga perder o seu mau sentido, passando a *boa*; assim pessoas há, excessivamente escrupulosas, que, para não nomearem o *diabo* pelo seu nome, ou o transformam em *diacho*, *dianho*, *dialho*, *diangos*, ou *diangros*, *decho* (2) ou, em lugar dele, usam chamá-lo *Diogo* e até *Nabo* (3). Na ideia de evitar uma palavra tida por obscena, ouve-se por vezes dizer, em seu lugar, *púcra* e *puxa* ou *curta*, quando se fala de mulher de costumes dissolutos. É escusado advertir que semelhante processo não é exclusivo da nossa língua, em todas se encontram mais ou menos vestígios dele.

---

e *Santiago*, etc. *Aguadalquivir* diz Afonso X nas *C. S. M.*, a par da forma corrente. Outros ainda citam: Leite de Vasconcelos no *Doutor Storck*, pág. 41 (nota 2), Júlio Moreira, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho na *Rev. Lus.*, I, págs. 58, 133, 222 e 267, Pedro de Azevedo, ibidem III, pág. 368, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, ibidem XIII, págs. 345 e 416 (sobre *milgranada* e *tormentina)*, etc., etc. Creio serem devidas também a etimologia popular as formas *reixenol* e *rouxinol*.

(1) No grego εὐφήμισμός de εὐ, bem e φημί dizer, falar.

(2) Gil Vicente, além desta, (I, 137, 142, 248, 258) usa ainda *dexemo* em I, 131, 2.

(3) Podem ver-se mais exemplos nas *Lições de Filologia* de Leite de Vasconcelos, 413, e entre eles a explicação dos vocábulos *pardelhas* e *bofelhas*, de que Gil Vicente, por exemplo, faz uso frequente.

CAPÍTULO VI

Fonética sintáctica

53. Assim como as letras não vivem isoladas e, segundo acabamos de ver, se influem mùtuamente, também as palavras se associam umas às outras, para formarem a expressão do pensamento. Ora desta ligação resulta darem-se muitas vezes certas alterações nos sons, que sem ela se não dariam, cabendo portanto ao conjunto delas o nome de *Fonética sintáctica*. Exemplifiquemos:

É em regra constante a persistência das consoantes iniciais, mas, se duas palavras se unirem de modo que formem uma só, aquelas passarão, numa delas, a internas e, portanto, como tais serão tratadas. Assim *d* e *g* de **domnu-* e *germanu-*, por terem sido precedidos, aquele vocábulo pelo possessivo meu-, e este talvez pelo demonstrativo — artigo illu-, caíram normalmente e, de aí, *meono* (e também *meona* ou *meana)*, que ocorre na língua antiga, e *irmão*, que depois passaria a usar-se só. No mesmo caso do *g* de germanu- está o *i* de Johannes, que, tendo, quando inicial, evolucionado em *j*, como mostra o actual *João,* sucessor do arcaico *Joane* e resultante dele por próclise, aparece-nos sob a forma de vogal, isto é, *e,* quando precedido de um nome terminado em vogal, como em *Osoir'Eanes*, *Afons'Eanes,* *Nun'Eanes,* etc. De dois vocábulos, sanctu- e Julianu-, fez-se um único, *Santulhão*, caindo a vogal final do primeiro e juntando-se a consoante, assim tornada final, com o segundo, cuja inicial, que, pelo mesmo motivo do caso anterior, tinha o som de vogal, se fundiu com o *-u-* imediato. Igualmente da ligação da forma proclítica de *santo,* isto é, *san,* ao nome já mencionado *Joane,* resultou *Sonhoane* (1). O *c* final, que cai normalmente (§ 48,1), não só persistiu, mas, por se ter tornado intervocálico, seguiu a sorte deste (§ 40, *A,* 3.º) na junção do pronome hic, no caso ablativo, com os nomes hora e anno, da qual resultaram, respectivamente, *agora,* ainda vivo, e o arcaico

(1) Cf. a forma pop. *nôs (= noves) fora.*

ogano. Fenómeno idêntico deu-se com o mesmo vocábulo *hora*, precedido da preposição ad, que com ele se fundiu, vindo ambos a dar **aora* (§ 40, *B*, 2.°), donde o actual *ora*.

Abundam os exemplos de compostos, resultantes da queda ou fusão da vogal final de um com a inicial do outro; nuns essa composição ainda é sentida, com em *do*, *pelo*, *essora*, *aqueloutro*, *estoutro*, *outrora*, *atégora*, etc., noutros, como *embora*, *sorrir*, *sobraçar*, *Mortágua*, *Fonseca*, etc., e os toponímicos, constituídos pela mesma preposição arcaica *so* e um substantivo precedido em geral de artigo, à semelhança de *Soatorre*, *Sorrego*, etc. ([1]), perdeu-se por completo a consciência de tal composição.

Da junção de que falamos resultou frequentes vezes tornarem-se tónicas na fala vogais que o não são, como, por exemplo, se vê em *minha amada*, *filha adorada*, etc., que soam *minhàmada*, *filhàdorada*; o caso mais geral, porém, é a queda da final do primeiro componente. Por motivo idêntico, os ditongos orais e nasais, quando proclíticos, reduzem-se na fala popular a simples vogais como *má*, *mé*, *té*, *sé*, *nã*, etc., em lugar de *mau*, *meu*, *teu*, *seu*, *não*, etc.; nos antigos escritos, cuja ortografia era por vezes sónica, encontra-se, não raro, representada não só a redução do referido ditongo *-eu* e ainda *-iu* a *-é*, *-i*, e *ou* a *ô* nos verbos, quando seguidos de pronome enclítico ([2]), mas também a queda de vogal final antes de outra, redução e queda que praticamos na linguagem desafectada e representam estas grafias arcaicas: *parece-lhe*, *somete-sse*, *responde-lhe*, *parti-sse*, *envio*, *entam* ([3]), *confirmandos*, *seguindos*, *Nunalvrez*, *Perestaço*, etc.

Podem ainda considerar-se fenómenos de fonética sintáctica: a fusão que praticamos, quando nos exprimimos naturalmente, do *-s* ou *-z* finais com a consoante seguinte, se é *j*, *ch* ou *x*, *n* e *r*, como

---

([1]) Cf. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, VIII, 67.

([2]) Cf. *ti Pedro*, *Pai Perez*, etc., e § 35. Exemplos de próclise podem ver-se no § 30, Obs. V.

([3]) Quando seguido do pronome *os*, a última vogal do ditongo *ou*, por ser de som idêntico à por que começa o pronome, absorve esta; de aí a grafia *mandous*, *envious*, por *mandou-os*, etc.

se nota nestes exemplos: *a janelas, a chaves, o xaropes, mai nada, dé reis* (1), etc.; a passagem do *-s* a *-z*, quando em fim de palavra, antes de outra que comece por vogal, a intercalação, que se nota na fala popular, de um *i*, mais ou menos audível (2) com o fim de desfazer o hiato; o emprego da forma pronominal *lo* ou *no* em vez de *o*; a queda de um *r* final, quando se lhe segue *lhe (guisa'lho-ei, nega-lh'ei, tee-lhe, morre-lhe-ham, pedi-lha-ei;* cf. na fala descuidada *fazê meia*, etc.); a assimilação do mesmo a um *s* seguinte *(pos seu, apoderasse,* por *por seu, apoderar-se,* etc.); a queda do *r*, *s*, ou *z*, quando concorrem com a mesma (cf. Morfologia: *artigo); a* de duas consoantes idênticas e iniciais de palavras diferentes (cf. § 49, 5, *b)* como *Madre-Deus, juiz-direito* (antes *dereito) p'lo amor Deus, no' Senhor*, em vez de *Madre-de-Deus, juiz de direito, p'lo amor de Deus, nosso Senhor*, etc. (3).

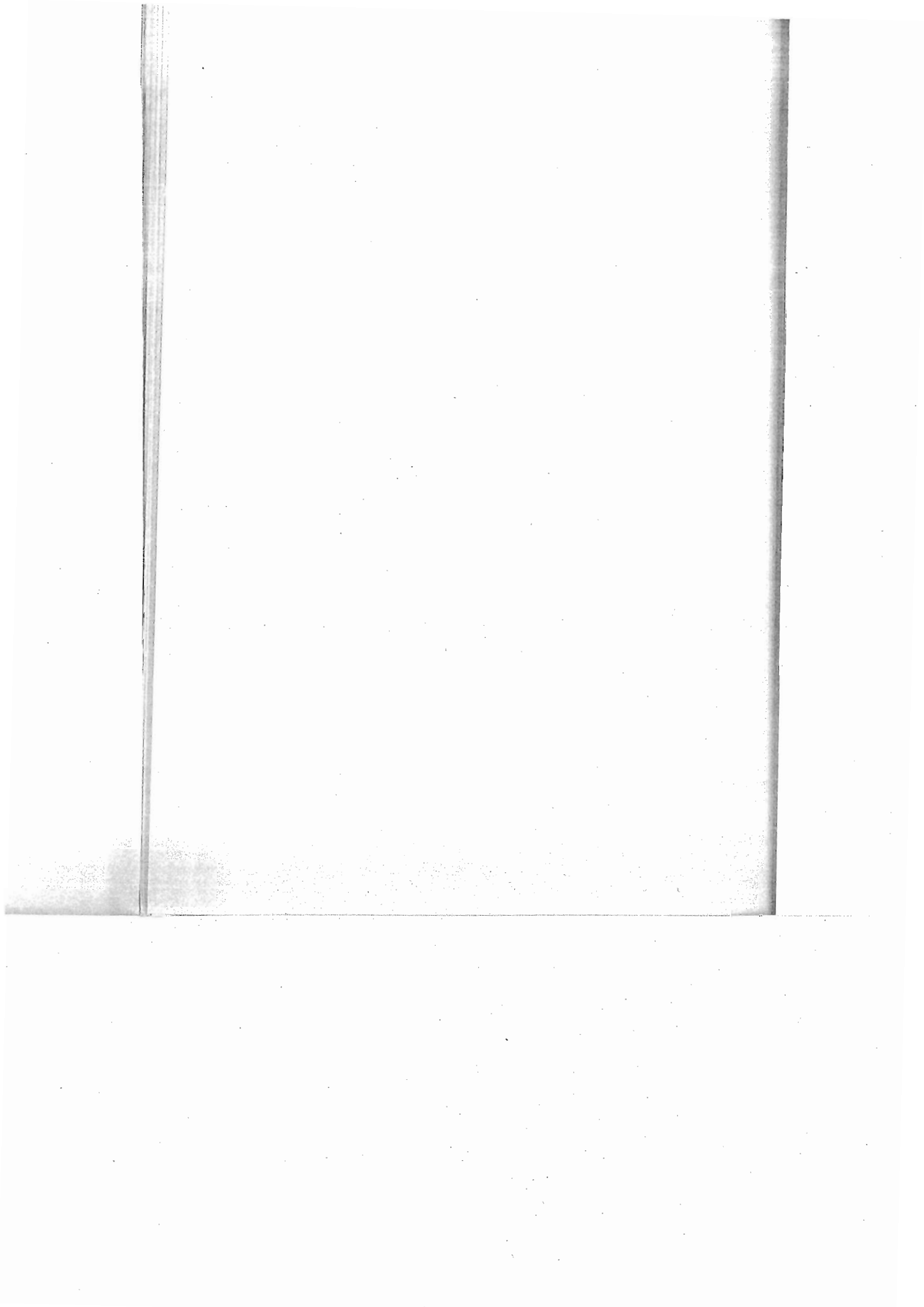
Devem finalmente fazer parte dos fenómenos pertencentes à fonética sintáctica aqueles vocábulos que, por efeito de próclise, perderam a vogal ou sílaba finais, dos quais demos exemplos no § 30,3, Obs. V, porquanto na pronúncia eram proferidos como se fossem um nome simples, e na realidade alguns assim vieram a tornar-se, perdendo-se, por completo a consciência da sua composição (4).

---

(1) Cf. *Joham das Regras* na *Crónica de D. João I*, pág. 146, edição do *Arquivo Histórico.*

(2) Digo *mais ou menos audível*, porque, enquanto no Norte o *i* intercalado ouve-se bem distintamente, no Sul nem sempre se percebe.

(3) Sobre este assunto podem consultar-se Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, pág. 86 e Cornu, *Die Port. Sprache*, § 297-298.

(4) Entre estes nomes figura *Fonseca*, que coexiste com *Afonseca*, como apelido, tendo este a mais o *a-*, que é pròpriamente o artigo, que, junto com a preposição *de*, precedia a primeira forma; da separação que erradamente se fez da antiga grafia, que juntava os dois vocábulos, é que nasceu tal forma: cf. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, I, 51 e Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional*, pág. 187.

Apêndices

I

Fonética histórica dos nomes provenientes do germânico e árabe

Compreende-se naturalmente que, sendo espontâneas as leis fonéticas, a sua aplicação não distinguia os sons latinos de outros de origem diferente, tratando por igual modo uns e outros. É o que em breve resumo vamos ver relativamente aos vocábulos provenientes do germânico [1] e árabe, que foram os que na Idade Média em maior número vieram avolumar a riqueza herdada do latim.

Vocalismo

1. Começando pelas vogais, reconhecemos que, à semelhança do que já havia sucedido com as desta última língua, as tónicas persistem em geral inalteradas; assim *a*, *ĕ*, *ĭ* ou *ē*, *ī*, *ŏ*, *ŭ*, ou ō e ū, reduziram-se respectivamente a *a*, *é*, *ê*, *i*, *ó*, *ô* e *u*, como mostram estes exemplos [2]: *A)* 1.º brasa, *brasa*, daradh, *dardo*, falda,

---

[1] No vol. II, págs. 576 a 603, do *Homenaje a Menendez Pidal*, em artigo intitulado *O elemento germânico no onomástico português*, apresento bastantes nomes de povoações portuguesas de proveniência germânica baseando-me nas suas evoluções fonéticas.

[2] Na transcrição dos nomes germânicos e arábicos sigo o costume, geralmente adoptado, de os representar por caracteres portugueses, indicadores de sons idênticos ou parecidos, apenas com a seguinte diferença: nas vogais represento,

falda ou *frauda,* Vimara, *Guimara,* Viliati, *Guilhade,* etc.; 2.º wĕrra, *guerra,* hĕlm, *elmo,* *haribĕrc, *albergue,* etc.; 3.º *rēdu, *arreo* (arc.), *arreio;* tĭtta, *teta,* fĭltru, *feltro,* *spĭttu, *espeto,* *fĭrst, *festo,* frĭsc, *fresco,* bĭnda, *venda,* hrīng, *renque,* Spanosĭnde, *Esposende,* etc.; 4.º vīsa, *guisa,* (arc.) *varnīre (por warnian), *guarnir,* *frunīre (1), *fornir,* (arc.), strīpu, *estribo,* rīk, *rico,* e nomes próprios em *-mil, -il,* ou *-ilde* e *-rigo,* ou *-riz:* como *Guilhamil, Tagil* ou *Tagilde, Aldrigo* ou *Aldriz,* etc.; 5.º spŏra, *espora,* bŏrd, *bordo,* etc.; 6.º sŭppa, *sopa,* *mŭrnu (por murni), *morno,* e nomes de povoações em *-monde,* como *Bamonde, Reimonde, Gilmonde,* etc.; 7.º scūma, *escuma* e nomes próprios em *-ulfe* ou *-ufe,* como *Sesulfe, Manhufe, Nandufe,* etc.; *B),* 1.º al-mihada, *almofada,* ad-dabba, *aldaba, aldava* ou *aldraba,* al-ard, *alardo* ou *alarde,* al-haç, *alface,* al-caçr, *alcaçar,* etc.; 2.º recb-, *récua,* ou *récova,* alfēc, *alferce,* al-fēriç (por al-făriç), *alferez,* aleçēç, *alicece* ou *alicerce,* etc.; 3.º aç-çēnia, *azenha,* ou *acenha* (pop.), acçĭbar, *azever* (arc.) *azebre,* zĭrb, *zerbo* (a par de *zirbo),* rĭzma; *resma* (por *rezma),* etc.; 4.º tarīma), *tarima* ou *tarimba,* ad-dalīl, *adail,* candīl, *candil,* etc.; 5.º al-gŏll, *argola,* etc.; 6.º aç-çŭda, *açorda,* al-cŭbba, *alcova,* al-cŭffa, *alcofa,* al-cŭrça, *alcorça* ou *alcorce,* al-hŭfre, *alfobre* ou *alforbe,* al-hŭrj, *alforge,* al-candŭra, *alcandôra,* (arc.), ar-rŭb, *arroba,* ar-rŭbb, *arrobe,* ar-rŭzz (2), *arroz,* hŭrr, *forro,* al-harrūb, *alfarroba,* tarmŭç, *tremoço,* al-hōlba, *alforva,* al-gŭzz, *algoz,* etc.;

---

com Cornu, por *ŭ* e *ū* os *o* e *ô* de Dozy, e, nas consoantes, substituo por *v* o *w* germânico e arábico, indico só por *h* a aspiração desta última língua, que se usa simbolizar também por *kh,* por *j* a consoante geralmente transcrita por *dj,* por *ç* a sibilante representada, umas vezes, deste modo, outras por *ss* (cf. *Dic. Et.,* de Coelho s. v. *ceifa* e *celga),* isto para que o leitor não seja induzido no erro de ver sons compostos, como à primeira vista pareceria, onde os não há, ou de natureza diferente dos que actualmente fazem as suas vezes, e finalmente por *c,* excepto quando se lhe segue *i,* o som que é de uso indicar também por *k.*

(1) A verdadeira forma deste verbo é *frumjan* (cf. *Dicc. gén. de la langue française,* de *Darmesteter,* s. v.) depois é que, provàvelmente por dissimilação, se tornou em frunian, donde a forma citada.

(2) Cf. Kleinpaul, *Deutsches Fremdwörterbuch,* s. v. *Reis.*

7.º al-cūnia, *alcunha,* al-fŭrja, *alfurja,* al-mŭdd, *almude,* at-tabūt, *ataúde,* aç-çŭd, *açude,* aç-çŭccar, *açúcar,* etc.

Observação I. Também o sufixo germânico -ariu, como o latino, tomou a forma *-eiro* em *Aldoeiro, Balteiro, Odeiro, Roupeiro, Sameiro,* nomes de povoações.

Observação II. Muitas vezes o *-a-* árabe, breve ou longo, passou a *-e-* ou *-i-*, como mostram estes vocábulos: aç-çabaj, *azeviche* al-muçalla, *almucela,* al-mafrax, *almafrexe,* al-jabbab, *algibebe* ou *aljabebe,* al-maciga, *almécega,* al-jamia, *algema,* al-mubraz, *almofrez;* por vezes passou também a *-o-*, sob a influência de certas consoantes que o precedem, principalmente do *r:* xarab, *xarope,* Marraquex, *Marrocos,* Raç-al-hadd, *Roçalgate* (cabo da Arábia).

Observação III. Acham-se representados por: *é* o *ê* de az-zemmēl, *azemel,* al-birka, *alverca,* ac-cĭlca, *acelga,* ac-canĭfa, *çanefa,* ad-dĭfla, *adelfa; ê* e *é* o *í* de rahīç, *refez* ou *refece,* ax-xaquīca, *enxaqueca,* tarīha, *tarefa,* tarīc, *tareco; ó* o *ô* de alburnŭç, *albornoz,* ax-xŭrca, *axorca* ou *xorca,* e *ô* e *ó* o *u* de tube (1), *adobe,* matmūra, *masmorra,* azza'rūra, *azarola,* mallūta, *marlota.*

2. 1] Menos estáveis do que as tónicas, sofrem as átonas, mais frequentemente do que elas, a influência das consoantes com que se acham em contacto; entre estas sobressaem *m* e *r,* das quais a primeira tende a labializar a vogal que a segue e a segunda a tornar gutural a que a precede, como se vê destes ex.: *a)* 1.º skirnjan, *escarnir,* Ilderici, *Aldariz,* Anserici, *Ansariz,* Argerici, *Aljariz,* Gunterici, *Gontariz,* Loverici, *Lavariz,* Blanderici, *Brandariz,* Toderedi, *Tarei; b)* 1.º al-mihaça (2), *almofaça,*

---

(1) Representa-se esta forma por at-tube-, mas afigura-se-me preferível a que dou acima, ou antes, só tub, a que se juntaria o *a,* aliás fica inexplicado o abrandamento do *-t-*.

(2) Assim na língua escrita, mas *almohaça* na popular donde provém directamente a maioria dos nomes portugueses arábicos; note-se, porém, que, correspondendo ao *-i-*, átono do árabe, além do *-o-*, aparece também *-a-;* assim *almaface, almofada, almafreixe:* cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, XIII, pág. 241.

almihadda, *almofada*, al-mihriç, *almofariz*, al-macafir, *almocafre*, al-mataria, *almotolia*, almafrach, *almofrexe*, ou *almofreixe*, etc.; 2.° morabiti, *maravedi*, al-mogauir, *almogávar*, al-macabir, *almocavar*, az-zernih, *azarnefe*, quirmezi, *carmezim*.

Observação. Vejam-se adiante outras alterações, no § 13.

2] As vogais átonas, quando no princípio de palavra e sem consoante que as possa proteger, caem frequentemente; se persistem, nasalizam-se por vezes, ex.: *a)* 1.° Athanagildi, *Tàgilde*, Egaredi, *Garei*; 2.° Iquilani, *Anquião*, *Inquião*; *b)* 1.° abu-rach, *borragem*, aç-çoteiha, *çotea*, çaif, *çeifa*, aç-çobra, *çofra* (arc.), aç-cilca, *celga*, attermuç (1), *tremoço* ou *tramoço* (pop.), aç-çanifa, *çanefa*, ad-diafa, *diafa*, az-zagaia, *azagaia* ou *zagaia*, az-ziniar, *azinhavre*, mas pop. *zenabre*, etc.; 2.° ex-xara, *enxara*, ex-xarebia, *enxarabia*, ex-xaquica, *enxaqueca*, ex-xec, *enxeco*, ax-xuar, *enxoval* (2).

3] Também não é sem exemplo a troca mútua entre *an* e *en*, como se vê em: 1.° *Sandomil*, *Sandião*, *Santar*, *Rendufe* e *Enviande*, a par de *Inviande*, de Sendamiri, Sindilani, Sentarii, Randulfi e Invenandi (3); 2.° minjal, *manchil*. Deve ser devida a influência de palavras que assim começam, a troca de *il-* por *al-* e de *er-* e *as* por *es-*, que se operou nestas: *Aldariz* ou *Aldriz*, *Aldrigo*, *Esmeriz*, *Esmerigo*, *Escarigo* e *Estrufe*, representantes de Ilderici, Ildericu, Ermorici, Ermoricu, Ascaricu e Austrulfi (4).

4] Não é rara a queda de vogal protónica, favorecida pela formação de grupo consonântico, como mostram estes ex. 1.° *Aldriz*,

---

(1) Pròpriamente o grego θέρμος.

(2) Também já ouvi pronunciar *enxugal*, forma que se poderá explicar, talvez, por etimologia popular (verbo *enxugar*), ou por guturalização da semivogal *u*.

(3) Está no mesmo caso o verbo *arrancar*, da raiz germânica * ranc, que também aparece sob as formas *arrencar* e *arrincar* (pop.); cf. o substantivo *rincão*.

(4) É possível que as formas *Aldariz*, *Espariz*, *Lavariz*, ou *Lavoriz*, *Savoriz* e *Sobarigo*, nas quais aparece a protónica, provenham, não das primitivas, Ilderici, Espanarici, Loverici, Savarici e Savaricu, mas das citadas acima, tendo-se aquela introduzido mais tarde por aptixe.

Aldrigo, Brufe, Destriz e *Estriz* ([1]), *Esprigo, Lobrigos, Sabrigo, Valdreu,* etc.; 2.º almocari + ve (?), *almocreve,* az-zaferan, *açafrão,* ad-daraca, *adarga,* etc.

5] Em virtude da queda de consoante intermédia, dá-se também o encontro de duas vogais, as quais, se são diferentes, assimilam-se primeiro e depois contraem-se numa única aberta, como se vê nestes nomes de procedência germânica: *Àriz, Espàriz, Òrigo,* e *Òriz, Àgilde, Tàgilde, Espòsende, Mendo, Ròriz, Ròzende,* de Alarici, Espanarici, Honoricu, e Honorici, Anagildi, Athanagildi, Spanusindi, Menendu, Rodorici, Ranosindi ([2]). O *i* final cai nas condições expostas atrás (§ 30-1 da *Fonética); dá*-se isso nos nomes de povoações de origem germânica, cujo nominativo termina em *-ro* ou *-cus,* como *Antumil, Sandomil, Escariz, Reiriz, Savoriz,* etc.

3. 1] O ditongo *au* toma a forma *ou,* mas não faltam exemplos da sua redução a *o,* à semelhança do que já vimos com os nomes de proveniência latina; assim: *a)* 1.º causian, *cousir* (arc.), rauben, *roubar,* Ausenda, *Ousenda,* Athaulfi ([3]), *Adoufe;* 2.º az-zauca, *azougue,* aç-çauc, *açougue,* aç-çaut, *açoute; b)* 1.º laubja, *loja,* Mauregati, *Morgade;* 2.º al-jauhar, *aljôfar,* al-hauz, *alfoz,* Azauia, *Azoia,* Al-hauha, *Alfofa* (uma das portas da antiga cerca de Lisboa).

2] O ditongo *ei* germânico continua inalterado e o árabe *ai* passa para *ei,* como o latino: 1.º Eiricu, *Eirigo,* Eirici, *Eiriz,*

([1]) Frequente a permuta de *des-* por *es-* que acusa *Estriz,* a par de *Destriz* conforme com o primitivo Desterici.

([2]) Perdura ainda na antroponímia este vocábulo, mas sem a vogal aberta que tem como designação de local: cf. *Liç. de Fil.,* pág. 164.

([3]) A forma dada por P. de Azevedo na *Rev. Lus.,* VI, pág. 50, é Adaulfus, o que mostra ter já abrandado o primitivo *-t-* no tempo da sua representação em latim pelos antigos notários; de *Athaulfo,* o primeiro rei dos Visigodos, veio o nosso *Adolfo* que na sua origem significa *nobre lobo:* cf. Kleinpaul, *Die deutschen Personennamen,* pág. 54. No onomástico ocorrem também *Adaufe* e *Adufe,* o que me leva a crer que a mesma palavra se pronunciaria com o ditongo *au,* intacto ou reduzido a *o,* e sem ele, tendo na última forma a vogal átona sido absorvida pela tónica.

Reiricu, *Reirigo,* Reirici, *Reiriz;* 2.º alcail, *alqueire,* al-hair, *alfeire,* az-zait, *azeite,* az-zaituna, *azeitona,* çaif-, *ceifa,* *ragaifa (por raguifa), *regueifa.*

Observação I. Advirta-se que a população arábica pronunciava já os ditongos *au* e *ai* como *ô* e *ei* respectivamente, só na escrita é que aquele aparece sob aquela forma *au,* e este ora também assim *ai,* ora apenas *i.*

Observação II. O ditongo *ei* pode também resultar da junção, depois da transposição ou desaparecimento da consoante que as separava, das vogais tónicas *a* ou *e* a um *i* subsequente; foi o que se deu nestes nomes germânicos: *Aldoeiro, Balteiro, Roupeiro, Darei, Garei* ou *Iguarei, Recarei, Tarei, Guimarei, Jesufrei, Argivai, Gondevai,* de Aldoariu, Baltariu, Roupariu, Dagaredi, Egaredi, *Reccaredi, Toderedi, Vimaredi, Segifredi (1), Argivadi, Gondevadi. O mesmo ditongo aparece também reduzido a simples vogal em *Reriz,* a par de *Reiriz,* devido provàvelmente à sua atonicidade. Por motivo idêntico, o ditongo *ui* sofreu a redução a *u* em *Tortomil* e *Tortosendo,* formas estas que devem provir, por metátese de **Trutemil* e *Trutesendo* precedidas por estoutras: *Truitemil* e *Truitesendo* (2), em harmonia com as originárias Tructemiri e Tructesindu. O ditongo *oi,* que se pode formar por processo idêntico ao do *ei,* evolucionou depois para *ou,* em *Tousende,* de Todesindi.

3] Nos ditongos ascendentes *-ea-* e *-eo-,* a vogal mais fraca foi por vezes absorvida pela mais forte; foi o que se deu, por exemplo, nestes nomes de povoações de proveniência germânica: *Frariz, Lumár, Luriz, Nevogilde* e *Turiz,* de Frearici, Leodemari, Leoderici, Leovigildi e Theodorici (3).

---

(1) *Sigefredo* chamou-se o conhecido herói dos *Nibelungen.* É possível que na forma portuguesa indicada tenha influído a metátese, ajudada pelo nome *Jesu.*

(2) Cf. Cortesão, *Onomástico medieval português,* pág. 352.

(3) Ocorrem no onomástico também as formas *Freiriz, Louriz,* e *Touriz,* que se me afigura provirem, respectivamente, de *Fraderici (de Fredericus por dissimilação vocálica: cf. Cortesão, *Ono. Med.* s. v. *Fradarique),* Loderici, e Toderici (cf. no mesmo *Loderiz* e *Toderediz),* estando nos dois últimos o ditongo *ou* por *oi.*

Consonantismo

Consoantes simples

4. Iniciais. Com excepção do *h*, em ambas as línguas e do *v* germânico, todas as demais consoantes passam inalteradas para português, quando se encontram no princípio de palavra; ex.: *a)* oclusivas surdas: 1.º Cagiti, *Caide*, Cartemiru, *Cartemiro*, titta, *têta*, thvahlia, *toalha*, Tellonis, *Telões*, Theodoricu, *Tourigo*, √pull, *polé*, Pederagildu, *Pedraido*; 2.º candil, *candil*, tacbic, *tabique*, tarif, *tarifa*, tarima, *tarima* (pop. *tarimba)*, tarraha, *tarrafa* (1); *b)* oclusivas sonoras: 1.º *gardare (por wardon), *guardar* ou *gardar* (2), gardingu, *gardingo*, Gontanis, *Gontães*, Gomarici, *Gomariz*, Gondulfi, *Gondufe*, danzon, *dançar*, Dagaredi, *Darei*, banc, *banco*, bandaria, *bandeira*, Berulfi, *Brufe*; 2.º gazaua, *gazua* ou *gaziva*, gazila, *gazela*, damaçqui, *damasquim* (3), bitana, *badana*, batl, *balde*.

Observação. Também não é sem exemplo a troca por *v* do *b* inicial; encontrámo-la nestes nomes germânicos binda, Baldemiru, Baldemarii e Balderedu, aos quais correspondem os portugueses *venda*, *Valdemar*, e *Valdreu*.

c) Fricativas surdas: 1.º falbariu, *fouveiro*, firstu, *festo* (arc.), filtru, *fêltro*, *frunire, *fornir* (arc.), Fafilanis, *Fafiães*, Fagildi, *Fagilde* ou *Faílde*, Cinfanis, *Cinfães*, Cintilanis, *Centiães*; suppa, *sopa*, Sala, *Sá* (apelido), Sindilani, *Sandião*, Savarici, *Savoriz*, Songemiri, *Sangemil* ou *Sanjumil*, Sesulfi, *Sesulfe*; 2.º fanica, *fanga* (4), çaca, *çaga* (arc.), *fuçtanu (da cidade de Fostat), *fustão*, √çacala, *açacalar*, çahra, *çafra*,

---

(1) Como se sabe, o alfabeto árabe não possui letra idêntica ao nosso *p*, daí a sua representação por *b* nos nomes românicos, como *Beja*.

(2) Na língua antiga ocorrem as duas grafias, e o povo ainda mantém a pronúncia *gardar*: cf. francês *garder*, antes *guarder*.

(3) Também *damasquino*, *damasquinho*: cf. *miramolim* e *miramolino*, *pequenino* e *pequeninho*.

(4) *Faãygas* lê-se na *Rev. Lus.*, XXI, 252.

çaif, *ceifa*, çohra, *çofra*, çummaq, *çumagre*, *çorran, *çorrão*, aç-çanifa, *çanefa* ([1]); xara, *xara*, xarab, *xarope* (a par de *jarope*, pop.) ([2]), etc.

d) Fricativas sonoras: 1.º sobre *v* ou *w* veja-se *g)*; Gildi, *Gilde*, Joacini, *Joazim*, Jocini, *Jozim*, Juvini, *Jubim*; 2.º jelba, *gelva*, jahez, *jaez*, gibç, *giz*, jabali, *javali*, jarra, *jarra*, jonjolim, *gergelim*, zorame, *zorame*, etc.

Observação I. Em *xarel* ou *xairel* e *safio*, ou antes *çafio*, o *j-* árabe passou de fricativa sonora a surda. Igualmente o *ç-*, continuando fricativa surda, mudou de dental para palatal em *xafariz*, de çaharij ([3]).

Observação II. A fricativa sonora *z-* aparece mais vezes representada pela respectiva surda: assim, a forma frequente é *çorame* ou *cerame*, como de **zumu* veio *çumo* (hoje *sumo)* ([4]).

e) Nasais: 1.º mastu, *masto* ou *mastro*, *murnu, *morno*, Mironis, *Mirões*, Menendu, *Mendo*, Manualdi, *Moalde* e *Mangualde* (cf. o lat. manuale, *mangual)*, Ninnanis, *Ninães*, Nandulfi, *Nandufe*; 2.º maçkin, *mezquinho* ou *mesquinho*, na'ora, *nora*.

Observação. Devido a dissimilação, que se daria quando precedido do artigo indefinido *um*, é que o árabe maraç deu o português *baraço*: está no mesmo caso o actual popular *blancia* por *melancia*.

f) Líquidas: 1.º lista, *lista*, Loverici *Lavariz* ou *Lavoriz*, Leomiri, *Leomil*, Leodemari, *Lumar*; rik, *rico*, *$\sqrt{\text{ranc}}$, *arrancar (rincão)*, Romarici, *Romariz*, *Reccemiri, *Reçomil*, Requesindi, *Requesende*, Randulfi, *Rendufe*, Requilanis, *Requiães*.

Observação. Resultou provàvelmente de dissimilação o actual nome próprio *Nevogilde*, que está pelo germânico Lovegildi, que

---

([1]) A grafia vulgar destas palavras é com *s*, devido à confusão que se estabeleceu entre *s* e *ç* iniciais (cf. Apên. II). O mesmo com respeito a *çarça*, *çapateiro*, *çafaro*, etc., como se vê do espanhol, que nestes nomes usa *-z-*.

([2]) O autor da *Eufrosina* usa, a pág. 305, da forma *enxarope*.

([3]) A forma citada acima é a popular, resultante da culta *çihrij*.

([4]) Como outros, este vocábulo foi pelos árabes tomado do grego ζωμός.

deve ter provindo de Leovogildo, um dos muitos nomes dessa língua, em cuja composição entram alguns de animais: cf. *Bernardo, Adolfo, Rodolfo, Leopoldo,* etc.: Vide Kleinpaul, o seu já citado livrinho *Die deutschen Personnenamen.*

g) Quanto ao *h-*, as poucas palavras entradas no léxico português, que originàriamente o tinham nas duas línguas, parecem indicar que nas germânicas caiu, como o latino: nas arábicas porém, tornou-se *f;* ex.: 1.º hlast, *lasto* ou *lastro,* harinc, *arenque,* *hariberc, *albergue,* halt, *alto* (na expressão *fazer —*), helm, *elmo,* hizen, *içar,* Honorici, *Oriz;* 2.º hatta, *fasta* (prep. arc. depois *atá*), hurr, *fôrro* (adj.), habarraç, *fabarraz.*

Do *v* germânico perduram mais restos, pois são em número muito maior os vocábulos em que ele entra; em quase todos, porém, acha-se representado por *g-* ou *gu* (1), som que, como vimos (§ 38, *B*, 2, Obs. II), se comunicou até mesmo a alguns nomes de proveniência romana; assim: verra, *guerra,* visa, *guisa,* (arc.), treuva, *trégua,* *varnire, *garnir* (arc.), *varire, *guarir* (arc.), vardare, *guardar* ou *aguardar,* vidarlon, *galardon,* *vaidaniare, *ganhar* (2), Vimaranis, *Guimarães,* Villiamiri, *Guilhamil, Guilhemil* ou *Guilhomil,* Viliati, *Guilhade,* Vimaredi, *Guimarei,* Viliafonsi, *Guilhafonse,* Viliafredi, *Guilhofrei* (3), Viliulfi, *Guilhufe* ou *Galhufe,* etc.

---

(1) As velhas grafias *gardar, garnir,* a par de *guardar, guarnir,* deixam-nos indecisos sobre se o *v* se pronunciaria como *g* ou *gu;* sendo, porém, esta última representação adoptada pelos antigos textos franceses, é de presumir que também assim já se pronunciasse na nossa língua arcaica, introduzindo-se só mais tarde, e ainda assim hoje só no povo e não em todas as palavras, a pronúncia *g,* como *gardar* (também galego), *gorir* por *guarir,* etc.: cf. Darmesteter, *Dict. de la lang. franc.: Formation de la langue,* pág. 166.

(2) A língua arc. dizia *guaanhar;* a *Aulegrafia* tem *gainhar* (pág. 161), donde o regressivo *gainho* na *Eufrosina,* 229.

(3) P. de Azevedo, in *Rev. Lus.*, VI, pág. 51, dá para antecedente de esta palavra Vilifredi, forma donde não podia vir o *-lh-* da que lhe corresponde em português; é possível que ao copista escapasse escrever *-a-* depois de *-li-*, tanto mais que Cortesão, a pág. 359 do seu *Onomástico,* tem *Viliabredi* e outros, em que entra Vilia; Leite de Vasconcelos, nos seus *Estudos de Fil. Mirandesa,* pág. 81, escreve *Viliefredi.*

Observação. Não seguiram a transformação normal do *v-* em *g-* estes nomes: *Vegião, Veando* e *Veariz*, representados nos documentos por estas formas latinas: Vegelani, Venandu e Viarici; é possível, contudo, que não tenham origem germânica, ou, tendo-a, fossem influenciados por outros de proveniência romana; os dois primeiros, pelo menos, têm este aspecto.

5. Mediais. As transformações sofridas pelas consoantes germânicas e arábicas, quando em posição fraca, foram idênticas também às por que já haviam passado as latinas; assim: *a)* as oclusivas surdas tornam-se sonoras, ex.: 1.º Eiricu, *Eirigo*, Honoricu, *Origo*, Savaricu, *Sobarigo* e *Sabrigo*, Todericu, *Tourigo;* Itilanis, *Idães*, Sagati, *Segade*, Viliati, *Guilhade*, *stripu, *estribo*, Rapinati (1), *Revinhade*, etc.; 2.º albondoca, *almôndega*, al-mirfaca, *almárfega*, almaçtaca, *almécega*, acommia, *agomia*, ad-daraca, *adarga*, çaca, *çaga* (arc.); alcoton, *algodão*, bitana, *badana*, *atub, *adobe*, at-tabut, *ataúde*, *alcarrata, *alcarrada* ou *arrecada*, ar-rabita, *Arrábida*, etc.

Observação. Para *açougue* dá-se como étimo o árabe *aç-çauc* ou *aç-çoc;* em consequência do abrandamento da gutural, irregular neste caso, parece que se deverá preferir a segunda forma, tendo-se o ditongo desenvolvido posteriormente.

b) Das oclusivas sonoras o *-g-* mantém-se em geral, podendo, todavia, cair como o *-d-*, e o *-b-* passa a fricativa da mesma espécie; ex.: 1.º Seserigu, *Seserigo*, Sagulfi, *Sagufe*, Sagati, *Segade*, Egaredi, *Garei* e *Iguarei*, *ex+magare (por magan), *esmaiar* (arc.), *desmaiar*, Fredani, *Frião*, Toderici, *Touriz*, Theodomiri, *Teomil*, Dagaredi, *Darei*, Leodemari, *Lumar*, *Reccaredi, *Recarei*, Toderedi, *Tarei*, Vimaredi, *Guimarei;* Argibadi, *Argivai*, Gondibadi, *Gon-*

(1) Afigura-se-me que em Rapinadus, dado, pelo menos, como étimo do actual nome *Revinhade*, aparece o *-t-* já abrandado, tanto mais que, além daquela forma, Cortesão menciona a que julgo anterior, *Rapinato*, e ainda *Rapiadi*. É escusado advertir que a designação de hoje deveria, em épocas passadas, ter sido *Rebinhade*.

devai (¹), gravan, *gravar*, Viliabadi (²), *Guilhovai*, etc.; 2.° *ragaifa, *regueifa*, al-caçb, *alcáçova*, *al-cannabe, *alcánave*, al-habaqa, *alfávega*, al-jaba, *aljava*, aç-çibar, *acever* e *azever*, *azevre*, aç-çabaj, *azeviche*, ar-rabad, *arravalde* (arc.).

Observação. Como por vezes sucedeu ao *-b-* latino, o *b* árabe vocalizou-se, sem dúvida depois de passar por *-v-*, em *attabute, donde o português *ataúde*, e também, pela troca mútua que se dá ainda hoje entre as duas consoantes, retomou o primitivo som em *azêbre*.

c) Das fricativas surdas conserva-se o *-f-*; *-c'-* e *-s-* passam a sonoras, tomando aquela, na escrita, o sinal *-z-* e esta mantendo o antigo símbolo; e o *x* árabe persiste; ex: 1.° Falilani, *Fafião*, Viliafonsi, *Guilhafonse* (²); Anserici, *Ansariz*, Ascarici, *Escariz*, Gunterici, *Gontariz*, Joacini, *Joazim* ou *Jozim*, Alarici, *Ariz*, Viarici, *Viariz*; Seserigu, *Seserigo*, Ausendi, *Ousende*, Ermesindi, *Ermesinde*, Spanusindi, *Esposende*, Gundesindi, *Gondosende*, etc.; 2.° at-tafar, *atafal*, aç-çafat, *açafate*, az-zaferan, *açafrão*, *ragaifa, *regueifa*, al-muçalla, *almozela* (³) Cacella, *Cazala* (arc.); albixara, *alvixara*, (arc.) (⁴).

Observação. O *-z-* da antiga língua parece ter posteriormente retomado a primitiva qualidade de surdo; depreende-se isso das formas *almucela* e *Cacela*, que se seguiram àquelas; o mesmo sucedeu talvez nestoutros vocábulos: *alcácel*, *alcácer* ou *alcáçar*, *arrecife*, *alicece* ou *alicerce*, *almotacé*, *Alcaçarias*, de al-cacil, al-caçr, ar-raçif, al-içeç, al-motaçib e al-caiçarya.

d) Das fricativas sonoras, *-g'-* e *-v-* ora se mantêm, ora caem; *-j-*, nos vocábulos de origem germânica, conserva umas vezes o som vocálico, outras toma o consonântico: nas arábicas, parece ter sido este último o preferido; nestas também o *-z-* torna-se surdo;

(¹) A forma *Gondivadus*, dada por P. de Azevedo, deve, a meu ver, ter sido precedida por estoutra: *Gondibado*, que se encontra em Cortesão.

(²) Cf. nota 2 da pág. 173.

(³) Também *almocelea* ou *almucelea* e *acenha* em documentos antigos.

(⁴) Hoje *alvíssaras*, como aliás também o espanhol *albricias*; sobre a permuta entre *x* e *c'*, cf. o actual *xadrez* e *xafariz*.

ex: 1.º Anagildi, *Agildi,* Tanagildi (¹), *Tagilde* e *Taíde,* Ermegildi, *Ermegilde,* Fagildi, *Fagilde* e *Faílde,* Lovegildi, *Novogilde,* Poderagildi, *Pedraído,* Vegilani, *Vegião;* Savarici, *Savoriz,* Juvini, *Jovim,* hoje *Jubim,* Loverici, *Lavoriz,* Leovesindi, *Lusinde;* Froja, *Froia,* Ajulfi, *Aiulfe,* Frojanis, *Forjães,* *Frojanici (²), *Forjaz,* Frojulfi, *Frejulfe,* (³); 2.º *al-majarra, *almanjarra;* al-vazir, *alvacil* (arc.), al-boroz-, *alvoroço,* etc.

Observação. Além da forma citada *alvacil,* conhecia a antiga língua também *alguacil* e ainda *alvazil* (⁴) ou *alvazir,* sendo, porém, a mais usada *aguazil,* deturpada decerto pelo processo chamado etimologia popular (§ 50, 3.º); nas três últimas o *-z-* continuou inalterado.

e) As nasais e líquidas sofreram também tratamento idêntico ao das latinas (§ 40, *E* e *F),* como mostram os seguintes exemplos: *a)* nasais: 1.º Vimara, *Guimara,* Romaricu, *Romarigo,* Sendamiri, *Sendamil* e *Sandomil,* Gontemiri, *Gontemil,* Leomiri, *Leomil* e mais nomes de povoações em *-mil,* Vimaredi, *Guimarei,* Reimundi, *Reimonde,* Gemundi, *Gimonde,* etc.; Ansilanis, *Ansiães,* Ninnanis, *Ninães,* Itilanis, *Idães,* Rapinati, *Revinhade,* Tardinati, *Tardenhade,* Gontinanis, *Gontinhães,* Espanarici, *Espariz,* Honoricu, *Origo,* Spanusindi, *Esposende,* Ranosindu, *Rosendo,* Tanagildi, *Tagilde,* *vadanatu, *gãado* (cf. *gando* em galego, a par de *gado),* Venandu, *Viando,* Todenandi (⁵), *Toande,* Gondini, *Gondim,* Joacini, *Joazim,* Mondini, *Mondim,* Vermu-

---

(¹) Parece que, em vez da forma completa, Atanagildus, se usava de preferência a citada acima, pois só por esta se pode explicar a conservação do *t,* que, de medial intervocálico, passaria a inicial; Cortesão documenta a existência de ambas.

(²) Deduzo esta forma, que é um verdadeiro pratronímico, tirado de Frojanus, de Frojaniz, que vem citado no *Onomástico* de Cortesão.

(³) Também *Fresulfe,* que provàvelmente se pronuncia com *s* brando ou *z;* sobre a troca destes dois sons cf. *aginha, trager, algibeira, gingarilho* e *azinha, trazer, alzebeira* (pop.), *zangarilho* (pop.), etc.

(⁴) Assim na *Rev. Lus.*, XXI, 277.

(⁵) A forma portuguesa leva-me a preferir esta, que ocorre em Cortesão, a Tutenandi, dada por P. de Azevedo.

dini (1), *Vermoim*, etc.; 2.º az-zemila, *azêmela*, ou *azêmola*; fanica, *fanga* (2), fulan, *fuão* (arc.), al-barrana, *alvarrã* ou *albarrã*, Az-zaitune, *Azeitão*, *Alahuenes, *Alafões* ou *Lafões*, Maruane, *Marvão*, Harune, *Fárom*, *Fáram* (arc., hoje *Faro*), Alcaniça, *Alcainça*, maçquinu, *mesquinho*, almunia, *almũia*, *almunha* ou *almũinha* e *almoinha* (3), tarjman, *torgiman* (arc.), *trugimão*, Alconetra, *Alcoentre*, Almadana, *Almadãa* (arc.), *Almada*, alkaravan, *alcaravão* (pop. *algreivão*), zaracatuna (por zarcatuna), *zaragatoa*, al-moneda (4), *almoeda*; *b)* líquidas: 1.º Iquilani, *Inquião*, ou *Anquião*, Ansilanis, *Ansiães*, Andilani, *Andeão*, Requilani, *Reguião*, Itilanis, *Idães*, Alarici, *Ariz*, Falif, *Faife*, etc.; Mironis, *Mirões*, Flomarici, *Formariz*, Romarici, *Romariz* e outros nomes em *-riz*, Gundemari, *Gondemar*, Baltariu, *Balteiro*, Reccaredi, *Recarei*, Seniorini, *Senhorim*, etc.; 2.º fulan, *fõão*, ad-dalil, *adail*, fatila, *fatia*, maquila, *maquia*, ad-dellala, *adela*, al-'anbar, *ambar*, Zoleima, *Çoeima*, Halafe, *Fafe*; tareha, *tarefa*, taric, *tareco*, cafura (por cafur), *cânfora*, azzorura, *azerola*, alcantara, *Alcântara*.

Observação I. A nasal pode também influir na vogal seguinte, nasalando-a, como já vimos nos vocábulos romanos; foi o que sucedeu neste: 1.º Gumilanis, *Gominhães*; 2.º mumiya, *maminha* (arc.) (5), al-majar, *almanjarra*, alfinid, *alfenim*.

Observação II. A vogal nasal *om*, depois ditongo *ão*, quando

---

(1) Esta forma diminutiva, que se deduz de um *Vermoino*, dado por Cortesão, prefere agora na sua *Antroponímia Portuguesa*, pág. 51, Leite de Vasconcelos a outra, *Vermudi*, que nos seus *Estudos de Filologia Mirandesa*, I, 80, dera para origem de *Vermoim*; efectivamente aquela explica melhor do que esta.

(2) Na *Rev. Lus.*, XIII, pág. 14, lê-se *fanega*, mas é possível que o *-n-* represente o som nasal do *-a-*.

(3) Segundo Morais (cf. *Dicionário*), ainda *almainha*, com acentuação no *-i-*, como em G. de Resende, *Canc.*, I, 304, *almoinha* rima com *rainha*.

(4) A persistência, contra a regra, do *d* intervocálico, faz-me pensar que houve aqui cruzamento com a palavra latina moneta.

(5) A forma que deve ter precedido esta, que se lê no *Tratado das enfermidades das aves de caça* de Mestre Giraldo, publicado por G. Pereira, a pág. 23, foi certamente *momĩa*.

final átona, pode também reduzir-se a simples *-o*, como nos nomes latinos (§ 40, *F*, 2.°, Obs. I); foi o que sucedeu a *Faro*.

Observação III. A queda do *-n-* e *-l-*, tão regular nos nomes que entraram a fazer parte do vocabulário da língua na época mais antiga desta, sofre não poucas alterações em muitos de proveniência arábica, como estes: *aduana*, *alfenim*, *azeitona*, *atafona*, *badana*, *cenoira*, *ginete*, *çanefa*, *zarabatana*, *alféloa*, *atalaia*, *azêmola*, *ceroula*, *alarde*, *gergelim*, *javali*, etc.; tal derrogação à regra talvez se possa explicar, admitindo que esses nomes, ou foram tomados ao português do Sul, depois da conquista deste território, entrando na língua geral, quando já se não dava tal fenómeno linguístico, ou vieram-nos mais tarde por importação. Em abono da primeira das hipóteses posso citar o nome da povoação algarvia *Almádena*, no qual o *-n-* se mantém, contràriamente a *Almada*, que parece ter proveniência idêntica e, todavia, em textos antigos figura sem ele. É possível que o dialecto falado naquela faixa extrema do território português tivesse mais afinidades com o castelhano do que os do Centro e Norte do país, e a esse facto, além daquele, deverão talvez as suas formas outros nomes de origem diversa, como *Guadiana* ou *Odiana*, *Mértola*, *Grândola*. Assim se explicarão, a meu ver, outras divergências de tratamento, acusadas por alguns nomes arábicos [1].

O *-h-* germânico em raras palavras ocorrerá que originàriamente o tivessem tido, e nessas foi tratado como inicial, caindo portanto; o arábico, porém, ou melhor, o som do alfabeto respectivo que se faz corresponder ao nosso *h*, acha-se representado em português por *-f-*; é o que mostram estes exemplos: 1.° spëhon, *espiar*; 2.° atahona, *atafona*, al-mihaça, *almofaça*, al-mihadda, *almofada*, *azahama (por azhma), *azáfama*, al-lihaf, *alifafe*, (arc.), *an-nafahe (por an-nafah), *anafafe*, rahiç, *refece* ou *refez*, rehen, *refém*, çaharij, *chafariz*, *Mahomete, *Mafamede*, etc.

Observação IV. Quando junto a outra consoante, inicial ou interna, o *h* nos nomes germânicos perde a aspiração que originària-

---

(1) Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, XI, pág. 354, cita ainda, como provàvelmente pertencentes ao romance mozarábico meridional, *caveira*, e *defesa*.

mente teve, seguindo aquela a sua evolução natural; assim: Theodomiri, *Teomil*, Franchimiri, *Fracimil*.

6. Finais. As consoantes finais, quer germânicas, quer arábicas, ao contrário do que sucedeu às latinas, persistiram, mas, porque o génio da língua as não tolera desacompanhadas, tomaram uma vogal de encosto, que, contudo, na maioria dos casos, parece não ter influído nelas alterando-lhe os sons; como se vê de muitos exemplos citados, apenas uma ou outra sofreu alteração. Assim:

1.º — *b* aparece vocalizado em *alacrau* ou *lacrau* (1), de al-acrab, provàvelmente depois de ter passado a *-v*.

2.º — As líquidas finais, ou tornadas tais pela queda de vogal final, nalguns nomes de povoação de origem germânica trocam frequentemente entre si, o que se dá sobretudo nos terminados em -miri (genitivo), nos quais o *-r* se acha, em geral, representado por *-l*, ainda em casos em que tal troca não pode ser atribuída a dissimilação, como nestes exemplos: 1.º *a) Antumil, Gontomil, Guilhomil, Sandamil, Sangemil, Teomil; b) Argemil, Argomil, Armil, Creixomil* (2), *Francemil, Reçomil, Tertumil* ou *Tortomil;* 2.º at-tafar, *atafal*, annadir, *anadel*, an-nafir, *anafil*.

Observação. Excepcionalmente, encontram-se *-d* e *-l* representados por nasal *(m)* em *anexim, alecrim* e *marfim*, palavras estas que, segundo parece, correspondem às arábicas an-naxid, al-iclil e malfil (cf. o espanhol *malfil)*.

3.º — *-j* e *-c'*, aparecem: aquele, sob as formas de *-ch* e *-z;* este, de *-z*, nestes nomes: *a)* aç-çabaj, *azeviche*, azzej, *azeche*, ax-xitrenj, *acedrenche* (arc.), *xadrez; b)* ar-riaç, *arriaz*.

Observação. Os sons representados por *ch-* ou *th* foram diferentemente tratados conforme a sua origem, perdendo os germânicos a primitiva aspiração.

---

(1) Também *alacrão*, como em espanhol; já ouvi ao povo, em vez do usual *lacrau* ou *alacrau*, dar a este aracnídeo o nome de *àlaclara*, decerto por etimologia popular. Mas o *-u-* resultante de *-b-* final pode trocar-se por *-l*, como em *rabel* (também *rabil, arrabil)* de rabel, à semelhança de outros nomes que terminam em *-eu* ou *el:* cf. adiante, § 12 (nota 2).

(2) Na antiga língua *Creysemil*.

Consoantes agrupadas

1.º Grupos próprios

7. Iniciais. Não abundam os vocábulos em que estes grupos entram, faltando completamente nos de proveniência arábica, todavia nos que existem foram tratados como os latinos; comprovam-no estes, de origem germânica: *bl)* blanc, *branco,* Blandilani, *Brandião*, Blanderici, *Brandariz; fl)* Flamolini, *Chamoim,* Flamula, *Châmoa* (1), Flagini, *Fregim; br)* brandone, *brandão,* *brandire, *brandir,* brasa, *brasa,* *britare (por brittian), *britar,* B'rulfi, *Brufe; cr)* Crescemiri, *Creixomil*, Christini (2), *Crestim; fr)* frisc, *fresco*, freht, *frete*, franc, *franco,* Fredani, *Frião,* Froja, *Fróia,* Fredarici (3), *Freariz,* Frojulfi, *Frejulfe; gr)* graban, *gravar; pr)* Provesindi, *Provesende; tr)* trappa, *trapa,* trumba, *tromba,* triva (4), *trégua.*

Observação. Dá-se às vezes a deslocação da líquida, por esse facto desfazendo-se, ora o grupo, com em *Bertiandos* (5), *Formarigo, Formariz*, *Forjães, Tertomil* ou *Tortomil*, *Tortosendo*, ora formando-se, como nos arábicos *tremoço* e *trugimão,* que a língua arcaica dizia *torgiman,* mais em harmonia com o originário tarjman (6).

8. Mediais. São em número menor ainda os vocábulos em que estes grupos iniciem sílaba interna, apenas me ocorrem exemplos de *-d'r-, -tr-* e *-fr-,* precedidos ou não de vogal, nos quais o

---

(1) Tanto este nome de mulher, frequente nos mais antigos documentos, como *Chamoim,* talvez tenham antes proveniência latina.

(2) Talvez antes um derivado de *Christo.*

(3) Cf. nota 1 de pág. 179 e § 2, 1. Sobre a sua origem e formas, veja-se o já citado livrinho de Kleinpaul, pág. 49.

(4) No gótico triggua.

(5) Mas, sem essa deslocação, *Britiande,* que representa o genitivo de Bretenandus. Processo inverso deu-se com Ferdinandus, que se tornou em Fredinandus, de cujo genitivo resultou o actual *Friande.*

(6) Cf. *dragomano,* latinização do mesmo vocábulo árabe.

primeiro e o segundo só em dois nomes germânicos e arábicos, sendo neles ambos tratados normalmente (§ 42 *A*, 1.º), e o último nuns e noutros, persistindo o *f*, ou passando a *v*, segundo a regra: 1.º Bald'redi, *Baldreu*, Fald'redi, *Faldreu* (1); 2.º ax-xitrenj, *acedrenche* (arc.), al-matrak, *almadraque*; 3.º Segifred, *Jesufrei*, *Viliafredi, *Guilhofrei*; az-zaferan, *açafrão*, cifr, *cifra*, al-hofre, *alfobre*.

Observação. Houve metátese do *r* e consequente destruição do grupo em *Argomil*, segundo se depreende do primitivo Agromirus.

2.º Grupos impróprios

9. Iniciais. Como tais, há apenas o grupo constituído por *s* mais consoante, o qual sofreu tratamento idêntico ao latino (§ 39 b, 1), como mostram estes nomes germânicos: scantione, *escanção*, scuma, *escuma*, skirmian, *esgrimir*, spit, *espêto*, spehon, *espiar*, sporon, *esporão* (donde *espora*), estalla, *estala* (arc. donde *estalagem*), *stripu, *estribo*, *Scappanis, *Escapães*, Spanusindi, *Esposende*, Sposati, *Esposade*, Sparacu, *Espargo*.

10. Mediais. *A) duplas:* Como as latinas, estas foram reduzidas a simples, com excepção de *-rr-*, que se manteve; ex.: *a)* 1.º *dubbare, *adubar*, Reccemiri, *reçomil*, Reccaredi (2), *Racarei*, amma, *ama*, *rocca (por rucca), *roca*, Ninna, *Nina*, Ninnanis, *Ninães*, Tellonis, *Telões*, etc.; 2.º aç-çafat, *açafate*, aç-çaut, *açoute*, aç-çauc, *açougue*, aç-çuçena, *açucena*, aça-çaquia, *acequia* e *Açacaias*, aç-çoteia, *açoteia*, al-mihacça, *almofaça*, aç-çud, *açude*, aç-çuccar, *açúcar*, aç-çenia *acenha* (arc. e pop. hoje *aze-*

(1) Dantes *Baldrei* e *Fraldei*, como pedem os seus étimos. Vide P. de Azevedo, in *Rev. Lus.*, XII, pág. 325.

(2) Embora nos nossos antigos documentos figure este nome com *c* simples, a sua evolução em português supõe que primitivamente o teve duplo, suposição que aliás é confirmada pela escrita das moedas do rei godo deste nome (cf. Leite de Vasconcelos, *Fil. Mirandesa*, pág. 80, nota 1) e pelo patronímico *Reccamundiz*, notado por Cortesão, pág. 288, que provém do mesmo radical e vive ainda em *Recamonde* ou *Recamunde*. O mesmo a respeito de Reccemirus.

nha (1), ad-difla, *adelfa,* ad-duffa, *adufa,* ad-duff, *adufe,* ad-dalil, *adail,* al-cuffa, *alcofa,* al-gannam, *alganeme,* al-jubba, *aljuba,* al-cubba, *alcova,* al-cannib, *alcaneve,* al-lihaf, *alifafe* (arc.), an-nafir, *anafil,* an-nadir, *anadel,* an-nafah, *anafafe,* at-tahuna, *atafona,* az-zaituna, *azeitona,* az-zemmel, *azemel,* romman, *romã,* etc.; *b)* 1.º Sarracini, *Sarrazim;* 2.º habbarraç, *fabarraz,* ar-riaç, *arriaz,* ar-rub, *arrôba* (2), tarraha, *tarrafa,* etc.; *c)* Massandini, *Massandim,* Ossoretu, *Ossoredo,* etc.

OBSERVAÇÃO. Os grupos *xx* e *zz* acham-se representados excepcionalmente, ambos por *ç* no arcaico *acedrenche* e no actual *açafrão.*

B) *diferentes:* Os grupos impróprios internos, constituídos quase todos, senão todos, por duas consoantes, persistem, na sua maioria, inalterados, apenas com as excepções seguintes: *d* e *l,* aquele como segunda, este como primeira do grupo, em sílaba final, ora mantém-se, ora caem (3) nalguns nomes germânicos; *b* e *h,* quando precedidas de *l,* passam a fricativas, a primeira a sonora e a segunda a surda, nos nomes arábicos, como aliás é o seu tratamento; assim: *A)* 1.º *nasal mais dental ou palatal: nd):* *bandaria, *bandeira,* Andilani, *Andeão,* Blandilani, *Brandião,* Sindilani, *Sandião,* Invenandi, *Enviande,* Venandu, *Viando,* Gundemari, *Gondomar,* Gondivadi, *Gondevai,* Gondini (pág. 185), *Gondim* (4), Ausendi, *Ousende,* Gundesindi, *Gondesende,* Raimundi, *Reimonde,* Rezemundi, *Reçamonde,* etc.; *ut)* Cintilanis, *Centiães,* Antemiri, *Antemil,* Gontemiri, *Gontomil,* etc.; *ns)* Ansilani, *Ansião,* Anse-

---

(1) No literário *azenha* deu-se depois o regular abrandamento de *c'.* Da mesma forma se deve, a meu ver, explicar o actual *azeviche,* que supõe um anterior **aceviche,* em harmonia com o árabe aç-çabaj.

(2) *Arrova* no *Foral de Azambuja* e *Inquirições* (1255).

(3) Provàvelmente a queda do *l,* que se observa principalmente no grupo germânico em que essa letra vem acompanhada de *f,* foi precedida pela sua vocalização, depois é que o ditongo *ui* teria perdido o seu segundo elemento, como em outros casos. Das excepções *Frejulfe* ou *Fresulfe, Sesulfe* e *Aiulfe* parece deduzir-se que a vocalização se não dava, quando o *u* vinha precedido de semivogal ou do *s* brando, cujo som talvez já então se aproximasse do daquela.

(4) Há também o diminutivo *Gondelim,* que deve representar um Gondellini, isto é, Gondo (?) mais o antigo sufixo composto ellinu.

rici, *Ansariz*, etc.: *ng)* 1.º Songemiri, *Sangemil*, etc.; 2.º minjal, *mangil* ou *manchil*: 2.º *líquida mais dental, labial, palatal ou nasal: rd)* *Ardecanis, *Ardegães*, Tardinati, *Tardinhade*, etc.; *ld)* Baldemari, *Valdemar*, Ramhualdi, *Ramalde*, Manualdi, *Mangualde* ou *Moalde*, etc.; *lt)* Batari, *Baltar*, Gualtari, *Galtar*, etc.; *lf)* 1.º Gulfari, *Golfar*, vide a seguir: 2.º al-feriç, *alferes*, al-fe'ç, *alferce*, al-fenid, *alfenim*, al-faraç, *alfaraz*, al-furja, *alfurja; lc)* 1.º, 2.º al-cafar, *alcáfar*, (arc.), alcandara, *alcândara*, ou *alcândora*, al-candura, *alcândora* (arc.), al-cail, *alqueire*, al-queve, *alqueive*, al-quicé, *alquicé*, ou *alquicel*, al-quilé, *alquilé*, ou *alquiler* (1); *rg)* Argerici, *Argeriz*, a par de *Algeriz* ou *Aljariz* (dissimilação), Argivadi, *Argivai; rm* ou *lm)* 1.º Armiri, *Armil*, Ermesindi, *Ermesinde*, Germundi, *Germunde*; 2.º al-maçtaca, *almécega*, al-mihadda, *almofada*, al-mihaça, *almaface* (arc.), *almofaça*, al-magra, *almagra*, al-majarr, *almanjarra*, al-migfar, *almafre* ou *almofre* (arc.), al-matrak, *almadraque*, al-miçc, *almíscar* (2), etc.; *B)* 1.º *ld)* Anagildi, *Agilde* e *Agil*, Tanagildi, *Tagilde* e *Tagil*, Ermegildi, *Ermegilde* e *Ermegil*, Fagildi, *Failde* e *Fail*, Gildi, *Gilde*, Sonigildi, *Sengil; lf)* Arulfi, *Arufe*, Astrulfi, *Estrufe*, Frojulfi, *Frejulfe* ou *Fresulfe*, Gondulfi, *Gondufe*, Viliulfi, *Guilhufe* ou *Galhufe*, Randulfi, *Rendufe*, Sesulfi, *Sesulfe*; 2.º *lb)* al-bará, *alvará*, al-boroç, *alvorôço*, al-baitar, *alveitar*, al-banné, *alvanéu* ou *alvanel* e *alvenel*, al-bayad, *alvaiade*, al-birka, *alverca*, al-bixara, *alvíssara* (3), al-barran, *alvarrã*, al-baraç, *alvaraz; lh)* al-haç, *alface*, al-hajem, *alfageme*, al-haia, *alfaia*, al-harem, *alfareme*, al-harruba, *alfarroba*, al-huzema, *alfazema*, al-habac, *alfavaca*, al-hair, *alfeire*, al-hinna, *alfena*, al-hilel, *alfinête* (4),

---

(1) Em *acelga*, de aç-çilca, houve abrandamento excepcional do *c*; todavia o povo diz *acelca*.

(2) Na *Eufrosina*, pág. 184, lê-se *almizque*, forma que se aproxima mais do original.

(3) Mas *alvíxara* na língua do século XVI.

(4) A forma portuguesa, diferente da espanhol *alfiler*, deve ser devida a etimologia popular, assentando sobre o adj. *fino* + suf. *ête*.

al-hofre, *alfobre,* al-holba, *alforva,* al-hombra, *alfombra,* al-horj, *alfôrje,* al-hauz, *alfoz,* etc. (1).

11. Consoantes seguidas das semivogais. Se esta é *i,* influi sobre a consoante que a precede, do mesmo modo que nos nomes latinos; se é *u,* aquela consoante, que na maioria dos casos é *q,* quando intervocálica, ora abranda, ora persiste inalterada, caindo na pronúncia, mas mantendo-se na escrita; assim: 1.º *bi)* laubia, *loja; li)* *urgoliu, *orgulho,* *gasaliare, *agasalhar,* Viliamiri, *Guilhamil* (vide mais exemplos atrás, § 4, *g); ni)* vuadaniare, *gaanhar* ou *guaanhar* (2), *ganhar,* Soniarici, *Senhoriz,* Seniorini, *Senhorim* (3), Hordoniu, *Ordonho,* etc.; 2.º, aç-çenia, *azenha,* al-cunia, *alcunha,* az-ziniar, *azinhavre,* etc.

12. Alterações dos sons primitivos. Dão-se igualmente nos nomes de proveniência germânica ou arábica os mesmos fenómenos fonéticos que já observámos nos de origem românica: cf. § 49. Assim: *a)* suarabácti em: 1.º, kruppa, *garupa,* Ilderici, *Aldariz* (a par de *Aldriz)* (4), etc.; 2.º çahra, *sáfara,* az-zahama, *azáfama,* irçuç, *alcaçuz,* al-caçr, *alcáçar,* al-mihriz, *almofariz,* al-moxrif, *almoxarife,* al-motli, *almotolia,* alcaçba, *alcáçova,* recb, *recova* (5), etc.; *b)* epêntese de *r* em: 1.º mast, *mastro,* list, *listra* (a par de *masto* e *lista),* etc.; 2.º al-miçc, *almiscre* ou *almíscar,* al-quilé, *alquiler* (e *alquilé),* *ad-dabba, *aldraba* ou *aldrava,* al-içeç, *alicerce* ou *alicece,* al-fe'c, *alferce* (6), etc.; de *l* em: 1.º ad-daia, *aldeia,* ar-rabad, *arrabalde,* al-quiçé, *alquicel*

---

(1) Rigorosamente falando, o *h* nestes nomes é inicial.

(2) Outra forma do mesmo verbo, ocorrente entre os trovadores, é *gaanar* ou *gãar.*

(3) Tem aspecto românico este nome; ainda vive o correspondente feminino, isto é, *Senhorinha.*

(4) É possível que estas formas tivessem sido precedidas por **gorupa* e **Alderiz.* Vejam-se mais exemplos no § 2, 3.

(5) Também *récua:* cf. *gaziva* e *gazia,* a par de *gazua,* três formas representantes do árabe gazaua.

(6) Creio que existe no povo também *Alfece,* pois na boca dele geralmente cai o *-r-* no grupo *rc* ou *rs:* cf. *Alpiaça* por *Alpiarça.*

(e *alquicé),* al-banné, *alvanel* [1], etc.; de *n* em: 1.º al-cafur, *alcanfor* ou *alcânfora;* de *b* ou *v* em: 1.º tarima, *tarimba* (mas também *tarima),* al-homra, *alfombra* [2], az-ziniar *azinhavre,* axuar, *enxoval* [3], etc.; *c)* metátese em: 1.º Tructemiri, *Tortomil,* Tructesindi, *Tortosende,* Bertenandi, *Britiande,* Ferdinandi, *Friande,* Agromiri, *Argomil,* Frojanis, *Forjães,* Flomarici, *Formariz,* Crescemiri, *Creixomil,* Segifredi, *Jesufrei,* etc.; 2.º batl, *balde,* ac-cibar, *azêvre,* etc.; *d)* assimilação vocálica em: 1.º Ermorici, *Esmeriz* (também *Esmoriz),* Sonigildi, *Singil,* etc.; *e)* dissimilação consonântica em: 1.º hariberc, *albergue,* Sisnandi, *Sernande,* *Reccemiri, *Reçomil,* Nanandini, *Landim* [4], etc.; 2.º al-hambal, *alfambar,* al-holba, *alforva,* al-goll, *argola,* emir-al-muminin, *miramolim,* al-cail, *alqueire,* az-zorur, *azarola,* al-cacil, *alcácer* [5], jilel, *xarel,* etc.; *f)* nasalização: vejam-se exemplos em 5, *e,* Obs. I; *g)* etimologia popular em: 1.º (al)jonjolim, *gergelim* e *zerzelim* (pop.), rahjal-ghar, *rosalgar* ou *resalgar.*

13. Formação de palavras. Ocorre não raro, principalmente na toponímia, a junção do artigo árabe *al,* invariável em género e número, a nomes comuns de proveniência latina, como estes: *Almoster* [6], *Alcongosta, Alcanêde, Alfeiteira, Alpedrinha, Alfontes, Alportel,* etc.

Observação. Sobre alguns nomes, em cuja composição entrou a palavra iben, *filho,* veja-se a Morfologia.

---

(1) Também *alvanéu,* como *chapéu, Andréu,* ao lado de *chapel* (em *chapel + aria)* e *Andrel* em Gil Vicente.

(2) É frequente a inserção de *b* a *m* ou *mr:* cf. arc. *tamo* e *tambo.* A queda do *b* ou do *m* nos arc. *alfamar* e *alfabar,* deve ter resultado de dissimilação. *Alambel* ou *lambel* deve ser de introdução posterior.

(3) Cf. *ajobar* e *axobar,* em Aragonês.

(4) Julgo indicarem a mesma povoação as formas seguintes, que traz Cortesão, no seu *Onomástico: Nanandinit* (988), *Nandini* (991), *Nandim* (1220) e *Landim* (escrito *Landi* em 1258).

(5) Mas também *Alcacel.* Como é sabido, as líquidas têm grande tendência a permutar entre si, mesmo sem causa para assimilação ou dissimilação: cf. *alvazil* e *alvazir, anadel,* etc.

(6) Antes *Almoester,* como consta da *Rev. Lus.,* XXI, 264.

II

História da pronúncia das vogais e consoantes

Compreende-se que, à falta de documentos que sobre tal ponto nos elucidem por completo, é impossível historiar as variadas fases por que sucessivamente foram passando os sons desde os romanos até hoje e, muito menos ainda, precisar as épocas em que uma pronúncia sucedeu a outra; todavia, de algumas informações, que, acerca do modo como no seu tempo se proferiam os diversos sons, nos subministram, tanto gramáticos latinos, como escritores portugueses desde o século XVI, entre os quais sobressaem, como é natural, os cómicos, que intencionalmente procuravam imitar a linguagem dos personagens que punham em cena, e os que se ocuparam de assuntos de linguagem, das diferenças existentes entre o passado e o presente, quer com respeito a vogais, quer relativamente a consoantes: começaremos pelas primeiras.

Vogais. Das dez latinas resultaram, como vimos (§ 15, pág. 38), as nossas orais, em número igual (1), sete tónicas e três átonas; aquelas, pelo menos, parecem conservar ainda entre nós pronúncia idêntica, ou aproximada, da que tinham entre os romanos; todavia, afora algumas alterações nos respectivos lugares indicadas (§§ 18, 2, 19, 2, 22, 2, etc.), suspeita-se (2), que outras se hajam dado, entre a maneira como soavam na língua antiga, na de

---

(1) É escusado advertir que me refiro apenas às principais da língua literária, pois que, se atendermos às variedades dialectais, aquele número é muito maior, como se pode ver em G. Viana, *Pronúncia Normal*, pág. 68, e Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 81.

(2) A razão desta suspeita está, não só na maneira como ainda nas províncias são proferidos certos sons, mas também nas informações dadas, entre outros escritores, por D. Nunes de Leão, na sua *Ortografia*.

há quatro séculos pelo menos, e a como actualmente (¹) são proferidas. Assim:

1.º — O *e* fechado, que, quando seguido de consoante palatal, hoje se prefere quase *â*, de antes parece que conservava a sua entonação própria, como a conserva em grande parte do país, onde, contràriamente à pronúncia da capital, que diz, por exemplo, *vâja*, *mâxa*, *sâlha*, *tânha*, *ĩjânho*, se ouve *vêja*, *mêxa*, *sêlha*, *tẽnha*, *ẽjẽnho*.

2.º — A vogal nasal *em* ou *en* átona, em princípio de palavra, deveria pronunciar-se tal qual, isto é, com *e*, à maneira ainda do Alentejo e Algarve, e não com *i*, como sucede geralmente, e portanto: *empenho*, *empôla*, *encaixe*, *encanto* e não *impenho*, *impôla*, *incaxe*, *incanto*.

3.º — A vogal final de sílaba tónica, quando seguida imediatamente de nasal, pertencente à sílaba seguinte, era provàvelmente nasalada por esta, como ainda acontece na Beira-Alta e Algarve, onde *lama*, *feno*, *tino*, *dono*, *sumo*, *cunha* soam *lãma*, *fêno*, *tĩno*, *dõno*, *sũmo*, *cũnha*.

4.º — Nas nasais finais *ĩ*, *õ*, *ũ* ou *im*, *om*, *um*, a vogal oral devia dobrar-se, sendo a segunda atenuada, constituindo assim verdadeiros ditongos, isto é, *ĩi*, *õo* (=*õu*), *ũu*, como ainda acontece com *ẽ* ou *em*, *ẽi*, em grande parte do país, ao contrário de Lisboa, onde vale *ãi*, consoante o n.º 1: assim, dizia-se *fiim*, *doom*, *alguum*, do mesmo modo que *teem*, *veem* ou *tẽi*, *vẽi*, e não *fim*, *dom*, *algum*, *tãi*, *vãi*.

Observação. A razão da antiga pronúncia está em que, na maioria dos casos, a vogal oral era realmente dupla, e, como tal, proferiam-se as duas vogais, em tempos antigos; estas, depois contraíram-se, a pouco e pouco.

Ditongos. Os que no latim tinham *e* (de antes *i*) como figurativa, isto é, *ae*, *oe*, foram primitivamente proferidos de modo que as duas vogais se ouviam; estas, depois, reduziram-se a uma única, *e*, respectivamente aberta e fechada (²). Em português soam

---

(¹) Refiro-me à pronúncia da capital, a qual é aqui tomada para base, tal como a apresenta G. Viana.

(²) O mesmo havia sucedido aos ditongos *ei*, *oi*, *eu*, *ou*, que nalgumas palavras se reduziram, a *i* o primeiro, e a *u* os restantes.

igualmente ambas as vogais, embora mais ou menos atenuada a segunda nos decrescentes, seja ela *e* ou *u*; todavia, entre a pronúncia antiga e a de hoje devem ter-se dado as diferenças seguintes:

1.º — *ei*, que em Lisboa, e outros pontos, sofreu a alteração já indicada para o *e* fechado, na primeira das suas vogais componentes mantinha a pronúncia própria deste e, portanto, *peito*, *feito*, *rei*, *lei* soavam *pêito*, *fêito*, *rêi*, *lêi* e não *pâito*, *fâito*, *râi*, *lâi*.

2.º — *ou*, que é geralmente proferido como *o* fechado, conservava na pronúncia, além desta vogal, também a última, tal qual ainda acontece nalgumas das províncias do Norte, e assim dizia-se *ôutro*, *pôuco*, e não *ôtro*, *pôco*.

Consoantes: a) *oclusivas: b, d)*. Quando intervocálicas ou depois de *s* brando, estas consoantes, que hoje são fricativas, parece que de antes mantinham o seu som próprio: *c*. *g*. No latim, estas duas consoantes eram proferidas do mesmo modo, isto é, como explosivas, fosse qual fosse a vogal que se lhes seguia (1); essa pronúncia parece ter perdurado até tarde, talvez até os séculos quinto ou sexto para o *c*, pois a evolução do *g* é tida por muito mais anterior; foi depois de realizada essa alteração que as duas consoantes começaram

---

(1) Cf. o que se disse atrás a pág. 84. Que o C entre os Romanos tinha apenas um som único, o que ainda conserva, quando está seguido de alguma destas vogais *a*, *o*, *u*, ou consoante, deduz-se: 1.º, do silêncio dos gramáticos a respeito da diferença hoje existente, o que decerto se não daria, se ela já no seu tempo se conhecesse; 2.º, da entrada de vocábulos latinos noutras línguas onde continuavam a manter a primitiva pronúncia, tais são no velho alto alemão *këllari*, no gótico *akeite*, no albanês *kent* e *kiel*, correspondentes, respectivamente, a cellarium, acetum, centum e caelum: cf. também *kaiser*, representante de *Caesar*; 3.º, da sua representação em grega pelo *κ*, isto é, oclusiva surda também, assim *κήνσωρ*, Κικέρων por censor, Cicero; 4.º, finalmente, da sua existência ainda na Sardenha e Dalmácia, onde se pronunciam *kervu*, *plakar* os representantes dos latinos *cervum* e *placere*. Cf. Bourciez, *Ling. Rom.*, pág. 49, Sommer, *Handbuch der lat. Laut-und Formenlehre*, pág. 197, e Adolfo Coelho, *Questões da Língua Portuguesa*, pág. 265, etc., etc. O conhecimento da diferença entre a actual pronúncia escolar do *c* e *g* antes de *e* ou *i* e a dos romanos, diferença que se tem ùltimamente procurado restabelecer, não é novo, entre nós, pois já a ela se refere Duarte Nunes do Leão na sua *Ortografia da Língua Portuguesa*, págs. 107 e 110.

a ser proferidas como oclusivas, quando se lhes segue *a*, *o*, *u*, ou qualquer consoante, e como fricativas antes de *e* ou *i*; b) *fricativas*. Acerca do *f* e *h*, veja-se § 36, Obs. I e II. A aspiração, representada primitivamente por este último sinal ortográfico, quando, aposto às oclusivas surdas *c*, *t*, *p* [1], servia no latim de figurar os sons gregos χ, θ, φ, também se perdera, como se infere de não ter obstado a que essas oclusivas fossem tratadas do mesmo modo que quando desacompanhadas dele (cf. § 36, Obs. II); assim, a sua entrada na escrita é devida apenas a reacção etimológica. O *s* inicial ou dobrado tinha a pronúncia que ainda hoje lhe dão os naturais de Trás-os-Montes e parte do Minho e Beiras, que o distinguem do *c* antes de *e* ou *i*, ou *ç*, proferindo de modo diverso *segar* e *cegar*, *passo* e *paço*, ao contrário do resto do país, que desde o século XVI o confunde, do que resultaram grafias erradas, tais como *sapato*, *sarça*, *Ceia*, *Cintra*, *codeço*, *pêcego*, em vez de *çapato*, *çarça*, *Seia*, *Sintra*, *codesso*, *pêssego*. A antiga língua fazia igualmente distinção entre *s* e *z* intervocálicos, como ainda fazem os mesmos povos, pronunciando diferentemente, consoante a sua origem, os vocábulos *coser* e *cozer*, que também desde a mesma época entraram a proferir-se do mesmo modo. O *z*, quer final, quer interno antes da consoante surda, que actualmente tem o som de *s* fraco ou atenuado e o de um quase *x* ou *j* antes de sonora, tinha de antes o valor de *ç* [2], como ainda hoje nas fronteiras do Norte e Centro, e distinguia-se, portanto, do *s* final. A distinção, que de antes era geral nestes sons, acha-se representada ainda em obras impressas no século XVI, de modo que poderá datar-se do século imediato o seu desaparecimento que, segundo acabo de dizer, não foi total [3]. Também contràriamente à de hoje, que apenas a mantém na ortografia (cf. *chave*, *xarope*, etc.), a língua

---

(1) A princípio usada só nos nomes importados da Grécia, a aspiração, representada por *h*, estendeu-se por moda a outros que não tinham essa proveniência. É bem conhecido o epigrama de Catulo a tal respeito.

(2) Enquanto no período arcaico ocorrem as grafias *Bizcaia*, *mazmorra*, *mezquinho*, *mizcrar*, etc., já pelos meados do século XVI, e mesmo antes, aparece o *z* final da sílaba interna substituído por *s*.

(3) À confusão que se estabeleceu na pronúncia, e ainda dura, entre *s*, *z* e *ç* nas condições acima apontadas, faz referência o mencionado Duarte Nunes de

antiga, como ainda quase todo o Norte do país, fazia distinção entre *ch* e *x*, proferindo aquele como oclusivo, quase como *tx;* c) *nasais:* *m*. Quando final, esta letra, já no período pré-literário do latim, comunicava uma ressonância nasal à vogal que a precedia, ressonância que se perdeu, como se deduz do seu desaparecimento total, com excepção apenas de alguns monossílabos, em todas as línguas românicas, segundo se disse atrás, § 48, 1; a sua pronúncia parece não ter sofrido alteração (1).

III

História da Ortografia

Conquanto na nossa ortografia nunca tenha havido completa uniformidade, nota-se, isso não obstante, diferença sensível entre a usada nos antigos escritos e a que se praticou nos que se lhes seguiram, o que me leva a dividir a sua história em dois períodos: um, ao qual poderá chamar-se *fonético,* que começa com os princípios da língua e dura até o século XVI, outro que denominarei *pseudo--etimológico* e se estende do século XVII aos nossos dias.

Leão na sua *Ortografia,* publicada em 1576 (cf. pág. 132 da edição de 1864); para a evitar, apresenta certas regras, nas quais indica os casos em que se há-de usar *z* e os em que se deve empregar o *s*. Na *Prosódia* de Bento Pereira (séc. XVII) começa já a notar-se a confusão; todavia mantém-se em geral a distinção, como se vê destes vocábulos, que hoje se usa escrever com *s*: *çabujo, çafar* e derivados, *çáfaro, çafira, çafões, çafra, çamarra, çambarco, çamo* (das árvores), *çanefa, çanfona* (e derivados), *çapadura, çapal, çapato* (e derivados), *çape* (do gato, da barba), *çapo, çarça, çarrar* (e derivados), *çarrafo, çarrafar* ou *çarrafaçar* (e derivados), e *çarro* (de pipa).

(1) Para mais esclarecimentos, consulte-se o excelente trabalho de Gonçalves Viana, *A Pronúncia Normal Portuguesa,* especialmente de págs. 91 a 93, assim como a representação que faz, de págs. 98 a 101, da pronúncia figurada do tempo de Camões e da diferença entre a de então e a de hoje.

Período fonético [1]. Caracteriza este período a representação, pelas letras, dos sons que elas realmente representavam, consoante a evolução por eles sofrida, e a ausência, em geral, de caracteres não proferidos. Verdade seja que essa representação nem sempre acompanhou *pari passu* as alterações que se foram dando e por vezes conservou-se antiquada em relação ao desenvolvimento da língua. Assim, enquanto nos mais antigos tempos as vogais dobradas, resultantes da queda de consoante intermédia, se faziam ouvir, mais tarde já isso não sucedia, em consequência da redução a um único dos dois sons, antes distintos, e no entanto continuava esse uso, que se estendeu a todas as tónicas, quer tivesse razão de ser, quer não (*leer, teer, poboo, fee,* a par de *ceeo, nooa, irmãao, maao, jaa,* etc.), e ainda a átonas (*escadaa, vinhaa, docees,* etc.). Também os mesmos sons eram representados por caracteres diferentes, quer se tratasse de vogais, quer de consoantes. Das primeiras, o *i* era figurado, ora por esta letra, ora por *y,* o que dava principalmente em fim de palavra, e nos ditongos constituídos por esta subjuntiva, e até por *h* (*fraires, mais, ydade, ymagem, ygreja, assy, foy, fruytos, canbho* (também *canbyo*), *sabham, termho, nha, Nevha* (ou *Nevia*), *Limha,* etc.); a mesma vogal, quando seguida de *a* ou *o,* podia também ser representada por *e,* como por *u* o *o* surdo dentro de palavra, e vice-versa (*preor, creamento, pudiam, gurido, soavidade, tribolações, emdoreceo,* ao lado de *gorido, suavidade, tribullações, emdurecido,* etc.). A nasalidade das vogais, tanto era indicada por *n,* como por *m* (que às vezes se pospunha à vogal seguinte: *saaom, toom, pohem,* etc.), ou til, sinal este que até se encontra representando a primeira das nasais indicadas, sem influir na vogal que o antecede (*som* e *son, senpre, mandei, quanto, cimquo, vĩir, algũua, dõa* (por *dona*), etc.). Entre as segundas, o som gutural do *g* era representado por esta letra, como ainda hoje, e também por *gu* (*pregava, vegada* ou *veguada, jul-*

---

[1] Da ortografia antiga têm-se ocupado, entre outros, Epifânio Dias, na sua edição das Obras de Cristóvão Falcão, págs. 92 a 99, e Pedro de Azevedo, na *Rev. Lus.* volumes VI, 261 a 266, VII, 59 a 61 e 73, VIII, 36 a 39, 80, 81, IX, 260 a 263 e XI, 83 e 84.

guava, augua, etc.); às vezes omitia-se, talvez por descuido, o *u*, quando se lhe seguia *e* ou *i* (*aprouge*, a par de *aprougue*, *roge*, *agisado*, *Figeiroo*, *Agiar*, *Vidigeira*, etc.); o som palatal indicava-se, não só por *g*, ainda mesmo antes de *a* ou *o*, mas também por *j* (escrito *i*) e, excepcionalmente, por *y*, à castelhana (*tragido*, *enlegido*, *mangar*, *fugades*, *aleigom*, *traie*, *oye*, *suyo*, *yazia*, etc.). O *c* gutural podia ser representado também por *qu* (*barquazinha*, *quam*, *cinquo*, *Francisquo*, ao lado de *barcazinha*, *cam* (hoje *cão*), *cinco*, *Francisco*); o fricativo aparece, sobretudo nos documentos mais antigos, figurado igualmente por *z* e vice-versa (*menospreço* e *menosprezo*, *faço* e *fazo*, *vendiçom* e *vendizom*, etc.). Mantinha-se a diferença entre *s*-*ç* [1] mas o som que o *s* tem em fim de sílaba interna, aparece indicado por *s* ou *z* (*pos*, *mes*, *çapato*, *çurrão*, *quis*, *fiz*, *mesquinho* ou *mezquinho*, etc.). Embora o *h* inicial, em geral, se não escrevesse (*omilde*, *aver*, *onestidade*, etc.), encontra-se por vezes em vocábulos que originàriamente o não tinham, decerto por confusão com aqueles que em latim o possuíam, e ainda para evitar o hiato (*huum*, *hũua*, *hi*, *hu* (também *y* e *u*), *hobra*, *hordenar*, *honde*, *tẽhor*, etc.). O *e* de encosto que tomara o *s* inicial, quando seguido de consoante, não raro deixava de escrever-se (*stado*, *stando*, *scrito*, *screver*, etc.) e por *x*, em fim de palavra, indicava-se *-is* (*sex*, *ex*, *lex*, *rex*, etc.). O sinal representativo do *v* era *u*, que se usava, tanto no interior, como no princípio de palavra, mas aquele aparece também com o valor de vogal (*teue*, *uez*, *uoz*, *uida*, *uiinde*, *ovuir*, etc.). Consoantes dobradas só eram o *s* e o *r* no interior da palavra, nos mesmos casos em que hoje o são; todavia, encontram-se também, não raro, o *f* no princípio e dentro da palavra, o *l*, quando gutural principalmente, isto é, no fim de sílaba, e o *m*, se estava precedido de vogal nasal (*disse*, *chegasse professom*, *terrei*, *querrá*, *ffé* e *fé*, *ffreyra*, *deffender* e *defender*, *conffirmar*, *ffirma*, *fficara*, *ffoy*, *ffoz*, *castello*, *ella* e *ela*, *tabelliom* e *tabeliom*, *aquella* e

(1) Todavia, aparece por vezes *s* em vez de *c*, e vice-versa: *crusificado*, *preciçom*, *selebrar*, *sengir*, *sellício*, *nesecidade*, *soceçor*, *cimprez*, *cimpreza*, *francez*, etc., troca que também não foi estranha ao antigo castelhano: cf. M. Pidal, *Cid.*, I, 174.

aquela, all, mall, sallvo, tall, emmenda, emmigo, etc.); note-se, porém, que o *s* duro, dentro de palavras, era por vezes representado simples, como dobrado, no mesmo caso, o sonoro; aquele encontra-se duplicado também em princípio de palavra, sobretudo se se trata do pronome *se,* quando enclítico *(servise, misa, dese, noso, coussas, leprosso, duvidossas, ssabede, ssobre, ssa, sso, sserra, levamtou-sse, ajumtou-sse, tornando-sse,* etc.). Por igual forma aparece *r* simples em vez de dobrado e este, por vezes, inicia a palavra *(recorer, barete, tera, rrogo,* etc.). Os chamados *l* e *n* molhados foram primeiro representados respectivamente, por *li* e *ni* ou só *l* ou *ll* e *n (filia, molier, coleita, coller; tenio, conocença);* depois é que se adoptaram os símbolos *lh* e *nh,* tidos por provençais, mas conjuntamente com o último subsistia o uso do til *(vỹo, tĩa, sobrĩo, menĩo, moỹo, Martĩo, Mỹo, Marĩa* e *Marinha,* etc.). Como se diferençavam na fala, também se distinguiam na escrita o *ch* e *x* (1).

Mas a simplicidade ortográfica que se observa principalmente nos documentos mais antigos, não tardou em ser alterada pela influência do latim, que desde muito cedo começou a actuar na escrita, resultando de aí grafias que não representavam a fala ordinária; assim, a par de *feito, noite, reino, fruito, dereito, santo,* etc., em harmonia com a pronúncia, encontra-se *fecto, nocte, regno, fructo, derecto, sancto,* isto é, puros latinismos. Dessa influência resultou a adopção de *ch, ph, th* e *rh* em nomes que na língua latina se escreviam com estes símbolos, representantes dos gregos respectivos, e, conjuntamente, a introdução de *m* e *p,* letras estas que na fala se não faziam ouvir, entre *m* e *n* e *c* e *r,* chegando neste último grupo a omitir-se por vezes o *c (solẽpne, escprito* e *esprito).*

Período pseudo-etimológico (2). Com o Renascimento,

---

(1) Todavia, na *Crónica da Ordem dos Frades Menores,* I, 255, lê-se *emchujar* e *enxujar,* o que talvez se possa atribuir a descuido do copista.

(2) Chamo assim, porque os que deste modo escreviam, e ainda escrevem, estão convencidos de que figuram mais fielmente por esta forma a proveniência dos vocábulos; dá-se, porém, não raro, o contrário. Com efeito, se, segundo eles, *fructo, bocca, vacca,* etc., conservam a ortografia latina, pondo embora de parte a evolução diversa dos respectivos sons, neste caso *-c* e *-cc-,* onde tem o latim o *z-* que era de uso escrever em *mez, portuguez, poz,* etc.?

a admiração que já existia pelo latim, redobrou, subjugando os espíritos por forma tal, que a sua ortografia tornou-se o modelo da nossa, que foi em grande parte posta de lado, em prejuízo da língua, da qual muitos sons deixaram de ser representados consoante a sua pronúncia secular. Essa obsessão era tal que, porque assim se escrevera em latim, entraram a empregar-se caracteres que não correspondiam a nenhum som da fala, resultando de aí duplicação de consoantes em casos perfeitamente escusados, e a generalização do emprego dos símbolos *ch, ph, th* e *rh,* que de antes eram de uso restrito. Ao mesmo tempo, com o desaparecimento da distinção entre *s-c* e *s-z* estabeleceu-se a confusão no modo de escrever os nomes em que tais sons existiam. Acresce que, por um lado, o pedantismo, por outro, a ignorância, contribuíam ainda mais para a desordem ortográfica, aquele não tendo outro norte e guia que não fosse o latim e grego, esta, por uma suposta analogia com outras palavras, escrevendo incorrectamente vocábulos procedentes daquelas duas línguas *(lythographia*, por causa de *typographia)* e outros que não tinham tal origem *(typoia)*. Por este processo recuavam-se bastantes séculos, fazendo ressurgir o que era remoto, e punha-se de lado a história do nosso idioma, representada na maneira como antes se escrevia, em harmonia com a pronúncia, na qual se achavam englobadas as transformações por que os sons tinham passado, através inúmeras gerações, até tomarem os que possuíam ao tempo e depois que a língua começou de escrever-se. Em geral, cada escritor tinha seu modo de ortografar, cingindo-se quase sempre ao latim, por vezes com um fanatismo tal, que até se atrevia a alterar grafias que ainda haviam resistido à corrente dominante *(intender, intrar, infermidade,* etc., por *entender, entrar, enfermidade,* etc.) e o público imitava-o inconscientemente. Ùltimamente os estudos filológicos, que vieram deitar por terra muitas concepções sobre origem e formação das línguas e, consequentemente, na nossa, mostraram a sem-razão de muitas grafias e a verdade de outras que estas tinham substituído e, devido a isso, começou da parte dos romanistas a manifestar-se decidida tendência para a correcção de umas e simplificação de outras, regressando-se assim à antiga forma de escrever. Essa tendência, porém, longe de atingir o alvo que os seus autores tinham

em vista, parece que veio complicar mais ainda a nossa já confusa ortografia, porquanto muitos, que desconheciam por completo a história do idioma pátrio, entraram a fazer simplificações disparatadas por sua conta e risco. Em vista de tamanha desordem, foi pelo Governo, em 1911, nomeada uma Comissão que propusesse a ortografia a seguir nas publicações oficiais, na louvável intenção, decerto, de que depois seria adoptada por todos a norma que ela escolhesse. Convencida de que «a ortografia nacional não deve contrariar nem disfarçar a evolução real do idioma pátrio, nem as suas diferenças e diferenciações dialectais até onde se coadunam com a escrita comum» ([1]), essa Comissão apresentou um conjunto de regras de ortografar, conducentes a esse fim. Por meio delas ressuscitou-se a antiga grafia, genuìnamente portuguesa, e acabou-se com o despotismo do latim e grego, pondo-se ao mesmo tempo ordem e método onde só imperavam o arbítrio e, por vezes, a inconsequência. Verdade seja que, rigorosamente falando, o novo sistema devia aplicar-se exclusivamente às palavras que tinham história, isto é, que, transmitidas por bastantes gerações, haviam sofrido a lima do tempo, ou seja às de carácter popular; mas como, por um lado, nem sempre é possível distinguir estas das que foram aportuguesadas por um processo artificial ou literárias e, por outro, isso viria estabelecer uma confusão enorme, que, longe de desembaraçar, complicaria ainda mais o emaranhado sistema existente, aplicaram-se a estas os mesmos princípios que regem a escrita daquelas, consoante as leis que presidiram às evoluções dos sons, expostas na *Fonética*. Todavia, escritas conserva ainda a ortografia ùltimamente assente, que se afastam das seguidas antes e conformes com a etimologia, como é, por vezes, a adopção do *s* inicial em lugar de *ç* (*sarça, sapato, surrão*, etc., em vez de *çarça, çapato, çurrão*, etc.): representa isso, apenas, a transigência da dita Comissão com usos já arreigados. A par da maneira de escrever, estabeleceu a mesma certas regras de acentuação que a prática tornara indispensáveis para pronúncia recta dos vocábulos, assim da parte de nacionais, como, principalmente, de estrangeiros.

([1]) G. Viana, *Ortografia Nacional*, pág. 12.

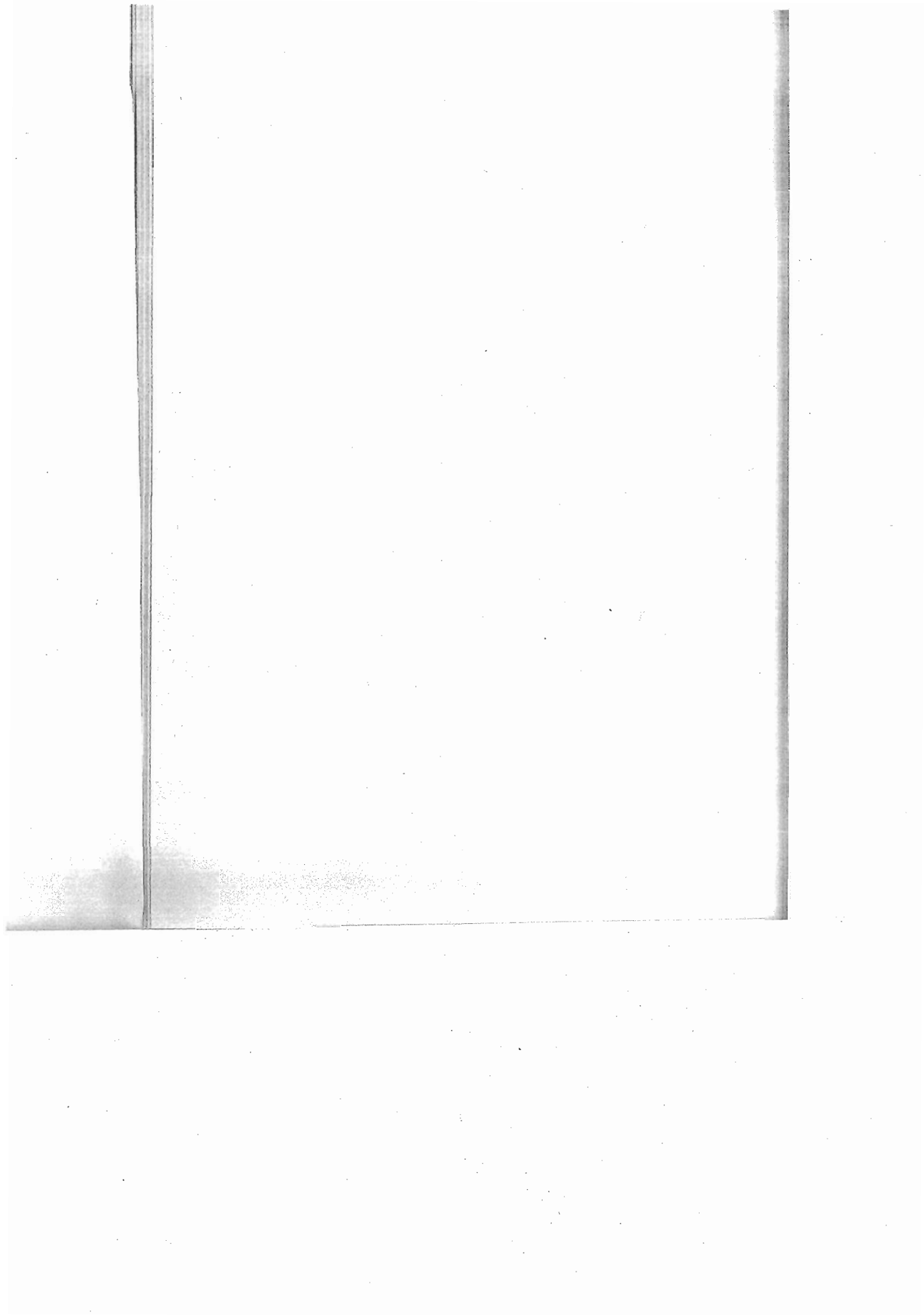
Pena é que a ortografia *nova*, que em rigor é *velha*, não seja compreendida por todos, ou antes, que se não queira ver a sua justeza, acabando-se de vez com os desconchavos que ainda perduram, quase sempre resultantes da ignorância, ou, o que é pior ainda, da cegueira voluntária que fecha os olhos, para não ver o que é claro e compreensível (1).

(1) Refiro-me, evidentemente, aos preceitos gerais, que, fundados na história da língua, são os mais sensatos possível, e estou plenamente convencido de que assim opinarão sobre a nova escrita os que do assunto têm algum conhecimento; divergências pode haver, mas apenas sobre pontos que não são essenciais, como acentuação e uso do apóstrofo, mas essas mesmas é de crer que, mais cedo ou mais tarde, desapareçam nas modificações que hajam de fazer-se.

II

MORFOLOGIA

OU

ESTUDO DAS FORMAS

Partes do discurso

1. Ao estudo dos sons, quer sós, quer agrupados, formando palavras, segue-se o destas, comparadas entre si, sob o ponto de vista do diverso papel que representam no discurso. E porque a ideia anda ìntimamente ligada à forma externa que a traduz, e esta é mais ou menos modificada na sua estrutura pelas leis reguladoras das transformações dos sons, as quais por vezes podem ser sustadas na sua marcha pela analogia, de aí a íntima união que existe entre a *Fonética* e a *Morfologia*.

Ocupa-se esta das várias partes de que se compõe o discurso, as quais, porque umas são susceptíveis de mudança e outras se apresentam sempre inalteradas, se dividem em duas grandes classes: as flexivas, ou variáveis, e as inflexivas, ou invariáveis. Note-se, porém, que entre as duas classes não há perfeita separação, por quanto muitas palavras, que hoje se contam entre as chamadas inflexivas, foram tiradas das flexivas, e destas não poucas têm transitado para aquelas. Cada uma destas duas classes compreende várias espécies, que são: *substantivo, adjectivo, artigo, pronome, particípio* e *verbo* para as flexivas, e *preposição, advérbio, conjunção* e *interjeição* para as inflexivas. Mas esta divisão, estabelecida pelos gramáticos dos séculos XVI e XVII, que a receberam dos da Idade Média, como estes a tinham ido buscar aos Romanos, por sua vez inspirados pelos Gregos, e à qual eles haviam adicionado o artigo, em que os seus predecessores não tinham falado, visto o não possuir o latim, pode ser reduzida a três espécies de palavras apenas na primeira classe, a saber: *nome, pronome* e *verbo*. Com efeito, podemos encarar de duas maneiras os objectos que nos cercam

e impressionam: ou *objectivamente,* isto é, atendendo à sua estrutura, natureza e forma, ou *subjectivamente,* tendo em vista a relação em que nos achamos para com eles. Quando nos objectos atendemos à sua natureza e substância, designamo-los por um *substantivo,* por exemplo, *casa;* mas, se os consideramos na sua forma externa e qualidades, a palavra pela qual os caracterizamos é um *adjectivo,* por exemplo, *alta,* referida a *casa.*

Advirta-se, porém, que entre as duas espécies de palavras, substantivo e adjectivo, não existe distinção perfeita: mais adiante mostraremos que muitos substantivos de hoje provêm de verdadeiros adjectivos. O *nome,* portanto, compreende o *substantivo* e o *adjectivo.* Mas, se deixarmos de considerar os objectos em si, para atendermos às relações de espaço ou tempo em que eles se encontram para connosco, as palavras de que então nos servimos denominam-se *pronomes,* designação esta que lhes proveio de uma sua função acidental, a de substituírem um nome — pronomine — e que portanto não é inteiramente exacta. Os pronomes, como os nomes, subdividem-se em *substantivos* e *adjectivos,* servindo aqueles para designar as pessoas ou as coisas, e estes para as especificarem com as várias relações de espaço, lugar ou posse.

Mas as coisas que nos cercam, os objectos que nos rodeiam, não nos aparecem sempre sob o mesmo aspecto; as próprias coisas inanimadas, pela sucessão dos fenómenos em que entram, dão-nos ideia de que nelas também há vida, e o mundo todo afigura-se-nos dotado de actividade: a palavra pela qual a designamos é o *verbo.* E, porque esta actividade se realiza por maneiras diversas e no decurso do tempo, e ainda porque é considerada nos outros entes em relação à de que nós próprios somos dotados, possui o verbo desinências especiais para designar esses diferentes *modos, tempos* e *pessoas.* Nesta tríplice divisão de nome, pronome e verbo está, pois, compreendida a tradicional, abrangendo o *nome,* o *substantivo,* o *adjectivo* e os *numerais,* incluindo-se no *pronome,* além das subdivisões deste, que são os *pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos* e *indefinidos,* também o *artigo,* que na sua origem é um verdadeiro pronome, e, finalmente, contendo-se no *verbo* o *particípio,* que é uma forma especial deste.

As palavras invariáveis, rigorosamente falando, dividem-se em duas classes: a das *preposições, advérbios* e *conjunções*, e a das *interjeições*.

As palavras pertencentes à primeira classe, tanto não se distinguem absolutamente uma das outras, que, originàriamente, as que hoje classificamos de conjunções eram advérbios, e vice-versa; como servem para designar as relações abstractas, existentes entre os nomes, pronomes e verbos, e estas relações são gerais e constantes, não carecem, por isso, de variar. As interjeições, em rigor, não devem ser contadas entre as partes do discurso, visto que são apenas gritos representativos de sentimentos, mais ou menos vivos, que nos afectam.

CAPÍTULO I

Nome

SECÇÃO I

2. *Suas várias espécies.* — Segundo ficou dito, compreendem-se sob a designação de *nome*, tanto as palavras que designam os entes, como as que mostram as suas qualidades. Começaremos pelas primeiras, ou substantivos.

Em harmonia com a sua significação, são assim designadas as substâncias ou seres, quer os realmente existentes na natureza, quer os concebidos pela nossa inteligência; destes, os primeiros denominam-se *concretos*, os segundos *abstractos*, podendo aqueles ser considerados em si ou em relação a outros e ter, portanto, uma designação que lhes pertença exclusivamente ou lhes seja *própria*, ou um nome que se refira às qualidades por eles possuídas em *comum* com outros da mesma espécie. Também os seres podem ser considerados em grupos, ou formando colecções, e estas constarem de quantidades indeterminadas ou determinadas; no primeiro caso, os nomes pelos quais são designados chamam-se *colectivos*, no segundo *numerais*.

3. *Nomes próprios.* — Os substantivos próprios, ou os nomes pelos quais os seres são designados em especial, aplicam-se, quer a entes animados, quer a inanimados, isto é, a pessoas, a coisas personificadas e também a nações, províncias e acidentes geográficos; tais são os seguintes: *João*, a *Glória*, *Portugal*, *Beira*, *Caramulo*, etc. Entre os que nomeiam as pessoas, temos de distinguir os que elas possuem como propriedade única e exclusiva, e os que lhes são comuns com os restantes membros da mesma família; aqueles, que são os recebidos no baptismo, têm origem imediata ou mediata em nomes latinos, gregos, hebraicos e germânicos, de introdução eclesiástica uns, trazidos pelas invasões outros; estão neste caso os seguintes: latinos: *António*, *Antão*, *Emília*, *Constantino*, *Celestino*, *Júlia*, *Lucrécia*, *Patrício*, *Rufina*, *Vergílio*, *Úrsula*, etc.; gregos: *Atanásio*, *Cristóvão*, *Estêvão*, *Jorge*, *Iria*, *Dinis*, ou *Dionísio*, *Jerónimo*, *André*, etc.; hebraicos: *Adão*, *Bartolomeu*, *Iago*, *José*, *João*, *Maria*, *Manuel*, *Mateus*, *Matias* ou *Macias*, *Rafael*, *Simão*, etc.; germânicos: *Afonso*, *Alberto (Albertina)*, *Berta*, *Bernardo (Bernardino)*, *Carlos*, *Henrique*, *Luís*, *Matilde*, *Roberto* (1), etc. Note-se, porém, que, de todos estes nomes, uns são mais antigos na língua do que outros; revela-nos isso a sua forma mais ou menos popular nuns, noutros inteiramente culta. Acusam maior antiguidade, por exemplo: *Bento*, *Paio* (ao lado de *Pelaio* e *Pelágio)* (2), *Águeda*, *André*, *Gião*, *Comba*, *Cibrão*, *Estêvão*, *Iago*, *João*, *Lourenço*, *Luzia*, *Martinho*, *Macias*, *Miguel*, *Pêro* ou *Pedro*, *Romão*, *Sardoninho*, *Tisso*, *Vidal*, *Gonçalo*, etc.; são mais modernos e foram em geral introduzidos pela literatura: *Afonso*, *Alberto*, *Carlos*, *Dinis*, *Frederico*, *Júlio*, *Matias*, *Raúl*, *Victor*, etc.

Dentre os substantivos próprios, distinguiremos os chamados *patronímicos* ou de família, que, muito mais modernos do que aqueles, ascendem contudo, na península pelo menos, ao meado da Idade Média. É de crer que, aqui como noutras partes e em harmo-

---

(1) Outros nomes próprios há em português que acusam procedências que não vêm aqui enumeradas, como árabe, eslava, etc.; citaram-se apenas as mais vulgares.

(2) *Pelaio* é de introdução espanhola, *Pelágio* é palavra culta.

nia com o costume de todos os povos, desde a mais remota antiguidade, os indivíduos fossem apenas conhecidos pelo que hoje chamamos nome de baptismo; mais tarde estabeleceu-se o costume de, para melhor os distinguir, ajuntar àquele o do pai, que tomava então a desinência *-az*, *-ez* ou *-iz*, de origem desconhecida; assim, dizia-se ou diz-se ainda: *Pero Diaz*, *António Fêrraz*, *Afonso Henriquez*, *Afonso Sanchez*, *Martim Soarez*, *Pedro Nunez*, *Egas Moniz* (1), etc. Quando transcritos para o latim, eram estes patronímicos indicados pelo genitivo. Já também os romanos, por vezes, apunham, no mesmo caso, ao nome do indivíduo e do seu progenitor, principalmente se se tratava de nomes não romanos, dizendo, por exemplo, *Hasdrubal Gisgonis* (Lívio, 25, 37).

A par do processo de pôr em caso oblíquo o nome do pai, outro parece também ter existido, que consistia em juntar ao nome de baptismo a palavra árabe iben, que quer dizer *filho*, por quanto nos documentos em latim bárbaro figuram, desempenhando o papel de testemunhas, indivíduos assim caracterizados. Deste modo, ao lado de *Airas Gudenandiz*, *Zesabo Ermiariz*, *Aldoretus Involandiz*, *Sarrazino Moniz*, *Revelius Ranimiriz*, *Froila Veremudiz*, *Martinus Galendiz*, *Oduario Quiriaci* ou *Pelagius Visterani*, ocorrem também *Donate iben Hazem*, *Sarracino iben Leopelle*, *Zitello iben Aloito*, *Zoleiman iben Cascita*, *Aloito iben Homeite*, *Zoleiman iben Salomon* (2).

Este costume de designar os indivíduos pelo seu nome patronímico durou entre nós alguns séculos, até que foi posto de parte e substituído pelo que agora subsiste, de caracterizar os indivíduos, ou por um nome, que já foi próprio de baptismo, como *Gião*, *Cibrão*, ou por outro, tirado duma alcunha, dum ofício, dum animal ou de qualquer outra origem, como *Chora*, *Ferrugento*, *Mantas*, *Barbudo*,

---

(1) É talvez reminiscência dos antigos patronímicos a adjunção do *-s* a nomes próprios, como *Andrés*, *Barreiros*, *Garcias*, *Farias*: cf. *Rev. Lus.*, IX, 395.

(2) Em documento de 952. Deste *iben* provêm os nomes *Viegas* e *Bordonhos*, os quais estão por * *Ben Egas* (no *Livro dos Bens de D. João de Portel* ainda se lê *Venegas)* e * *Ben-Ordonho*, sendo paragógico o *-s* do segundo: cf. a nota anterior.

Guerreiro, Mestre, Coelho, Rato, Sampaio, etc. Entre as classes mais humildes da sociedade é que se encontram ainda certos vestígios dos antigos patronímicos, pois é de uso, entre elas, ajuntarem ao nome do baptismo o do seu progenitor, chamando-se, um, *João Manuel,* outro, *Bernardo Luís,* etc.

A prática, que hoje se observa nas classes mais cultas da sociedade, de tomar a mulher, quando se casa, o nome do marido, era desconhecida dos nossos antepassados, como o é ainda hoje na gente humilde; todavia já aparece entre os romanos, que diziam, por exemplo: *Verania Pisonis* (Plínio, *Epíst.*, 2, 20).

Muito propensos a pôr alcunhas são os portugueses, e isto já de longa data, como nos revelam os documentos medievais (1); essas alcunhas uniram-se depois aos nomes próprios e ficaram como distintivos de família. É de crer mesmo que os nomes de animais, que actualmente servem de apelidos, não tenham outra origem. Muitas pessoas ainda hoje são conhecidas pelo nome duma terra; naturalmente, em tempos mais antigos, a um indivíduo que vinha habitar uma localidade, que não era a em que nascera, distinguiam-no, como por vezes se observa ainda no tempo em que vivemos, ajuntando ao seu nome o da pátria, e daí os *Bragas,* os *Bejas,* os *Guimarães,* etc.

Muitos nomes que hoje são próprios, já foram comuns; estão neste caso os de profissões, como *Barbeiro, Carpinteiro,* etc., os de títulos, como *Conde, Duque, Barão,* etc., e, finalmente, outros muitos, tirados de objectos da vida diária, utensílios, árvores, etc.; tais são: *Botas, Luz, Candeias, Sá, Nogueira, Pereira, Fonseca* (por *Fonte sêca), Prado,* etc. Também não é raro encontrarem-se nomes de nacionalidades, tornados próprios e servindo assim de distinguir os indivíduos; tais são os *Ingleses,* os *Franceses,* os *Espanhóis,* os *Alemães,* etc.

À classe dos nomes próprios pertencem também os pròpriamente geográficos, isto é, os que caracterizam uma povoação, grande ou

---

(1) Estão neste caso: *Avizimao, Bolseiro, Bravo, Cítola, Chora, Coelho, Cogominho, Corpancho, Esgaravunha, Golparro, Maldoado, Mogudo, Porco, Praga, Redondo, Vuiturinho, Zorro,* etc.: cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda,* vol. II, Índice.

pequena, ou os que nomeiam um rio ou montanha, os quais, na maioria dos casos, se apõem ao nome comum com a preposição *de* ou sem ela, podendo também usar-se apenas com o artigo pedido pelo género deste nome; estes têm origem romana, germânica, ou arábica, ou ascendem a épocas pré-históricas e foram talvez criados pelos mais antigos habitadores da península; são romanos, por exemplo: *Cercal*, *Sagres*, *Chaves*, *Arazede*, *Ericeira*, *Azinhal*, *Louredo*, *Fão*, *Vidigueira*, *Salgueiro*, *Torres-Vedras*, *Souto*, *Proença*, *Ponte*, *Salzedas*, *Loureiro*, etc.; provêm do tempo dos godos: *Sendim*, *Tagilde*, *Recarei*, *Guimarães*, *Reriz*, *Guilhofrei*, *Creixomil*, etc.; são arábicos: *Alcântara*, *Alfragilde*, (ou *Alferragide)*, *Almargem*, *Almada*, etc.; datam dos povos que antes dos romanos aqui dominaram: *Braga*, *Évora*, *Coimbra*, *Lisboa*, *Lamego*, *Mondego*, *Tejo*, *Douro*, *Ana* (em *Guadiana)*, *Vouga*, *Minho*, etc. Também entre os nomes geográficos figuram muitos que já foram comuns; conhecem-se estes fàcilmente pelo artigo que se lhes antepõe: é assim que toda a gente diz o *Porto*, o *Azinhal*, mas ninguém, falando, por exemplo, de *Elvas*, *Lisboa*, *Lagos*, *Loulé*, *Beja*, *Setúbal*, etc., empregará jamais o artigo. Este caiu mesmo nalguns, como *Cascais*, por se ter perdido a noção da sua antiga qualidade de comuns.

4. *Nomes Comuns.* — Estes, como indica o seu qualificativo, designam objectos que possuem qualidades idênticas. Sem dúvida, tais nomes começaram por designar um objecto em especial, depois reconheceu-se que essas qualidades não lhes eram privativas, antes existiam noutros igualmente, e de aí o aplicar-se-lhes o mesmo nome.

Estes substantivos comuns podem abranger, na sua significação, maior ou menor número de indivíduos da mesma espécie, isto é, ser mais ou menos extensos; note-se, porém, que, quanto maior é a sua *extensão*, tanto menor é a sua *compreensão*. Assim é que a palavra *animal*, por exemplo, tem maior extensão, porém menor compreensão do que *homem*, sendo este abrangido por aquele, mas não contendo o primeiro todos os elementos do segundo, que, portanto, se não pode aplicar a todos os animais.

Os substantivos comuns provêm, em grande parte, dos latinos, que passaram para a nossa língua pela via popular ou pela erudita,

outros foram criados no seio da língua com elementos latinos, pelo processo da derivação; também os há transmitidos pela importação, que os foi buscar aos idiomas dos diferentes povos com que temos estado em contacto, depois de lhes dar um cunho mais ou menos nacional. Entre os que passaram pela corrente popular, figuram hoje, na classe dos substantivos, muitos que de antes eram contados entre os adjectivos, pela perda, devida ao seu emprego muito frequente, do nome que qualificavam. Entre estes figuram, por exemplo: *pêssego, avelã, maçã, estio, inverno, vidro, círio,* etc., que provêm dos adjectivos persicu-, abellana-, matiana-, aestivu-, hibernu-, vitreu-, cereu-, nos três primeiros dos quais o latim vulgar pôs de parte o substantivo pomum ou poma, considerado como singular, segundo veremos adiante, e nos dois seguintes tempus. Este mesmo fenómeno encontra-se até em nomes próprios; são disso testemunho Flavis, Sacris, Cerquale por Querquale (de quercus), etc., que hoje soam: *Chaves*, *Sagres* e *Cercal.* Este processo era já conhecido do latim, que por vezes tornou substantivos nomes como patria, cani, tertiana, praetexta, etc., que eram verdadeiros adjectivos e nos quais se subentendiam os nomes terra ou urbs, capilli, febris, toga, etc. (1).

Entre os nomes comuns, figuram, tanto os que designam um indivíduo único, como os que sob a mesma denominação compreendem um agregado de seres da mesma espécie, pessoas ou coisas; estes são os *colectivos.* Mas este agregado pode abranger uma colecção toda, ou apenas uma parte dela; no primeiro caso, têm o nome de colectivos *gerais* ou *absolutos,* no segundo o de colectivos *parciais* ou *partitivos;* são exemplos dos primeiros os seguintes substantivos: *exército, armada, tropa, multidão, bando, cavalgada, povo, cardume, manada,* etc.; fazem parte da segunda classe: *porção, terço, mão-cheia, pedaço, bocado, quartilho, canada,* etc. Designam, portanto, quantidades indeterminadas estes substantivos; outros nomes há, porém, que exprimem uma quantidade certa e definida, são os

(1) Cf. Madvig, *Gram. Latina,* § 301, e Obs.

5. *Numerais.* — Podem os nomes assim chamados designar os objectos de dois modos: ou atendendo única e exclusivamente ao seu *número,* ou tendo em vista a *ordem* em que se acham uns em relação a outros, isto é, ao lugar que ocupam numa série; aos primeiros dá-se o nome de *cardiais* (1), aos segundos o de *ordinais* (2). Tanto uns como outros provêm, em geral, de iguais nomes latinos, depois de mais ou menos alterados, em harmonia com as leis fonéticas ou com a analogia, como passamos a expor:

Latim clássico	Latim vulgar	Port. arc.	Port. mod.
ūnum	ūnu-	*ũu*	*um*
ūnam	ūna-	*ũa*	*uma*
dŭos	* doos	*dous*	*dois*
dŭas	duas	*duas*	*duas*
trēs	trés	*tres*	*três*
quattŭŏr	quáttor	*quatro*	*quatro*
quinque	cīnque	*cinque* (3)	*cinco*
sēx	sēx	*seis*	*seis*
septem	sĕpte-	*sete*	*sete*
ŏcto	ŏcto	*oito*	*oito*
nŏvem	nŏve-	*nove*	*nove*
dĕcem	dĕce-	*dez*	*dez*
undecim	ŭnd(e)cĕ-	*onze*	*onze*
duodecim	dōd(ĕ)ce-	*doze*	*doze*
tredĕcim	tred(e)ce-	*treze*	*treze*
quattuordecim	quattord(e)ce-	*catorze*	*catorze*
quindecim	quīnd(e)ce-	*quinze*	*quinze*

(1) De cardo, «o gonzo da porta», no figurado «o fundamento»; pela mesma razão se denominam também cardiais os pontos e as virtudes que servem de base a outros pontos e virtudes. Ao passo que, junto a pontos e virtudes, se usa a forma pop. *cardeais,* com os n.os emprega-se o culto *cardinal.*

(2) De ordo, ordem.

(3) Além desta forma, que ocorre, por exemplo, na *Rev. Lus.*, XXI, 258, 266, 269, etc., lê-se, na mesma, *çinqui*, XXI, 250.

OBSERVAÇÃO. Até pelo menos o século XV, persistiu a antiga forma masculina *ũu*, que depois se reduziu à actual (cf. *Fonética*, § 30,2); mas na feminina *ũa*, que ainda vive nalgumas falas populares, nas quais o *u-* soa, ora simplesmente nasalado, ora com gutural, a nasalização, depois de século XVI, produziu um *-m-* sob influência da labial nasal (assimilação incompleta) (1).

Da forma vulgar latina *doos* resultou, por assimilação da segunda vogal, a arc. e ainda popular *dous*, hoje *dois*, pela equivalência dos dois ditongos *ou* e *oi*. O *cinque* arc. converteu-se no moderno *cinco*, pela troca do *e* final por *o*, certamente sob influência de *quatro*, resultante de quattor pela metátese, frequente, do *r*, e aqui motivada pela formação do grupo *-tr-*. Acerca do grupo *d'z*, vide *Fonética*, § 45, *B*, 4.

De 16 a 19 usava o latim clássico, a par das expressões sexdecim, septendecim, octodecim, novendecim, as analíticas decem et sex, decem et septem, decem et octo, e decem et novem. A língua portuguesa, como as outras línguas românicas, preferiu as segundas às primeiras e, assim, exprimiu aqueles números por: *dez e seis*, *dez e sete*, *dez e oito* e *dez e nove*; mais tarde, porém, substituiu a conjunção copulativa *e* pela preposição *a* (2), dizendo hoje *dezasseis*, *dezassete*, *dezóito*, e *dezanove*, *isto é:

Lat. cl. e pop.	Portug. arc.	Port. actual
decem et sex	*dez e seis*	*dezasseis*
decem et septem	*dez e sete*	*dezassete*

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.*, IV, 40 e *Lições de Filologia Port.*, 62. Caso idêntico a *uma* de *ũa*, deu-se também com *luma* de *lũa*, que ocorre em uma cantiga da Ilha da Madeira: *Rev. Lus.*, XVII, pág. 145. A poetisa galega Rosália de Castro, nos seus *Cantares gallegos*, pág. 187 (edição de 1909) emprega *lumiña*, como diminutivo do mesmo nome.

(2) Bourciez, *Éléments de linguistique rom.*, pág. 256, explica este *a* pela conjunção copulativa *ac*. A mesma partícula entra na formação pop. de *vinte* por diante, como se vê em *vint'a um*, *vint'a dois*, *vint'a três*, etc., formas que já ocorrem em Gil Vicente. Em *dezóito*, que a maioria das pessoas pronuncia com *o* bem aberto (as que dizem *dezôito* devem ser influenciadas por *oito*) deu-se a fusão do *a* com *o*, de aí resultando, a meu ver, aquele som.

Lat. cl. e pop.	Portug. arc.	Port. actual
decem et octo	*dez e oito*	*dezóito*
decem et novem	*dez e nove*	*dezanove*

As expressões numéricas empregadas pelo latim clássico para designar os números desde 20 a 100, foram igualmente modificadas pelo latim popular; de aqui provêm directamente as portuguesas.

Lat. cl.	Lat. pop.	Port. arc.	Port. actual
vigĭnti	vinti	*viinte*	*vinte*
trigĭnta	trienta	*triinta*	*trinta* (1)
quadragĭnta	*quadragenta	*quarenta* ou *quareenta*	*quarenta*
quinquagĭnta	*cinquagenta	*cinquaenta*	*cinquenta* (2)
sexagĭnta	*sexagenta	*sessaenta*, *sasseenta* *seseenta* e *sasenta*	*sessenta*
septuagĭnta	*septagenta	*setaenta* ou *sateenta*, *satenta*	*setenta*
octogĭnta	octagenta	*oitaenta* ou *oiteenta* (3),	*oitenta*
nonagĭnta	*novagenta	*novaenta* ou *noveenta*	*noventa*
centum	centu	*cento*	*cento* e *cem*

Observação. Sobre *vinte*, cf. *Fonética*, § 21,2 Obs. II. Com *quarenta*, por **quairaenta*, que devia ser a forma resultante de quadragenta (cf. *Fonética*, § 42 *A*, 1), deu-se analogia com *cinquoenta*, que por seu lado sofreu também influência de *cinco*. O clássico nonaginta foi substituído, no latim vulgar da Lusitânia,

---

(1) Nas *C. S. M.* também *treinta* e *quaranta*.

(2) Também *cinquoẽeta* e *cinquenta* na *Rev. Lus.*, xxi, 267-8.

(3) *Outeenta* em *Rev. Lus.*, xxi, 277.

por **novagenta,* para o que decerto contribuiu a dezena anterior, na qual o *oito* se faz ouvir bem distintamente. De *cento* proveio, por próclise, a forma *cem* (1); todavia a língua arcaica emprega também a primeira expressão em casos em que hoje usamos exclusivamente a segunda, dizendo indistintamente: *cento anos, cento olhos, cent'açoutes,* e *cem olhos,* etc. (2).

Para exprimir os números desde 200 a 700, usava o latim das seguintes expressões: ducenti, trecenti, quadringenti, quingenti, sexcenti, septingenti, octingenti e nongenti; a língua vulgar aproveitou apenas as formas ducenti, trecenti, quingenti e sexcenti, as quais, no caso acusativo, deram *duzentos, trezentos, quinhentos* e *seiscentos;* para indicar as restantes centenas, recorreu ao processo analítico de ajuntar as unidades *quatro, sete, oito* e *nove* à expressão *centos.*

Para exprimir a milésima, continuou a língua vulgar a servir-se do clássico mille sob a forma *mil* (cf. *Fonética,* § 30,1), ainda quando se tratava de mais de um, caso em que recorria à perífrase *duas, três vezes mil,* donde resultou o *mil* tornar-se palavra invariável; o plural *milia,* tornado *milha,* passou à classe dos substantivos, usando-se exclusivamente como medida itinerária. A par de *mil,* existem também os substantivos *milheiro,* representante do adjectivo miliariu, e *milhar,* de miliare; este último, porém, é usado só pela língua culta. Na antiga língua popular existia também *milhenta,* formado de *mil* e do suf. *-enta,* que entra nas dezenas. O número em que figura *mil,* multiplicado por si mesmo, é, na língua actual, expresso pela palavra *milhão,* proveniente do italiano e de introdução moderna; na Idade Média não estava em uso empregarem-se unidades numéricas superiores a *mil* (3), quando muito usava-se a forma *conto* para designar o produto de mil por si mesmo, ou dez vezes cem mil (4). Segundo o modelo *milhão,* foram criados os vocábulos *bilião, trilião,* etc.

---

(1) Cf. *Fonética,* § 30, Obs. V.

(2) No *C. V.,* n.º 1.119, ocorre o plural feminino *centas,* referido a *velhas.*

(3) Vide Pidal, *Gram. Esp.,* 162.

(4) *Mil centos de vezes,* lê-se na *Eufrosina,* pág. 191.

Dos cardinais, são declináveis os dois primeiros, depois os que designam as centenas, não variando, nem em género, nem em número os restantes, tal qual como no latim clássico (1), que, a mais do que o popular, declinava *três* e *mil*. O numeral *dois* costuma muitas vezes ser reforçado, na linguagem hodierna, pelo pronome indefinido *ambos*, que o precede, ora acompanhado do artigo *os*, ora só *(ambos os dois, ambos dois)*; a antiga, porém, que é seguida pela popular de hoje, usava, em vez do artigo, as partículas *e* e *de (ambos e dois* (2), *ambos de dois)*, das quais a segunda foi aqui introduzida por influência da palavra seguinte *dois*, processo este que, representando um caso de fonética sintáctica, constitui uma espécie de *prolepse fonética*, ou antecipação de um fonema seguinte (3).

Os numerais ordinais pertencem, na sua maioria, à língua culta; populares são talvez (4) apenas os oito primeiros, a saber: *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo* e *oitavo*; destes, *primeiro* e *terceiro* provêm, não das formas clássicas, primus e tertius, mas das derivadas destas, primarius e tertiarius. O ordinal latino primus apenas existe em português, sob a forma *primo* (5), ou como substantivo, designativo de parentesco, ou, como adjectivo, na composição de *primavera* e na linguagem culta; *terço*, o representante de tertius, só se emprega nas fracções; conjunta-

---

(1) Decerto por analogia com *duzentos*, etc., ocorre como variável *cento*, assim: *tiranas de centas vontades* (Miranda: cf. Moreira, *Estudos*, II, 105).

(2) Encontra-se este modo de dizer já na *Crónica Troiana*, I, 185. Júlio Moreira, nos seus *Estudos*, I, pág. 6, dá ainda como popular *ambos a dois*. Com o mesmo sentido lê-se, nas *C. S. M.*, *ontrambos*.

(3) Veja a obra acabada de citar, no mesmo vol., pág. 8. São exemplos de *prolepse fonética*, ou influência dum som sobre o que o antecede, segundo o mesmo erudito (*Rev. Lus.*, I, 681), *o momem e a mulher*, por *o homem*, etc., *Fendes Ferreira*, por *Mendes*, etc. Vide também Epifânio Dias, *Crisfal*, 105.

(4) Digo *talvez*, porque, com excepção de *primeiro* e *terceiro*, todos os mais têm aparência de semi-literários. Note-se que dos ordinais *primeiro* é o único a que se dá superlativo, mas só no género feminino, como se fosse um verdadeiro adjectivo, na conhecida frase *de primeiríssima ordem*.

(5) Em vez de *primeiro*, lê-se na *Rev. Lus.*, XXI, 257, *primo dia d'abril* e *primo dia de março*.

mente com quartus e quintus usava-se também quartarius e quintarius, donde os substantivos *quarteiro* e *quinteiro*.

Ao lado de sextus, que produziu *seisto* na língua arcaica, de onde veio o actual *sesto* ou *sexto*, e no feminino, com a ideia subentendida de *hora*, que figura entre os substantivos, deve ter existido a forma popular *sexímus, a qual deu origem o *seismo, seisma,* ou *sêsmo* e *sêsma*, que se emprega igualmente nas fracções (v. g. *uma seisma de vara); séistimo*, que também existiu, deve ser forma analógica a *seitimo*, com que o antigo português exprimia o ordinal de *sete*. Nonus, que subsiste na língua popular como substantivo, para designar a hora *nona* da antiga divisão do dia e hoje as orações do ofício divino que se costumam recitar a essa hora, isto é, *nôa,* foi substituído por novenus, o qual, sendo na língua arcaica *novêo*, retomou depois o *-n-*, isto é, tornou-se *noveno;* esta expressão, porém, foi posta de parte e hoje é usada no feminino, para designar orações ou preces durante nove dias consecutivos; em lugar de *noveno,* emprega-se hoje a forma culta *nono*. Decimus, ou *décimo*, entre o povo deixou de ser usado como ordinal e, sob a forma *dízimo* ou *dízima,* isto é, a *décima parte*, passou à classe dos substantivos.

Nos ordinais superiores a *dez*, emprega a língua literária actual o ordinal deste número e, depois, o da unidade que se lhe segue; a língua antiga, a par do mesmo processo, costumava também inverter a sua colocação, dizendo: *décimo, undécimo, duodécimo, terço* ou *terceiro décimo, quarto décimo, quinto décimo, seisto décimo, sétimo décimo*, etc.

Se exceptuarmos o ordinal *quadragésimo*, que na forma feminina subsiste em *quaresma* ou *coresma*, nenhuns mais, além dos enumerados, persistiram na língua popular. Para indicar o último, esta juntou às palavras de igual significação, postumus ou posterus, o conhecido suf. -arius, resultando de aí os arc. *prostumeiro* ou *postumeiro* (dissimilação) e *postreiro*.

Os distributivos latinos poucos vestígios deixaram na nossa língua, como aliás em todo o romance; esses são singulus e ternu-, representados por *senhos* (a par de *senlhos* e *sendos)*, que era de uso muito frequente no português arcaico e significava «cada um o

seu, um a cada um», e *terno*, e ainda o sufixo -*eno*, que, principalmente no feminino, junto aos cardinais, contribuiu para a formação dos substantivos *novena*, *dezena*, *dozena* (1), *trezena*, *quinzena*, *vintena*, etc.; os respectivos masculinos uma ou outra vez aparecem em escritos antigos com o valor de ordinais. Devem também ser considerados como distributivos os números que a língua latina formava com o auxílio do sufixo -*no*, junto à forma feminina dos ordinais; alguns deles conserva o português com o valor de substantivos, tais são: *terçã*, *quartã* e arc. *quintã*, hoje *quinta*.

Os nossos proporcionais pertencem à língua culta; para exprimir a ideia que lhes anda ligada, serve-se a popular dos substantivos *dobro* e *tresdobro* para os dois primeiros, preferindo todavia empregar para todos o pronome *tanto* no número plural, precedido do cardinal que o multiplica; assim: *dois*, *três*, *quatro*, *cinco*, etc., *tantos* (2). Este *tanto*, na antiga língua, era invariável (3) e continuava o **tantum** ou **tanto** que o latim costumava ajuntar aos advérbios numerais, depois «viu-se nele um substantivo a que seria necessário dar a forma do plural, por estar precedido de um número que o designa» (4). Em vez do actual *cêntuplo*, dizia-se *cem dobro*, ou apenas *cento*. Também com o valor de proporcional, com a significação de «três vezes em dobro», usou-se outrora adverbialmente o adjectivo semi-literário *atrenado*, que está por *aternado*, ou derivado de *terno*.

---

(1) Parece vir daqui a palavra *dúzia*; a deslocação do acento pode ter sido motivada por *doze*. Nas *C. S. M.* ocorrem as formas *quinzẽo* e *noveas*, que talvez esteja por *novẽas*.

(2) A par de *dois tantos*, diz-se igualmente *outro tanto*. É óbvio que aqui a palavra *outro* tem a ideia de *segundo*; inclino-me mesmo a crer que o nosso *segundo* seja de formação semi-culta e que, como na língua francesa, fora precedido de *outro*, que, é escusado advertir, no latim clássico valia também por *secundus*.

(3) Assim, Gil Vicente diz *sete tanto*, *dez tanto*; é verdade que no *Livro de Esopo*, pág. 13, lê-se *duas tanta*, mas aqui a variabilidade das duas palavras deve decerto atribuir-se, para a segunda, ao subs. *carne*, que se lhe segue, para a primeira, a ter o escritor tido em mente o nome *vezes*, de que em tal caso também actualmente nos servimos. Aquele mesmo dramaturgo usa ainda a expressão *milhenta mil*, para representar um proporcional deste último número.

(4) Júlio Moreira, *Estudos*, I, 11 a 14.

De *fraccionários* servem os ordinais, ou como substantivos, ex.: *o terço, um quarto, um sexto*, etc., ou como adjectivos, subentendendo-se a palavra *parte*, assim: *a quinta, a oitava*, etc. Para designar a metade da unidade, recorreu a língua, já ao adjectivo medіu-, que substantivou, dizendo antes *meo* e hoje *meio*, já ao substantivo medietate-, que na antiga língua evolucionou em *meiadade* e também *meetade* (1). Ainda para exprimir a ideia de fracção, servia-se a língua arcaica da desinência *-ao* que juntava aos ordinais, dizendo *dezao* e *dozao*. Mais tarde, o suf. *-ao* foi refundido sobre o latino avus (2) e tornou-se *-avo*, mas por muito tempo continuou invariável.

Dos numerais latinos, muitos, segundo vimos, passaram a ser considerados substantivos, e ainda hoje alguns são empregados como tais; estão nesse caso *cento* e *milhão;* os restantes usam-se com o valor de adjectivos.

SECÇÃO II

A flexão no nome

6. *Casos.* — Tiram as palavras flexivas o seu nome da *flexão* ou variedade de formas de que elas são susceptíveis, para exprimirem as várias relações em que umas estão para com outras, e por isso,

---

(1) A forma *meiadade*, é representante directa de medietate-; *meetade* provém de **meitade* e este de me(d)i(e)tate-, tendo o ditongo impedido o abrandamento do *-t-; meiatade* deve ser resultante da influência de *meitade* em *meiadade*. No *Arq.*, VII, 66, há *meatade*. Cf. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, IV, pág. 243.

(2) Sobre a origem da palavra *avo*, diz Adolfo Coelho *(Dic. et., s. v.)* «A palavra parece ser simplesmente o suf. do ordinal *oitavo*, que por analogia se foi aplicando a todos; assim dizia-se *três oitavos* e pareceu que se devia dizer: *doze avos, dezasseis avos*, etc.; por fim o suf. adquiriu o valor de — parte. Vem ao apoio desta explicação o facto de os sufixos dos outros cardinais que se empregam para significar parte não aparecerem com clareza, assim em *quarto, quinto, sexto, sétimo, nono, décimo*, não há sufixo que se preste a formações analógicas; o contrário se dá com o suf. *avo* em *oitavo*».

antes de nos ocuparmos de cada uma das suas espécies, será conveniente apresentarmos um breve resumo da história da flexão.

Consiste esta, actualmente, nas alterações que os vocábulos experimentam na designação de *número* e *género*, as quais, todavia, não podem hoje comparar-se com o que em tempos já idos foram, em que as palavras estavam sujeitas a um sistema complicado de formas, que variavam em harmonia com a função que desempenhavam na oração. Era o que na língua latina se chamava *declinação*, a qual abrangia os nomes e pronomes e visava a indicar as relações de casos, género e número, por meio de desinências, que variavam com a natureza dos nomes.

E todavia este sistema, por mais complicado que nos pareça hoje, era já uma mutilação de outro ainda mais complicado, o existente na antiga língua indo-europeia, porque os oito casos que esta compreendia, o nominativo, o genitivo, o dativo, o acusativo, o vocativo, o ablativo, o locativo e o instrumental, reduziu o latim a seis, fundindo o locativo no genitivo e o instrumental no ablativo. A mutilação, porém, começada pelo latim, foi aumentando por forma tal, que reduziu aqueles seis casos a três, dois e até a um único. Para tamanha mutilação contribuiu a que o próprio latim fizera na língua donde evolucionara, com a semelhança de desinências que dava a alguns casos, semelhança que vieram depois aumentar a queda do *m* final e a igualdade que se estabeleceu entre o *o* e o *u* finais, fazendo com que os nomes, por exemplo, de tema em *-u*, se confundissem com os de tema em *-o*, do que nos oferece exemplo o próprio latim clássico, que declinava alguns desses nomes (ficus, cupressus, laurus, pinus, domus) de dois modos [1].

A estas razões fonéticas da mutilação sofrida pelo latim no seu sistema declinativo, juntaram-se outras, sintácticas. O apresentar a mesma palavra formas idênticas para relações diferentes, devia forçosamente levar quem falava a lançar mão, para melhor se fazer compreender, de um meio mais explícito; relações havia, até, que as desinências casuais não especificavam bem, carecendo, portanto, de outro meio para se tornarem claras; forneceu-o a preposição, cujo

[1] Cf. Ernout, *Morphologie historique du latin*, §§ 24 e 88.

emprego se foi generalizando cada vez mais, a ponto tal que chegaram a dispensar-se os casos. Disto mesmo nos fornece exemplo o próprio latim clássico que, apesar de língua literária e, portanto, mais ou menos artificial, não raro substituía os casos por preposições, como o genitivo por *de*, *ex* ou *inter*, o dativo por *ad* e, finalmente, o ablativo por *in cum*, *de*, *per*, etc. (1). Ora, se isto sucedia na língua oficial, que tinha de obedecer a certos preceitos e normas, com maioria de razão havia de acontecer na popular, de sua natureza livre e independente. Se a função expressa pelo genitivo, que aliás tinha uma desinência que se não confundia com a dos outros casos, podia sê-lo também por uma das preposições citadas, o que não sucederia àqueles em que a forma era inteiramente igual? Neste caso estavam em geral o nominativo e o vocativo, o dativo e o ablativo de ambos os números, aos quais se ajuntou depois, pela queda da desinência, o acusativo (2). Ora, pois, se o genitivo, dativo e ablativo podiam ser substituídos por preposições, ficavam subsistindo apenas dois casos, tanto no singular, como no plural, em que, por um lado, tal não podia dar-se, visto um — o nominativo — designar o agente, o outro o acusativo — o objecto, e, por outro lado, as respectivas desinências variavam, e isso deu-se efectivamente no antigo francês e provençal, que possuíam estes dois casos. Mas essa mesma dissemelhança entre o nominativo e o acusativo não atingiu todos os nomes, pois muitos havia cujas formas eram já idênticas no latim clássico e em maior número as possuía a língua rústica, que não só, como já vimos, não proferia o *-m* do acusativo, mas também continuava a suprimir a desinência *-s* do nominativo, a exemplo da língua arcaica, que assim procedia nos nomes de tema em *-o*. Deste modo, de toda a variada

(1) Cf. *Flere* de, *conferre* cum, *dimicari* pro, *venire* ad, *abstinere* a, *commutare* cum, *sedere* cum *(tunica*, etc.), prae *lacrimis*, etc.

(2) Basta lançar uma simples vista de olhos para o quadro das declinações, para disso nos convencermos: assim na 1.ª ou de tema em *-a* há no singular apenas três formas diferentes, no plural quatro; na 2.ª ou de tema em *-o* cinco no singular, no plural quatro ou três em cada número; na 3.ª ou de tema em consoante ou *-i*, cinco ou quatro no singular, três no plural ou este último número no plural e quatro no singular; na 4.ª ou de tema em *-u* quatro em ambos os números e na 5.ª ou de tema em *-e* quatro e três.

declinação latina apenas restou um caso único, tanto no singular, como no plural — o acusativo —, mas este ficou a substituir, por assim dizer, os desaparecidos e passou a ser considerado uma espécie de representante de todos eles [1]. Assim se explica como a maioria das línguas românicas não fizeram distinção entre os dois casos e usaram, desde o seu aparecimento, uma forma única para cada número; entre as que assim procederam figura o português.

7. *Restos de casos.* — Mas, se os casos do latim clássico se fundiram na língua popular em um único — o acusativo — não quer isto dizer que de alguns não ficassem vestígios na língua portuguesa, devido a circunstâncias várias. Assim, por influência eclesiástica ou culta, o nominativo aparece, por exemplo em *Deus, Domingos, Macias, Pilatos, Marcos, Jesus, Carlos,* etc. [2]; o locativo ou genitivo nalguns nomes de lugares, como *Arazede*, etc., sem falar nos patronímicos e nos de proveniência germânica; o ablativo finalmente em *Sagres* e *Chaves.*

8. *Números.* — Cada um dos substantivos tomava em latim desinências especiais, em harmonia com o papel que representava no

---

(1) Tamanha importância adquiriu no latim vulgar o acusativo que ainda no plural, em que não podia confundir-se com o ablativo, encontra-se regido das preposições que este caso pedia, como se vê destas frases: *de quaslibet causas cum filios suos, sine pedes,* etc.

(2) Também *Carlo, Jesu, Marco, Domingo,* etc., que representam o acusativo. O nominativo existe talvez também em *gorgulho, bufo, abestruz,* se é que estes três nomes não passaram da 3.ª para a 2.ª declinação, isto é, do tema em *-n* para o em *-o*, e ainda no arc. *tredo*, que parece provir do *tredor*, com que concorre em sentido idêntico; sendo assim, ter-se-ia dado o caso da mesma palavra traditor estar representada em português por duas, uma acentuada na penúltima sílaba, correspondente ao nominativo, e outra na última, representando o acusativo, a não ser que façamos vir *tredo* de teteru-. Sobre a persistência de vários casos, além de este, em português, veja-se Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, págs. 41 a 50; dos provenientes do germânico tratei no Apêndice I da *Fonética*. Para *serpe* admite Körting, s. v. *serpens*, o étimo *serps*, que existiria ao lado de *serpens; preste* e *chantre* e talvez também o arc. *sages* são antigos nominativos que de França vieram para Portugal. Também lá se acha representado o nominativo *virgo* por *vierge*, que suplantou o acusativo *virgne;* igual forma aparece também no antigo português, mas deve ser, sem dúvida, de importação eclesiástica.

discurso, e essas desinências variavam com a letra final em que terminava a respectiva raiz. E, porque aquela só podia ser, ou qualquer das vogais, ou uma consoante, de aí existirem cinco modelos ou declinações para aquelas desinências. A confusão, porém, que já no próprio latim clássico se dava por vezes, como vimos, entre os nomes de tema em *-o* com os de tema em *u-*, acentuou-se ainda mais no latim popular, que acabou de os assimilar por completo. Também a alguns nomes de tema em *-e* dava a língua literária outra forma, em que a vogal característica era *-a*, tais como barbaries e barbaria, mollities e mollitia, luxuries e luxuria, e, porque a desinência do acusativo era semelhante à dos nomes de tema em consoante ou *-i*, o latim vulgar acabou por fundi-los de todo ou na primeira declinação (temas em *-a*) [1], ou na terceira (temas em consoante ou *-i*). Daqui resultou que as cinco declinações latinas se reduziram às três existentes no romance e, por consequência, também no português.

Pertencem à primeira não só todos os nomes que originàriamente terminam em *-a*, mas ainda todos aqueles que, tendo tido antes como característica outra vogal, depois a trocaram por aquela, em virtude da analogia, como *pôpa*, que, vindo de puppe-, sofreu a influência de prora-, ou grus, que, sendo as mais das vezes feminino e raras masculino, mais tarde tomou a desinência *-a*, própria deste género, e deu a forma arcaica *grua* [2].

Fazem parte da segunda declinação os nomes terminados em *-o* (ou *-u*); são, por conseguinte, não só todos os que, pertencentes às 2.ª e 4.ª declinações, passaram para a nossa língua, mas também outros da 3.ª que ou por motivos fonéticos, por já serem masculinos ou neutros, receberam um *-o*, como vogal de encosto, ou, terminando em *-s* ou *-t*, precedido de *u*, ficaram, pela perda destas consoantes, equiparados aos substantivos da 2.ª. Destes três casos oferecem exemplos os seguintes nomes: 1.° *dono, sogro, genro, livro, ninho,*

---

(1) Estão neste caso rabia e dia, que no latim clássico eram rabies e dies.

(2) Cf. Também o fr. *grue*, que não pode vir senão de grua; hoje a forma é *grou* e o nome, quanto ao género, epiceno.

campo, *castro*, *rio*, etc. e *fruto*, *luto*, *lago*, *porto*, *canto*, etc.; 2.º *cogombro*, *pássaro*, etc.; 3.º *corpo*, *tempo* (1), *cabo*, etc.

Entram finalmente na 3.ª declinação, assim os nomes que no singular terminam em consoante, em *-e* ou *-i* e vogal nasal, proveniente de *n*, seguido originàriamente de *e*, que depois veio a cair, como os que, finalizando antes em *-r*, depois, já adentro da língua, por ser átona a sílaba final, perderam o *o* que o precedia e tomaram um *e* de encosto para formação do respectivo grupo; tais são: *paúl*, *mar*, *voz*, *pé*, *rei*, *pão*, *cão*, *bênção*, *homem*, *fim*, *lençol*, *dom*, *som*, *abutre*, *lebre* [antes *avuitor*, *lebor* (cf. *laboreiro* (*Castro*)], etc.; abrange, portanto substantivos que no latim entravam na 3.ª declinação, e também outros que pertenciam à 2.ª.

9. *Géneros: a) substantivos.* — Possuía a língua latina três géneros: *masculino*, *feminino* e *neutro*; o romance, porém, guardou apenas os dois primeiros, fundindo geralmente o neutro singular no masculino. Mas, se os nomes de seres sexuados, como era natural, continuaram em geral a ter, neste, o género a que já pertenciam naquela, não sucedeu o mesmo com os que não estão nesse caso, os quais divergiram nas línguas românicas, que, regulando-se em geral pela vogal final, chamaram masculinos aos que terminavam em *o* (ou *-u*), e femininos aos acabados em *-a*, variando nos de terminação diferente. Assim foi que os nomes de árvores, que na sua passagem para o romance não tomaram o suf. *-aria*, e também os de alguns frutos, por terminarem em *-o*, passaram de femininos a masculinos; estão neste caso: *zimbro*, *freixo*, *teixo*, *figo*, *pinho*, etc. Aqueles, porém, que finalizavam noutra vogal ou em consoante, nem todos conservaram no romance o género que tinham em latim; alguns até houve, especialmente neutros, que numas línguas tomaram um género, noutras outro. Assim *côr*, *dor* (2), *flor*, *couve*, *ponte*, *árvore* (3),

---

(1) Note-se que *vaso* e *osso* vêm, não de *vas* e *os*, mas de * *vasum* e *ossum*, tirados regularmente dos plurais, que eram *vasa* e *ossa*.

(2) Embora raramente, ocorre também masculino: assim a pág. 381 do I vol. da *Crónica dos Frades Menores* e 292 da *Eufrosina*: cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil.*, pág. 136 (nota 2).

(3) Também masc. na antiga língua: *algum arbor* lê-se na *Montaria*, 99.

parede, etc., adoptaram em português o género feminino, ao contrário do latim; o inverso sucedeu a *paúl, pez, vale* (1), enquanto *leite* (2), *fel, mel, lume, vime* (3), etc., que eram neutros, passaram em português para o masculino, mas no espanhol seguiram o feminino.

Quando o mesmo nome tem mais de um género em latim clássico, como os correspondentes a *lebre, perdiz, fim, planeta, dia, margem, grei, serpente,* que eram ao mesmo tempo masculinos e femininos, o romance oscila na escolha, fazendo-os, umas línguas, masculinos, outras femininos.

Comuns de dois, sobrecomuns e epicenos. Como o latim, continua o português a empregar certos substantivos que têm a mesma forma para ambos os géneros, os quais ou tomam o da pessoa a que se aplicam, como *consorte, cônjuge, mártir,* etc., ou são sempre masculinos ou femininos, sem referência, ao sexo da pessoa ou animal, como *testemunha, diabo, ídolo, águia, abutre* (4) *rouxinol*, etc. Para distinguir os epicenos entre si costuma-se adicionar-se-lhes, como também já fazia o latim, as palavras *macho* ou *fêmea;* todavia, embora raramente, alguns têm às vezes forma especial para cada género, como são *mélroa* e *pardoca,* que alguns autores dão como femininos de *melro* e *pardal* (5).

10. *Alteração nos géneros.* — Mas ainda dentro da língua os nomes podem mudar de género, em virtude de analogia; estão neste caso, por exemplo, *fim, planeta* (6) *mar* (7) *aleijão, chorume, linha-*

---

(1) Na antiga língua conservava o género de origem, como se vê da frase *suas valles*, ocorrente nas *Inquirições* (ano 991) e do topónimo *Valboa;* cf. também *Claraval* e *Bonaval* (galego-cast.).

(2) Mas masculino no lat. arc.

(3) Ajunte-se também *grude*, que costuma ser masculino no povo, fem. na língua literária, o contrário *grama* (peso).

(4) O autor da *Eufrosina* dá a *diabo* e *ídolo* os femininos *diaboa* (do antigo masculino *diaboo)* e *ídola* e no *Onomástico* de Cortesão ocorre o topónimo *avuitor morta*.

(5) Ao povo tenho ouvido *pardala* (pelo menos no Algarve).

(6) *Planeta,* na língua literária, é hoje masculino, mas no povo ainda feminino.

(7) Em galego mantém ainda os dois géneros: cf. *Cantares* de Rosália de Castro, 106.

gem (1) e *ámedes*, os quais, tendo tido na língua arcaica o género feminino os cinco primeiros e o masculino os dois últimos, actualmente esse género acha-se invertido (2). É sabido que os nomes neutros tinham no singular o acusativo semelhante ao nominativo e que, fosse qual fosse a vogal ou consoante em que terminava o seu tema, no plural a desinência era para todos a mesma, *-a;* por esta razão, enquanto no singular tomaram no romance o género masculino aqueles cujo tema acabava em *-o*, variando os de vogal diferente ou consoante, no plural foram englobados, em vista da sua desinência, nos nomes em *-a*, e portanto feitos femininos, a noção, porém, da pluralidade não se perdeu, visto como, embora no singular, conservaram a ideia de *reünião*, *ajuntamento*, o que bem se nota em *lenha*, *braça*, *senha*, *fôlha*, *ova*, *fruta*, *boda*, *virilha*, etc. De facto, isto é, de ter o singular, quando terminava em *-o*, adoptado o género masculino e o plural o neutro, resultou a mesma palavra achar-se representada por duas formas, uma masculina, correspondente ao singular, outra feminina, representante do plural; tais são, *lenho*, *lenha*, *dom*, *doa* (arc.), *braço*, *braça*, *ôvo*, *ova*, *fruto*, *fruta*, etc. É certamente por analogia com este processo que muitas palavras, que originàriamente não estão neste caso, tomaram também duas formas, uma masculina, outra feminina, embora sem grande diferença de significação entre ambas; é o que se observa em *barco*, *-a*, *serro*, *-a*, *sapato*, *-a*, *poço*, *-a*, *rio*, *-a*, *ramo*, *-a*, *veio*, *-a*, *ourelo*, *-a*, *cabeço*, *-a*, *madeiro*, *-a*, *lombo*, *-a*, *saio*, *-a*, *bôlso*, *-a*, *caldeiro*, *-a*, *peneiro*, *-a*, etc.

Encontram-se, é facto, excepções à regra dada sobre o género masculino dos nomes em *-o* (ou *u*) e feminino em *-a*, tais são, por exemplo: *dia*, *chá*, *maná*, *tema*, *sintoma*, *sistema*, *planeta*, *cometa*,

---

(1) Na antiga língua, os nomes em *-agem*, de importação francesa, eram frequentemente masculinos, como ainda são em espanhol, no *C. A.*, *linhagem* tem os dois géneros.

(2) Em geral o povo regula o género dos nomes assexuados pela vogal final, fazendo femininos os acabados em *-a* e masculinos os em *-o;* assim *tema*, *cisma*, *clima*, *crisma*, *perneta*, *maná*, *tribo*, *filhó* na antiga língua, há todavia excepções, pois *foca* aparece masculino em Camões e outros.

vigaro, tribo, mão, grau, nau, pau, vau, etc., todavia a tendência da língua é considerar aqueles masculinos e estes femininos, como se vê ao povo, que deu ou ainda dá este sexo a *perneta, cometa, sistema, sintoma, abantesma* ou *fantasma, crisma, chusma, freima, postema, maná, cisma, clima*, etc. Quanto a *cura, guarda, corneta, trombeta, vigia*, etc., que, além do género em que são geralmente empregados, podem também usar-se no masculino, influiu nisso a ideia da pessoa a quem tais palavras são atribuídas (1).

b) Adjectivos. — Perdido o género neutro do substantivo, desapareceu também naturalmente o correspondente dos adjectivos e portanto aqueles cujo tema em latim acabava em *-a* ou *-o*, ou pertencentes à 1.ª classe, subsistem em português com duas formas, cada uma para seu género, e são chamados por isso *biformes*, ao passo que os que terminavam em consoante ou *-i*, ou da 2.ª classe, dos quais uma forma era aplicada ao género masculino e feminino e outra ao neutro, conservaram apenas aquela e tornaram-se por consequência *uniformes;* já dentro da língua alguns houve que, pertencendo à primeira classe, depois, por analogia com outros, terminados em *-e*, trocaram por esta desinência o antigo *-o*, tais são: *firme, contente*, de antes *fermo* e *contento*, em harmonia com os latinos correspondentes, firmu-, contentu- (2); o contrário sucedeu aos

---

(1) Note-se que o vocábulo *guia*, que hoje costuma fazer-se do género masculino, quando aplicado a pessoa deste sexo, era sempre feminino nos nossos clássicos, v. g. Camões.

(2) Continuam a ser ainda uniformes dos adjectivos em *-or* os seguintes: *bicolor, incolor, tricolor, multicor, inferior, anterior, posterior, exterior, interior, ulterior, maior, menor, melhor, pior, júnior* e *sénior;* dos em *-ês* note-se que *cortês* e *montês*, que hoje são invariáveis, como *tremês, pedrês, tamarês* (espécie de uva) e *terrantês*, na língua arcaica, contràriamente à regra, aparecem variáveis; dos adjectivos da 1.ª classe *só* e *parvo* (antes *soo* e *parvoo)* perderam os femininos *soa*, que ocorre no *C. V.* n.os 625 e 992 e nas *Cantigas de Santa Maria*, e vive ainda no actual galego, e *párvoa* (cf. *Eufrosina* 202, substituído por *parva; plebeu, europeu* e *ateu* inserem um *i* antes do *a* final, na língua hodierna, segundo a regra do *ê* tónico *(Fonética;* § 20,1, Obs. I); *sandia* e *judia*, fem. de *sandeu* e *judeu*, foram decerto tomados do espanhol; *fidalgo*, como era natural, foi dantes invariável, depois é que por analogia tomou uma forma para cada género; cf. na *Rev. Lus.*, XIII, 15, *molher fidalgo.*

terminados em *-dor, -tor* [1], *-or, -sor, -ol, -nte* e *-ês*, os quais, sendo antes invariáveis [2], como provenientes dos adjectivos da segunda classe, têm hoje, na sua maioria, uma forma para cada género [3]. A tendência que fez dar feminino a adjectivos e substantivos que de antes o não tinham deve ter sido motivada pela analogia, que aplicou aos nomes apontados a mesma regra que observava com outros, igualmente terminados em consoante, como eram os que acabavam em *-n*, consoante que, segundo vimos, pela adjunção do *-a* do feminino, se tornava medial, caso em que (§ 40, *F*, 2) principiou por se fazer ouvir, antes de degenerar em simples ressonância e cair por fim, fases estas que se acham representadas nas duas formas correspondentes aos nomes em *-ão*, provenientes de *on*, isto é, *-ona* [4] e *-oa*, tais são: *infanção, leão, abegão, varão, ladrão*, cujos femininos são *infançoa, leoá, abegoa, varoa, ladroa* [5], a par de *mocetão, chorão, comilão, brincalhão*, etc., em cujos femininos *mocetona, chorona, comilona, brincalhona*, etc., ainda persiste o *-n-*. Pela mesma tendência se explica que *parente* e *infante* sejam hoje empregados como biformes [6]; ao contrário *comum*, que antes, por analogia com os nomes terminados em *-um*, tomara no feminino, a terminação *-ũa* e *ua*, tornou-se hoje uniforme, como o fora primitivamente, em harmonia com a sua proveniência [7] passando a substantivo a forma *comua*. Os adjectivos *mau, belo, grande* e *santo*, quando empregados

---

(1) O fem. respectivo *-trice*, que ocorre sob a forma literária *-triz (actriz, imperatriz)*, etc., soava regularmente *-driz* na antiga língua; assim Afonso X nas suas *C. S. M.* usa *peccadriz, emperadriz*.

(2) Tal o adjectivo *espanhol* (por *espanhon*). André Falcão de Resende diz ainda *boa gente espanhol*.

(3) O contrário deu-se em *rude*, que dantes e creio que ainda no povo se dizia *rudo*.

(4) Poderá também explicar-se por influência castelhana a conservação do *n* em *ona*.

(5) Hoje a forma mais corrente é *ladra*, também por vezes se ouve ao povo *ladrona*.

(6) Na *Crónica Troiana* os dois e em *C. A.* o primeiro já assim aparecem.

(7) Está no mesmo caso *cabrum*, que supõe um pop. *caprunu- (por caprinu-) e provàvelmente também *ovelhum* e *vacum*; a sua uniformidade resultou decerto de se empregarem referidos exclusivamente a *gado*.

proclìticamente, reduzem-se a *mal*, *bel*, *gram* e *sam*; com excepção desta última forma, que se usa, sempre que o nome que se lhe segue começa por consoante ([1]), as restantes só aparecem em palavras estereotipadas, como *malgrado*, arc., *maltalan* e *malpecado* (a par de *mao-pecado*), *belprazer*, *gran capitão*, etc. ([2]). A tendência de que falei começa a manifestar-se ainda na língua arcaica ([3]), todavia é só a partir do século XVI, que ela se generaliza, o que não quer dizer que mesmo depois não ocorram por vezes, como invariáveis, as formas mencionadas, pois Cruz e Silva, já nos fins do século XVIII, diz: *a nossa português casta linguagem* (Hyssope, canto v, verso 134).

11. *Formação do plural.* — Provindo tanto os substantivos como os adjectivos do caso acusativo, continuam naturalmente uns e outros a adoptar, na formação do plural, as desinências em uso na língua latina, isto é, *-s* nos nomes de tema em vogal e *-es* naqueles cuja letra final é uma consoante, ex.: 1) *cobiça*, *cobiças*, *cobra*, *cobras*, *dona*, *donas*, *ledice*, *ledices*, *sogro*, *sogros*, *filho*, *filhos*, *formoso*, *formosos*, *lídimo*, *lídimos*, etc., 2) *mar*, *mares*, *mulher*, *mulheres*, *cruz*, *cruzes*, *luz*, *luzes*, *paúl*, *paúis*, etc.

OBSERVAÇÃO I. Na mesma regra entram os nomes que terminam em *-ão*, como *irmão*, *irmãos*, *são*, *sãos*, etc. Devemos, porém, notar que até o século XIV manteve-se entre as terminações *-ão*, *-ã*, *-õ* e *-õe* a diferença resultante das suas distintas proveniências, que foram respectivamente -anu-, -ana-, -one- e -ŭdine-, depois *-õe* perdeu o *-e*, como já em tempos pré-literários tinha sucedido a *-ã*, representante de -ane-, e a *-õ*, sem dúvida porque o seu plural era igual ao dos

---

([1]) Faz excepção *Santo Tirso* ou *Santo Tisso*, como diz o povo. Também tenho ouvido dizer *Santo Tomás*.

([2]) Acrescente-se: *malfeitor*, *maltempo*, *maldia*, *malmundo*, *malpreço*, *malsen* ou *mal seso*, etc., a par de *mao feitor* (em Sá de Miranda), *mao tempo*, etc., nos *Cancioneiros*. *Mal*, quando seguido de substantivo, é adjectivo, que o qualifica (cf. *malpreço*, *malpecado*, etc.), quando de palavra originária de verbo transitivo, deve ser advérbio ou talvez antes substantivo, como em *malfeitor*; o mesmo a respeito do seu antónimo *bem*.

([3]) O autor da *Virtuosa Benfeitoria* diz ainda a pág. 292 (edição da Câmara do Porto) *enveja comũu*, mas já nos Cancioneiros trovadorescos, embora raramente, ocorre *senhora*.

nomes da última terminação. Em seguida estas duas vogais nasais, a primeira talvez sob influência de *-ão*, tomaram um *-o* de encosto, resultando de aí os ditongos nasais *-ão* e *-õo* (na pronúncia *ãu* e *õu*). Este último, que ainda persiste nalgumas falas dialectais, ou por dissimilação ou por outra causa que se ignora, tornou-se depois em *-ão*, chegando assim a reduzir-se a uma única forma, *-ão* ou *-am* (como também se escrevia) as quatro antigas (1), mas continuando a observar-se no plural a diferença que existira no singular. Advirta-se, contudo, que esta transformação não se deu ao mesmo tempo e de repente; é mesmo de crer que ela se realizaria primeiro na fala do que na escrita, por quanto, em textos ainda do século XV, ocorrem simultâneamente formas em *-om* e *-õe*, não sendo raro encontrar-se a mesma palavra escrita sob os dois aspectos.

Note-se ainda que por vezes deu-se até confusão entre *-ão* e *-om*, resultando de aí que alguns dos nomes da primeira terminação faziam o seu plural, como se pertencessem à classe dos segundos e vice-versa; assim se devem explicar as formas *sões*, *dões* (2) e *carvõos*, que ocorrem ao lado das regulares *sons*, *dons* e *carvões*, confusão que ainda hoje persiste segundo mostram os plurais *aldeões*, *foliões*, *alões*, *anciões*, *gaviões*, *truões*, *peões*, *vilões*, *benções*, *anões*, a par de *aldeãos*, *foliães*, *alãos* e *alães*, *anciãos* e *anciães*, *gaviães* (arc.), *truães* (id.), *peães* (Morais), *vilãos*, *bênçãos*, *anãos*, etc. (3). Parece

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 143 (nota 6). Acerca de *-ães*, *-iães*, e *-iões* em nomes de origem germânica, vide *Fonética*, apêndice n.º 1. Foi em virtude desta redução que o arcaico *pom* de *alçapão* tomou a forma actual, continuando no entanto a fazer o plural regularmente.

(2) Ainda assim em Camões, por exemplo, no soneto 142, etc. Em *C. V.* n.º 965 lê-se *(bõos) sõos* na rubrica que precede a cantiga e nesta *sõos (melhores)*: cf. ainda n.º 1.007. Berceo usa também *sones* nos *Milagros*, 7, d.

(3) Nos documentos insertos no vol. XXI da *Rev. Lus.*, de 1282 a 1370, só uma vez, a pág. 268, ocorre *tabelliam*, mas sempre *tabelliom*, cujo plural é em geral *tabelliões*. Nas *Ord. de Afonso II* encontra-se *dayãaes*, como na *Rev. Lus.*, 269, *condiçães*. No *Livro dos Bens de D. João de Portel*, a pág. LXXIX lê-se *seelos verdadeyros*, *saães* (em vez de *sãos) e enteyros*. Foi em virtude da redução a *-ão* dos antigos *-am* e *-om* que, pela mesma confusão, o *vã* de *alinhavão* passou para *vão*, em vez de conservar o feminino pedido pelo substantivo *linha*, de que é um composto. Note-se, porém, que naqueles nomes em cujo singular as vogais *ã* ou *õ*

até que no povo encontrou mais simpatia a terminação *-ões*, pois para ele os nomes em *-ão* assim fazem geralmente o plural, e não só o povo, a língua culta também, quando quer formar derivados de nomes em *-ão*, procede como se todos estes terminassem realmente em *-om* (ex.: *pregoeiro* de *pregom*, *meloal* de *melom* (1), etc.); até a palavra *verão*, cujo plural devia ser *verãos*, encosta-se aos mesmos nomes em *-om*.

Observação II. A contracção que mais tarde se operou em vogais idênticas faz que à primeira vista o plural de certos nomes, tais como *sons*, *bens*, *uns*, *atuns*, etc., pareça afastar-se da regra geral da formação dos terminados em vogal, essa excepção, porém, é apenas aparente, pois que estes plurais estão por *sõos*, *bẽes*, *ũus*, *atũus*, etc. (2); ao contrário os nomes em *-im*, e portanto de tema em consoante, têm a aparência dos terminados em vogal, mas na realidade, o seu plural *-ins* ou *-ĩs* está por *-ĩes*, tendo o *-e* átono sido absorvido pelo *-i*, depois de assimilado a este (3).

Observação III. Aos nomes cujo tema em latim terminava em *-e* (ou da 5.ª declinação) e dos quais mui pequeno número passou para a língua portuguesa vieram juntar-se outros que, embora de tema em consoante, retiveram o *-e* que fazia parte da desinência do acusativo destes nomes: tais são: *pé*, *mercê*, *sé* (de antes *pee* (4), *mercee*, *see*), *padre*, *frade*, *trave*, *sebe*, *rede*, *lebre*, *abutre* (5), etc.

---

eram seguidas de outras idênticas, orais e finais, estas, que por esse tempo ainda não tinham sido absorvidas pelas tónicas e se faziam ouvir, impediram que neles se operassem as transformações referidas; eis porque se diz *lã*, *dom*, etc., e não *lão*, nem *dão*, como aconteceu com *cão* e *coração*, por exemplo.

(1) Ou antes *pregon*, *melon* e melhor ainda *pregõ*, *melõ*.

(2) O autor da *Virtuosa Benfeitoria*, a págs. 112, 121, usa *comunes*.

(3) A ressonância nasal, que no final dos nomes é de uso representar-se por *m*, quando a estes se adiciona o *-s* do plural, indica-se por *n* em virtude de assimilação incompleta.

(4) Em Sá de Miranda ocorre o pl. *peis*, que faz supor o sing. *pei* formas estas que ainda persistem no povo. Este diz também *arredois*, que supõe *arredol* por *arredor*, *reises* por *reis* (em *A Nosa Terra* de 1 de Janeiro de 1931, pág. 6).

(5) Nestes dois últimos nomes o *-e* final é talvez vogal de encosto, exigida pelo *r*, para formar grupo, em seguida à queda do *o* que o precedia; as formas antigas foram *lebor* (cf. *Laboreiro*) e *avuitor*.

OBSERVAÇÃO IV. Como é sabido, o plural em *-aes*, *-eis (=ees)*, *-is (=iis* ou *ies)*, *-oes* e *-ues* (1) dos nomes terminados em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, *-ul* é devido à queda do *l* intervocálico; a terminação *-iles* deu, quando tónica, *-ies* (2), que passou para *-iis* e depois se reduziu a *-is*, e, quando átona, *-ees*, que mais tarde, por dissimilação ou devido ao lugar ocupado pelo último *e*, se tornou em *-eis*, evolução que igualmente sofreu a tónica *-eles*; parece, também, que tempo houve na antiga língua em que tal distinção se não observava, fazendo da mesma maneira os nomes de final acentuado ou não o seu plural em *-is*, como *razoavis*, *movis*, *perduravis*, *semelhavis*, *stavis*, *convinhavis* ou *convenhavis* (3), etc., ex.: *mantees*, *herees* (pl. de *mantel*, *herel)*, *azemees*, *notavees*, *cruevees*, *estavees*, *cruees*, etc. (4). É escusado advertir que todos estes nomes conservaram primitivamente o *l* intervocálico, mas alguns há ainda que por excepção o mantêm, contra a regra geral, que é o seu desaparecimento, como vimos *(Fonética*, § 40, *E*, 2); estão neste caso *males* e *cônsules*, mas no primeiro o desejo de evitar a confusão, que naturalmente se daria com o advérbio *mais*, fez ressurgir o *-l-* que caíra, e o segundo pertence à língua culta, como da mesma devem fazer parte outros nomes que nos nossos clássicos se encontram mantendo o *l* intervocálico, se é que não foram tomados do espanhol, tais são: *anafiles*, *ediles*, *curules*, *hábiles*, *fáciles*, *dóciles*, *terríbiles*, *reales*, *pênsiles*, *estériles*, *fértiles*, *inúteis*, *estábiles*; o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira manda ainda conservar o *-l-* no plural de *sol* e *rol*, para evitar a confusão com as segundas pessoas do singular do indi-

---

(1) A ortografia actual, pelo seu espírito uniformista, adoptou representar sempre por *i* o *e* que, junto a *a*, *o* ou *u*, forma os ditongos orais.

(2) Num *Inventário do séc. XIV*, publicado por P. de Azevedo, ocorrem as grafias *ffuzies* e *fozies*.

(3) Mas antes: *perduraviis*, *impeciviis*, *estaviis*, *louvaviis*, *viis*, *alvaziis* ou *alvaziiz*, como se lê da *Regra de S. Bento* e outros textos.

(4) Na formação do plural dos nomes em *-il* devemos atender sempre à quantidade do *i* no latim, para, conforme for breve ou longo, o fazermos em *-eis* ou *-is*; por se não prestar atenção a isso é que se diz incorrectamente *textís*, *gracís*, *pensís*, em vez de *têxteis*, *gráceis*, *pênceis*. O mesmo se devia praticar com *reptil*, que Morais ainda manda acentuar na sílaba inicial ou como vocábulo grave.

cativo dos verbos *soer* e *roer* (1); nos clássicos encontram-se também as formas *meles, froles* (2) e *cales* (3), como plurais de *mel, frol* (ainda popular) e *cal* (4).

Observação V. Nomes há na língua actual que apresentam reduplicação do plural, tais são *eiroses, pioses, ichoses, rêses;* provém ela de falsa analogia com os plurais regulares *nozes, vozes,* etc., e de se considerar como fazendo parte do singular o *-z-* que entra nos diminutivos de tais nomes; por igual motivo o povo diz *moses, rinzes, avozes, poses, filhoses, ilhoses,* e até *peses, mãses* (5); daqueles plurais duplos tiraram-se os falsos singulares *eirós, piós.* É escusado lembrar que a antiga língua só conhecia o singular *eiró* ou *iró,* e *peió* ou *pió* ou, como então se escrevia, *eiroo* ou *iroo* e *peioo* ou *pioo.*

Observação VI. A língua moderna faz invariáveis certos nomes que no singular já têm *s* (que nalguns está por *-z),* tais como: *alferes, ourives, arrais, cais, pires, cós, simples, duples,* a arcaica, porém, submetia-os à regra geral, dizendo *alferezes, ourivezes, caezes, pirezes, simprezes* e *coses* (6). *Deus* ou *deos,* que não tem a aparência

---

(1) Cf. a sua *Gram. da linguagem Port.,* 2.ª edição, pág. 109.

(2) A par desta forma, que coexistiu, sem dúvida, com a regular *froes,* hoje usada apenas como apelido, vivia também a actual *flores,* igualmente adoptada como apelido, e desde tempo antigo, pois aparece já empregada pelo rei-trovador; no singular é que parece se preferia *frol* e também *fror* a *flor,* que veio, a suplantar, decerto introduzida na língua por influência erudita, a antiga *chor,* a representante genuìnamente popular, segundo vimos (*Fonética,* § 39, *a,* 2 Ob.) do latim f l o r e.

(3) Esta só quando se fala da *cal* de moinho, pois, tratando-se do óxido de cálcio, diz-se *cais;* cf. *Dic. de Morais,* pág. 18.

(4) Na linguagem popular observa-se por vezes a manutenção do *-l-* no plural (*soles, papeles, animales,* etc.) ou por analogia com os outros nomes terminados em consoante ou, como explica Leite de Vasconcelos, na sua *Dialectologie,* pág. 124, em virtude do *e* paragógico que nalguns lugares costuma adicionar-se ao singular.

(5) O escritor galego Murguia disse no n.º 179 de *A Nossa Terra,* falando da língua do país: *(idioma) en que cantaron reises e trovadores.*

(6) Camões emprega *alferezes,* e João de Barros usa *arraezes, caezes* e *ourivezes;* mas G. Frutuoso usa já *arraez* no plural e F. de Holanda *ourives* ao lado de *ourivezes,* G. Vicente (I, 177) emprega *feliz* por *felizes;* a forma *simpre-*

de palavra popular ou, se o é, sofreu influência eclesiástica, conserva a mesma forma no plural, a par de *deuses* (1), que é hoje a exclusivamente usada; igualmente o espanhol arcaico usava *dios* para ambos os números, criando só mais tarde o plural *dioses*.

Além da alteração da desinência do singular, o português actual (2) forma ainda o plural, modificando muitas vezes, a exemplo de outras línguas (cf. alemão: *mann*, pl. *männer, dorf, dörfer, land, länder;* inglês: *tooth*, pl. *teeth, foot, feet*, etc.), o som do *-o-* tónico, fazendo-o passar de fechado a aberto, quando é final ou está seguido de sílaba final, terminada em *o*, com excepção dos nomes em que entre aquelas duas vogais se não interpõe nenhuma consoante ou, interpondo-se, esta é nasal. Assim: *avô, avós, carôço, caróços, côrpo, córpos, ôvo, óvos, pôvo, póvos*, etc., mas *dôno, dônos, sôno, sônos, patrôno, patrônos, sônho, sônhos*, etc. Igual metafonia e com a excepção indicada opera-se no feminino dos adjectivos, cujo mas-

---

zes ocorre ainda no século XVIII, e o povo continua a dizer *coses*, mas aqui talvez por duplicação do plural; o dizer-se hoje *ourives, alferes, arrais*, etc., no plural explica-se pela absorção do *s* pelo *z*, depois da queda do *e* que fica entre estas consoantes, desde que na linguagem o *s* final tomou um som aproximado do *z*. Por igual motivo diz-se em linguagem descuidada *vez* por *vezes* em *duas... vez três*, por exemplo. Também se diz indiferentemente *cális* ou *cálices*, *duples* ou *dúplices*, mas na língua arcaica *cálezes* e *dôbrezes*, cujo singular era *dôbrez*, que o *Dicionário* de Morais (8.ª edição) cita, a par de *dobre*, porém com acentuação errada na sílaba final, decerto por confusão com o substantivo, derivado do mesmo tema, de forma idêntica. Para o povo o *-s* é característica do plural, de aí formar para *ourives* um singular *ourive*.

(1) Assim na *Crónica Troiana* lê-se a pág. 167: *Achiles contou aos gregos qual resposta achara ẽnos deus*, a pág. 291, *merçee que nos os deus fezeron*, e no *Flos. Sant. antigo*, 155: *assi eram tres deus*. Por se lhes afigurar esta forma um plural, alguns costumavam tirar-lhe o *s* final, assim Gil Vicente na *Farsa Inês Pereira* diz *deu;* Pidal, *Gram.*, § 75,3.

(2) Digo *actual*, porque até ao fim do século XVIII, como ainda em geral hoje se dá no povo, conservavam no plural o *o* fechado do singular, dizendo-se *pôços, ôssos, ôvos, côrpos, canhôtos, tôrtos*, etc. Ainda mantêm a antiga pronúncia, entre outros, os seguintes nomes: *abôrto, fôlho, gôsto, môlho, estôjo, fôlgo, jôrro, pescoço, arrôcho, xarroco* (ou *enxarroco*, peixe), *caboco, canhoto, cebolo, garôto*, etc., advirta-se, porém, que neste ponto encontram-se variedades, proferindo-se numas partes o *o* fechado, noutras aberto.

culino está em condições idênticas: *nôvo, nóva, grôsso, gróssa, bondôso, bondósa, môrto, mórta,* mas *risônho, risônha, tristônho, tristônha,* etc.

12. *Singularia et pluralia tantum.* — Como a língua latina, o português tem palavras a que em geral dá apenas o singular e outras que usa quase exclusivamente no plural; estão no primeiro caso os nomes de metais, qualidades, ventos; pertencem ao segundo os que indicam colecção ou reunião de objectos, que na maioria dos casos se consideram formando um todo inseparável, ex.: 1) *ouro, prata, cobre, avareza, nobreza, sul,* etc.; *actas, algemas, alvíssaras, andas, maleitas, calças, ceroulas, fezes, tesoiras* (no povo), *exéquias, anais, maiores* (= antepassados), *cãs* (1), *ameias, ambages, fastos, trevas, entranhas, esponsais, miolos* (= cérebro), as horas canónicas: *Matinas, Laudes, Vésperas, Completas,* etc. (2).

13. *Nomes compostos.* — A desinência do plural destes nomes pode afectar ou os dois elementos componentes, se ambos dela são susceptíveis, por pertencerem à classe do nome, ou um apenas, quando um deles é verbo ou palavra invariável; ex.: 1) *franco-atirador, sargento-mor, baixo-relevo, capitão-mor, gentil-homem, mestre-sala, rainha-cláudia* (espécie de ameixa), *obra-prima, madre-silva, martim-pescador, amor-perfeito, clara-bóia, água-ardente* (3), *couve-flor,* etc.; 2) *guarda-chuva, gira-sol, vice-almirante, passatempo,*

---

(1) Na antiga língua esta palavra figurava como adjectivo e neste sentido perdurou até tarde, pois ainda se encontra assim empregada em Bernardim Ribeiro; vide as suas *Obras,* pág. 353, da edição de 1852, onde por sinal imprimiram erradamente *cãa* em vez de *cam,* como exige a rima com *cham.* Mais tarde perdeu-se ou melhor deixou de usar-se o substantivo feminino do plural, a que andava junto, e neste número assumiu só o sentido daquele.

(2) Também *narizes* antes, hoje só o singular, diz-se porém *cobres, pratas,* por reunião de moedas destes metais, *caridades, injustiças,* etc., falando de actos resultantes daquelas qualidades, e *acta, algema, calça, ceroula,* etc., quando nos queremos referir apenas a parte do todo.

(3) Também escrito numa só palavra *clarabóia* e *aguardente,* neste caso formando o plural *clarabóias* (Morais) e *aguardentes;* esta última forma parece-me ser a mais usada, embora *águas-ardentes* também se leia nos cartazes e anúncios.

parabem, *valhacouto*, *saca-rôlhas*, *tapa-olhos*, *porta-bandeira*, *pára--quedas*, *quebra-cabeça*, *mira-ôlho*, *tirapé*, *viravolta*, etc. (1).

OBSERVAÇÃO I. Ainda quando os componentes pertencem à classe do nome, isto é, são um substantivo e outro adjectivo ou ainda ambos pronomes, dá-se por vezes só ao último o sinal de plural, por se ter perdido a noção da sua composição ou se considerarem como fazendo um todo único e simples; estão neste caso os seguintes: 1) *grão-duque*, *grã-cruz*, *aguardente*, *alinhavão*, *grão-mestre*, *padre--nosso*, *façalvo*, *salvo-conduto*, *retaguarda*, *vanglória*, etc.; 2) *cadaum*, *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro* (2). Pela mesma razão, isto é, por se ver neles uma palavra simples, só o último componente, embora verbo, toma o sinal do plural nestes substantivos: *malmequer*, *bem-me-quer*, *prolfaça*, *vaivém*, *alçapão*. É escusado advertir que, se os nomes que aparecem justapostos estão ligados pela preposição *de*, só o primeiro se pluraliza, como em: *ave-do-paraíso*, *cabo-de--esquadra*, *estrela-do-mar*, etc. A preposição pode até omitir-se, pois tanto se diz: *cobra-cascavel*, *cobra-coral*, como *cobra-de-cascavel*, *cobra-de-coral*; essa omissão deu-se igualmente em *varapau*, *pontapé*, *madre-pérola*, mas, por haver desaparecido a consciência da sua justaposição é que nestes três vocábulos só o último toma a desinência do plural.

OBSERVAÇÃO II. A palavra *guarda*, que se justapõe a vários nomes, é umas vezes substantivo, outras verbo, e como tal toma ou não o sinal de plural; pertence à primeira categoria, quando a palavra que se lhe segue é adjectivo, considera-se como fazendo parte da segunda, se precede um substantivo; estão no 1.º caso estes nomes: *guarda-nobre*, *guarda-real*, *guarda-municipal*, *guarda-*

---

(1) Acrescente-se *quaisquer*, cujo primeiro elemento é um pronome adjectivo.

(2) Sem dúvida por idêntico motivo Diogo de Couto e Vieira, segundo Morais (*Gram.* no seu *Dicionário*), disseram também *gentil-homens* e no *Canc. geral* aparece *veracruzes*. Afigura-se-me igualmente que ao substantivo composto *lugar-tenente* (que será melhor escrever como se fora simples), embora formado de um nome e um adjectivo (originàriamente particípio do presente), só ao último componente se deverá dar o sinal de plural; já não assim a *tenente-coronel*, que segue a regra geral.

-campestre, guarda-florestal, guarda-nacional, etc. (1); entram na 2.ª estoutros: *guarda-arnês, guarda-barreira, guarda-chuva, guarda--costas, guarda-fato, guarda-freio, guarda-jóias, guarda-lama, guarda-livros, guarda-louça, guarda-mato, guardanapo, guarda-pó, guarda-portão, guarda-prata, guarda-roupa, guarda-selos, guarda-sol, guarda-vento,* etc. Por esta razão deverá dizer-se não *guardas-marinhas,* como indicam o *Dicionário Contemporâneo* e o de Morais, decerto baseados no Decreto de 14 de Dezembro de 1782 (veja-se J. Silvestre Ribeiro, *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal,* tomo II, pág. 61), mas *guarda-marinhas* ou talvez antes *guardas-marinha,* pois no vocábulo actual caiu a preposição *de,* que de antes unia os dois componentes: cf. *Dic. língua francesa* de Littré e Darmesteter, s. v. *garde.*

14. *Gradação do adjectivo.* — Para exprimir a gradação do adjectivo, servia-se a língua latina, como é sabido, de uma expressão, ora simples, também chamada orgânica, formada pela adjunção ao positivo, depois de privado das desinências casuais, dos sufixos -ior ou -ius para o comparativo de superioridade, e -issimus ou -imus para o superlativo, o que era o caso mais frequente, ora perifrástica, que consistia em antepor ao mesmo positivo os advérbios magis ou plus, este usado de preferência pela língua arcaica e decadente, para o mesmo comparativo, minus e tam para os de inferioridade e igualdade, e maxime, bene, male, multum e valde para o superlativo absoluto; o relativo representava-se do mesmo modo, e às vezes também pelo comparativo (2). A língua vulgar pôs de parte

---

(1) Deve exceptuar-se pela mesma razão *guarda-mor* ou *guardamor* cujo plural *guarda-mores* ou *guardamores* é geralmente admitido, embora o *Dic. Contemporâneo* pluralize os dois nomes, como faz também, a meu ver, menos justificadamente, a *guarda-barreira.* Com efeito Darmesteter, na sua *Gram. historique de la langue française,* vol. IV, pág. 6, nota, classifica de extravagante a excepção *gardes-chasse, gardes-malades,* em que o verbo foi transformado em substantivo.

(2) A língua clássica seguia de preferência o processo de formação sintética ou orgânica, recorrendo à analítica ou perifrástica só, quando o uso negava a certos adjectivos as formas da primeira espécie, a popular, porém, dava preferência ao segundo processo, como se vê de sua difusão no romance.

quase por completo o primeiro de aqueles processos de formação, optando pelo segundo, como passamos a ver. *a) Comparativo*. Com excepção de um pequeno número de adjectivos, que conservavam a formação orgânica, como *melhor*, *pior*, *maior*, *menor* [1], *menos* (antes *meor*, *meos*) e *senhor*, que passou à classe dos substantivos, formou a nossa língua o comparativo, antepondo ao positivo os advérbios *mais* (também *chus*, mas só na língua arcaica), *menos* e *tão* para as suas três relações; por vezes, para fazer sobressair mais a superioridade ou inferioridade, usa-se antepor ao adjectivo nesse grau também os advérbios *muito* e *bem*. *b) Superlativo*. Da forma orgânica, com a excepção única de *mesmo*, de que nos ocuparemos ao tratar dos pronomes, nenhum vestígio apresenta o português popular, pois os adjectivos que neste grau têm a desinência *-íssimo* pertencem ao literário; a exemplo das outras línguas irmãs, substituiu este sufixo pelos advérbios *muito* ou *mui* e, embora menos frequentemente, *bem* e *mal* [2]; mesmo o primeiro destes advérbios, quando nesse grau, sobretudo no português medieval, aparece, repetido, tomando, porém, o que vem em primeiro lugar a forma proclítica,

---

(1) Mesmo estes comparativos orgânicos chegaram a perder para o povo a sua primitiva significação, passando a ser tomados por simples positivos e ajuntando-se-lhes o advérbio *mais*, quando se queria exprimir a comparação; assim ainda se ouvem e encontram-se até em textos antigos expressões como *mais peor*, *mais melhor*, *chus* ou *mais pouco*, *mais maior*. Pela tendência que a gente inculta tem para preferir os comparativos e superlativos perifrásticos, os orgânicos *maior* e *menor* são frequentemente substituídos por *mais grande* e *mais pequeno*. Esta tendência parece já bastante antiga, pois em Plauto (*Captivi*, 644), ocorre a expressão magis certius, Vitrúvio usa: magis melior e em Comodiano lê-se igualmente plus levior: cf. Grandgent, *Latin Vulgar*, pág. 45.

(2) A formação do superlativo com o advérbio *bem* é muito do gosto da língua popular; exemplo da formação com *mal* é, entre outros, este: *mal ferido*. Encontra-se também o positivo com o prefixo *re-*, valendo por superlativo, como em *relho* ou *revelho*, *remelhor*, etc., sem falar das formas *per-durável*, *pre-claro* e *super-abundante*, que fazem parte da língua literária. Parece ter também sentido aumentativo, no adjectivo popular *desinfeliz*, a partícula *des-*, que nele entra, contra o seu sentido mais geral, que é designar o contrário da palavra a que se junta. Sobre algumas expressões que se empregam com o valor de superlativos, cf. J. Moreira, *Estudos da língua portuguesa*, II, 3.

ou seja, *mui muito,* em vez de *muitíssimo* [1] isto pelo que respeita ao superlativo absoluto; para o relativo serviu-se do comparativo na sua formação perifrástica, mas fazendo-o preceder de artigo.

Quanto ao segundo termo de comparação, é sabido também que este, no latim, podia ser representado por quam ou pelo respectivo substantivo em ablativo. Ambos estes processos seguiu a nossa língua, já recorrendo no seu período arcaico à mesma partícula sob a forma *ca,* ainda em uso no povo, e também a *que,* que veio depois a predominar com exclusão daquela, já fazendo preceder o substantivo da preposição *de* com ou sem artigo; na expressão *do que,* de uso muito frequente, acham-se até reunidos os dois processos.

CAPÍTULO II

Pronomes

15. *Sua aproximação do tipo original maior que nos nomes.* — Se compararmos a flexão dos nomes com a dos pronomes, notaremos que a destes se mantém no romance mais fiel ao tipo latino do que a daqueles, pois, enquanto os nomes conservam apenas o caso acusativo, os pronomes apresentam vestígios não só deste senão também dos demais; além disto, o neutro que, como vimos, desapareceu no adjectivo, continuou a subsistir nalguns pronomes. Contribuiu certamente para isso o haver maior distinção entre os casos nos pronomes do que nos nomes e o desejo de dar à expressão toda a clareza, especialmente desde que algumas das pessoas dos verbos, pela perda de desinências, vieram a confundir-se.

16. *Pronomes pessoais.* — Nestes pronomes temos a distinguir formas tónicas e átonas: são tónicas: *eu, mim, tu, ti, nós, vós;*

---

[1] Persiste ainda em galego esta formação: cf. *Tecedeira de Bonaval*, de A. López Ferreiro, 17.

átonas: *me*, *te*, *nos* e *vos*. O pronome *eu* provém de *eo, redução que no latim popular sofreu o clássico ego; corresponde-lhe no plural *nós*. Para a segunda pessoa servem os mesmos pronomes que no latim desempenhavam iguais funções, a saber: *tu*, no singular, *vós*, no plural. Neste número, a antiga língua (1) e ainda hoje por vezes a popular, como a castelhana, usa acompanhar enfàticamente os pronomes sujeitos da primeira e segunda pessoa do demonstrativo *outros*. Para a terceira pessoa não possuía o latim nenhum pronome especial, recorria por isso a alguns dos demonstrativos, hic, iste, ipse, is, idem ou ille, o latim vulgar empregou de preferência no masculino ille, que se acha representado em português por *ele* e *el*, que divergem entre si apenas em o primeiro conservar o *e* final, que no segundo, ainda em uso no povo, que lhe dá para plural *eis*, caiu, devido à próclise, embora depois se usasse mesmo em pausa, e no feminino a forma que lhe correspondia no mesmo género, isto é, illa, donde *ela*, pronomes estes que a nossa língua pluralizou, consoante a regra dos vocábulos terminados em vogal ou seja com a adição de um *-s*, abandonando o respectivo plural latino (2). Correspondem estes pronomes: *eu*, *nós*, *tu*, *vós*, *ele*, *eles*, aos respectivos nominativos

---

(1) Ainda em escritores do século XVI, em que a língua perdera quase completamente as principais características da sua fase arcaica, se observa a prática mencionada, verdade seja que alguns desses, como Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos, visavam a representar a linguagem popular, todavia, em Sá de Miranda ocorre também tal modo de dizer.

(2) É possível que assim como *elas* pode representar o plural latino illas, existisse também, no antigo português-galiciano, um *elos*, proveniente do respectivo plural masculino illos. Ora nas cantigas n.os 291 e 756 do *C. V.*, a par de *eles*, na primeira aparece efectivamente *elos*, forma esta que também ocorre em documentos notariais galegos do séc. XIV. Afigura-se-me portanto que primeiro se disse *elos* e depois passou a usar-se *eles*, formado sobre o singular *ele* ou *el*, porventura para evitar confusão com palavra de igual forma (substantivo elo?), relegando-se em seguida o primeiro *elos* à classe dos arcaísmos, parecendo no entanto que ele persistiu mais tempo em galego do que em português, pois, com exclusão dos passos citados, não conheço nenhuns outros onde apareça aquela antiga forma. A classificação de castelhanismo que dou a *elos* (cf. *Cantigas de Amigos*, III, pág. 613) não pode ser verdadeira, pois, se o fosse, a sua forma teria sido *elhos* (cf. *castelhano, cavalheiro*).

latinos e continuam todos a desempenhar as funções de sujeito, atribuídas a este caso, e também as de complemento, quando acompanhados de preposição, os da terceira pessoa, quer no singular, quer no plural, e o da segunda deste último número (1).

Representam o papel de *complementos directos* os pronomes *me, nos, te, vós;* são os próprios acusativos latinos; na terceira é o mesmo pronome que serve de sujeito, mas igualmente no caso acusativo; dele nos ocuparemos ao tratar dos artigos. Exercem as funções de *complementos indirectos* e correspondem portanto aos dativos latinos mī e tī, resultantes das contracções sofridas pelos clássicos mĭhi, tĭbi (2), e illi os pronomes *mi, ti* e *lhe,* porém o primeiro, pela tendência já notada (*Fonética,* § 49,1), que as nasais possuem, de nasalarem as vogais com que estão em contacto, converteu-se, ainda na língua arcaica, em *mim,* forma esta que, na moderna, suplantou a mais antiga, que a pouco e pouco se foi tornando de emprego cada vez mais raro, até desaparecer quase por completo (3). Quanto ao pronome *lhe,* que no português arcaico também se escrevia e decerto soava *lhi,* a sua forma mais antiga, depois da redução a simples do *l* dobrado e queda, por próclise, do ĭ inicial, foi *li,* que ainda hoje

(1) Na literatura antiga encontra-se por vezes o pronome *el* ou *ele* empregado também como acusativo ou complemento directo, assim no *Livro de Esopo* (edição de Leite de Vasconcelos) lê-se a pág. 33 *que emforcariam ell.* Veja-se exemplo idêntico em documento do século XIII, publicado por P. de Azevedo na *Rev. Lus.*, VIII, pág. 39. Igual prática subsiste no português do Brasil, segundo informa Leite de Vasconcelos no seu livro: *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, pág. 160. Também as formas tónicas *mi, ti* e *vós* aparecem, nos trovadores galego-portugueses e outros escritores antigos, ao lado das átonas *me, te* e *vos,* como se vê destes exemplos: Min *pres forçadament' Amor* (*Canc. da Ajuda*, v, 7.117); *possa bem viver* ty *servyndo e outrem non; ouve, Christo, mym braadando* (*Leal Conselheiro:* edição de Paris de 1842, cap. XCVIII); *e sabem quantos sabem* vós e mi *que nunca cousa como vós amei* (*Canc. de D. Dinis*, edição de Lang, versos 821 e 822); *nom temo* ty *por elle amar ty* (*O livro de Esopo*, págs. 24 e 56); *queredes vós* mim *por entendedor? C. V.*, n.º 689.

(2) Advirta-se que a contracção principiou por mī, que em vez de mĭhi ocorre principalmente nos poetas, depois naturalmente por analogia essa contracção estendeu-se também às formas tibi e sibi.

(3) Digo *quase por completo,* porque vive ainda no povo.

subsiste no povo, mas com troca do *i* em *e* (1); nela o *-l-*, quando seguido de *a* ou *o*, foi tratado como nos vocábulos em circunstâncias idênticas (*Fonética*, § 40, *E*, 2), isto é, molhou-se, depois o que era forma isolada passou a geral; o seu plural foi também formado consoante a regra dos nomes acabados em vogal, isto é, *lis* ou *lhis*, note-se, todavia, que mesmo nos escritores do período moderno da língua não é raro encontrar-se o singular, em vez do plural, embora referido a mais de uma pessoa, e esse uso ainda persiste, quando o pronome está seguido de *os* ou *as*, dizendo-se *lhos* e *lhas* em vez de *lhes os*, *lhes as*; também a linguagem popular hodierna conhece e emprega apenas o singular, quer referindo-se a um, quer a muitos indivíduos; atribui-se o facto a analogia com o reflexo, que também não conhece plural, como já não o possuía no latim clássico. Sofreu também influência da vogal seguinte o pronome *ti*, que se palatizou, quando seguido de *a* ou *o*, em *cha* ou *cho*, donde se tirou depois *che* (2), forma que, no período arcaico, ocorre como equivalente ao dativo chamado ético (3), mas que mais tarde foi abandonado pela língua literária, conservando-se apenas em certas expressões estereotipadas, tais como: *dou-che lo vivo; mais vale um avache* (4) *que dous te darey*, nalgumas falas dialectais, vizinhas do galego e nesta língua (5), que também emprega *te*. Além de complementos indirectos,

---

(1) Cf. Salazar, *Doc. Gal.*, a pág. 26, *devemos le a dar*; no *Livro de D. João de Portel*, a pág. LXXXIV, encontra-se *lle (ẽtregedes)*, que tanto pode representar a antiga forma como a moderna.

(2) Assim explica Mussafia, seguido por Leite de Vasconcelos (cf. *Rev. Lus.*, IX, 184 a 186), ou seja pela palatização do *t* em contacto com a semivogal em que se tornara o *e* de *te*, quando seguido de *a* ou *o* (*dou-te-o* = *dou-ti-o*), a transformação do *te* em *che*, isto é, de *tj*, viria *tch* (assimilação imperfeita de *j*, sonora, a *ch*, surda, como o *t*), que era como dantes soava e nalgumas partes ainda soa o *ch*, que geralmente se pronuncia como *x*.

(3) Chama-se assim ao dativo que não é pedido pela natureza do verbo e indica apenas admiração, censura e um tal ou qual interesse da parte de quem fala, como por exemplo nesta frase: *Quid mihi Celsus agit?* e nesta portuguesa: *não me saia de aqui*.

(4) Como já vira Morais (s. v.), nesta expressão *ava* está por *ave*, imperativo de *haver*, no que errou foi na interpretação de *che*. Ao lado da forma mencionada há também *ávacha*. Vide *Rev. Lus.*, lugar citado.

(5) Cf. eu non *che* minto em *A Nosa Terra*, de 25-7-924, pág. 9.

podem ainda exprimir outras relações as formas tónica *mim* e *ti*, quando acompanhadas de preposição que não seja *com*, facto que se observa desde os mais antigos monumentos escritos, e até mesmo representar de sujeitos, mas este último emprego parece quase exclusivo da língua popular, a ajuizar da sua ocorrência em Gil Vicente em expressões como estas: *mas casemo-nos eu e ti*, vol. I, pág. 33: *ora vamos eu e ti*, id. pág. 56, e no povo, que ainda diz, por exemplo, *eu sou mais velho ca ti; tu és mais novo ca mim* (1).

São ainda casos da primeira e segunda pessoa as formas *migo* e *tigo*, usadas na antiga língua, a par de *mego* e *tego*, para o singular, e *nosco* e *vosco* para o plural, as quais são outras tantas evoluções das latinas mīcum e tīcum, que se encontram em documentos do latim vulgar, devidas decerto a influência de mi e ti e coexistiam com as clássicas *mecum* e *tecum*, *noscum* e *voscum*, que foram as transformações sofridas na boca do povo pelas literárias nobiscum e vobiscum (2). Nestas formas entra, como se sabe, a preposição cum posposta ao pronome, no caso ablativo, em harmonia com o seu regime, e a antiga língua, parece, tinha consciência da sua existência nelas, porquanto também as empregava sós (3), mais tarde, porém,

(1) O trovador D. João de Guilhade *(C. V.*, 358), diz: *os grandes nossos amores que mi e vós sempr' ouuemos.* No mesmo *C. V.*, 1035 ocorre esta frase *di-me ti.* Nas *C. S. M.* de Afonso X lê-se: *tal come ti se acharam?* (pág. 604 da edição da Academia Espanhola) e no galego actual a mesma forma *ti* pode valer de sujeito, como se vê desta frase: *E ti conoces ao rapaz?* que vem a pág. 21 do romance *A tecedeira do Bonaval* de António Lopez Ferreiro, embora na boca de um personagem, que o autor coloca no século XVI. Restos do antigo uso vejo eu na actual expressão *se eu fosse a ti*, na qual, por se não empregar sem preposição este caso oblíquo, se lhe ajuntou *a*, e por analogia o mesmo se praticou com *ele (se eu fosse a ele)*, o que se não faz, quando outro, que não o pronome pessoal, entra na frase, dizendo-se então *(se eu, tu, ele) fosse* (ou *fosse) outro.* Em qualquer publicação escrita nessa língua, ela ocorre a cada passo; assim por exemplo, em *A Nosa Terra,* de 25 de Julho de 1924, pág. 7: *Entroques repara ti,* pág. 9. *Ti abondas pra bendecila.*

(2) Da existência da forma noscum, em vez de nobiscum, na linguagem popular do seu tempo dá-nos testemunho o gramático Probo nos seus Ap. 220.

(3) No *Livro dos bens de D. Joan de Portel,* por exemplo, lê-se a pág. XL: *escanbho que vosco fiz.*

essa consciência perdeu-se, resultando de aí as expressões pleonásticas *comigo* [1], *contigo*, *connosco*, *convosco* [2].

Pronomes reflexos. — Tinha este pronome na língua latina duas formas idênticas, se, para o acusativo e ablativo, sui para o genitivo e sibi para o dativo. Como o ablativo e genitivo foram substituídos pelo acusativo, precedido de preposição, aquelas três formas reduziram-se à átona se e à tónica si, que foi tratada semelhantemente a tibi; a tónica geralmente usou-se e continua a usar-se acompanhada de preposição [3] que não seja *com*, caso em que foi substituída pelo secum latino que, decerto por analogia com micum e ticum de que falamos, se converteu também em sicum, resultando de aí as formas duplas *sego* e *sigo*, que ocorrem na antiga língua e viveram muito tempo ao lado uma da outra, desacompanhadas por vezes, como aquelas, da preposição pleonástica *com*, de que hoje vêm sempre precedidas. Além da forma actual, outra se encontra nos escritores e persiste ainda no povo, é *sim* [4], que provêm da analogia

---

(1) Note-se, porém, que já na antiga língua ocorre *comego*. Nesta forma a nasal da preposição *com* foi absorvida pelo *m* seguinte, o que não é sem exemplo, como se vê em Camões, *Lusiadas*, III, 67 *no'mais* (Cf. edição de Epifânio Dias e nota ao texto), todavia algumas falas populares dizem *commigo* por analogia a *contigo*, etc. Em Gil Vicente e Chiado aparece já a preposição junto às formas *mego*, *tego* e *sego*, isto é, *comego*, *contego*, *consego*. Note-se que o povo, em sentido idêntico a *comigo*, usa também de *mais* ou *a mais eu* (*Quere comer, vir*, etc., *mais eu? queres tu ir a mais eu?*).

(2) No *C. A.*, a par de *vosco* e *vusco*, há *con vosco* e *convusco*, como *vos*, quando sujeito, e *vus*, se complemento. Em vez de *connosco*, também o povo diz *com nós*, expressão que se usa igualmente em galego, como se pode ver no citado romance de Lopez Ferreiro, pág. 9 (nota). É escusado advertir que a língua literária emprega do mesmo modo *com nós* e não *com nosco*, quando o pronome *nós* (e *vós*) está seguido ou precedido de outra palavra, dizendo *com nós todos* (*com vós que*), *com ambos nós*, etc.

(3) Digo *geralmente*, porque na língua arcaica não é raro também o emprego da forma tónica *si*, como complemento directo ou acusativo; sirva de exemplo entre outros, o seguinte: *sabe reger* si *e os outros* (*Leal Conselheiro*, pág. 286). É escusado advertir que a língua literária de hoje ainda usa os pronomes *mim*, *ti*, *ele* e *si* com valor de acusativos, mas neste caso fá-los preceder da preposição *a*.

(4) Entre outros escritores, usa-a com frequência Damião de Góis, na sua *Crónica do Príncipe dom Joham* (vide edição de 1905), como mostram os seguin-

com *mim;* assim se explica igualmente *tim*, por *ti*, que ocorre também na linguagem popular (1). Na língua antiga existia, afora as formas mencionadas, outra, *xi* ou *xe*, que vive ainda no galego; este pronome, como o *che*, tinha quase sempre valor expletivo ou ético, o que se vê nestes exemplos: *nom xe vos obride*, *C. V.* n.º 97; *se xi nom for mui minguado de sen;* id. n.º 174, *assi xe mo faço eu*, Gil Vicente, II, 251 (2).

17. *Pronomes possessivos.* — Nestes pronomes, ao contrário do que vimos ter sucedido com os pessoais, o único caso que resistiu foi o acusativo, donde todos procedem. Na língua arcaica também eles possuíram formas diferentes, conforme eram tónicos ou absolutos, ou atónos ou conjuntos, essa diferença, porém, que se limitava apenas às três pessoas do feminino, cedo desapareceu da língua culta, mantendo-se apenas na popular, mas só no masculino das mesmas pessoas, como veremos. Além disto o artigo, que hoje quase sempre os acompanha, quando antecedem o substantivo ou em posição átona, no português arcaico era frequentemente omitido. Os pronomes possessivos são, para um só possuidor: *meu, teu*, com os femininos respectivos, *minha, tua;* para mais de um possuidor: *nosso, nossa, vosso, vossa;* para um ou mais possuidores *seu, sua.* O pronome masculino *meu* assenta sobre igual forma latina, mas para as segunda e terceira pessoas, além das formas regulares tŭu- e sŭu-, admitiu o latim vulgar e bastante cedo, como se vê das inscrições, outras, influenciadas por aquela, que foram teu- e seu-, resultando de aí, segundo as leis fonéticas, *tou* e *sou*, que ocorrem no antigo português (3), e *teu* e

---

tes exemplos: *diferem entre sim*, pág. 5, *contem em sim*, 15, *hos quaes per sim*, 18, etc.

(1) Encontra-se, por exemplo, numa cantiga popular citada por Leite de Vasconcelos nas suas *Liç. Fil.*, 54.

(2) Sá de Miranda, nas suas *Eglogas*, usa ainda o composto *quexiquer.*

(3) Embora no *Cancioneiro da Ajuda* apareça *sou* (cf. a edição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, verso 7.128), como a linguagem nele usada seja a que então se falava principalmente no território hoje correspondente à nossa província do Minho e Galiza, inclino-me a crer que ela era mais da predilecção da língua galega onde persistiu mais tempo, ao lado de *seu*, pois na *Crónica Troiana*, que pertence à última metade do século XIV, ocorrem ambas as formas; o mesmo

seu; em breve, porém, as últimas suplantaram as primeiras, que todavia não desapareceram por completo, pois delas restam ainda vestígios na língua popular, como veremos um pouco mais adiante. Em textos antigos aparecem os pronomes *meu, teu* e *seu* escritos também *meo, teo* e *seo,* mas que este *-eo* tinha o valor de ditongo e eram portanto monossilábicos estes pronomes prova-nos a pronúncia actual, pois do contrário o *e* estaria hoje representado por *ei,* como em *seo, veo,* que na língua hodierna se escrevem e pronunciam *seio, veio (Fonética,* § 20, 1, Obs.). Viterbo também cita *meheu,* que se deve ter como forma dialectal, talvez leonesa ocidental, pois neste dialecto espanhol soa assim, isto é, *mieo* (1). Se não é falsa representação de *sou* ou *seu,* deve ter-se igualmente por estranha à língua, talvez o galego arcaico *suu,* a forma *sun* que se encontra numa inscrição de Trás-os-Montes, suposta do século XIII (2). No feminino continuaram a persistir na nossa língua as formas correspondentes latinas, com excepção de m e a, cujo *e* já no latim vulgar aparece transformado em *i,* provàvelmente por dissimilação, em consequência de se achar diante de *a* (hiato); este pronome *mia,* que se escrevia assim ou também *mha* e soava com ditongo ascendente, isto é, *miá,* depois, em virtude da já falada propriedade, que têm as nasais, de nasalar a vogal com que estão em contacto, converteu-se em *mĩa,* de onde *minha* (cf. *vinho, ninho,* de *vĩo, nĩo),* que aparece já no primeiro período da língua. Estas três formas *mia, tua, sua,* quando seguidas de outra palavra, converteram-se, já no latim vulgar, em virtude de próclise, em *ma, ta, sa,* sendo aquelas empregadas, quando tónicas, e, estas, quando átonas; note-se porém, que esta distinção entre formas tónicas e átonas não era rigorosamente observada na

---

com respeito a *teu,* note-se todavia que na obra acabada de citar não aparece *tou,* o que talvez signifique que por esse tempo já tinha caído em completo desuso. Nos documentos publicados por Salazar e outros, aparecem as antigas formas. Da existência, no latim vulgar, da forma s e u s dá-nos testemunho uma inscrição em que se lê c u m m a r i t o s e o. Das transformações sofridas, na boca do povo, pelos pronomes possessivos informa-nos um gramático gaulês, Virgílio, que deve ter vivido no sexto ou sétimo século da nossa era.

(1) No antigo provençal também *mieu.*

(2) Cf. *Arqueólogo,* XIV, 50.

antiga língua, que por vezes empregava as primeiras em casos em que se deveriam esperar as segundas, ou seja, quando antepostas a um substantivo (1). O emprego das formas átonas durava ainda no século XV, como se vê de documentos da época. A antiga distinção entre as duas espécies de formas continua a manter-se em certos casos na linguagem do povo, que diz *mê, mou, tê, tou, sê, sou* (2) e no feminino *inha* ou *nha*, forma esta que no dizer de F. J. Freire *(Reflexões da língua portuguesa III)*, «se acha frequentemente em escrituras desde o princípio do reino até o tempo de el-rei D. Dinis» e ocorre representada por *enha* ou *inha* (3) servindo o *e-* ou *i-*, que decerto então como hoje quase se não fazia ouvir na pronúncia, como de espécie de apoio à palatal; resultou ela, na opinião de Leite de Vasconcelos, da assimilação do *m* a *nha*, depois da queda do *i* no pronome *minha*, que, por ser de uso muito frequente, se converteu em *m'nha*, na frase a *minha mãe* «por estas três palavras se pronunciarem quase como uma só».

Os pronomes correspondentes às primeira e segunda pessoas do plural provêm dos clássicos nostru(m) e vostru(m), o segundo

---

(1) Eis alguns exemplos, colhidos na *Rev. Lus.*: *sa alma*, V, 133, *ma mão*, id., *ma madre*, XXI, 253, *ma avoo*, id., *ma pessõa*, id., *sa avoo*, 254, *sa linhagem*, id., *sa molher*, 268, etc., a par de *mha madre*, 257-8, *mha mão*, 268, *mha molheer*, 276, *mhas justiças*, 277, *mha mão propria*, 259, *mha criada*, 267, *mha manda*, id., *sua avoo*, 255, etc. Na *Eufrosina*, pág. 192, lê-se ainda *Señora mia*.

(2) Porque as formas *mou, tou, sou* vivem especialmente na região norte do país (cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 131), inclino-me a crer que perpetuam as antigas e não que se desenvolveram das actuais *meu, teu, seu*.

(3) Em Gil Vicente lê-se sempre *enha* (veja-se a edição das suas obras de Mendes dos Remédios, *Glossário*, s. v.) e em Viterbo encontra-se *inha*, mas que a pronúncia já nesse tempo era pouco mais ou menos a de hoje vê-se deste verso do dramaturgo

E d'enha mãe eu herdarei,

em que a expressão *d'enha* se deve contar por uma sílaba, isto é, *d'nha*; cf. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, V, 258. A forma *nha* existe também em galego, em situação proclítica, como na frase *nha nai*, igual à do nosso povo, *nha mãe*, e outras idênticas; cf. G. Diego, *Gram.*, pág. 102 e a poetisa Rosália de Castro nas *Folhas Novas*, pág. 113, etc.

dos quais, pertencente à língua arcaica, continuou a ser usado pelo povo, que pôs de parte o clássico vestru(m), decerto levado pela analogia que aquele tinha com nostru(m), mas, antes das actuais formas, que ascendem já aos primeiros monumentos escritos e não são exclusivas da nossa língua, porque, além do galego, também possuiu idênticas, a par de *nueso* e *vueso*, o antigo castelhano, devem ter existido outras mais próximas da sua origem, isto é, **nostro* e **vostro*, prova-o a locução *nostro senhor*, quando referida à divindade (1), muito frequente no antigo português, na qual a primeira parece ter-se como fossilificado, provàvelmente sob influência eclesiástica. Também na forma feminina do pronome *vosso* influiu a próclise de tal maneira que fez que ela perdesse a sílaba final na expressão *você*, que ocorre a par de *vossemecê*, e está, como é sabido, por *vossa mercê*; contribuiu decerto para tamanha redução no pronome e no substantivo o seu uso constante no tratamento: cf. também o espanhol *usted*, que corresponde à fórmula portuguesa, e o galego *misia* que está por *mia senhoria*. Todos estes pronomes fazem o seu plural como já o faziam em latim, consoante a regra dos nomes acabados em vogal.

18. *Pronomes demonstrativos.* — Nestes pronomes, como nos passados, manteve-se a língua mais fiel ao tipo latino, porquanto, além das formas provenientes do acusativo, outras reteve ela que têm a sua origem no nominativo, e, mais ainda, conservou até os três géneros — masculino, feminino e neutro — não guardou, porém, na indicação das pessoas a mesma ordem da língua clássica, substituindo umas por outras, para o que decerto contribuiu a preferência que a língua vulgar deu a umas formas com detrimento de outras, que assim vieram a desaparecer; é o que passamos a ver. Como era

(1) Digo *referida à divindade*, porque se se tratava da pessoa do rei, já se não usava *nostro*, mas dizia-se *nosso senhor el-rey*, como se vê nos documentos da mesma época. Num documento, proveniente do cartório de Ferreira de Aves, publicado por Pedro de Azevedo na *Rev. Lus.*, vol. VII, pág. 65, figura a abreviatura *ura*, que o mesmo interpreta por *vostra*, a linguagem, porém, do respectivo documento afigura-se-me antes castelhana ou acastelhanada do que genuìnamente portuguesa. Sobre as evoluções sofridas por estes dois pronomes, veja-se Leite de Vasconcelos, na mencionada *Revista*, IV, 275-276.

de esperar, não admitem plural os representantes do neutro latino, que ficarem fazendo as vezes de verdadeiros substantivos, o que já não acontece com os outros, que se devem considerar puros adjectivos e assim seguiram em tal número a regra dos nomes terminados em vogal.

Costumava o latim designar as três pessoas respectivamente pelos pronomes hic, iste e ille; afora estes, possuía a mesma língua os pronomes ipse e idem, que designavam identidade, sendo o último um composto de outro pronome, *is*, que era empregado em todos os casos, e de significação contrária a estes alius e alter; o romance, porém, dos quatro últimos ficou só com dois, ipse e alter, deixando de empregar idem e alius, mas no primeiro destes esqueceu a primitiva significação, e, como o iste viera substituir o hic que igualmente saiu fora do uso, deixando vestígios apenas nas expressões *agora* e arc. *ogano*, nas quais, justapondo-se aos substantivos hora e anno, formou como que vocábulos simples [1] e passara a indicar proximidade, ao contrário de ille, que já designava afastamento, por isso o ipse ocupou o lugar por ele deixado. Em vista, pois, desta substituição resultaram para a nossa língua os seguintes:

Demonstrativos simples

1.ª pessoa

masculino	feminino	neutro
este	esta	esto
	2.ª pessoa	
esse	essa	esso
	3.ª pessoa	
ele	ela	elo

Costumava também o latim reforçar os pronomes, servindo-se de duas partículas: ecce e met, das quais a primeira antepunha e a

(1) Veja-se adiante § 48, *b)*.

segunda como que sufixava ao vocábulo sobre o qual pretendia em especial chamar a atenção; semelhante prática devia sobretudo ser do gosto do povo, a julgar do seu emprego quase exclusivo pelos cómicos. Mas, a par de ecce, que, fundido com os pronomes iste e ille, com elisão do *e* final, ocorre sobretudo na poesia arcaica (1), havia igualmente no latim a expressão eccum, a qual, sendo composta do mesmo advérbio ecce e do pronome is, no caso acusativo, veio a perder a ideia dessa composição e a ser considerada como sinónima de ecce (2). Da junção desta partícula aos mencionados pronomes iste, ipse e ille nos três géneros latinos e número singular provieram os seguintes:

Demonstrativos compostos

masculino	feminino	neutro
	1.a pessoa	
aqueste	aquesta	aquesto
	2.a pessoa	
aquesse	*aquessa	*aquesso
	3.a pessoa	
aquele	aquela (3)	aquelo

(1) Assim em Plauto, por exemplo, lê-se: *eccillum video,* Merc II, 3, 98; *habeo eccillam meam cluentam,* Mil. Gl. III, 1, 194; *tegillium eccillud mihi unum arescit,* Rudens, II, 7, 18; *certe eccistam video,* Curc. V, 2, 17, e do francês arcaico *icist, icil* e *iço,* a que correspondem hoje, *cel, celui* e *ce,* deduz-se que a língua vulgar ajuntava o mesmo advérbio ao pronome hic na forma neutra.

(2) É o que parecem mostrar estas frases: de Varrão; *Et eccum candidatus noster.* Rust. 3, in fine, e de Plauto: *Ostende huc manus... Eccas,* Aulularia, IV, 4, 13. Há também quem pretenda que da fusão de eccum, com atque, que tinha igualmente valor apodíctico, resultou na fala uma base *accu ao lado de eccum (cf. Bourciez, *Éléments de linguistique romane,* §§ 103, 127 e 253 *b* e Grandgent, *Latim vulgar,* §§ 24, 65), todavia o advérbio galego *eiqui* explica-se melhor pela primeira expressão de que pela segunda.

(3) No *Testamento de D. Afonso II,* no *C. A.* e outros textos, ocorre por vezes a variante *aquelha,* que, na opinião de D. Carolina Michaëlis, deve ser um castelhanismo.

No século XV não havia diferença sensível entre os pronomes simples e os compostos, é provável, porém, que nos primeiros tempos houvesse tal ou qual ênfase que os diferençasse no seu emprego; provàvelmente, porque essa pequena distinção se perdeu pouco a pouco e as duas formas tornaram-se sinónimas, é que as últimas desapareceram do uso, não sucedendo, todavia, nem podendo suceder o mesmo ao pronome da terceira pessoa, *aquele,* porque o simples, *ele,* fora cedo escolhido, segundo vimos, para suprir, nos pessoais, igual pessoa, tendo a sua conservação, que assim se tornou necessária no masculino, em que, como o simples, e por igual razão, tomou também a forma *aquel* (1), e no feminino, obstado, por motivo de simetria, ao desaparecimento do neutro *aquelo;* neste, porém, bem como nos das restantes pessoas e nos simples do mesmo género, com excepção do da terceira pessoa, que caíra em desuso, deu-se dois séculos antes, pelo menos, a passagem, que ainda não foi satisfatòriamente explicada (2), do *e* tónico para *i* (3), mas estas formas compostas, com excepção de *aquilo,* tiveram a mesma sorte das restantes (4).

Da posposição da partícula **met** aos pronomes pessoais principalmente e do reforçamento destes com o pronome **ĭpse** resultaram expressões, como **ipsemet** e **ego met ipse**, nesta última, desaparecendo o pessoal, ficou **metipse**, que daria regularmente **medesse*, donde, depois, da queda da última sílaba, em virtude da próclise

---

(1) Esta forma continua a viver no povo que, consoante a regra dos nomes em *-el (Fonética,* § 30, 1), assim como ao simples, lhe dá para plural *aqueis.*

(2) Garcia de Diego, na sua *Gramática histórica gallega,* a pág. 60 (nota), é de opinião que ela deverá talvez atribuir-se «a influência de um *i* final secundário (conhecido nos dialectos próximos do galego e no antigo castelhano), originado por dissimilação»; essa transformação, que teria começado pelo masculino (por exemplo, *iste* > *êste* > *esti* > *iste*), estender-se-ia depois aos restantes géneros, mantendo-se actualmente em português apenas no neutro. D. Carolina Michaëlis vê na passagem do *e* para *i* apenas evolução metafónica.

(3) Em um documento de Pendorada (cf. *Rev. Lus.,* XI, pág. 92) vem *todisto,* já no século XIII; no *C. A.,* encontra-se a par de *esto,* embora raramente, também *isto* e o seu composto *aquisto;* o mesmo nas *C. S. Maria* e outros textos.

(4) Segundo Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia,* pop. 57 (nota 5) vive ainda na linguagem popular de Trás-os-Montes (Moncorvo, por exemplo) a forma da segunda pessoa, *aquisso* ou também *quisso,* com perda do *a* inicial.

(cf. *envês* e *revês*), resultou a forma *medês*, muito usada na antiga língua, a qual, como a maioria nos nomes em *-ês*, era quase sempre invariável em ambos os géneros e números: todavia não é sem exemplo o plural *medeses*. Mas ao pronome latino ipse o povo, como se se tratasse de um adjectivo, dava o superlativo, juntando-lhe a terminação costumada, -issimus, de onde ipsissimus, que se encontra em Plauto [1]; depois esta forma, decerto por haplologia [2], converteu-se em ipsimus, de que faz uso Petrónio. Ora, assim como se dizia *metipse [3], dizia-se também no fim do Império metipsimu(m), donde o actual *mesmo*, que foi precedido pela forma *meesmo*, muito frequente ainda nos escritos do século XVI, e que, pela queda anormal do *-d-*, devida provàvelmente a próclise, evolucionou da mais antiga **medesmo*, ainda viva no italiano *medesimo* e reconhecível no antigo francês e provençal *medesme* [4].

Do pronome latino alter, no acusativo, resultou o português, *outro*, que ainda por um processo usado no latim [5], aparece por vezes a reforçar os já mencionados *este*, *esse*, *aquele*, aos quais se soldou por forma tal que nos clássicos eles ocorrem como vocábulos

---

(1) *Ergo ipsusne's? Ipsissimus*, Trinumus, IV, 2, 146. Igual processo segue hoje o povo, dando superlativo ao pronome *mesmo* (cf. *Eufrosina*, pág. 198), que aliás já provém deste mesmo grau, como se explica no texto, e até ao substantivo *coisa*. Reduplicação do superlativo mostra também o *grandessíssimo* pop. em vez de *grandíssimo*.

(2) Cf. *Fonética*, § 49, 5, *b*.

(3) Em Diómedes, K. I, 332, II, aparecem já combinações pronominais como esta illemet ipse, o que nos prova que já existiam no seu tempo (IV século); caindo o pronome *ille*, o que não seria de estranhar, resultava a forma acima.

(4) Na antiga língua parece não ter havido diferença alguma de significação nas formas *medes* e *mesmo*, a julgar destes exemplos, extraídos da *Regra de S. Bento*, publicada por S. Burnam: *esse medes propheta*, pág. 36, *dessas medeses horas*, 37, *essas meesmas horas*, 36, *esta medes ordem*, id., *essa meesma hora*, id., cf. *Evolução da língua portuguesa*, onde dei a lume essa e outras versões da mesma regra.

(5) Na própria língua clássica encontra-se este reforçamento, pois até em Cícero ocorre o pronome iste seguido de ipse, como se vê destas expressões: ista ipsa lege, consule isto ipso.

simples e portanto com o sinal do plural apenas no último dos seus componentes, em contrário da prática de pluralizar ambos, seguida por muita gente, quer falando, quer escrevendo (¹). Em igual pronome tem origem *outrem*, que rigorosamente deve ser contado entre os indefinidos (²), em virtude da sua significação vaga e indeterminada, e na língua arcaica, como no castelhano antigo, devia receber a acentuação na última sílaba, parecendo terem contribuído para isso e para a troca do *-o* final em *-em* os pronomes de significação quase idêntica, *quem* e *alguém*. Mais tarde esse pronome, que no antigo português também tinha as formas *outre*, *outri* e *outrim*, retomou a acentuação do primitivo *outro*, que pelo povo é empregado precedido de artigo no mesmo sentido daquele, em expressões como: *lá diz o outro; como diz o outro* ou *como o outro que diz*.

Podem ainda ser enumeradas entre os demonstrativos que desempenham as funções de adjectivos os pronomes *tanto* e *tal*, que representam iguais formas latinas no acusativo e, na antiga língua (³), também se escreviam e decerto soavam *atanto* e *atal*. Destes dois pronomes o segundo usa-se também posposto a *outro*, quer junto, quer separado de ele pelo vocábulo *que*, o qual se me afigura ser a partícula a t q u e, que, na linguagem popular, era usada no mesmo sentido que e c c u m de que atrás falei (⁴).

(¹) O povo, que muitas vezes na sua rudeza e insciência fala melhor do que muitos escritores, ainda mantém vestígios deste uso na forma *sôtro*, que entra na locução *sôtro dia* e está por *essoutro*, tendo caído o *e* inicial por próclise; no plural diz *sôtros*. Também ao mesmo se ouve *ontredia*, devendo o *o-* a nasalização à preposição *em*, convertida em *n*, que veio a desaparecer na fala.

(²) Epifânio Dias enumera-o contudo entre os demonstrativos. Também os pronomes *outro* e *mesmo*, rigorosamente falando, só devem contar-se entre estes, quando precedidos de artigo, aliás o seu lugar é do mesmo modo entre os indefinidos. Notarei que o primeiro soa *oitro* no povo da Beira, pela troca frequente do ditongo *ou* por *oi (Fonética*, § 33, Obs. I) e o segundo, na linguagem popular de várias partes do país, quando em próclise, perde o *-s-* ou troca-o por *r*; cf. Leite de Vasconcelos, *Dial. Portug.*, 130.

(³) Ainda em escritos do século XVI aparecem estas formas.

(⁴) É o que parece deduzir-se de expressões como estas: *Ubi censamus, inquam? Atque illi abnuunt* (Plauto, Capt. 481); *dignum Capitolio atque ista arce omnium nationum* (Cic. in Vers. 2, 5, 184). Júlio Moreira nos seus *Estudos*

Do pronome *o* trato a seguir nos:

19. *Artigos: a)* definido. — Ao contrário da grega, não possuía artigo a língua latina, quando, porém, havia um substantivo que queria mais especialmente determinar, costumava ela acompanhá-lo do pronome ille, que ora colocava antes, ora depois dele (1). Este processo, usado na linguagem literária, existia igualmente na popular, que empregava com o mesmo fim, além de aquele, o pronome ipse, segundo se depreende não só de textos posteriores ao latim clássico (2), mas também dos vestígios que desse uso estes dois pronomes deixaram nas línguas românicas. Ainda hoje a nossa serve-se por vezes dos pronomes demonstrativos, *este, esse, aquele* em casos em que poderia perfeitamente substituí-los por artigos, é quando o substantivo a que vêm juntos se acha restringido na sua significação por uma proposição relativa, como se vê das frases seguintes: *estes homens que aqui estão, esse indivíduo que me recomendas, aqueles estudantes que são aplicados.* Falando, pois, rigorosamente, o artigo definido é um verdadeiro pronome, quer com respeito ao seu emprego, quer sobretudo relativamente à sua origem, como vamos ver.

Os demonstrativos de que a língua vulgar principalmente se servia, quando se referia a uma pessoa ou coisa de todos conhecida, eram ille e ipse, como dissemos, mas de estar o primeiro mais extensamente representado nas línguas românicas do que o segundo deduz-se que a língua vulgar tinha por ele especial predilecção. No acusativo o pronome ille deu regularmente nos dois géneros *elo, ela (Fonética,* §§ 41, *A* e 48, 1), formas que, além do antigo italiano, também possuía o leonês ainda no século XIV, e pelo seu

---

da língua Portuguesa, I, pág. 45, explica a partícula *que* como proveniente de aeque e compara a locução portuguesa com outras idênticas de várias línguas, as quais, a meu ver, parecem assentar antes no atque e melhor ainda numa base *accu, resultante do cruzamento de aquele com o advérbio eccum.

(1) Cícero, por exemplo, falando de Alexandre diz: *magnus ille Alexander* (Pro Archia, 10); cf. também as expressões: *pittacus ille; Medea illa.*

(2) Assim no Evangelho de S. João, v, 67, lê-se: *dixit illis duodecim discipulis* e nos agrimensores ocorre igualmente este exemplo: *descendit ipsa via et venit ad ipsam casam* (Grom. vet. 312, 20 apud Bourciez, *Linguistique romane,* pág. 106).

carácter essencialmente proclítico passaram a *lo, la*, como, mais ou menos alteradas, se apresentam na maioria das línguas congéneres da nossa (1). Sucedia, porém, que na fala, em que soavam, como se constituíssem um vocábulo único a palavra e o *lo* ou *la* que a precedia ou seguia, frequentemente estes se achavam entre vogais e, como em tais casos o génio da língua repelia o *-l-* (2), de aí a sua transformação posterior em *o* ou *a*, transformação esta que fez com que exteriormente o artigo tanto se afastasse do das outras línguas no português e no galego, igualmente refractário à conservação do *l* intervocálico (3), e se realizava, quer em frases em que o *lo* fazia de verdadeiro pronome demonstrativo, quer naquelas nas quais desempenhava a função de artigo. Exemplificarei: primeiro disse-se: *de lo padre, pera los moesteiros, a las virtudes, so la torre, vejo lo, amo la,* etc., depois passou a dizer-se: *de o* (ou *do*) *padre, pera os* ou *para os moesteiros, a as virtudes, so a torre, vejo-o, amo-o,* etc.

Além de *lo, la* ou *o, a*, possui a língua outro artigo definido, *el*, que hoje só se emprega precedendo a palavra *rei*, mas antigamente se antepunha também a outras dignidades, como *conde* e *alcaide*. Quanto à sua origem, têm-no uns por importação do castelhano, consideram-no outros divergente de *lo*. Não me parece que a mesma forma latina illu- tivesse produzido, sob influência idêntica, a próclise, duas diferentes, antes afigura-se-me que ele representa apenas o caso nominativo deste pronome, ou seja o pessoal masculino da terceira pessoa, que nos escritos antigos aparece escrito ora na sua forma plena, isto é, com *-e*, ora sem ele. É o que me parece dedu-

---

(1) Assim no francês (moderno *le, la*, antigo *lo, li*, etc.), provençal *(lo, la*, etc.), espanhol *(el, la*, etc.), italiano *(il, lo, la)*, rético *(lu, l', la*, etc.), e romeno (entre outras formas, *le* e *a*, pospostos às palavras, ao contrário da maioria das línguas românicas, sendo para notar o feminino *a*, perfeitamente idêntico ao português e galego).

(2) Mr. Meillet (cf. *Bulletin de la Soc. Linguistique*, XXII, I, 87, 88) é de opinião que o simples facto de ser o artigo palavra acessória explica a queda do *l*, o qual, débil por natureza, como toda a consoante portuguesa, teria sofrido um desses enfraquecimentos que muitas vezes se observam nas palavras deste género.

(3) Afora o feminino romeno, só dentre as línguas neolatinas a napolitana, apresenta formas iguais às galego-portuguesas, isto é, *u* para o masculino e *a* para o feminino.

zir-se deste exemplo, que se lê nos *Inéditos de Alcobaça: asy como el mesmo David ungido per rei* [1]. Com igual sentido, mas sob a grafia *elle*, emprega-o o tradutor anónimo da *Crónica dos Frades Menores*, que umas vezes verte o latim idem por *elle mesmo* outras o põe de sua casa, sem correspondente nesta língua, como nestas frases: *demostrasse por elle tal milagre; seendo elle dito frey Zacharias gardiam*, que no original são: tali miraculo demonstraret, cum existens Guardianus [2].

b) Indefinido — Assim como o romance, seguindo processo idêntico ao grego, fora tirar de um dos pronomes demonstrativos o seu artigo definido, para formar o indefinido, procedeu da mesma forma, indo pedi-lo ao primeiro dos numerais cardinais [3]. Veja-se atrás § 5.

Vestígios das antigas formas do artigo definido. — Naturalmente as formas *o, a, os, as*, foram a princípio de uso restrito, limitando-se o seu emprego apenas ao caso apontado de se achar o *l* entre vogais, mais tarde, porém, ainda em época anterior à fixação da língua pela escrita, como se vê dos mais antigos documentos, o que era especial tornou-se geral, sem que todavia desaparecessem por completo os vestígios das que as precederam. Com efeito, locuções possuiu e possui ainda a língua actual em que elas continuam a subsistir, tais são por exemplo: *alcor* [4], *alfim, almenos* [5], *alpelo* [6], *alpardo* [7], *alvez* [8], as

---

(1) Apud Cortesão, *Gramática Portuguesa*, pág. 21, nota.

(2) Cf. vol. I, pág. L (introdução).

(3) Este empréstimo ascende já ao próprio latim clássico e naturalmente tomou maior extensão no popular; assim, entre outros, citarei o exemplo de Plauto que diz, no *Pseud.* 984: *lepida... una... mulier.* Também em Petrónio lê-se: (vide *Cena Trimalchionis*, edição de W. Heraeus, pág. 1) *unus servus Agamemnonis interpellavit.* Sobre os artigos e também nomes, comparação, etc., pode consultar-se o meu livro *Digressões lexicológicas*, onde explano vários pontos de gramática e verso outros assuntos, respeitantes à língua.

(4) A palavra *cor*, que entra nesta frase, foi depois substituída por *coração*.

(5) A par desta forma, ainda usada em Alcobaça, ocorrem na língua arc. também *alměos, aděměos* e *aldemeos*.

(6) Vem em Morais (s. v. *pello)*, que lhe opõe *pospelo*.

(7) Ainda em uso na Madeira, cf. G. Viana, *Apostilas*, II, 23 à.

(8) Ouve-se ainda em Entre Douro e Minho.

quais sem dúvida ascendem a tempo anterior à transformação mencionada; nelas, pela queda do *o* ou *a* do artigo *lo* ou *la*, motivada pelo carácter proclítico deste e também porque tais frases soavam como se fossem uma única palavra, o *-l-* não podia desaparecer, por se não encontrar já entre vogais (1). Mas, afora estas locuções, que ficaram como fossilificadas, as antigas formas *lo*, *la*, quer artigos, quer pronomes, ainda são pela língua hodierna usadas, embora não com a extensão da antiga, pois, enquanto esta a elas recorria, sempre que o vocábulo que as antecedia terminava em *r* ou *s* (2), aquela só o faz depois de uma forma verbal, cuja última letra sejam estas consoantes e a mais *z*, ou em seguida aos pronomes *nos* e *vos* e advérbio *eis* (3). Nestes vocábulos os *r*, *s* ou *z* primeiro assimilaram-se ao *l* do artigo ou pronome, depois os dois *ll* reduziram-se a um único (*Fonética*, 41, *A*), caindo na fala e na escrita de hoje (4) o *l*, que viera substituir as consoantes.

---

(1) Cf. o adjectivo *mal* nas antigas frases *maldia*, *maltalan*, *malpecado*, etc., a par da forma ordinária *mao* ou *mau*.

(2) Na língua antiga ocorrem efectivamente expressões como estas: *alhu'lo demandade*, *se fizer mia senho'lo que tem no coraçom*, *sobolo* (por *sobe*, que está por *sober*, de super, tendo o *e* trocado em *o* por causa do labial que o precede), *a Deu'lo rogo*, *Deu lo sabe*, *trala*, *pala*, *todolos*, *ambolos*, *lhelo*, *poilos*, *maila dona*, *de lo dia*, *dello começo*, *depola*; a língua popular ainda hoje diz também *maila*, *poila*; mesmo antes de *lhe* o português arc. por vezes deixava cair o *r* e *s* que o precediam, dizendo: *mostra-lhe* (*Rev. Lus.*, IX, 26, 5, corrigido erradamente em *mostrar-lhe*; cf. *Fonética Sintáctica*, § 53), *vo-lho*; não se confunda, porém, com esta a queda do *s* que actualmente se observa na primeira e segunda pessoas do plural dos verbos, quando seguidos dos pronomes *nos* e *vos*, a qual assenta sobre a dissimilação. Encontra-se por vezes *lo* em seguida a um imperativo; assim: *fazedello* (in *Rev. Lus.*, VII, pág. 64) e o conhecido *vede-los* das estâncias 4.ª e 5.ª do canto VII dos *Lusíadas*; é que rigorosamente falando, o que parece imperativo é antes o indicativo com tal valor.

(3) Esta regra aplica-se na língua de hoje sobretudo ao *o*, quando pronome.

(4) Conquanto até ao século XVIII se costumasse na grafia representar, sobretudo nos infinitivos, os dois *ll*, a supressão de um deles praticava-se já no português antigo. Também por vezes aparece o *r* inalterado, assim na preposição *por* como no infinito, tal processo, porém, deve ter-se ou por restauração etimológica ou influência do espanhol, que no último caso ainda mantém o *r*.

Ainda as antigas formas continuam a persistir, todavia em menor extensão que antes, quando a palavra que antecede o pronome ou artigo termina em vogal nasal, mas aqui, ao contrário do último caso, em que as consoantes *r* e *s* se assimilaram ao *l* seguinte, foi este que se aproximou do som que o precedia, convertendo-se em *n*. Daqui resultou que, em vez de se dizer: *non* ou *nom lo*, *quem lo*, *dizem lo*, *sem lo*, *atem* (hoje *até*) *lo*, *com lo*, *em lo*, etc., passou a dizer-se: *non* ou *nom no*, *quem no*, *dizem no*, *sem no*, *atem no*, *com no*, *em no*, etc. (1). Nestas duas últimas preposições sucedeu até soldar-se com elas o artigo por maneira tal que as duas palavras ficaram como que constituindo um vocábulo único, seguindo portanto as transformações dos que se encontravam em circunstâncias idênticas. Assim *conno*, *conna*, *enno*, *enna*, ou melhor *cõno*, *cõna*, *ẽno*, *ẽna*, perdendo a nasalização, converteram-se em *co* (= *coo*), *coa* (2) e *eno*, *ena* (3) e ainda estes dois últimos, por causa do seu carácter proclítico, em *no*, *na* (*Fonética*, § 26, 1), formas estas todas que aparecem já nos mais antigos documentos e se mantiveram ao lado umas das outras durante muito tempo, desaparecendo da língua literária no século XIV *cono* e *eno*, mas durando ainda *co*, sobretudo na língua

---

(1) Esta prática ainda hoje é observada pelo povo, que continua a dizer: *não no* (ou antes no Sul *nãno*), *quem no*, *sem no*, etc. Em o *Livro dos Bens de D. João de Portel* lê-se, a pág. 98, *arravalde que chamam na* (= *a*) *Eira dos Freires*.

(2) Em rigor *con no* ou *cõ no*, antes de se reduzir a *coo*, *coa* ou *co o*, *co a*, sofreu duas perdas de nasalização, resultando da primeira *cõo*, *cõa* e da segunda as formas indicadas.

(3) Eis alguns exemplos das formas acima mencionadas: *nós dom Pay Perez... ensembra con don Gonçalo Perez... e cõ no Convento; cõ nos de Monssaraz* (*Livro dos Bens de D. João de Portel* publicado por Pedro de Azevedo, págs. 46 e 15); *parte cono moasteiro* (*Documentos do séc. XIII* publicados pelo mesmo na *Rev. Lus.*, VII, pág. 40); *en nas ribas do lago* (Canc., n.º 902); *fostes, filha, eno bailar* (id. 796); *como Josep foi preso eno Egito* (*Historia d'abreviado testamento velho* nos *Ineditos* de Fr. Fortunato de S. Boaventura, vol. II); *não pode mais o coração co'a vida* (Garrett, *Camões*, X, 15). Por vezes também caía a nasal que motivara a troca do *l* em *n*, como mostram estes exemplos: *vio que nona devia* (*Rev. Lus.*, VII, 74); *nono busque nengũu* (id., VIII, 83), nos quais *nona* e *nono* estão por *non na*, *non no* e não por *non a*, *-o*: cf. *nonada*, *no'mais* (*Lusíadas*, X, 145): Igualmente *denos* por *dem-nos* (*Rev. Lus.*, XIII, 84).

popular, que chega a fundir o *o* final de *co-* com a vogal da palavra seguinte. Da transformação sofrida pela preposição *em*, que, depois de influir no *l* seguinte, veio por fim a desaparecer por completo em *no*, resultou tomar-se falsamente este *no* por aquele *em* e soldar-se ao artigo indefinido *um* e pronomes *este, esse, ele, aquele, outro, algum*, dizendo-se *num, neste, nesse, nele, naquele, noutro, nalgum*, em vez de *em um*, etc. Esta soldadura continua-se na língua de hoje, que une enclìticamente as actuais formas *o, a*, à preposição *a*, e as antigas *lo, la*, segundo a regra, a *per* ou *por*, dizendo *ao* (1), *pelo, pela, polo, pola* (2), mas, ao contrário da antiga língua, na qual os dois sons se faziam ouvir, funde num único a preposição *a* e o artigo feminino, aplicando analògicamente igual processo ao pronome *aquele*, nos seus três géneros ou formas. Com a preposição *de* faz-se igual junção, perdendo ela o *e* final, mas, embora geralmente observada, não é aqui de rigor, como nas duas preposições mencionadas, essa junção, pois, embora se diga, quase sempre *do, da*, também se pode dizer, sobretudo em ênfase, *de o, de a* (3).

A vitalidade, porém, das formas arcaicas *lo, la* é tal que por vezes elas ressurgem. Embora nestas locuções, que ocorrem nos quinhentistas, *a la par, a la larga, a la mira, a la fé, a la moda, a la paz, cabo la mar, tamalavez*, haja todas as probabilidades para ver em *la* o artigo espanhol, neles encontram-se, contudo frases que têm toda a aparência de portuguesas, nas quais revivem os antigos artigos, como são estas: *toda la ribeira* (4), *destrue-la asinha, u las*

---

(1) Quando em próclise, a língua popular converte *ao* em *ó*, fenómeno que se observa já no período mais antigo da língua, como se vê do exemplo seguinte: *vay oo rrio* (Documentos do século XIII atrás dos citados in *Rev. Lus.*, VIII, pág. 40). Garcia de Resende diz também: *triste de mim... que por ter... amor ó princepe, meu senhor*, (*Canc. Geral*, fls. 221), etc.

(2) Também na língua popular, *pra pro*, em vez de *para a, para o*.

(3) A mesma junção pratica-se também, sempre que *de* está seguido de pronome ou advérbio que comece por vogal, mas aqui pode igualmente deixar de cair o *e* final da preposição e dizer-se *daquele, donde*, etc., como *de aquele, de onde*, etc.

(4) Nesta frase talvez o *la* se possa também atribuir a influência do plural *todalas*, ainda existente no povo nos dois géneros e mesmo sob a forma *tolos* e

cavalarias, u lo (1) *aquele grande amigo, sobre las doações e sobre los alheamentos (Portel,* III), etc., e na língua do povo uma vez que outra lá reaparece o velho artigo.

Fusão do artigo com o nome ou seu desaparecimento. — Viu-se já que, assim pelo seu carácter essencialmente proclítico e ainda enclítico, como pela sua tenuidade, o artigo, sobretudo o definido, funde-se frequentemente com a palavra a que vem junto (aglutinação); dá-se isso sobretudo nas preposições, mas casos há também em que essa junção se operou até com substantivos por forma tal que veio a perder-se de todo a percepção da sua existência neles, é o que se verifica por exemplo em *aleijão, arraia, arrã* (pop.), *ameaça, amora, abantesma, arriba, ametade* (arc.), *olivel,* nos próprios *Achada, Anadia, Asseiceira, Avinhô* (2), etc., e ainda em *maluta,* palavra beirã (3), onde a sílaba inicial representa a segunda do artigo indefinido *uma* (4).

Ao lado desta tendência, que se observa no povo desde o período mais antigo da língua, outra existe, como já notamos *(Fonética,*

---

tolas (rara na literatura), resultante de assimilação *(tod'los)* em que o *la* entra regularmente, considerando-se a expressão *todala* como singular de aquela, todavia nos *Fragments pieux,* publicados, por Cornu, provenientes dos fins do século XIV ou princípios do XV, lê-se a pág. 33 *tira la tua pena,* e nos *Forais da Guarda e Gravão in Portug. Mon. Hist.,* de data anterior, diz-se: *e lo sennor da casa, la terça parte do vosso concelho.*

(1) Na locução *u-los* constituída pelo advérbio arc. *u* e artigo, também poderá explicar-se a existência da antiga forma deste pela assimilação do *v* do advérbio ao *l* de aquele, como pensa Nobiling *(Cantigas de D. João de Guilhade,* pág. 69, nota), que é de parecer que na época da queda do *l* intervocálico ainda o *v* se fazia ouvir.

(2) Talvez também *Chelas,* antes *Achelas,* de *as chelas.*

(3) Assim a classifica Leite de Vasconcelos, *Lições,* pág. 63, dizem-me, porém, que ela existe também nos arredores de Lisboa e citam-me a frase *jogar à maluta,* usada entre os rapazes e que mostra bem a origem da palavra.

(4) Encontra-se igual processo nas outras línguas românicas; na francesa são disso exemplos os seguintes nomes: *landier, lendemain, lendit, lierre, lingot, loriot, luette* e, como próprios, *Laigle, Loiseau, Langlois, Lallemant* e ainda antes de consoante *Lesueur, Lefevre, Leverrier, Lefaucheux, Lebegue, Leblanc, Lenoir, Lebrun, Lepetit, Lerouge, Lafont* ou *Lafontaine, Lechat, Leboeuf, Lahaie, Laborde,* etc.

§ 26, 1, Obs. III), inteiramente oposta e por igual antiga, é a que, tomando por artigo o *o* ou *a* iniciais de palavra, não protegidos por consoante, os faz cair na pronúncia (deglutinação), como se vê dos exemplos: *relógio, bodega, labarda, vantagem, menagem,* arc. *cajom* ou pop. *cajão* (antes *acajom),* pop. *liado, bispo, licorne, xofrango, rôr* (pop. por *horror), varino* ou *vareiro,* e nos nomes próprios: *Eja, Mezio, Sais, Diáxere, Degebe, Deleite, Demira, Desseixe, Delouca, Vizela, Orvão,* ou *Urvão, Zêzere* e *Zeive,* a par de *Ozézere* e *Ozeive* (1).

20. *Pronomes relativos e interrogativos.* — Como se sabe, o pronome qui podia em latim exercer as funções quer de relativo, quer de interrogativo, e referia-se a nomes do género masculino; correspondia-lhe no feminino quae. Em virtude da confusão que, nos séculos III e IV, veio a dar-se na língua vulgar, aquele qui suplantou o feminino quae e, assumindo a si a designação dos dois géneros (2), contribuiu para o desaparecimento não só do feminino, mas também, pela semelhança de forma, do nominativo do plural e justamente dos restantes casos deste número; mais tarde ele próprio desapareceu também, e, segundo parece, em época anterior à fixação

---

(1) Sobre *Eja* e *Orvão* veja-se o substancioso estudo de Pedro de Azevedo no *Arqueólogo Português*, IV, pág. 193 e seguintes; *Mezio* vem, é claro, de *omizio,* palavra que, proveniente de homicidiu-, ocorre frequentemente na língua antiga e vive ainda no verbo *homiziar. Sais,* está provàvelmente por *Ossais,* plural de *Ossal,* que por si deve ser um derivado do arc. *osso* e designar lugares onde noutro tempo havia *ursos.* No Algarve o povo costuma dizer *a ribeira do Deleite, do Diáxere, do Desseixe, do Delouca, do Demira,* juntando o *o* inicial de aqueles nomes, que toma por artigo, como se depreende deste exemplo: *a ribeira da Foupana, do Vascão. Orvão* ascende ao tempo em que o artigo era ainda *lo,* pois o nome com que a povoação figura nos antigos documentos em *latim bárbaro* é *Leorvanus.* Podem ver-se mais casos de deglutinação na *Rev. Lus.*, XVI, págs. 154-155 (artigo de J. Silveira). É claro que este fenómeno não é especial do português, como se vê por exemplo do espanhol *atril,* italiano *micidiale,* etc. Em Lisboa deu-se o mesmo fenómeno ou melhor *a-* foi tomado por artigo na forma presumível *Alischbona:* cf. pág. 59 e nota 4.

(2) Confirmam-no os exemplos seguintes: *filia quem reliquit, Faustina cum quem vixit,* que se encontram em inscrições desse tempo: cf. F. Stolz, *Geschichte der lateinischen Sprache* (Göschen), pág. 125.

da língua pela escrita (1), mantendo-se apenas por algum tempo ainda no castelhano. O acusativo quem soava umas vezes acentuado e de aí a sua persistência em português, outras era átono; nesta qualidade, que ele devia ter quando proclítico, fundiu-se com o neutro quid (2), dando assim origem a *que (Fonética,* § 48, 1), o qual, como *quem* (3), ficou sendo invariável, podendo referir-se a nomes, quer do singular, quer do plural, quer masculinos, quer femininos, e valendo já de sujeito, já de complemento; a única distinção que a língua estabeleceu entre as duas formas foi reservar *quem* para pessoas e aplicar *que* tanto a estas como a coisas, acompanhando o primeiro de preposição, sempre que não exerça as funções de sujeito e seja puramente relativo, e antepondo por vezes ao segundo o pronome *o,* mas só quando interrogativo e empregado como substantivo, isto é, não seguido de nome (4).

Proveniente do genitivo deste pronome, o qual substituía, possuía o latim arcaico um adjectivo, era cujus que, como tal, concordava em género e número com o substantivo, e continha em si a designação de posse; a língua judiciária aproveitou-o por vezes, mas da sua diminuta extensão (5) parece deduzir-se que o seu uso não foi geral na língua vulgar; dele, no caso acusativo, provém o nosso *cujo,* que actualmente se usa só como pronome relativo atributivo, enquanto no antigo português figurava frequentemente não só como predica-

---

(1) Encontra-se em documentos antigos *qui* valendo por *quem,* mas tal forma deve ter-se por latinismo, no entanto Valladares cita-a no seu *Dic. gal. cast.*, como existente em galego e, a ser verdadeira a citação, é de crer que também a possuísse a nossa língua; Diego, todavia, não a menciona na sua *Gramática histórica gallega.*

(2) Cf. este exemplo, *pro furta quid feci,* que se pode ver em *Formulae Andecavenses* 3, apud Bourciez, *Éléments de linguistique romane*, pág. 263.

(3) Segundo Epifânio *(Gramát. port.*, pág. 32) *quem,* valendo por *aquele que, a pessoa que,* deve ter-se por masculino e do número singular.

(4) Na *Regra de S. Bento* (Códice Alcobacense 329) no capítulo *Da obedeença* lê-se: *Deos, ca esguarda o coraçon do murmurante,* etc., onde evidentemente o *ca* é o relativo *que:* semelhante forma pode ter resultado desta última ou ser devida a confusão com outra idêntica (também hoje *que),* mas conjunção causal e por vezes integrante: Vide adiante as *conjunções.*

(5) Encontra-se apenas na Ibéria, costas da Dalmácia e Sardenha.

tivo [1], mas também como pronome interrogativo; consoante a sua origem é variável em género e número.

Exercem ainda as funções de pronomes relativos e interrogativos *quanto* e *qual,* representantes dos acusativos quantu- e quale- variáveis em número e também em género o primeiro, o último, porém, quando empregado como relativo, vem sempre precedido do artigo definido; originàriamente designavam aquele a quantidade, este a qualidade. Era tido também por interrogativo, mas passou a uso muito restrito o pronome *quejendo* ou *quejando* (cf. *Fonética,* § 26, 3), proveniente de qui(d) genitu-, o qual se referia às propriedades existentes nas pessoas ou coisas. Como o latim [2], possui o português também pronomes relativos compostos, tais são: *quem quer que, o que quer que,* etc., de sentido vago e indeterminado, aos quais por isso melhor caberá a denominação de *relativos-indefinidos* [3], deles falamos nos:

21. *Pronomes indefinidos.* — Ao passo que dos pronomes latinos até aqui mencionados quase todos passaram para a nossa língua, outro tanto se não pode dizer dos chamados indefinidos, dos quais, relativamente ao seu avultado número, poucos subsistiram quer no português, quer nos demais idiomas românicos, o que significa que o latim popular neste ponto era mais pobre do que o literário, essa pobreza compensou-a ele, porém, já combinando elementos desses pronomes indefinidos entre si ou com vocábulos diferentes, donde resultaram formas novas, já adoptando palavras de natureza diversa, às quais atribuiu sentido vago e indeterminado.

---

(1) Provam-no os exemplos seguintes: *tornou a cadela* cuja *era a casa; como sseu dono avia* cuja *ha cousa era.* (Vide Leite de Vasconcelos, *Livro de Esopo,* págs. 15 e 41), *tive amor e lealdade hoo princepe* cuja *sam* (Garcia de Resende, *Canc. Geral,* v, 362).

(2) Tais são: quincunque, quisquis, utercunque, pronomes estes que, como é sabido, indicavam uma pessoa ou coisa não em especial, mas indeterminadamente, por essa razão lhes chama Madvig *(Gram. lat.,* pág. 70) *relativos indefinidos,* nome que, a meu ver, também se deve dar aos que lhe correspondem na nossa língua.

(3) Em galego houve a mais *quis,* que acompanhava, como expletivo, *quem* (cf. Diego, *Gram.,* § 74 e adiante pág. 276); é possível que o português também conhecesse tal forma, todavia ainda não a encontrei, a não ser como indefinido.

Assim, os latinos certu- (1), multu-, paucu-, totu- (que suplantou omnis, de sentido idêntico), quantu-, tantu-, tale e quale continuam a viver nos portugueses, *certo, muito, pouco, todo, quanto, tanto, tal* ou *atanto* e *atal* (arcaicos) e *qual*, quer como substantivos, quer como adjectivos, duplo papel que também desempenhavam na língua clássica, variáveis em género e número, com excepção dos dois últimos, que só o são em número, do mesmo modo que o eram já em latim, onde a mesma forma servia para os dois géneros, masculino e feminino. Note-se, porém, que, até começos do século XVI, *todo* valeu de substantivo e adjectivo, como ainda vale em galego e castelhano, sendo portanto de data relativamente recente a criação do pronome substantivo e como tal invariável, *tudo* (2).

Perpetuaram-se ainda o arc. alid (3) (que, em vez de aliud, ocorre em Lucrécio, I, 263), e aliquis, nas duas únicas formas que possuía no caso acusativo, a saber: aliquem, para os géneros masculino e feminino, e aliquod para o neutro, o primeiro em o arc. *al* (4) *(Fonética,* § 48,1), que, como sucedera já na língua vulgar aos géneros masculino e feminino, suplantados por alteru-, altera-, foi também substituído mais tarde (5) por *outro*, e o segundo

---

(1) Para designar aproximadamente a mesma ideia que exprimimos pelo pronome *certo*, servia-se a língua clássica, entre outros, de quidam, mas já o adjectivo certus aparece com significação idêntica a este último neste passo de Cícero: *cum... vidi... insolentiam certorum hominum... eximescentem*, Pro Marcello, cap. VI, 16.

(2) Ao lado de *todo-a*, tem o galego *toido-a*, a que corresponde no povo do Douro *tuido-a*, formas estas que se devem atribuir respectivamente a influência de *moito* e *muito*, quando neste pronome ainda o *m* inicial não tinha, como hoje, nasalado o ditongo seguinte; provàvelmente de *tuido* originou-se o actual *tudo* (cf. *Fonética*, § 55), todavia Ernout (cf. *Les Éléments Dial.*, pág. 48) crê na existência de *tūtus*, como divergente de *tōtus*.

(3) Esta forma deve ter sido devida a analogia com id, quid, aliquid; dela resultou depois ale, também por analogia com tale, quale.

(4) Na antiga língua este pronome tanto se usava só como acompanhado de *ren*, *que quer*, *quanto*, etc., sem alteração sensível de sentido.

(5) Ocorre ainda com frequência nos quinhentistas: cf. *Sá de Miranda*, de D. Carolina M. de Vasconcelos, *Glossário*, s. v.

em *alguém* e *algo* (*Fonética,* id.), ambos invariáveis e substantivos, aquele aplicado a pessoas e este a coisas, mas de diferente acentuação que existe entre o português *alguém* e o latim áliquem e do desaparecimento do feminino deduz-se que o povo vira nele um composto do pronome relativo ou melhor recompusera-o, tratando-o do mesmo modo que usara com aquele. Também, assim como unu-, que, sendo numeral na sua origem, veio depois a desempenhar igualmente o papel de artigo e a figurar entre os indefinidos, ambo, que era pròpriamente um dual, passou para esta classe, no caso costumado, e com os géneros que a língua vulgar conservara, o masculino e feminino (1).

Ainda outro pronome possuía o latim que passou também para a nossa língua, mas apenas como adjectivo, era nullu-, que nas poesias dos trovadores figura com bastante frequência sob a forma *nulho,* variável em género e número; como porém, tal evolução do *l* duplo seja contrária ao génio da língua, é de crer que, com outros vocábulos, fosse importado do provençal ou, como pensa Nobiling, viesse do castelhano (2); não parece ter sido longa a sua vida e em seu lugar ficou *nulo,* de significação e emprego um tanto diversos, pois, enquanto o arcaico era sinónimo de «nenhum» e antecedia o

---

(1) Até no diminutivo ocorre nestas cantigas populares:

Deitara-o na sua cama,
ajudara-o a cobrir
deitara-se ao par dele
para *ambinhos* dormir.

Ó que lindo luar faz
para colher a macela;
vamo-la colher *ambinhos,*
faremos a cama nela.

Se eu morrer e tu morreres
enterramo-nos *ambinhos;*
muito há-de ter que ver
numa campa dois anjinhos.

Rev. Lus., IX, 298.

(2) No provençal há, afora *nul,* cujo feminino é *nulla,* também *nulh* (ou metátese *lunh)* e *nulha* (cf. Schultz-Gora, *Altprovenzaliches Elementarbuch,* pág. 123), que Bourciez, *Éléments de linguistique romane,* pág. 266, supõe proveniente de um hipotético *nulha,* formado segundo o modelo de *omnia,* tendo-se o masculino tirado do feminino. Em castelhano, escreve-se, como se sabe, *nullo,* mas pronuncia-se *nulho.* Além desta forma, hoje considerada arcaica, existia igualmente *nul,* tal qual, como no provençal, segundo acabamos de ver e de que faz uso Sá de Miranda, na *Egloga de D. Manuel de Portugal,* v. 366. Adverte Nobiling (As *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade,* pág. 28) que a forma «normal *nulo* talvez se oculte debaixo da grafia *nullo,* bastante usado nos códices italianos».

substantivo, o de hoje vale por «de nenhum valor» e só se emprega como predicativo.

Do pronome aliquis, de que acabo de falar, lançou mão a língua vulgar e, combinando-o com unu-, formou o composto *aliqu' unu- ou *alicunu-, donde *algum*, variável em género e número, tendo o numeral seguido no feminino a mesma evolução que quando artigo, a saber *algũa, alguma*. Do mesmo numeral, precedido da partícula negativa nec, fez ela uma palavra única *necunu, da qual resultou *neguum* (1) e de aqui, em virtude da costumada nasalização, comunicada à vogal imediata pela nasal inicial (*Fonética*, § 49, 1) o arc. *nengũu* ou *ningũu*, no feminino *nengũa* ou *ningũa*. Dos mesmos dois vocábulos, tratados separadamente, formou-se, mas já adentro da língua, a frase *nẽ ũu*, cujos elementos soldando-se produziram o arc. *nẽũu* ou *nĩũu* (2), que ainda subsiste no pop. *nẽum* ou *nĩum*, donde o *nenhum* (3) (cf. *vinho, linho*, etc., de *vĩo, lĩo*, etc.) da língua literária, cujo feminino passou pelas mesmas transformações que o de *algum*. No antigo português os dois pronomes *nengũu* e *nenhum*, empregavam-se, como sucede a este ainda, com valor quer de substantivos, quer de adjectivos; neste último caso ambos valiam então por «ninguém» (4). Da junção ainda da mesma partícula negativa ao pronome quis, no caso acusativo, resultou outro composto, nec quem, que produziu *nenguem*,

---

(1) Encontra-se esta forma em Viterbo, mas é possível que, como noutros casos (*dieiro, antreliar, vio*, etc.), se tivesse omitido o til sobre o *e*, estando assim por *nẽguum*.

(2) Estas formas foram precedidas por *neun, neũa* (Cf. *Canc. Ajuda*, 5, 28, 8, 22, 11, etc., 248, 16, etc.) ou *niun, niũa* (id., 10, 6, 4, etc.), comparáveis às italianas *niuno* ou *niun* e *niuna*, depois, pela nasalização, resultante do *n*- inicial, é que resultaram as dadas acima. Da grafia *nẽ hũu* parece deduzir-se que havia consciência da entrada no composto do artigo indefinido.

(3) Na linguagem popular, pelo menos de parte do Algarve, *nenhum*, por dissimilação, também se transforma em *denhum*, forma esta que tem paralelas no provençal *degun* (cf. Schultz-Gora, *Altprov. Elementarbuch*, 37 e 57) e nos espanhóis *denguno, dinguno, dengun*: cf. *Gram. Hist. Castellana*, de Hanssen, pág. 87.

(4) Cf. *Condestabre*, págs. 15, 19, 21, 26, *Montaria*, 89, etc. Nas *Ord. Af. II* lê-se: *Estabelecemos que nem nós, nem nossos sucessores non costrengam nenhuum pera fazer matrimónio*. Na *Rev. Lus.*, XXI, 274 ocorre *nẽhũu* com o valor de *nulo*.

ainda em uso nas falas populares e que deve ter precedido o *ninguém* ([1]) da língua literária, o qual, bem como todos os compostos de quis, ficou invariável e vale por um substantivo.

Da preposição grega κατά, de sentido distributivo, a qual parece ter sido vulgarizada nas regiões limítrofes do Mediterrâneo pelos mercadores gregos a ponto tal que chegou a ser adoptada pelos literatos, figurando na Vulgata (cf. *cata mane, mane* em Ezequiel 46, 14), tirou a mesma língua vulgar o pronome *cada*, que, em harmonia com a sua origem, continuou invariável. Com o mesmo pronome e sobre o modelo do grego καθένα, criaram-se, com ajuda do mencionado numeral, *um*, que parece era de emprego muito frequente na boca do povo, e de *qual* os compostos: *cada um*, cujo último elemento variava em número e género ([2]), e *cada qual*, ainda subsistentes ([3]); com o primeiro destes, precedido de *quis*, que deve ter sido encurtado de quisque, formou-se igualmente o arcaico *quis cada um*, comum também ao antigo castelhano e galego ([4]).

Este mesmo pronome *qual*, que, vimos já, entrara também na língua popular como simples e na qualidade de relativo, e ainda outros três, relativos e interrogativos, *quem*, *que* e *quanto*, uniram-se ao verbo quaero, que no latim vulgar da Hispânia, substi-

---

([1]) Esta forma *ninguém*, como a arcaica *ningũu*, atrás mencionada, deve ter a mesma explicação que o *ninguno* castelhano; Pidal (*Gram. Histórica española*, pág. 240) é de opinião que a partícula nec foi aqui substituída pela conjunção ni, a qual sob influência de non (cf. *sim*, arc. *si*), se teria convertido em *nin*.

([2]) Na *Cr. de D. Fernando* lê-se, cap. CXXI, *ferindo-se de boa mente cada huuns como melhor podiam*. Também na *Reg. de S. Bento*, XL, ocorre a expressão *cada hũus*.

([3]) Como simples, *qual* tem por vezes também o valor de indefinido; é o que se dá nestes exemplos; *todos concorreram para isso, qual mais, qual menos; qual do cavalo voa..., qual geme, qual*, etc. cf. *Dicionário* de Morais s. v. *qual*. Em igual sentido dizia o antigo galego *quem*: assim: *E cada hun deles tragia quen tres cavaleyros, quen quatro, quen seis* (*Crónica Troiana*, I, 183).

([4]) Com a mesma significação também se usava só *quis* e também *quis qual*: vejam-se os exemplos respectivos em *Cantigas de Amigo*, vol. III, *Glossário*, s. v. e *C. V.* n.º 1.198, aos quais junte-se mais este, colhido no *Flos Sanctorum* antigo: *quis qual he taes palavras diz*, cf. *Gloss. C. A.* s. v. *quis*. Em vez de *quis*, Berceo usa também quisque, que, como quis, tem toda a aparência de latinismo.

tuíra volo, e com ele, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, em vez da segunda do mesmo tempo da linguagem literária, formaram os compostos: *qualquer*, em que só o primeiro componente é susceptível de plural, como verdadeiro adjectivo, *quemquer*, o arcaico *quequer* (1), que no antigo português valia por «qualquer coisa», ambos considerados como substantivos e portanto invariáveis, aplicando-se o primeiro a pessoas e o segundo a coisas, e também o arcaico *quantoquer*, de sentido e flexão idênticas a *qualquer*, do qual se diferençava apenas em designar quantidade, enquanto o último se aplicava a qualidade. Entre os elementos componentes destes três primeiros pronomes introduziu-se o reflexo *xe*, resultando de aí as formas arcaicas *qualxequer* ou *qualxiquer* (2), *quemxiquer* e *quexiquer*, ainda vivas no século XVI ao lado das primeiras (3).

---

(1) Ocorre este pronome, entre outros passos, nos seguintes: *nós avemos forte e firme que quer que seja feyto per o dito procurador* (cf. *Documentos portugueses de Pendorada,* publicados na *Rev. Lus.*, vol. XI, pág. 88); *faça deles herdamento que quer que lhe aproug[u]er. (Rev. Lus.*, VII, 74), *com quequer a fome venço (Sá de Miranda* de D. Carolina M. de Vasconcelos, pág. 711). Podia vir também precedido de *al*, significando então: *outra qualquer cousa;* ocorre esse composto nas citadas *Cantigas de Amigo* e *Ord. Af. II.* Tanto o arc. *quequer*, como o actual *quemquer* tornam-se relativos quando seguidos do pronome *que*, caso que se dá nos dois primeiros exemplos citados. *Quequer* subsiste ainda hoje, mas só precedido do pronome *o* e seguido de *que* e o verbo *ser* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ou conjuntivo, isto é, *o quequer que é* ou *seja*, locução esta a que os gramáticos dão o nome de *pronominal indefinida,* como estoutras: *seja quem for, fosse quem fosse, quemquer que seja.*

(2) Em antigo galego existiu igualmente este pronome composto, ao lado de *qualquer*, como em português. Hoje aquela língua usa empregar também na terceira pessoa do conjuntivo o verbo *querer* que os compõe. Entre o pronome e o verbo não era raro meter-se outra palavra, como se vê destes exemplos: *em qual logar quer que seja, qual de seus nembros quer* (Cf. Diego, *Gram.*, pág. 101). Igual prática dava-se em português, como mostram estes exemplos: *qual delles quer (Livro dos Bens de D. João de Portel,* LXXIV), *em qual tempo quer (Foral de Beja* nos *Inéditos,* 482). É que então havia consciência nítida da composição destes pronomes.

(3) Assim em Sá de Miranda: *gado velhum de quexiquer espantoso*, pág. 175. Também em antigo castelhano: *quien se quier, quisquier, quesquier*, etc., cf. Pidal, *Gram.*, pág. 177 e a sua edição do *Cid* (gramática e vocabulário).

O mesmo pronome quantu-, que, sob a forma *quanto* ou *canto*, como se dizia antigamente e se ouve ainda ao povo, figurava entre os simples, entrou também no número dos compostos, umas vezes com o primeiro elemento ali-, que já tinha no latim literário, outras com o advérbio *já*, dando assim *alquanto* e *jáquanto*, que se encontram no português arcaico [1]; com o adv. *já*, o *quanto* podia ser substituído por *que*, donde a expressão *já que*, no sentido de *um pouco, alguma coisa*.

Com o pronome *algo*, junto ao substantivo *rem*, de uso muito frequente na antiga língua, onde coexistia com o vocábulo *coisa*, de sentido idêntico, formou ela o composto *algorem* ou *algorrem*, verdadeiramente pleonástico, pois que exprimia por duas palavras a mesma ideia que se continha já no seu primeiro componente [2].

22. *Nomes usados com o valor de indefinidos.* — Entre as palavras a que a língua popular deu foros de pronomes indefinidos figura esta última, *rem*, que, quando precedida de negativa ou da preposição *sem*, tinha o mesmo valor que o já então existente e ainda hoje vivo *nada* [3], que provém do adjectivo verbal nata, a princípio usado junto àquele substantivo, mas que por fim só por si veio a significar tanto como os dois vocábulos, que tinham tomado o lugar do nihil clássico, desaparecido da língua vulgar, e a assumir sentido contrário a *algo*.

---

[1] Como outros pronomes da mesma classe *(muito, pouco*, etc.), *alquanto* e *já quanto* passaram também a exercer as funções de advérbio: cf. *Dicionário*, s. v. e este exemplo: *molheres segraes... já quanto de boa idade (Flos Sanctorum)*. No mesmo caso está *já que*: cf. *Glos. Canc. Ajuda*.

[2] Segundo Leite de Vasconcelos *(Lições de Fil.*, 67), está por *algo de rem*, expressão idêntica ao pop. *tudenada*, proveniente de *tud'denada* e que se ouve ao lado de *tudo-nada*. A par de *algorrem* dizia a antiga língua também *algũa rem*.

[3] Podem ver-se exemplos de *rem*, nas condições apontadas, no *Dicionário* de Morais, s. v. Como se sabe, o pronome *nada* vale tanto como «coisa nenhuma». Com este pronome e a negativa *non* (hoje *não)* formou-se o composto *nonada* que, valendo por substantivo dos dois géneros, geralmente, no sentido em que ainda hoje empregamos o simples, se encontra frequentemente nos quinhentistas. Sobre *no* = *non*, cf. *no'mais* em Camões. De *nada* há também o diminutivo *nadinha*, igualmente tomado como substantivo.

O mesmo adjectivo verbal costumava acompanhar, no género masculino, é claro, o substantivo *homem*, que, ou só (1) ou com aquele adjectivo, figurava igualmente como indefinido, prática esta que o latim vulgar imitou talvez do literário e transmitiu às línguas em que evolucionou.

Com sentido idêntico ao vocábulo mencionado, *ome* ou *homem*, a antiga língua, seguindo uma prática já existente no latim vulgar, usava empregar também o substantivo *pessoa;* hoje persiste ainda o mesmo uso com a diferença apenas, que ascende já ao século XVI, de fazer preceder esta palavra do numeral feminino *uma*. A par de *pessoa*, ocorre frequentemente, sobretudo na fala popular, o nome *gente*, que, como aquele, costuma neste caso tomar o género, pedido pelo sexo da pessoa a que se refere (2). No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*.

Outro substantivo figurava no antigo português com o valor do pronome indefinido e equivalente a «nada», era *migalha*, que representa um diminutivo de mica, isto é, *micacula, precedido da partícula *nem*, ou seja *nem-migalha* e, por dissimilação, *nemigalha* ou *namigalha* (3).

Tomaram finalmente lugar entre os pronomes indefinidos e ainda

---

(1) A única diferença está em que a linguagem erudita empregava homo no plural e a popular preferiu o singular. Podem ver-se exemplos de *homem*, como equivalente ao pronome francês *on*, de idêntica proveniência, nos *Estudos da língua Portuguesa* de Júlio Moreira, I, 103. A expressão *homem nascido*, conhecida igualmente do francês e castelhano arcaicos (este por analogia dizia também *mugier nada*, *Poema de mio Cid*, verso 3.285), encontra-se em Gil Vicente que diz no *Auto da Índia: E depois homem nacido não veio onde vós cuidais*, onde, por causa da negativa, vale por *ninguém*.

(2) Cf. por exemplo, esta frase popular: *se um homem (uma pessoa, a gente) diz qualquer cousa, àque de Deus.*

(3) Ocorre já nos antigos documentos escritos o vocábulo *nemigalha*, que em antigo calão soava também *nemichalda*, como se pode ver em Morais s. v. Com igual sentido a linguagem popular do tempo de Gil Vicente e a de hoje ainda empregava e emprega outros substantivos que se podem ver em J. Moreira, *Estudos*, vols. I e II, págs. 147 e 36 respectivamente, processo que não é exclusivo do português, como ali prova o autor.

no latim vulgar os advérbios *mais* e *menos*, os quais, consoante a sua origem, são invariáveis e figuram umas vezes como adjectivos, outras como substantivos.

23. *Partitivo.* — Afora os pronomes estudados, apresenta o nosso idioma, sobretudo no seu período arcaico, certas expressões que, por corresponderem a um dos empregos do genitivo, chamado *partitivo* em latim, englobarei sob este nome. Como é sabido, entre as várias funções deste caso, figurava a de, posposto a palavras designativas de *parte*, indicar divisão de um todo. Processos existentes em várias línguas românicas levam-nos a supor que o latim vulgar, suprimindo o termo indicador da parte, ficou apenas com o genitivo que, como já se disse, foi substituído pelo ablativo, acompanhado da preposição *de*. Assim, ao lado da expressão: *da mihi aliquid panis* [1], diria ele também *da mihi de pane*, donde a expressão francesa *donnez-moi du pain* e a italiana *datemi del pane*.

Esta maneira de exprimir, que hoje apenas ocorre em modos de dizer tais como: *dê-me disso, traga-me daquilo*, era muito frequente na antiga língua, a julgar dos inúmeros exemplos que dela se encontram nos escritores, citarei apenas os seguintes: *bebia do vinho mais que lhe compria (Rev. Lus.*, XI, 214); *elle pedio-lhe per aravia da agoa por Deus (Port. Mon. Hist. Scriptores*, pág. 275); *não lhe abastará comer da vaca com da mostarda* (Gil Vicente, I, 64); *vós outros quereis comprar das virtudes* (id., 66); *semeai das favas* (id., 154); *filho, amor, queres do pão?* (id., II, 382); *dá-lhe* (aos lavradores) *a fonte clara d'água pura* (Camões, *elegia* III), etc., etc.

Como ainda o faz a língua francesa, o antigo português omitia o artigo e empregava apenas a preposição *de*, se o substantivo, tomado em sentido partitivo, vinha precedido de adjectivo, advérbio de quantidade ou pronome correspondente à forma neutra latina, e assim dizia: *ali poderia omem veer* **de** *bõos cavaleiros (Rev. Lus.*, VI, 340); *veriades* **tantos** *jazer em terra* **de** *mortos e* **de** *chagados* (ibidem); *vos darei bõas toucas... e* **doutras** *dõas (C. V.*, 689);

---

(1) O latim clássico diria: *da mihi panem*, todavia Tito Lívio diz: *de praeda parcius... dederat* (XLV, 35) e na Vulgata lê-se: *afferte de piscibus* (S. João, XXI, 10); *catelli edunt de micis* (S. Math., XV, 27).

a que Deus tan **muito de** *ben deu (C. A.,* 333); *o meu amigo á* **de** *mal* **assaz** (id., 104), **quanto** *trazerei* **de** *vinho?* Gil Vicente, II, 263; *e vos dirá Damasco* **quantos** *lhe dá* **de** *combates Portugal* (id., II, 284).

Como no caso antecedente, o português, neste segundo processo, não fez senão imitar o latim que, depois do pronome, adjectivo neutro ou advérbio, empregava em genitivo o neutro do adjectivo, se este fazia parte dos de tema em *o*, ex.: *quid pulchri, multum novi, nihil boni*, etc.

Ao partitivo pode referir-se também o uso, que a língua arcaica fazia, da expressão *deles, delas* (1), na acepção de *alguns algumas;* são frequentíssimos os exemplos: mencionarei apenas estes: *sete lurigas de cavalo cõpridas e hũi çaga de luriga e* **dellas** *sson rotas a lugares (Arq. Portg.,* pág. 232); *poem-se* **delas** (estrelas), *nascem* delas *(Sá de Miranda,* 179); *e* **deles** *darão mil ais e* **deles** *dirão amores* (G. Vicente, I, 231); *e ostras trazerei* **dellas?** (id., II, 263).

Incluo também entre os partitivos, embora mais rigorosamente devesse figurar entre os relativos, a palavra *ende* ou *en,* proveniente do advérbio latino inde, da qual a antiga língua se servia, como o faz ainda o francês, com referência a expressão já mencionada e no sentido de «alguma coisa, dele, dela, disso». Abundam igualmente deste uso os exemplos, citarei apenas os seguintes: e *sempre'***end'** (i. é, de casarem a sua amada) *eu, ouvi pavor (C. A.,* 5.733); *non poss'oj'osmar* **end'** (das coitas) *a maior (C. D.,* 955); *tant'averia* **en** (de lhe mostrar desamor) *coita forte* (id. 1701); *fiz* **ende** (o que fora resolvido) *êste público estrumento (Rev. Lus.,* VIII, 74); *nam sabedes vós* **em** (de ter sido maltratada) *nada (C. V.,* 282), etc. (2).

---

(1) Usa-a Garrett, no «Prólogo» da 2.ª edição da *Adosinda,* dizendo «*delas* (peças) anónimas e verdadeiramente tradicionais, delas de autor desconhecido», pág. 4, da edição da *Hist. de Portugal.*

(2) Podem ver-se mais exemplos do partitivo em Júlio Moreira, *Estudos da língua portuguesa,* I, 66 e II, 64.

CAPÍTULO III

Verbo

24. *A conjugação latina e a portuguesa.* — Ao contrário da declinação que foi, como vimos, a tal ponto alterada que se pode dizer ter desaparecido quase por completo, a conjugação conserva ainda hoje, com diferença apenas sensível, toda a abundância e variedade de formas que possuía em latim. Para essa conservação deve ter contribuído mais do que a consciência persistente dos papéis atribuídos na fala às várias desinências indicadoras dos acidentes do verbo, a necessidade para quem falava de exprimir com clareza o seu pensamento, evitando equívocos. Aquela diferença consiste, afora as alterações necessàriamente introduzidas pelo tempo na fonética, na perda de certos tempos e criação de outros novos. Com efeito, o latim vulgar, a exemplo do clássico, que, contràriamente ao grego, perdera quase por completo a voz média e o dual [1] e apenas uns restos conservara do modo optativo da antiga língua indo-europeia, perdeu igualmente certas formas, foram elas: o *futuro do indicativo*, para o que contribuiu decerto a confusão que, pela troca do *b* em *v*, se estabeleceria com a terceira pessoa do pretérito dos verbos da primeira e segunda conjugações, que assim ficavam sendo iguais, e a semelhança que, nos verbos da terceira e quarta, ele tinha com a primeira do conjuntivo dos mesmos; a *passiva dos tempos derivados do tema do presente*, decerto pelo desconhecimento que a pouco e pouco se estabeleceu da diferença existente entre as expressões formadas com o particípio passivo e indicativo presente e as constituídas pelo mesmo particípio e o pretérito do verbo sum, perda esta que arrastou a das

---

[1] Digo *quase por completo*, porque no latim clássico ainda existem vestígios tanto da voz *média* do grego, como do *dual*; aquela nos verbos que indicam que o sujeito tem interesse na acção expressa por eles, assim: cingor, trahor, induor, etc. (cf. Ernout, *Morphologie historique du latin*, pág. 165); este em duo, ambo e viginti.

formas denominadas depoentes [1]; o chamado *imperativo do futuro*; o *imperfeito* [2] e *perfeito do conjuntivo*; o *perfeito do infinitivo*, pela confusão que, a conservarem-se, decerto se estabeleceria entre os dois primeiros tempos e o futuro perfeito do indicativo e entre o último e o mais que perfeito do conjuntivo; o *particípio do futuro* de ambas as vozes e finalmente os *supinos*, pela semelhança que existia entre eles e o particípio passivo e os tornaria idênticos, dada a sua persistência. Em compensação novas formas se criaram. Assim, para substituir o *futuro*, recorreu-se a um processo que o próprio latim clássico não desconhecia, antepondo-se o infinitivo ao presente do indicativo do verbo habeo e dizendo-se, em vez de amabo, por exemplo, amare habeo ou melhor amare *aio ou *amarai; em toda a conjugação passiva passou a usar-se o processo analítico, que a língua clássica só empregava nos tempos do pretérito, combinando nestes e nos restantes o particípio passado de qualquer verbo com os de *ser*. O romance criou a mais o *condicional*, que o latim não possuía, pelo processo já seguido no futuro, com a substituição do presente pelo imperfeito de habeo, na sua forma contracta, isto é, *amarea, e *tempos compostos* para os perfeitos, mais que perfeitos e futuros, tanto do indicativo como do conjuntivo,

---

(1) Já na própria língua literária se tinha dado em parte a perda dos depoentes, como se depreende da existência de formas, como horto, lucto, partio, sortio, nasco, sequo, mentio, etc., ao lado de hortor, luctor, etc.

(2) Este tempo subsiste apenas em logudorês, um dos vários dialectos compreendidos pelo italiano, no entanto o Dr. José Maria Rodrigues, em comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa (cf. *Boletim da 2.ª Classe*, vol. VIII (1913-1914), págs. 73-93) apresentou grande cópia de exemplos, colhidos em documentos, escritos assim em latim bárbaro como em português, desde o mais antigo até o século XVI, provando a existência também na nossa língua de um representante do mesmo tempo latino sob o aspecto de infinito, isto é, sem as respectivas desinências pessoais, as quais, se aqui se desligaram, nem por isso se perderam, contribuindo para a formação do chamado infinito pessoal, prova que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, não só aceitou, mas até reforçou, em resposta que ao mesmo dirigiu e se encontra no mencionado *Boletim*, vol. XII, fascículo L, pág. 312 e seguintes. Veja-se também Gamillscheg, *Studiem sur Vorgeschichte einer romanischen Tempuslehre* (nas *Actas das Sessões da Academia das Ciências de Viena)* a págs. 260-291.

para o condicional e ainda para o pretérito do infinitivo, os quais se formaram respectivamente, ajuntando ao particípio passivo ou perfeito dos verbos às formas do presente, imperfeito, futuro, condicional e infinitivo de *ter* ou *haver*, substituindo assim a perda do perfeito do conjuntivo e infinitivo, pois que, no lugar do imperfeito, entrara o mais que perfeito. Ainda, continuando na esteira do latim popular de evitar a confusão, o português moderno pôs de parte o antigo particípio do presente, deixando-o subsistir apenas como adjectivo, ficando assim reduzido a simples o papel duplo que já na língua clássica representava.

25. *Alterações fonéticas do verbo.* — As transformações fonéticas que já estudamos nos nomes são as mesmas que se dão no verbo, como porém, as múltiplas e variadas formas que ele reveste, exigidas para indicação de números, pessoas, modos e tempos, naturalmente influem umas nas outras, de aí resulta que a acção analógica se exerce mais intensamente neste que naqueles. Esta força niveladora, tendente sempre à uniformização, manifesta-se assim nas consoantes, que sob a sua influência mudam por vezes de natureza, como também nas próprias formas verbais, que chegam a desaparecer quase por completo, sendo substituídas por outras, tendentes a eliminar a diferença que dantes existia entre elas e resultara de terem os respectivos sons seguido a sua evolução natural. A cada passo se nos deparam transformações, que assentam sobre a analogia, e assim veremos explosivas passarem a contínuas (§ 33, *a)*, antigas formas perderem elementos que as distinguiam de outras e tomarem outros que as assemelham a estas (§ 31, *b)*, deslocar-se o acento (§ 36), reaparecer por vezes a vogal do tema que havia caído (§ 29), eliminar-se outras no tema do presente (§ 30), etc. (1). A influência

(1) A acção analógica chega a incidir nas próprias vogais, cujo som por vezes altera. Assim é que, por exemplo, o *ê* das primeira e terceira pessoas do singular do presente do conjuntivo do verbo *dar* deve a sua qualidade de fechado a analogia com o da segunda do mesmo tempo e número, em que é regular, visto ser longo no latim; note-se, porém, que, ao lado da acentuação moderna, a antiga língua apresenta também a que deviam ter no latim vulgar aquelas formas verbais: cf. *Canc. Vat.*, 479, 10, 541, 14, 1.036, 16 e *Canc. D. Dinis* versos 1.642 e 2.250 e também Nobiling, *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, pág. 37.

da analogia não se manifesta apenas sobre as formas de um mesmo paradigma latino, faz até que este troque com outro ou inteiramente (§§ 31, 33) ou só em parte, já permutando o seu pretérito forte por outro também forte (§ 41), já criando em sua substituição um fraco (§§ 39, 41).

À acção da analogia na perturbação da fonética verbal junta-se ainda a da metafonia, da qual umas vezes resulta a assimilação de sons (§ 31) e provém na maioria dos casos alterações na vogal do radical (§ 27). Mas ainda aqui a primeira destas forças volta a influir, procurando reduzir o número das excepções. É que para quem fala o verbo aparece como sendo composto exclusivamente de tema, que, por indicar a ideia principal, deve permanecer inalterado, à semelhança desta, e desinências, que, exprimindo ao contrário ideias acessórias, quais são as de pessoa, número, modos e tempos, devem acompanhar estes acidentes, por isso, enquanto altera estas, forceja por, quanto possível, conservar aquele intacto e assim, se por vezes mantém as variações resultantes das leis fonéticas, dizendo, por exemplo, *peço, peça,* etc., *sinto, sinta,* etc., contràriamente aos temas respectivos *pedi-, senti-*, outras não se afasta dele, como se vê em *finjo, unjo,* ou, se se afastou, a ele volta, do que são prova as actuais formas *ardo, benzo,* que, em obediência ao tema *arde-,* vieram substituir as arcaicas *arço, bengo.*

26. *Acentuação.* — No verbo a sílaba tónica pode encontrar-se no radical ou na terminação, por isso as formas respectivas denominam-se *fortes,* no primeiro caso, e *fracas,* no segundo.

O acento continua a persistir no verbo como no nome, quando, porém, aquele é polissilábico, manifesta-se por tal forma a antipatia da língua pelos proparoxítonos que, enquanto aqui os tolera por vezes, repele-os ali por completo, resultando de aí ser sobre o infinitivo que as formas fortes se decalcam, as quais portanto acompanham as contracções havidas neste, cuja sílaba protónica recebe sempre o acento, dê-se ou não a recomposição de que atrás (§ 25) se falou. Pode acontecer e realmente acontece que, na sua evolução, o acento, naquelas formas, venha a incidir exactamente na mesma vogal em que se encontrava no latim, como em *folgo, ergo, vingo, velo, colho, lido, colgo, como, perdôo, corôo,* etc., representantes

respectivamente de fóllico, érigo, víndico, vígilo, cólligo, lítigo, cólloco, cómedo, perdóno coróno, etc., mas também sucede o contrário, isto é, que, por se harmonizarem com o infinitivo, diverge o acento nas formas fortes portuguesas das respectivas latinas, o que se observa em *lavro, entrego, povôo, corrijo, apremo, carrego, arremedo, esfrego,* etc. contràriamente a labóro, íntegro, pópulo, córrigo, ópprimo, *cárrico, *reímito, éxfrico, etc. O mesmo se dá nos verbos *-ear,* e *-iar,* que no latim eram constituídos por mais de duas sílabas, os quais, tendo sido nesta língua proparoxítonos, tornaram-se paroxítonos em português, como ressalta da comparação entre *semeio, nomeio, alumio* e sémino, nómino, illúmino, nos últimos, porém, deve ter influído, a par da referida antipatia, aqueles em que o *i,* por ser longo, continuou a manter a primitiva acentuação, como *afio, confio.*

É escusado advertir que o português conservou a diferença de acento que, com excepção dos pretéritos fracos, existia no latim entre a primeira e segunda pessoas do plural do presente do indicativo e conjuntivo e imperativo e as restantes, afastando-se, porém, dele nos tempos indicados na *Fonética,* § 13, *c.* No futuro perfeito vacilava esta última língua com respeito à quantidade do *-i-* (1), o romance naturalmente optou pela breve, o que trouxe como consequência a sua queda na nossa: cf. *Fonética,* § 92,1 (2). Nos pretéritos fortes seguiu esta a acentuação dos fracos, afora as primeira e terceira do singular, desacompanhando o latim ùnicamente na primeira do plural. Não esqueça também que, tendo-se a terceira conjugação latina fundido com a segunda, por esta se regulou a acentuação dos verbos

(1) Note-se que a qualidade de ancípite ou comum que neste tempo, tinha a penúltima sílaba nas primeira e segunda pessoas do plural resultara da confusão com o pretérito do conjuntivo, de forma idêntica, com excepção da primeira do singular, onde o *-i-* fora primitivamente longo, como resultante de optativo, ao passo que breve no futuro: cf. Ernout, *opus laudatum,* § 302.

(2) Todavia em Fr. Pantaleão de Aveiro e numa Regra de S. Bento manuscrita (Códice de Lorvão, n.º 32, na Torre do Tombo) ocorrem formas como estas: *tomaremos, veremos, fazeremos, acharemos, partiremos, estaremos, saberemos,* etc., por *tomarmos, vermos,* etc., isto é, futuro do conj. e infinito pessoal: cf. *Rev. Lus.*, XVI, pág. 86. O mesmo em castelhano: cf. Pidal, 187 e Hanssen, 110.

dela provenientes, passando, pois, a proferir-se vendĭmus, vendĭtis do mesmo modo que debēmus, debētis [1], apenas os verbos de radical terminado em *-n*, no imperfeito do indicativo, decerto por analogia com a primeira pessoa de igual modo, retraíram o acento [2].

27. *Vogais e consoantes na flexão verbal.* — É claro que, no verbo, vogais e consoantes estão sujeitas às mesmas leis fonéticas que no nome, como, porém, a acção da analogia se faz sentir mais naquele do que neste, de aí a sua mais frequente derrogação no primeiro que no segundo. As vogais do radical continuam, pois, a ter em geral nas formas fortes do verbo o mesmo som que no nome, em harmonia com a sua quantidade no latim. Assim o *-a-* conserva-se aberto, quer corresponda a breve, quer a longo, e fechado, se vem antes de nasal (*Fonética,* §§ 18,1, 49,1); vê-se isso em *lavo, bato, parto, abro, valho, traio, chamo, canto, gano,* etc., de lăvo, bătt(u)o, părt(i)o, ăperio, văleo, *trādeo, clamo, cănto, găn-n(i)o, etc.; *i* e *u* longos permanecem inalterados (*Fonética,* §§ 21, 24), como se vê em *digo, rio, fio, vivo, frijo, pinto, mudo, suo, duro, fumo, curo, conduzo,* representantes de dīco, rīdeo, fīlo, vīvo, frīgo, *pīncto, mūto, sūdo, dūro, fūmo, cūro, condūco [3]. Mas, se as vogais latinas ă, ī e ū passaram para o português geralmente sem alteração, outro tanto não sucedeu ao *e* e *o*, que, se exceptuarmos o caso em que vêm acompanhados de nasal, no qual tomam sempre o som fechado, do que são exemplos: *sento, remo,*

---

(1) Sobre vestígios da acentuação da terceira conjugação latina existentes em português veja-se adiante o § 27.

(2) Deve ter sido a seguinte a evolução de tais formas: *ponéa (§ 28, *b,* que se lia *ponía), donde *põia* ou *pũia, punha* (*Fonética,* § 40, *F,* 2). O mesmo para *ter* e *vir.* Sobre a passagem de *oí* para *úi* cf. os pop. *múinho, búinho,* ou *rúim, rũi,* etc.

(3) É escusado advertir que o *ĭ,* quando átono, como no infinitivo, passa regularmente a *e* na linguagem popular, a qual diz, por exemplo, *dezer, vever, fregir, pentar,* etc., transitando, por vezes, de aí para as formas tónicas, como *veves,* etc.; ao invés a língua literária trocou o *e* normal do arcaico *legar* (cf. *Rev. Lus.,* pág. 427) em *i,* talvez para evitar a homonímia com igual forma de sentido diferente.

sonho, *conto*, correspondentes a *sedĕnto, *rēmo, sŏmnio, cŏmputo, na sua evolução, pondo de parte a quantidade que tinham no latim, deixaram-se influenciar pelos sons vizinhos a ponto tal que por vezes mudaram respectivamente para *i* e *u*. As consoantes passaram igualmente no verbo pelas mesmas transformações que no nome, mas, como as vogais, foram, por motivos idênticos, desviadas por vezes da senda encetada, para trilharem outra, que mais tarde lhes foi imposta. É óbvio que, quanto mais próximas do início da língua, maior é o rigor com que obedecem às leis fonéticas, como se quem as proferia, achando-se então na idade infantil, não atendesse a semelhanças, que só mais tarde, com a da reflexão, procurou introduzir nas formas divergentes. Tais alterações, quer de vogais, quer de consoantes, deram-se principalmente nas formas fortes dos tempos do presente, por isso delas nos ocuparemos, ao tratarmos destas.

28. *Conjugações*. — Como é geralmente sabido, havia em latim quatro conjugações, as quais se distinguiam pela letra final do tema, pertencendo respectivamente à primeira, segunda e quarta aqueles verbos em que ela era *-a*, *-e*, *-i*, e fazendo parte da terceira os em consoante ou *-u*. Estas quatro conjugações reduziram-se em português a três, em virtude da confusão que se estabeleceu no latim vulgar da Espanha (com excepção da Catalunha) entre a terceira e a segunda, facto este que não era desconhecido do próprio latim clássico, que nos mostra verbos em que o penúltimo *e* era longo ou breve e que portanto podiam fazer parte duma ou doutra, tais eram fervere, olere, fulgere, subsidere, etc. (1); em todas elas caiu o *e* final do infinitivo, por se ter o *r* encostado, segundo a regra (*Fonética*, § 30, 1), à vogal que imediatamente o precedia.

1.ª conjugação. — De todas as conjugações é esta a mais fecunda, a única verdadeiramente viva, por quanto a grande maioria dos verbos de formação recente a ela pertencem. Já em latim assim era. É ela também a que se mostra mais pura, a única que não vai buscar verbos a outras conjugações; os poucos que dela hoje fazem

(1) «The confusion of second and third conjugation Verbs is intensified in Romance through the approximation of the ĕ and ē sounds» — diz Lindsay, *The Latin Language*, pág. 489.

parte e na língua clássica figuram pertencendo à terceira, como são *torrar, molhar, prostrar, mijar, fiar, minguar* e o arc. *estrar*, devem ter mudado de conjugação ou sido refeitos ainda no latim vulgar [1], segundo se deduz da sua existência, sob a última forma, nas variadas línguas românicas. Nela também ingressaram alguns verbos de origem germânica, como *aguardar, guiar, tratar, roubar, ganhar, albergar*, etc.

2.ª conjugação. — Nesta conjugação foram, como disse, englobados os verbos que em latim pertenciam a duas, a segunda e a terceira, mas com predomínio de aquela que, apenas com a excepção indicada abaixo, ficou sendo o modelo por onde se regularam os verbos que, pertencentes a esta, para ela entraram. Como se a oscilação que se dera no latim continuasse a subsistir em português, muitos verbos, que na antiga língua dela faziam parte, passaram, alguns mesmo ainda cedo, a incorporar-se na terceira, tais são, entre outros, *aduzer*, e seus compostos, *cinger, finger, tinger, caer, onger, enquerer, traer, esparger, cofonder* ou *confonder, correger, empremer*, etc. Da terceira conjugação latina parece haver vestígios em português apenas nos infinitivos *dir, far* e *trar*, que entram na formação do futuro e condicional dos verbos *dizer, fazer* e *trazer*, é de crer, porém, que a redução que eles apresentam e que poderia ter sido motivada, nos dois primeiros, pela dos respectivos imperativos, nos quais caiu, segundo a regra (*Fonética*, 48, 1), o *e* final, ascende já ao latim vulgar [2], que, além dessas formas reduzidas, empregava também, pelo menos, na Ibéria, as completas dicere, facere e *tragere (por trahere). Como conjugação criadora, notam-se nela apenas os incoativos; afora estes verbos, nenhum outro produziu a sua fecun-

(1) Confirma-o o testemunho de um gramático antigo que nos informa da existência na língua popular da forma pectinare, em vez do pectere dos cultos, quando diz; *pecto caput non pectino e pexum non pectinatum*: cf. Lindsay *opus laudatum*, pág. 488.

(2) Grandgent atribui a forma * *fare* também a influência de *dare* e *stare*: cf. *Latin Vulgar*, pág. 219; são seus representantes em galego e castelhano antigos *far* e *fer*. Da acentuação própria da terceira conjugação latina são restos os arcaicos *tréyde, tréydes* (cf. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lus.*, III, 188-289), que só poderiam ter evolucionado de tráhite, tráhitis ou *trágite, *trágitis.

didade, que por isso foi bem fraca e cessou por completo na língua moderna.

3.ª conjugação. — Depois da primeira, é esta a conjugação mais fértil, mas tal fertilidade, ao contrário do que aconteceu naquela, manifesta-se só nos primeiros tempos da língua, tendo-se esgotado depois. Para ela passaram, além dos verbos que no latim faziam parte da quarta, outros que nele figuravam entre os da terceira, principalmente aqueles cuja primeira pessoa no presente do indicativo terminava em *-io,* e ainda alguns da segunda, devido à identidade do som da sua terminação *-eo* com a daqueles, como *parir*, *fugir, sacudir, rir*, **podrir* (1), *comprir, luzir*, *possuir,* (arc.), *gouvir,* etc.; neste caso o *-i-* e *-e-*, que precedem o *-o,* influíram na mudança de conjugação. Já na língua clássica, verbos que faziam parte da terceira, como eram fugere, cupere, parere, mori, aggredi, effodi, porque a sua terminação na primeira pessoa do singular era igual à dos da quarta, têm no infinitivo, a par de aquelas, as formas fugire, cupire, parire, moriri, aggrediri, effodiri. E também a semelhança de forma do pretérito não deixou decerto de influir na mudança de conjugação, como se vê em peto. Mas nem todos os que na primeira pessoa do presente do indicativo acabavam no latim, em *-io, -eo,* passaram para esta conjugação, impedidos decerto pela forma do infinitivo; estão neste caso *caber*, *saber, arrepender, fazer, encher,* etc.; ao contrário, fazem o infinitivo em *-ir,* naturalmente sob influência de outros verbos e formas (2), os seguintes: *seguir,*

---

(1) Embora não exista actualmente este verbo, mas sim sob a forma de incoativo, o adjectivo-particípio *podrido* atesta-nos ter ele já figurado no nosso vocabulário.

(2) Na antiga língua existia o verbo *oferir,* cuja forma, aliás idêntica em quase todas as línguas românicas, assenta, não na clássica offerre, mas noutra popular, *offerire, resultante, como a do seu composto *sofferire, de analogia com aperire, aquele todavia, ao contrário deste, passou à conjugação em *-er,* no entanto, num texto antigo (*Vida de Sam Paulo*, inserta num *Flos Sanctorum,* edição de 1513) ocorre a forma *soffirã* (3.ª pes. do pl. do pret.). O castelhano arcaico dizia também *sofrer*, hoje porém *sufrir*. Por ter o pretérito igual ao dos verbos de tema em *-i*, é que petere passou no latim vulgar para *petire, donde o indicativo e conj. *petio, *petia. Igualmente tollo deve ter passado para

cuspir, construir, mugir ou *mongir* (arc.), *frigir, excluir, remir* e outros, tanto da língua popular como da culta, que no latim não tinham nenhuma daquelas terminações. Nesta mesma conjugação entraram também os poucos verbos em *-jan*, de origem germânica, que vieram fazer parte do nosso vocabulário, como *escarnir, guarnir, guarir*, os quais depois quase todos, tendo-se tornado incoativos, seguiram a destes, isto é, a segunda.

29. *Desinências e sufixos.* — Em qualquer verbo latino e portanto no que lhe corresponde em português afora o radical, que ora se apresenta simples, ora vem acompanhado de um ou mais sufixos (cf. *leg-o, can-t-o)*, outros elementos existem, indicadores das pessoas e tempos ou modos, os quais se diferençam entre si em aqueles virem sempre expressos e pospostos a estes, que por vezes faltam; em razão do seu papel, chamam-se os primeiros *pessoais* e os segundos *temporais;* vejamos agora os destinos que uns e outros tiveram na nossa língua, começando pelas:

a) *desinências pessoais.* — Para indicar as três pessoas que representam no discurso, servia-se o latim de desinências que, com bem poucas excepções, entravam em todos os tempos: eram elas no *singular: -o* ou *-m* para a primeira, *-s* para a segunda e *-t* para a terceira: no plural *-mus* para a primeira, *-tis* para a segunda e *-nt* para a terceira ([1]). Apenas o *imperativo* e o *pretérito* divergiam, o primeiro contentando-se só com o tema para indicação da segunda pessoa do singular e suprimindo o *-s* final à respectiva desinência da mesma pessoa no plural, o segundo conservando na terceira do singular e primeira do plural as desinências gerais, afastando-se, porém, destas na: primeira do singular, que terminava em *-i*, segunda de

---

*tolleo (donde *tolho*, que deu origem ao infinito *tolher)*, sob a influência de collĭgo ou melhor *collio. Assim se explicam muitas outras formas que hoje se afastam da primitiva latina.

([1]) As desinências acima apontadas para a primeira e segunda do singular e terceira de ambos os números são as chamadas *secundárias*, pois as *primárias* tinham a mais um *i* final, isto é, eram *-mi, -si, -ti* e *-nt*, segundo se depreende da comparação com outras línguas da mesma proveniência, cf. Ernout, *Morphologie*, págs. 172 a 176 e Sommer, *Handbuch*, § 329.

ambos os números, que acabava, no singular, em *-sti*, no plural, em *-stis*, e terceira deste número, cuja terminação era *-runt* (1). Se exceptuarmos, na primeira pessoa, o *-o*, mas só no futuro perfeito, em que a sua queda é regular (*Fonética*, § 30,1) o *-m* em todos os tempos e o *-t* na terceira de ambos os números (2), todas as demais características pessoais mantiveram-se em português, tendo sofrido sòmente as leves alterações impostas pela fonética. Todavia o *-m* da primeira, cuja tendência desde o latim era para cair (*Fonética*, § 48,1), aparece, por excepção, na forma arcaica do verbo *ser*, isto é, em *som*, que perdurou até ao século XVI. As desinências *-des* e *-de* da segunda do plural persistiram inalteradas até começos do século XV, desta época em diante o *-d-* principiou a mostrar propensão para cair, até que desapareceu quase por completo nos fins do mesmo, mantendo-se apenas em casos em que está precedido de consoante, com em *tendes*, *vindes*, *tende*, *vinde*, ou nos verbos de infinitivo monossilábico, nos quais da sua queda resultaria confusão com a segunda do singular, como em *ledes*, *lede* (3). No pretérito perfeito o *i*, final, que no latim era longo tanto na primeira como na segunda, estando naquela em vez de um antigo ditongo, manteve-se nas primeiras pessoas dos verbos fracos de todas as conjugações, na primeira, para formar o ditongo *-ei*, e, nas restantes, por sobre ele vir a recair o acento tónico; quando átono ou seja nos verbos fortes, mudou para *-e*, consoante a regra (*Fonética*, § 25),

---

(1) Pròpriamente as desinências são respectivamente *-isti*, *-istis* e *-erunt*, nas quais, além das especiais às respectivas pessoas, a saber: *-ti*, *-tis* e *-unt*, entra um elemento *-is-* (na 3.ª do plural, como nos tempos do mesmo tema, em que se acha entre vogais, este *-s-* passou a *-r-*), que é considerado como um sufixo de aoristo; cf. Ernout, *Morphologie historique du latin*, págs. 302-308.

(2) Na 3.ª do singular, a queda do *-t* dava-se já na língua vulgar, como se vê de várias inscrições, mas depois de ter abrandado em *-d*.

(3) Gil Vicente costuma pôr na boca dos rústicos a antiga desinência *-des*, que algumas falas populares mantêm ainda, mas precedida de um *i*, que se pospõe à vogal temática, assim *andaides*, *correides*, *sabeides*, todavia, a par de *-eides*, ouve-se também *-endes*, por analogia com *tendes*. No imperfeito e condicional o *-e-* das terminações *-áveis*, *-ieis*, ou *áreis*, *-íreis* é por vezes preferido nasalado (*contávẽis*, *corriẽis*, *fugiẽis*, *cantariẽis*, *correriẽis*, *fugiriẽis*): cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, págs. 135-136.

todavia a língua arcaica oferece exemplos da sua persistência ainda neste caso, tais são: *ouvi, soubi, estivi, sivi, tivi, pudi, fizi, pusi.* Devido talvez a influência de semelhantes formas, que concorrem com as normais em *-e,* aparece também em documentos antigos o *-i* final da segunda pessoa, como se vê destas grafias: *provasti, deitasti, enposesti, fezisti,* etc. (1). Igualmente nos verbos fracos da segunda conjugação, o *-i* da primeira pessoa deve ter motivado a troca por igual letra do *-e-* que precede as desinências pessoais das segundas de ambos os números, troca que ocorre na antiga língua, onde, a par das formas regulares, aparecem estas: *prometiste, concebiste, cometistes, registe,* etc. (2). À desinência *-ste* da segunda do singular a linguagem popular ajunta frequentemente *-s,* por analogia com a mesma pessoa dos outros tempos (3), e, por motivo idêntico, troca o *-stes* do plural em *-steis.* Na terceira deste número persistiu, na língua literária, até tarde e ainda dura na popular, a terminação *-rom* (4).

Além da sua assimilação ao pronome *o,* na sua forma arcaica, e posterior eliminação, de que falamos no § 18, o *-s* da primeira pessoa do plural cai, por haplologia, na conjugação reflexa, quando

---

(1) A mesma persistência de *-i* na primeira e segunda pessoas do singular acusa o castelhano nos primeiros documentos em que aparece escrito, mas, como o português, não tardou a substituí-lo por *-e.*

(2) Segundo o testemunho de Leite de Vasconcelos, *Dialectologie,* pág. 133 e *Filol. Mir.,* págs. 388 a 390, subsiste ainda este antigo modo de dizer na fronteira e fala de Miranda.

(3) A força da analogia é tal que no Sul (Algarve) chega a ajuntar-se esse *s* ao gerúndio, quando precedido do pronome *tu,* dizendo-se por exemplo, *em tu indos, vindos,* cf. os meus *Dialectos algarvios* na *Rev. Lusitana,* VII, 51.

(4) É possível que esta terminação tivesse influído na troca de *-am* em *-om,* que em igual pessoa de outros tempos (indicativo presente, pretérito imperfeito, mais que perfeito, condicional e presente do conj. da 2.ª e 3.ª) apresentam várias falas populares, troca que aliás não é moderna, como mostram estas formas, que se lêem na *Crónica da Ordem dos Frades Menores: tornom, murmurom, vinhom, regiom, empuxavom, levavom, tragiom, ouvyom, levariom,* etc. Ainda no futuro o mesmo texto fornece exemplos como estes *maravilharom, provocarom, partirom:* cf. tomo I, pág. XXXV. Cf. também Leite de Vasconcelos, *Dialectologie,* pág. 137.

o pronome que se lhe segue é átono, conserva-se porém, se este desempenha o papel de sujeito, dizendo-se portanto *amâmo-nos*, mas *amâmos nós?* Na segunda do mesmo número, a linguagem culta mantém o *-s* em ambos os casos, mas a popular por vezes omite-o (1); no português antigo tal omissão parece que se dava ainda antes da forma tónica do respectivo pronome, como se depreende deste exemplo: *em que nome fezeste vós aquesto?* (2).

b) *Sufixos temporais ou modais.* — Semelhantemente às desinências pessoais, os sufixos temporais ou modais, que precediam aquelas nas formas em que existiam, continuaram a persistir em português com alteração apenas do do imperfeito do indicativo e só nas segunda e terceira conjugações. Era este em latim, com a excepção única do verbo *ser*, de formação perifrástica, pois que se compunha do tema verbal e mais *-ba-*, imperfeito de um antigo verbo, sinónimo de aquele (3). Este sufixo passou para a nossa língua apenas com a troca regular do *-b-* em *-v-* (*Fonética*, § 40, *B*, 1) nos verbos de tema em *-a*, nos restantes, porém, nos quais ele se lhe seguia também imediatamente, o latim vulgar, que, em harmonia com o arcaico e contràriamente ao clássico, continuou a proceder assim ainda nos em *-i*, deixou cair aquela letra, em seguida ao seu abrandamento, resultando de aí as formas **-ea*, **-ia*, e da igualdade de pronúncia de ambas o ficar alterada, neste tempo apenas, a vogal característica dos verbos da segunda conjugação.

Observação. O imperfeito arcaico em -ibam que, embora de emprego menos frequente, foi contudo usado em todos os períodos da língua latina e era o único admitido pelo verbo eo e seus compostos, parece ter sido preferido pelo povo ao em -iebam, por corresponder na sua formação à dos restantes temas vocálicos. Explica-se a sua evolução no romance pela passagem do *-b-* para *-v-*, a princípio por

---

(1) Também por haplologia o povo faz, por vezes, cair o *-s-* do *-ste*, quando ajunta a mesma letra à segunda do singular, dizendo, por exemplo, *fezetes* ou *fazetes* (influência do infinitivo) por *fizeste*. Cf. igual fenómeno no latim clássico *misti*, *clausti*, *exclusti*, *evasti*, etc., por *misisti*, *clausisti*, etc.

(2) *Acto dos Apóstolos*, IV. 7 apud Cornu, *Portugiesische Sprache*, § 322.

(3) Cf. Ernout, *opus laudatum*, págs. 220-224.

dissimilação em verbos tais como debebam, habebam e depois por analogia naqueles que se não achavam em tais circunstâncias (1). Se ao lado de -bam existiu, no período mais antigo da língua latina, um imperfeito em *-am, formado como -er-am, é duvidoso (Vide Meyer-Lübke, *Rom. Gram.*, vol. II, pág. 282) (2). Lindsay é de parecer que o haver no latim dicam e audiam, ao lado de dicebo e audibo podia ter levado a língua vulgar a criar um imperfeito sem *-b-*, donde proviria o usado pela grande maioria dos idiomas românicos: cf. *The Latin Language*, pág. 493.

30. *Queda do -e final.* — Em virtude da queda da desinência própria da terceira pessoa do singular, veio o *-e-*, que a precedia e representava um antigo *ĭ*, a achar-se por vezes, no verbo, depois das mesmas consoantes que, no nome, o rejeitam em tais circunstâncias (*Fonética*, § 30, 1). Facto igual dava-se também com a primeira do mesmo número no pretérito perfeito do indicativo. Em vista disso os verbos cujo radical terminava por alguma delas perderam esse *-e* final, que umas vezes era o sufixo temporal ou modal, como em *fiz, quis, pus, pês, perdom, empar,* ou *ampar*, etc., constituía outras a vogal temática, como em *sal, dol, sol, fer, quer, pom, faz, aduz*, etc., mais tarde, porém, a língua, por analogia com igual pessoa dos outros verbos, restituiu o *-e* final, mas só às formas do presente do indicativo e conjuntivo, terminadas em *-l, -n, -r* e *s*, resultando de aí ficarem intervocálicas e portanto caírem as duas primeiras destas consoantes, em harmonia com o seu tratamento nesse caso (*Fonética*, § 40, *E*, 2, *F*, 2), sendo aquelas formas antigas

---

(1) Não sendo crível que estes imperfeitos só por si tenham exercido tamanha influência em todos os demais, tem-se procurado explicar a manutenção, no romance, dos imperfeitos em -abam pela existência em osco-ômbrio de um tipo -fam e a perda dos em -ebam e -ibam por, ao contrário, não existirem nos dialectos itálicos nenhuns tipos *efam, *ifam que favorecessem a sua conservação. Cf. Bourciez, *Éléments de linguistique romane*, pág. 86.

(2) Ainda quando tais imperfeitos tivessem existido, cedo teriam desaparecido, pela semelhança que viriam a ter com o presente do indicativo na primeira conjugação, após a contracção dos *-aa-* (**ama-am*, **ama-as*, etc., **amam*, *amas*, etc.) e desde logo apresentavam com o do conjuntivo, nas restantes (*debe-am, leg-am, audi-am*).

substituídas pelas actuais *sae, doe, soe* (1), *põe, perdoe, fere, ampare* e *pese.*

Observação I. Dos verbos em *-l* exceptuou-se *valer,* que continua a manter o *-l-* por influência do infinitivo; por este facto aparece também escrito sem *-e* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo; igualmente *querer* nem sempre o conserva, a analogia porém, com outros verbos de terminação igual, como *fere, sare, tire, pare,* etc., aconselha a dar-lho, como faz em geral o povo.

Observação II. As formas em *-z,* se umas vezes na antiga língua mantinham o *-e,* perdiam-no outras, como mostram as grafias *luze, produze,* etc., ao lado de *faz, aduz,* etc.; hoje, porém, puseram-no de parte por completo; até no imperativo as pessoas cultas o omitem na pronúncia desafectada, dizendo, por exemplo, *faz, traz,* etc.

Observação III. No pretérito perfeito também o *-e* caiu depois de *-s-* e *-z-,* essa queda, porém, na antiga língua não foi constante, pois que, ao lado de formas que o não têm, outras estão que o conservam (2), prática esta que a linguagem popular hodierna continua a observar não só neste tempo, mas ainda no indicativo e imperativo, sempre que àquelas consoantes se segue o pronome *o.*

SECÇÃO I

Presente

31. *Formação dos respectivos tempos.* — Tendo as quatro conjugações do latim ficado em português reduzidas a três, que se distinguem entre si pelas vogais finais do tema, *-a, -e, -i,* o modelo que este seguiu na formação dos tempos foi naturalmente o que lhe subministravam as primeiras, segunda e quarta conjugações daquele. Juntando, pois, a esses três temas as desinências pessoais e sufixos temporais ou modais respectivos, a nossa língua construiu todo o seu

(1) Ou *sai, doi, soi* na ortografia actual pela uniformização dos ditongos *ae, oe,* e *ai, oi.*

(2) Parece que isto se dava só, quando o verbo estava seguido de pronome, dizendo-se *feze-se,* mas *fez.*

sistema conjugativo ou antes aproveitou o já existente, contentando-se apenas com introduzir-lhe certas modificações, que, na sua maioria, incidiram na primeira pessoa do presente do modo indicativo e em todas de igual tempo do conjuntivo. Não contando com a queda da vogal final do tema nas pessoas do tempo e modos mencionados, queda que se dava já em latim nos verbos em *-a* e fora não só provocada pelas respectivas formas dos em consoantes, nos quais a esta se seguiam aquelas desinências e sufixos, mas principalmente resultara de, sendo ela semivogal nas referidas pessoas e tempos, ter esta caído geralmente em tais casos, as alterações realizadas são em parte motivadas pela analogia, em parte de natureza fonética e resultantes quer da qualidade da consoante final do radical, quer da influência que sobre algumas delas e sobre as vogais *-e-* e *-o-* do mesmo a semivogal exerceu (1).

32. *Influência da semivogal sobre: a) as vogais -e- e -o- do radical.* — Vimos já (*Fonética,* §§ 20, 23, 49) que, enquanto as vogais latina *-ā-*, *-ī-* e *-ū-* do radical continuaram a persistir em português, o mesmo não sucede ao *-e-* e *-o-,* que nem sempre tomam o som correspondente à sua quantidade na língua clássica. Assim, se pertencem a verbos de tema em *-a-,* com excepção do caso atrás (§ 26) mencionado, são sempre abertos em todas as pessoas do tempo e modos referidos, ainda quando no latim vulgar tenham sido fechados, como se vê destes exemplos: *espero, peso, erdo, carrego, emprego, arremedo, pego, pesco, seco, choro, melhoro, afogo, mostro, cobro, dobro, podo, logro, sobra,* etc., representantes de spēro, pēnso, hēredito, *carrĭco, implĭco, *reimĭto, pĭco, *pĭsco, sĭcco, plōro, meliōro, effōco, mōnstro, *cūpero, dŭplo, pŭto, lŭcro, sŭperat, etc., porém, se fazem parte dos em *-e* e *-i,* continuam igualmente a persistir, mas como fechados, embora não tenham tido na sua origem quantidade correspondente a este som, como se vê em *teço, rejo, fervo, verto, movo, como, cozo, mordo, sorvo, torço,* etc., de tĕxo, rĕgo, fĕrvĕo, vĕrto, mŏveo, comĕdo, *cŏceo (por coquo), mŏrdeo, sŏrbeo, tŏrceo, etc., facto este que se atribui a

(1) Nos verbos da primeira conjugação não é rara, na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, a troca pelo povo do *-a* em *-e*, sob influência dos da segunda.

influência da semivogal e se torna bem visível, comparando as formas em que ela existe, originàriamente ou por analogia, com aquelas em que não entra, nas quais as mesmas vogais *-e-* e *-o-* se proferem abertas, tenha ou não sido tal a sua quantidade em latim, isto é, *teço, teça, devo, deva, movo, mova, bebo, beba, sofro, sofra* com *teces, tece, tecem, moves, move, movem,* etc. As mesmas vogais *-e-* e *-o-* do radical convertem-se respectivamente em *-i-* e *-u-*, se o verbo em que se encontram é dos que terminam no infinitivo em *-ir-*, assim, ao passo que o latim dizia fĕrio, sĕrvio, *sĕquio (por sequor), vĕstio, dŏrmio, compleo, cŏoperio, etc., diz o actual português, *firo, sirvo, sigo, visto, durmo, cumpro, cubro,* etc., mas *feres, fere, dormes, dorme,* etc. A influência da semivogal neste último caso evidencia-se ainda mais nos verbos que têm passado pelas duas conjugações, pois, enquanto hoje dizemos *corrijo, corrija, confundo, confunda,* dos verbos *corrigir* e *confundir,* diziam os antigos *correjo, correja,* como ainda dizemos do simples *reger,* e também *cofondo, cofonda* nos verbos *correger* e *cofonder* (1).

A mesma influência do *-i* subsequente sobre o *-e-* e *-o-* do

---

(1) Assim se explica tanto a alteração vocálica apresentada por muitos verbos em *-er* como a passagem de *-e-* e *-o-* respectivamente a *-i-* e *-u-* noutros em *-ir*, afigura-se-me preferível, quanto ao primeiro fenómeno, a opinião de G. Viana (*Pronúncia normal portuguesa*, pág. 57) que atribui os sons fechados do *-e-* e *-o-* a influência de *o* ou *a* em sílaba final e imediata à em que eles se encontram, ao passo que antes de outro *e* em iguais condições se pronunciam abertos; assim, a par de *dêvo, dêva, dêvas, dêvam, côzo, côzas, côzam, môvo, môvas, môvam, sôfro, sôfras, sôfram, côrro, côrra, côrras, côrram,* diz-se *déves, déve, dévem, cózes, cóze, cózem, móves, móve, móvem, sófres, sófre, sófrem, córres, córre, córrem,* etc. O segundo fenómeno talvez se possa explicar assim: aí pelos fins do século XIV, segundo se depreende dos escritos da época, parece ter-se estabelecido o costume de, por um lado, assimilar ao *-i-* tónico do infinitivo o *-e-* átono que o precedia, por outro, de proferir como *-u-* o *-o-* átono da sílaba anterior à tónica, e assim em vez de *ferir, medir, pedir, seguir, sentir, servir, vestir, cobrir, comprir, dormir, destroir, conhocer, escolher, esconder,* etc., passou a dizer-se *firir, midir, pidir, siguir, sintir, sirvir, vistir, cubrir, cumprir, durmir, destruir, conhucer, esculher, escunder,* embora na maioria destes vocábulos se continuasse a escrever o *-o-*. Esta alteração influiu logo no presente do indicativo e igual tempo do conjuntivo, intimamente ligado com ele, e assim as antigas for-

radical dos mencionados verbos mostram os seguintes imperativos arcaicos: *segui* ou *sigui*, *espi*, *pidi*, *subi*, *cubri*, *riimi*, etc., os quais, por ser final e átono esse *-i*, que no latim era longo, passaram depois normalmente (*Fonética*, § 25) a *sigue*, *ispe* ou *dispe*, *pide* e *despide*, *sube*, *cubre*, *rime*, etc. Igualmente *feri*, *servi*, **menti*, **senti*, **vesti*, *dormi* foram, ainda por metafonia, substituídos por *fire*, *sirve*, *minte*, *sinte*, *viste*, *durme* (1) e a sua acção chegou a estender-se, decerto por analogia, a verbos em que, como são aqueles cujo tema acaba em *-e*, não era de regra que chegasse, como nos testificam estoutros: *aprinde*, *entinde*, *estinde*, *miti* e *mite*, *time*, *percibe*, *recibe*, *bive*, *escrive*, *escunde*, *cume*, *culhe*, *esculhe*, *tulhe*, *cunhuce*, *curre*, *escurre*, *sufre*, *murde* e *vinde* (de *vender*).

---

mas regulares *meço*, *medes*, etc., *peço*, *pedes*, etc., *dormo*, *dormes*, *servo*, *serves*, etc., foram substituídas por estas *mido*, *mides*, etc., *pido*, *pides*, etc., *durmo*, *durmes*, etc., *sirvo*, *sirves*, etc., e postos em harmonia com elas os imperativos que ficaram sendo: *mide*, *pide*, *durme*, *sirve*, etc. À mesma influência do infinitivo atribuo o *-i*, ao lado do *-e* regular, destoutros: *cubri* (a par de *cobri*), *feri*, *ispi*, *pidi*, *sigui* ou *segui*, *servi*, *subi* e por analogia com estes *aprinde*, *bive*, ou *bevi*, *óuvi*, *fugi*, *ábri*, *entinde* ou *aprendi*, *escolhi*, *estendi*, *recebi*, *colhi*, *miti*, *fazi*, *atendi*, *sabi*, *volvi*, etc. Mas as novas formas não desterraram as antigas e regulares, de modo que, a par das modernas, *sigues*, *sigue*, *siguem*, *sirves*, *sirve*, *sirvem*, *durmes*, *durme*, *durmem*, *acudes*, *acude*, *acudem*, etc., viviam as que as haviam precedido, *segues*, *segue*, *seguem*, *serves*, *serve*, *servem*, *dormes*, *dorme*, *dormem*, *acodes*, *acode*, *acodem*, resultando de aí umas vezes concorrência de antigas formas com modernas (cf. *despir*, *sentir*, *mentir*, *dormir*, *fugir*, *acudir*, *bulir*, *consumir*, *cobrir* (e compostos), *cuspir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tossir*, *ferir*), outras, ora persistência exclusiva destas (cf. *cortir*, *ordir*, *sortir*, *agredir*, *denegrir*, etc.), ora o seu total desaparecimento (*pido*, *pides*, etc., *mido*, etc., *sigues*, *sigue*, etc., *fuges*, *fuge*, etc.), e ainda coexistência de ambas (cf. *estruir* e compostos). Afigura-se-me também que nesta segunda alteração vocálica (passagem de *-e-* e *-o-* a *-i-* e *-u-*) talvez tenha influído o castelhano, língua em que ela é regular (cf. Pidal, *Gram. hist. esp.*, § 114) e então começava a estar em voga entre nós. À primeira alteração da vogal, isto é, à sua passagem de fechada a aberta chama D. Carolina Michaëlis *metafonia*, dando o nome de *apofonia* à segunda ou passagem do *e* e *o* do radical a *-i* e *u-*: cf. *Rev. Lus.*, XXVIII, 16 a 20.

(1) Estão no mesmo caso os verbos *enquerer* e *onger*, que hoje dizemos *enquerir* ou *inquirir* e *ungir*. Neste último entre a actual forma e *onger*, que, se não é confirmada por documentos, se deduz do particípio arcaico *onjudo*, existiu outra intermediária, *ongir*.

Tal foi a evolução sofrida pelas vogais do radical *-e-* e *-o-* nas circunstâncias referidas, evolução que grafias como estas, *servio*, *menço* e *mento*, *dormio*, etc., nos levam a datar de época muito posterior à formação do nosso idioma, veio porém depois perturbá-la a analogia, fazendo que se tornassem iguais às formas em que havia semivogal as que não estavam nesse caso. De aqui resultou que, em vez de se dizer, como antes, por exemplo, *segues, segue, seguem*, *serves, serve* e *servem*, etc., passou a dizer-se *sigues*, *sigue*, *siguem*, *sirves, sirve, sirvem*, etc., estabelecendo-se depois oscilação de formas, oscilação que ainda persiste, até mesmo em verbos pertencentes à língua culta, tais como: *aderir, compelir, reflectir, discernir, convergir, deferir, preferir, digerir, competir*, *repetir*, *repelir*, *advertir*, que obedecem à lei, enquanto *agredir*, *denegrir*, *dirigir*, *tinir*, *dividir, prevenir, progredir, transgredir,* a ela se subtraem ([1]). Onde, porém, a acção analógica mais se fez sentir foi sobre o *-o-* do radical que passou em ambos os casos para *-u-,* para o que contribuiria, além das formas regulares, também a confusão com os verbos que regularmente tinham *-u-,* proveniente de -ū *(Fonética*, § 24). Mais tarde estas formas com *-u-,* que durante algum tempo predominaram, quase com exclusão completa das com *-o-,* foram postas de parte, voltando-se às anteriores, mas não sem que, como acontecera nas com *-e-*, deixasse de estabelecer-se confusão entre as que já tinham normalmente *-u-* e as que o tomaram depois. De aqui resultou haver verbos que hoje se conjugam de ambos os modos; estão neste caso *estruir* e seus compostos *construir, destruir, sumir, consumir* ([2]),

---

([1]) Contribuiu certamente para esta oscilação de formas a confusão que, como nos verbos em *o... ir,* se estabeleceu entre os em *e... ir* e *i... ir*, motivada sem dúvida pelo *-i-*, que uns e outros têm na primeira pessoa do presente do indicativo, e todas as do conjuntivo, naqueles resultante da metafonia e nestes já originário. É em consequência de essa confusão que, a par de *friges, frige, frigem*, que são as formas regulares, pois representam as latinas frīgis, frigit, *frigent (por frigunt), se diz também *freges, frege, fregem.*

([2]) Também em *sumir*, e no composto *consumir* o *-u-*, como longo em latim, devia persistir em português, donde se vê que são mais regulares as formas que o mantêm. Em geral o povo prefere as metafónicas às que o não são, dizendo *entopes, sortes, cortes*, etc., e até *lozes, loze, lozem*, apesar do *u* longo do latim.

e outros que, como *entopir, sortir, cortir, ordir* (também escritos *entupir, surtir*, etc.), possuindo embora ambas as formas, são contudo mais usados com as em *-u-* e ainda outros que só admitem estas últimas. Entre estes figura *cumprir* (antes *comprir)*, o qual, conjugando-se regularmente na língua arcaica, que dizia *cumpro, cumpra*, mas *compres, compre, comprem,* hoje tem *-u-* em toda a conjugação, como se o tivesse tido longo na sua origem. O retrocesso às antigas formas deu também em resultado desaparecerem a mor parte dos imperativos com *-u-*, de que atrás fizemos menção, os quais foram substituídos pelos actuais, tirados do presente do indicativo, subsistindo de aqueles algum raro entre o povo, como *fuge, sube*, ou em locuções que ficaram como fossilificadas, tais são: *curre-curre, cuspe-cuspe, bule-bule.*

Observação I. Além dos imperativos mencionados, outros há ainda sobre os quais deve ter influído a analogia, são: *avi, crei, meti, moi* ou *mui, reti, sei, tulhi, vei* (ao lado de *vee)* dos verbos: *aver, creer, meter, moer, reter, seer, tolher*, que devem assentar não sobre as formas regulares: habe, crede, mite, mole, tere [1], sede, tolle [2], vide, mas sobre outras em que o *-e* final foi substituído por *-i,* como se estes verbos pertencessem à quarta conjugação latina [3]; ao contrário *vem* trocou o *-i* por *-e*, influenciado certamente por tene, imperativo de tenere, verbo este com o qual venire, tem bastantes pontos de contacto.

Observação II. Os verbos *impedir* e *despedir,* que deram entrada na língua em época relativamente moderna, fazendo parte do seu vocabulário culto, obedeceram também à metafonia, pois faziam, nas formas em que entra a semivogal, *impido, impida, despido, despida*, mas *impedes, impede*, etc., depois viu-se neles falsamente um composto de *pedir* e assim passaram a conjugar-se como

---

(1) Segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na *Rev. Lus.*, vol. XIII, pág. 372.

(2) Em rigor o imperativo *tulhe* provêm não da forma latina apontada, mas do indicativo.

(3) É de crer também que por *i* se quisesse representar a pronúncia do *e* final, que tem efectivamente som muito parecido com o daquela vogal (cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 101); em *crei, sei, vei*, pode ainda ter influído a dissimilação.

este, resultando de aí virem as novas formas *impeço, impeça*, etc., do primeiro destes verbos a coincidirem com as que existiam do respectivo incoativo, o antigo *empecer*, que foi quase completamente suplantado pelo novo *impedir*.

Observação III. Influência análoga à do *-i-* parece ter exercido a semivogal *-u-* sobre o *-o-* do radical em consuo e conspuo, que deram *côso* e *cuspo* ou *escupo* (1), como dizia a antiga língua e diz ainda o povo; a respeito de coquo vide § 33, *a*.

b) Sobre as consoantes *c* ou *t, d, l* e *n*. Em qualquer das quatro conjugações latinas podia existir a semivogal *-i-*, quer nas formas em que ela ordinàriamente se encontra — a primeira pessoa do presente do indicativo e todas de igual tempo do conjuntivo — o que era o caso mais frequente, quer em toda a conjugação, o que sucedia menos vezes; para isso era preciso ou que o tema verbal acabasse em *-e* ou *-i*, já de origem, como em ride-re, debe-re, parti-re, já de ligação, como em cup-e-re, fac-e-re, ou que aquelas vogais fizessem já parte do radical, como *mallea-re, *mollia-re. A maioria dos verbos da terceira conjugação não a possuíam, mas, tendo-se os desta incorporado com os da segunda quase por completo, naturalmente por analogia com os dela e os da quarta, os que nesta ingressaram vieram também a ter semivogal nas sete formas apontadas; estão neste caso *caio, traio* (2), que assentam não sobre cado e trado, mas devem provir de *cadeo e tradeo, verbos que, tendo, na língua arcaica feito parte da segunda conjugação, passaram depois à terceira, a que actualmente pertencem. Mas, se exceptuar-

---

(1) Para esta forma admitem Cornu *(Die Port. Sprache*, § 49) e Pidal *(Gram. Esp.*, § 66,3) o étimo *exconspuo*, quere-me, porém, parecer que o simples conspuo explica tanto *cuspo* como *escupo*, tendo este resultado daquele pela metátese do *s*, fenómeno que é comum a ambas as línguas — castelhano e português.

(2) A estes dois verbos deve talvez ajuntar-se também o arcaico *raer*, que ainda não desapareceu de todo do uso (Vide *Rev. Lus.*, vol. IV, pág. 132) e cujas formas nos casos indicados deviam ter sido **raio*, **raia*, não o cito, porém, acima, por ter, nas minhas leituras, encontrado apenas o infinitivo; ao contrário em rōdo, que está nos mesmos casos, não se desenvolveu a semivogal, de aí *rôo*, mas em espanhol *royo*.

mos os poucos verbos de tema em *-a,* que, por ela ser um dos fonemas do radical, a mantinham em toda a conjugação, pode dizer-se que, nos dos restantes temas, a semivogal deixou de manter-se, começando o seu desaparecimento talvez pela primeira pessoa do presente do indicativo, sob influência da segunda do mesmo tempo e modo que não a tinha, e estendendo-se de aí a todas de igual tempo do conjuntivo, é o que se deduz da comparação de *movo, mova,* etc., *devo, deva, temo, tema, parto, parta,* com os seus correspondentes latinos moveo, movea-, etc., debeo, debea-, timeo, timea-, partio, partia; contudo tal desaparecimento não se operou, sem que ela deixasse de influir na vogal do radical que a precedia, quando esta era *-e-* ou *-o-,* como acabamos de ver, nem tão-pouco nas consoantes a que imediatamente se seguia, se eram alguma destas: *c* ou *t, d, l,* e *n,* as quais, sob o seu influxo, sofreram as alterações indicadas na *Fonética,* § 57 [1]. Mais tarde porém, aconteceu por vezes que alguns dos novos sons, resultantes da combinação da semivogal com aquelas consoantes, porque as formas em que se achavam divergiam das restantes, foram postos de parte e ao seu lugar restituídos os mesmos, que de antes lá se encontravam. Assim foi que o *-c-,* proveniente da fusão do *-d- ou -t-* com a semivogal, foi rejeitado de algumas formas e recolocadas as anteriores consoantes, como sucedeu às arcaicas *arço, menço* e *senço,* que foram substituídas pelas actuais *ardo, minto* e *sinto,* tendo as duas últimas sido precedidas por *mento* e *sento,* ainda mais conformes com as restantes. Mas nem sempre a analogia, com toda a sua força assimiladora, conseguiu triunfar e de aí a existência ainda na nossa língua de muitas formas que acusam a influência da semivogal sobre as referi-

---

[1] Estão neste caso os seguintes verbos: *calçar, fazer, jazer, medir, feder, perder, arder* (arcaicos), *ouvir, seer* (arc.), *ver, valer,* etc., todavia verbos há nos quais a semivogal não exerceu a costumada acção sobre as consoantes que a antecedem; tais são, entre outros, *doer, soer, sair, ganir, sacudir,* cujas formas, *doio, soio* (na língua arcaica), *saio, gano, sacudo,* correspondentes às latinas doleo, soleo, salio, gannio, *sucutio, estão em oposição com *valho, ponho, peço;* semelhante irregularidade deve ter provindo de que naqueles verbos as pessoas seguintes à primeira do indicativo ou talvez antes o infinitivo influíram sobre esta, impedindo-a de seguir o caminho regular.

das consoantes e por esse facto tomaram uma feição especial, que estabelece entre elas e as restantes bem nítida separação.

33. *Manutenção excepcional da semivogal.* — Não obstante ter sido, como ficou dito, quase completo o desaparecimento da semivogal, verbos há todavia nos quais ela se manteve, durante algum tempo, no lugar primitivamente ocupado, isto é, logo após a última consoante do radical, vindo depois a cair nuns e a deslocar-se noutros para junto da vogal tónica com a qual passou a formar ditongo, que ou desapareceu, em virtude da analogia, ou perdura ainda, como se vê dos exemplos seguintes: *a) dormio, dormia, comio, comia, servio, servia, *recebio, recebia* (1); *b)* 1.º *feiro, feira, coimo, coima, choiva, moiro, moira* ou *mouro, moura* (2), hoje substituído por: *a) durmo, sirvo, recebo; b)* 1.º *firo, como, chova, morro;* 2.º *queira* (3), *requeiro, requeira, caibo, caiba, saiba, sei,* e *hei;* note-se, porém, que tal deslocamento, com excepção do realizado nas duas últimas formas, que parece ascender ao latim vulgar (§ 34), não foi coevo com a formação da língua antes se operou muito mais tarde, segundo se depreende das grafias *dormho, dormha, servho, servha, comha, cabha,* etc., que ocorrem em escritos dos séculos XIII e XIV e nas quais o *h* tem o valor de *i.*

---

(1) No *Testamento de D. Afonso II,* publicado na *Rev. Lus.,* vol. VIII, pág. 82, por Pedro de Azevedo, vem também a forma departiam, que deve ter-se por grafia latina, em vez de *departam.*

(2) A primeira forma *moiro,* como mais próxima da latina *morio,* é anterior à segunda, que só apareceu, quando o ditongo *ou* foi tornado equivalente a *oi,* e ocorre ainda nos escritores do século XVI, em que parece ter nascido a actual analógica *morro.* Junte-se ainda *ofeiro, ofeira,* do desaparecido *oferir* aos casos da redução do ditongo a vogal, acima exemplificados.

(3) Ao passo que a subjuntiva *-i* do ditongo *ei* caiu em *quero,* forma resultante de analogia com o infinitivo, continua a persistir no presente do composto *requerer;* também a conservava outro composto *enquerer,* que hoje se diz *inquirir.* O arcaico e regular *queiro* vivia ainda no século XVI, pois o emprega, por exemplo, Bernardim Ribeiro, como se pode ver na sua *Menina e Moça,* pág. 54, edição do Sr. Pessanha. Conserva também ainda a semivogal o pop. *aibro,* que representa (e *aibra*) melhor o ap(e)rio latino do que o culto *abro,* que decerto foi precedido por aquele e deve ter resultado, como outras formas, da analogia com as outras pessoas.

34. *Razões das aparentes irregularidades verbais:*

a) *Verbos cujo radical termina por gutural.* — Outra causa da divergência das formas verbais entre si provém da diferente maneira como foram tratadas as guturais, quando seguidas de *a, o* ou *u* ou de *e* e *i* (*Fonética,* § 40 *A,* 3, *B,* 3), mas em muitas nestas condições ainda a analogia fez desaparecer essa divergência. Assim nos verbos de tema em *-a* devia, em todo o presente do conjuntivo a gutural passar de oclusiva a fricativa, obstou, porém, a essa passagem o predomínio daquela, principalmente em igual tempo do indicativo; ao contrário nos dos restantes temas que mantiveram as formas sem semivogal da terceira conjugação latina segue a gutural a sua evolução natural, persistindo antes de *a* e *o,* e portanto na primeira pessoa e em todas dos presentes do indicativo e conjuntivo, e mudando de qualidade nas restantes assim deste tempo como dos demais. Em harmonia, porém, com a manifesta tendência da língua para evitar a irregularidade, sucede por vezes que esta evolução é alterada, introduzindo-se umas a permuta, realizada na gutural antes de *-e* ou *-i,* também nos casos em que ela está seguida de *-a-* ou *-o-,* por isso é que, anàlogamente às outras pessoas do presente do indicativo ou talvez antes ao infinitivo, dizemos, na primeira deste tempo e em todas do conjuntivo, *cozo, coza, tanjo, tanja, finjo, finja, cinjo, cinja,* etc., contràriamente ao que era de esperar das respectivas formas latinas coq(u)o, coq(u)a, (ou coco, coca), tango, tanga-, fingo-, finga-, cingo, cinga- e provàvelmente se deu na fase mais antiga da língua (1), outras, harmonizando toda a conjuga-

(1) Para *cinger* é positivo, como se vê do n.º XCI do *C. de D. Dinis* (edição de Lang), onde se lêem estes versos:

> Madre, moiro d'amores que mi deu meu amigo,
> quando vej' esta cinta que por seu amor cingo
> ....
> e me nembra, fremosa, como falou commigo.

nos quais, embora a rima, por ser assonantada, esteja em *i... o,* se encontra *cingo* a emparelhar com vocábulos em que o *g* tem o som gutural, como são *amigo* e *commigo*. Além da forma citada, também a língua arcaica dizia: *cõstrengo, fingo, frango* e *pungo;* note-se contudo que só a métrica poderá decidir se a gutural

ção e o próprio infinitivo com a primeira pessoa do presente do indicativo, do que é exemplo o actual verbo *erguer*, que de antes parece ter sido palatal em vez de gutural, e ainda outras, pondo de parte a antiga transformação regular, que alterou, consoante as demais formas; estão neste caso *benzo, aduzo* e mais compostos do verbo duco, que antes se diziam *bẽeigo, bẽeiga, adugo, aduga*, etc. Por motivo idêntico, os incoativos trocaram as desinências *-sco, -sca* da antiga língua nas *-ço* e *-ça* da moderna, passando, em vista disso, a dizer-se *mereço, agradeço*, etc., em vez de *meresco, gradesco*, etc.; a língua hodierna contudo, por influência literária (1), restituiu a alguns destes verbos o *-s-* que tinham perdido, sem todavia ter conseguido que ele fosse adoptado pela pronúncia de todo o país, que, na sua maioria, o rejeita (2). Em consequência certamente desta troca de desinências, sucedeu que o verbo *jazer* foi confundido com os incoativos, fazendo, nas formas indicadas, *jasco, jasca*, a par das regulares *jaço, jaça;* o contrário deu-se com o actual *descer*, que foi assimilado àqueles, introduzindo-se em toda a sua conjugação um *-s-*, que de antes não possuía.

b) *Verbos em -eare e -iar.* — Ainda outra causa perturbadora da regularidade, na conjugação portuguesa, reside nos verbos cujos infinitivos terminam em *-ear* e *-iar*. Vimos (*Fonética*, § 20, Obs. I) que o *e* fechado, quando tónico e seguido imediatamente

---

tinha o som de oclusiva ou de fricativa, pois que a antiga grafia por vezes representa esta da mesma maneira que aquela, isto é, põe *g* em vez de *j*: assim do antigo *correger* o *Dicionário* de Morais (8.ª edição) cita as formas *correga* (conjuntivo) e *corrugudo* (particípio), nas quais o *-g-*, a meu ver, deve valer por *j*; note-se que o galego diz ainda *cinguir*.

(1) Em textos antigos, por analogia com as primitivas formas, *cresco, conhosco*, etc., ocorrem já as grafias *crescer, conhoscer, nascer, escaescer, esmorescer*, etc., nas quais, porém, o *s* se fundia com o *c*; por sua vez estas, isto é, *crecer*, etc., influíram naquelas. Por analogia gráfica é que na *Montaria* aparece por vezes *-sce* por *-ce* (*acontesce*, etc., por *acontece*, etc., e na *Crónica Troiana acaesceu* I, 211, *acaezca* I, 206).

(2) Apenas no Sul se ouve em *nascer* o *s*, que deve ser devido a influência culta. Note-se que em parte do Algarve tenho ouvido pronunciar também *narcer*, forma, a meu ver, resultante de dissimilação: s... c = r... c.

de *a-* ou *-o* finais, tomou um *i* para desfazer o hiato, tendo esta prática começado, segundo parece, nos princípios do século XVI e sido fixada de todo só nos fins do mesmo (1). Como era natural, estendeu-se esta ditongação também dos nomes aos verbos em idênticas circunstâncias, isto é, aos em *-er* como *ler*, *crer* e compostos, na primeira pessoa do presente do indicativo e todas de igual tempo do conjuntivo e aos em *-ear* em todas as oito fortes do mesmo tempo e modos. Sucedeu, porém, que tendo o *-e-* átono, antes de vogal tónica, tomado o valor de *-i-*, veio a terminação *-ear* a confundir-se com a *-iar*, que já existia na língua e na qual o *-i-* representava regularmente um *i* longo do latim (*Fonética*, § 21). Assim foi que, por exemplo, os verbos *nomear*, *cear*, *afear*, *alhear* e *criar* (2), que indubitàvelmente são de criação popular, provindo todos eles muito embora de formas com *-e-*, como se vê dos seus representantes latinos, nomĭnare, cenare, foēdare, aliēnare e crēare, enquanto os quatro primeiros mantiveram esta vogal, trocou por *-i-* o último, o que deu em resultado conjugarem-se de modo diverso. Esta confusão, que, segundo se acaba de ver, se dava na língua popular já de longa data, continua-se na culta, pois, ao passo que os verbos *comerciar, incendiar, licenciar, mediar, presenciar, remediar, sentenciar,* se conjugam como *granjear, prantear, vaguear, passear,* conservam

---

(1) Camões, por exemplo, em vocábulos pertencentes à linguagem popular, representa o *-e-* nestas condições, ora por *-e-*, ora por *-ei-*, o que, a meu ver, parece indicar que, ainda no seu tempo, havia oscilação entre as duas pronúncias, seguindo uns a mais moderna em *-ei-*, enquanto outros continuavam a adoptar a antiga, que, como se disse, o povo, sobretudo o do Sul, mantém ainda, note-se, todavia, que o *Cancioneiro Geral*, embora nele predominem as grafias em *-ea*, *-eo*, já apresenta exemplos de ditongação do *-e-*, porquanto, a par de *descreo*, por exemplo, usa também a forma *creyo*.

(2) Como é sabido, nem sempre a ortografia acompanha as alterações dos sons e por isso, enquanto em *criar*, *miolo*, etc., se acha representada a modificação sofrida pelo *e* átono antes de vogal tónica, continua-se a guardar o modo de escrever antigo em *tear*, *atear*, *cear*, *afear*, *arear*, *alhear*, *recear*, *refrear*, etc., não só por conformidade com os respectivos étimos latinos, telare, $\sqrt{\text{taeda}}$, cenare, foedare, $\sqrt{\text{arena}}$, alienare, recelare, refrenare, mas principalmente por influência dos nomes donde tais verbos se derivam, que mantêm o *e*, embora ditongo.

o *i* em toda a conjugação *contrariar*, *copiar*, *evidenciar*, *saciar*, *variar*, etc. Dá-se até a singularidade de *procriar* e *recrear*, embora compostos de *criar*, se afastarem deste, ditongando nos casos mencionados o *-e-* do infinitivo (1). Note-se, porém, que a tendência popular é mais para a terminação *-ear*, como revelam as formas *avaleio*, *contrareio*, *vareio*, *esteio*, etc.; é talvez devido a ela que os verbos *diligenciar*, *negociar*, *odiar*, *premiar*, *amerciar* podem conjugar-se em harmonia com os dois modelos, mas, isso não obstante, *alumiar*, que, na antiga língua, conservava o *-e-* de origem, pois que representa o latim lumĭnare, regula-se hoje, na sua conjugação, pelos verbos em *-iar*.

35. *Presentes anómalos.* — Além das alterações apontadas, sofridas por certas formas do presente na sua passagem do latim para o português, outras se operaram nas mesmas formas, que, pelo seu carácter especial, podem considerar-se verdadeiramente anómalas; são as que se realizaram nos verbos seguintes:

Ser. Decerto em virtude da sinonímia de significação, que na língua vulgar existiu entre os verbos esse e sedere (2), resultou que o primeiro tomou do segundo, que tinha conjugação completa, formas que não possuía ou perdera no território galécio-português, como foram: o gerúndio, infinitivo e portanto o futuro e condicional, o conjuntivo e imperativo. Ainda no presente do indicativo deram-se certas modificações: a primeira pessoa, depois de ter conservado durante bastante tempo a forma regular *som* (3), trocou-a pela actual

---

(1) Ainda, no segundo destes compostos, deve atender-se à significação, pois, quando empregado no sentido de *tornar a criar*, regula-se na sua conjugação pelo simples *criar*.

(2) Cf. em latim bárbaro a frase: *sedeat excomunicatus; Inquirições*, ano 773.

(3) Nos escritos medievais ocorre também a forma *soom*, que pode ser a mesma que a citada acima apenas com a vogal tónica duplicada, segundo a prática da escrita de então; é possível também que nesta forma tenha influído a analogia com os demais verbos em igual pessoa e tempo, acrescentando-se, de harmonia com eles, o *-o* ao *sõ* (= sum), pois nos trovadores (por exemplo em D. Dinis, verso 476) conta-se tal forma às vezes por dissílabo. Acompanhando a evolução de *-om*, aquela forma tornou-se *sam*, que no tempo de Gil Vicente se·

sou (1), resultante da influência sobre aquela de igual pessoa de outro verbo, também de sentido idêntico, *estar* (2); a terceira perdeu regularmente o *t* final (cf. *Fonética*, § 48, 1) e depois o *s*, que a tornava anómala e a confundia com a 2.ª (3); esta do plural foi refeita, ainda no latim vulgar, sobre a primeira do mesmo número, passando de estis a *sutis.

Poder. Deste composto de esse a nossa língua conservou apenas a primeira pessoa do presente do indicativo e, sem dúvida, por influência dela, todo o conjuntivo, mas este alterado em harmonia com igual tempo dos outros verbos da mesma conjugação, trocado o sufixo *-i-* do optativo pelo *-a-* de aquele; as demais formas, incluindo até o infinitivo, foram reconstruídas sobre o modelo da segunda pessoa do singular do presente do indicativo (4).

---

pronunciava do mesmo modo que hoje a terceira do plural, pois em I, 169, rima com *ermitão;* persistem ainda na língua popular as velhas formas. Sobre estas e outras do mesmo verbo cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 140.

(1) Esta só a partir do século XVI, segundo creio.

(2) Se não se preferir explicar antes por evolução de *soo*, resultante de *sõo* e ocorrente em vários textos, isto é, *ôo*, pela costumada pronúncia do *o* final, daria *ou*.

(3) D. Carolina Michaëlis (cf. *Glossário do C. A.)* atribui a queda do *s* a analogia entre *ser* e *haver*, verbos por vezes de sentido idêntico; se o segundo faz *hás*, *há*, o primeiro devia igualmente fazer *és*, *é*. Nos trovadores encontra-se, a par de *é*, também *este* (antes de consoante e *est* antes de vogal) aportuguesamento do *est* latino, que tentaram nacionalizar, ajuntando-lhe um *e* paragógico, tentativa que contudo falhou.

(4) Por este processo, contrário ao seguido pelo latim clássico, que da locução pote est, tornada em potest, tirou analògicamente possum, potes, possumus, etc., criando assim um composto de esse, ressuscitou o vulgar um *poteo, que deve ter existido no arcaico e do qual eram restos, além daquela forma pote, também o particípio potens, usado como adjectivo, e o pretérito potui: cf. Ernout, *Morphologie historique du latin*, pág. 225. Em latim vulgar encontra-se já a forma possas, formada sobre a 1.ª pessoa do indicativo, isto é, posso: cf. Sommer, obra citada, pág. 533. Segundo Grandgent, *Latin vulgar*, § 403, posso, em vez de pŏssum, é usado por S. Gregório e Fredegário, e o pres. do ind. devia conjugar-se assim: possu, posso, poteo, *posseo, pote(s), pote(t), *potemu(s), poteste(s), potet(s), possun(t), *poten(t). O presente do conjuntivo devia ter formas análogas.

Haver. Devido certamente ao seu frequente emprego como auxiliar, o que o tornara proclítico, sofreu este verbo grande contracção, que sem dúvida ascende à língua vulgar, não só no presente como no imperfeito do indicativo, ficando em ambos os tempos reduzido apenas à vogal tónica e desinências que se lhe seguiam, só na primeira pessoa do presente do indicativo se salvou a mais a semivogal, por ter sido atraída pela tónica (1). Mas, além destas formas contraídas, que foram em especial e exclusivamente as segundas destinadas à formação do futuro e condicional, continuaram a subsistir as plenas, na segunda pessoa do singular do imperativo, que no português arcaico era *ave,* substituído pelo actual *há,* tirado do presente do indicativo, primeira e segunda pessoa do plural deste tempo e ainda em todo o imperfeito; da queda do *-b-,* no presente do conjuntivo, por analogia com a primeira pessoa de igual tempo do indicativo, resultaram as actuais formas *haja,* etc.

Na antiga língua foi este verbo muito usado como sinónimo de *ter,* mas, a par dessa significação, possuía já então outra idêntica à que no latim tinha e ainda conserva o verbo *ser;* neste sentido, que é hoje o mais usual e no qual só se emprega na terceira pessoa do singular, vinha o verbo *haver* frequentemente acompanhado, no presente do indicativo, do advérbio de lugar *i,* aconteceu, porém, que este, que em geral estava separado daquele (2), se lhe juntou às vezes, produzindo assim a forma *hai,* que ocorre nos clássicos e hoje subsiste apenas na linguagem popular.

Saber. Em consequência do abrandamento regular do *-p-* intervocálico, a primeira pessoa do singular do presente do indicativo de s a p e r e passou de s a p i o a *s á b i o, forma perfeitamente idêntica a h a b e o, de aí o sofrer igual tratamento, tornando-se em *sei,* como este se convertera em *hei.*

---

(1) A primitiva forma *aio* aparece ainda na *Crónica Troiana,* por exemplo, a pág. 127 e num doc. de 1289, inserto por D. José Perez Porto, a pág. 141 da sua *Memória sobre El Derecho Foral de Galicia.*

(2) A língua arcaica, como ainda faz a francesa, chegava a intercalar outra palavra entre o verbo e o advérbio, conforme se vê deste exemplo: *nom a ja i al* (D. Dinis, *Das Liederbuch,* pág. 13 ou verso 24).

Dar. Estar. Da comparação entre várias línguas românicas deduz-se a existência no latim vulgar das formas *dao e *stao, donde derivam regularmente as portuguesas, *dou* e *estou (Fonética,* § 33, 1). No presente do conjuntivo de *estar* persistiram até bastante tarde [1] as formas regulares *estê, estês, estê, estemos, estedes, estêm,* mas depois as de igual tempo e modo de *ser*, verbo que, como vimos, também fora influído por este, actuaram sobre elas, transformando-as nas actuais *esteja, estejas, esteja,* etc.

Ir. Para a formação deste verbo português contribuíram dois latinos, ire e vadere, que, parece, se tinham tornado sinónimos na linguagem do povo, cedendo o segundo ao primeiro as formas que este perdera e foram: o presente do indicativo, com excepção da primeira e segunda pessoa do plural, que ficaram coexistindo, ao lado das de vadere, todo o conjuntivo e segunda do singular do imperativo, além de que o seu gerúndio foi refeito em harmonia com o infinitivo e segundo o processo, adoptado nos demais verbos da quarta conjugação, de ajuntar-se ao tema o sufixo respectivo (§ 40). No presente do indicativo do verbo vadere parece terem, ainda na língua vulgar, influído dare e stare, pois, como sucedeu nestes, não só a primeira pessoa do singular se contraiu em *vao [2], mas as restantes, com excepção apenas da terceira do mesmo número, que conservou a vogal de ligação, substituíram a desinência pessoal daquela pelas que lhes correspondem, a analogia, porém, com igual pessoa do imperativo restituiu à segunda do singular a vogal perdida, todavia o povo continua a usar a forma arcaica *vás.*

36. *Paradigmas dos verbos regulares.* — Com excepção dos casos apontados (§§ 24, 31, 33), todos os verbos portugueses seguem nos presentes do indicativo e conjuntivo, imperativo e pretérito

---

(1) No século XVI, eram ainda bastante usadas as formas acima citadas, como se pode ver em Sá de Miranda, Gil Vicente, Camões, etc., só posteriormente é que as suplantaram as actuais. Na linguagem popular é frequente ouvir-se, na segunda e terceira pessoas do singular do presente do indicativo, *tas* e *ta*, em vez de *estás, está*, ou antes *stás, stá* (dissimilação).

(2) Esta forma podia dar *vou* (cf. pág. 77) mas os restantes só se explicam pela influência dos verbos indicados.

imperfeito do primeiro destes modos os paradigmas latinos que se seguem:

a) Presente do indicativo

monstro	*mostro* (*Fon.*, §§ 44, 3)	deb(e)-o	*devo*
monstra-s	*mostra-s*	debe-s	*deve-s*
monstra-t	*mostra-*	debe-t	*deve-*
» -mus	» *-mos*	» -mus	» *-mos*
» -tis	» *-des,-ais*	» -tis	» *-des,-is*
» -nt	» *-m*	» -nt	» *-m*
vend-o	*vendo*	part(i)-o	*parto*
» -i-s	*vende-s*	parti-s	*parte-s*
» -i-t	»	» -t	»
» -ĭ-mus	» *-mos*	» -mus	*arti-mos*
» -ĭ-tis	» *-des,-is*	» -tis	» *-des,-s*
» *e-nt	» *-m*	*parte-nt	*parte-m.*

Observação. Sobre a queda da semivogal em debeo e partio, vide § 32, *b* e a acentuação de vendĭmus e vendĭtis § 26. A qualidade de breve que tinha o *-i-* na terceira pessoa do singular dos verbos da quarta conjugação latina deve ter influído no da segunda do mesmo número, resultando de aí ficarem as terminações destas duas pessoas iguais às da terceira, que, como vimos, se fundiu com a segunda. Desta igualdade na segunda e terceira pessoa do singular proveio decerto a substituição, que no latim vulgar da Espanha se operou, de -unt e iunt do clássico por -*ent.

b) Presente do conjuntivo

monstre-m	*mostre*	deb(e)a-m	*deva*
» -s	» *-s*	» -s	» *-s*
» -t	»	» -t	»
» -mus	» *-mos*	» -mus	» *-mos*
» -tis	» *-des,-is*	» -tis	» *-des,-is*
« -nt	» *-m*	» -nt	» *-m*

vend-a-m	*venda*	part(i)a-m	*parta*
» -s	» *-s*	» -s	» *-s*
» -t	»	» -t	»
» -mus	» *-mos*	» -mus	» *-mos*
» -tis	» *-des,-is*	» -tis	» *-des,-is*
» -nt	» *-m*	» -nt	» *-m*

c) Imperativo

monstra	*mostra*	deve	*deve*
» -te	» *-de,-i*	» -te	» *-de,-i*
vend-e	*vende*	partī	*parte*
vend-ĭ-te	» *-de,-i*	» -te	*parti-de*

Observação. O *-ī* da segunda pessoa do singular da terceira conjugação persistiu no período mais antigo da língua (§ 31, *a)*, depois mudou para *-e*, por analogia com igual pessoa do presente do indicativo. Dos imperativos irregulares terminados em *-c* passou para português apenas dic, que sob a forma normal *di (Fonética*, § 48, 1), coexistiu com a actual *dize*, pois ao fac da língua clássica preferira a vulgar o arcaico face, ainda usado por Plauto: cf. *Rud.* 124, *Trin.* 384 e *Pseud.* 28.

d) Imperfeito

monstra-bam	*mostra-va*
» - » -s	» *-»-s*
» - » -t	» *-»*
» -ba -mus	*mostrá-va-mos*
» - » -tis	» *- » -des, mostráveis*
» - » -nt	» *- » -m*
debē-(b)a-m	*devi-a*
» - » -s	» *-»-s*
» - » -t	» *-»*
» -(b)ā-mus	*deví-a-mos*
debē-(b)ā-tis	*deví-a-des,-eis*
» - » -nt	» *-»-m*

vend-ē(b)a-m	*vendi-a*
» -» » -s	» -»-*s*
» -» » -t	» -»
» -» (b)ā-mus	*vendí-a-mos*
» -» » -tis	» -»-*des,-eis*
» -» » -nt	» -»-*m*
partī- (b)a-m	*parti-a*
» - » -s	» -*s*
» - » -t	» -
partī- (b)a-mus	*partí-a-mos*
» - » -tis	» -»-*des,-eis*
» - » -nt	» -»-*m*

Observação. A fusão da respectiva consoante com a semivogal foi causa que os imperfeitos dos verbos de radical em *n* (ponere, tenere, venire) tomassem forma especial, diferente das dos restantes, com excepção do de *ser*, que, como vimos no § 34, já assim nos veio do latim. Sobre o contraído de habere, usado em especial em composição, veja-se o mesmo §.

Acerca da divergência entre o primitivo acento e o actual nos referidos verbos de radical em *-n,* e ainda nas primeira e segunda pessoas do plural nos demais veja-se § 26 e na *Fonética,* § 12, *c.*

Sobre a absorção da vogal do radical pela tónica nos verbos hoje monossilábicos *(crer, ler)* vide *Fonética,* § 30,2.

37. *Infinitivo e formas nominais do mesmo.*

a) *Infinitivo pessoal.* — Conjuntamente com o galego e o mirandês, possui a nossa língua uma forma flexiva do infinitivo — o chamado pessoal — que se encontra já nos mais antigos escritos e parece dever a sua origem ao imperfeito do conjuntivo, mas pronunciado, na primeira e segunda pessoa do plural, com retracção do acento para a sílaba precedente, em virtude da analogia [1].

---

[1] Em consequência dessa retracção o *-e-* postónico caiu naturalmente (o mesmo nos futuros do conjuntivo, na maioria dos casos idênticos aos infinitivos), todavia ele aparece em Fr. Pantaleão de Aveiro (cf. *Rev. Lus.*, vol. XVI, 86-88 e Pidal, *Gram.*, § 118,5): cf. atrás pág. 272, nota 2.

b) *Gerúndio.* Do particípio-futuro passivo, também chamado *gerundivo,* o qual se formara pela adjunção ao tema do presente do sufixo **-ndo,* acrescentado, nos verbos da quarta conjugação de um *-e-,* que o precedia e nele entrara, como no imperfeito do indicativo, por analogia com iguais formas verbais da segunda conjugação, se formara em latim o gerúndio, que passou para português, perdendo na passagem essa vogal que nele se introduzira, como noutras formas, nas quais igualmente caiu (§§ 28, 30), e continuou a ser empregado do mesmo modo que já o era naquela língua, ou como verbo, o que era o caso mais frequente, ou sentido equivalente a adjectivo.

c) *Particípio do presente.* — Do caso acusativo, como nos nomes, proveio esta forma verbal, que, por analogia com a dos verbos das outras conjugações, nos quais ao tema se ajuntava o sufixo *-nte,* perdeu igualmente o *-e-* que, antes deste, havia nos da quarta latina. Nesta língua o particípio do presente, embora por vezes se usasse com a significação de verbo e em sentido idêntico ao do gerúndio, na maioria delas valia por adjectivo. Isto explica o duplo papel que ele desempenhou no antigo português, no qual nos aparece já como verbo e portanto invariável, já como verdadeiro adjectivo, em concordância com o nome a que se referia (1), e ainda

---

(1) De exemplos do emprego do particípio do presente como verbo podem servir, entre outras, as frases seguintes, nas quais ele vale por gerúndio: *cobiiçante nós põer cima aas demandas (Orden. D. Afonso II, in Portug. Mon. Histórica,* pág. 167), *demostrante (a escritura) (Regra de S. Bento,* cap. 7, IV nos *Inéditos de Alcobaça), tẽete o logo de maestre (Arch.,* vol. XIV, 165), *comprinte e aguardante as ditas cousas (Rev. Lus.,* vol. XXI, 273-6). Figura como adjectivo, mas igualmente com valor de gerúndio, nestas: *Nós prior e convento, ventes a vontade* (Viterbo, s. v. *ventes), rogamos as vossas universidades... mandantes-vos (Crónica da Ordem dos Frades Menores,* I, 22), *estando os filhos presentes e chorantes,* (id., 72), *susseguem gouvintes e dizentes (Regra de S. Bento,* cap. e números acabados de citar). É simples adjectivo em: *Desto porém som algũus tam mal conhocentes (Virtuosa Bemfeitoria,* pág. 241), *pessoas minhas conhecentes (Eufrosina,* 112). Podem ver-se mais exemplos em *Teoria da Conjugação* de A. Coelho, pág. 127 e *Estudos da língua portuguesa,* de Júlio Moreira, pág. 93. Na antiga fraseologia notarial costumava empregar-se o particípio do pres. *dante* (cf. *Rev. Lus.,* vol. XXI, 265), mais tarde substituído pelo do pret. e no género feminino, a concordar com *carta, provisão,* etc.

nesta última qualidade, a sua passagem por vezes à classe dos substantivos (§ 55). De uso frequente na língua arcaica, o particípio do presente acabou por desaparecer, como tal, suplantado decerto pelo gerúndio, com que por vezes se confundia no seu emprego, e passou a ser tido como simples adjectivo, deixando contudo vestígios do seu primeiro emprego [1].

d) *Particípio do futuro.* — No período mais antigo da língua encontra-se uma forma em *-doiro,* que era usada e por vezes traduzia o particípio do futuro latino, quer o activo, quer o passivo ou gerundivo; assim, na primeira versão conhecida da *Regra de S. Bento,* aparecem, por exemplo, no capítulo 64: *ordĩadoiro, rendedoiro,* como representantes respectivamente de ordinandus e redditurus [2].

SECÇÃO II

Pretérito

38. *Formação fraca e forte.* — Como tem sido dito, os verbos latinos terminavam os seus temas ora por vogal, ora por consoante, estribando-se nessa circunstância acidental a sua divisão nas quatro conjugações conhecidas. Nos da primeira espécie a vogal temática ora persistia em toda a conjugação com a sua quantidade longa, ora

---

(1) São entre outros: *tirante, salvante, passante,* que hoje são invariáveis e valem por preposições, *temente* (na locução *temente a Deus), tenente* (no nome composto *lugar tenente)* e o seu representante popular, *tente* (que ocorre em *à mão tente:* cf. francês *maintenant), falante* (que se ouve em: *bem falante:* cf. arc. *bem parecente), soante, sciente,* etc. Vide J. Moreira, obra e pág. citadas, Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia,* págs. 187-188. Vive ainda o antigo particípio do presente *meante,* neste provérbio: *em Janeiro mete obreiro — mês meante que não ante.*

(2) Na *Virtuosa Bemfeitoria* também *compridoiro* (que se deve cumprir), *desejadoiro, escusadoiro, ajudoiro;* ocorrem na *Demanda de Santo Graal, preçadoiro e loadoiro,* etc., mas estes adjectivos assentam sem dúvida noutros terminados em -torius; na *Eufrosina,* pág. 249, há ainda *recebondo,* cuja terminação *-ondo* deve corresponder a *-undo* do lat. arcaico, alterado depois em *-endus.*

passava a *i* breve ou caía, no supino; naquele caso o pretérito formava-se em latim pela adjunção ao tema do sufixo *-vi,* neste o modo de formação variava. Os verbos de tema consonântico, sem excluírem completamente aquela maneira, admitiam, na maioria dos casos, diferenças. Era principalmente nos verbos de tema vocálico que se dava a formação em *-vi,* a qual parece exclusiva da língua latina, sendo desconhecida das com ela aparentadas e até dos outros dialectos itálicos (1); nos de tema consonântico ou de vogal breve alternando com longa essa formação operava-se por qualquer dos quatro modos seguintes: 1.º *reduplicação,* que consistia na repetição da sílaba inicial da raiz, tais são os pretéritos dedi, steti, spopondi, pupugi, fefelli, cecidi, pepuli, etc.; 2.º *acrescentamento* à raiz das desinências do pretérito com ou sem alteração, quer da quantidade, quer desta e do timbre da vogal no presente do indicativo, assim lēgi, ēdi, vēni, sēdi, ēmi, vīdi, fūgi, ēgi, cēpi, fēci, bibi, īci, vīsi, strīdi, etc., ao lado de lĕgo, ĕdo, vĕnio, sĕdeo, ĕmo, vĭdeo, făcio, bĭbo, īco, vīso, strideo, etc.; 3.º *sigmatismo* ou adicionamento do sufixo *-si* ao radical, como se vê nos seguintes: finxi, panxi, dixi, fulsi, mersi, fluxi, nupsi, scripsi, etc.; 4.º *adjunção* do sufixo *-ui* à raiz, do que são exemplos estes: cubui, genui, molui, vomui, alui, colui, aperui, potui, rapui, etc. (2). Note-se, todavia, que o último processo era idêntico ao em *-vi,* a diferença estava em que este sufixo só se ajuntava a vogal longa (cf. *amā-vi, plē-vi, trī-vi, sprē-vi,* etc.), quando esta era breve, assimilava-se à semivogal do sufixo, reduzindo-se depois a uma as duas semivogais (monui, por exemplo, está por *monu-ui de *monĭ-ui). À formação em *-vi* dá-se o nome de *fraca,* pela razão de que a acentuação

---

(1) Cf. Ernout, *Morphologie historique du latin,* 291, e Sommer, *Handbuch der Lat. Laut-und Formenlehre,* § 271.

(2) Com excepção do último, como disse, eram conhecidos do indo-europeu todos estes processos de formação do pretérito, apenas o terceiro é que mudou de papel, pois que, tendo sido um antigo aoristo, passou a exercer as funções de pretérito em latim, onde entrou relativamente tarde, mas com fortuna tal que passou a suplantar os outros dois, o que se nota principalmente nos verbos compostos: cf. Ernout, *opus citatum,* pág. 282.

recai, nos pretéritos assim formados, sobre a vogal do tema, contràriamente ao que acontece nos que seguiram algum dos quatro processos indicados, os quais a recebem na própria raiz, chamando-se por isso *forte* (1).

39. *Pretéritos fracos.* — O sufixo próprio destes pretéritos era, como ficou dito, *-vi,* mas, com o decorrer do tempo, nele se operou, ainda no latim clássico, uma contracção, resultante da tendência que para cair tinha o *-v,* principalmente quando se achava entre vogais (cf. sis, latrina, por si vis, lavatrina); por este motivo ocorrem nos clássicos formas como amasti, amastis, amarunt, amaram, amassem, amasse, delessem, delesse, em vez de amavisti, amavistis, amaverunt, amaveram, amavissem, amavisse, delevissem, delevisse; a língua vulgar não só manteve esta contracção, mas levou-a mais longe, estendendo-a também à primeira pessoa de ambos os números, embora na do plural com risco de se confundir com a mesma do presente do indicativo (2), contribuindo provàvelmente para a queda do *-v-* na do singular dos pretéritos dos verbos em *-a,* afora a analogia com as restantes pessoas desse tempo e seus derivados, a supressão que da mesma semivogal realizava também nos em *-i* a língua clássica que, como é notório, dizia audii, a par de audivi. É provável que de igual modo ela tivesse procedido nos verbos em *-e,* pois é bastante evidente a sua preocupação em manter a distinção entre os três temas, mas, se assim aconteceu, e parece confirmá-lo a existência em galego de formas em *-ei,* como *batei, temei,* etc., bem depressa essa terminação foi assimilada à dos verbos

---

(1) Note-se contudo que, tendo embora perdido no supino a vogal temática, pretéritos há, semelhantes na sua formação aos fracos, mas pertencentes no entanto à classe dos fortes, são aqueles em que o *-u-* era consoante, como estes: cavi, favi, fervi, fovi, jubi, lavi, movi, pavi, vovi; nestes o *u* está por *uu*: cf. pejor, e major, que soavam pejjor, majjor.

(2) Conquanto rara, encontra-se essa contracção por vezes; assim enarramus, em Terêncio, mutamus, flemus e consuemus em Propércio, suemus em Lucrécio. Deste último poeta há exemplos também na 3.ª do singular como são amat, inritat, disturbat e da 1.ª fornece-nos Probo estas formas calcai, edificai e *probai. Na época imperial, segundo o testemunho de Quintiliano (*Inst. Orat.*, I, 6, 17), tinham já caído em desuso as formas plenas.

em *-i*, assimilação que igualmente se operou no particípio passado, como veremos adiante (§ 42). Na terceira do singular, porém, o povo ora suprimia o *-v-*, como nas outras, ora conservava-o, mas neste caso deixando cair o *-i-* que se lhe seguia, e assim dizia dedicait, como exmuccaut, triumphaut, pedicaut, etc. (1): foi este último processo, que provàvelmente era o mais usado, o que afinal prevaleceu. Em igual pessoa do plural dos verbos de tema em *-i* a língua vulgar ajuntou à respectiva vogal temática a desinência -runt, ou por analogia com as outras conjugações em que assim procedia, ou por haver conservado a forma arcaica -iiront, que depois evolucionou em -ierunt por motivo fonético, e do mesmo modo se houve nos tempos provenientes deste, substituindo assim as formas clássicas audierunt, audieram, audiero por *audirunt, *audiram, *audiro. Em virtude da queda e manutenção do *-u-*, de que falamos, respectivamente na 1.ª e 3.ª pessoa do singular, resultou, na 1.ª e 2.ª conjugação, unirem-se no primeiro caso, o *i* final, no segundo aquela semivogal às vogais temáticas desses verbos, as quais continuaram acentuadas e, consoante a regra *(Fonética,* §§ 18, 2, 20, 2), formarem os ditongos *-ei, -ou* e *-eu.* São portanto os seguintes os paradigmas do pretérito e tempos afins:

a) Pretérito perfeito

*monstrai	*mostrei*
monstra-sti	*mostra-ste*
*monstraut	*mostrou*
*monstra-mus	*mostra-mos*
monstra-stis	*mostra-stes*
monstra-runt	*mostra-rom mostra-ram* (2)

(1) As inscrições dão-nos testemunho da existência na linguagem popular de ambas as formas, por quanto, ao lado de dedicait, laborait, etc., fornecem-nos as citadas acima, provenientes de Pompeios (cf. C. I. L. n.os 1.391 e 2.048); Sommer, dá ainda *edukaut* (pág. 577, 2.ª edição).

(2) Nalgumas partes (fronteira de Trás-os-Montes, Norte e Centro, o Ribatejo, certos lugares da Beira-Baixa e mais ou menos em todo o Sul) o povo, por

*debei	* *devei, devi*
*debe-sti	*deve-ste*
*debeut	*deveu*
*debe-mus	*deve-mos*
*debe-stis	*deve-stes*
*debe-runt	*deve-rom, deveram*
vendĭdī, *vendī	*vendi*
vendidi-sti, *vendĭ-ste	*vende-ste*
*vendidiut, *vendĭut	*vendeu*
vendidi-mus, *vendĭ-mus	*vende-mos*
vendidi-stis, *vendĭ-stis,	*vende-stes*
vendiderunt, *venderunt	*venderom, venderam*
partīī, *partī	*parti*
parti-sti	*parti-ste*
*partiut	*partiu*
parti-mus	*parti-mos*
parti-stis	*parti-stes*
parti-runt	*parti-rom, parti-ram.*

---

analogia com igual pessoa das outras conjugações, troca em *-i* o *-ei* da 1.ª do singular nos verbos em *-ar* (ex.: *andí, parí*, etc., como *deví, partí*, etc.); noutras partes (fronteira de Trás-os-Montes, Norte e Centro), como aliás o pratica também o dialecto mirandês, igualmente por analogia com a mesma pessoa, mantém o *e* na 2.ª do mesmo número e 1.ª e 2.ª do plural, dizendo *salteste, saltemos* e *saltestes*, e, como consequência, nos tempos derivados do mesmo tema assim: *saltera, saltesse* e *salter;* ainda noutras (Ribatejo, distritos de Coimbra e Portalegre, muito raramente no Norte) antepõe na 1.ª do plural, em todas as conjugações, um *r* à desinência respectiva (ex.: *passarmos, vindermos, fugirmos)*, por influência do mais que perfeito, que ele às vezes usa com valor de perfeito. Note-se ainda que a segunda do mesmo número em muitas falas populares, por analogia com igual pessoa do imperfeito do indicativo e outros tempos, nos quais o fenómeno é normal, ditonga-se o *e* da terminação *-stes (amásteis, devésteis, partísteis);* no Sul, a par de *-rom* na 3.ª do plural, ouve-se também *-rem (fôrem, trôxérem, viérem)*, à imitação do futuro do conjuntivo.

b) Mais que perfeito

monstra-ram, *mostrara*, *debe-ram, *devera*
etc. etc. etc. etc.
vendide-ram, vende-ram, *vendera*
etc. etc.
partī-ram, *parti-ra*
etc. etc.

c) Mais que perfeito do conjuntivo (imperfeito em romance)

monstra-ssem, *mostra-sse*, *debĭ-ssem, *deve-sse*
etc. etc. etc. etc.
vendidi-ssem, *vendĭ-ssem, *vende-sse*
etc. etc. etc.
partii-ssem, parti-ssem, *parti-sse*
etc. etc. etc.

d) Futuro do conjuntivo

monstra-ro, *mostrar*, *debe-ro, *deve-r*
etc. etc. etc. etc.
vendide-ro, *vende-ro, *vender*, parti-ro, *parti-r*
etc. etc. etc. etc. etc.

40. *Conservação de alguns pretéritos fortes.* — Era na primeira e quarta conjugação latina que havia maior número de verbos fracos; à segunda portuguesa, em virtude da fusão operada entre a de igual número e a terceira do latim, à última das quais pertencia a maior quantidade de verbos fortes, em consequência da falta de vogal que neste tempo ligasse a raiz à desinência temporal, veio a caber a grande maioria dos verbos fortes que conseguiram resistir à tendência para fracos que acusa a língua vulgar e provinha já da clássica (cf. sapivi, cupivi, lacessivi, petivi, quaesivi, arcessivi, rudivi). Mas, se alguns verbos fortes conseguiram manter-se,

a sua acentuação, que no latim era tal nas primeiras pessoas de ambos os números e na terceira do singular, sendo dupla (1) na terceira do plural, no português, apenas na primeira e terceira do singular, persistiu. Note-se também que, a exemplo do que já sucedera no latim, verbos há que tendo antes sido fortes, passaram depois à classe dos fracos, estão neste caso, entre outros, *prender, jazer* e *arder.*

41. *Alterações fonéticas operadas nestes pretéritos.* — Em alguns dos pretéritos fortes sobreviventes vários fenómenos de natureza fonética vieram afastá-los um tanto ou quanto dos respectivos protótipos: assim, por influência do *-i* final, o *-e-* e *-o-* da sílaba radical da primeira pessoa do singular passaram respectivamente a *-i-* e *-u-,* como já vimos (§ 32, *a)* sucedera também no presente do indicativo e conjuntivo de certos verbos; deu-se isso em *fiz, tive, vim, quis, pus, pude, fui* e nos arcaicos *prix, crive, sive* (2), a que no latim correspondiam estas formas: feci, tenui, veni, quaesi, posi (3), *poti, fŭi, prensi, *credui, *sedui (por credidi, sedi);

---

(1) A qualidade de comum ou *ancípite* do *-e-* de erunt é atestada não só pela métrica, mas ainda pela epigrafia, que nos oferece formas como *dedro* e *dedrot,* em vez de *dederont*, e pelas línguas românicas: assim o ital. *díssero* e francês arc. *distrent* (hoje *dirent)* só podem ter provindo de *dixĕrunt:* cf. Ernout, *opus laudatum,* pág. 307.

(2) A par desta forma metafónica ocorre também *sevi*, que parece ter sido a mais antiga. Algumas falas populares não observam a metafonia, empregando as mesmas formas nas 1.ª e 3.ª, assim *(eu, ele) pôs, esteve, fez, foi, teve,* etc. Chamo *metafonia* ao fenómeno *apontado,* em harmonia com a classificação de Leite de Vasconcelos *(Filologia Mirandesa,* I, 394), D. Carolina Michaëlis, porém, denomina-o *apofonia*, cf. *Rev. Lus.*, XXVIII, pág. 20.

(3) O verbo quaero (antes quaiso, cf. Niedermann, *Phonétique*, §§ 20 e 41) deve, em latim arcaico, ter feito o pretérito em *quaesi (de $\sqrt{\text{quaes}}$ + si, cf. id. § 58) e o particípio em *quaestus, depois talvez sob influência de cupivi, pretérito do arc. cupire, de sentido aproximado (cf. Ernout, *Morphologie*, pág. 292, nota), passou a fazê-lo em quaesivi, que posteriormente veio a igualar-se à forma primitiva (cf. Niedermann, § 49); deste modo o nosso *quis*, tanto pode representar o pretérito arc., que persistiria na fala popular, como o moderno.

Por seu lado pono, na antiga língua, deve ter tido o pretérito igual ao do verbo simples sino, isto é, posivi, mais tarde também, por analogia com outros verbos, este passou a posui, porém o arc. posivi, que continuaria a viver entre

por analogia com aquela primeira pessoa as restantes, com excepção da terceira do singular, mantiveram a mesma alteração, e ainda esta excepção não se deu no verbo *querer* (1), advirta-se no entanto que a antiga língua, mais fiel ao modelo latino, conservava o *-e-* e *-o-* da segunda pessoa, dizendo: *esteveste, estevemos*, etc., *fezeste, fezemos*, etc., *teveste, tevemos*, etc., *podeste, podemos*, etc., *poseste, posemos*, etc., e, porque desta pessoa tirava os restantes tempos, continuava a manter neles o *-e-* e *-o-* do tema, a moderna, porém, seguindo idêntico processo de derivação (2), teve naturalmente de estender aos derivados a transformação operada no primitivo e assim, em vez dos arcaicos *estevera, estevesse, estever, fezera, fezesse, fezer, tevera, tevesse, tever, podera, podesse, poder, posera, posesse, poser*, passou a dizer *estivera, estivesse, estiver, fizera, fizesse, fizer, tivera, tivesse, tiver, pudera, pudesse, puder, pusera, pusesse, puser*. Na terceira pessoa, uma vez que outra aparece o *-e* final trocado em *-o*; dá-se isso em especial com os verbos *estar, dizer, fazer* e *querer*, note-se, porém, que semelhante troca é antes peculiar ao galego e por isso encontra-se principalmente em escritos nos quais, como as poesias dos trovadores e outros, os seus autores eram mais ou menos influenciados por aquela língua (3). Nos verbos em que a

---

o povo, pela costumada queda do *-v-* entre vogais iguais, reduziu-se a posii, donde posi.

(1) Sobre o verbo *ser*, cuja 3.ª pessoa no pretérito era igual à 1.ª vide adiante.

(2) Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional*, pág. 125, é de opinião que a língua arcaica tomava da 3.ª do singular do pret. os tempos derivados e a actual vai buscá-los à 1.ª.

(3) Naturalmente os trovadores que eram naturais da Galiza, usavam de preferência as formas em *-o*, assim João Garcia de Guilhade só emprega *disso* (a par de *dixe*) e *quiso*, enquanto D. Dinis, sem pôr totalmente de parte os *fezo* e *quiso* galicianos, prefere-lhes os *feze* ou *fez* e *quis* portugueses: cf. as respectivas edições de O. Nobiling e Lang. Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (cf. Introdução, págs. XXXVII e XXXVIII), embora raramente, lá se encontram, ao lado dos nacionais *feze, fez, pose, pos, quis, quise*, os galegos *fezo, poso* e *quiso*. Na *Crónica Troiana* predominam evidentemente as primeiras formas; eis alguns exemplos: *disso*, 1, 120, 134, etc.; *quiso*, 120, 134, 140, etc.; *ouvo*, 121, 136, etc.; *fezo*, 125, 136, etc.; *prougo* ou *prouvo*, 128, 133, 139, 181, etc.; *podo*, 128, 144, etc.; *adusso*, 130, 162, etc.; *soubo*, 134, 141, etc.; *poso*, 135, *tevo*, 143, *jouvo*,

sílaba radical terminava por constritiva fricativa sonora *(s* ou *z)* e esta vinha precedida de *-e-* ou *-o-* tónicos, na primeira e terceira pessoa do singular deu-se a queda do *-e* final, do mesmo modo que na terceira do mesmo número do presente do indicativo, em circunstâncias idênticas, resultando de aí as actuais formas *fiz* e *fez*, *pus* e *pôs* e *quis*, tal queda, porém, ao contrário da operada nos nomes e no presente, nem sempre se realizava, segundo parece, pois ao lado das formas citadas, acusam os escritos medievais outras nas quais a vogal final permanece, tendo até imprimido àquelas consoantes modificação igual à que para o *-s-* resultou da semivogal *(Fonética*, §§ 40, *C,* 2, Obs. e 47); são elas para a primeira pessoa: *fizi*, *fize*, *figi*, *fige* ou *fix*, *pusi*, *puse*, *pugi*, *puge* ou *pux*, *quisi*, *quige* ou *quix,* para a terceira: *feze*, *pose* e *puse* (1). Ainda na terceira pessoa do singular era omitido na escrita, como decerto o era na fala de quem escrevia, o *-o* final, quando se lhe seguia alguns dos pronomes enclíticos; reduzindo-se a *-e* ou *-i* os dígrafos *-eo* (2) e *-io*, ou fundindo-se com a vogal imediata, se esta era idêntica, o que se dava, se o pronome era *os;* por este motivo é frequente encontrarem-se as grafias *defende-lhe, desaparece-lhe*, *parti-se*, *colhe-os, mete-os* por *defendeo-lhe, desapareceo-lhe*, *partio-se*, *colheo-os, meteo-os,* etc.

42. *Restos das primitivas formações fortes do pretérito.* — Dos quatro modos de formação dos pretéritos fortes a língua portuguesa conserva vestígios. Assim:

144, *trouvo* ou *trouxo*, 162, etc., etc.; veja-se a explicação desse *-o* em Leite de Vasconcelos, *Filologia Mirandesa*, 1, 393.

(1) Ao passo que, além das formas citadas, os verbos *pôr* e *querer* tinham, como ficou dito, as actuais *pus* e *pôs* e *quis*, o verbo *fazer* só na 3.ª é que tinha *fêz*. É escusado advertir que o *-e* da 3.ª pessoa dos verbos citados mantinha-se principalmente nos casos em que a tais formas se seguia um pronome enclítico; ainda hoje a fala popular as emprega, com exclusão de outras, em circunstâncias idênticas *(feze-o, puse-o, quise-o)*.

(2) Ao lado da grafia *-eo,* que parece era a mais frequente, ocorrem nos escritos antigos também *-eu,* é duvidoso se pelo primeiro processo os antigos queriam indicar que não consideravam ditongo esse dígrafo. Vide Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional,* a pág. 130. A mesma redução de *-eu* a *-e* nota-se na linguagem do Sul do país; também na desafectada continuamos a não fazer ouvir o *-u* de *-io,* no caso apontado.

1.º — A *reduplicação*, que em latim ainda tinha alguma extensão, embora já mostrasse tendência a desaparecer, foi posta de parte quase por completo, apenas um único pretérito proveniente dela se mantém actualmente, é o do verbo *dar*, o qual ainda assim na 3.ª pessoa do singular sofreu a influência dos verbos fracos da 2.ª conjugação na forma em uso, *deu*, e dos da 1.ª na arcaica e ainda popular e galega, *dou*, formas estas que supõem, aquela uma base *dedut, esta *daut (1); o verdadeiro representante do latim dedit está em *dei*, forma que igualmente ocorre em textos medievais e ainda perdura em parte da linguagem popular. O português arcaico, a exemplo do galego, deve ter possuído também o pretérito *estede, estedeste, estede, estedemos, estedestes, estederom*, etc., o qual corresponde a steti, stetisti, etc., igualmente formado por reduplicação, mas, se o possuiu, como é muito provável, em breve esse pretérito foi refeito sobre o arc. *sive*, de *ser*, verbo sinónimo de aquele, passando cedo à forma em uso, *estive*, etc.

2.º — Dos pretéritos formados por *inflexão vocálica* (tais como scabi, edi, emi, legi, sedi, veni, vidi, liqui, vici, fugi, fudi, rupi, egi, cepi, feci, fregi, jeci, bibi, etc.) a maioria trocou essa formação pela fraca, quatro apenas passaram ao romance e subsistem ainda no português, são: fēci, vēni, vīdi e fui, cujas transformações fonéticas são regulares, havendo apenas a notar que na 3.ª pessoa de *vir* deve admitir-se que a forma lat. venit fora, por analogia com igual pessoa dos fracos, substituída por *venut, pois só assim se explica o arc. *veo* (antes *vẽo)*, moderno *veio*, e que a quantidade de longo que o *-i-* possuía em vīdī, etc., e a queda regular do *-d-* intervocálico, junta à contracção dos dois *ii*, deram a este pretérito o aspecto de fraco, inteiramente semelhante aos de tema em *-i-*; de aí o ser tratado como estes, fazendo na 3.ª pessoa *vio*, contràriamente ao latim vidit. Quanto ao pretérito do verbo *ser*, as formas portuguesas conjuntamente com as galegas, castelhanas antigas, etc., fazem supor que, ao lado das regulares, outras existiam entre o povo, nas quais, à excepção da 1.ª e 3.ª pessoas do singular, caíra

(1) *Davi* e *davit*, nas Glosas C. G. L., IV, 48.

o *-i-* que se seguia imediatamente ao *-u* da raiz. Nos mais tempos derivados do pretérito deu-se igual queda do *-i-* ou do *-e-*, seu representante, tendo-se portanto as formas clássicas, fuĕram, fuissem e fuero, trocado em *fŭram, *fussem e *fŭro.

A 1.ª pessoa do singular, na língua antiga, era tanto *foi* como *fui*, isto é, possuía forma idêntica à da 3.ª, que, depois da queda da desinência pessoal, ficara inteiramente igual àquela; ainda hoje algumas falas populares não fazem distinção entre elas, empregando ambas as formas nas duas pessoas, conquanto outras as invertam, usando de *foi* na 1.ª e de *fui* na 3.ª; é de crer que a primitiva forma fosse *foi*, tanto num como noutro caso, pois assim o exigia a quantidade breve do *-ŭ-* (1) (cf. *Fonética*, § 22, 2), mais tarde o ditongo *oi* passou a *ui* e a língua literária, para distinguir entre si as duas pessoas, reservou para a 1.ª a forma *fui*, continuando na 3.ª a manter o regular *foi*.

3.° — Dos pretéritos formados com adjunção de *-si*, à raiz, ou chamados *sigmáticos*, também se perdeu a maioria, alguns que ainda resistiram na antiga língua, como *arsi*, *ersi* (2), *masi*, *presi*, *adusse*, de *arder*, *erger*, *maer*, *prender*, *aduzer*, não conseguiram manter-se na moderna e passaram a trocar por fraca aquela forma forte; apenas *disse* e *trouxe* persistem hoje. Quanto a *quis* e *pus*, que só aparentemente fazem parte dos sigmáticos, em virtude da costumada redução de *-ivi* a *ii*, passaram de fracos a fortes, ainda no latim clássico, e continuaram a manter essa acentuação no português (3).

---

(1) Entenda-se na língua clássica, pois originàriamente havido sido longo; o latim vulgar parece ter oscilado entre as duas quantidades: cf. Grandgent, *Latim vulgar*, § 431.

(2) O verbo erigere, como outros, trocou no latim vulgar a terminação *-xi* por *si*, ou antes perdeu a consoante final da raiz, *-g*, facto que se dava por vezes também na língua clássica, principalmente quando a gutural era seguida de *s*: cf. indulsi, torsi, mulsi, tersi, alsi, tursi, ursi, sparsi, de indulgere, torquere, mulgere ou mulcere, tergere, algere, turgere, urgere, apargere. Note-se que o infinitivo, pela passagem da 3.ª à 2.ª, perdera a vogal protónica passando de erigere a *ergére. Afonso X, nas suas C. S. M. usa *respos*, como pret. de *responder*, forma que assenta sobre responsi: cf. o autor acabado de citar, § 429.

(3) Já na língua antiga, ao lado da forma forte *conquís*, ocorre a fraca *conquerí*. Hoje o verbo *requerer*, que, ao contrário do simples, mantém ainda a

4.° — Ao pretérito em *-ui* sucedeu o mesmo que aos restantes fortes; como eles, passou, na maioria dos casos, a fraco, todavia alguns, talvez pelo seu emprego mais constante, conseguiram resistir à tendência da língua, que a levava a essa substituição; essa resistência, porém, não foi tão tenaz que um ou outro não trocasse, no moderno português, a forma forte pela fraca, foi o que aconteceu a *jazer*, que, fazendo na língua arc. *jougue*, em harmonia com o lat. jacui, hoje faz *jazi*.

São restos ainda do pretérito forte *-ui* os seguintes: *houve*, *tive*, *soube*, *coube* e o arc. *prougue*, os quais no lat. eram habui, tenui, sapui (a par do fraco sapivi), *capui e placui; este último, por influência de outros verbos de igual terminação, como *trazer*, passou para *prouve*. Também ao verbo *trazer* devemos atribuir dois pretéritos fortes, um sigmático, de que já falamos, e outro em *-ui*; deste proveio o arc. *trougue*, que, por analogia com *haver*, trocou esta forma por *trouve*, que ainda subsiste no povo, e também *troufe*, cuja existência se deduz da forma *troufer*, mencionada por Viterbo e confirmada pela língua popular (¹). Possuía a antiga língua ainda três pretéritos fortes em *-ui*, os quais, como outros, passaram a fracos, eram: *crive*, *sevi* ou *sive*, *valvi*, respectivamente dos verbos *crer*, *ser* e *valer*; os dois primeiros tinham trocado as antigas formas credidi, sedi por *cre(d)ui, e *se(d)ui, adoptando assim na língua vulgar o sufixo *-ui*, que era o mais frequente na 2.ª conjugação (²). Formava ainda o pret. em *-ui* o verbo *potere, donde *poder*, mas nele deve ter-se dado a redução a *-u* do ditongo *-ui*, que, quando muito, se conservou na 1.ª pessoa, como se infere da forma *puide*, que concorre com a actual *pude*,

---

semivogal no presente do indicativo (§ 32), faz no pretérito *requeri*, tendo perdido a forma forte. Também *prover*, se afastou dos compostos de *ver*, trocando pela fraca: *provi*, *proveste*, *proveu*, *provemos*, *provestes*, *proveram*, etc., a forte, que, como o simples, todos os demais continuaram a seguir.

(¹) Cf. Leite de Vasconcelos, *Rev. Lus.*, II, 170-271 e *Dialectologie*, pág. 141.

(²) A consonantização do *-u-* nos antigos pretéritos *crive*, *sive* e também em *tive* resultou talvez da queda da consoante intervocálica: cf. em latim *debui*, mas *amavi*.

resultante da influência do *-i* final sobre a vogal tónica, como ficou dito (§§ 31, *a* e 41); é possível que para essa redução tivesse contribuído a que se operara igualmente no verbo *-ser,* de que, como se sabe, *poder* é composto. Como naquele, o *-u-* também se não manteve nas formas provenientes do pretérito.

SECÇÃO III

Particípio

43. *Formação fraca e forte.* — O processo seguido pelo latim consistia, como é sabido, em ajuntar o sufixo -tus [1] ao tema, quer nos verbos vocálicos, quer nos consonânticos, mas nestes últimos era o *-t-* frequentemente alterado, em harmonia com a natureza da sua consoante final; de aí resultou, como nos pretéritos, uma formação fraca para os verbos de tema em *-a* e *-i* e outra forte para os consonânticos. Quanto aos de tema em *-e,* em consequência da sua fusão com os em consoante, uns adoptaram a formação fraca, outros a forte da terceira conjugação latina, isto é, uns adicionaram à raiz, em vez de -etu, a terminação -utu, própria dos de radical em -u, como consuo, minuo, solvo, etc., e que parece ter gozado de certa preferência no latim vulgar; outros continuaram a seguir a primitiva latina. Mas esta terminação *-udo,* que na antiga língua se estendera em especial [2] a todos os verbos da 2.ª conjugação ou de infinitivo em *-er* que não tinham conservado a primitiva forma forte, não conseguiu manter-se, desaparecendo ainda nos fins do período arcaico, substituída pela dos verbos de tema em *-i* ou *-ido* [3], que cedo

(1) Ou mais rigorosamente -to, pois que o *-s* é desinência casual.

(2) Digo *em especial,* porque, por exemplo, *vir,* embora pertencente aos verbos de tema em *-i,* fez primitivamente o part. em *-udo,* isto é, *vẽudo* ou *vĩudo,* depois *veudo* (cf. fr. *venu,* ital. *venuto),* que desapareceu ante o regular *vĩido,* hoje *vindo;* cf. *Fonética,* § 40, F. 2, Obs. IV.

(3) Do verbo *ver* houve o particípio *veudo* (cf. fr. *vu* e ital. *veduto),* mas esse desapareceu diante do vistus (de *vid-tus) em que o *-s-* deve ter sido tomado do pretérito *visi* estando talvez por *visi-tus.* Conjuntamente com *caido* deve ter existido na língua arcaica *caedo,* formado com a adjunção do suf. *-do* ao

começara a concorrer com ela, apenas uma ou outra forma rara, como *teúdo, conteúdo, manteúdo, temudo*, etc., ficou persistindo, a atestar a sua existência. Mais ainda do que nos pretéritos se revelou a preferência dada pela língua aos particípios fracos, pois verbos há em que, como *prazer, jazer, trazer*, etc., a um pret. forte ela faz corresponder um particípio fraco.

44. *Persistência dos particípios fortes.* — Apesar da tendência da língua para a formação fraca, a ela resistiram muitos particípios fortes que vivem ainda, embora em menor quantidade que na língua antiga, tendo não poucos passado à classe de substantivos, por se haver perdido a noção de adjectivo em que primeiro foram tomados, tais são, por exemplo, *jeito, cinto, chouso, despesa, devesa, empreita, conquista, colheita, peito, estreito*, etc. Mesmo, ao lado de muitos existentes, o português moderno criou outros fracos, que usa de preferência na conjugação, atribuindo àqueles quase sempre o papel de adjectivos; estão neste caso: *aceito, enxuto, expulso, farto, findo, nado, assolto, junto, morto, revôlto, envolto, sôlto, aceso, eleito, escrito, prêso, suspenso, aberto, coberto, extinto, tinto, rôto, frito, contreito, disperso, impresso*, etc. A mesma passagem de fortes a fracos que notamos nos pretéritos também não é sem exemplo nos particípios; assim, o primitivo ventus foi substituído por *venitus, que, devido às transformações por que passou o infinitivo *vir* (*Fonética*, §§ 40, *F* 2, 30,2), deu o actual *vindo* (1). Temos igualmente de admitir que a língua vulgar, na maioria dos casos levada pela analogia, alterara algumas formas clássicas: assim substituiu os literários solutus, involutus, visus, positus, quaesitus pelos populares *soltus, *involtus, vistus, postus, *quaestus (2).

---

tema *cae-*, a ajuizar de *caeda*, substantivo que se lê na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, II, 98, de onde provém o actual *queda:* cf. *Fonética*, § 26, 5.

(1) Cf. *findo*, particípio do arc. *fiir*, que desapareceu, sendo substituído por um derivado daquele.

(2) Sob influência do pretérito, esta forma deve, no latim da Hispânia ter passado a *quistus, donde *quisto*, que antes se usava com qualquer prefixo (cf. *conquista*), mas hoje só quando está precedido dos advérbios *bem* ou *mal*. Também por analogia com o pretérito *disse*, se diz *dito*, em vez de **deito:* cf. *Fonética*, § 20, 2 e *maleitas, Beeito* (arc.).

Pelo mesmo princípio analógico, ao clássico sublatus de tollo preferiu-se uma forma tirada de *tolleo, isto é, *tolheito*, na qual, como em *colheito* e compostos *encolheito, escolheito, recolheito*, o sufixo -*tus* foi substituído por -*ctus* que, transformado regularmente em -*ito*, aparece em grande número de particípios cujo radical terminava em gutural, como *beeito*, hoje *bento, maleito* [1], *treito* (e compostos *maltreito, contreito), cozeito, dereito, ereito, estreito, doito, enxuito*, etc., e, decerto devido a esta frequência, se comunicou também ao do verbo *coser*, que sob a forma *coseito*, substituiu o lat. consutus [2].

Mas, afora os particípios fortes que tomara do latim, a língua portuguesa, seguindo uma tendência, já neste existente, criou, com algumas das línguas irmãs [3], outros a que cabe bem o nome de *truncados* [4], visto como a desinência própria, -*do*, desapareceu e foi substituída por -*e* ou -*o*, adicionados ao tema verbal, depois de suprimida a vogal respectiva; tais particípios, que coexistem com os fracos, são na maioria dos casos usados como adjectivos; pertencem a esse número os seguintes: *corto, forro, aceite, limpo, descalço, assente, suspeito, entregue* [5] *ganho, gasto, isento, pago* [5], *livre, estreme, quite, fixe, torto, falto*, etc.

Observação. Não obstante pertencer à voz passiva e ser quase sempre usado com essa significação, o particípio do pretérito

---

(1) Hoje só como substantivo e no feminino *maleita*.

(2) Rigorosamente falando, estes particípios foram criados já adentro da língua em virtude da analogia, isto é de *comesto, posto*, etc., e *coito, esleito*, etc., tiraram-se as terminações -*sto*, e -*ito*, que se tomaram por desinências e juntaram-se aos respectivos temas verbais: assim *bebe-sto, ouvi-sto* (pop.), *colhe-ito, tolhe-ito*, etc.

(3) Vide Meyer-Lübke, *Rom. Gram*, II, pág. 375.

(4) Assim lhes chama Lindsay, que no seu livro *The Latin Language*, pág. 543, cita a tal respeito as informações de Prisciano e Géllio, das quais consta a existência de retus, saucius, lassus, lacerus, potus, obliterus, ao lado dos regulares retitus, sauciatus, lassatus, laceratus, potatus, obliteratus.

(5) Em doc. de 1305 (*Rev. Lus.*, XXI, 261) lê-se: *E damos nos por entregadas e por pagadas de toda a quantidade e parte da dita devida*, etc.

pode também, como em latim (cf. cautus, scitus, potus, etc.), tomar por vezes sentido activo, assim: *calado*, *sabido*, *viajado*, *lido*, *ceado*, etc.

SECÇÃO IV

Futuro e condicional

45. Dissemos atrás que o latim popular substituíra o futuro latino e criara um tempo novo, o condicional, socorrendo-se para isso de uma forma perifrástica, constituída pelo infinitivo, junto ao presente e imperfeito do verbo habeo, conforme se tratava do primeiro ou segundo tempo. A substituição do futuro sintético pelo analítico [1] parece ter não só começado cedo, mas também adquirido especial predilecção, a avaliar da sua penetração em escritos puramente literários e, como tais, observadores rigorosos das puras normas linguísticas. Em Séneca, o retórico, e no próprio Cícero aparece a construção de habeo, com infinitivo; verdade seja que ainda sem a significação nítida e clara do futuro, mas no fim do Império já essa significação era manifesta, como se vê dos textos desse tempo. Do futuro assim reconstruído nasceu o condicional que, indicando um tempo por vir, mas referido a um passado [2], naturalmente devia, em vez do presente do auxiliar de aquele, lançar mão do imperfeito; em ambos os casos o português, como as demais línguas que se socorreram de habeo [3], escolheu de preferência as

---

(1) Embora aparentemente sintéticos, os futuros latinos (como aliás todos os imperfeitos do modo indicativo) dos verbos de tema em *-a* e *-e*, são na sua origem analíticos ou perifrásticos; sobre a formação destes tempos, cf. Sommer, *Handbuch der lat. Laut-und Formenlehre*, §§ 351, 357, e Ernout, *Morphologie historique du latin*, §§ 229, 234.

(2) Ainda nas preposições condicionais não desapareceu a noção do futuro referido a um passado.

(3) Estão neste caso a maioria das línguas românicas (espanhol, italiano, francês, provençal e catalão), apenas o valáquio e ladino substituíram o verbo habere por velle o primeiro e venire o segundo; também nós por vezes empregamos o auxiliar *ir* em sentido idêntico, *o que vai ser de mim?* por: *o que será de mim?*

formas contractas, que soldou ao infinitivo por forma tão íntima que os dois vocábulos vieram a formar um só. Tal soldadura, porém, nem sempre existiu; tempo houve em que os dois elementos do futuro e condicional ainda não estavam aglutinados e que, em vez de se dizer, como hoje, *amarei, amaria*, se dizia *amar hei, amar hia*, etc., modo de dizer que ao auxiliar prepunha o infinitivo, o que aliás se dava também noutras expressões, e coexistia com outro *hei amar, havia amar*, formado inversamente de aquele e ainda existente, sobretudo na língua popular ([1]), pois que a literária actual intercalou a preposição *de* entre os dois elementos. Foi portanto perfeita a princípio a consciência da composição do futuro e condicional; mais tarde, em virtude da junção dos dois componentes, motivada pelo seu frequente uso, essa consciência obliterou-se, não, porém, de modo completo, por quanto revive nos casos em que entre eles se coloca um pronome.

Mas na junção do infinitivo com o presente ou imperfeito do verbo habere deram-se, sobretudo na língua antiga, vários fenómenos de natureza fonética, que vieram alterar a forma ordinária do primeiro de aqueles componentes. Assim por vezes o *-e-* (ou *-i-*) protónico caiu, reunindo deste modo as consoantes entre as quais se encontrava; por isso é que, ao lado das formas regulares *quererei, valerei, ferirei, guarirei*, ocorrem as sincopadas *querrei, valrei* ([2]), *ferrei, guarrei*; nos verbos de radical em nasal, como *põer, tẽer, vẽir*, depois *poer* ou *pôr, ter*, e *vir*, deu-se a mais a assimilação desta consoante à seguinte, resultando de aqui os futuros e condicionais *porrei, terrei, verrei* e *porria, terria*, etc., que o português moderno substituiu pelos actuais, tirados dos respectivos infinitos. Ainda, em consequência da mesma síncope, nalguns verbos cuja raiz terminava em *-c'*, por ser contrário à índole da língua o grupo *-z'r-*,

---

([1]) São frequentes os exemplos do emprego de ambas as expressões: da que antepõe o infinitivo ao verbo da oração nos escritores antigos e da inversa, especialmente nos que reproduzem o falar popular, alguns se podem ler em Leite de Vasconcelos, *Lições de Linguagem*, pág. 41 e em Cornu, *Die port. Sprache*, § 322.

([2]) Acrescente-se *salrei* e *falrrá* (a par de *falirá*), de *sair* e *falir*. Também *parria*, em vez de *pariria*, ocorre na *C. S. M.*, CLXXX. Outras mais encontram-se a seguir nos verbos respectivos.

de aí resultante, foi por vezes a primeira consoante -*z*-, dental, absorvida pelo -*r*-, igualmente dental (1), dizendo-se por essa razão *jarei, adurei*, a par de *jazerei, aduzerei*.

Os futuros e condicionais *direi, diria, trarei, traria, farei, faria*, podem explicar-se por forma igual, mas também podem provir dos infinitivos *far, trar, dir*, que, a existirem, como parece indicar a sua persistência em quase todo o romance, seriam os únicos representantes da terceira conjugação latina, note-se, porém, que, ao lado dessas formas, também os antigos escritores usavam as tiradas dos actuais infinitivos, isto é, *dizerei, trazerei* e *fazerei*, sobretudo quando levavam intercalados algum dos pronomes pessoais.

Aditamento ao verbo

46. Embora precedentemente tenha tratado das variadas alterações sofridas por muitos verbos, no intento de facilitar o seu conhecimento, dou em seguida uma lista, por ordem alfabética e consoante a conjugação, assim dos que, fortes ou fracos, na antiga língua tinham formas diferentes das actuais, como de outros que desapareceram por completo do uso, distinguindo por um parêntese aquelas destas:

1.ª conjugação

alumiar Indic. pres. *alumio, alumias*, etc. *(alumeo, alumeas*, etc.) (2).

(1) É evidente que a absorção foi precedida da assimilação do *z* ao *r*, fenómeno que se observa também na expressão popular *dè réis* por *dez réis*. Por motivo idêntico se diz *má raios (partam o diabo*, Ridículos de 27, 11, 1915), em vez de *maus raios*: acerca de *más* por *maus* cf. *Fonética*, § 35. O antigo castelhano ora conservava o grupo, dizendo, por exemplo, *yazremos, dizré, luzrá*, etc., ora intercalava um *d*, isto é, uma dental sonora, como o *z*, entre este e o *r*, assim, *jazdrá, bendizdré*, ora seguia o mesmo processo que o português *(diré, adurá)*: cf. Mendez Pidal, *Gram. historica castelhana*, pág. 230.

(2) Ainda populares estas formas.

Conj. pres. *alumie, alumies*, etc. *(alumêe, alumêes*, etc.) (1).

amparar ou emparar (1) Conj. pres. *ampare, ampares, ampare*, etc. *(ampar* ou *empar, ampares,* ou *empares, ampar* ou *empar,* etc.

dar Ind. pres. *dou* (2), *das*, etc.

Conj. pres. *dê, dês, dê*, etc. *(dê, dês, dé* e *dê*, etc.).

Ind. pret. *dei, deste*, etc. *(dei, deste, deu* e *dou* (3), *demos*, etc.).

estar Ind. pret. *estive, estiveste*, etc. (* *estede*, * *estedeste, estede*, * *estedemos*, * *estedestes, estederom* e *estivi* ou *estive* e *esteve* (4), *esteveste, esteve* e *estevo*, etc. Da 1.ª forma deve ter havido os derivados: *estedera*, * *estedesse*, * *esteder*, da 2.ª *estevera*, etc., *estevesse* (5), etc., *estever*, etc.).

Conj. pres. *esteja*, etc. *(estê* ou *stê, estês, estê, estemos, estedes, estêm)* (6).

---

(1) Ainda populares estas formas.

(2) Também *dom* no Algarve, por analogia com *som, vom*, etc., que ali se usam, ao lado dos regulares, *sou, vou.*

(3) Perdura ainda em Trás-os-Montes a antiga forma *dou*, que, entre outros passos, ocorre na *Crónica dos Frades Menores*, I, 118 e na do *Condestabre* (edição de Mendes dos Remédios), pág. 191 e *Crónica Troiana*, I, 187, 123, II, 200, etc. Decerto por influência do infinitivo, o povo diz *dara* no mais que perfeito. À semelhança dos verbos da 2.ª conjugação, o mesmo faz no conj. presente *dea* ou *deia*, formas estas que ocorrem já nas *C. S. Maria*, CLXIV, CLXXXV, mas no *C. V.* n.º 747, *dia*, etc.; *deia*, em *A Nosa Terra*, de 1 de Janeiro de 1931, págs. 2, 3, *dea*, pág. 5.

(4) Assim na *Eufrosina*, pág. 288.

(5) Na *Crónica Troiana*, págs. 127, 153 do tomo I ocorre *estovesse*.

(6) No Algarve ouve-se ao povo *stom*, a par de *estou*: cf. a nota 2 desta página. Sobretudo em próclise perde este verbo frequentemente na linguagem popular a sílaba *es-*, dizendo-se *tá, tâmos, tava, tive* ou *teve, teja*, etc., e, sobretudo no Centro do país, troca-se frequentemente o *-v-* do pret. em *-b-*, chegando a fazer-se a 1.ª pessoa igual à 3.ª, isto é, *stêbe*. A forma *stube*, que, parece, também existe (cf. Leite de Vasconcelos, *Dialectologie*, pág. 139) tem decerto origem no castelhano *estuve*. Os arcaicos *estede* e *estederom*, donde deduzi o resto, encontram-se respectivamente em Viterbo, s. v. e nos *Doc. gal. dos séc. XII a XVI* de

louvar (louvar, loar) Ind. pres. *louvo*, etc. (*louvo* e *loo*, *louvas*, *louva*, *louvamos* e *loamos*, *louvades* e *loades*, *louvam*).
Imperf. *louvava*, etc. (*louvava* e *loava*, etc.).
Conj. pres. *louve*, *louves*, etc. (*louve*, *louve*, *louves*, *louve* e *loe*, *louvemos* e *loemos*, *louvedes* e *loedes*, *louvem*).
Perf. *louvei*, etc. (*louvei* e *loei*, etc., de aqui: *louvara*, *louvasse*, *louvar* ou *loara*, *loasse*, *loar*).
Fut. *louvarei*, etc. (*louvarei* e *loarei*, etc.), de igual modo o condicional.
Part. *louvado* (*loado*).

nomear (nomẽar) Ind. pres. *nomeio*, *nomeias*, etc. (*nomẽo*, *nomẽas*, *nomẽa*, etc., depois *nomeo*, *nomeas*, *nomea*, etc.).
Conj. pres. *nomeie*, *nomeies*, etc. (*nomẽe*, *nomẽes*, etc., depois *nomee*, *nomees*, *nomee*, *nomeemos*, etc.).

perdoar (perdõar) Ind. pres. *perdôo*, *perdoas*, etc. (*perdõo* e *perdom*, *perdõas*, *perdõa*, etc., depois a actual forma).
Conj. pres. *perdoe*, *perdoes*, *perdoe*, etc. (*perdon perdões*, *perdon*, *perdõemos*, etc.).

pesar Conj.º pres. *pese*, *peses*, *pese*, etc. (*pês*, *peses*, *pês* ou *pese*, etc.).

(punhar) Ind. pres. *punho*.
Conj. pres. 1.ª do pl. (*punhemos* ou *puinhemos*, composto: *repunhar*).

2.ª conjugação

arder Ind. pres. *ardo*, *ardes*, etc. (*arço*, *ardes*, etc.).
Pret. *ardi*, *ardeste*, etc. (*arsi*, *arseste*, *arse*, *arsemos*, *arsestes*, *arserom*. E de aí os tempos derivados: *arsera*, etc., *arsesse*, etc., *arser*, etc.

M. Salazar: quanto ao conjuntivo *estem* é frequente ainda nos quinhentistas. No Norte do país (por exemplo, no concelho de Paredes) o povo diz *esteve* na 1.ª e 3.ª pessoa do pretérito : cf. nota 2 da pág. 308.

Conj. pres. *arda, ardas,* etc. *(arça, arças, arça,* etc.) (1).

benzer (bẽeizer e bẽezer) Ind. pres. *benzo, benzes,* etc. *(*bẽeigo, bẽego,* ou *beengo, bẽezes* ou *beenzes,* etc.), imperf. *benzia,* etc. *(bẽeizia,* etc., *bẽezia,* etc.).
Conj. pres. *benza,* etc. *(bẽeiga, bẽeigas,* e *bẽega* ou *beenga* ou *bẽeza,* etc.).
Part. *bento (bẽeito* (2), *bẽeto* ou *beento).*

caber Ind. pres. *caibo, cabes,* etc. *(cábio, cabes,* etc.).
Conj. pres. *caiba, caibas,* etc. *(cábia, cábias,* etc.) (3).

caer (arc. impes.) Ind. pres. 3.ª pessoa *cal* (também escrito *chal).*

chover Conj. pres. *chova (chovia)* (4).

comer Ind. pres. *como, comes,* etc. *(cómio, coimo, comes,* etc.).
Conj. pres. *coma, comas,* etc. *(cómia* (5), *coima, coimas,* etc.).
Part. *comido (comesto)* (6).

conhecer e (conhocer) Ind. pres. *conheço, conheces,* etc. *(conhosco, conhoces,* etc., ou *conhesco, conheces,* etc.).
Conj. pres. *conheça, conheças,* etc. *(conhosca, conhoscas,* etc., ou *conhesca, conhescas,* etc.). Por igual forma conjugava a antiga língua os verbos em *-cer*, como *crecer*, *estabelecer*, *guarecer*, *pacer*, *parecer*, *nacer*, etc.

---

(1) Gil Vicente e outros escritores do tempo usam ainda *arço,*

(2) Porque no galego foi mais extensa do que em português a queda da ressonância nasal intervocálica, diz ele *Beeito.*

(3) No indicativo presente 1.ª pessoa do singular, como em todo o conjuntivo, o ditongo *-ai-* reduz-se, na língua do povo, a simples *-a-* aberto e assim: *cabo, caba, cabas,* etc.; igual redução faz a mesma ao verbo *saber.* Como no pretérito deste e de *trazer,* que soam *sube, truxe,* ou *truve,* também, em vez de *coube,* ouve-se *cube.*

(4) No *C. V.* 1.159, há *(chouuha,* com *u* repetido, a meu ver; ao povo ouve-se ainda *choiva).*

(5) Na *Crónica Troiana,* I, 212, escrito *comeas.*

(6) A par de comessus, houve em latim também comestus: cf. Lindsay, *The latin Language,* pág. 309 e Sommer, *Lateinische Laut-und Formenlehre,* pág. 647.

crer e (creer) Ind. pres. *creio*, *crês*, etc. *(creo*, *crees*, *cree*, etc.).
Imperf. *cria*, *crias*, etc. *(creía*, *creias*, *criía*, etc.).
Pret. *cri*, *creste*, *creu*, etc. *(crevi* ou *crive*, *creveste*, *creve*, *crevemos*, *crevestes*, *creverom*, depois *creí*, *creeste*, *creeo*, etc. De *creveste* ou *creeste* os derivados: *crevera*, etc., *crevesse*, etc., *crever*, etc., ou *creera*, *creesse*, *creer)*.
Conj. pres. *creia*, *creias*, etc. *(crea*, *creas*, etc.).
Imp. *crê*, *crede*, *(creey*, etc.).
Part. *crido*, *(creudo)*.

dizer Ind. pret. *disse*, *disseste*, etc. *(disse*, *dissi*, *dixe*, (ainda pop.), *dixi*, *disseste*, *dixe*, *dixo*, *disso*, *dissemos*, etc. De aí *dissera*, *dissesse*, *disser* ou *dixer)* (1).
Imp. *dize* ou *diz* (pop.), *dizei* *(dize*, *dizi* ou *di*, *dizede)*.

doer Ind. pres. *does*, *doi*, etc. *(doio*, *does*, *dol*, *doemos*, etc.).
Conj. pres. *doa*, *doas*, etc. *(doia*, *doias*, etc.). Assim *soer* (2).

erguer (erger) Ind. pres. *ergo*, *ergues*, etc. *(ergo*, *erges*, *erge*, etc.).
Pret. *ergui*, etc. *(ersi* ou *ergi*, *ergeste*, etc.) (3).

fazer Ind. pres. *faço*, *fazes*, etc. *(faço*, *fazes* ou *faes*, *faz* ou *faze*, etc.).
Pret. *fiz*, *fizeste*, etc. *(fezi*, *fizi*, *fize*, *figi*, *fige*, *fix* (4), *fezeste*, *fezisti* (5), *figeste*, *feze*, *fezo*, *fez*,

---

(1) É evidente que onde se diz *dixe*, que é principalmente no Norte e Centro, também os tempos de aí derivados conservam o *-x-*, isto é, *dixera*, *dixesse*, *dixer*. D. Dinis, a par da forma regular *maldisse* (207), usa a analógica *mal-dezí* (106). Em Gil Vicente ocorre (II, 161) *dezide*, que deve ser forma acastelhanada, isto é, aportuguesamento de *decid* (na edição de Mendes dos Remédios, II, 109, vem *dezede)*.

(2) *Como soio* — lê-se em Gil Vicente, II, 370.

(3) No n.º 365 do *C. da V.* lê-se *ersi-me*, a par de *ergi-me* e *ergesse*. Também em antigo castelhano *ersiendo* (gerúndio).

(4) Na *Crónica Troiana*, II, 21, *fixe*.

(5) Idem, *feziste*, I, 212.

fex, *fezemos*, *fezestes*, *fezerom*. De aqui os derivados: *fezera*, etc., *fezesse*, etc., *fezer* ou *figera*, *figesse*, *figer)*: assim os compostos (1).

Imp. *faze*, etc. (pop. e arc. *faz)*.

feder Ind. pres. *fedes*, *fede*, etc. *(feço*, *fedes*, etc.).

Conj. pres. Carece na língua actual, na antiga *feça*, *feças*, etc.

haver Ind. pret. *houve*, *houveste*, etc. *(ouvi* e *ouve*, *ouveste* e *ouviste*, etc. E assim *ouvera*, etc., *ouvesse*, etc., *ouver*, etc.

Imp. *há*, *havei (ave*, *avede* e *avei)* etc. (2).

Part. *avido (avudo)*.

jazer Ind. pres. *jazo*, *jazes*, etc. *(jasco* e *jaço*, *jazes*, *jaze* ou *jaz*, *jazemos*, etc.).

Pret. *jazí*, *jazeste*, etc. *(jougue*, *jougueste*, etc., depois *jouve*, *jouveste*, etc. De aí: *jouguera*, etc., *jouguesse*, etc., *jouguer*, etc. e *jouvera*, etc., *jouvesse*, etc., *jouver* etc.).

Fut. *jazerei*, *jazerás*, etc. (também *jarei*, *jarás*, etc. E assim o condicional).

---

(1) Por analogia com o infinitivo diz também o povo (Trás-os-Montes e Entre Minho e Douro): *fazo, fazerei, fazeste, fazemos, fazesse*, etc., e, como o verbo *trazer* (cf. adiante), *fago, fais (olha o que fais* — disse também Sá de Miranda, *Poesias,* 161) e *fai.* Nas *C. S. Maria* encontra-se *fais*, como imperativo, a par de *faze* e *faz.* No pretérito perfeito, a 1.ª e 3.ª pessoas do singular trocam-se entre si na Beira, usando-se de *fez* e *fiz.* No concelho de Paredes (Porto) diz-se também *fez*, quer na 1.ª (como na *Demanda do Santo Graal*, pág. 60, edição de Coimbra), quer na 3.ª pessoa (igualmente *fezera, fezesse, fezer)*. A forma *fezi* (1.ª pessoa) lê-se num documento de 1277: cf. *Rev. Lus.*, XI, 87.

(2) O povo costuma aglutinar no presente do indicativo a preposição *de* às respectivas formas da 2.ª pessoa do singular e terceira de ambos os números, dizendo *hades, hade, hadem* e ainda *handem*, no Sul. Na 3.ª do singular do pret. perfeito também se ouve, no Norte, *houbo,* como em galego, e *haba* no conjuntivo (cf. *caber, saber)*. Nos clássicos encontra-se, na 3.ª do singular do pres. do ind., *hai,* que continua a persistir no povo. Em Camões *(Filodemo,* acto I, sc. I) lê-se ainda, *Não ha hi senão cair.* Além de *ouvera, ouvesse, ouver*, usaram os trovadores, mas com muito menos frequência, também *oera, oesse, oer* e Gil Vicente diz *oiver* (II, 384, troca frequente de *ou* por *oi)*.

Conj. pres. *jaza*, *jazas*, etc. *(jasca*, *jascas*, etc. e *jaça*, *jaças*, etc. (1).

ler (leer) Ind. pres. *leio*, *lês*, etc. *(leo*, *lees*, *lee*, *leemos*, *leedes*, *leem)*.

Imperf. *lia*, *lias*, etc. *(leía*, *leías*, etc., *liia*, etc. e *lia*, *lias*, etc.).

Pret. *li*, *leste*, etc. *(leí* e *lii* ou *li*, *leeste*, *leeo* ou *leeu*, *leemos*, etc. De aí: *leera*, etc., *leesse*, etc., *leer*, etc.).

Fut. *lerei*, *lerás*, etc. *(leerei*, *leerás*, etc. E assim o condicional).

Imp. *lê*, *lêde (lee*, *leede)*.

Conj. pres. *leia*, *leias*, etc. *(lea*, *leas*, *lea*, etc.).

Part. *lido (leudo*, *leído)* (2) cf. o verbo *crer*. Como *ler*, os seus compostos *(perler)*, *reler*, *tresler*, etc.

(mãer, maer) Ind. pres. *manho*, **mães* e *mans*, *mam*, *mãemos* e *maemos*, *mãedes* e *maedes*, *mãem* e *mam*.

Pret. *mási* ou *maji*, *maseste*, **mase*, *masemos*, *masestes*, *maserom*. E de aí: *masera*, etc., *masesse*, etc., *maser*, etc.

Fut. *marrei*, *marrás*, *marrá*, etc. E assim o condicional) (3).

---

(1) Estavam ainda em uso no tempo dos quinhentistas as formas *jaço* e *jaça*: cf. o conhecido epitáfio da sepultura do criador do teatro portuguê: *O gram juizo esperando jaço aqui nesta morada.*

(2) Ambas estas formas são analógicas, a primitiva deve ter sido * *leito*, que ocorre nos compostos deste verbo cf. (arc. *esleito*, a par de *esleudo*, moderno *eleito*, pop. e arc. *enleito* e arc. *perleito*: *A qual procuraçon perleyta e publicada* — lê-se no *Livro dos Bens de D. João de Portel*, LXXX e o *qual estrumento* (ou *scripto* ou *carta) perleudo* (ou *perleuda)* na *Rev. Lus.*, XXI, 251, 268.

(3) D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, III, 172, interpreta por *mas[i]* a forma corrente na cant. 1.049 verso 10 do *Canc. da Vat.*, aí porém, lê-se *maiaqsta*, isto é, *maj'aquesta* (sobre *-j* a par de *-s* cf. *pugi* e *puse*). A mesma cita, *loco laudato*, as formas *maer* e *meer*, como próprias do futuro do conjuntivo, e efectivamente nos exemplos apresentados o sentido exige esse tempo, fá-las, todavia, representantes do imperfeito do mesmo modo, isto é, *maneret*, é todavia

morrer Ind. pres. *morro*, *morres*, etc. (*moiro* (1), *morres*, etc.).

Fut. *morrerei*, *morrerás*, etc. (Além desta forma, também *morrei* (2), *morrás*, etc. E assim o condicional).

Conj. pres. *morra*, *morras*, etc. (*moira*, *moiras*, etc.).

perder Ind. pres. *perco*, *perdes*, etc. (*perço*, *perdes*, *perde*, etc.

Conj. pres. *perca*, *percas*, etc. *perça*, *perças*, *perça*, *perçamos*, *perçades*, etc.) (3).

poder Ind. pret. *pude*, *pudeste*, *pôde*, *pudemos*, etc. (*poide* ou *puide*, *pudi* e *pude*, *podeste*, *pôde*

---

possível que o copista por descuido deixasse de escrever um *-s-*, porquanto o latim que lhes corresponde é *manserit;* acresce ainda que ao lado delas, lê-se também *manser* (cf. *Leges*, 681, 413, 713) onde o *-n-* deve ser devido a influência da nasal dos tempos do tema do presente, a não admitir-se que, ao lado de *maser*, existiu *maer*, que aliás, como futuro, ocorre no *Foral de Lisboa*, formado segundo o modelo dos verbos fracos, nos quais a forma desse tempo coincide com a do infinitivo. Composto deste verbo era, na antiga língua, *remãer*, de que se encontra o pretérito *remaserũ* e futuro *remaser*, no testamento de Afonso II e *remania* (por *remãia* nas *C. S. M.*); cedo, porém, foram preferidos ao simples aqueles dos compostos em que a este se adicionava o sufixo *-cer*, como *permẽecer* e *remãecer* ou *remẽecer*, que, perdendo a ressonância nasal, se reduziram a *permeecer* e *remeecer* e se conjugavam como os incoativos; cf. *conhecer*. No citado *Livro dos Bens de D. João de Portel*, ao lado de formas com ressonância nasal, há-as também sem ela, como se vê dos seguintes exemplos: *e do preço nom remẽeceu nenhũa rem*, pág. 96, *do preço nenhũa rem nom remaeceu*, 97, *nemigalha remãece*. Estes dois verbos foram depois refeitos sobre o latim, dizendo-se hoje *permanecer* e *remanescer*.

(1) As formas *mouro* e *moura*, que são posteriores, resultaram de se terem tornado equivalentes os ditongos *oi* e *ou*.

(2) Foi talvez desta forma, usada, por ex., a pág. 101, da *Crón. dos Fr. Menores*, que se tirou o infinitivo *morrer*, o qual deve ter suplantado um *morir*, que sem dúvida existiu no português pré-histórico. O primitivo *-r-* singelo continua a persistir no derivado incoativo *esmorecer*. Afonso X, emprega ainda o simples *esmorido* (cf. pág. 570 das suas *C. S. M.*). Afigura-se-me que também de *sarei*, futuro do arc. *sar*, antes *saar*, *sãar*, se originou *sarar*.

(3) Na 1.ª pessoa do indicativo presente também se ouve no povo *perdo*, à semelhança das restantes. Na *Crónica Troiana*, págs. 78, 80, 120 do vol. I ocorre *pergo* (1.ª do ind. pres.) e no conjuntivo pres. *perga*, II, 78, 80, 103, 120, 161 e *pergamos*, II, 25.

ou *pude*, *podo*, *podemos*, etc. De aí os derivados: *podera*, *podesse*, *poder)* (1).

pôr (pôer poer) Ind. pres. *ponho*, *pões*, *põe*, etc. *(ponho*, *pões*, *pom* e *põe* (2), *poemos*, *poedes*, etc.), imperf. *punha*, etc. *(pôia* (3) ou *pũia*, *pôias* ou *pũias*, etc. depois *poinha*, ou *puinha*, etc. e *punha*, etc.).

Pret. *pus*, *puseste*, *pôs*, *pusemos*, etc., *(posi*, *pos*, *pusi*, *puse*, *pugi*, *puge*, *puxi*, *pux* e *pus*, *poseste* e *pugeste*, *pose*, *pos* e *poso*, *posemos* e *pujemos*, etc. E assim os derivados: *posera*, *posesse*, *poser)*.

Fut. *porei*, *porás*, etc. *(porrei*, *porrás*, *porrá*, etc., depois *pôerei*, *pôerás*, etc., *poerei*, *poerás*, etc.). E por igual forma o condicional.

Imp. *põe*, *ponde (pon*, *poede)*: assim os compostos (4).

prazer Ind. pret. *prouve*, *prouveste*, etc. *(prougue*, *prou-*

---

(1) Em vez de *posso*, lê-se em Gil Vicente (II, 378) *podo*, que se tirou de *podes*, *pode*, etc. No Norte, (concelho de Paredes) diz-se *pôde*, a par de *pude* (1.ª pessoa do pretérito). Na *Crónica Troiana* encontram-se estas formas: pret. 1.ª pes. *poide*, I, 119, 125, II, 247; 3.ª pes. *podo*, I, 128, 144, 166, 179, 205; conj. pres. 1.ª do pl. *podamos*, I, 135, 206.

(2) Escrito *ponhe* na *Regra de S. Bento*, cf. o meu livro *Evolução da língua portuguesa*, editado pela Academia das Ciências de Lisboa.

(3) *Rev. Lus.*, V, 133.

(4) As formas *puse* e *pose* persistem ainda no povo, como todas aquelas que igualmente terminam hoje em *-s* ou *-z*, assim, à semelhança de *puse-o*, diz ele *fize-o*, *quize-o*. O *pôs* da 1.ª pessoa, que deve ter provindo de *posi*, vive ainda nalgumas falas pooulares; um e outro são usados no referido *Livro dos Bens de D. João de Portel*: cf. a pág. 43, *mêu sinal y posi* e a pág. 96, *eu este meu sinal ẽ ella pos*. D. Dinis conhecia já o *pos*, hoje exclusivo da 3.ª pessoa, como se vê do seu *Canc.* O dramaturgo citado na nota anterior usa também *pujemos* e *pujeste* (II, 329, 282), decerto formados por analogia com a 1.ª pessoa. É escusado advertir que as formas em que hoje não há vestígios de ressonância nasal foram precedidas de outras que a mantinham. O infinito actual deve provir do futuro *poerei* no qual o *-e-* se proferiria tão atenuado que mal se ouvia; cf. *poesia* que muita gente pronuncia como se escrevesse *posia*.

gueste, *prougue*, *prougo*, etc. De aí os derivados: *prouguera*, *prouguesse*, *prouguer)* (1).

prender Ind. pret. *prendí*, *prendeste*, etc., *(prendí*, etc., e *prix*, *preseste*, *pres* (2), *presemos*, *presestes*, *preserom*. E assim os derivados: *presera*, etc., *presesse*, etc., *preser*, etc.) (3).

querer Ind. pres. *quero*, *queres*, *quer*, etc., *(queiro* e *quero*, *queres*, *quer* ou *quere*, etc.).

Pret. *quis*, *quiseste*, etc. *(quisi*, *quise*, *quigi*, *quige*, *quix* e *quis*, *quiseste*, *quis*, *quise*, *quiso*, *quisemos*, etc.; de aí também *quisera*, *quisesse* e *quiser* ou *quigera* e *quiger)* (ainda popular).

Fut. *quererei*, *quererás*, etc. (também *querrei*, *querrás*, *querrá*, etc. E igualmente o condicional) (4).

---

(1) Nas *Inquirições*, ano 936, encontra-se a forma plaguit. Os compostos conjugavam-se como o simples, todavia na *Virtuosa Bemfeitoria*, ao passo que se lê *desprougue* (cf. págs. 121, 261), diz-se já *aprouver* (pág. 116). G. Vicente emprega ainda *prouguesse* (cf. II, 325). Também na *Demanda*, a par de *aprouguer*, ocorre *aprouver*, como *prouve*, *prouvesse* *aprouve* e *aprouvesse*. Na *Crónica Troiana* igualmente *prongo* (3.ª do sing.) I, 128, 133, 187 e *prouvo* (id.) I, 139, 168, *prouvera*, II, 208, *prouguesse*, I, 128 e *prouguer*, I, 141. Na 3.ª pes. do pres. do ind. há aí *praze*, I, 166. Hoje de *prazer* apenas se usam as terceiras pessoas do singular e como o simples se conjugam os compostos, à excepção de *comprazer*, qne só na 3.ª do singular do presente do indicativo se conserva igual àquele, pois que no pretérito e tempos derivados, segue a conjugação fraca, fazendo *comprazi*, *comprazeste*, *comprazeu*, etc.

(2) Na *Demanda do Santo Graal*, pág. 267, ocorre *preso*.

(3) Assim também *aprender*; a par dos pret. e part. fracos *aprendi* (cf. *C. V.* 929, na *Crónica da Ordem dos Frades Menores aprindi* por assimilação vocálica) e *aprendudo* (*C. S. M.* CLXXIX), havia os fortes *apris*, *aprix*, ou *apres* e *apreso*, etc.

(4) A forma *queiro*, que se encontra no arc. *conqueiro*, (cf. *confeira* conj., na *Crónica Troiana*, II, 30) e persiste ainda no composto *requeiro*, (mas *requero*, a pág. 208 da *Eufrosina*) encontra-se na *Menina e Moça* de B. Ribeiro, pág. 54, da edição de Pessanha. Ao lado de *queres*, aparece, sobretudo nos cómicos, G. Vicente e A. Prestes, *quês*, que provém daquele por assimilação (c. Leite de Vasconcelos, *Fil. Mirandesa*, I, 438) e vive ainda no povo: cf. *Rev. Lus.*, vol. XVII, 145; de aí também o pl. *queis* (Prestes, 397). Sá de Miranda ainda usa *querrá*. No Algarve persistem entre o povo as formas *quere* e *quise*, dizendo-se *quere-os*, *quise-os*, contràriamente a *que-los*, *qui-los* doutras falas do país. Compos-

Conj. pres. *queira*, etc. (Nas *C. S. Maria quera*, etc., a par de *queira*, etc.).

receber Ind. pres. *recebo*, *recebes*, etc. (*recébio* e *recebo*, *recebes*, etc.).

Conj. pres. *receba*, *recebas*, etc. (*recébia*, *receba*, *recebas*, etc.).

Imp. *recebe*, etc. (*recibe*, etc.).

saber Ind. pret. *soube*, *soubeste*, etc. (*soubi* e *soube*, *soubeste*, etc.) (1).

Conj. pres. *saiba*, *saibas*, etc. (*sábia*, *sábias*, *sábia*, *sabiamos*, *sabiades*, *sábiam* ou *saba*, *sabas*, *saba*, *sabamos*, *sabades*, *sabam*, (2).

ser (seer) Ind. pres. *sou*, *és*, *é*, etc. (*sõo*, *som*, *sam*, *são*, *soo*, *sou*, *es*, *é* (também *este*), *somos*, *sedes*, *som* e *sejo*, *sees*, *see*, *seemos* e *semos*, *seedes* e *sedes*, *seem*).

Imp. *era*, *eras*, *era*, etc. (*era*, *eras*, *era*, etc. e *seía*, *seías*, *seía*, etc., depois *siia*, *siias*, etc. e *sia*, *sias*, *sia*, etc.).

Perf. *fui*, *foste*, *foi*, etc. (*foi* ou *fui*, *fusti*, *fuste*, *fuisti*, *foste*, *foi* ou *fui*, *fomos*, etc. e *sevi* ou

---

tos de *querer* eram na antiga língua *conquerer* (que foi substituído por *conquistar*, tirado do part. arc. *conquisto*: cf. o simples *quisto*) e *enquerer*, que passou à 3.ª conjugação; estes, como *requerer*, seguiam no pretérito a conjugação fraca, contudo, a par de *conquerí*, *conquereu*, havia também *conquis* e *conquije*.

(1) Na *Crónica Troiana*, a 3.ª pessoa é *soibe*, I, 140, II, 54 ou *soubo*, I, 134, 141, 164, 179.

(2) Na Beira o povo usa *saibo*, em lugar de *sei*, decerto por analogia com o conjuntivo. No pretérito, é corrente ouvir-se, ainda a gente culta, *sube*, como se diz *cube*, *truxe* ou *truve*, em vez de *coube*, *trouxe* ou *trouve*, mas nos tempos derivados, mantém-se geralmente o ditongo *-ou-* (*soubera*, *soubesse*, etc.). O conjuntivo *saba*, que é popular e emparelha com *caba*, *vala*, *haba*, por influência do infinitivo, encontra-se já no citado *Livro dos Bens de D. João de Portel*, por exemplo, a págs. 46, 85, 96, 98, 113. Neste verbo, como em *caber*, aparece nos documentos antigos também *saibia* e *caibia*, formas estas que me parecem puramente gráficas, devido ao cruzamento entre *sabia*, *cabia* e *saiba*, *caiba*.

sive, seveste, seve, sevemos, sevestes, severom. De aí, a par de *fôra, fôsse, fôr*, também *severa*, etc., *sevesse*, etc., *sever*, etc.).

Fut. *serei, serás, será*, etc. (*seerei, seerás*, etc. E assim o condicional).

Imp. *sê, sêde* (*see* ou *sei* e *sê, seede, sede*).

Conj. pres. *seja, sejas*, etc. [1].

soer Ind. pres. *soes*, etc. (*soio, soes, sol, soemos, soedes*, etc.).

Conj. pres. (*soia*, etc.).

ter (têer teer) Ind. pres. *tenho, tens, tem*, etc. (*tenho, tẽes* [2], *tẽe, tẽemos, tẽedes, tẽem* ou *teens* e *tens, tem, temos*, etc.).

Imperf. *tinha, tinhas*, etc. (*tẽia, tẽias, tẽia*, etc.,

---

[1] O actual verbo *ser*, resultou, como atrás se disse, da fusão de dois, provenientes dos latinos sedere e esse; na antiga língua tinham ambos vida independente, possuindo apenas de comum o futuro e condicional, imperativo, conjuntivo presente, infinito e gerúndio; na acepção de *estar sentado*, usavam-se as formas pertencentes a sedere (isto é, ind. pres. *sejo*, etc., imperf. *sia* e pret. *sévi*), como, entre outros, mostram estes ex.: *algũus destes homẽes... virõ-no seer antre os outros pobres, Rev. Lus.*, I, 335; *aquele que see fora aa porta*, id., 336, *almagẽ das armas que see em Portel*, id., V, 126. Na de *ser*, as de esse, depois aquelas desapareceram do uso, sendo a sua significação dada às correspondentes de *estar* e ficando só as que já eram comuns. A actual 1.ª pes. do ind., *sou*, foi refeita sobre *estou*, no entanto algumas falas populares conservam ainda as formas arcaicas, *som* e *são*, ouvindo-se também em Trás-os-Montes *soi*, como em castelhano. Na 2.ª do pl. de igual tempo e modo, resultante de influência da 1.ª, há a forma pop. *sondes*, usada já por Gil Vicente (I, 27, 306) e, afora *somos* e *sondes*, o povo diz a mais *semos* (também usado pelo mesmo comediógrafo, I, 25 e na *Crónica Troiana*, I, 94) e *sendes*, analógicamente aos verbos da 2.ª conjugação: cf. pop. *estemos* por *estamos*, e ainda *samos*, sob influência de igual pessoa e tempo de *estar*. No imp. do ind. encontra-se nos trovadores, além do regular *sia*, também *sedia*, que na opinião autorizada de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, deve ter-se por castelhanismo. As formas arc. *érades, foi* (1.ª pessoa) e *fui* (3.ª) vivem ainda nalgumas falas populares; também as mesmas dizem *fustes* por *foste*. No pret. 3.ª pessoa, oferecem os documentos (cf. *Inquisitiones*, fols. 58 v.) ainda *seive*: cf. a seguir o verbo *ter* (nota).

[2] *Teis* diz-se ainda na província de Trás-os-Montes.

depois *tĩia, tĩias,* etc., *tĩinha,* etc., *tĩa, tĩas,* etc. e finalmente *tinha, tinhas,* etc.).

Pret. *tive, tiveste,* etc. *(tivi* ou *tive, teveste, teve* e *tevo* [1], etc. E assim *tevera,* etc., *tevesse,* etc., *tever,* etc.).

Fut. *terei, terás, terá,* etc. *(tenrei, tenrás,* etc., *terrei, terrás,* etc. e *teerei, teerás,* etc., donde o actual. E por igual forma o condicional) [2].

Part. *tido (tẽudo, teudo).*

tolher (Imp. 2.ª sing. *tol.).*

trazer (trager e trazer) Ind. pres. *trago, trazes, traz,* etc. *(trago, trages* e *traes, trage* ou *trax, tragemos, traje,* etc. e *trago, trazes, traze* ou *traz,* etc.).

---

[1] Na *Crónica Troiana* há as seguintes formas: 3.ª pes. do sing. *tevo,* I, 141, 143, do plural *toveron,* I, 136; imperf. conj. *tovessedes,* I, 125, 167, mas *tivessedes,* em I, 128, fut. *tover,* I, 121, *toveres,* 125, *toverdes,* 141, 172, *toveren,* 136.

[2] A 2.ª pessoa do pl. do indic. pres. soa também *tindes* entre o povo decerto por analogia com *vindes.* A forma mais arcaica *tẽia,* lê-se ainda no *Livro dos Bens de D. João de Portel,* LXXV, escrita *teyna;* também o pret. *tive* deve ter sido precedido por **tẽvi* ou *tĩve,* ao lado do qual parece ter existido **teive,* como faz supor o futuro *teiver* ou *tevier,* que ocorre em documentos antigos *(Inquisitiones,* fols. 57 v. e 58 v., *Testamento de D. Afonso II, D. João de Portel,* LXXIV, LXXX e *Testamento da Infanta D. Leonor Afonso,* na *Rev. Lus.,* IX, 135; X, 167, cf. *deiver* ou *devier,* futuro do conjuntivo, segundo me parece, ou do arc. *devĩir,* na opinião de Leite de Vasconcelos (*Lições de Fil. Portuguesa,* pág. 81). No *C. A,* 58, 16, e *C. S. M.* ocorre *tover,* na 3.ª pes. do sing. do fut. do conj. A mesma troca que disse dar-se entre a 1.ª e 3.ª pessoas do pretérito do indicativo de *fazer,* nota-se neste verbo nalgumas falas populares, que dizem *teve* e *tive,* em vez do uso em contrário da língua corrente. Entre os seus compostos figura o arc. *pertẽer,* suplantado por *pertencer* de antes *pertẽecer* ou, sem ressonância nasal, *perteecer* e *pertecer,* e cuja 3.ª pessoa do singular do pres. do ind. *pertem* lê-se ainda por exemplo, em Gil Vicente (I, 333); *manter* (antes *manteer*) fazia o futuro e condicional como o simples i. é *manterrei, manterria,* etc. Nos compostos, como *conter, reter, soster,* etc., o povo, por influência do infinitivo, diz, no imperf. do indicativo, *contia, retia* e *sostia,* como também *reteu* e *sosteu,* na 3.ª pes. do sing. do pretérito. Na *Demanda do Santo Graal* e *Cantigas de Santa Maria,* a 1.ª e 2.ª pes. deste mesmo número e tempo são respectivamente *manteve* e *manteviste.*

Imperf. *trazia, trazias*, etc. (*tragia, tragias*, etc., depois a actual forma).

Perf. *trouxe, trouxeste, trouxe*, etc. (*trougue, trougueste*, etc., *trouve* ou *troufe*, ainda popular, *trouveste*, etc. e *trouxe, trouxeste* ou *trouxisti*, etc. E assim os derivados: *trouguera, trouguesse, trouguer, trouvera, trouvesse, trouver* e *trouxesse*, etc.).

Fut. *trarei, trarás*, etc. (*tragerei, tragerás*, etc., *trazerei, trazerás*, etc. e *trarei, trarás*, etc. E assim também o condicional).

Imp. *traze* ou *traz, trazei* (*trei, treide* e *treides; trage, tragede, traze, trazede*).

Part. *trazido* (*tragido, trazido, treito*) (1).

---

(1) Do pretérito traxi e do particípio tractus deve o latim popular ter tirado trago, tragere, à semelhança de outros verbos cujo tema termina em gutural (cf. fingere, mingere, pingere, stringere, figere, etc.), de *trages, trage* desenvolveu-se o actual *trazes, traz*, etc. Leite de Vasconcelos, porém, admite (Vide *Rev. Lus.*, II, 269 e 349), além daquela forma, a existência destoutra traco, tracere, de onde *trago, trazer*. No pretérito é evidente que, afora o clássico traxi, existiu também tracui ou tragui de formação popular cf. rigui, langui de rigere e languere) donde resultou o arc. *trougue*, usado por Gil Vicente (I, 28, 31, 37, II, 352) com o seu derivado *trouguera* (I, 125) subsistente ainda no povo (por exemplo, em Castelo Branco). De um futuro do conj. *treixer*, que também existiu, deduz-se que *trouxe* foi precedido por um mais antigo **treixe*, com os respectivos derivados **treixera*, **treixesse*. A par de *trages*, disse-se também e diz ainda o povo de certas regiões *trais* (cf. *fais* do verbo *fazer*, nota), como igualmente *trai* e de aqui *trãi* na 3.ª do plural, quere-me porém parecer que, embora bastante antigas as formas citadas, outras houve que mais o são, nos quais *-ag-* ou *-aç-* estariam normalmente representados por *-ei-*, deduz-se isso de *treides* do ind. pres., 2.ª pes. do plural, usado com valor de imperativo pelos trovadores (cf. *Rev. Lus.* III, 188), *trei, treide* e o citado *treisser* ou *treixer*, note-se, porém, que *treides* e *treide* fazem supor a pronúncia tragĭtis e tragĭte ou seja a própria da 3.ª da conjugação latina, constituindo portanto, talvez com *far* e *dir*, os únicos vestígios dessa conjugação existentes em português, é possível mesmo que tivesse igualmente existido um infinitivo *trar*, de onde o futuro *trarei*, a emparelhar com o francês e provençal *traire* e italiano *trarre*. O pret. *trouve*, com seus derivados, vive ainda na linguagem popular; o seu uso na literatura, ao lado de *trougue*, é confirmado pela *Virtuosa Benfeitoria*, pág. 131;

valer Ind. pres. *valho* (1), *vales, vale,* etc. *(valho, vales, val* ou *vale,* etc).
Imp. *vale, valei (val, valede).*
Pret. *valí, valeste,* etc. *(valí, valeste,* etc. e *valvi, valveste, valveu, valvemos, valvestes, valverom.*
De aqui os derivados: *valera, valesse, valer* ou *valvera valvesse, valver).*
Fut. *valerei,* etc. *(valerei* ou *valrei* ou *valrrei, valrás, valrá, valrrá,* etc. E assim o condicional).

ver (veer) Ind. pres. *vejo, vês,* etc. *(vejo, vees, vee, veemos, veedes, veem).*
Imperf. *via, vias,* etc. (* *veía, viia, via,* etc.).
Pret. *vi, viste* (* *veí, vii, vi,* etc.): cf. *crer* (2).
Fut. *verei,* etc. *(veerei,* etc. Assim também o condicional).
Imp. *vê, (vei,* etc.).
Part. *visto (veudo* (3) ou *viudo* e *visto).*

3.a conjugação

aduzir (aduzer) (4) Ind. pres. *aduzo, aduzes, aduz,* etc. *(adugo, aduzes,* etc.).

---

dele se originou o *troufe*, citado por Viterbo e ainda em uso na província de Entre Douro e Minho. Pela troca frequente de *ou* por *oi* diz o povo ainda *troixe* e de aí *truixe* e *truxe*. Ouve-se a mais no Alentejo e na Beira *traiga*, em vez do corrente *traga*, e além da forma vulgar, também *traigo*, na 1.a pes. do sing. do pres. do indic.; *traguer* no infinito é devido a analogia com o pres. do indic. na *Montaria*, pág. 16, ocorre a forma *traza*, formada sobre o infinitivo.

(1) No povo também *valo* e *vala* no conj. pres.; esta última forma é atestada pelo *Canc. galego-cast.* edição de Lang.

(2) Dentre os compostos deste verbo há que notar *prover*, que no pretérito e tempos dele derivados se afastou do simples, seguindo a conjugação fraca (*proví, proveste, proveu,* etc., *provera, provesse, prover* e *provido*). No livro citado de D. João de Portel lê-se, a pág. LXXIX, o conjuntivo *proveam*, que faz supor um simples *vea*, como em castelhano.

(3) Também escrito *vehudo*, isto é, com *h* a separar o *e* do *u*: cf. *sahir, hunha* e outras grafias.

(4) Das formas *duga, dusse* (a par de *duxe*) e *dussesse*, ocorrentes em textos medievais, deduz-se a existência, na antiga língua, também do simples *duzer*.

	Pret. *aduzi aduziste,* etc. *(adusse* ou *aduxe, adusseste, adusse* ou *adusso, adussemos, adussestes, adusserom* ou *aduzi* (1), *aduzeste, aduzeo,* etc. De aqui os derivados: *adussera, adussesse, adusser).*
	Imperf. *aduze,* etc. *(aduz* (2), etc.).
	Fut. *aduzirei,* etc. *(aduzerei* e *adurei).*
	Conj. pres. *aduza, aduzas, aduza,* etc. *(aduga, adugas, aduga, adugamos, adugades, adugam).*
cair (caer)	Ind. pret. *caí, caíste, caíu,* etc. *(caí, caeste, caeo* ou *caeu* (3), *caemos, caestes, caerom.* De aqui *caera, caesse, caer).*
	Part, *caído (caudo).*
cingir (cinger)	Ind. pres. *cinjo,* etc. *(cingo,* etc.).
corrigir (correger)	Ind. pres. *corrijo, corriges, corrige,* etc., *(correjo, correges, correge, corregemos, corregedes, corregem).*
	Conj. pres. *corrija, corrijas, corrija,* etc. *(correja, correjas, correja,* etc.).
	Part. *correjudo.*
cumprir (comprir)	Ind. pres. *cumpro, cumpres, cumpre,* etc. *(compro* e *cumpro, compres, compre, comprimos, comprides, comprem).*
	Conj. pres. *cumpra, cumpras,* etc. *(compra, compras,* etc.).
	Imp. *cumpre,* etc. *(compre,* etc.).
dormir	Ind. pres. *durmo, dormes, dorme,* etc. *(dórmio* e *dormo, durmo, dormes* e *durmes, dorme* e *durme,* etc.).
	Conj. pres. *durma, durmas,* etc. *(dórmia* e *dorma, dormas* e *durmas, dorma* e *durma,* etc.).

---

(1) Do arc. *reduzer* encontra-se o pret. *reduzi, -este, -eo.*

(2) Em *adume,* que ocorre nas *C. S. M.* o *z* foi absorvido pelo *m.*

(3) Na *Crónica Troiana* I, 258 também *caieu.*

Imp. *dorme, dormí (dorme* e *durme, durmide* (1).

falir Ind. pres. 3.ª pes. *fal.*
Fut. *falrrei*, etc. (Assim o condicional).

ferir Ind. pres. *firo, feres, fere*, etc. (*feiro, firo, feres, fer, ferimos*, etc.).
Fut. *ferirei, ferirás*, etc. (assim ou *ferrei, ferrás, ferrá*, etc. Igualmente o condicional).
Conj. pres. *fira, firas, fira*, etc. (*feira, feiras, feira, feiramos, feirades, feiram* ou *fira*, etc.) (2).
Imp. *fere*, etc. (*fere, fire*, etc.).

fugir Ind. pres. *fujo, foges*, etc. (*fojo, foges, foge*, etc. e *fujo, fuges, fuge, fugimos*, etc.).
Imp. *foge, fogí (foge* e *fuge, fugide)* (3).

(gouvir) Ind. pres. *gouvo, gouves, gouve, gouvimos, gouvides, gouvem.*
Pret. *gouví, gouviste, gouvio*, etc. De aí os derivados: *gouvira, gouviesse, gouvir.*
Fut. *gouvirei*, etc. Assim o condicional.
Conj. pres. *gouva, gouvas*, etc.) (4).

(guarir) Ind. fut. *guarrei, guarrás*, etc., e *guarirei, guarirás*, etc. E por igual forma o condicional.

---

(1) Em Gil Vicente (II, 51) lê-se ainda *dormo*, como a *Regra de S. Bento*, cap. 31, diz: *pouco mais da mea noute dormam.*

(2) Ainda no século XV persistia no verbo *ferir* o ditongo *ei* nas formas em que entrava a semivogal, como se vê deste passo da *Virtuosa Bemfeitoria*, pág. 269: *feyram taaes tempestades.*

(3) No povo ainda *fuge.*

(4) Com excepção de *gouvem, gouvirem, gouvira, gouva*, que se encontram em documentos citados por P. de Azevedo nas *Cartas de Criação de Cidade*, no *Bol. da Academia das Ciências*, vol. X, em Gil Vicente (I, 136) e noutro documento, transcrito por Carlos Lobo na sua *História da civilização no século XVI*, a pág. 585, as demais formas são delas deduzidas; quere-me, porém, parecer que o conjuntivo *gouva* (ou *gouvha*, como se lê nos *Inéditos de Alcobaça*, cf. Morais, s. v.) e portanto a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, *gouvo*, se é que se disse assim, foram refeitos sobre a 2.ª do mesmo número e tempo ou sobre o infinito, devendo antes ter-se dito **gouço* e **gouça*. É evidente que este verbo se deveria primitivamente conjugar como *ouvir* e que conseguintemente teve,

Imp. *guari (guaride)* (1).

ir — Ind. pres. *vou, vais,* etc. *(vou, vais* ou *vás, vai, vamos* ou *imos, ides* ou *is, vam).*
Conj. pres. *vá, vás,* etc. *(vaa, vaas,* etc.).
Imp. *vai, ide (vai, ide* ou *i)* (2).
Pret. e mais tempos: veja-se *ser.*

mentir — Ind. pres. *minto, mentes, mente,* etc. *(menço, mento, minto, mentes, mintes, mente, minte, mentimos,* etc.).
Conj. pres. *minta, mintas,* etc. *(mença, menças, mença, mençamos, mençades, mençam,* depois Im*menta, mentas,* etc., e finalmente a forma actual).
p. *mente, mentí (menti, mente, mentide,* depois. *minte* ou *menti, mentide).* Como *mentir* o verbo *sentir* (3) e compostos.

(nozir) — (Ind. pres. 3.ª pes. sin. *nuz,* pret. ind. *nuziu,* fut. ind. *nozirá,* conj. ind. *nuza).*

(oferir e oferer) — (Ind. pres. *ofeiro* (4), pret. 3.ª pes. *oferiu* e *ofereo* ou *ofereu,* 3.ª pl. *ofereron,* id. mais que perf. *offereran).*

ouvir (ouvir e oir) — Ind. pres. *ouço, ouves,* etc. *(ouço, ouves, ouve, ouvimos* e *oímos, ouvides* e *oídes, oem* e *ouvem).*
Imperf. *ouvia,* etc. *(ouvia* e *oía,* etc.).

à semelhança deste, a forma mais contracta, *goir,* a qual se usaria em todos os tempos e modos, tal qual aquele, dá-nos disso testemunho outro conjuntivo *goia* ou *goya,* atestado pelos documentos. Ao número dos verbos de duas formas e com conjugação em ambas pertence também *louvar,* que se proferia igualmente *loar.*

(1) Vive ainda no povo este verbo sob a forma *gorir* e no sentido de «ter pouca saúde estar enfezado», sobretudo falando de plantas.

(2) No Algarve, a par de *vou* diz o povo também *vom:* cf. *estar* (nota); a forma *vás,* frequente na literatura ainda no século XVI, continua a viver na linguagem popular. Na citada província, ouve-se também *inha* e *vanha,* a par de *vaia* (cf. cast. antigo *vaia,* mod. *vaya* e cantiga n.º 902 do *C. V.*) em vez de *ía* e *vá,* decerto por influência de *vir,* mas no Norte, como em espanhol e galego, no imperfeito do indicativo persiste ainda a desinência latina *-ba* (*iba, ibas,* etc.).

(3) Na *Crónica Troiana* encontram-se estas formas: *senço* (1.ª pessoa do sing. do pres. do ind.) e *sente* (3.ª, idem) II, 20.

(4) Nas *C. S. M.* também *offero,* que poderá ser um latinismo.

Pret. *ouvi, ouviste,* etc. *(ouvi,* etc. e *oí, oiste, oio* (1), etc.; de aqui, *ouvira, ouvisse, ouvir* e *oira, oísse, oir).*

Fut. *ouvirei,* etc. *(ouvirei* e *oírei,* etc.; de igual modo o condicional).

Imp. *ouve, ouvi (ouve, ouvide* e *oide)* (2).

parir (Ind. pres. *pairo, pares,* etc.

Conj. pres. *paira, pairas, paira,* etc.).

pedir Ind. pres. *peço, pedes, pede,* etc. (assim e *pido, pides, pide, pedimos, pedís, pidem).*

Conj. pres. *peça, peças, peça,* etc. (assim e *pida, pidas, pida, pidamos, pidais, pidam).*

Imp. *pede, pedí (pede, pedi* ou *pide* e *pedide)* (3).

possuir (possoir) Ind. pres. *possuo, possùis, possùi,* etc. *(possoio* ou *possuio, possois, possoi, possoimos, possoides, possoiem).*

Conj. pres. *possua, possuas,* etc. *(possoia, possoias, possoia, possoiamos, possoiades, possuiades* e ainda *possuades, possoiam)* (4).

---

(1) Na *Crónica Troiana,* I, 140, lê-se *oieu,* mas *oio,* I, 126, 211.

(2) Em Gil Vicente encontra-se *oivo* e *ouvo* (1.ª do ind. pres.), e *oivamos* (1.ª do pl. do conj. pres.), formas tiradas do infinito; aquela vive ainda em Trás-os-Montes, com a mudança do *-v-* em *-b-*. Por influência de *visto,* o particípio deste verbo é no povo *ouvisto,* como por igual motivo o mesmo diz *havisto* por *havido.*

(3) Igualmente *medir,* além das formas regulares e ainda em uso, no século XVI, *mido, mides,* etc., no pres. do ind., *mida, midas,* etc., no conjuntivo e *mide* no imperativo. Como se fora um composto de *pedir,* do mesmo modo que ele conjuga-se *impedir,* que, à semelhança de aquele, aparece nos autores fazendo também no indicativo, conjuntivo e imperativo; *impido, impide,* etc., *impida, impidas,* etc., *impide,* etc. A sua introdução na língua por via erudita fez que passasse a uso restrito o antigo *empecer,* de sentido aproximadamente idêntico, que provinha do indicativo de impedire ou seja *impediscere, e fazia, em harmonia com os verbos da mesma espécie *empeesco, empeeces,* etc., *empeesca, empeescas,* etc., passando depois a *empeeço* e por fim à forma actual. Vê-se, pois, que *impedir* não tem com *pedir* nada de comum, pois que na sua origem são inteiramente diferentes, a não ser a casualidade de igual terminação no infinitivo.

(4) No povo ainda: *possuio, possóis, possói, possuimos,* etc., *possuia* ou antes *pessuio,* etc. A primitiva forma do infinitivo deve ter sido **posseir* de **possi-*

rir Ind. pres. *rio, ris, ri, rimos, rides, riem* ou *rim*
(riir) *(rijo, ris,* etc.
Conj. pres. *ria,* etc. *(rija* (1), etc.).

sair Ind. pres. *saio, saias,* etc. *(saio, saes* ou *sais, sal, saimos, saides, saiem).*
Fut. *sairei, sairás,* etc. (assim e *salrei* ou *salrrei, salrás, salrá, salremos, salredes, salram.* Por igual forma o condicional) (2).
Imp. *sai,* etc. *(sal,* etc.).

seguir Ind. pres. *sigo, segues,* etc. (* *sego, segues, segue,* etc. ou *sigo, sigues, sigue, seguimos, seguides, siguem).*
Conj. pres. *siga, sigas,* etc. *(sega, segas,* etc. *siga, sigas,* etc.) (3).
Imp. *segue, seguí (segue* e *sigui* ou *sigui, seguide).*

servir Ind. pres. *sirvo, serves, serve,* etc. *(sérvio, servo, serves,* etc., e *sirvo, sirves, sirve, servimos, servides, sirvem).*
Conj. pres. *sirva, sirvas, sirva,* etc. *(sérvia, serva, servas, serva, servamos, servades, servam* (4) ou *sirva, sirvas,* etc.).

---

dire, resultante de **possidio;* de aqui por assimilação vocálica talvez o actual *possuir.* O ind. pres. e portanto o conj. foram decerto tirados do infinito; regularmente dariam **possejo* e **posseja.* Na *Rev. Lus.,* XXI, 251, 262, ocorre o conj. *pessoia,* etc.

(1) Assim lê O. Nobiling o *riia* da cantiga n.º 1.106 do *C. V.* Cf. *As Cantigas de D. Juan Garcia de Guilhade,* pág. 59, v. 809. Na *Crónica Troiana* encontram-se estas formas: imp. do ind. *riia,* II, 20, do conj. *riise,* I, 247.

(2) As formas *seir* (inf.), *seí, seiu* (1.ª, 3.ª do pret.), e *seirei* (fut.) são galeguismos, na opinião da D. Carolina Michaëlis, cf. *Glossário,* do *C. A.* Como *sair,* conjugava-se o arc. *falir,* de que se encontram as formas *fal* (3.ª pessoa do presente do indicativo) e particípio *falido.*

(3) Cf. *Regra de S. Bento,* no meu citado livro *Evolução da língua portuguesa.* Na *Crónica Troiana,* II, 30, a 3.ª pes. do sing. do ind. pres. é *sigue.*

(4) A forma citada encontra-se, por exemplo, no *Livro dos Bens de D. João de Portel,* a pág. 139, onde se lê: *quem ouver vassalos em seu solar ou en sa herdade nom servam a outro homẽe,* etc.

Imp. *serve, serví, (serve* ou *servi* e *sirve, servide,* etc.). E como este o verbo *vestir* (1).

vir **(vẽir, vĩir, viir)** Ind. pres. *venho, vens,* etc. *(venho, vẽes, vẽe* ou *veem, *vẽimos, *vẽides, vĩimos, vĩides, viimos, vindes, vẽem, vem).*

Imperf. *vínha,* etc. *(vẽia,* etc., como em *ter).*

Pret. *vim, vieste, veiu,* etc. *(vĩi, vẽeste, vẽo* (2), *vẽemos, vẽestes, vẽerom,* depois *vim, veeste, veo, veemos,* etc.). E daqui os derivados: *vẽera, vẽesse, vẽer,* depois *veera, veesse, veer* (3).

Fut. *virei, virás, virá,* etc. *(vẽrrei, vẽrrás, vẽrrá,* etc., *verrei, verrás,* etc., *vẽirei, vẽirás,* etc., *vĩirei, vĩirás, vĩirá* (4), etc., *viirei,* etc.). Assim o condicional.

Imp. *vem,* etc. *(vẽe* ou *veem, vĩide)* (5).

Part. *vindo* (arc. *vehudo* (6), *vĩudo* e *viindo).* Por este se conjugavam os seus compostos (arc.), *avir, convir,* etc. Como este, conjugam-se os compostos, *avir, aconvir* (arc.), *convir,* etc.

---

(1) Do conjuntivo deste verbo encontra-se a sua forma arcaica ainda sem a metafonia no seguinte passo da *Virtuosa Bemfeitoria, e em sua (das filhas) presença non vestas o teu rostro de sobeja ledice* (Edição da Biblioteca do Porto, pág. 123).

(2) *Convẽ* (por *convẽo*) na *Crónica Troiana,* II, 209.

(3) Persiste ainda nas falas do Norte a forma arcaica da 3.ª pessoa do sing. do pret. perf. do indicativo, isto é, *vẽo,* e sem nasal na Beira (Na *Crónica Troiana, veu,* I, 122, 138, 139, 145, 257, 174, 179), pronunciado o *v-* como *b-*, segundo o hábito daqueles povos em determinados casos, mas, a par dela, também *binhe, binhera, binhesse, binher,* que a gente do Sul também possui, conservando todavia o *v-*.

(4) Escrito *viinra* na *Regra de S. Bento.*

(5) No conj. pres. 3.ª pes. do plural, *vaian,* na *Crónica Troiana,* II, 22.

(6) Escrito *vehudo* num texto medieval.

CAPÍTULO IV

Palavras invariáveis

47. É costume dividir as partículas em quatro espécies: *advérbios, preposições, conjunções e interjeições*, mas, pròpriamente falando, essas quatro espécies não passam de duas, uma que compreende os advérbios, preposições e conjunções, outra na qual entram as interjeições, visto como entre as três primeiras não há em rigor verdadeira distinção, tendo, na sua origem, a maioria das chamadas conjunções saído dos advérbios e destes as preposições latinas que foram adoptadas pela nossa língua. Ainda hoje palavras há, como *antes, depois,* etc., que funcionam ora como preposições ora como advérbios. Porque as três primeiras: advérbios, preposições e conjunções servem para mostrar ou as circunstâncias que acompanham a acção ou estado, significados pelo verbo, ou os laços que prendem entre si as palavras ou frases, poderá dar-se-lhes o nome de *partículas de relação,* reservando-se para as interjeições o de *partículas de sentimento.* Umas e outras podem constar quer de uma só palavra, originária ou resultante da junção de duas ou mais, quer de mais de uma, dividindo-se portanto em *simples* e *compostas* ou *locuções.* Além disso, palavras há que, tendo dantes feito parte de categoria diferente, por se terem mais tarde tornado invariáveis, vieram a ingressar no número destas [1]. Começarei pelos:

48. *Advérbios.* Consoante a sua origem, dividem-se eles em *nominais* e *pronominais,* compreendendo os da última espécie tantas classes quantos os pronomes, com excepção dos pessoais, subdividindo-se portanto em *demonstrativos (aqui, ali, lá, além,* etc.), *relativos*

---

[1] Semelhante processo existira já no latim, que fora buscar à classe das palavras variáveis a maioria dos seus advérbios, que, como diz Lindsay *(The Latin Language,* pág. 548) «are for the most part cases of Nouns, Adjectives (or Participles) and Pronouns, the cases most frequently found being the Accusative, Ablative and Locative and often retain case-forms which have become obselete in the ordinary declension».

(onde, etc.), *interrogativos (onde, como, quam*, etc.), e *indefinidos (algures, nenhures*, etc.), e, tendo em vista a sua significação, podem reduzir-se aos cinco grupos seguintes:

a) de *lugar*

ante (arc. como quase todos os seus compostos) (1)	ante
avante	ab + ante
davante	de + ab + ante
dante ou *diante*	de + ante ou de + in + ante
perante	per + ante
perdante	per + de + ante
aqui (cf. gal. *eiqui, equi)*	eccu hic
ali, alá (2) (arc. hoje *lá), aló* (2) (arc.)	ad + illic, illac e illoc
acá (arc. hoje *cá), acó* (2), (id.) *acolá*	eccu + hac + hoc + illac
áque (3) (arc. ainda pop. cf. a frase *áque del-rei)*	eccu
ende ou *en* (arc. = *de aí)* e compostos	inde
alende (arc. hoje *além)*	ad + illic + inde (4)
aquende (arc. hoje *aquém)*	ad + eccu + inde (4)
i (arc. e pop. hoje *aí)*	hic e ad + hic (5)
u (arc. substituído pelo seguinte)	huc (5)
onde (6)	unde
cerca ou *acerca*	circa, ad + circa
foras (arc. hoje *fora), dentro*	foras, de + intro

---

(1) A combinação de *ante* com uma única preposição ascende já ao latim clássico, como se vê de inante, abante; depois essa combinação ampliou-se, a avaliar dos exemplos que nos subministram as várias línguas românicas.

(2) Perduram ainda em galego estas formas.

(3) No sentido de *eis* aparece já em textos dos primeiros tempos da língua: cf. o v. 1.175 do *Canc. de D. Dinis*, e nota de Lang ao respectivo passo.

(4) Terá de admitir-se, para explicar as formas *aalem* e *aaquem*, que o *i* e *e* iniciais de illa e eccu passaram a *a* por assimilação com igual letra da preposição.

(5) Para os advérbios *i* e *u*, hoje caídos em desuso, são geralmente propostos como étimos os latinos ibi e ubi, afigura-se-me, porém, que os acima dados explicam melhor as formas portuguesas do que aqueles, aliás exigidos por outras línguas. A *i* juntou-se a partícula *des*, formando-se assim a expressão *desi* ou *des i*, de uso muito frequente na antiga língua, no sentido de *depois*.

(6) Também escrito *unde* na conhecida frase notarial, *unde al non façades* (cf. *Rev. Lus.*, XXI, 265, 278).

preto (arc. hoje *perto*) . . . . . . *pretto (por praesto)?
longe . . . . longe
aprés (1), *daprés, apar* (arc. = junto, ao pé de) appressu, ad + par
suso (arc. = acima) . . . . susu
juso (arc. = em baixo) . . . . jusu
acima, arriba (2), *abaixo* . . . ad + cima, -ripa, *-basseu
algur, alhur, nenhur (3) (arc. hoje *algures, alhures, nenhures*) . . . . aliorse
redro (arc. = para trás, restituído à forma literária) . . retro

b) de *tempo*

hoje . . . . hodie
eiri ou *eire* (arc. substituído pelo seguinte) . . . . ´ heri
ontem. . . . . a(d) + nocte (4)
cras (arc. substituído pelo seguinte). . . . . cras
amanhã . . . . ad + *maniana
ora (5), *agora*. . . . . ad, hac + hora
nunca (6). . . . . nunqua(m)

---

(1) Além da significação dada acima, aparece esta partícula também com a de *depois* (cf. Morais, s. v.): cf. francês *après* e *auprès*.

(2) Note-se que a duplicação do *-r-* (como também a do *-s-* em *assim)* não se deve atribuir a assimilação do *-d-* de ad, nem resultou da forma *ar* que a mesma preposição teve no lat. arcaico, mas é apenas uma maneira de indicar que o *-r-* (e portanto o *-s-*) continua a ter o som forte de quando inicial.

(3) No provençal há *alhor* e *alhors*, que se julga representarem o lat. *aliorse (por aliorsum), como o fr. *ailleurs*; é possível que se tivesse visto erradamente na 2.ª forma um plural e na 1.ª um singular e de aí as portuguesas *alhur* e *alhures*; à semelhança delas, com troca de *alh* — (= outro) por *alg-* e *nenh-* (isto é, *algum* e *nenhum)* ter-se-iam criado as restantes: *algur, algures, nenlhur* e *nenhures*.

(4) Segundo Cornu, estribado nas antigas grafias *oõyte, oõte, oontem*: cf. *Romani*, XI, pág. 91. A pronúncia popular é ainda *onte*. Igual procedência apresenta o *anueiti* do asturiano ocidental e o castelhano arc. *anoch.*, que ocorre no v. 2.813 do *Cantar de mio Cid*. Para mais esclarecimentos desta expressão veja-se a edição do *Cantar*, de M. Pidal, I, 293.

(5) A forma anterior desta palavra deve ter sido *aora*, que existiu no antigo castelhano e ainda persiste no actual *ahora*.

(6) A forma verdadeiramente regular, *nonca*, só a encontrei no *Censual da Sé do Porto*, pág. 172.

já (e composto de *mais*)	ja(m)
logo	loco (1)
atrás	ad + trans
antano (arc. = no ano passado)	ante + annu-
ogano (arc. = este ano)	hoc + anno
entonce, *estonce* (arc. substituídos pelo seguinte)	in, ex + tuncce
entom, hoje *então*	in + tunc
cote, *cotío* (arc. = diàriamente) (2)	*quóttidio
inda ou *ainda*	hinc + de + ad? (3)
quando (*cando* na língua arc. e pop.)	quando
pos (arc. e compostos de: *a*, *de* ou *des*, *em*)	post
sempre	semper
alquando (arc. = alguma vez)	al(i)quando
cedo (4), *tarde*	cito, tarde
pois (e compostos *depois* e *despois*) . .	*posti (por poste) (5)

c) de *modo*

aduro, *adur*, *de dur* (arc. = dificilmente, apenas)	ad ou de + duru
anvidos (arc. = contra vontade) . . .	invitus por invite
ensembra (arc. = juntamente com)	in + simul
agĩa, *aginha*, *asinha*, *azinha* (arc. = depressa) . . .	*agina
tamalvez, *tamalavês*, *malvez* (6) (arc. = *aduro*)	tam mala vice

---

(1) Na língua arcaica foi esta palavra usada como substantivo, tendo mais tarde sido substituída pelo derivado *logar* nessa significação: cf. também o lat. illico de inloco.

(2) Persistem ainda nalgumas falas populares as antigas formas *cote* e *cotío* mas acompanhadas da preposição *a* (antes *de* a primeira: *cotío*, cf. Morais, s. v.): em galego vivem ambas igualmente, mas com a prep. *de*, cf. G. de Diego, *Gram. Hist. Gal.*, pág. 148. Da segunda, em que se veria um sufixo *-io* (cf. em galego *cotiano*), tirar-se-ia a primeira, que seria assim uma espécie de regressivo.

(3) Vide Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil. Port.*; Diego, obra citada, 149, propõe inde + ad.

(4) Na *Montaria*, 70, 74 e outros textos medievais ocorre *toste*, provàvelmente tomado do francês.

(5) Segundo Leite de Vasconcelos (*Fil. Mirandesa*, I, 450), que também lembra um *pox, criado à semelhança de mox.

(6) Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 57, II, 208, escrito sempre *malaves*.

como (coma, come, arc. e pop.) (1)	quomodo, -ad, -et
si, assi, non (arc. = *sim* (2), *assim, não)*. .	sic, ad sic, non
bem, mal (3).	bene, male
nega, nego (arc. = senão)	nequa
talvez	tal(i) vice
quiçá, quiçais	quid sapit ou sapis (4)
embora (5)	in bona hora

d) de *quantidade*

chus (arc. substituído por *mais*, de magis)	plus
mẽos, meos (arc. hoje *menos)*	minus
muito, pouco, nada	multu, paucu, (res)nata
assaz.	ad + satie
ca (pop.).	quam
àvonde (arc. e pop. = bastante)	abunde

e) de *designação*

eis (6)	*hais (por habetis).

---

(1) *Quente coma lume* (Lordelo, Paredes), *frio coma gelo.*

(2) A nasalidade desta partícula afirmativa, que a língua arcaica desconhecia, deve ter-lhe provindo da sua antónima, comunicando-se também àqueles vocábulos em que entrava, como *assim, outro sim.*

(3) Podem figurar também entre os de quantidade.

(4) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições*, pág. 359. Em Gil Vicente ocorrem as ormas *sequaes, sicais* ou *siquais*, provenientes, segundo me parece, por metátese das indicadas acima.

(5) Na língua antiga conserva esta expressão o seu primitivo sentido, como se vê desta frase de Gil Vicente *(Serra da Estrela) Gonçalo, venhas embora;* o contrário era *em má hora:* cf. adiante, pág. 353, nota 4.

(6) O advérbio latino ecce, que tem sido dado para étimo deste (V. Morais s. v.), se convém pelo sentido, é repelido pela fonética; também não pode ser explicado pelo espanhol *he*, de igual significação, cuja forma mais antiga foi *fe*, ao passo que o nosso sempre assim se escreveu ou *ex* (cf. *Fonética*, Apêndice, III); deve, segundo penso, ser a 2.ª pessoa do plural do indicativo presente do verbo *haver* (antes *aver)* na sua forma encurtada; o emprego dessa pessoa, em vez do imperativo, como era de esperar, não é sem exemplo: cf. na antiga língua *treides* na *Rev. Lus.*, vol. III, 189, e na moderna Camões, VII, estâncias 4 e 5. *Vede-los alemães, vede-lo duro inglês)*, e o autor da *Eufrosina (vedes ahi carta de Crisandor*, 233; *veis ahi um viniem pera pão*, 47). Com sentido igual a *eis* possuía a

49. *Locuções adverbiais.* — Afora muitos dos advérbios antecedentemente nomeados, que, apesar de compostos de mais de uma palavra, é de uso escreverem-se como se fossem simples, outras locuções compreende a língua portuguesa, susceptíveis da mesma divisão que aqueles, as quais são formadas por: 1.°, *preposição e nome* (substantivo ou adjectivo) ex.: *por fim*, *sem dúvida*, *àvondo*, arc. e pop. (de *a* + avondo = em abundância) *de praça* (arc. = *pùblicamente*), *com efeito* ou *de feito*, *por acaso*, *por ventura* (dantes também *per ventuira*, *pola ventura*), *em*, *na* ou *de verdade*, *depressa*, *comenos* [1], *de súbito*, *de* ou *por certo*, *de cham* ou *pram* (arc. = *sem dúvida*, *certamente*), *em baixo*, *de balde*, *em vão*, *a miúdo* ou *amiúde*, *a reo* ou *arreo* e *arreio* (arc. = sem interrupção, a seguir), etc.; 2.°, *preposição e advérbio*, ex.: *donde*, *aonde*, *desuso*, *atéli* ou *até ali*, *daí* ou *dí) em diante*, *a quando* (pop. = ao mesmo tempo), *já quando* (arc.), *a* ou *de mais* ou *menos*, *entretanto*, *entrementes* ou *entramentes* (pop.) [2], *de cá* ou *lá*, etc.; 3.°, *dois advérbios*, ex.: *não*

---

língua antiga e ainda mantém a popular de hoje a forma *aque*, que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (cf. *Glossário* do *C. A.* s. v.) faz vir de ecce, influído por atque.

(1) A forma verdadeira desta locução deve ter sido o arc. *comeos*, que já de si proveio de *comeo* com acrescentamento do *-s* paragógico (ambos ocorrem na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 356, II, 258); a actual resultou, a meu ver, do ressurgimento do *-n* no antigo advérbio *meos* e da confusão deste com o plural do substantivo, que sendo então igual àquele se diferenciou depois pela ditongação do *e* tónico final de sílaba, por isso Viterbo cita também *comeios* todavia a anterior consciência do substantivo parece persistir no emprego do pronome *este*, de que vem acompanhada.

(2) Do arc. *dementre* (vejam-se exemplos na *Rev. Lus.*, XXVII, 51), cuja forma mais antiga deve ter sido *domentre* (cf. antigo cast. *domientre*), pois representa o lat. dum interium, talvez por o considerarem vocábulo composto, tirou-se o *de-*, ficando só *mentre*, que também perdeu o *-r-*, provàvelmente por dissimilação, quando precedido da prep. *entre* e se encontra frequentemente com *-s* paragógico. No Algarve usa-se a expressão *malmentinhos*, no sentido de *ao de leve apenas*, que se afigura composta do advérbio *mal* e do diminutivo de *mente*, com o mesmo *-s* paragógico. Este *mentes* usava-se ora só, ora precedido da prep. *em*: cf. exemplos em Viterbo e Morais. Desta última forma deve provir o pop. *imentes* (*emmentes*, *ementes*, *imentes*).

menos, *quando menos*, *oge-* ou *oi-mais* (arc.), *nanja*, *no'mais* (1), *nunca mais*, etc.; 4.°, *pronome e substantivo ou advérbio*, ex.: *essora* (arc. = *então)*, *outro si* ou *outrossi*, (arc. hoje *outrossim)*, etc.; 5.°, *dois pronomes*, ex.: *esso meesmo* (arc. = igualmente), etc.; 6.°, *conjunção e verbo*, ex.: *sequer*, etc.; 7.°, finalmente *verdadeiras frases*, ex.: *de quando em quando*, *hoje este dia* (2) (arc.), *logo essora* (id.), *nem mais nem menos*, *por aí* ou *i além*, *de moto próprio*, *onde* (arc. *hu) quer que seja*, *nom jaz i al* (arc. = certamente), *a mão tente* (id. = à queima-roupa), *a mais não poder*, etc.

50. *Nome adverbiado.* — Mas na junção principalmente do nome com preposição esta pode omitir-se e aquele ser usado com força de advérbio; assim, ao lado das expressões: *arriba*, *acima*, *acabo* (também *de cabo* e ainda *com de cabo* na língua antiga, no sentido de *outra vez)*, *de baixo*, *de ligeiro*, *de primeiro* (sobretudo no português arcaico), etc., ocorrem outras em que a preposição é suprimida. Dá-se isto com mais frequência ainda no adjectivo, como se vê dos seguintes exemplos: *comprar* caro ou barato, *morar* próximo, junto, distante, *falar* alto ou baixo, *ficar* certo, *andar* ligeiro, *vir* privado (3), *estar* contino (arc. e pop.). Estão

---

(1) Cf. *Lusíadas*, x, 145. A queda da nasal observa-se ainda em *nemigalha*, *nonada* e pode atribuir-se a dissimilação, mas igual facto dá-se no advérbio *não*, que na boca do povo, quando em próclise, toma por vezes a forma *na*, proveniente da arcaica e ainda popular *nam*, cf. também os populares *neija* e *neja*, a par de *nanja*.

(2) Note-se o plèonasmo desta expressão, ainda subsistente na língua com a troca do pronome pela preposição *em*, na qual se repete o *este* já incluído em ho(c)die: cf. igualmente o fr. *aujourd hui*, o ital. *oggedi* e o esp. *hoydia*. O mesmo advérbio hodie entrava ainda na locução *oge-* ou *oi-mais* acima citada, que se encontra nos *Cancioneiros* e era conhecida também do antigo castelhano. Na expressão pop. *con de dia*, ocorrente em Sá de Miranda, deve de haver cruzamento entre *de dia e con dia*.

(3) Ao lado desta forma, que na língua arcaica era sinónima de *depressa*, e se lê, por exemplo, na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, I, 175, existia também *priado*, como em castelhano: cf. *Rev. Lus.*, III, 181. Tinham idênticas significações os adjectivo-advérbios *festĩo* ou *festinho* e *toste*, dos quais o primeiro representava o lat. festinu e o segundo, de origem incerta, também se usava acompanhado de *-mente*.

no mesmo caso em especial os adjectivos que designam quantidade ou intensidade, tais são: *muito* ou *mui*, *pouco*, *tanto* ou *tam*, *quanto* ou *quam* (1).

Estes processos de formação adverbial herdou o português, com as demais línguas românicas, do latim, especialmente o falado na época imperial (2), segundo o testemunho dos gramáticos, que censuram algumas das expressões em uso no seu tempo, mas, afora eles, ainda este conhecia outros, dos quais muitos deviam ascender ao seu período mais arcaico; tais eram o emprego de velhos acusativos em *-im*, como sensim, pedetentim, passim, certim, etc., e a adjunção dos sufixos *-tus*, *-ter* e ainda o *-e* do antigo ablativo — instrumental a substantivos e adjectivos, como em radicitus, coelitus, constanter, firmiter, juste, probe, romanice, gallice, etc. Estas formações, porém, foram postas de parte pela língua popular, restando apenas da última alguns raros advérbios, como *bem*, *mal*, *longe*, *tarde* e poucos mais (3), mas em compensação uma nova se

---

(1) É devida a próclise a queda da última sílaba nos advérbios, *mui*, *tam* (ou *atam*, arc.) e *quam*, o que aliás se dá noutros, *além*, *aquém* e os antigos *avan* e *davan* (cf. *davandito* em documentos de cartório). Por igual motivo caiu o *-o* final nos, também arcaicos, *adur* (e *aduro* ou *de dur*), *afor*, *aprés* e *sol* (cf. arc *bel* e *mal*). Este último tem em Gil Vicente, sem falar no castelhano *solamente*, também a forma *soes* (e composto *tamsoes*), que talvez se possa explicar pela adjunção de *-es* paragógico, em vez de *-s*, que neste caso seria impossível, e queda do *-l-* intervocálico.

(2) No próprio latim clássico encontram-se a mor parte das formações adverbiais citadas, o que a língua popular fez foi dar-lhes mais extensão, segundo ficou dito atrás; assim, afora os exemplos latinos dados, acrescentarei ainda estes: **prep. e nome**: obviam, affatim, incassum, postmodum, amussim, denuo, sedulo, extemplo, etc.; **prep. e advérbio**, deinde, interibi extunc, etc.; **dois advérbios**, tanquam, jantum, etc.; **pron. e substantivo**, quare, quomodo, etc.; **pron. e verbo**, quovis, quorsum, etc.; **simples subs.**, noctu, diu, etc.; **frases**, dumtaxat, scilicet, etc.

(3) Entra neste número o vocábulo *romance*, que, sendo originàriamente advérbio, passou depois à classe de nome, como se vê da expressão *falar língua romance* ou só *romance*, mas não o advérbio *amiúde*, como à primeira vista parece, o qual se desenvolveu de *a miúdo*, que também se usa. Sobre a troca em *-e* do *-o* final do adj. *miúdo* cf. *aceite*, *contente*, etc.; ao lado de *aceito*, *contento*. Veja-se também Leite de Vasconcelos, *Gralho depenado*, pág. 5.

criou que adquiriu grande extensão: foi a de ajuntar ao adjectivo, na forma feminina, quando a possuía, o substantivo *mente* que, tendo significado *espírito*, veio depois a ser sinónimo de *modo*, assim: *santamente, juntamente, boamente, pobremente, felizmente, cortêsmente, sagesmente* (arc.), *portuguêsmente, mesmamente*, etc. (1).

Observação. A consciência da composição evidenciava-se na antiga língua, que separava as duas palavras, e parece persistir ainda hoje no uso de, quando se seguem dois adjectivos de igual terminação, juntar esta só ao último.

Como locução adverbial de modo usa-se ainda o adjectivo, no plural feminino (talvez à imitação da locução latina a foris), precedido das preposições *de* ou *a*, esta fundida hoje com o artigo definido de igual número e género, mas na antiga língua desacompanhada dele (2), assim: *deveras, às claras, às avessas, às escuras, às boas*, etc.

51. *S Paragógico.* — Por analogia com alguns advérbios que do latim tinham já trazido *-s* final (*mais, menos, foras, cras*, etc.), propagou-se esta consoante a outros que naquela língua não o possuíam, como *antes, estonces* e pop. *somentes.*

Observação. Mencionarei ainda entre os advérbios as duas partículas arcaicas *er* ou *ar* e *per* (raro *par*), as quais, como prefixos separáveis, acompanham por vezes o verbo ou advérbio, a fim de lhe reforçarem o sentido, como se vê destes exemplos: *desi nom o er podedes enganar*, **D. Dinis**, v, 70; *mais ar ei pavor*, id., 39;

---

(1) Embora a palavra *guisa*, de origem germânica, fosse sinónima de *mente*, parece que se não empregava neste caso em português, pelo menos ainda se me não deparou exemplo como o espanhol *mui fiera guisa.*

(2) Por exemplo: *a sabendas, a avessas*, etc.; resto deste modo de dizer é a actual expressão *a ocultas*: cf. igualmente o espanhol *a tontas, a ciegas, a oscuras*, etc. Também, em vez do actual *por pouco*, dizia-se *per poucas*. Por vezes mesmo omitia-se a preposição, como se vê em *certas*, que concorria com *a certas*. Mas não era só o adjectivo que assim se empregava, era também o substantivo; pois em D. Dinis, versos 1.139-40, lê-se *a vezes* e ainda hoje diz-se *apenas*; a razão da diferença de tratamento entre aquela expressão, que hoje vem acompanhada de artigo, e a última, em que assim não sucede, está provàvelmente em ter-se nesta perdido a consciência da sua composição, passando a ser tido por vocábulo simples e invariável.

meu pae er tem bem de seu, **G. Vicente**, I, 33, *mais ar direi-vus o que me detem que non per moiro*, **Canc. d'Ajuda**, V, 5.223-4. Quanto à sua origem provém *er* ou *ar*, segundo Cornu (*România*, XI, pág. 580), do -re, latino, que entra na composição de muitos verbos (1); a outra partícula quiçá é a mesma que, diferente da preposição, servia de dar mais força à palavra a que se antepunha (adjectivo ou verbo), segundo mostram os vocábulos perabsurdus, perbibo, perficere, pertimesco, pereo e outros.

52. *Preposições*. — As preposições latinas subsistem na sua maioria no português, onde, como já sucedia na língua clássica, algumas continuam a desempenhar simultâneamente o papel de advérbios, consoante a sua origem; são: ad, *a*, ante, *ante*, circa, *cerca*, contra, *contra*, cum, *com*, de, *de*, in, *em*, inter, *entre* (também *ontre* e *antre*, arc.), per, *per* (2), pro, *por*, post, *pos*, secundu- (3), *segundo*, sub, *so* (arc.), *sob*, super, *sober* (4) ou *sobre*, trans, *trás*.

Em substituição das que se perderam a língua criou outras, recorrendo para isso aos mesmos processos usados com o advérbio, e portanto umas vezes ajuntou dùas ou mais por forma tal que têm quase sempre a aparência de um vocábulo único, como se vê em *des* (arc. e pop.), *desde*, *para*, *após*, *escontra*, etc., de de + ex., de + ex. + de, per + ad, ad + post, ex., + contra, etc.; outras, habi-

---

(1) A vitalidade deste prefixo entre o povo é tal que aparece nos nossos dramaturgos, como Gil Vicente, A. Prestes e até Camões, unido a nomes, pronomes e até advérbios, sem falar nos verbos onde o seu emprego é mais extenso. Veja-se a propósito *Rev. Lus.*, III, pág. 183 em que D. Carolina Michaëlis evidencia perfeitamente essa vitalidade e Júlio Moreira, *Estudos da língua portuguesa*, vol. I, págs. 153-4.

(2) Ao lado desta forma, que hoje, afora os artigos definidos, se usa apenas em locuções como *de per si*, *de per meio*, existia na antiga língua também *par*, que se empregava quase exclusivamente em certas frases invocativas, como *pardês* ou *par dês*, *par nostro senhor*, etc. Com os mencionados artigos, quer na antiga forma, quer na actual, também os clássicos usam *por*, isto é, *polo*, *pola*, *pora*, mas tal modo de dizer tornou-se obsoleto.

(3) Como se sabe esta preposição é na sua origem o gerundivo de sequor.

(4) De aqui o arc. *sôbolo*, com troca do -*e*- em -*o*- por influência da labial (cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Fil.*, 61, nota).

litando como tais palavras diferentes, quer substantivos; *cas* (1), *cabo* ou *cabe* (arc.), etc., quer adjectivos verbais: *salvo, junto, excepto* (2), etc., quer antigos particípios do presente: *mediante, passante, rente, durante, consoante,* etc., e ainda formando várias locuções, como as seguintes: *dentro de, depois de, fora de, para com, por entre, através de, a respeito de, quanto a* (arc. e pop. *canto a* ou *cantá), em vez de, por baixo* ou *cima de, de so* (arc. = *so)*, etc.

OBSERVAÇÃO I. Para representar a ideia expressa pela preposição latina tenus, serve-se o português actual de *até*, que o antigo dizia *atẽes* e *atem*, pelo que se crê que aquela forma se transformaria na Hispânia, pois no castelhano arcaico também existiu *atanes* em tenes (3), adicionando-se-lhes depois a prep. ad; mais tarde o *-s* final teria caído (cf. *fora)* e com o desaparecimento da ressonância nasal a primitiva locução ad *tenes ficaria reduzida ao vocábulo de hoje, que o povo diz por vezes *inté*.

OBSERVAÇÃO II. Sobre as preposições *em, per, de* e *a*, quando juntas aos artigos definidos vide § 18 e ainda, a acrescentar ao caso em que a primeira perdeu a nasalização, o referido adiante a pág. 354, nota 3.

53. *Conjunções.* — Das conjunções latinas poucas passaram para português nas duas classes em que é costume dividi-las: assim das *coordenativas* persistem ou persistiram: as *copulativas* et, *e*,

(1) Na *Fonética*, § 30, Observação V, ficou explicada a queda do *-a* final desta palavra, que na língua antiga aparece geralmente precedida de prep. e deu origem a alguns nomes de lugares, como se pode ver no citado autor (cf. *Filologia Mirandesa*, I, 445, nota). Por igual modo substituiu o espanhol a perda da prep. latina *apud*.

(2) Em vez desta forma literária, usava o antigo português *exceites*, donde *exete* e *exeite*: cf. ainda as referidas *Lições de Fil.*, pág. 91. Sinónima deste adjectivo-preposição era também no mesmo tempo a partícula *ergo*, que em Viterbo vem transcrita sob a grafia errada *eigo*.

(3) Da prep. latina tenus diz Lindsay (cf. *The Latin Language*, pág. 563) «apparently the Averbial Acc. Sig. of a Neuter S- stem *tenes, from the root ten-». Ao lado de *atẽes* ou *atem*, conhecia a língua antiga *ataa* ou *ata* e ainda *taa*, a que parece corresponder o castelhano arcaico *atanes*.

nec, *nem*; as *disjuntivas* aut, *ou*, vel, *vel* (arc.) (1); a *conclusiva* ergo, *ergo* (2) (arc.); das *subordinativas* vivem ou viveram: a *condicional* si, *se*; a *causal* quia, *ca* (3) (arc.); a *final* ne, *nem* (4) (arc.); a *temporal*: quando, *quando* (*cando*, arc. e pop.) e a *comparativa* quam, *ca* (arc. e ainda popular).

Observação. Em antigos escritos aparece a copulativa *e*, escrita também *et* e *ed*; não é crível que a consoante *-d* (*Fonética*, § 48,1) ainda se fizesse ouvir, sendo tal grafia devida a influência literária. A pronúncia desta conjunção deve ter sido *é*, como ainda em galego em certos casos, mas, porque, quando seguida de vogal, soava *i*, assim também passou a proferir-se, ainda antes de consoante.

Para compensar a perda das demais conjunções latinas, recorreu a língua a outras palavras, principalmente aos advérbios e preposições, e com elas criou novas, umas vezes, contentando-se com uma só dessas partículas, como: *mas* (5), *logo*, *ora*, *u* (arc.) (6), *mentre*

---

(1) O sentido em que pròpriamente esta partícula é tomada nos *Cancioneiros* é o de *ou pelo menos*: cf. D. Dinis, v, 1.476 e nota respectiva.

(2) Também se empregava como preposição: cf. n.º 2, 361.

(3) Com o valor de integrante aparece igualmente esta conjunção nos antigos escritores (cf. por exemplo, os v. v. 76-78 do citado *Cancioneiro* nos quais figura com os dois sentidos); já também no latim decadente, ao lado de *quod* (vide adiante), usava-se também *quia*: cf. E. Bourciez, *Êlements de linguistique romane*, pág. 302.

(4) Ocorre esta partícula, entre outros, nestes dois passos da *Regra de S. Bento*, já citada: *Non tenham os cutellos con sigo nas cintas... nem per ventura en dormindo se feyram*, pág. 39; *seja lhe dito... que se vaa en boa hora nem per ventura porla sua mizquindade e pecados os outros sejam viciados*, pág. 67.

(5) A primeira forma desta partícula foi *mais*, como ainda pronuncia o povo, porém, já no período arcaico aparece a actual, que deve ter resultado daquela em virtude de próclise e, perdendo a sua primitiva significação de comparativa, tomou a especial de adversativa.

(6) Tanto esta partícula como *mentre* aparecem frequentemente na língua antiga com o valor de temporais; desse uso podem ver-se exemplos em o já citado *Cancioneiro de D. Dinis*: cf. vv. 975 e respectiva nota e 1.467. A última também ocorre por vezes seguida da conjunção *que* e, com o *-s* paragógico de que atrás falei, precedida das preposições *em* ou *entre*, isto é, *mentre que*, *em* ou *entrementes*, *entrementes que*. Veja-se pág. 341, nota 2.

(id.), *como*, ou reunindo duas, cada qual da sua classe, como: per inde, *porende* (arc.), *porém* [1]; outras, habilitando como tais palavras que primitivamente desempenhavam papel diferente, como: *segundo*, *conforme*, *quer*, *(non)*, *embargante* (arc.), etc.; outras ainda, ora reunindo num vocábulo único ou pelo menos assim se escreve hoje, dois ou mais, igualmente de natureza vária, ora conservando-os separados, constituindo assim verdadeiras *locuções conjuncionais*, como: a) per hoc, *pero* (arc. e seu composto *empero*, ao lado de *perol* e *emperol*), *embora*, *todavia*, *também*, *porque*, *quer*, *sequer*, etc., b) *salvo se*, *por quanto*, *visto como*, *como* ou *quando quer que*, *com quanto* ou *quando quer que*, etc. Entre as palavras habilitadas como conjunções, é digna de nota *que*, já pelo seu grande emprego, só ou acompanhada, já pelos variados sentidos que veio a tomar [2]. Na sua origem é esta partícula o pronome relativo na sua forma neutra, quod, mas já no latim clássico este nos aparece com o valor de conjunção causal e, como tal, introduzindo orações assim

---

(1) A princípio o valor desta partícula, que em Gil Vicente tem também a forma *perem*, como igualmente de *pero* e *perol*, foi, consoante as suas origens, o de *por isso*, como se vê destes passos de D. Dinis, no primeiro dos quais aparecem as duas formas: *mais nunca pudi o coraçom forçar que vos gram bem non ouvess'a querer* e porem *nom dev'eu a lazerar, senhor, nem devo* porend' *a morrer*: v. v. 630-4. *E* pero *quem vos diz que nom trobo por vós... mente* v. v. 630-3, e deste do citado dramaturgo *mas perol não t'hei de crer*, I, 30. O mesmo trovador no verso 1.470 emprega a 1.ª seguida da partícula pronominal *em*, neste caso pleonástica; neste como noutros escritores acompanha-as por vezes a conjunção *que*, a qual não altera o seu sentido de *por isso*, todavia figura a 2.ª com o valor de concessiva neste exemplo, extraído do *Tratado das enfermidades das aves de caça de mestre Giraldo*, publicado por G. Pereira, a pág. 26: *nom logra (a ave) cousa que coyma pero aja fome*.

(2) Efectivamente a partícula *que*, quando só, pode valer por qualquer das conjunções, com excepção apenas das conclusivas e condicionais e, quando acompanhada, faz parte das seguintes locuções: condicionais, *a não ser que*, *contanto que*, *caso* ou *no caso que*, *sem que*; causais, *pois que*, *pero que* (arc.), *visto que*, *porque*; finais, *porque*, *para que*, *a fim de que*; concessivas, *ainda que*, *mesmo que*, *apesar de que*, *posto que*, *se bem que*, *como* ou *quanto quer que*, *em que* (arc.); temporais, *depois que*, *logo que*, *todas as vezes que*, *sempre que*, *assim que*, *tanto que*, *mal que*, *até* (e *atá*, arc.) *que*, *cada que*, *sol que*, *quando quer que*, *mentre que* (arcaicas).

chamadas; desse emprego decerto se desenvolveu também o seu uso, em especial, com verbos declarativos e sensitivos (1) *(dizer, crer, pedir, sentir, ver,* etc.), a língua popular, porém, mais tarde substituiu-o por quid, empregando depois dos verbos mencionados, na resposta, a mesma palavra com que se iniciava a pergunta, e de aí, em lugar de se dizer, como de antes, credo quod, por exemplo, passou a usar-se credo quid, porque na interrogação se dizia quid credis?

OBSERVAÇÃO. Na antiga língua encontra-se, por vezes, com o valor de concessiva, a palavra *maguer,* comum também ao castelhano arcaico, em que aparece ainda sob as formas *magar* e *maguera,* e estranha pela sua procedência, que se diz ser o grego μακαριε.

54. *Interjeição.* — Sendo a interjeição um som representante de uma impressão agradável ou desagradável e, como tal, constituído muitas vezes por palavras onomatopaicas, rigorosamente falando, não deve entrar no número das partes do discurso, mas porque está em uso incorporá-la nas partículas, por isso dela me ocuparei também aqui.

Como os romanos, exprimimos a admiração por *oh, ah,* a dor por *ai, ui;* impomos silêncio por *st;* chamamos por *ó;* animamos por *eia,* mas possuímos ainda outras onomatopeias, tais são por exemplo: *apre, irra,* para indicar indignação, *òlá* (2), *òlé,* surpresa, *fu,* repulsa, nojo e, afora muitas mais, quando nos dirigimos aos animais, enxotando-os, estimulando-os ou querendo fazê-los parar, dizemos, v. g. *tx, xô, arre, uxte, xó,* etc., etc.

---

(1) Com tais verbos usava o latim clássico, como é sabido, uma oração infinitiva, o decadente, porém, e com ele o popular, seguindo talvez o arcaico, por quanto em Énio encontra-se já exemplo desse uso (cf. Bourciez, *opus laudatum,* pág. 132), preferiu uma introduzida por quod ou quid e o respectivo verbo no modo indicativo; abundam as construções assim formadas, entre outras, citarei as seguintes bíblicas: scio quod Redemptor meus vivit, Job, XIX, 25; creditis quia hoc possum facere vobis? S. Mat., IX, 28.

(2) A par desta forma, usou-se também *oulá* e ainda Gil Vicente no *Auto da Festa* (II, 438) emprega *ou de la,* expressão que, segundo Leite de Vasconcelos *(Lições de Fil. Portug.,* pág. 359), é sinónima daquela e se deve portanto corrigir em *oudelá.*

Também por um processo conhecido daqueles, lançamos mão de palavras de natureza vária e até de frases, quase sempre incompletas, e empregamo-las com o valor de conjunções; estão neste caso as seguintes expressões: *bravo*, *coragem*, *ânimo*, *ora sus*, *viva*, *morra*, *abaixo*, *fora*, *oxalá* (1), *adeus* (2), etc., conforme queremos significar incitamento, aversão ou desejo (3). A par dos vocábulos ou locuções latinas hercle ou mehercle, edepol, ecastor, medius fidius, temos os arcaicos *bofé*, *bofá* ou *bofelhas*, *par Deus* ou *pardês*, *santa Maria val* e os actuais *palavra*, *palavra de honra*, *Deus me salve*, *valha-me Nossa Senhora*, etc., de que nos servimos, quando afirmamos qualquer coisa ou invocamos a protecção do céu.

CAPÍTULO V

Formação de palavras

A) Popular

55. Como um perfeito organismo vivo, a língua está em contínua elaboração, expelindo de si elementos que por motivos vários

---

(1) De origem árabe ou seja de in xa Alha, isto é, *queira Alá:* cf. Diego, *Gramat. Hist. Cast.*, pág. 177.

(2) De sentido idêntico são as frases *vá com Deus* e *salve-o Deus*, com que o povo das nossas províncias se despede ou saúda alguém.

(3) Poderão incluir-se também no número das interjeições que denotam antipatia os vocábulos *eramá*, *eremá*, *aramá* e ainda *caramá*, *ieramá e muitieramá*, que ocorrem frequentemente em Gil Vicente (na *Crônica de D. Fernando*, de F. Lopes, cap. CXX, *Inéditos*, lê-se *muito era maa ca vehemos)* e provêm, depois de desnasalizada excepcionalmente a preposição *em*, da locução *em ora má*, antónima destoutra *em boa hora*, ainda em uso, mas sem a primitiva significação, na frase *vá-se embora*, tendo-se nas três primeiras formas perdido a prep. e à última acrescentado o advérbio *muito;* tal locução existia já no século XIV, como se depreende desta passagem: *vaa-sse muito e era maa* que se lê a pág. 32 dos *Anciens textes portugais*, publicados por Cornu.

perderam a vitalidade e substituindo-os por outros que nela entram com toda a força e pujança de seres novos, para mais tarde desaparecerem também por sua vez. Esta elaboração, porém, naturalmente atinge o máximo grau de intensidade durante o período da sua formação; passado este, diminui em força criadora, sem cessar por completo. É o que se observa no português. Assente o seu *substratum*, recebido do latim e acrescentado com alguns elementos estranhos, foi necessário ampliá-lo, enriquecê-lo, tanto mais que ideias e costumes novos tinham vindo ou suplantar os antigos ou pelo menos ajuntar-se-lhes; para isso recorreu-se a elementos já existentes, fornecidos principalmente pelo latim, e com eles formaram-se novas palavras ou naturalizaram-se, por assim dizer, outros que razões de estética ou o desejo de enriquecer o léxico fizeram preferir aos em uso até então, os quais por tal motivo foram a pouco e pouco perdendo a vitalidade, até desaparecerem por completo, ou ainda receberam-se com os objectos importados de fora os vocábulos que lá os designavam. Três portanto foram os processos seguidos na aquisição das palavras, a saber: *formação popular*, *formação literária* e *importação estranha*.

A formação popular, que dos três processos apontados é o mais produtivo, procedeu por duas maneiras: umas vezes contentou-se apenas com atribuir à palavra já existente papel diferente do que até aí representava ou, indo mais adiante, adicionou-lhe elemento novo, que veio modificar a primeira ideia: assim *estrada, vagar*, por exemplo, de formas verbais tornaram-se substantivos, de *velho* e *alvo* fez-se *velhice, alvura;* outras fundiu numa só palavras que dantes viviam separadas, como se vê em *abibe, fidalgo*, etc.; à primeira maneira chama-se *derivação*, tendo a segunda o nome de *composição*. Procedendo assim, a língua portuguesa, como as suas irmãs, não fez mais do que continuar os processos em uso já na sua progenitora [1] e

---

[1] Não se ligue a esta palavra qualquer ideia de interrupção, como a que se dá entre a mãe e o filho, que passam a ter vida independente, desde que este se separou daquela, por quanto, segundo ficou dito na *Fon.*, pág. 1 e seguintes, as línguas românicas representam apenas a fase actual do latim.

pelos quais o povo — *penes quem arbitrium est et jus et norma loquendi* (1) — mostrou sempre especial predilecção. Começarei pela

a) Derivação

56. Por este meio a língua, como acabei de dizer, ou conserva a palavra herdada, mas com função diversa da que até então desempenhara, ou cria termos, novos pela sua estrutura e significação, embora, na sua maioria, velhos na sua ideia básica; no primeiro caso a *derivação* é *imprópria*, uma simples *habilitação;* no segundo dá-se a *derivação* pròpriamente dita ou *própria*. Assim tira:

A) *Substantivos comuns* de: 1.º *substantivos próprios* de indivíduos, por eles deixados ou por outros dados às suas descobertas: *dália, hortênsia, camélia, guilhotina,* etc., ou de personagens divulgados pela literatura, que passaram a ser tomados como símbolos das suas principais qualidades: *tartufo, fígaro, anfitrião, merlim,* etc., ou ainda de homens ou povos conhecidos por seus ofícios, defeitos ou vícios, cuja ideia principalmente trazem ao espírito: *carrasco* (2), *assassino, escravo, jesuíta, canibal, galego,* etc.; 2.º *adjectivos,* que, pelo seu frequente emprego sem o substantivo que qualificavam, passaram por fim a dispensar este por completo. Estão neste caso os que designavam os nomes de terras donde provinham certos produtos: *cordovão, valencina, fustão, damasco, pavio, pêssego, avelã, maçã, galgo, sirgo* e muitos outros que o povo usava, desacompanhados dos respectivos substantivos, como *inverno, estio, verão,* nos quais se subentendia a palavra tempus, perífrase que, no latim popular, substituiu os nomes clássicos hiems, aestas, ver, e ainda: *círio, fogaça, fogueira, ribeira, estreito, vidro, alva, cãs, meia, manhã, peçonha, peanha, pardeeiro, herdeiro, junça,* aos quais se devem

---

(1) Horácio, *Arte Poética,* 72, diz *uso* que eu substituo por *povo.*

(2) Desde o tempo de Belchior Nunes *Carrasco,* que na cidade de Lisboa era algoz, chamou o vulgo aos algozes *carrasco* — diz Bluteau no seu *Vocabulário,* s. v.: cf. *Antroponímia Portuguesa,* de Leite de Vasconcelos, pág. 261.

igualmente ajuntar os nomes de árvores em *-eira* (1); 3.º *numerais* e *pronomes*. Foram na sua origem verdadeiros numerais os seguintes substantivos: *quarteiro, quinta, sesmo, quartã, terçã, dízima*, e como tal se emprega, em linguagem filosófica o pronome *eu*; 4.º *particípios*, assim os passados como os presentes, os quais, pelo seu emprego como adjectivos, em rigor entram no número destes. Os passados sobretudo, como já o tinham feito no latim, forneceram um contingente bastante importante, não só os fortes que, pela sua forma irregular se prestavam a desaparecer da classe dos verbos, mas também os fracos; de uns e outros ainda alguns persistem com o duplo emprego de substantivo e particípio, assim: a) *empreita, gesta* (arc.), *enfinta* (id.) *unto, despesa, cinto, corrida* (2), *cevada, esposo, receita, pinto, (bis)coito, estreita* (3), *colheita, fôsso, maleitas, missa, mossa, cosso*, etc.; b) *vista, dito, posto, feito, junta, escrita, ida, volta, chegada, morada, tardada, cavalgada, ferida, mandado, pousada, calçada, estrado, gado, partida, queda, ditado, saída* (4) etc. Muito menos fecundo foi o particípio do presente, que em geral continuou a ser usado como adjectivo, no entanto são tidos por verdadeiros substantivos estes: *estante, agente, lente, vasante, sargento* (arc. *sergente*), *corrente, enchente, sembrante* ou *semblante, consoante, aspirante, oriente, poente*, etc. (5); 5.º *infinitivo*. São considerados

---

(1) Por igual processo formaram-se alguns nomes de povoações, como são entre nós os de *Chaves* e *Sagres*. Outros exemplos dá o filólogo acabado de mencionar nas suas *Lições de Filologia*, a págs. 43-44.

(2) Antes *corruda*, como particípio de um verbo da 2.ª conjugação; pode ver-se esta forma na *Montaria*, de D. João I, pág. 71, da edição da *Academia*. No mesmo caso está a actual *mentira*, que primitivamente deve ter sido *mentida*, como se deduz do arc. *mentideiro*, se é que aqui entra o sufixo *-eiro* e não *deiro*; enquanto o 1.º destes dois vocábulos acompanhou a evolução dos demais particípios dos verbos em *-er*, o 2.º foi influenciado pelo infinitivo *mentir*.

(3) Com igual sentido diz-se hoje *aperto*.

(4) Conservam ainda a terminação arcaica dos particípios perfeitos dos verbos da segunda conjugação (cf. § 42) os substantivos próprio *Temudo* e comum *conteúdo*; sobre a sua persistência na língua pode consultar-se a obra citada a pág. 181.

(5) São também adjectivos *corrente, torrente, nascente, vertente*, etc., e assim concordam com os substantivos a que se referem.

verdadeiros substantivos ou antes têm o duplo emprego de substantivos e verbo os seguintes infinitivos: *prazer, vagar, pensar, aver, ser, lazer* (este hoje só se usa como substantivo), *comer*, etc.; 6.º *palavras invariáveis*. Pela adjunção do artigo podem muitas palavras invariáveis passar também para a classe dos substantivos, assim dizemos: um *sim* ou *não*, os *prós* e *contras*, um *ai*, etc. Do advérbio latino bene proveio o substantivo *bem*, que, tendo coexistido com *bõa*, plural de bonum, suplantou este por fim; também *mal* é na sua origem um advérbio, o substantivo malum confundiu-se com o adjectivo, cuja forma neutra era idêntica.

B) *Adjectivos*. — Assim como grande número de substantivos foram primitivamente adjectivos, assim também alguns *substantivos* se tornaram adjectivos; estão neste caso, entre outros, os seguintes: *azedo, asno, porco, bruto*, e vários *particípios* passaram para a mesma classe, como *estreito, farto, têso*, etc.

Observação. A habilitação ou derivação imprópria era já conhecida do latim que nos oferece bastos exemplos do emprego, como substantivos, quer de adjectivos, quer de particípios, especialmente os fortes, e ainda de infinitivos e particípios do presente; confirmam-no os exemplos seguintes: patria, fera, cani, quartana, tertiana, dextra, laeva, stativa, fossa, sponsus, vivere ipsum, adolescens, vivens, etc.

C) *Palavras invariáveis*. — Da classe das variáveis, algumas palavras transitaram para a das invariáveis, como se viu, atrás §§ 47, 48, 49, 51, 52, 53.

57. *Regressivos*. — No número das palavras formadas pelo processo da derivação imprópria entram os chamados *regressivos* ou substantivos tirados de verbos, principalmente da primeira conjugação, sem auxílio de sufixo, os quais são masculinos ou femininos, conforme terminam em *-o* e menos vezes em *-e*, ou em *-a*, assim: a) 1.º *acôrdo, desprêzo, êsmo, despacho, desvairo, tormento, mando, cuido, penso* (1), *sustento, cargo, canto, espanto, desembargo, custo, grito, confronto, conto, cuspo*, etc.; 2.º *alcance, galope, desembarque, enlace, ultraje*,

(1) *Nam me lembrava por cuido nem por penso*, lê-se na *Eufrosina*, pág. 146. O substantivo *cuido* aparece já em textos arcaicos.

disparate, *descante*, etc.; b) *falha*, *prova*, *conta*, *afronta*, *censura*, *compra*, *demora*, *ajuda*, *reserva*, *disputa*, *contenda*, *amostra*, *desculpa*, *carga*, *demanda*, etc.

Observação. Parece que a língua, ao formar estes substantivos, se regulou pela primeira e terceira pessoa do presente do indicativo dos verbos em *-ar*, adoptando, em vista das terminações, as suas formas respectivamente para o masculino e feminino e, seguindo o mesmo modelo, quando se tratava de outra conjugação, se é que não ajuntou ao radical dos verbos as vogais *-o* e *-a*, próprias dos dois géneros, e o conservou intacto, quando terminava em consoante; dos dois modos podem, a meu ver, explicar-se os exemplos apontados e ainda *perdão* e *condão*, cujas formas arcaicas *perdon* e *condon* podiam ser a terceira pessoa do tempo indicado como o radical dos verbos *perdõar* e *condõar*. Já também em latim havia substantivos que poderão ter igual denominação, os quais terminavam, consoante os géneros, em *-u*, e *-a* (em menor número estes últimos, sobretudo no período clássico da língua) e provinham principalmente de verbos de tema em *-a*; muitas vezes a sua forma era idêntica à do particípio do pretérito de outros verbos donde se originavam os produtores (frequentativos) de tais regressivos; estão neste caso os seguintes: 1.° captus, cantus, versus, jactus, tractus, pulsus, crepitus, etc.; 2.° pugna, lucta, fuga, offensa, repulsa, planta, etc. Quanto às formas em *-e*, é possível que muitas tenham sido influídas por outras de estranha proveniência com igual terminação, dando-se portanto fenómeno semelhante ao sucedido com os adjectivos (cf. *Fonética*, § 30, 3, Obs. III) pelo menos substantivos há hoje em *-e*, como *saque*, *deleite*, *combate*, *trote*, *alarde*, *alcance*, que de antes acabavam em *-o*.

58. *Derivação própria.* — Dá-se este nome, segundo ficou dito, ao processo pelo qual se criam palavras novas, adicionando aos radicais existentes certos elementos, que podem constar de uma ou mais sílabas, chamados sufixos, os quais vão modificar-lhes a significação. É a ele que a língua deve a sua principal riqueza; por ele foi em certa maneira compensada a perda de grande número de raízes que ela acusa, quando a comparamos com o latim; a sua força ostenta-se ainda tão fecunda, como no período da formação.

OBSERVAÇÃO. Chamo *radical* à parte da palavra derivada que resta depois de eliminado o sufixo, o qual pode ser constituído ou pelo elemento irredutível da mesma, a *raiz*, ou por esse elemento mais uma desinência, ou seja o *tema;* assim, enquanto em *chor-oso* o radical é ao mesmo tempo raiz, em *chora-deira* aparece o tema. Ainda tanto aquela como este, embora hoje se nos afigurem simples, podem originàriamente ter sido tais ou conterem em si já sufixos, prefixos e ainda infixos, é o que se vê em *canta-r, deve-dor* e *jungi-r*, comparados com *can-tor*, *ave-r* e *jug-o*. Note-se mais que, em virtude de alterações fonéticas, o mesmo radical pode tomar formas diferentes, dá-se isso, por exemplo, em *le-nda, li-ção* e *lei-tor*, termos estes que têm um radical comum *leg*.

59. *Sufixos.* — Destes uns viviam já no latim clássico, outros criou-os a língua popular; muitos com o andar dos tempos morreram, mas o seu lugar foi logo ocupado por outros; alguns há dotados de tamanha tenacidade que têm sabido resistir aos embates de outros, sem por isso sofrerem a mínima perda na sua vitalidade. Mas, para que um sufixo assim possa resistir, torna-se condição indispensável que tanto ele como o radical a que se ajunta apresentem ao nosso espírito ideias claras, bem nítidas e distintas, aliás aquele é absorvido por este e a palavra assim formada passa a ser considerada como primitiva, é o que sucede, entre outros vocábulos, com *gralha, telha, acha, rosto, crivo, teixugo,* etc., nos quais se perdeu a noção da sua derivação, ao contrário em *areal, pinhal, atadura, semeadura, carrada, crueza, frescura,* etc., há duas ideias perfeitamente definidas, a dos objectos designados pelos vários radicais e a das modificações que imprimem os respectivos sufixos. Daqui se vê que destes, enquanto uns continuam a subsistir no romance e a contribuir para a formação dos novos vocábulos, outros desapareceram por completo; assim, ao passo que os sufixos -ale, -tura, -ata, -ĭtia, -ura persistem nos exemplos citados, ninguém reconhecerá a existência, destoutros -ulus ou lus, -trum, -brum e -ucus nos anteriormente mencionados [1].

---

[1] Poderemos classificar de *vivos* os primeiros, e de *mortos* os segundos.

Em geral os sufixos conservam ainda hoje a mesma significação que tinham em latim; -itia, -tas continuam a ajuntar-se a adjectivos, para designarem qualidades, como -tor se une a temas verbais para significar o agente; todavia não é raro que novas ideias venham adicionar-se às que eles já possuíam, embora sejam desenvolvimento da principal, como *batedor, corredor,* em que o suf. *-dor* tomou também o sentido de meio ou instrumento e lugar.

Entre os sufixos uns há acentuados, outros não. Ora, devendo um derivado, para ser perfeito, compreender como acabei de dizer, duas partes completamente separáveis e cada uma com significação própria — o radical e o sufixo —, para que este tenha condições de vida, carece, como qualquer palavra independente, de possuir um acento seu, de contrário ou desaparece, o que é o caso mais geral, ou é substituído por outro; assim, afora os atrás mencionados, os sufixos -eus, -idus, por serem átonos, desapareceram no romance, não sendo mais sentidos como tais nas palavras em que existiam em latim, nem tão-pouco formando outras novas; são disso exemplo *vinha, linha, junça, cortiça, força, moço, frio,* etc., que correspondem a vin-ea, junc-ea, cortic-ea, fort-ia, must-eu, frig-idu. Pelo mesmo motivo, também os sufixos -ĭa e -ŭlus foram substituídos por outros de sentido idêntico, mas acentuados, que foram respectivamente o grego -ia e o latino -ellus; de aí o grande número de palavras em que subsistem, como *valent-ia, ufan-ia, louçan-ia, fiv-ela, sov-ela, cad-ela, rod-ela* (1); note-se, porém, que, enquanto o primeiro é ainda bastante produtivo, sobretudo quando combinado com outro, -ar, o segundo e juntamente o de significação igual, -olus, que, como vimos, (*Fonética* § 13 *a),* de átono passara a tónico, perderam a antiga vitalidade por completo, depois de terem deixado

---

(1) A troca do -ulus por -ellus é já acusada pelo latim clássico, que, ao lado de annulus, catulus e rotula, dizia também annellus, catellus (donde o feminino catella) e rotella, pelo que se presume que, a exemplo destas formas, fibula, subula e singulus se tornaram em *fibella, *subella e *singellus. A propósito notarei que o português *anel* assenta sobre annellu, mas que também anelu não era desconhecido do povo provam-no o castelhano *anello,* hoje *anillo,* e talvez o português *êlo.*

vestígios bem visíveis, sobretudo no onomástico (1); nos casos em que o -ellus ainda persiste, no género feminino, tomou sentido bem diferente do primitivo. A existência de duas formas, átona e tónica, aparece excepcionalmente em *malha* ou *mancha* e *mazela,* representantes respectivamente de mac(u)la ou *manc(u)la e *macella (2); é possível que para isso tivesse contribuído a divergência de forma que, já no latim popular, segundo parece, se dera, principalmente entre os dois últimos vocábulos, tornando-os para os que os ouviam estranhos um ao outro.

Não quer isto dizer que na nossa língua não existam sufixos átonos, alguns há efectivamente, mas além do seu número ser restrito e a sua significação imprecisa, subsistem, na sua maioria, apenas em palavras herdadas, e em grande parte sofrem redução na boca do povo, em consequência da sua repugnância pelos proparoxítonos (3), como sucede, por exemplo, aos em *-ão*, *-ago* e *-ego*, nestes exemplos:

---

(1) Estão neste caso, entre outros, os nomes seguintes: *Mesquitela, Paradela, Quintela,* e os citados na nota 3 de pág. 49, aos quais se deve acrescentar, para exemplo da evolução da terminação -ola, embora não se trate nele de um diminutivo, o vocábulo representante de mola, isto é, *mó*, antes *moa,* como ainda em galego; ao contrário, no arc. *lançó* de lanceola, há o sufixo diminutivo.

(2) Tomando exemplo da língua clássica, que na formação dos diminutivos, por vezes reunia dois sufixos dessa significação, isto é, -co e -lo ou -culus, a popular, que, dando preferência às formas acentuadas, escolhera o em -ellus, resultante da assimilação do *-r-* dos nomes em *-er-* ao *-l-* do segundo de aqueles e conservação do *-e-* da raiz, ajuntou-lhe também um *-c-* que em português se tornou em *-z-*.

(3) Não obstante essa visível repugnância, o povo conserva alguns proparoxítonos, tais são, entre outros, *abóbeda, sábedo (abóbada, sábado), fígado, étego, cágado, túbara, dúvida, dívida, pássaro, Cávado,* etc. É talvez devido a estes exemplos e sob a influência da língua culta que às vezes se manifesta nele a tendência oposta, criando proparoxítonos ao lado de paroxítonos; dá-se isso em *clúbio, alfácia,* por *clube, alface,* e principalmente nos nomes terminados em *-ro,* pela adjunção de um *-a-* antes do *-r-* e ainda nalguns em *-o,* a que dá a forma de aumentativos, como em *câncaro, côngaro, escôparo, fêvera, bácaro, mítara, Vítaro, lódão, pintão, fêtão, gôlfão,* ao lado de *cancro, congro, escopro, fevra, bacro, mitra, Vítor, lodo, pinto, feto, gôlfo,* etc.; cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos in *Bulletin Hispanique,* VII, pág. 194.

frango, rabo, morango, sóto, orfo, orego, zango, Estevo, Cristovo, relampo, corgo, etc., de ou a par de *frângão, rábão, morângão, sótão, órfão, orégão, Estêvão, Cristóvão, relâmpago* (também *relâmpado*), *córrego*, etc.

60. *Modificações sofridas pelos radicais.* — Na junção dos sufixos aos radicais dão-se por vezes certos fenómenos de natureza fonética, dependentes em grande parte da letra inicial daqueles. Assim: se essa letra é uma consoante, a junção dos primeiros com os segundos opera-se, sem que estes sofram qualquer alteração, a não ser quando acabam em *-e* ou *-o*, caso em que estas vogais mudam para *-i*, conservando-se no entanto o *-e*, se, depois de realizada a união, sobre ele recai o acento tónico, como mostram estes exemplos: 1.º *lembra-nça, arma-ção, fundi-ção, pisa-dura, curti-dura, levanta-mento, sai-mento, ancora-douro, bebe-douro, cingi-douro, ralha-dor, deve-dor, recebe-dor, distribui-dor, canta-nte, le-nte, pedi-nte*, etc.; 2.º *perdi-ção, prometi-mento, conheci-mento, escuri-dão, negri-dão, curiosi-dade, bravosi-dade* (1), etc.; 3.º *cre-nte, requere-nte*, etc. Mas, se o sufixo principia por vogal, a que é final do radical, quando átona, cai, quando tónica, persiste, introduzindo-se todavia entre ela e o sufixo, para evitar o hiato, uma letra (infixo), que é geralmente o *-z-*; assim: 1.º *pedr-ada, pont-ão, chup-ista, dobr-ez, mord-az, cert-eza, ufan-ia, pequ-ice, fresc-or, azed-ume, alv-ura, chuv-oso, cabel-udo, vinh-edo, trig-al, ric-aço, cant-eiro, per-eira, beir-ão, febr-il, doent-io, mour-isco*, etc.; 2.º *chà-z-ada, pà-z-ada, mão-z-inha, Josè-z-inho*, etc. (2). Se o radical termina em consoante, esta per-

---

(1) Em *bondade, maldade, verdade* e outros vocábulos verdadeiramente populares, carácter que em rigor não possuem os exemplos citados no texto, o *-i-* caiu normalmente (cf. *Fon.*, § 28). O processo seguido de, nos derivados de adjectivos, mudar para *i* o seu *o* final, antes de se lhe ajuntar o sufixo, é, como se sabe, tomado do latim: cf. boni-tas, cari-tas, magni-tudo, etc., de bonus, carus, magnus, etc.

(2) De se ter considerado erradamente o *-z-* como fazendo parte do sufixo, proveio a existência de *-zinho, -zarrão*, ao lado de *-inho* e *-arrão*, como se vê por exemplo, em *flor-zinha, mulher-zinha* (a par de *flor-inha, mulher-inha*), *can-zarrão, doid-arrão, cor-zinha, sò-zinho* e pop. *ruin-zão, ma-zão*, etc. Este *-z-* parece dever a sua origem a -cinus em que entrou por analogia com -cellus e

siste apenas o *-z* por vezes, quando o sufixo começa por *-a*, *-o*, ou *-u*, passa para *-g-*, como em iguais circunstâncias sucedera ao *-c-* latino que ele representa: ex.: 1.º *papel-ote*, *farol-eiro*, *mulher-io*, *aportugues-ar*, *cabaz-ada*, *rapaz-io*, etc.; 2.º *narig-udo*, *perdig-oto*, *nogu-eira*, *rapag-ão* (1). Quanto aos nomes que terminam em vogal ou ditongo nasal, esta rossonância, quer seja representada por *til*, quer por *m*, desaparece umas vezes, mantém-se outras; em qualquer dos casos ajunta-se o sufixo ao radical, sem mais modificação neste, a não ser a substituição por *n* de aqueles dois sinais gráficos: ex.: 1.º *melo-al*, *feijo-al*, *garganto-íce*, *cordo-eiro*, *abenço-ar*, etc.; 2.º *gran-al*, *lan-udo*, *ruin-dade*, *can-z-arrão*, *raton-eiro*, *pimpon-ice*, etc. Nomes há ainda cuja formação assenta não sobre a actual forma do radical, mas sobre outra em uso na antiga língua, tais são: *parvo-íce* (2), *campa-inha*, *fonta-inha*, dos arcaicos *parvoo*, *campãa* e **fontãa* (3). Sucede também que, ao lado dos derivados provenientes já do latim, outros existem formados dentro da língua; dá-se isso especialmente com alguns oriundos de particípios fortes, os quais foram substituídos por outros tirados do infinitivo; assim, a par de *fei-tor*, *lei-tor*, *rei-tor*, *pre-sor* (arc.), *ro-tura*, etc., há *faze-dor*, *le-dor*, *rege-dor*, *prende-dor*, *rompe-dura*, etc.

---

donde mais tarde se separou, ficando uma espécie de consoante de ligação; cf. *Meyer-Lübke*, II, 439. Também se intercalou um *-t-* em *cafeteira*, um *-l-* em *chaleira*, um *-r-* em *quintarola*, etc.

(1) É duvidosa a proveniência de *rapaz* de *rapaciu ou rapace, já pela diferença de significação, já principalmente pela persistência anormal do *-p-* intervocálico, apesar do castelhano antigo *rapaço* e a forma actual igual à portuguesa; do segundo daqueles vocábulos latinos proveio inquestionàvelmente o adjectivo *rabaz*. É de crer que se tenham formado já na língua vulgar os derivados nos quais o *-z* do radical passa para o *-g-*, nos que depois se criaram não se observou a regra dada, por já então se ter perdido a consciência da correlação existente entre o *g* e o *z*; é assim que explico a diferença de tratamento entre *narigão* e *felizão* ou *felizardo*; *capicíssimo*, *felicíssimo*, etc., superlativos de *capaz* e *feliz*, pertencem, como se sabe, à língua literária.

(2) Camilo no romance o *Judeu*, I, ainda emprega *parvoinho*, pág. 71 e *parvoas*, 139. Também *parvoa* na *Eufrosina*, 170.

(3) Mas *led-ice* e *font-inha*, v. g. de *ledo* e *fonte*. Provêm igualmente dos antigos *melom*, *feijom*, *gargantom*, *cordom*, *cam*, etc., os derivados atrás citados. Acerca da origem do actual ditongo *-ão* cf. § 10, Obs. I.

61. *Troca, sinonímia e queda de sufixos.* — Não é raro também permutarem os sufixos uns com os outros, ou porque os seus sons se confundem, ou pela influência que uns exercem noutros, ou ainda pela preferência que em certos casos o povo deu a uns em detrimento de outros. Já vimos que os diminutivos -ulus e -culus trocaram por -ellus e -cellus; também ao lado de *trist-eza, cru-eza, firm-eza,* etc., há *rapid-ez, dobr-ez,* etc. [1], nos quais o sufixo -ĭtia foi substituído por -ĭtie; não podem provir dos clássicos st-orea [2] e consuet-udine os vocábulos *est-eira* e *cost-ume,* que só podem explicar-se pela troca dos respectivos sufixos por outros, talvez de uso mais frequente, -area e -umine; o mesmo se pode dizer de *estr-ume,* que assenta sobre *str-umine e não no literário str-amen. Permutaram igualmente em -ace, -ice e -one os sufixos -atiu (ou -aciu), -icea e -olu, em *torcaz, (sobre)peliz* e *feijão,* parecendo que tal operação se realizou já dentro do português com respeito aos dois últimos, porquanto a antiga língua dizia *(sobre)peliza* e do primitivo faseolu ainda subsistem vestígios no nome próprio *Feijó* [3]. A par do sufixo *-inho,* em geral de significação diminutiva, existe também *-ino* e até *-im* com perda do *-o* final, como se vê dos seguintes exemplos: *menino, tamanino* [4], *pequenino,* etc., que também já

---

[1] Sobre nomes que no latim possuíam formas comuns aos temas em *-a* e *-e,* ou da 1.ª e 5.ª declinações, veja-se pág. 218.

[2] Em rigor aqui o sufixo deve ser só -ea; para o povo é que -orea foi tomado talvez como tal e daí a troca.

[3] Como outros nomes próprios, *Vinhó, Grijó,* etc., pressupõe este um *faseola, que poderia ser ou o feminino de faseolus (cf. *feijoca,* que coexiste com *feijão)* ou o plural neutro de um faseolum (cf. grego, φασήλιον). Troca inversa, mas provocada pela dissimilação, deu-se no antigo castelhano *españon,* hoje *español.* Também em *solaz* parece ter-se dado igualmente a permuta do -aciu em -ace, como, porém, a conservação do *-l* intervocálico lhe tira o cunho popular, hesito em considerá-lo vocábulo português, parecendo-me antes que foi importado do provençal, no entanto o galego tem *soaz.* Quanto a *trocaz,* suponho com G. de Diego (*Gram. galega,* pág. 79) que primeiro se daria a troca de -atus em *-atius e de aqui então em -ax.

[4] A palavra *manino,* que segundo creio, entra nesta expressão com o advérbio *tam* e persiste na linguagem popular, deve provir de *menino,* tendo-se o *e* trocado em *a,* em virtude da sua qualidade de átono, ao contrário, em *tama-*

soaram ou ainda soam *meninho, tamaninho, pequeninho, espim, polvarim, marim* (em *Castromarim*), *miramolim, Bernardim*, ao lado de *espinho, polvarinho, marino* ou *marinho, miramolino, Bernardino*, etc. (1), para a primeira troca devem ter contribuído aqueles vocábulos que, como *divino, cristalino, contino*, etc., conservam inalterada a forma latina -inu, donde se desenvolveu o primeiro dos referidos sufixos; a existência de muitos nomes, sobretudo próprios de localidades, terminados regularmente em *-im*, por terem origem no caso genitivo (cf. *Fonética*, Ap. I, 5, e *Morf.*, § 7), junta à influência do francês, que é evidente em *rocim, coxim, mastim, jardim*, etc., poderão explicar a segunda. Por vezes não há diferença sensível na significação de alguns sufixos, que por isso podem chamar-se sinónimos, tais são entre outros os seguintes: *-ame, -ada, -edo, -al (raiz-ame, raiz-ada, raiz-edo, oliv-edo, oliv-al); -dade, -eza, -ez (bel-dade, bel-eza, altiv-eza, altiv-ez, agud-eza, agud-ez); -or, -ura (amarg-or, amarg-ura)*, etc. Casos há também, como em *cabeleiro, leveiro*, nos quais o sufixo nenhuma ideia nova acrescenta ao radical. Embora não frequente, aparece contudo a queda do sufixo no actual *aço*, cuja primeira forma foi *aceiro*, em harmonia com o étimo *aciariu, derivado de acies, do qual ainda outras línguas românicas oferecem representantes.

62. *Divisão e origem dos sufixos.* — Porque os sufixos podem ser constituídos por *um* ou *mais* elementos e entrar na formação de *nomes* (substantivos e adjectivos) e *verbos*, de aí a sua divisão em *simples* e *compostos* (2), *nominais* e *verbais*; na sua quase totalidade, tanto uns como outros foram tomados do latim: apenas este ou aquele tem origem no grego, no germânico, no ibérico e outras lín-

---

nhinho deve ter-se dado influência de *tamanho* e assimilação da penúltima sílaba à última: cf. *Fonética*, § 49, 4 *b* e nota respectiva.

(1) Queda idêntica oferece o popular *rosmano* ou *rosmono*, tirado de *rosmaninho*, que, sendo primitivo em português, foi tomado como derivado, em vista de terminar em *-inho*.

(2) Estes podem ser tais de origem ou procederem da reunião posterior de outros, que já tinham vida independente; estão no 1.° caso, por exemplo, *-deiro, -douro, -dura*, etc., no 2.° o antigo *-elinho*, próprio dos diminutivos, como *Soutelinho, eigreijelinha, mancebelinho*, etc., cf. adiante pág. 377.

guas. Juntos a radicais, formados já por temas verbais, já por adjectivos e substantivos, são estes os principais que contribuíram e ainda contribuem para a criação e riqueza do nosso idioma:

63. 1.° — **Sufixos de proveniência latina.**

A) *Nominais.*

Juntos a radicais de verbos e nomes, os seguintes formam:

a) Substantivos.

-ante, -ente, -inte, -ança, -ença. — Provêm estes sufixos do latino -nt, que nesta língua servia para, adicionado a temas verbais, formar particípios do presente, representando os três primeiros os géneros masculino e feminino do singular e os dois últimos o neutro do plural. Habilitados por vezes como substantivos em um e outro número, já desde o latim, passaram a designar aqueles o agente de qualquer dos sexos, estes a realização da acção, indicada pelo respectivo radical, e também qualidade, nos vocábulos cultos, os quais naturalmente mantêm a primitiva forma -ancia: a) 1.° *am-ante, trat-ante, despach-ante, defend-ente, requer-ente, ped-inte, ouv-inte*, etc.; 2.° *mud-ança, folg-ança mat-ança, det-ença, cr-ença* (arc. *cre-ença*), *conhec-ença, parec-ença*, etc.; b) *cons-tância, clem-ência, audi-ência, obedi-ência, paci-ência*, etc.

-ado, -edo, -ido. — Representam estes o sufixo -to com que o latim formava principalmente os particípios do pretérito, que, como vimos (§ 55), deram grande contingente à classe dos substantivos, acompanhado das vogais características das três conjugações, e podem vir juntos a radicais verbais ou nominais; no primeiro caso, *-ado* e *-ido,* na forma feminina, designam acção e resultado dela; no segundo, o primeiro, ainda na mesma forma significa, a mais pancada, golpe, conteúdo e grande quantidade, ideia esta última que é comum a todos três no masculino, podendo também o primeiro, afora isso, exprimir dignidade, emprego, mantendo inalterado o *-t-* nos vocábulos cultos: ex.: 1.° *entr-ada; sa-ída, arremet-ida,* etc.; 2.° a) *badal-ada, pedr-ada, cabeç-ada, fac-ada, punhal-ada; red-ada, batel-ada, carr-ada, caldeir-ada, forn-ada, prat-ada, colher-ada, boi-ada, asn-ada, man-ada, ris-ada, nev-ada, papel-ada, raj-ada, graniz-ada,* etc.; b) *silv-ado, rip-ado, telh-ado; mosqu-edo, pulgu-edo, arvor-edo, vinh-edo, pen-edo, roch-edo, oliv-edo, olm-edo; bras-ido,* etc.;

3.° a) *cond-ado*, *marques-ado*, *arciprest-ado*, *princip-ado*, etc.; b) *canconic-ato*, *baron-ato*, *vicari-ato*, etc.

-dor-. — Ainda do mesmo sufixo participial, seguido doutro -or, isto é: -tor, proveio este, que, junto a temas verbais, goza ainda de toda a vitalidade na formação de nomes, que, além da principal significação de agente, podem também possuir a de instrumento, como se vê destes exemplos: 1.° *fala-dor*, *canta-dor*, *trabalha-dor*, *corta-dor*, *sega-dor*, *pesca-dor*, *impera-dor*, *deve-dor*, *persegui-dor*, *menti-dor* (arc.), *trai-dor*, etc.; 2.° *rala-dor*, *coa-dor*, *escarra-dor*, *rega-dor*. Nos cultos ou populares, em que o abrandamento do *-t-* foi impedido por uma consoante que o precedia, manteve-se a forma originária; assim em *agricul-tor*, *progeni-tor*, *protec-tor*, *rei-tor*, *lei-tor*, *fei-tor*, *escri-tor*, etc. (1). O *-s-*, que no latim resultara da combinação das duas dentais *-d-* e *-t-*, passou também para português com os nomes, quase todos pertencentes à língua literária, que já tinham sofrido aquela transformação fonética, como *pre-sor*, (arc.), *ofen-sor*, *impres-sor*, *defen-sor*, etc. A forma feminina deste sufixo, que devia ser *-driz*, em harmonia com a latina -trice (cf. *Fonética*, § 42 *A* 1 e § 40 *C* 3.°), nenhuns ou raros vestígios (2), deixou em português, decerto por que o masculino, na antiga língua, servia, segundo já notámos (§ 10, *b*), para designar os dois géneros, vive, porém, nos cultismos *ma-triz*, *impera-triz*, *mo-triz*, *gera-triz*, *ac-triz*, etc. Para obviar àquela falta, o português moderno ou ajuntou um *-a* ao masculino, ou recorreu ao primeiro dos dois seguintes.

-deiro, *-eiro*. — Do referido sufixo -to, acompanhado doutro -ariu ou só deste, que no latim gozava de grande fecundidade, provieram estes dois, que em português são igualmente de uso bastante fre-

---

(1) Na língua arcaica (*C. S. M.* de Afonso X) ao lado de *sabedor*, invariável (cf. págs. 222 e 223) aparece, embora raramente *sabedeira*.

(2) Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, vol. II, pág. 195, ocorre, *demostradiz*, que se me afigura o feminino de *demostrador*, a queda do *-r-* do sufixo poderá talvez explicar-se por dissimilação, todavia o substantivo *(sinal)* a que vem junto é do género masculino; porventura a este vocábulo poderá juntar-se *chamariz*. Afonso X, nas suas *Cantigas de Santa Maria*, usa de *pecadriz* e *emperadriz*.

quente, servindo de, aglutinados a temas nominais, ou verbais, criar nomes designativos, em qualquer dos géneros, de profissões, instrumentos, lugar, aglomeração e árvores ou arbustos, sendo nas duas primeiras significações, quase sinónimos do precedente ao qual, sob a primeira forma, prestam por vezes o feminino, e mantendo inalterados, nos vocábulos cultos, as letras originárias, assim: 1.° a) *pad-eiro*, *sapa-teiro*, *colcho-eiro*, *albard-eiro*, *carpint-eiro*, *livr-eiro*, *caval-eiro*, *forn-eiro*, *coch-eiro*, *vend-eiro*, *tint-eiro*, *sombr-eiro* (1), *papel-eira*, *chapel-eira*, *frut-eira*, etc.; b) *lava-deira*, *canta-deira*, *engoma-deira*, *lavra-deira* (2), *benze-deira*, *vende-deira* e *vend-eira*, *carpi-deira*, *escarra-deira*, *escuma-deira*, *para-deiro*, *despenha-deiro*, *formigu-eiro*, *pedr-eira*, etc.; c) *per-eiro* e *per-eira*, *pessegu-eiro*, *castanh-eiro*, *algodo-eiro*, *damasqu-eiro*, *crav-eiro*, *figu-eira*, *amendo-eira*, *alfarrob-eira*, *oliv-eira*, *nogu-eira*, *vid-eira*, *ros-eira*, etc.; 2.° *deposi-tário*, *arm-ário*, *vig-ário*, *botic-ário*, *cors-ário*, *relic-ário*, *sagit-ário*, etc.

-douro. — Ainda do sufixo -to, combinado com outro -oriu, ou seja de -toriu, que em latim produzia adjectivos, que por sua vez se tornavam substantivos, nasceu o português *-doiro*, que na língua moderna tomou quase sempre a forma indicada (3), e, junto aos três temas verbais, cria substantivos, que, nos dois géneros indiferentemente, exprimem lugar, meio ou instrumento, e, quando pertencentes à língua culta, mantêm inalterado o primitivo sufixo, ex.: 1.° *mira-douro*, *sua-douro*, *lava-douro*, *baba-douro*, *duba-doura*, *bebe-douro*, *cinge-douro*, etc.; 2.° *ora-tório*, *lava-tório*, *observa-tório*, *purga-tório*, *escri-tório*, *refei-tório*, etc.

-dura, *-ura*, provenientes, aquele do referido sufixo -to e mais -ro, que no latim entrava na formação do particípio do futuro, donde

---

(1) Termo arcaico, ainda vivo em Espanha e que nós substituímos por *chapéu*: cf. pág. 69, nota 2.

(2) Também *lavra-dora*, como *canta-dora*, *vende-dora*, *benze-dora*, etc. (cf. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, pág. 210, nota 3.ª). Nalguns casos, como os citados, parece ter havido cruzamento entre os sufixos *-dor* e *-eiro*.

(3) Sobre *ou* = *oi* veja-se *Fonética*, § 33, 1, Obs. II.

saíram alguns substantivos abstractos, e este do mesmo com perda do *t*, servem estes dois sufixos, juntos a temas ou radicais verbais e adjectivos, de criar substantivos, que designam com o primeiro deles acção ou resultado dela, meio ou instrumento e objectos, com o segundo qualidade ou estado, persistindo naquele o *-t-* originário, quando precedido de consoante primitivamente e nos vocábulos cultos ou trocado em *s* nas condições indicadas no sufixo *-dor*, ex.: 1.° a) *quebra-dura, raspa-dura, coze-dura, torce-dura, ata-dura, liga-dura, arma-dura, vesti-dura*, etc.; b) *ro-tura, escri-tura, far-tura, fri-tura, cin-tura, pin-tura, abrevia-tura, curva-tura, legisla-tura, quadra-tura, fal-sura, ton-sura, inci-sura, clau-sura*, etc.; 2.° *branc-ura, fresc-ura, doç-ura, trist-ura, anch-ura, long-ura, brav-ura, negr-ura, cand-ura, ferv-ura, tern-ura, gord-ura, verd-ura, fin-ura, louc-ura, diabr-ura*, etc. (1).

-agem. — Ainda do sufixo -to, junto a outro -co, isto é, -tĭcu, que no latim formava adjectivos, nasceu o português *-ádego* que, na antiga língua, junto, como naquela, a substantivos, produziu igualmente adjectivos, que passaram à classe de aqueles, no sentido de impostos, cargos, sendo depois substituído pelo francês *-agem* (2), de idêntica proveniência, o qual exprime ainda impostos, aglomeração e acção, e conservando-se apenas nalguns cultismos sob a forma primitiva, ex.: 1.° a) *mont-ádego, eir-ádego, terr-ádego, padro-ádego, pap-ádego, cardeal-ádego, geral-ádego*, etc.; b) *vi-ático, reum-ático*, etc.; 2.° *port-agem, us-agem, costum-agem, folh-agem, ferr-agem, roup-agem, ladro-agem, vi-agem, pass-agem, rom-agem, abord-agem, vassal-agem*, etc.

-ção, — Do referido sufixo -to e a mais -on, de que adiante tratarei, originou-se este, que na antiga língua soava *-çom*, o qual, aglutinado, como em latim, a temas verbais, continua a produzir substantivos abstractos, designativos de acção ou resultado dela, per-

---

(1) A par de *dura*, usa-se também *dela;* sobre a distinção entre um e outro sufixo consulte-se a *Rev. Lusitana*, XVIII, 349.

(2) Cornu *(Port. Sprache*, § 220) é de opinião que este sufixo foi tirado dos nomes que já o traziam do latino, como *farragem* (a par de *farrã) sorgem, tanchagem*, etc.

tencentes tanto ao vocabulário popular como ao culto ex.: *tenta-ção*, *cria-ção*, *fia-ção*, *dedica-ção*, *conflagra-ção*, *excep-ção*, *perdi-ção*, *peti-ção*, etc.

-ugem. — Do sufixo latino -ugine (no nominativo ugo), que entra nalguns nomes de aspecto culto, como *ferrugem*, *lanugem*, *salsugem*, tirou-se este, de fraca força produtiva, que se une em geral a temas nominais, aos quais acrescenta quase sempre a ideia de reunião, podendo perder o *-m*, na língua popular; ex.: *bab-ugem*, *pen-ugem*, *rab-ugem*, *amar-ugem*, *lamb-ugem*.

-mento. — Este sufixo, também composto, junta-se ainda, como em latim, a temas verbais, a sua força criadora, porém, é hoje menor que na antiga língua, tendo sido por vezes substituído pelo antecedente, de que é sinónimo; na forma feminina designa objectos que contêm implícita a ideia de aglomeração, peculiar ao género neutro, ex.: 1.° *bombardea-mento*, *salva-mento*, *outorga-mento*, *manda-mento*, *acresci-mento*, *rendi-mento*, *feri-mento*, *perdi-mento*, *conheci-mento*, etc.; 2.° *ferra-menta*, *vesti-menta*, etc.

-ame, *-ume.* — Da primeira parte do precedente sufixo, que o latim usava ao lado do composto (cf. fundamen e fundamentum, tegumen e tegumentum, etc.), junta às vogais, *-a* ou *-u* dos radicais que por vezes a precediam, como em aeramen, ligamen, ferrumen, lumen, etc., tiram-se estes dois que, unidos a substantivos, produzem outros, já concretos, já abstractos, nos quais predomina a ideia colectiva, podendo ainda o último perder regularmente o *-e* final (*Fonética*, § 30, 1) e tomar assim a forma *-um*, que ocorre já na língua arcaica [1], ex.: 1.° *corre-ame*, *pel-ame*, *raiz-ame*, *vasilh-ame*, etc.; 2.° a) *tap-ume*, *cardu-me*, *curt-ume*, *chor-ume*, *ci-úme*, *pes-ume* (arc.) ou *pesad-ume*, *azed-ume* [2], *negr-ume*, *queix-*

---

[1] Em *arame* e *lume* entram os mesmos sufixos, tais vocábulos, porém, são considerados como primitivos, visto ter-se perdido a consciência da sua derivação. Ao lado de *-ame*, ocorre também *-ama*, mas em muito menor número de vocábulos; afigura-se-me que este provém daquele cuja significação de ajuntamento mantém, como se vê em *coir-ama*, *dinheir-ama*.

[2] Há também *azi-úme* (donde *aziumar-se)* mas proveniente, a meu ver, de *acidumen ou talvez antes de *azia*, porventura de *acidia, porém com acentuação à grega, isto é, no segundo *i*: cf. nota 2, pág. 98.

-ume, etc., b) *far-um* (1), *fart-um*, *cheir-um*, *azed-um* (arc. e pop.) e os arcaicos *multi-um*, *seni-um*, *baf-um*.

-dade, *-dão*, *-tude*. — Dos sufixos latinos -tate, tŭdine e -tute provêm respectivamente estes três, que, fundidos com adjectivos, como naquela língua, produzem substantivos abstractos, designativos de qualidade, ocorrendo os dois primeiros em vocábulos populares e cultos e tendo nestes o terceiro, no qual o *-t* se manteve, por se achar protegido por consoante nos raros nomes populares em que se encontra, substituído o segundo, que no antigo português teve a forma *dõe*, ex.: 1.° *bon-dade*, *ver-dade*, *ruin-dade*, *mal-dade*, *casti-dade*, *liber-dade*, *falsi-dade*, *clari-dade*, *docili-dade*, *especiali-dade*, *socie-dade*, *generosi-dade* *mortali-dade* (2), etc.; 2.° a) *preti-dão*, *forti-dão*, *escuri-dão*, *escravi-dão*, *grati-dão*, *certi-dão*, *mansi-dão*, *soi-dão* ou *soli-dão*, etc.; b) *multi-dõe*, *mansi-dõe* (3), *certi-dõe*, *livre-dõe*, *dulci-dõe*, *fermi-dõe* (arc.), etc.; 3.° *vir-tude*, *alti-tude*, *magni-tude*, *pulcri-tude*, *excelsi-tude*, *beati-tude*, etc.

-eza, *-ez*, *-ice*. — Correspondentes aos latinos -ĭtia, -ĭtie e -ītie, dos quais os dois últimos apenas na qualidade da vogal inicial divergem entre si (4), são estes sufixos usados do mesmo modo que os antecedentes, produzindo, como eles, substantivos abstractos; tais são os seguintes: 1.° *cert-eza*, *prest-eza*, *lind-eza*, *franqu-eza*, *magr-eza*,

---

(1) Veja-se *Rev. Lusit.*, III, pág. 165 (D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos).

(2) Representante popular desta forma literária é a antiga *mortaidade* ou *morteidade*, que ocorre também sob as formas *mortindade* (arc.) e *mortandade* (mod.), resultantes da influência de palavras assim terminadas, como *divindade* e *irmandade*; cf. Leite de Vasconcelos, *Lições*, pág. 293. *Mortaldade*, que, segundo informação do Dr. J. Maria Rodrigues, se usa em Gondim (Minho), deve ter-se formado modernamente sobre *mortal*.

(3) Fusão do sufixo *-dõe* com *-ume* encontra-se no arc. *manse-dume*, que concorria com a forma acima citada, mais em uso.

(4) É possível que a passagem de breve a longa neste último sufixo seja devida a influência destoutro -īciu, de pronúncia muito parecida: cf. *Fonética*, e § 20, 2 Obs. I. Alguns nomes em *-eza* podem considerar-se primitivos, visto terem resultado das transformações fonéticas sofridas pela respectiva forma latina, não se tendo portanto produzido dentro da língua; estão talvez neste caso *tristeza*, *maeza* (arc.).

avar-eza, *dur-eza*, *firm-eza*, *cru-eza*, *baix-eza*, *simpr-eza* (arc.), *rud-eza*, *limp-eza*, *inteir-eza*, *redond-eza*, *madur-eza*, *gentil-eza*, *delicad-eza*, *pur-eza*, *bel-eza*, *nobr-eza*, *afoit-eza*, *bonit-eza*, etc.; 2.º *altiv-ez*, *escass-ez*, *nud-ez*, *embriagu-ez* (1), *estupid-ez*, *honrad-ez*, *sisud-ez*, *mesquinh-ez*, *pacat-ez*, *pequen-ez*, etc. (2); 3.º *velh-ice* (também *velhece*, *mancebece*, (arc.), *pequ-ice*, *arteir-ice*, *garot-ice*, *burr-ice*, *esquisit-ice*, *menin-ice*, *crianc-ice*, *gulod-ice*, etc.

-or. — Como no latim, com este sufixo, junto a radicais verbais e a adjectivos, criam-se igualmente substantivos abstractos; eis alguns: *sab-or*, *trem-or*, *louv-or*, *ferv-or*, *prim-or*, *fresc-or*, *verd-or*, *amarg-or*, *negr-or*, etc.

-io. — Com o sufixo -ivu-, posposto a particípios e também a nomes, formava o latim adjectivos; o português, seguindo o mesmo processo, criou com ele por igual adjectivos, dos quais muitos passaram à classe dos substantivos, com sentidos vários: de aglomeração: *mulher-io*, *rapaz-io*, *gent-io*, *bald-io*; de qualidade: *senhor-io*, *amor-io*, *poder-io*.

-al-, *-il*. — À semelhança do latim que, com os sufixos -ale, -ile, formava adjectivos, cujo neutro muitas vezes substantivava, o português cria com o primeiro substantivos que, além de designarem objectos vários, possuem em especial sentido colectivo, aplicado sobretudo a árvores e plantas, sendo assim sinónimo de *-edo*, e com o segundo, de muito menor vitalidade, nomes que na sua maioria indicam lugares onde se alojam animais: assim: 1.º a) *braç-al*, *ded-al*, *cabeç-al*, *front-al*, *punh-al*, arc. *presev-al* (3), *curr-al*, *port-al*, etc.; b) *are-al*, *lodaç-al* *lamaç-al*, *pedr-al* ou *pedreg-al*, *seix-al*, etc.; c) *oliv-al*, *figueir-al*, *sover-al* ou *sobr-al*, *pinh-al* ou *pinheir-al*, *cas-*

(1) O adjectivo *embriago*, comum ao antigo português e castelhano, ocorre na *Ordem dos Frades Menores*, I, 162, 209, II, 143.

(2) Estes dois sufixos alternam frequentemente, como se vê em *agudez*, *altivez*, *aridez*, *desnudez*, *dobrez*, *estranhez*, *hediondez*, *intrepidez*, *maciez*, *madurez*, *mesquinhez*, *morbidez*, *nitidez*, *nudez*, *pequenez*, *rapidez* (*rapideza* só pop.), *redondez*, *rispidez*, *rudez*, *singelez*, *sisudez*, *solidez*, *sordidez*, *surdez*, *viuvez*, etc.

(3) Também *presevel*: cf. *Rev. Lus.*, vol. XIII, pág. 363 (artigo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos).

tanh-al, carvalh-al, amendo-al, caniç-al, canavi-al, arroz-al, feijo-al, melo-al, ros-al ou *roseir-al, fav-al, ervilh-al,* etc.; 2.° *can-il, cov-il, red-il, cabr-il, poldr-il, tour-il* (1) e também *carr-il, pern-il,* etc.

-aça, -aço, -iça, -iço. — Dos sufixos latinos -acea, -aceu ou -acia, -aciu, -īcia, -īciu, que, juntos a temas nominais ou verbais, serviam de formar adjectivos, provêm estes, que com os mesmos radicais produzem substantivos (2), que exprimem ideias várias predominando todavia a de colecção, grandeza; assim: 1.° *fum-aça, vidr-aça, vinh-aça, arru-aça,* ou *ru-aça, mord-aça, neg-aça,* etc.; 2.° *lende-aço, galinh-aço, bag-aço, espinh-aço, chum-aço, canham-aço,* etc.; 3.° *corred-iça, cal-iça, carn-iça, lagar-iça, lingu-iça, nab-iça, rab-iça,* etc.; 4.° *palh-iço, aranh-iço, feit-iço, papel-iço, can-iço, cham-iço, tout-iço, sum-iço,* etc.

b) Adjectivos.

Dos sufixos enumerados como entrando na formação de substantivos, alguns contribuem também para a criação de adjectivos ou, falando mais pròpriamente, a par de qualidade de substantivos, conservam ainda a primitiva função de adjectivos os nomes por eles constituídos: estão neste caso os seguintes: *-ante, -ente, -douro* ou *-doiro* (3), *iço, -io, -al, -il* e *-eiro,* das quais os três primeiros, juntos a temas verbais, como vimos designam simplesmente qualidade ou estado, e os restantes, combinados com particípios ou nomes, exprimem facilidade em tomar ou produzir o estado indicado pelo radical, origem e ainda tendência à prática de uma acção; é o que mostram os seguintes ex.: 1.° *brilh-ante, so-ante, pend-ente, do-ente,* etc.; *casa-*

(1) Em *pocilga* entra o mesmo sufixo, mas acompanhado de outro, -ca, sendo *porcil(i)ca o seu representante latino ou seja um adjectivo na sua origem, como aliás *canile, ovile,* etc.: cf. pág. 135, nota 2.

(2) Os nomes por eles formados devem ter sido primeiro adjectivos, como se vê, além das formas masculina e feminina, em *terraço, melaço, palhiço,* isto é, *objecto feito de terra, mel, palha.* Há também um sufixo composto do primeiro destes e mais *-al-* em *lodaçal.* O sufixo *-iça* pode também provir de -ītia (cf. pág. 372, nota 3.ª), mas em geral encontra-se em palavras herdadas, como *cobiça, perguiça, maiça* (arc.), *lediça,* ou *ledice,* etc.

(3) Outro uso deste sufixo na língua antiga foi enumerado no § 36, *d;* actualmente é quase sinónimo de *-vel:* cf. *temedoiro* e *temível.*

-doiro ou *casa-douro*, *vin-douro*, *compri-douro*, *teme-douro*, etc. (1), 2.° *assomad-iço*, *quebrad-iço*, *moved-iço*, *fugid-iço*, *abafad-iço*, *assustad-iço*, *espantad-iço*, *alagad-iço*, *resvalad-iço*, *choved-iço*, *cast-iço*, *palh-iço; lavrad-io*, *escorregad-io*, *luzid-io*, *algarv-io; camp-al*, *testemunh-al*, *asn-al*, ou *burri-cal; febr-il*, *senhor-il; passag-eiro*, *justic-eiro*, *traiço-eiro*, *interess-eiro*, *cert-eiro*, *us-eiro*, *vez-eiro*, *brasil-eiro*, etc.

Afora estes, entram ainda na formação de adjectivos os seguintes:

-lento, *-ento*. — Do sufixo -lentu, que no latim se adicionava a nomes, tirou a língua popular -entu, ao qual atribuiu sentido que pouco diverge do daquele, isto é, abundância na maioria dos casos e também cores por vezes, juntando-o igualmente a substantivos; um e outro continuam a viver sob a forma indicada, o primeiro, porém, quase que só em vocábulos cultos, assim: 1.° *corpu-lento*, *sanguino-lento*, *sono-lento* (2), etc.; 2.° *po-ento* ou *poeir-ento*, *sed-ento*, *rabug-ento*, *peçonh-ento*, *bulh-ento*, *nój-ento*, *amarel-ento*, *cinz-ento*, etc. (3).

-oso, *-udo*. — Como os latinos -osu e -utu que representam, juntam-se estes sufixos, o primeiro a temas verbais ou nominais e o segundo só a estes, mas exprimem ambos em geral qualidade em abundância, o que se vê destes ex.: 1.° *abund-oso* (antes *avond-oso)*, *rix-oso*, *raiv-oso*, *fug-oso*, *manh-oso*, *soberv-oso* (arc.) *cobiç-oso*, *sard-oso*, *ranh-oso*, *relv-oso*, *pedr-oso*, etc.; 2.° *cabel-udo*, *sis-udo*, *abelh-udo*, *barb-udo*, *barrig-udo*, *ventr-udo*, *panç-udo*, *espada-údo* (4), *repolh-udo*, *carranc-udo*, *focinh-udo*, etc.

-vel. — Como o seu originário -bile, junta-se a temas verbais,

---

(1) No *Livro dos Bens de D. Joan de Portel*, LXXXVI, ocorre *areceadeira*, com troca do sufixo *-doiro* por *-deiro*.

(2) A par desta forma, existe também *sonorento*, em que o *-l-* trocou em *-r-*, talvez sob influência de outros nomes nos quais, como *frior-ento*, *fedor-ento*, o *-r-* faz parte do radical.

(3) Em *suar-ento* o tema é, não o verbo *suar*, como à primeira vista parece, mas o substantivo *suor:* sobre a troca de *o* por *a* veja-se *Fonética*, § 26, 2.

(4) De *espadaa* pela assimilação ao *-a-* final do *-o-* que o precede em *espadoa:* cf. populares, *noda*, *neva*, *tava*, *abença*, *minga*, *Janico*, por *nódoa*, *névoa*, *távoa*, *abênçôa*, *míngoa*, *Joanico*, etc.

designando assim qualidade, quer simples, quer exigente de prática de acções neles indicadas, o que se dá, por exemplo em: *agradá-vel, louvá-vel, aceitá-vel, aprazí-vel, temí-vel; crí-vel, fazí-vel, dirigí-vel, solú-vel, volú-vel*, etc.

-ão, -ês. — À semelhança dos latinos -anu, -ense que representam, aglutinados, como eles, a radicais nominais, designam estes sufixos qualidade e quase sempre origem, proveniência, sendo neste último caso frequentes com nomes de localidades, caso em que, ao lado das formas populares, apresentam também as literárias indicadas, tais são: 1.º *vil-ão, comarc-ão, crist-ão* (1), *liv-ão*, (arc.), *cert-ão* (id.), *beir-ão; transmont-ano, alentej-ano*, etc.; 2.º *cort-ês* (2), *mont-ês, montanh-ês, pedr-ês, portugu-ês* (3), *bragu-ês, franc-ês, lisbon-ense, setubal-ense*, etc.

-anho, -enho, -onho. — Por analogia com -aneu, -oneu, a língua popular criou também *ẹ̄neu, que a clássica não possuía, dando estes três sufixos origem aos que lhes correspondem em português, os quais continuam a designar qualidade, quase sempre causativa dos estados indicados pelos temas, entrando o segundo por vezes no número dos gentilícios indicados: *-io, -eiro, -ês* e *-ão*, do que são exemplo os seguintes adjectivos: 1.º *soterr-anho*, etc.; 2.º *ferr-enho, estrem-enho*, etc.; 3.º *enfad-onho, ris-onho, trist-onho*, etc.

Aumentativos.

-ão (na língua arc. *-om).* — É este o principal sufixo que entra

---

(1) Este adjectivo deve ter-se formado já dentro da língua, tirada imediatamente de *Cristo*, porquanto o latino Christianu evolucionara regularmente no arc. *crechão* ou *creschão*.

(2) Composto dos dois sufixos é o adjectivo *cort-es-ão*, como, entre os em *-onho, pedigonho*, que supõe um lat. **pet-ic-oneu*. Note-se que dos adjectivos formados com este e os dois suf. *-anho* e *-enho* alguns passaram à classe dos substantivos, são, por exemplo: *pe-anha, patr-anha, faç-anha, mont-anha, red-anho* ou *red-enho, barr-anha, peç-onha, car-ant-onha*, etc. É escusado advertir que estes sufixos conservam a forma originária nos nomes cultos, como *subterr-âneo, subit-âneo* (também *supit-âneo*), *err-óneo, id-óneo*, etc.

(3) A forma anterior à actual e da qual ela evolucionou deve ter sido **portugaês* (cf. *Fonética*, § 28, 2), que por seu lado foi precedida de *portogalês*, que ocorre, por exemplo, no *Poema de Mio Cid*, verso 2.978.

na formação dos aumentativos, quer substantivos, quer adjectivos, e já o mesmo papel desempenhava no latim o sufixo -one, que ele representa. Da ideia de *grandeza* nasce também por vezes a de posse em alto grau da tendência a praticar a acção designada pelo tema, que é verbal neste último caso, sendo em geral nominal. Acontece não raro que o nome a que este sufixo se junta contém outro já em si, do que resulta ser duplamente derivado o nome formado deste modo, assim: 1.º *mulher-ão, albard-ão, caldeir-ão, cabrest-ão, pared-ão, cadeir-ão, narig-ão, rapag-ão* (fem. *rapag-ona), alegr-ão, form-ão, padr-ão* (1), *soberb-ão, brig-ão, fuj-ão, lamb-ão, chor-ão, salt-ão*, etc.; 2.º *boqu-ei-rão, chap-ei-rão, voz-ei-rão* (2), *frad-alh-ão, brinc-alh-ão* ou *brinc-ão, grand-alh-ão, porc-alh-ão, fresc-alh-ão, tamanh-ão*, etc.

-aça, -aço, -uça. — Com igual sentido empregam-se também estes três sufixos, dos dois primeiros dos quais já falamos, tendo-se deles tirado o terceiro, como outros, por meio da variação da vogal inicial; da ideia de posse da qualidade em grau iminente fàcilmente se passou à de grandeza: são exemplos: 1.º *barc-aça, barb-aça, pern-aça, mulher-aça, senhor-aça*, etc.; 2.º *animal-aço, doutor-aço, talent-aço, perfeit-aço, ric-aço, soberb-aço, vilan-aço*, etc.; 3.º *dent-uça, card-uça* (3), etc.

Diminutivos.

-inho. — Dando ao sufixo -īnu (4), donde este evolucionou, sen-

---

(1) Sobre a passagem do primitivo *-e- (pedra)* para *-a-* cf. *Fonética*, § 26, 2. Da convergência de formas resultou decerto que *padrão* (antes *padrom*, fem. *padroa)* da antiga língua, representante do lat. patronu, desapareceu da moderna, sendo substituído pelo literário, *patrono* ou semi-literário *patrão* e persistindo apenas no derivado *padr-o-eiro*, de *padr-õ-eiro*.

(2) *Vozeiro* era vocábulo frequente no port. arcaico em que valia tanto como o actual *advogado*, pròpriamente o que solta a *voz* em favor de alguém.

(3) Estes dois nomes usam-se hoje de preferência em sentido colectivo.

(4) Composto deste mais o sufixo -ellu-, como ficou dito numa das anteriores notas, possuiu a língua arc. *-elinho*, que entra na formação destes diminutivos: *mocelinho*, e respectivo fem., *fraquelinha, manselinha* e *eigrejelinha*, que hoje se diz *mocinho, fraquinha, mansinha* e *igrejinha*. O terceiro deles ainda

tido que originàriamente não tivera, a língua popular a ele principalmente recorreu para a formação dos nomes — substantivos ou adjectivos — indicadores de objectos de dimensões limitadas ou de qualidade em grau diminuto, como são estes: *alguidar-inho, prat--inho, livr-inho, banqu-inho, cop-inho, rat-inho, bacor-inho, cadeir--inha, caix-inha, flor-inha, cart-inha, cas-inha, mes-inha,* etc., ou com o infixo *-z-*, cuja origem atrás se explicou: *coração-z-inho, alfôrje-z-inho, pai-z-inho, rei-z-inho, afronta-z-inha, mãe-z-inha, mulher-z-inha, rua-z-inha; branqu-inho, delgad-inho, doc-inho, esfarrapad-inho, nu-z-inho, bon-z-inho,* etc.

Observação. Como atrás dissemos, embora com frequência muito inferior à de *-inho,* concorre com ele o sufixo *-im*, talvez de importação francesa, que se encontra, por exemplo, em: *espad-im, botequ-im, camar-im, lagost-im, varand-im, bols-im,* etc.

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulho; -ol. — Dos sufixos -c(u)lu e -olu (1), que já no latim se usavam em sentido idêntico, juntos às vogais pertencentes aos temas, provêm estes, de emprego frequente, sobretudo o primeiro, na linguagem popular (2): assim: 1.º *ram-alho,*

---

subsiste no povo, como mostra esta quadra, que ouvi a uma mulher de Estarreja, endereçada a uma criança:

> manselinha, manselinha
> vai à mãe, que dê maminha:
> manselinha, manselinha,
> vai ao pai que dê papinha.

É possível que o actual pop. *fanquelim* ou *franquelim* represente ainda o segundo. No topónimo *Soutelinho* persiste o mesmo sufixo, que passou à classe dos mortos.

(1) Sobre a deslocação do acento no sufixo -iolu cf. *Fonética*, § 13 *a)* e a respeito do mesmo cf. Leite de Vasconcelos, *Lições*, pág. 337, deve contudo notar-se que, como mostra a conservação do *-l-*, a sua introdução na língua, sob a forma *-ola,* deve ter origem literária ou talvez estranha, porventura italiana; cf. pág. 49, nota 3 e 365, nota 3.

(2) Muitas destas formações, vivendo embora nos aumentativos, deixaram de usar-se no grau positivo, assim *fresc-alho, brinc-alho, grand-alho, porc-alho,* note-se, porém, que estes verdadeiros diminutivos tinham, segundo parece, sentido igual aos simples. O exemplo citado em último lugar figura até na *Crónica de*

pequen-alho (pop.), *burr-alho*, (id.), *escum-alho* ou *escum-alha; rapaz-elho, folh-elho, cort-elho, fed-elho; temper-ilho* ou *temper-ilha, trap-ilho, mam-ilho, cart-ilha, vas-ilha, ferr-ôlho* (1), etc.; *bag-ulho, gra-úlho*, etc.; 2.º *rapaz-ola, camis-ola, bandeir-ola, sac-ola*, etc.

Observação. — Em muitos nomes destes sufixos desapareceu a noção de pequenez que primeiramente tiveram (2), tais são, entre outros, estes: *cangalha, sortelha, golpelha, vasilha, empecilho, atilho, ventrulho*, etc., mas ao contrário deles *pedregulho* (3), usa-se hoje em geral no sentido aumentativo. Deve ser de proveniência castelhana o sufixo *-ejo*, que em vez de *-elho*, apresenta, por exemplo, *lugar-ejo*, usado a par de *lugar-z-inho, lugar-inho*, ou *lugar-ête*, etc.

-ela. — Representante do sufixo -ella, com que o latim formava também diminutivos, este perdeu muito da sua antiga vitalidade, no entanto há ainda estes exemplos: *vi-ela, cidad-ela, magri-z-ela, rod-ela, pasco-ela, port-ela* (4).

B) *Verbais*.

Costumava o latim, na sua formação verbal, ajuntar a qualquer palavra (nome ou verbo) alguma das quatro terminações infinitivas: assim fraud-are, dit-are, mers-are, flor-ere, can-ere, claud-ere, fid-ere, vest-ire, fin-ire, etc., mas, abrangendo embora todas as conjugações, esse processo tinha maior extensão na primeira. O romance

---

D. João I, de Fernão Lopes, como nome de indivíduo, o que mostra que o sufixo *-alho* se usava a par de- *inho*; hoje em nomes de animais prefere-se-lhe *-ico, -ito*.

(1) Só aparentemente esta palavra é derivada de *ferro* (cf. pág. 159); o mesmo acontece com as mais assim terminadas que ou são primitivas, como ela, ou compostas assim: 1.º *escolho, cerefolho, pimpolho, repolho, restolho, trambolho, zarolho*, etc.; 2.º *antolho, abrolho*.

(2) O mesmo dava-se também em latim, no qual o diminutivo valia por vezes tanto como o simples, assim pediculus ou peduculus, lusciniola tinham sentido idêntico a pedis e luscinia.

(3) Em rigor neste nome há um sufixo composto, isto é, *-eg-ulho*, representando o *g-* um *-c-* de origem: cf. *pedregoso*, que supõe *petricosus.

(4) É escusado advertir que o sufixo *-ela* perdura em muitos vocábulos herdados, mas na maioria deles, como noutros formados posteriormente, sobretudo na toponímia, perdeu a primitiva significação de diminutivo; assim: *bostela, cadela, costela, courela, donzela, fivela, janela, masela, sovela, Quintela, Fontela*, etc. Em *parentela*, o mesmo sufixo tem antes ideia depreciativa.

persistiu nessa preferência por forma tal que não só pôs de parte a derivação em -ĕre, mas até a alguns verbos que a tinham enfileirou, segundo vimos (§ 27), naquela conjugação que, com excepção apenas dos incoativos e de um ou outro raro, como *engolir*, *aturdir*, ficou sendo a única viva, aquela que, muitas vezes ajudada da composição, conserva ainda hoje toda a força produtiva, como passamos a ver.

-ar, o sufixo de maior vitalidade, pospõe-se a radicais nominais, do que são exemplo, entre outros, os seguintes verbos: *are-ar*, *a-grilho-ar*, *a-punhal-ar*, *a-fivel-ar*, *a-jaez-ar*, *a-calm-ar*, *a-rrib-ar*, *a-doç-ar*, *en-fi-ar*, *en-gross-ar*, *em-parelh-ar*, *desfil-ar*, *a-casal-ar*, etc.

Observação I. Nesta classe entram os *diminutivos*, isto é, aqueles cujo tema é constituído por um nome, acompanhado de algum dos sufixos indicativos de pequenez, como *es-pezinh-ar*, *nebrinh-ar* ou *nevrinh-ar*, *a-docic-ar*, *tremelic-ar*, etc.

Observação II. À mesma classe pertencem rigorosamente os verbos terminados em *-iar*, porque o *-i-* faz parte do tema, como mostram os seguintes, pertencentes uns à língua popular, outros à literária: *adiar*, *afiar*, *aliar*, *alumiar*, *anuviar*, *aviar*, *contrariar*, *fiar* (e *confiar*), *copiar*, *miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *variar*, etc. Por vezes o *-i* final do radical fundindo-se com a consoante que o precedia, quando esta era *-c-* ou *-t-*, *-l-* ou *-s-* ou *-ss-*, alterou-lhe o som (cf. *Fon.*, § 47), assim em *aguçar*, *adelgaçar*, *caçar*, *coçar*, *ameaçar*, *traçar*, *molhar*, *similhar*, *beijar*, *abaixar*, etc. Embora diferente na origem, em razão do som que o *e* toma antes de *a*, *o* ou *u*, na conjugação confundiu-se por vezes com este o sufixo *ear* (veja-se adiante).

-ntar, sufixo composto do anterior e mais *-nt*, próprio dos particípios do presente, como vimos atrás, com as vogais características dos verbos da primeira e da segunda conjugação, isto é, *-a* e *-e*, havendo sido de emprego restrito na língua literária, tornou-se do gosto da popular, que o usava muitas vezes em sentido *causativo*, sentido que continua a ter na nossa, a sua vitalidade, porém, está hoje, senão de todo, quase extinta; são exemplos de tal formação os seguintes verbos, cujo radical é já verbal, já nominal: *a-leva-ntar*,

quebra-ntar, *abrilha-ntar*, *a-que-ntar*, *acale-ntar*, *a-mame-ntar* (1), *a-rrebe-ntar*, *a-fuge-ntar*, *a-sse-ntar*, *a-cresce-ntar*, etc.

-egar ou *-gar*, que representa o sufixo latino -icare, teve grande extensão na língua popular que o pospunha a temas nominais e também a particípios do pretérito, mas hoje passou à classe dos mortos, subsistindo só em formas herdadas, nas quais, consoante as leis fonéticas, ora conserva, ora perde o *-e* inicial, como mostram as seguintes: *moss-egar*, *soss-egar*, *carre-gar*, *outor-gar*, *amar-gar*, *comun-gar*, *caval-gar*, *madru-gar*, *ras-gar*, *fol-gar*, *vin-gar*, *pin-gar*, *jul-gar*, etc.

Observação. O *-c-* do sufixo persiste naquelas formas em que, como *cas-car*, *ras-car*, o *-i-* caiu anteriormente ao seu abrandamento (cf. *Fon.*, § 45) (2), ou nas pertencentes à língua culta, de cujo número fazem parte *comunicar*, *claudicar*. Não se deve confundir este sufixo com *-igar*, que já existia também em latim e se nota nos cultismos *castigar*, *litigar*, *mitigar*, *fatigar*, *fumigar*, *fustigar*, etc.

-itar. — Oriundo do -itare, isto é, de -are mais a vogal temática do simples (3) e o já conhecido -to, era este um dos sufixos que em latim entravam na formação de verbos *iterativos*, o que lhe corresponde em português vive apenas em vocábulos cultos, como *salt-itar*, *dorm-itar*, *crep-itar*, etc.

-cer, resultante de -scere (cf. pág. 130), é este sufixo próprio dos verbos *incoativos* e o único da segunda conjugação que ainda

---

(1) A primeira forma destes dois verbos foi respectivamente *acalantar* e **amamantar*, aquela subsiste ainda no povo e dela se tirou o postverbal *acalanto* e esta no espanhol; cf. Leite de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, x, 17 e 18; sobre a troca de *-an-* por *-en-* e vice-versa cf. *Fonética*, § 26, 3; quanto a *espantar*, de radical em *-e-* veio já assim do latim popular, contraído de *expave-ntare, que com ele coexistia.

(2) Das duas fases, conservação do *-i-*, donde o abrandamento do *-c-*, e a sua queda, são exemplos os alótropos *mastigar* (na boca do povo *mastegar*) e *mascar*.

(3) Como é sabido, verbos há em latim que, embora de tema em *-a*, mudam esta vogal em *-i* no particípio do pretérito, tais são crepare, cubare, domare, plicare, sonare, tonare; outros, como clamare, vocare, volare, supõem além dos regulares em -atus, particípios também em -itu, donde clamitare, vocitare, volitare, etc.

conserva vitalidade, ocorrendo frequentemente acompanhado de composição, como mostram os seguintes exemplos, nos quais figura, unido de preferência a radicais nominais, com a vogal figurativa da segunda conjugação: *a-noit-ecer, em-brut-ecer, em-pobr-ecer, escur-ecer, amanh-ecer, en-surd-ecer, en-velh-ecer, en-dur-ecer, verd-ecer, a-grad-ecer, a-bast-ecer, per-ecer, adorm-ecer, a-cont-ecer,* etc.

Observação. Alguns verbos em *-ir* da antiga língua, de proveniência, quer latina, quer germânica, tomaram depois este sufixo, do que resultou a existência de formas duplas, tendo as últimas suplantado no uso a maioria das primeiras, tais são: *fal-ir* e *fal-ecer, aborr-ir* e *aborr-ecer, podr-ir* e *a-podr-ecer, escarn-ir* e *escarn-ecer, guar-ir* e *guar-ecer, guarn-ir* e *guarn-ecer,* etc.

2.º — **Sufixos de outras proveniências.**

A) *Nominais.*

-ia, -aria. — De grande número de vocábulos gregos assim terminados, introduzidos no latim principalmente por intermédio dos escritores cristãos dos primeiros séculos, tirou-se o primeiro destes sufixos que, devido a ser acentuado, não só suplantou o idêntico latino, mas átono [1], senão que se tornou bastante produtivo, dando origem a grande número de outros, nos quais, junto a radicais nominais e raramente verbais, tomou o sentido colectivo, donde depois se desenvolveram outros, como o de qualidade, e também por vezes de dignidade, cargo. O mesmo sufixo, combinado com o latino -ariu, já tratado, produziu o segundo que, continuando a manter a ideia colectiva, veio depois a designar igualmente o local onde se encontram reunidos os objectos indicados pelo radical e de aí ofício, profissão, como mostram estes exemplos: 1.º *burgues-ia, companh-ia, clere-z-ia, ufan-ia, soberb-ia, cortes-ia, valent-ia, val-ia, louçan-ia, alegr-ia, melhor-ia, sabedor-ia, mèstr-ia, senhor-ia, abad-ia,* etc.; 2.º *cas-aria, preg-aria, fech-aria, sac-aria, infant-aria, artilh-aria, caval-aria, ourives-aria, livr-aria, parç-aria, pad-aria, chapel-aria, estrev-aria,* etc.

---

[1] Este só em vocábulos herdados e como tais valendo hoje por primitivos, tais são *força, louça,* (se é que representa lautia), o arcaico *Sansonha,* que na língua moderna tomou a forma estrangeira *Saxonia, Bretanha,* etc.

-essa ou *-esa*. — Também proveniente do grego ισσα, usa-se este sufixo, cujo *-s-* se pronuncia ora surdo, ora sonoro, tanto nos nomes populares como nos cultos, conservando, porém, nestes o *i* de origem, para designar a pessoa do sexo feminino que possui certas dignidades, assim: *abad-essa, cond-essa, princ-esa, prior-esa* (1), *duqu-esa*; 2.º *piton-issa, diacon-issa, profet-isa, sacerdot-isa, poet-isa*, etc.

-ista. — Ainda da mesma preveniência, une-se este sufixo a radicais nominais ou verbais para exprimir o que manuseia os objectos ou pratica frequentemente as acções indicadas por aqueles, ex.: *dent-ista, rabequ-ista, flaut-ista, latin-ista, faqu-ista, art-ista, chup--ista, demand-ista, cop-ista*, etc.

-asco, -esco, -usco. — Do sufixo grego ισκος, que parece, ter penetrado no latim e deu origem a *-esco*, criaram-se por analogia os restantes (vide adiante *-isco*), que com radicais quase sempre nominais entram na formação de vocábulos pertencentes à classe dos adjectivos, da qual alguns passaram à dos substantivos, assim: 1.º *verd-asca, nev-asca, borr-asca, carr-asco, varr-asco* (2), *penh--asco*, etc.; 2.º *soldad-esca, parent-esco, roman-esco, frad-esco, princip-esco, gigant-esco*, etc.; 3.º *farr-usco* (3), *cham-usco, revelh-usco*, etc.

-ismo. — Correspondente ao grego ισμος, este sufixo, que faz parte da língua culta, junta-se a temas nominais com os quais forma substantivos, que designam opinião, escola, etc., e também origem como: *ascet-ismo, ate-ísmo, classic-ismo, fanat-ismo, islam-ismo, fatal-ismo, anglic-ismo, galic-ismo, grec-ismo, latin-ismo*, etc.

-engo, -ardo. — Representantes dos germânicos *-ing* e *-ard* (4),

---

(1) Mas *prioressa*, por exemplo, na *Rev. Lus.*, XXI, 267 e ainda na *Prosódia*, de Bento Pereira. É possível que na passagem do *s* surdo a sonoro tenha influído o feminino do sufixo *-ês*, já atrás tratado. Na *Vita Cristi*, (1945) lê-se *duquessa, princessa* (no princípio do tomo II).

(2) Sobre a passagem do *-e-* primitivo a *-a-* cf. *Fonética*, § 26, 2.

(3) Cf. Leite de Vasconcelos, *Lições Fil. Port.*, pág. 470.

(4) Os autores do *Dictionnaire Général de la langue française* (Hatzfeld, Darmesteter e Thomas) dão a este sufixo a origem acima indicada, porém E. Philipon (não tomei, por descuido, nota do livro em que se ocupa do assunto) é de parecer que ele é pré-romano, tendo saído do desenvolvimento de raízes ou temas em *-ar*, por meio do sufixo secundário *-do*.

que contribuíam principalmente para a criação de nomes patronímicos e próprios, juntos a radicais nominais, produzem o primeiro destes sufixos adjectivos, dos quais alguns depois passaram a substantivos, e o segundo uns e outros, como se vê destes exemplos; 1.° *avo-engo, solar-engo, abad-engo, mulher-engo, rial-engo* ou *regu-engo, mostr--engo* (1), etc.; 2.° *bast-ardo, galh-ardo, mosc-ardo, jav-ardo, tab-ardo*, etc.

-arro, orro. — De origem ibérica, segundo se crê, estes sufixos comunicam em geral ideia depreciativa (2) aos radicais nominais a que se ajuntam e com os quais formam já substantivos, já adjectivos, assim: 1.° *boc-arra, beb-arro, chib-arro*, etc.; 2.° *cach-orro, beat-orro, sant-orro, mach-orro*, etc.

Aumentativos.

-arrão. — O mesmo sufixo *-arro*, combinado com o latino *-ão*, contribui por vezes para a formação de aumentativos, tanto substantivos como adjectivos, tais são os seguintes: *homem-z-arrão, can-z-arrão, gat-arrão, beb-errão, mans-arrão, doid-arrão*, etc.

Diminutivos.

-isco. — Usa-se em sentido diminutivo este sufixo, que representa o grego ισκος, já citado, ou o germânico *isk*, como mostram estes ex.: *chuv-isco, pedr-isco, mar-isco, ventr-isca*, etc.

-acho, -echo, -icho, -ucho. — Da combinação do sufixo anterior e dos já nomeados *-asco, -esco, -usco* com o latino *-c(u)lu* (3) parece terem resultado estes, que ocorrem, entre outros, nos vocábulos seguintes, substantivos uns, adjectivos outros: 1.° *fog-acho, ri-acho,*

---

(1) É escusado advertir que o tema representa a forma pop. de *monstro* (cf. *Fonética*, § 44, 3.°).

(2) Esta mesma ideia, que muitas vezes acompanha a de pequenez, exprime o português também com *-astro*, como já o fazia o seu representante latino -asteru, e ainda com *-eta, -ete, -ote*, etc.: assim, *poetastro, pulhastro, medicastro* (o mesmo em *madrasta, padrasto, mentrasto*, mas estes nomes vieram-nos já directamente do latim); *lisboeta, narigueta, fradete, pobrete, fidalgote, franganote*, etc.

(3) Isto é: *-asc(u)lu-, -esc(u)lu-, -usc(u)lu*. Cf. Leite de Vasconcelos, na *Rev. Lus.*, II, 271-2. Sobre o grupo *-sc'l-* veja-se a *Fonética*, § 42, A, 2.

bon-acho, vulg-acho, pen-acho, cap-acho, etc.; 2.º *ventr-echa,* etc.; 3.º *rab-icho, corn-icho,* etc.; 4.º *gord-ucho, cap-ucho,* etc. (1).

-ico, -ito. — terminados em -iccu (2), -ittu, aparecem em inscrições da época imperial alguns nomes próprios, principalmente de mulheres, de origem não latina; deles se tiraram estes sufixos, que depois se estenderam ainda a nomes comuns e adjectivos, mantendo o sentido diminutivo ou de carinho, que pelo menos o segundo parece ter tido desde o princípio (3), assim: 1.º *Joan-ico, An-ica, burr-ico, aban-ico, doc-ico,* etc.; 2.º *Pedr-ito, Marian-ita, rapaz-ito, livr-ito, pedr-ita, burr-ito, man-ita, cas-ita, jardin-z-ito, moren-ito, negr-ito, bon-ito, fraqu-ito,* etc.

-ato, -eto, -eta, -ête, -oto, -ota e *-ote.* — À semelhança do sufixo *-ito,* acabado de mencionar, a língua, segundo parece, criou estes por meio de simples variação vocálica, não sendo todavia improvável que alguns deles tivesse ido buscar a outros idiomas, como o francês e italiano; ocorrem eles nestes ex.: 1.º *chib-ato, lob-ato, cov-ato, reg-ato,* etc.; 2.º *folh-eto, esboc-eto, vers-eto,* etc.; 3.º *sin-eta, palh-eta, chav-eta, ros-eta, cruz-eta, ilh-eta, pranch-eta, fard-eta, tranqu-eta, lanc-eta, sal-eta, cadern-eta, papel-eta,* etc.; 4.º *cunh-ete, jogu-ete, frad-ete, diabr-ete, tiran-ete, ramalh-ete, ferr-ete,* etc.; 5.º *perdig-oto,* etc.; 6.º *sac-ota, raparig-ota, ilh-ota,* etc.; 7.º *amig-ote, alegr-ote, rapaz-ote, pequen-ote, fidalg-ote, frangan-ote, barr-ote, ilh-ote, caix-ote, sai-ote,* etc. (4).

---

(1) Em *pequerrucho* afigura-se-me haver, além de *-ucho,* também outro *-err,* sendo, portanto o seu tema pic ou picc- sobre o qual pode ver-se *Körting,* n.º 7.131.

(2) Aparece também a grafia -icu, mas a forma portuguesa supõe *c* dobrado na origem, aliás teria sido outra: cf. *Fonética,* §§ 40 A, 3 e 41.

(3) Comum ao português e espanhol, o segundo dos dois sufixos goza de especial predilecção, sobretudo no povo do Sul.

(4) Mas sem ideia diminutiva em *canh-oto, minh-oto;* em *ris-ota* parece ao contrário o sufixo ter tomado o sentido inverso ou de reunião, sendo tal vocábulo sinónimo de *ris-ada.* A propósito lembrarei que o antigo português, como o galego (ainda hoje *pijota),* chamava *peixota* ao que hoje denominamos *pescada;* talvez que por esse nome se referissem à espécie de *pequenas* dimensões, conhecida actualmente por *marmota.*

B) *Verbais.*

-jar, ou *-iar* e *-izar*. — O sufixo grego -ιζειν, no latim popular do tempo do império, tornara-se em *-ĭdiare* e de aí, consoante as respectivas transformações (cf. *Fonética,* § 47, 3.º), resultaram as duas formas, *-ejar*, e *-ear*, das quais a primeira dá muitas vezes sentido frequentativo aos verbos em que entra; na língua culta, porém, aquele sufixo mudara para *izare* e assim continua a subsistir, com troca apenas da vogal final, sendo frequentemente usado, com significação causativa, pelo português literário, ex.: a) 1.º *forc-ejar, fest-ejar, mour-ejar, man-ejar, boc-ejar, mercad-ejar, alv-ejar, got-ejar, negr-ejar, cham-ejar,* etc.; *man-ear, ombr-ear, afor-mos-ear, alanc-ear, guerr-ear, sort-ear, sabor-ear, fals-ear,* etc.; b) *martir-izar, latin-izar, fertil-izar, general-izar, escandal-izar, capital-izar, vocal-izar,* etc.

b) Composição

64. Outro processo por meio do qual a língua se tem enriquecido e continua a enriquecer-se extraordinàriamente é a *composição;* por ele se reunem duas ou mais palavras que, tendo tido antes vida própria e independente e possuído cada uma delas sua significação especial, vieram por fim a fundir-se por forma tal que dessa fusão resultou uma única, em geral com um só acento e sempre com uma ideia singular. Proveio isso de ter o nosso espírito a uma ideia geral e portanto de maior extensão ajuntado outra particular que veio restringi-la, tornando-a por conseguinte de menor latitude, mas de maior compreensão, aglutinando depois o *determinante* ao *determinado* e aplicando o vocábulo formado deste modo a um objecto especial e definido. Assim, por exemplo, ao termo geral ou determinado *ave* adicionou-se o especial ou determinante *tarda*, que indicava a qualidade que no animal mais despertava a atenção de quem o via, e depois as ideias expressas por cada um dos componentes perderam-se e pela junção íntima dos dois nomes criou-se *abetarda* ou *batarda,* vocábulo que hoje traz ao nosso espírito uma ideia única, a do galináceo assim chamado. Sucede, porém, que, tendo embora assumido um significado único, nem sempre a junção dos componen-

tes se operou tão ìntimamente que ficassem subordinados a um só acento, mas antes, apesar de unidos, conservam ainda cada um deles a sua acentuação própria: a esta espécie de composição daremos o nome de *imperfeita,* para a distinguir daquela ou *perfeita,* e aos compostos assim formados o de *ideológicos;* destes uns mantêm na grafia os seus elementos, umas vezes ligados por um traço, mas outras também aglutinados por forma idêntica à de aqueles; são exemplos de compostos perfeitos os seguintes: *avestruz, morcego, vinagre, rosmaninho, fidalgo, condestável, abrolho,* etc.; de imperfeitos estes: 1.º *rico-homem, papa-figos, saca-rolhas, couve-flor, verde-mar, ganha-pão, malva-rosa, cabra-cega,* etc.; 2.º *canafrecha, malvaísco, varapau, pontapé, clarabóia, preamar, malquerença, mancheia, vaivém, alçapão,* Note-se que nas duas espécies de composição, a perfeita e imperfeita, podem operar-se no primeiro dos elementos componentes elisões, quer da vogal final, quando o que se lhe segue começa igualmente por vogal, quer até mesmo da última sílaba, que assim é sacrificada pela próclise, como se vê em: *façalvo, antontem, embora, estoutro, Penaguião, Mortágua, Montoito, fi(lho)dalgo, Mon(te)santo, Mom(te)beja* (1), *Fon(te)seca,* etc.

Observação I. Rigorosamente falando não existe diferença essencial entre um nome composto e um simples, pois, se aquele fundiu numa só *diversas* ideias, dando preferência à que entre as outras sobressaía por forma tão visível que para o nosso espírito tomou a primazia, também este teve a sua origem na mesma circunstância, isto é, nasceu da preferência que demos a um dos *variados* aspectos sob que o objecto se nos apresentava ou antes foi por nós encarado.

Observação II. Tanto a noção do composto se perdeu que só por excepção se dá sinal de plural aos dois elementos componentes da palavra; de ordinário apenas o último toma aquele sinal; ainda, nos casos em que a fusão não foi completa, a tendência é para os considerar como formando uma palavra única e portanto com plural só na última, assim *aguardentes,* a par de *águas-ardentes.*

---

(1) É escusado advertir que o *-n-* se assimilou ao *-b-*, passando a *-m-*.

65. A composição pode fazer-se pelas três maneiras seguintes:

1.º — *justaposição*, que solda dois ou mais nomes por modo natural, sem quebra das leis que regem a língua, nem omissão de quaisquer partículas, fazendo que, com o decorrer do tempo, as ideias expressas por cada um dos componentes se fundam numa única, a que actualmente o nome assim formado traz ao nosso espírito. Deste modo a língua pode reunir nomes dos quais um representava originàriamente ou uma qualidade ou outra substância de que uma delas dependia; no primeiro caso a justaposição é por *coordenação*, no segundo por *subordinação*. Pelo primeiro destes processos une-se a um *substantivo*, um *adjectivo* ou vice-versa, ex.: 1.º *vinàgre, betarda, aguardente, morcego, man-cheia, rosmaninho*, etc.; 2.º *preamar, baixamar, clarabóia, bofé* (arc.), etc. (¹).

Observação. Notem-se os arcaicos *meono* e *meona*, formados pela adjunção do possessivo ao substantivo *dono*, e o actual *você*, em que entra também o possessivo e o substantivo *mercê*, empregado no tratamento.

No segundo processo, isto é, na justaposição por subordinação, um dos nomes depende do outro e por ele resulta *um* de *dois substantivos*, ex.: *condestável, ourives, freguês, beiramar, mordomo, fidalgo*, etc.

Observação. Nesta formação o substantivo pode ou provir já do latim que, como é sabido, representava por casos a dependência em que um estava para com o outro; é o que se dá nos três primeiros exemplos, que representam os latinos com(i)te stabuli, aurifice e f(i)li eclesiae, devendo notar-se que no primeiro deles a sua antiga forma *condestabre* aproxima-se mais do seu protótipo, ou ter-se formado no período arcaico da língua, em que por vezes se omitia a preposição *de*, que viera substituir o genitivo, contràriamente ao uso actual que sempre a põe clara, como se vê em *mão-*

(¹) O onomástico fornece-nos igualmente exemplos desta formação, tais são: *Montemor, Monsanto, Montalegre, Valverde, Riofrio, Fonseca, Pontevedra, Belmonte, Mortágua, Savedra, Sanhoane, Santulhão*, etc.

-dobra, espírito-de-vinho, etc. (1). Aqui também pertencem os patronímicos em *-ês* ou antes *-êz*, desinência esta que parece estar em vez daquele caso latino.

Ainda por motivo idêntico combinam-se *dois adjectivos: tartamudo, altibaixo,* etc.: um *adjectivo,* e um *advérbio: malandante, maldito, malcriado, bem-aventurado, benquisto;* um *particípio do presente* e um *substantivo* seu complemento: *tentelogo* (arc.), *viandante,* e ainda uma *frase* completa: *malmequer, embora.*

Observação. Sobre os pronomes, futuro, condicional e partículas formados por justaposição, vejam-se os respectivos parágrafos.

2.° — *Composição elíptica* pela qual da relação que o nosso espírito descobriu entre dois objectos ele cria uma palavra única, que engloba numa só as duas designações, com omissão da relação existente entre as duas substâncias. Assim, enquanto o justaposto *morcego* só nos traz à ideia o animal designado por esse nome, em *varapau,* por exemplo, subentende-se a relação que há entre os dois termos, isto é, da *vara* de que nos servimos à laia de *pau.* Por este processo soldam-se *dois substantivos,* dos quais um ou é aposto do outro ou representa um genitivo: ex.: 1.° *canafrecha, porco-espinho* ou *-espim, avestruz, couve-flor, rainha cláudia, papel-moeda, malvaísco, pedraúme, pintaroxo,* etc.; 2.° *quartel-mestre, mestre-sala,* etc.; um *substantivo* com uma *preposição* ou *advérbio,* como: *adeus, contra-veneno, dissabor, entremeio, sobrepeliz, antegosto, antebraço, compadre,* etc.; *preposição* e *verbo: porvir,* etc., e principalmente um *verbo* e *substantivo,* que lhe serve de complemento: *troca-tintas, corrimão, girassol, prolfaça, abrolho, finca-pé, mata-mouros, saca-rolhas, porta-voz, louva a Deus, pára-raios, matacão, tira-olhos,* etc., e por vezes ainda *dois verbos: vaivém, alçapão,* etc.

Observação. A formação de compostos, constituídos por um verbo e um substantivo, é de todas a mais rica, pois, tendo principiado com a língua, nada perdeu ainda da sua fecundidade. Quanto

(1) A este período ascendem, entre outros, os nomes próprios de lugares como *Fozcoa, Caslopo, Valpaços, Valpedre,* etc. Cf. mais: *Val Figueira, Val Fetal, Val Perrim, Val Paraíso, Val França,* etc. Hoje ainda o povo diz *Alto S. João.*

à pessoa do verbo, embora à primeira vista pareça ser a terceira do indicativo presente, a comparação com as outras línguas e ainda a colocação do elemento complemento mostram evidentemente tratar-se da segunda do imperativo.

3.º — *Prefixação*, processo em extremo activo e fecundo, que consiste em antepor ao radical ou tema uma partícula, chamada por isso *prefixo*, a qual serve de modificar a ideia expressa pelo elemento primitivo. Na língua latina, donde a nossa tirou este e os demais processos que entram na formação das palavras, como se tem visto, o elemento raiz, em muitos casos, sofria alteração na sua primeira vogal [1], o romance, porém, quando tinha consciência da composição, restaurava a vogal alterada nos nomes tomados do latim, como em *refazer*, *decair*, *desprazer*, etc., e conservava-a com maioria de razão nos que criava, como em *contrair*, *desfazer*, *remendar*, etc.

Das partículas umas podem existir sós, outras apenas se empregam na composição: estão no primeiro caso as seguintes: *a*, *contra*, *de*, *em*, *entre*, *sobre* e *so* ou *sob*; pertencem à segunda classe: *ante*, *des*, *ex* ou *eis*, *pre*, etc. Estas últimas, que chamaremos *inseparáveis*, foram, como as primeiras, *separáveis* e tiveram portanto vida própria, com o tempo, porém, deixaram de empregar-se, a não ser combinadas com outras palavras, sorte que vieram a ter também algumas das separáveis na sua passagem do latim para o romance, tais são as preposições *ab*, *ante*, *ex*, *inter*, *post*, etc., que hoje só se usam combinadas com outras palavras. Umas e outras podem ser *preposições* ou *advérbios* e, como tais, regerem ou modificarem as palavras a que se prepõem; assim, enquanto em *contratempo* o segundo elemento é complemento do primeiro, em *menosprezar* o primeiro restringe a ideia expressa pelo segundo.

Mas dentre as partículas algumas houve que, pela sinonímia que ou já tinham ou depois vieram a ter, permutaram entre si, foi

---

[1] Vejam-se os vários casos de *apafonia*, *síncope* e outras transformações da vogal radical em Niedermann, *Phonetique historique du latin*, de págs. 14 a 59.

o que sucedeu nos verbos *desdenhar, desnuar, alumiar* (1), *convidar* e arc. *esleger,* nos quais trocaram por *dis-*, *ad-*, *cum-* e *ex-* as primitivas *de-*, *ad-*, *in-* e *e-* (2). Também por vezes acontece, a exemplo do latim, adicionar-se a um vocábulo já composto outro prefixo que ou lhe altera o sentido, afastando-o ainda da primeira significação, ou não lhe imprime modificação alguma, servindo, quando muito, de reforçar a ideia do radical, como acontece principalmente à preposição *a-*, de uso tão frequente, e embora muito mais raramente, a *des-*; nota-se isto, entre outros, nos seguintes ex.: 1.° *condecender* ou *condescender, indispor, desperceber, remendar,* etc.; 2.° a) *acontecer, aquentar, arrepender, alevantar, adoecer, amostrar, arrenegar,* etc.; b) *desinquietar, desinsofrido, desleixado* e o pop., *desenfeliz.*

São estas as principais partículas que na língua portuguesa entram, como prefixos, na formação de *nomes* (substantivos e adjectivos) e *verbos* e provêm de outras às quais o latim dava idêntico emprego; na sua passagem para a nossa língua, como vai ver-se, nenhumas ou quase nenhumas alterações sofreram, figurando entre estas a queda, nas de mais de uma sílaba, da vogal final, quando a palavra a que se adicionam também começa por vogal, contràriamente, porém ao que sucedeu com os sufixos, passaram todas a átonas, ainda aquelas que de antes tinham sido tónicas (3):

---

(1) Se o fr. *allumer* assenta sobre *adluminare (cf. *Dic. général de langue française* de Darmesteter e Hatzfeld, s. v. e *Grammaire historique* do primeiro, III, pág. 21), para o nosso *alumiar* basta o simples luminare.

(2) Também por virtude de alterações fonéticas (cf. *Fonética*, § 26, 1, Obs. I) o *-ex* de examen, exemplum passou a *en-* nos seus correspondentes *enxame* e arc. *enxempro*: cf. igualmente pop. *enzame*. Como exemplo de sinonímia entre várias partículas já no latim poderei citar os verbos compostos complere e implere, cuja significação pouco ou nada divergia entre eles, por quanto queriam dizer *encher até o fim* ou *completamente* no sentido próprio ou figurado: cf. *encher* e *comprir*.

(3) É claro que me refiro àqueles compostos em que persistia a consciência da pluralidade dos elementos; quando tal se não dava, eram tratados como simples; assim, se por um lado temos *benzer, bento*, há por outro *bendizer* e *bendito*; quanto a *conto* tanto pode representar o lat. *comp(u)tus*, como ser um regressivo, o que, é mais provável.

a, que resultou da preposição latina ad, é de uso muito frequente na formação de verbos e goza ainda de especial predilecção na linguagem popular, como se vê destes exemplos: *arrefecer*, *apodrecer*, *acalentar*, *aquecer*, *amadurar*, *amadurecer*, *amanhar*, *adormecer*, *acoimar*, *aperceber*, *aproveitar*, *assoalhar*, *assoprar*, *apremer*, *aprovar* e os populares *amontar*, *abaixar*, *avarejar*, etc. (1).

ante ocorre com a mesma forma que tinha em latim (2), entre outros, nestes vocábulos: *antolho*, *antolhar* (arc.), *antano*, *antebraço*, *antedatar*, *antegosto*, *antegozar*, *antepor*, *antepasto*, etc.

bem e o seu antónimo *mal* continuam a desempenhar o papel de advérbios, como já faziam os seus antecessores bene e male e se vê nestes exemplos: *benfazejo*, *malfazejo*, *maldizer*, *maldizente*, *maldito*, *malquerença*, etc.

com, que também se pode reduzir a *co-* pela perda da nasal, perda que igualmente se operava por vezes no latim cum que lhe corresponde, ocorre nestes vocábulos: *compadre*, *comadre*, *commigo* ou *comigo*, *compasso*, *concunhado*, *condoer*, *contratar*, *contrair*, *confiar*, *conviver*, *coirmão*, *coerdeiro*, etc.

contra, que continua a manter a primitiva forma em *contra-mestre*, *contraveneno*, *contra-ordem*, *contraprova*, *contrapor*, *contrapeso*, etc.

de, que, igualmente inalterada, perdeu grande parte da sua actividade, sendo por vezes substituída pela imediata, entra em: *decair*, *decompor*, *defumar*, *demonstrar* ou *demostrar*, *derrubar*, *decrescer*, *demorar*, *depenar*, *dependurar*, *depender*, etc. (3).

des-, que tanto pode resultar de dis- como da junção das duas preposições, de e ex-, entra em grande número de compostos, como

---

(1) Na língua arcaica ainda aparecem sem o *a-*, que depois se lhes juntou, verbos como *faagar* (hoje *afagar*), *conselhar*, *contecer*, *devinhar*, *gradecer*, etc.

(2) Entenda-se quando a palavra à qual se prepunha, começava por vogal, aliás o *-i-* caiu no período mais antigo, como mostram *amparar* e o arc. *anfaz* ou *enfaz*, posteriormente refeito em *anteface* ou *antiface*, talvez sob influência de *anti*. Veja-se a forma citada *anfaz* na *Rev. Lus.*, XI, 38 a 40 (artigo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos).

(3) Não é sem exemplo a troca de de por des-, como mostram *desbulhar* (ou *esbulhar*) e o popular *despravado*, ao lado de *debulhar* e *depravado*.

estes: *desandar, desaguar, desbastar, desavença, desventura, desconforme, descontar, descuidar, deslembrar, desleixar, desnuar, desmaiar, desobrigar, desprazer, dessar, desvaler, desusar, desuso, despovoar, desarmar, descantar, desavir, desprimor*, etc.

es-, representante de e x [1], ocorre nestes vocábulos: *esbracejar, escolher, espantar, escoucear, esgaravatar* ou *esgravatar, esvoaçar, esquentar, esmoer, esverdear, esforçar, esvair, esmiuçar*, etc. Por vezes permuta com o antecedente, como em: *esmaiar, esfalecer, esmalhar, esmorecer, esterrar, esvaecer, eserdar* (arc.), *espedir, espir, espavorir*, etc. [2].

em ou *en*, que corresponde a in, goza também de grande actividade, como mostram estes ex.: *embeber, empregar, empremir* (ou *imprimir), empreender, enader* ou *ẽader* (arc.), *encarregar, encender, encavar, enchafurdar, encantar, encobrir, enfiar, enquerer* (arc. hoje *inquirir), enraivar, ensecar, entoar, entroncar, entravar*, etc.

entre, que no antigo português ocorre sob a forma *antre*, de emprego menos frequente do que a anterior, figura em: *entreabrir, entrecortar, entressachar, entretecer, entrelinhar, entreter, entrevista, entremeio*, etc.

menos, a que a reacção latina restituiu o *n* intervocálico, que havia perdido regularmente, em poucos mais vocábulos figura do que nestes: *menoscabar* (de antes *meoscabar* e *mascabar* [3], donde provém o actual *mascavado), menosprezar* e competentes regressivos *menoscabo* e *menosprezo*.

---

(1) Quando seguido de consoante, o *x* reduziu-se cedo, no latim vulgar, a *s*: cf. Grandjent, *opus laudatum*, § 255.

(2) No mesmo caso estão os populares *esfalecer, escarado, escaração*, etc. Note-se que o *es-* (e portanto *des-)* pode também provir do *s* impuro *(Fonética*, § 39, *b*, 1), como em *estilar, espargir* (também *destilar* e *despargir* ou *desparzir)* de stillare e *spargire (por spargere) ou de metátese da mesma consoante, assim o arc. *escupir*, de *cuspir*; a terem a proveniência que lhes dou e não representarem destillare e *dispergire (por dispergere), àqueles dois primeiros verbos poderá dar-se a denominação de *falsos compostos*. Sobre a deslocação do *-s-* cf. pop. *estrapor, estramontar, escramalhar*, etc.

(3) Escrito *mazcabar* na *Rev. Lus.*, XXI, 251, *mazcabo*, id.; V, 132.

pos-, que com perda regular (cf. *Fonética,* 48) do *t* final é de emprego ainda talvez mais reduzido do que a anterior, figurando apenas nestes vocábulos: *pospor, pospontar*, donde *posponto* ou *pesponto*, *pospasto* e poucos mais.

per-, que tendo sido também partícula separável na língua antiga, passou inalterada para português, como se vê destes ex.: *percorrer, perdoar, perfilhar, perfurar, perfazer, permudar, perseguir,* etc. (1).

pre-, representante do latim prae, entra na maioria dos casos em vocábulos literários; como populares poderão talvez citar-se estes: *prestar, predizer, pressupor, prever, previsto.*

pro- ocorre inalterada em: *prometer, propor, prover, provir,* etc.

re-, que já no latim tinha esta forma, é de emprego muito frequente (2), figurando, por exemplo, em: *requentar, recozer, remendar, recorrer, recrear, reganhar, relembrar, revelho* (3), *remexer, remendar, remangar* ou *arremangar, remoçar, repousar, represa, rejeitar, replicar, ressalvar, ressoar* ou *ressonar, retalhar* e *retalho, reter, retorcer, retrair, revirar, ressaltar, ressentir,* etc.

so-, a forma popular correspondente à literária *sub,* entra em vários vocábulos, tais como: *sobraçar, soabrir, someter* (arc.), *sonegar, socapa, sonoite, soperar, sorrir, socalcar, soverter, somenos, soerguer, somerger, somergulhar* (arc.) (4), etc.

sobre, representante do latim super, é de reduzido emprego; ocorre em: *sobrecéu, sobremanhã, sobremaneira, sobremesa, sobrepor, sobrescrever, sobrestar, sobrevir, sobreviver,* etc. (5).

---

(1) O percontari do lat. clássico deve ter-se tornado *precontare no vulgar, só assim se pode explicar a sonorização do -*c*- (cf. *Fonética,* § 40, *a,* 3) no arc. *preguntar,* preferível a *perguntar* (metátese).

(2) Sobre este prefixo veja-se o que escreveu D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos na *Rev. Lus.*, III, pág. 183.

(3) Coexiste com *relho*: *português velho e relho,* diz D. Francisco Manuel, *Obras Métricas,* pág. 243.

(4) Encontra-se este verbo na *Crónica da Ordem dos Frades Menores,* I, 121, 122, etc., parece-me provir ele do cruzamento entre *mergulhar* e *somerger,* hoje *submergir.*

(5) De *sobre,* por metátese do *r*, assimilação incompleta do *e* à consoante que o antecede, em virtude da sua atonicidade (*Fonética,* § 26, 2 e pág. 263,

tres-, *tres-* e ainda *tra-* ou *tre-*, pois todas estas formas tomou a partícula latina trans, encontram-se em: *traspassar* ou *trespassar*, *traspor*, *trasmontar* ou *tramontar*, *tresjurar* ou *trejurar*, *tresdobrar*, *tresler*, *tressuar*, *tresmalhar*, *tresloucado*, *tresvariar*, *tresnoitar*, *trasladar*, *tresladar* e *treladar* ou *traladar* (1), *trasfegar*, *tresfegar* e *trafegar*, *tresfolgar*, *trasantontem*, *tresandar*, *trejeito*, etc. (2).

Parassintéticos. — Acontece também, na formação de vocábulos, combinar-se com a derivação qualquer dos dois processos da composição, a justaposição e a prefixação, embora esta mais frequentemente do que aquela, de que há poucos exemplos, originando-se de aí *nomes* (substantivos e adjectivos) e *verbos* novos, cujo tema é constituído num e noutro caso por um nome, não esquecendo que os verbos na sua maioria pertencem à primeira conjugação, a única que, como dissemos, possui ainda vitalidade, fazendo parte da segunda apenas alguns incoactivos, formados sobre adjectivos; aos vocábulos criados assim dá-se o nome de *parassintéticos*, de duas palavras gregas παρα, que indica justaposição, e συνθετικος, que significa o englobamento de vários termos num só; são exemplos dos da primeira espécie estes: *capigorrão*, *compengar* (arc.), *apaniguado*, *setemesinho*, *roupavelheiro*; pertencem à segunda os seguintes: 1.° *nomes*: *acompanhamento*, *alinhamento*, *compadrio*, *conquistador*, *desalmado*, *desastramento*, *desconfiança*, *tresnoitado*, *enterramento*, *alentejano*, *remendão*, *ensaboadela*, *encanzinado*, etc.; 2.° *verbos*: *atear*, *acabar*, *apear*, *arear*, *aventar*, *atermar*, *embainhar*, *emagrecer*, *escoucear*, *desbocar*, *enfrear*, *desterrar*, *soterrar* (arc. hoje *enterrar*), *desbarretar*, *desvairar*, *engarrafar*, *emproar*, *empacotar*, *enlodar*, *enlamear*, *enraizar*, *enredar*, *arranchar*, *espreguiçar*, *esvaziar*, *reverdecer*, *transnoitar*, *assoalhar*, *sobraçar*, *apadrinhar*, *relampejar*, *enfastiar*, *envelhentar*, *enobrecer*, *desconchavar*, etc.

Observação. Do latim não era também desconhecida a formação dos parassintéticos da última espécie, como entre outros se

---

n.° 7) e do *-r-* ao artigo na sua antiga forma, provém *sobo*, que inicia a primeira das redondilhas de Camões (*Sobolos rios que vão*, etc.).

(1) Daqui *tralado*, tão frequente nos antigos documentos notariais.

(2) No povo *estrapor*, *estrabordar*, etc.

evidencia dos seguintes: antemurale, commanipularis, consanguineus, immisericors, intempestivus, perstudiosus, subturpiculus, exanimare, suppeditare, subrumare, suffocare.

B) Literária

66. A base da língua portuguesa, como ficou demonstrado, é constituída pelo latim popular, mas, porque a linguagem é um verdadeiro organismo vivo que está constantemente a renovar-se, aquela base teve de aumentar-se com muitos outros termos que a *necessidade* de exprimir ideias novas, a *influência de escritores* mais em voga, que, usando de um vocabulário reduzido e levados decerto muitas vezes por motivos estéticos, deram preferência a uns vocábulos em detrimento de outros, e as *relações com outros povos* nos fizeram aceitar em todos os tempos, desde o começo da formação do nosso idioma. Naturalmente a fonte aonde se foi beber continuou a ser o latim, porquanto, sendo esta então a língua dos eruditos, aquela em que, com exclusão quase completa de outra qualquer, se achavam escritos os tratados científicos e sobretudo as obras religiosas, que era o que nessa época mais se apreciava, ao querer torná-las acessíveis ao vulgo, os tradutores em muitos casos contentavam-se com dar às palavras uma feição artificialmente popular, quando não deixavam quase intacto o vocábulo latino. Estas traduções, que datam do princípio da língua escrita, foram aumentando cada vez mais; os que as liam ou ouviam ler iam recebendo os novos vocábulos introduzidos e com os seus autores substituíam-nos também às vezes aos antigos, que assim desapareciam pouco a pouco do uso. Afora razões estéticas, que induziriam os escritores desse tempo a preferir aqueles a estes, que lhes não pareciam tão sonoros e cheios, é de crer que por vezes essa preferência fosse motivada pelo desejo de evitarem a homonímia, causa de obscuridade na língua. Exemplifiquemos. Por via popular o silentiu- latino tinha-se transformado em *seenço,* mais tarde, pela contracção numa só das duas vogais, reduziu-se a *senço*, forma esta idêntica à que então tinha a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *sentir;* pela confusão que dessa igualdade poderia resultar e talvez também por parecer mais

encorpado, adoptou-se o termo primitivo *silêncio* de introdução literária. Igualmente o verbo *pregar*, que havia evolucionado regularmente do *precare (por precari) latino, foi posto de parte, quiçá porque a par dele existia já com forma idêntica o tirado do substantivo *prego;* em seu lugar e com a mesma significação continuou a viver o já existente *rogar*.

Compreende-se, pois, como a introdução de vocábulos latinos, cada vez maior, consoante as versões que se faziam, contribuiu para dar à nossa língua uma feição mais alatinada pela maior aproximação da primitiva forma de muitos que dela se tinham afastado, o que, por exemplo, se pode ver nos grupos iniciais *cl-*, *fl-* e *pl-*. Tem sido, portanto, o latim, quer o clássico, quer o baixo, a fonte principal aonde o nosso vocabulário tem ido beber, desde que a língua começou a fixar-se pela escrita, e é a ele que ela continua a recorrer ainda hoje ou, directamente ou por meio doutras línguas, o francês sobretudo. Quando, por ocasião do Renascimento, o grego começou a estar em voga e se traduziram em latim muitas obras da sua rica literatura, por intermédio desta última língua entraram no nosso léxico muitos vocábulos de aquela. Mais tarde o progresso notável que no século XVIII atingiram as ciências naturais fez que se fosse buscar ao grego a principal nomenclatura, por forma tal que a sua terminologia é hoje em grande parte tirada desta língua, continuando a ser para nós o francês o canal principal por onde ela tem penetrado no nosso idioma. Naturalmente estes vocábulos vivem em um meio restrito; para o povo continuam a ser desconhecidos, mas, se por vezes, pelo contacto das duas línguas, a popular e a literária, chegam a penetrar no povo, este, que os não compreende, aproxima-os de sons que já lhe são usuais e dá-lhes forma diversa da que têm na boca da gente ilustrada, por vezes bastante afastada daquela (cf. *clipes, frosques, encolco*, etc., por *eucalipto, fósforos, incógnito*, etc.), isto é, produz-se então o processo chamado *etimologia popular* de que já falámos (*Fonética*, § 50, 3).

A diferença que se dá entre os vocábulos pertencentes à língua literária e os da popular é palpável, pois, ao passo que os desta foram sucessiva e por vezes grandemente modificados nos respectivos sons componentes, os daquela já existiam com a mesma forma nas

duas línguas clássicas ou foram criados artificialmente com elementos por elas fornecidos. Com efeito, se *imerso*, *módico*, *dilacerar*, *latrocínio*, etc., reproduzem os latinos immersu-, modicu-, dilacerare-, latrociniu-, etc., *altivo*, *campal*, *deplumar*, *olival*, etc., foram formados sobre altu-, campu-, deplumi-, oliva-, etc. Pelo modelo de maledictus, ultramundanus, vicepraefectus, etc., formaram-se *mal-andante*, *ultraliberal*, *vice-rei*, etc. O mesmo acontece com o grego. À semelhança de φιλολογία, γεωγραφία fizeram-se, por exemplo, *dialectologia* e *cacografia*, reunindo-se elementos já existentes naquela língua, mas como simples, isto é, διάλεκτος e κακός. Mas ainda entre as palavras da língua literária umas há que na sua passagem do latim para o português nenhuma alteração sensível sofreram, enquanto nos sons de outras produziram-se modificações que muito se aproximam das populares, é o que se nota em *urso* (1) e *cruz*, por exemplo, na primeira das quais apenas se deu a troca gráfica de *-u* por *-o*, ao passo que a segunda apresenta a transformação do *-c-* em *-z*, o que é próprio das populares, mas, devido talvez a influência eclesiástica, oferece *u* em vez de *o*, como têm os respectivos correspondentes, italiano *croce* e francês *croix*. Está no mesmo caso *prantar*, arc. e popular, ao lado do arc. *chantar*: cf. mais exemplos na *Fonética*, § 39,2, Obs. Por apresentarem assim uma feição que em certo modo os aproxima dos populares é que a tais vocábulos, como ficou dito, se deu o nome de *semi-literários*.

Pondo de parte as expressões puramente latinas, que por diversas vias se introduziram na língua, tais como: *pari passu*, *quod ore*, *ad libitum*, *ab intestato*, *credo*, *ecce homo*, *ex professo*, *ex cathedra*, *ex voto*, *a priori*, *a fortiori*, muitos vocábulos a língua literária foi buscar ao latim, os quais naturalmente mantêm intacto alguns dos sufixos de que a popular já se utilizara, como: -aceu, -ale, -ariu, -tor, -toriu, -tura, -tate-, -tu-, -ntia, etc. (cf. § 63, 1.º), outros formaram-se ou desenterraram-se nos quais aparecem sufixos que,

---

(1) A forma verdadeiramente popular desta palavra é *osso*, que deu alguns topónimos, como se pode ver nas *Lições de Filologia* de Leite de Vasconcelos, págs. 233 a 237 e no meu artigo, intitulado a *Fauna na toponímia portuguesa*, inserto no vol. XVI do *Boletim da 2.ª classe*, da Academia das Ciências.

pela sua qualidade de átonos, não tinham sido aproveitados; estão neste caso os seguintes: *-io*, de que principalmente a química lançou mão *(alumínio, sódio)*, *-ico (magnífico, jurídico)* e *-ulu* ou *-culo (óvulo, corpúsculo, pedúnculo)*. Para a formação dos verbos recorre a língua culta de preferência aos sufixos *-ar* ou *-iar* e também ao grego *-izar*, já recebido pelo latim, do que são exemplos os seguintes: *fraccionar, fracturar, conferenciar, generalizar, moralizar*, etc.

67. *Composição latina.* — Na composição a língua culta segue o mesmo processo da latina, formando compostos com o auxílio de palavras ou partículas, quando não naturaliza os termos já assim constituídos no latim, tais como: *aqueduto* (1), *terremoto* (2), *agricultura, palmípede, plenilúnio, virilidade, omnipotente* e tantos outros. No primeiro caso junta dois substantivos ou um substantivo e adjectivo ou forma verbal, fazendo quase sempre terminar em *-i*, como geralmente já o fazia o latim, que o encarava como um genitivo, o primeiro componente, e de aí estes: *silvicultura, cornicabra, corniforme, securiforme, regicida, boquiaberto, boquiduro, plenipotenciário, prestímano, rabicurto, rabirruivo, misericordioso, agridoce, multicor* ou *multicolor, seminífero, insectívoro, calorífero*, etc. As partículas de que no segundo caso a língua culta se socorre são as mesmas de que a popular já se aproveitara, mas agora sem a mínima alteração, e das quais nos ocupamos atrás (§ 65, 3.º), podendo acrescentar-se às indicadas mais estas: *ab-, bis-* ou *bi* (3), *circum-, cis-, e-* ou *ex-, extra-, intro-, ob-*, ou *obs-, preter-, ultra-*, etc.

68. *Proveniência grega por:* a) *derivação.* — À língua grega também a nossa vai buscar muitos termos, tais são, entre outros estes: *amnesia, anfíbio, anacoreta, anemona, anécdota, asfixia, afasia, atonia, biógrafo, braquicéfalo, poligamia, pentágono, cinó-*

---

(1) Em *viaduto*, o segundo elemento é talvez antes um aposto ao primeiro do que um genitivo.

(2) Há também *terramoto* e pop. *tarramoto*, formas resultantes, a 1.ª de influência de *terra*, a 2.ª da do *r* (cf. *Fonética*, § 26, 2).

(3) Também *tri-, quadri-*, etc., em *trifólio, trivial, quadriénio, quadrilátero*, etc.

glossa (1), etc.; não contente com isso, outros ainda cria pelos dois conhecidos processos usados na formação de palavras. Quanto ao primeiro, os sufixos de que principalmente faz uso são os seguintes:

-ία, que, como já ficou dito (§ 63, 2.º), suplantou pela sua qualidade de tónico o idêntico átono latino; concorre para a criação de nomes, dos quais muitos fazem parte dos chamados parassintéticos, como são estes: *amorfia, anervia, apatia, amnistia, eufonia,* etc.

-ικος, que, embora igual ao latim -icus, se distingue dele por vir sempre precedido da consoante *t-* (2), como se vê em *aromático, axiomático, enigmático, climático,* etc.

-ωσις, que, sob a forma *-ose* e segundo o modelo de γαλακτωσις, foi aproveitado pela medicina, para indicar afecções mórbidas das partes indicadas pelo radical, assim *nevrose, gastrose,* etc.

-ιτις, que, mudado em *-ite,* à semelhança de νεφρῖτις, contribuiu igualmente para a designação de doenças inflamatórias da parte do corpo a que se refere o radical; estão neste caso os nomes seguintes: *amigdalite, bronquite, peritonite, estomatite, laringite,* etc.

-ιτης, que, como o antecedente, acha-se representado sob a mesma forma *-ite* e, segundo o modelo de πυρίτης e outros, serviu aos mineralogistas para com ele criarem vocábulos, como estes: *lenhite, antracite, grafite, fulgurite,* etc. (3).

b) Composição. — Como procedeu com o latim, a língua, ao criar compostos gregos, segue principalmente dois processos: ou reúne dois substantivos ou um adjectivo como um substantivo ou ainda um

---

(1) Varia a acentuação nestas palavras, assim Gonçalves Viana, no seu *Vocabulário*, escreve *amnésia, anémona, afásia* (e *afasia)* e *cinoglossa*, eu segui a da língua respectiva; note-se no entanto que, em vez de *anécdota, cinóglossa* e *anemona*, escreve-se e diz-se *anedóta, cinoglossa* e *anémona.*

(2) Este *t*, que caiu no nominativo, aparece no genitivo, que é o caso ao qual se aglutina aquele sufixo.

(3) As formas que tanto este sufixo grego, como os dois que o precedem deviam ter em português eram respectivamente: *-ites, -itis* e *-osis,* como, porém, as palavras em que entram nos vieram por intermédio do francês, eis a razão da divergência, todavia, a par de *miosote,* dizemos também *miosotis*, se bem que neste vocábulo *-otis* não seja um sufixo, mas uma palavra que se junta à primeira em genitivo (μυοσ ωτίς).

substantivo com um radical verbal, ou lança mão de determinadas partículas, que desempenham o papel de prefixos; a diferença principal entre uma e outra composição está em que, ao passo que na latina o primeiro componente termina geralmente em *i*, na grega acaba quase sempre em *o*. Pelo primeiro destes processos criaram-se, entre outros, os vocábulos seguintes: 1.° *cronómetro*, *termómetro*, *morfologia*, *gastralgia*, *economia*, *democracia*, etc.; 2.° *acrocéfalo*, *microscopia*, *zoófito*, etc.; 3.° *biógrafo*, *fósforo*, *antropófago*, etc.

As principais partículas que entram na composição grega e fazem as vezes de prefixos são estas: *a-* (*an*, quando o tema começa por vogal) para designar privação (*ateu*, *atonia*, *afasia*, *amorfo*, *átono*, *anarquia*, *anestesia*, *anónimo*, *ananto*, etc.); *anfi-*, de sentido idêntico ao *amb-* latino, que lhe corresponde (*anfi-bio*, *anfi-trião*, etc.); *ana-* (*analogia*, *anatomia*, *anasarca*, etc.); *anti-* (*antídoto*, *antipatia*, *anticlerical*, *antipirina*, *antipatriótico*, etc.); *apo-* (*apócope*, *apócrifo*, *apofonia*, etc.); *arqui-* [1] (*arquiconfraria*, *arquitecto*, *arquitrave*, etc.); *cata-* (*catálogo*, *categoria*, *católico*, etc.); *dia-* (*diáfano*, *diálogo*, *diapasão*, etc.); *di-* (*dilema*, *diedro*, *dístico*, etc.); *dis-* (*disenteria*, *dispneia*, etc.); *ec-* (ou *ex-* antes de vogal: *eclipse*, *exarca*, *exegese*, etc.); *en-* ou *em-* (*energia*, *embrião*, *emplastro*, etc.); *endo-* (*endosmose*, *endocarpo*, etc.); *epi-* (*epigrama*, *epigastro*, *epíteto*, *época*, *epizootia*, etc.); *eu-* (*eucaristia*, *eufemismo*, etc.); *exo-* (*exotérico*, etc.); *hiper-* (*hipérbole*, *hipertrofia*, etc.); *hipo-* [2] (*hipotenusa*, *hipoteca*, *hipocôndrio*, etc.); *meta-* (*metáfora*, *metátese*, *metonímia*, etc.); *palin-* ou *palim-* (*palinódia*, *palimpsesto*, etc.); *para-* (*parágrafo*, *parábola*, *parásito*, etc.); *peri-* (*pericarpo*, *peristilo*, *perífrase*, etc.); *pro-* (*problema*, *programa*, *prólego*, *prótese*, etc.); *pros-* (*prosódia*, *prosélito*, etc.); *sin-* ou *sim-* (*sínodo*, *sintaxe*, *sintoma*, *símbolo*, *sinfonia*, etc.).

---

(1) Por meio do latim vulgar já o grego *αρχι* tinha entrado no romance, tomando em português a forma *arce-* (*arcebispo*, *arcediago*, *arcipreste*).

(2) A ortografia em uso sob a mesma forma escreve este outro prefixo ou antes o nome ιππος (cavalo), que entra na composição doutros (*hipocampo*, *hipódromo*, *hipopótamo*, etc.).

69. *Irregularidades na composição.* — Às vezes acontece ser a composição mal feita, dando-se a cada um dos elementos forma que não condiz com a ideia que se lhes quis atribuir. Foi o que aconteceu, por exemplo, com os vocábulos *oxigénio, hectómetro, quilómetro,* no primeiro dos quais o segundo componente significa não produzido, mas nascido; os dois restantes, para corresponderem aos gregos ἑκατόν, χίλιοι, deviam corrigir-se em *hecatómetro* e *quiliómetro*. Também não é raro reunirem-se dois componentes de proveniência diferente; a estes compostos dá-se o nome de *híbridos;* tais são os seguintes: *decímetro, centímetro, anticívico, anticristão, neolatino, germanófilo,* etc., em que os respectivos elementos pertencem a línguas diferentes.

Importações de outras línguas

70. Já atrás (*Fonética,* § 5) tocamos em como à base latina se tinham vindo juntar em diferentes épocas elementos provenientes das línguas de outros povos com os quais estivemos em contacto. É fora de dúvida que estas importações, se por um lado contaminam a pureza do nosso idioma, afeando-o, por outro contribuem para o enriquecer e constituem um facto de ordem social, por quanto, para que ele se não desse, seria necessário que nos tivéssemos furtado ao convívio das outras nações. Mas uma palavra estrangeira não adquire foros de nacional senão depois que o povo lhe imprimiu o seu cunho especial, adaptando-a aos seus sons; só então é que verdadeiramente se pode dizer que ele entrou a fazer parte do vocabulário. E este fenómeno tem-se dado desde o princípio da língua, como, entre outros nos mostra o termo *chapéu* que, representando um derivado de capa [1], pela maneira como foi tratada a consoante inicial, se nos revela de proveniência francesa. Assim como na Idade Média o predomínio da civilização romana, o triunfo da sua legislação sobre os princípios e costumes trazidos pelas invasões e mais tarde, por ocasião do Renascimento, o cultivo da sua literatura, conjuntamente com a grega, forneceram ao nosso léxico abundante cópia de elementos cultos,

---

[1] Encontra-se esta palavra em S. Isidoro de Sevilha.

também às relações, quer puramente comerciais, quer literárias que, cada vez mais extensas e intensas hemos tido com povos europeus e ultra-europeus, devemos não pequeno número de vocábulos, pertencentes uns à língua popular, outros à culta, conforme a data mais ou menos remota da sua introdução e portanto a sua maior ou menor limagem. Estranhos ao latim, encontram-se em português os seguintes:

a) *Elementos anteriores ao latim.* — Era natural que os Romanos adoptassem nas suas relações com os vencidos alguns nomes da língua destes, especialmente os que faziam parte do onomástico, sendo portanto de presumir que muitas das actuais denominações de povoações, rios, montes, etc., ascendam a épocas muito antigas, quiçá mesmo anteriores à história, divergindo apenas das primitivas formas no que o tempo costuma causar-lhes, rolando-as, quais outros seixos, através das torrentes sucessivas de inúmeras gerações. Os próprios escritores gregos e romanos dão-nos como tomadas aos povos com que se achavam em contacto algumas centenas de palavras, que, depois de alatinadas, entraram no seu vocabulário, dessas algumas ainda vivem, as quais cedo foram adoptadas pela língua popular, tais são, por exemplo: *cerveja, camisa, coelho, canto, gordo,* etc. É possível que de todos os povos que, antes dos Romanos, passaram pela região, actualmente conhecida pelo nome de Portugal, a nossa língua conserve alguns vestígios, mas esses devem ser muito diminutos, dada a suplantação pelo latim das línguas aqui faladas antes (1).

---

(1) Alguns desses vocábulos, peculiares à Hispânia e recolhidos pelos autores clássicos, cita Leite de Vasconcelos, nas suas *Lições Fil. Portuguesa,* pág. 119; dos encontrados em inscrições apresenta também alguns a pág. 127. Além destas duas fontes, também nos transmitiu outros Isidoro de Sevilha nas suas *Origines* (ex.: *astrosus, cama, cattare, capanna,* etc.). Embora entrados, segundo parece, em época já adiantada da língua, são considerados como éuscaros ou vasconços e portanto pertencentes a elementos anteriores ao latim o sufixo *-orro,* de que me ocupei na secção respectiva, o substantivo, *bezerro,* etc. (cf. Adolfo Coelho, *A Língua Portuguesa,* pág. 139), e ainda o adjectivo *esquerdo,* cuja existência no nosso vocabulário não será anterior ao século XVI, antes dele usava a língua *seestro,* que ainda vive no substantivo *sestro.* Das expressões *direito* e *esquerdo* nas línguas românicas tratou Daniel Fryklund.

b) *Elementos posteriores ao latim:* 1.º *gregos.* — Sem falar dos pertencentes à língua culta, muitos vocábulos de origem grega compreende a popular, mas todos esses lhe vieram por intermédio do latim principalmente; só mais tarde é que as relações com o Oriente nos trouxeram outros, em número, porém, bastante reduzido. Pertencem à fase antiga da língua e portanto vieram-nos por via romana: *bispo, espada, ermo, cadeira, gesso, abade, tio, tia, anjo, bolsa, igreja, aventesma, bodega,* etc., são de introdução posterior: *alcaparra, quilate, golfo,* etc.; 2.º *germânicos.* Algumas das palavras que, fazendo parte do léxico português, têm origem nos idiomas germânicos, haviam sido já recebidas na sua língua pelos Romanos, em virtude de contacto em que se encontraram com aqueles povos desde o tempo de Augusto, quer guarnecendo as suas fronteiras, quer estabelecendo colónias nas margens do Reno e Danúbio, quer até admitindo nas tropas indivíduos dessa raça e língua. Ascendem sem dúvida a esse tempo, entre outros, os vocábulos seguintes, os quais, na sua quase totalidade, são comuns a mais povos de línguas românicas: *britar, banco, branco, bando, venda* (no sentido de ligadura), *dançar, feltro, fresco, harpa, rico, roca, roubar, espeto, esquilha, sopa, trotar, toalha, teta, orgulho, guardar, guarnecer* (antigo *guarnir),* etc. Por via do francês outros deverão ter ingressado mais tarde na língua, vindo assim a aumentar o número dos já existentes. Da dominação desses povos entre nós, poucos mais vestígios restarão do que os nomes de povoações situadas entre o Douro e Minho, provenientes dos de antigos proprietários de quintas, os quais na sua grande maioria se distinguem pelas terminações *-ão* ou *-ães*, representantes de genitivos em -ani ou -anis, que, a par da latina -ae, possuíam muitos dos seus nomes em *-a;* 3.º *árabes.* São também numerosos os vocábulos que, conjuntamente com as restantes línguas da península, o português tomou dos árabes, o que por forma alguma é de estranhar, dada a sua permanência de cinco séculos entre nós e principalmente o seu carácter tolerante que, deixando aos vencidos o exercício livre das suas crenças e até o regerem-se por suas leis e continuarem a usufruir antigas regalias, estabelecia entre conquistadores e conquistados convívio por vezes tão íntimo que chegava a derruir a espécie de muralha que entre uns e outros levan-

tava a diversidade e antagonismo de crenças, levando-os a unirem-se entre si pelos laços matrimoniais, acrescendo ainda a superioridade da sua civilização, que certamente se havia de impor aos que com ela se achavam em contacto. Na arte da guerra como na administração da justiça, no comércio e indústria, nos trabalhos agrícolas e outros campos da actividade humana lhes tomamos muitos vocábulos, dos quais uns continuam a subsistir, outros deixaram de ser usados, ou porque tivessem desaparecido os objectos a que andavam ligados, ou porque em seu lugar vieram expressões diferentes. Naturalmente esses vocábulos entraram a fazer parte da língua em épocas várias, uns mais antigamente do que outros, resultando de aí apresentarem tratamento diverso nos seus fonemas, é o que se nota, por exemplo em: *algodão, almadraque, alfavaca, alcova, azougue, azeite, barregã, ataúde, fanga, adaíl, almôndega, fuão* (ao lado de *fulano), maquia, mesquinho, maravedi, quintal, resma, azémola, alcaide, alcatrão, alfaiate, açafrão, çaneja, arroba, atalaia, refêns* ou *arrefêns, alveitar, açucena, alarido, alforje, aldeia, cáfila, taful, gibão, masmorra, zagal,* etc. (1); 4.º *neolatinos*. Dentre as línguas românicas as que primeiro influíram na nossa foram o *francês* e o *provençal*. As relações que desde os princípios da monarquia hemos mantido com a França têm feito que lhe tenhamos adoptado muitos vocábulos; os seus livros, quer em prosa quer em verso, eram já lidos no século XIII e de então até hoje nunca cessaram de o ser. A poesia provençal, que aos primeiros trovadores servia ao mesmo tempo de incitamento e de modelo, foi também um veículo por onde nos vieram algumas vozes. É devido a esta espécie de culto, que sempre temos manifestado pela literatura francesa, que os galicismos aparecem já nos primeiros monumentos poéticos, mais tarde, pela maior facilidade de contacto, depois do descobrimento da imprensa, o seu número, devido ao descuido de uns, à ignorância e afectação de outros, tem-se avolumado por forma tal que não poucos escritores, zelosos da pureza da língua, hão travado rude combate, para dester-

---

(1) Sobre nomes próprios e comuns, de proveniência germânica, e arábica vide *Fonética*, Apêndice I.

rarem dela as expressões, na sua maioria escusadas, que tanto a maculam. A par do francês, também o *espanhol* nos transmitiu alguns vocábulos, mas contràriamente aos de aquele idioma, em número limitado, não obstante o convívio literário, de antes muito íntimo, e a contiguidade territorial, o que se explica decerto pelo mais estreito parentesco das duas línguas e grande comunidade vocabular; entre eles figuram estes: *lhano, hediondo, anejo, cochilha, frente, abanico,* etc. Do *italiano* importamos igualmente quantidade não pequena de vocábulos; o papel brilhante que a Itália representou na época do Renascimento atraiu-lhe as vistas e atenções doutros povos entre os quais o nosso, que dela recebeu, directamente ou por intermédio do francês, termos que se referem em especial à arte e literatura, como são: *piano, tenor, contralto, cantata, soneto, grotesco, bússola, harpejo, escopeta, bandido, piloto,* etc.; 5.° *ultramarinos.* Designo por este nome genérico os vocábulos oriundos de línguas faladas na Ásia, África e América, os quais as relações que mantivemos com povos dessas três partes do mundo, especialmente da primeira, introduziram na língua, acompanhando umas vezes os objectos que de lá importávamos, comunicados outras pela palavra ou pela escrita. Como é sabido, não pequeno número dos nossos clássicos ocuparam-se em especial de coisas do Oriente, relatando uns a nossa expansão ali e feitos praticados nesse intuito, outros descrevendo usos e costumes de vários povos dominantes nessas regiões, os quais eles próprios haviam observado nas suas viagens por esses países ou conheciam por informações alheias. Se por um lado o trato íntimo que com esses povos mantivemos por intermédio dos nossos soldados, negociantes e até simples aventureiros em demanda de sensações novas fez que nos seus respectivos vocabulários penetrassem bastantes termos nossos (1) por outro, em virtude da troca mútua de ideias, que constante e espontâneamente se opera entre pessoas de relações intensas, igual porção de palavras

(1) Cf. *Influência do Vocabulário Português em línguas asiáticas* de Sebastião R. Delgado. Dos vocábulos importados do Oriente ocupa-se o mesmo autor no seu *Glossário luso-asiático*, obra justamente elogiada por nacionais e estrangeiros, com que prestou auxílio de grande valor aos que se ocupam do estudo da língua.

vieram deles para nós. De procedência asiática, segundo parece, são, dentre muitos outros, estes: *andor*, *bengala*, *canja*, *catre*, *chá*, *chaleira*, *chale*, *chita*, *corja*, *lacre*, *leque*, *pagode*, *pires*, *zumbaia*, (de antes *çumbaya)*, os quais de há muito entraram na língua popular, afora *abada*, *ganda*, *caravana*, *jangada*, *veniaga*, *amouco* e tantos outros, de uso mais restrito e quase que limitados à literatura. Da África e América vieram, por exemplo, *banza*, *batuque*, *cacimba*, *macaco*, *muleque*, *senzala*; *alpaca*, *canoa*, *furacão*, *jacaré*, *piroga*, *tipóia*, *tapioca*, isto é, nomes na sua maioria relativos a costumes e produtos indígenas. Por este modo a língua tem progressivamente aumentado o seu vocabulário, que em riqueza não é inferior ao de qualquer dos outros idiomas de igual proveniência, antes talvez os exceda, e, nesse trabalho a sua força criadora não só ainda se não esgotou, senão que continua com vitalidade igual à de épocas passadas, como fàcilmente reconhece quem analisa e estuda de preferência a linguagem popular, sempre em contínua elaboração.

Índice sinóptico das matérias

Índice etimológico

B

C

D

E

F

G

L

---

(1) No *Flos Sanctorum*, edição de 1513 lê-se *lengua*, que tanto pode ser lapso, em vez de *língua*, como o representante popular, deste vocábulo erudito, vivo ainda na forma acima.

M

N

P

Q

R

S

T

U

V

X

CORRECÇÕES

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
7	10	As	Às
11	1	latim, que	latim, a que
12	29	da Sevilha	de Sevilha
15	26	povo lhes	povo que lhes
20	20	tubo de cartilhagens	tubo de fonação. Há na la-
—	—	—	ringe, que é uma cavidade for-
—	—	—	mada por várias cartilagens
33	12	*quiētus	quētus
34	9	divergência	divergências
35	2	regressiva	regressivo
42	9	alte (e) ru-	alt (e) ru-
44	12	É	Ê
50	7	*O*	*Ó*
52	17	*gurgŭlio	*gurgŭliu-
55	19	*aquimiline- (por aquimaline-)	*aquiminile- (por aquimanile-)
81	2	antónomo	antónimo
90	18	vizinho, da pronúncia	vizinho no primeiro destes vo-
—	—	—	cábulos e resultante, no se-
—	—	—	gundo, talvez da pronúncia
90	22	*C*	*C'*
92	16	exclusivas	oclusivas
94	34	ocultos	cultos
95	6	que sempre	quase sempre
100	24	*sa* ou *siia*	*sia* ou *siia*
111	15	etc., ou sofreram	etc., que, na língua arcaica
—	—	—	eram: *pea*, *feo*, *ordinhar*,
—	—	—	*meos*, *meor*, etc., ou sofreram
115	16	arbritriu	arbitriu
117	8	absorvida	absorvido
119	1	*transmontar*	*trasmontar*
123	22	*ausolutu*	*ausoluto*
125	20	; ipse	; b) ipse
128	7	*qũinta*	*quinta*
131	27	resultante	resultantes
132	8	*deceer*	*decer*
132	Nota	*teccere	*tescere
135	5	pulica	pul (i) ca
135	7	*salicariu	*sal (i) cariu
139	16	pelo	pela
142	11	*vezô*	*vezo*
145	24	pela tónica	pela vogal tónica

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
157	8	*áspero*	*ásparo*
157	Nota 2	de vogais consoantes,	de vogais ou consoantes,
162	18	*nâ,*	*nã,*
172	13	a forma frequente	a forma mais frequente
175	11	Falilani	Fafilani
179	23	o espanhol *malfil*	o espanhol *marfil*
183	Nota 4	espanhol	espanhola
191	16	o que dava	o que se dava
210	3	emprega	empregava
212	6	deu origem o	deu origem a
212	7	emprega	empregava
216	22	atingiu	atingia
221	13	De facto	Deste facto
231	13	*bem-me-quer*	*bemmequer*
231	19	*madre-pérola*	*madrepérola*
234	3	de artigo.	do artigo.
242	15	a *minha mãe*	*a minha mãe*
250	15	*amo-o,*	*amo-a,*
260	2	de diferente	da diferente
260	Nota 2-L. 4	hipotético *nulha,*	hipotético *nullia*
270	2	ajuntando ao	ajuntando o
277	Nota 1-L. 3	e *-nt,*	e *-nti,*
279	11	*registe,*	*registes,*
284	16	do simples *reger,*	no simples *reger,*
293	15	cenare,	cēnare,
293	Nota 2-L. 8	ditongo.	ditongado.
301	10	ou sentido	ou em sentido
303	15	bibi,	bībi,
312	Nota 2-L. 6	apargere.	spargere.
315	13	*peito,*	*peita,*
325	Nota 1-L. 2	portuguê:	português:
328	Nota 4-L. 1	*confeira*	*conqueira*
332	Nota 1-L. 3	figere,	fingere,
336	12	Im*menta,*	*menta,*
336	13	p.	Imp.
337	13	*pedi*	*pidi*
337	Nota 3-L. 8	indicativo	incoativo
341	16	ad + illic + inde	ad + illa + inde
344	1	quomodo, -ad, -et	quomodo
344	Nota 4-L. 2	ormas	formas
352	11	*quando quer que,*	*quanto quer que,*
381	1	*acale-ntar*	*a-cale-ntar*
395	1	*tres-, tres-*	*tras-, tres-*